

SÉRIE
O HOMEM
DOS MEUS
SONHOS
LIVRO 1

O ESTRANHO

KRISTEN ASHLEY

FABRICA231

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O ESTRANHO

Kristen Ashley



Tradução de Maira Parula

FÁBRICA231

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

PRÓLOGO - O ESTRANHO

Capítulo 1 - MA-TAR, MATAR

Capítulo 2 - ESTOU DE OLHO EM VOCÊ

Capítulo 3 - O DIA DA EPIFANIA

Capítulo 4 - TACO DE BEISEBOL OU PÉ DE CABRA

Capítulo 5 - GOSTOSÔMETRO

Capítulo 6 - RESGATE

Capítulo 7 - A CERTEZA POR PURO INSTINTO

Capítulo 8 - COMO NOS CONHECEMOS

Capítulo 9 - UM APERTO NO PEITO

Capítulo 10 - PRÓS E CONTRAS

Capítulo 11 - VESTIDO. SALTO ALTO. FOCO.

Capítulo 12 - O NÓS QUE VOCÊ QUERIA QUE FÔSSEMOS

Capítulo 13 - O QUE PERDEMOS

Capítulo 14 - TAPA-BURACO

Capítulo 15 - SALVAR OS FURÕES

Capítulo 16 - NÃO DEBAIXO DOS MEUS OLHOS

Capítulo 17 - PROTEGER GWENDOLYN KIDD

Capítulo 18 - O CUTELO

Capítulo 19 - MÃOS ENTRE NÓS

Capítulo 20 - DESOCUPADO

Capítulo 21 - RAINHA DA CANTADA FRACASSADA

Capítulo 22 - TUDO QUE EU PEÇO

Capítulo 23 - PACIÊNCIA

Capítulo 24 - SKULL

Capítulo 25 - VOCÊ PROMETEU

Capítulo 26 - NÃO VALE O RISCO

Capítulo 27 - DECEPCIONADA COM VOCÊ

Capítulo 28 - BOSTON

Capítulo 29 - EU ESTAVA ENGANADO

Capítulo 30 - INFORMAÇÃO DEMAIS

Capítulo 31 - ELA É MINHA IRMÃ

Capítulo 32 - ESTÁ TUDO BEM?

Capítulo 33 - AERO HOCKEY

Capítulo 34 - AFOGADO EM VOCÊ

Capítulo 35 - COMBINADO?

Capítulo 36 - LIÇÃO Nº 1 PARA A MULHER DO SOLDADO

Epílogo - MOSTRE-ME AS COVINHAS

Créditos

Sobre a Autora

PRÓLOGO

O ESTRANHO

Senti o edredom deslizar pelo meu corpo e a mão de um homem descer pelas minhas costas. A mão era tão quente que pegava fogo, como se o sangue em suas veias corresse mais rápido do que nas veias de qualquer outro homem.

Se fosse mesmo verdade, não me surpreenderia.

Abri os olhos e estava escuro. Ele sempre vinha me ver à noite.

Tive um momento como todos os outros momentos em que ele aparecia. Um momento de sanidade. Um momento em que minha razão me dizia para fechar os olhos, abrir a boca e mandá-lo embora.

Mas se eu o fizesse, sabia que ele iria embora mesmo. Sem dizer uma palavra sequer. E tão silenciosamente como tinha chegado, ele partiria.

Para nunca mais voltar.

Seria a coisa certa a fazer. A mais inteligente. A mais *sensata*.

E eu estava pensando em fazê-la. Juro por Deus que estava. Pensei em fazer isso todas as vezes em que ele veio me ver.

Mas aí eu sentia o peso dele caindo na cama e seu corpo se deitando ao lado do meu. Ele me virava de frente para ele. Eu abria a boca para falar e, antes que pudesse fazer a coisa sensata, ele grudava sua boca na minha.

E, nas duas horas seguintes, eu não pensava mais em nada.

Mas sentia. Sentia *tudo*.

E tudo o que sentia era *bom*.

Ainda estava escuro quando a sombra dele começou a se mover pelo quarto.

Fiquei deitada na cama, observando sua movimentação. Ele não fazia um ruído que fosse. Era esquisito. Havia apenas o farfalhar do tecido de suas roupas, mas fora isso, só o silêncio.

Mesmo sendo uma sombra, dava para ver sua beleza masculina. Uma graciosidade viril e poderosa. O que também era esquisito. Só de ver o meu homem misterioso ali se vestindo já era como assistir a uma pole dance masculina, se é que existia desse tipo. Claro que não, a não ser ali, no meu quarto, quando ele vinha me ver. Não, quando ele estava se arrumando para ir embora.

E era tão fascinante que eu devia vender ingresso. Mas se eu fizesse isso, teria que dividi-lo. E provavelmente eu já o dividia com metade das mulheres de Denver, todas elas assistindo a esse show

particular. E isso já confundia minha cabeça o suficiente, isso e o fato de ele aparecer na minha casa. Eu o deixava vir, depois ele me fazia gozar e daí ele gozava. E com frequência, como hoje à noite, começávamos tudo outra vez.

Ele andou até a cama e fiquei só olhando. Ele se debruçou sobre mim. Senti o calor de sua mão no meu joelho, seus dedos o tocando por trás. Ele deu um leve beijo na minha coxa, seus lábios deslizando por minha pele, que se arrepiou na hora. Depois ele puxou o edredom até cobrir minha cintura.

Eu estava meio de lado, meio de barriga para baixo, com o braço dobrado, a mão enfiada entre o rosto e o travesseiro. Aquele corpo veio vindo na direção do meu rosto. Ele passou a mão pelos meus cabelos, puxando-os delicadamente para trás, e seus lábios encostaram na minha orelha.

– Até mais, baby – sussurrou.

– Até mais – sussurrei também.

Ele moveu a cabeça milimetricamente e seus lábios roçaram atrás da minha orelha, e, logo em seguida, senti sua língua. Outro arrepio percorreu minha pele, tão intenso que meu corpo inteiro estremeceu.

Ele puxou o edredom até meus ombros.

Por fim, virou-se e foi embora.

Nenhum barulho, nem mesmo da porta abrindo e fechando. Ele apenas foi. Como se nunca tivesse estado ali.

Doido demais.

Fiquei olhando para a porta do quarto por um tempo. Meu corpo estava quente, saciado, cansado. Já minha cabeça, pelo contrário.

Virei de barriga para cima e enrolei meu corpo nu com o edredom. Fiquei olhando para o teto.

Eu nem ao menos sei o nome dele.

– Nossa! – sussurrei. – Como eu sou puta.

MA-TAR, MATAR

Na manhã seguinte, eu estava em casa, sentada na frente do computador.

Eu deveria estar trabalhando. Tinha três prazos de entrega a vencer nas duas semanas seguintes e mal tinha começado o trabalho. Eu era editora freelancer. Ganhava por hora e, se não trabalhasse, não recebia. E eu tinha uma boca para alimentar: a minha. Tinha um corpo para vestir, um corpo que gostava de todo tipo de roupa e era viciado nisso, e eu precisava alimentar o meu vício senão as coisas poderiam ficar tensas. Eu era fissurada em Cosmopolitans, e eles não saíam barato. Além disso, eu estava fazendo uma reforma na minha casa. Logo, eu precisava de dinheiro.

Ok, isso não é exatamente verdade. Não era eu que estava fazendo a reforma na minha casa. Meu pai tinha feito parte do serviço. E meu amigo Troy fez o resto. Então devo confessar que eu estava culpando, implorando e chantageando emocionalmente os outros para que fizessem a reforma da casa.

Mas, ainda assim, a casa precisava mesmo de uma reforma, e armários e azulejos não vinham da Terra Encantada dos Armários e Azulejos, dizendo, “Nós queremos morar com você, Gwendolyn Kidd. Coloque-nos nas suas paredes!”

Isso só acontecia nos meus sonhos, sonhos que eu tinha aos montes, principalmente acordada.

Como agora, por exemplo, sentada na frente do computador, com um pé em cima da cadeira, o queixo apoiado no joelho e os olhos fixos no mundo do outro lado da minha janela. Eu estava pensando no Estranho, naquele grande homem misterioso. Estava sonhando acordada com o nosso primeiro encontro e imaginando fazer tudo diferente. No meu sonho, eu era mais inteligente, mais engraçada e mais misteriosa. E também mais sedutora e interessante.

Eu o prenderia no ato com o meu humor perspicaz, meu talento para o diálogo, minha capacidade de discutir política e os acontecimentos mundiais. Eu lhe contaria histórias desprezíveis sobre o importante trabalho voluntário que eu fazia, lançando-lhe olhares provocantes que prometiam uma vida inteira de orgasmos enlouquecedores e o fariam declarar seu amor eterno por mim.

Ou, ao menos, me dizer seu nome.

Mas a verdade é que, quando nos conhecemos, eu estava meio bêbada e não tinha sido nada disso.

Ouvi a campainha tocar, um dim e depois um estalo, em vez do dom, e tive que interromper meus elaborados devaneios, logo agora que estava começando a ficar bom.

Levantei e atravessei o escritório até o corredor, pensando em não esquecer de chamar Troy para consertar a campainha em troca de uma pizza caseira e umas latas de cerveja. Mas isso significava que ele iria trazer a nova namorada, uma mulher chata, reclamona e sempre muito desagradável. Então mudei

de ideia e decidi que chamaria meu pai para fazer o tal conserto.

Desci as escadas e atravessei a sala de estar, ignorando o estado em que ela se encontrava, decorada no estilo oficina chique. Em outras palavras, cheia de panos sujos, pincéis, ferramentas elétricas e comuns, latas e canos de praticamente tudo o que se possa imaginar, tudo na maior zona e coberto por uma grossa camada de poeira. Passei pela sala sem colocar as mãos na cabeça e puxar os cabelos ou gritar, o que eu acreditei ser um progresso e tanto.

Cheguei à porta de entrada, que ficava no final de um corredor estreito com vitrais magníficos.

Dois anos atrás esses vitrais foram a minha ruína.

Dois anos atrás, aproximadamente seis meses e duas semanas antes de conhecer o Estranho, eu não tinha dado nem dois passos porta adentro dessa casa caindo aos pedaços quando vi os vitrais. Na mesma hora me virei para o corretor e anunciei, “Vou ficar com ela”.

O rosto do corretor se iluminou.

Meu pai, que ainda não tinha nem entrado na casa, revirou os olhos para o céu. As orações dele duraram um bom tempo. O sermão foi ainda mais longo.

Mas comprei a casa assim mesmo.

E, como sempre, eu devia ter escutado meu pai.

Olhei pela janelinha estreita ao lado da porta e vi Darla, amiga de minha irmã, do lado de fora.

Merda.

Merda, merda, *merda*.

Eu odeio a Darla e a Darla me odeia. Que diabos ela estava fazendo ali?

Procurei para ver se minha irmã estava atrás dela, ou talvez se escondendo atrás de uma moita. Não me admiraria em nada se Ginger e Darla pulassem em cima de mim, me amarrassem no corrimão da escada e fizessem a limpa na minha casa. Em meus devaneios mais sinistros, era dessa maneira que eu via Ginger e Darla levando a vida. E eu tinha plena convicção de que isso não estava muito longe da verdade. Sem brincadeira.

Ela aproximou os olhos da janelinha e me viu. Depois amassou o rosto no vidro e o que até podia ser bonito – se ela tivesse a mão menos pesada na hora de passar delineador e blush, e se seu lápis labial não fosse de uma cor completamente diferente da do brilho labial – não ficou nada bonito.

– Estou vendo você! – gritou ela.

Soltei um suspiro.

Então fui até a porta, porque Darla iria gritar até colocar a casa abaixo se eu não abrisse, e eu gostava dos meus vizinhos. Eles não precisavam de uma vaca motoqueira dos infernos parada na minha porta e fazendo um escândalo às dez e meia da manhã.

Abri a porta, mas não muito, e fiquei parada entre a porta e o batente, segurando a maçaneta.

– E aí, Darla? – cumprimentei, tentando soar amigável, e fiquei orgulhosa da minha performance.

– E aí é o caralho. A Ginger está aí? – respondeu Darla.

Viu só?

Ela devia passar o dia saqueando casas por aí.

Fiz um esforço descomunal e consegui não revirar os olhos.

– Não, não está – respondi.

– Se ela está aí, é melhor você me dizer logo – me advertiu ela, olhando por cima do meu ombro e

gritando: – Ginger, sua vaca, se você está aí dentro, é melhor aparecer agora, porra.

– Darla – repreendi. – Fale baixo.

Ela esticou o pescoço e ficou na ponta dos pés, berrando.

– Ginger! Ginger, sua babaca lesada e doida. Tire esse rabo daí de dentro agora.

Saí de casa, empurrando Darla um pouco para trás e fechei a porta atrás de mim.

– Sério, Darla. Cale essa boca. Ginger não está aqui. Ginger *nunca* está aqui. Você sabe disso. Então cale a boca e *vá embora*.

– Cale a boca *você!* – gritou ela na minha cara. – Sua espertinha! Você está ajudando ela, não está?!...

Ela levantou a mão, apontou o indicador para minha cabeça, com o polegar erguido, e fez um movimento com o polegar e um barulho com a boca, como se tivesse atirado. O ar saiu com força, fazendo seus lábios tremerem. Eu teria parado um pouco para pensar em como ela era boa em efeitos sonoros verbais se ela não tivesse ficado me olhando com um olhar sério da porra, me deixando apavorada até a raiz dos cabelos.

Então, em vez de lhe dar os parabéns pelo único talento que eu supunha que tinha, falei baixinho:

– O quê?

Ela abaixou a mão, ficou na ponta dos pés, com aquelas botas de motoqueira, para me encarar, olho no olho, e dizer baixinho, com uma voz assustadora:

– Eu vou ma-tar, *matar*, vocês duas. Não banque a esperta, tá me entendendo?

Então fiz uma pergunta estúpida porque essa pergunta era feita com uma certa frequência e só havia uma resposta possível. E a resposta era sim.

– Ginger se meteu em alguma encrenca?

Darla me encarou como se eu tivesse um parafuso a menos. Levantou a mão e tornou a fazer aquela mímica da arma com o efeito sonoro, o dedo apontado para minha cabeça. Depois se virou e desceu os degraus da entrada.

Fiquei parada ali na porta, olhando Ginger se afastar. Notei por acaso que ela estava usando uma camiseta sem mangas apertada, uma jaqueta de couro preta aberta, uma saia jeans muito curta e desfiada na barra, meias arrastão e botas de motociclista – um estilo de se vestir considerado crime em vários estados, tanto por ser um atentado aos bons costumes quanto ao bom gosto. Estava fazendo uns quatro graus lá fora. Ela não usava nem um cachecol.

Mas fiquei pensando antes de qualquer outra coisa na minha irmã e naquele efeito sonoro que Darla tinha feito.

Merda. Merda. *Merda.*

Eu estava dirigindo e tentando convencer a mim mesma de que este era um bom plano. Mas eu sabia que meu primeiro plano, o que tracei assim que Darla foi embora, que era entrar em casa, ir direto para o telefone e ligar para o meu pai, este, sim, era o plano bom. Este plano de agora era um lixo.

Mas meu pai e a mulher dele, Meredith, tinham rompido relações com Ginger um tempo atrás. Aconteceu aproximadamente dez segundos depois de eles voltarem das férias na Jamaica. Eles perderam aquele ar de felicidade de quem passou férias numa ilha assim que viram a filha. Ela estava de quatro, bem no meio da sala, com a cabeça entre as pernas de um homem sem camisa e com a calça jeans aberta, a cabeça do sujeito reclinada no encosto do sofá porque havia apagado. Ginger estava tão, mas tão chapada que não tinha a menor ideia do que estava fazendo nem onde.

E, ainda por cima, a sala estava um desastre, assim como todo o resto da casa.

Dá para perceber por essa história por que eu relutava em envolver meu pai em qualquer outra situação que tivesse a ver com Ginger, especialmente levando-se em conta que essa não foi a pior história da minha irmã. Foi só, para papai e Meredith, a última. E desde então, eles levavam uma vida despreocupada, uma existência “livre de Ginger”, e eu não queria cortar essa onda.

Por isso não liguei para papai.

Em vez disso, lembrei-me do namorado de Ginger, o Dog. Dog era membro de uma gangue de motoqueiros e era meio grosso como eles costumam ser. Mas eu o conhecera e tinha ido com a cara dele. Ele era engraçado e gostava da minha irmã. Ela ficava diferente perto dele. Não muito, mas pelo menos palatável.

Ok, o Dog provavelmente era um bandido. Mas, por mais irônico que isso pudesse parecer, ele era uma boa influência para Ginger, e em geral não havia muitas pessoas assim ao lado dela. *Nunca.* Bem, em 25 anos não conheci nenhuma. Então, desde que fiquei sabendo por Darla, a única amiga de Ginger, que a encrenca em que ela se metera era um pouco pior do que as de costume, eu precisava, em primeiro lugar, fazer alguma coisa. Em segundo lugar, em se tratando de Ginger, pedir reforços, ou, melhor ainda, deixar que eles resolvessem a parada.

É aí que entra o Dog.

Fui até a loja de autopeças e acessórios na Broadway e parei o carro numa vaga na rua. Mesmo antes de eu conhecer o Dog e, portanto, imaginar que aquilo era uma fachada para os negócios escusos da gangue de motoqueiros a que ele pertencia, eu já tinha ouvido falar daquela loja.

O nome da loja era Ride, e comprei várias coisas ali muitas vezes porque não pude achar uma desculpa para comprar noutro lugar. A Ride era incrível. Só tinha coisas legais. Comprei o fluido do limpador de para-brisas lá. Comprei tapetes novos para o meu carro no ano passado, que eram simplesmente o máximo, os melhores tapetes de carro que já tive. Quando eu tinha uns vinte e poucos

anos e passava por uma das minhas muitas crises existenciais, numa tentativa de dar um gás na minha vida, fui até lá e comprei um capa cor-de-rosa fofinha para o volante do meu carro e um coelhinho da Playboy, também rosa e brilhante, que ficava pendurado no espelho retrovisor.

Todo mundo sabia que a Ride tinha uma oficina nos fundos com três baias, que não era para carros e motos comuns. Era para carros e motos customizados, e a oficina da Ride era famosa no mundo inteiro por isso. Eles montavam carros e motocicletas lá que eram simplesmente o máximo. Eu soube da oficina ao ler um artigo na revista 5280. Estrelas de cinema e celebridades compravam carros e motocicletas ali e, pelas fotos, eu podia ver por quê. Eu também gostaria de ter um carro daqueles, mas não tinha centenas de milhares de dólares, então um carro personalizado da Ride era um item que ficava mais lá para baixo na minha Lista de Coisas Que Eu Quero, logo abaixo da pulseira de diamantes da Tiffany's, que aparecia logo abaixo de um par de sapatos Jimmy Choo.

Saí do carro e caminhei pela calçada até a loja, esperando que eu estivesse com uma roupa apropriada para a ocasião. Fiz um rabo de cavalo bem menininha no alto da cabeça, usava uma calça jeans de cintura baixa, botas de salto baixo e minha jaqueta de motoqueira. A minha não era como a de Darla. Era de couro castanho envelhecido, acolchoada na cintura e forrada com pele. Tinha também uma borla de uns quinze centímetros de pele bem fofa nas mangas. Achei a jaqueta sexy, e o preço que paguei por ela era mais apimentado ainda. Embora eu não estivesse muito segura em relação a essa pele de animal nas mangas. Não que eu imaginasse que motoqueiros se preocupavam com os direitos dos animais. Eu achava que talvez aquelas mangas fofinhas pudessem ser uma afronta à irmandade deles e eu estivesse correndo um sério risco de ser esganada.

Vamos lá. Quem não arrisca não leva nada.

Estufei o peito, joguei os ombros para trás e entrei naquela loja imensa e fui direito até o imenso balcão preto da entrada. Só havia um caixa, embora o lugar às vezes ficasse cheio de gente. Como eu não tinha o celular de Dog, minha intenção era perguntar a alguém ali como eu podia entrar em contato com ele. O que eu não esperava era vê-lo ali, atrás do balcão, alto e forte, coberto de tatuagens, com seus cabelos louros compridos. Um outro motoqueiro grandalhão e com pinta de durão, que também estava atrás do balcão ao lado dele, e os três que estavam do lado de fora, todos esses caras se viraram para olhar para mim no minuto em que entrei na loja.

– E aí, Dog? – cumprimentei, sorrindo, andando na direção dele.

Parei no meio do caminho porque ele me deu uma fuzilada com os olhos.

Epa.

Dog estreitou os olhos e não conseguiu esconder que me ver ali o deixou muito puto da vida.

– Não quero saber de merda nenhuma – grunhiu ele.

Antes de me mijar nas calças, por um nanossegundo, tentei me lembrar dos movimentos que aprendi numa aula de meia hora de defesa pessoal que tive uma vez.

Como não respondi e não me mexi, Dog repetiu:

– Não me venha aqui com merda nenhuma pra cima de mim, tá me ouvindo?!

– Mas eu não falei merda nenhuma – disse a ele, porque, bem, porque eu estava calada.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Aquela puta mandou *você* aqui?

Epa de novo. Dog usou uma palavra um tanto forte. Imaginei que, na terra dos motoqueiros, esse palavrão não fosse nada de mais como era para a maioria das pessoas, mas, ainda assim, ele dizia muita coisa.

Antes que eu pudesse falar, Dog o fez:

– Ela mandou *você* aqui. Minha nossa, Gwen. Vou lhe dar um aviso, mulher. Pense com a cabeça e não com a bunda, e leve esse seu rabo gostoso *pra fora daqui*.

Uau. Dog achava que eu tinha um rabo gostoso. Ele estava me deixando assustada, mas até que não era muito feio, então pensei que aquilo era tipo legal.

Mas me concentrei no assunto em questão, respirei fundo e comecei a me aproximar dele. Todos os motoqueiros entraram em alerta ou, mais precisamente, todos aqueles motoqueiros assustadores entraram em alerta, então fiquei parada onde estava.

Daí eu disse a Dog:

– Ginger não me mandou aqui.

– Tô sendo legal com você, garota, se manda – respondeu ele.

– Sério, não foi ela. Darla apareceu lá em casa hoje de manhã e me deixou apavorada. Ela fez assim ó. – Ergui a minha mão com o indicador estendido, apontado para a minha cabeça, e fiz o gesto de disparar uma arma com efeito sonoro e tudo, mas o barulho que consegui fazer não era nem de longe tão bom quanto o de Darla, mas segui em frente: – Ela parecia estar falando sério, então pensei em vir até aqui e perguntar a você se está tudo bem com a Ginger.

– Não, não está tudo bem com a Ginger – respondeu Dog imediatamente. – Está tudo *bem* mal com a Ginger.

Fechei os olhos. Suspirei. E suspirei meio alto. Eu era boa nisso porque minha irmã já tinha me feito suspirar muito e acabei pegando prática naquilo. Então abri os olhos.

– Posso supor então que vocês dois não estão mais juntos.

– Não, *não* estamos – confirmou ele.

Droga.

– O que foi que ela fez agora? – perguntei.

– Você não vai querer saber – respondeu Dog.

– A polícia está atrás dela?

– Provavelmente.

Fiquei estudando a cara de Dog por um tempo, depois perguntei:

– Mas não é por isso que ela está metida em confusão?

– Ginger se meteu em todo tipo de confusão, gata. Se os tiras estão atrás dela, esse é o menor dos problemas que ela tem.

– Ai, meu Deus – suspirei.

– É mais ou menos por aí – observou Dog e, em seguida, olhou por cima do meu ombro.

Eu estava me virando para ver para quem ele estava olhando quando ouvi uma voz grave perguntar:

– Quem é ela?

E foi então que o vi.

Eu não era chegada em motoqueiros, mas por esse homem eu juro que poderia me passar para o lado Harley.

Ele era *quase* alto, mas tinha o peito muito largo e músculos muito definidos, sem “quase” nenhum. Tinha várias tatuagens no braço e no pescoço que eu, naquele mesmo instante, quis conhecer bem de perto, a ponto de poder classificá-las e talvez escrever livros sobre elas. Ele tinha cabelos grisalhos, mas não muito, havia muitos fios pretos ainda, e eles eram longos e ondulados, mas não muito longos nem muito ondulados. A mesma coisa para o seu cavanhaque grisalho, que cobria o queixo do jeito que os motoqueiros usavam e que era bem legal. Tinha umas ruguinhas brancas na pele bronzeada em volta dos olhos azuis. E só havia duas palavras para descrevê-lo: *Motoqueiro Gostoso*.

– E aí? – sussurrei, e ele tirou os olhos de Dog, que estava atrás de mim, e os colocou em mim e meu corpo inteiro tremeu.

Ele escaneou meu corpo com aqueles olhos azuis, e de novo me arrepiei.

Olhou-me fixamente e falou com uma voz grave, quase gutural:

– E aí?

Outro arrepio.

Opa!

– Tack, ela é legal. Está comigo – afirmou Dog. Tive um sobressalto, me virei e vi que ele estava contornando o balcão e vindo na minha direção.

– Estou? – perguntei, e Dog me fuzilou com os olhos de novo e disse sem palavras: “Cale a porra dessa boca!”

Calei a porra da minha boca e virei de volta para o Motoqueiro Gostoso.

– Sheila sabe sobre ela? – perguntou o Motoqueiro Gostoso.

Olhei para Dog que estava ao meu lado agora.

– Sheila?

– De quantas piranhas você precisa? – continuou o Motoqueiro Gostoso.

– Ela não é minha mulher, bróder. É uma amiga. Ela é legal – respondeu Dog.

– Tá certo. Quem é ela? – insistiu o Motoqueiro Gostoso, também conhecido como Tack.

– O nome dela é Gwen – respondeu Dog.

Tack me olhou e eu congelei.

E então vi seus lábios se mexendo e formando meu nome bem devagar.

– Gwen.

Outro arrepio.

Eu sempre meio que gostei do meu nome. Sempre achei que era bonito. Tack falando meu nome me fez *amá-lo* loucamente.

– E quem é você, Gwen? – Tack foi direto.

– Eu... hã... sou amiga do Dog – disse a ele.

– Isso eu já constatei, princesa – me informou ele. – Mas como foi que você conheceu o meu camaradinha aqui?

– Ela é irmã da Ginger – disse Dog rapidamente.

Vi que o corpo escultural de Tack se enrijeceu instantaneamente, e foi tão assustador que até esqueci de como se respira.

– Me diga que ela está aqui pra deixar o dinheiro, bróder – sussurrou Tack numa voz que era quase tão assustadora quanto a maneira como ele estava segurando seu corpo todo, se não mais.

– Ela e Ginger não se dão – disse Dog. – Como eu disse antes, ela é legal. Gente boa.

– Ela tem o sangue do inimigo, Dog – sussurrou Tack.

Epa. Epa. Epa.

Eu não queria ter sangue do inimigo de ninguém, mas, especialmente, não de um inimigo *desse* homem. Ele era gostoso, mas também *assustador* pra caramba.

Hora de acabar com isso de uma vez por todas.

Tirei minha bolsa do ombro, abri e comecei a vasculhá-la, falando:

– Ginger é um pé no meu saco. Um pé no meu saco desde o dia em que ela cortou todo o cabelo das minhas Barbies. Ginger tinha três anos. Eu já estava velha demais para brincar de Barbie, mas elas eram *minhas*. Será que ela não podia deixá-las em paz? Por que teve que cortar o cabelo delas? – Olhei para Dog e disse: – Acho que esse é o tipo de coisa que os psicopatas fazem. Temos que saber identificá-los. Ela só tinha três anos e já brandia tesouras por aí, fazia estragos e causava aborrecimentos. – Continuei falando, enquanto mexia na bolsa. Achei meu talão de cheques e continuei vasculhando até achar uma caneta. – Ela sempre foi, *sempre*, uma semente ruim.

Escancarei o talão de cheques, peguei a caneta, me preparei para escrever o valor e olhei para Tack.

– Muito bem, quanto ela lhe deve? – perguntei com raiva, nem um pouco contente por estar pagando a fiança de Ginger *de novo*, especialmente quando dinheiro e motoqueiros raivosos estão envolvidos.

Nesse momento vi que Tack estava me olhando de um jeito que não era mais tão assustador assim, era até um jeito legal. Parecia que ele estava querendo rir.

Mas eu não queria mais ficar ali olhando para a cara linda dele (nem para seus cabelos, suas tatuagens, o seu corpo). Queria ir para casa, preparar um monte de massa de cookies e comê-la, antes mesmo de colocar no forno.

– E então? – insisti.

– Dois milhões, 357 mil e 107 dólares... – respondeu Tack.

Percebi que estava com a boca aberta, e o brilho branco do sorriso dele emoldurado por aquele cavanhaque atingiu em cheio algum canto oculto do meu cérebro. E ele ainda completou:

–... e doze centavos.

– Meu Deus... – sussurrei.

Tack ainda estava sorrindo quando inclinou a cabeça para olhar o meu talão de cheque.

– Acha que dá pra preencher essa quantia nesse espaço, gatinha?

– Meu Deus... – repeti.

– Precisa de respiração boca a boca? – perguntou Tack, se aproximando de mim. Dei um passo para trás, fechei a boca e balancei a cabeça que não.

– Que pena – murmurou ele, se afastando.

– Minha irmã deve a você mais de dois milhões de dólares? – perguntei baixinho.

– É – respondeu Tack.

– Mais de dois milhões de dólares? – repeti, só para confirmar.

– É – confirmou Tack.

– Você não fez a conta errada? – perguntei, cheia de esperança.

O sorriso de Tack ficou mais aberto e mais branco. Ele cruzou os braços grandes e tatuados sobre o peito largo e musculoso e balançou a cabeça.

– Talvez essa quantia seja numa moeda estrangeira e você se esqueceu disso. Pesos, quem sabe? – sugeri.

– Não – respondeu Tack.

– Não tenho esse dinheiro todo – disse, algo que eu imaginava que ele já soubesse.

– Bonita jaqueta, gatinha. Eu estava adivinhando que não – respondeu ele.

Bem, a boa notícia era que ele não brochou com aquelas mangas fofas. A má notícia era que minha irmã devia a ele mais de dois milhões de dólares.

– Acho que vai levar um tempo até eu levantar essa grana toda – expliquei e depois terminei: – Talvez uma eternidade.

– Não tenho a eternidade toda para esperar, minha querida – respondeu ele, ainda sorrindo tanto, que se ele caísse na gargalhada não iria me surpreender.

– Posso imaginar – murmurei, colocando a tampa na caneta, fechando o talão de cheques, enfiando tudo de volta na bolsa e perdendo a cabeça.

Eu tinha uma boa razão para perder a cabeça, e essa razão tinha um nome.

Ginger Penelope Kidd.

Olhei para Dog e quis saber de uma coisa.

– Por que eu? Por quê? Eu, que nasci tão inocente e aí sete anos depois, *zap!*, Deus me amaldiçoou

com uma irmã infernal. Será que era pedir muito uma irmã com quem cair na gargalhada e para quem confessar segredos inventados? Será que era pedir muito uma irmã que achasse uma liquidação genial e ligasse para você imediatamente, e que vasculhasse as prateleiras e escondesse as roupas que ela sabia que ficariam lindas em você, para que você pudesse dar uma olhada antes de alguém passar a mão nelas? Será que era pedir muito ter uma irmã que viesse até sua casa e visse a nova versão de *Havaí 5-0* com você, porque vocês duas são completamente taradas pelo Steve McGarrett e sonham com um Camaro? Será? Será? – terminei gritando.

– Gwen, é melhor você se acalmar – murmurou Dog, e eu podia jurar que vi no seu rosto que ele estava pensando se devia ou não nocautear-me para o meu próprio bem.

– Me acalmar? – gritei. – Me acalmar? – gritei novamente. – Ela deve a vocês mais de dois milhões de dólares. Ela cortou o cabelo das minhas Barbies. Ela roubou o colar que minha avó me deu no leito de morte e o penhorou para comprar maconha. Ela ficou bêbada e enfiou a mão na calça do meu namorado no jantar de Ação de Graças. Ele era todo certinho, ia à igreja, e depois das palhaçadas de Ginger... a mão dentro da calça dele foi só a gota d'água, ele a pegara cheirando cocaína no banheiro também..., ele pensou que minha família era completamente insana, talvez até *criminalmente* insana, e então terminou comigo uma semana depois. Ele podia ser todo certinho e, pensando bem agora, provavelmente um mala, mas na época *eu gostava dele!* – Agora eu estava berrando. – *Ele era meu namorado!*

– Gata – me chamou Tack e, quando me virei, vi que ele estava bem perto de mim.

Inclinei a cabeça um pouco para trás e gritei:

– O que é?

Ele levantou uma das mãos, colocou-a ao redor do meu pescoço e me segurou bem firme. Depois aproximou o rosto do meu e sussurrou:

– Fica fria, princesa.

Olhei para seus olhos azuis e, no mesmo instante, me acalmei.

– Tá bom – sussurrei.

Ele sorria com os olhos.

Senti um arrepio percorrer meu corpo.

Com a mão no meu pescoço, ele podia sentir o arrepio e eu soube que, de fato, o sentira porque me segurou ainda mais firme, os dedos marcando minha pele. Alguma coisa brilhou nos seus olhos e me fez sentir um arrepio num lugar que ele não podia ver, mas eu podia sentir. E muito.

Hora de ir embora.

– Eu até poderia vender meu sangue e um rim, mas não acho que vá adiantar de muita coisa, então, hã..., será que posso deixar minha irmã se virar com isso? – perguntei educadamente, querendo me livrar da força da mão dele, mas com medo de fazer isso.

– Ninguém vai encostar um dedo em você por causa da Ginger – disse ele calmamente.

– Legal – respondi.

– Nem por motivo nenhum – continuou ele.

– Hã... – balbuciei. – Ok. – Eu disse isso porque não queria que ninguém encostasse um dedo em mim por causa da Ginger nem por motivo nenhum, ou por nada nesse mundo.

Ele agarrou meu pescoço com mais força ainda e me puxou um pouco para cima, me fazendo ficar quase na ponta dos pés. O seu rosto estava mais próximo do meu agora. Muito mais próximo. Próximo demais. Próximo de causar *arrepios*.

– Acho que você não entendeu o que eu disse – continuou ele, falando calmamente. – A merda que a Ginger fez está fedendo, se você entrar no radar também, diga o meu nome, ok?

Ah, não. Isso não estava soando nada bem. Isso soava pior do que dever mais de dois milhões de dólares a uma gangue de motoqueiros. E eu suspeitava que não houvesse muito mais coisas piores do que isso, mas, caso contrário, Ginger iria descobrir.

– Hã.. se você está perguntando “Ok?” no sentido de “Está entendendo?”, então é “Não, não estou entendendo” – eu disse a ele com franqueza porque estava achando que com Tack a sinceridade era sempre a melhor opção.

– Tá certo, princesa, o que estou dizendo é: se você estiver em apuros, diga o meu nome. Isso significa proteção. *Agora* você entendeu?

– Hã... acho que sim. Mas por que eu estaria em apuros?

– Sua irmã fez merda onde mora, fez merda onde não mora, fez merda por toda a parte. Você entrou aqui e não tinha ideia disso. Não fique se metendo em confusão por causa dela. – Pausa. – Tem outros que podem não achar você tão bonita como eu acho.

– Tá bom – sussurrei, gostando que ele me achasse bonita e, ao mesmo tempo, lamentando minha decisão de não ligar para o meu pai ou, digamos, pegar um avião e ir para a França. – Se eu... hã... tiver que usar o seu nome... hum... o que isso significa?

– Isso significa que você vai ficar me devendo uma.

Ai, meu Deus.

– Uma o quê?

Ele sorriu, mas não respondeu.

Ai, meu Deus!

– Uma o quê? – repeti.

– Quando eu tiver que montar na minha moto para tirar você de uma encrenca, conversamos sobre isso.

– Tenho certeza de que vou ficar bem – assegurei a ele e fiz uma oração curta na esperança de que isso fosse verdade. O sorriso dele ficou ainda maior.

E então ele me soltou, mas pegou a bolsa do meu ombro e, antes que eu pudesse dar um pio, começou a fuçar dentro dela. Decidi que o deixaria fazer isso. Ele já tinha me tocado e eu não estava certa de que queria que isso acontecesse outra vez. Não tinha certeza de como reagiria, mas tinha certeza de que pular

no colo dele estava na lista de possibilidades. Eu também imaginei que ele poderia, talvez, me vencer numa briga pela minha bolsa, então eu ia deixá-lo pegar o que quisesse. Meu melhor brilho labial estava na bolsa, mas a essa altura, se ele quisesse dá-lo a uma das piranhas dele, eu concordaria.

Ele tirou meu celular, abriu e com o dedão foi apertando as teclas, depois fechou-o, jogou-o dentro da bolsa de novo e em seguida a colocou no meu ombro outra vez.

– Você tem o meu número agora, princesa. Se precisar, é só me ligar. Se não precisar, mas se quiser me ligar assim mesmo, manda ver. Agora você entendeu?

Coloquei a bolsa no ombro e balancei a cabeça. Eu tinha entendido. Ele achava que eu era bonita.

Tentei controlar outro arrepio.

– Legal conhecer você, Gwen – disse ele baixinho.

– É – sussurrei –, até mais.

Depois me virei e vi Dog sorrindo para mim.

– Até mais, Dog.

– Até mais, garota – respondeu Dog de uma maneira que soou como se ele soubesse que me veria de novo, o que me fez ter que controlar mais um arrepio.

Virei para os motoqueiros em silêncio atrás de mim e vi que eles estavam sorrindo, e achei isso mais assustador do que quando eles estavam sendo assustadores. Acenei com a mão e disse:

– Até mais.

Ganhei um bocado de acenos com a cabeça e um “Até mais, gata”.

E então saí correndo dali.

ESTOU DE OLHO EM VOCÊ

Dirigi para casa com muitas coisas na cabeça.

Em primeiro lugar e acima de tudo, minha irmã e por que não rompi relações com ela, como meu pai e Meredith fizeram. Ela não era nem mesmo minha irmã totalmente. Era meia-irmã. Eu nunca a encontrara de quatro na sala de estar pagando um boquete num desconhecido, mas ela já tinha feito pior comigo. Bem pior. Então, sério, eu deveria ter desistido e deixado para lá.

Numa ironia cruel do destino, meu pai se casou com minha mãe, que era uma menina rebelde, e depois se casou com um anjo, e juntos eles geraram uma menina infernal.

Mamãe foi embora quando eu tinha três anos, mas aparecia uma vez ou outra, e, quando aparecia, nós nos divertíamos juntas. Não me lembrava de muita coisa, mas lembrava que ela era um furacão. Ela não dava a mínima para regras e disciplina. Gostava de comida gordurosa que fazia um bocado de sujeira, de lugares divertidos e de curtir a vida.

Isso durou até que numa das visitas, na qual tinha que ficar comigo durante todo o fim de semana, ela encontrou um cara de quem gostava, de quem gostava muito. Ela o levou para o hotel onde estava hospedada, me deu um saco de balas e me mandou sair do quarto e esperar até que ela me chamasse de volta.

O gerente do hotel me viu sentada num banco, balançando minhas perninhas, comendo balas e sonhando acordada. Ele me viu lá por horas a fio, e então chamou a polícia. Quando a polícia chegou, eu estava perambulando pelo hotel porque estava entediada. Eu disse ao policial o número do nosso telefone que papai me fizera decorar, e eles ligaram para ele. E então papai veio me pegar. Teve uma discussão violenta com mamãe lá no hotel enquanto o carinha que tinha transado com ela ficava gritando para os dois falarem baixo porque ele estava tentando dormir, e eu nunca mais vi mamãe depois disso. Nunca mais.

Senti falta dela por um tempo, mas eu não a conhecia direito e, de todo modo, nessa época Meredith já estava nas nossas vidas.

Meredith era incrível. Era a madrasta mais legal do mundo. Era carinhosa, engraçada e amava meu pai, tipo, *de montão*. Ela também deixava sempre um pote cheio de biscoitos fresquinhos na cozinha, e para uma criança, uma menina que estava sendo criada por um homem que era, digamos, essencialmente um homem, isso significava que ela era praticamente perfeita.

Ela e papai se casaram e eu fui a daminha de honra, mas não uma daminha de honra comum. Ela entrou na igreja com uma das mãos no braço do seu pai e, com a outra, segurando a minha mão. Ela fez daquele

dia especial na sua vida um dia especial nas *nossas* vidas também. Esse gesto foi uma declaração pública de que não estava apenas entrando na igreja para se casar com um homem, mas para construir uma família. Eu tinha seis anos e nunca esqueci o quanto isso fez com que eu realmente me sentisse especial, nunca, até hoje.

Mas essa era Meredith. Não era a primeira vez que ela fazia coisas assim, e não seria a última.

E então ela e papai tiveram Ginger, que era minha mãe multiplicada por cinco milhões.

Essa foi a ironia cruel do destino. Para papai, Meredith e para mim.

A segunda coisa em que eu estava pensando era no Tack. No que ele tinha dito, no seu jeito de me olhar e no que me fez sentir.

Eu já estava dormindo regularmente com um homem cujo nome eu não sabia. Um homem que conheci num restaurante há quase um ano e meio e acabei levando para minha casa. Eu dormi com esse homem naquela noite e tive o melhor sexo da história do mundo feminino. Felizmente, ou infelizmente dependendo de como eu encaro a questão, ele continuou voltando para mais sexo, provando de novo e de novo que a primeira vez não tinha sido apenas um feliz acaso, mas um trailer de todas as coisas boas, e cada vez melhores, que ainda estavam por vir.

Eu não dei a chave de minha casa para ele. Como ele entrava lá era um mistério tão grande quanto o seu nome. Mas ele entrava. Não vinha todas as noites. Às vezes era uma vez por semana. Outras vezes duas. Às vezes pulava uma semana. Aconteceu também de ele não aparecer por três semanas, me deixando apavorada, e depois fiquei apavorada porque isso tinha me deixado apavorada.

Mas ele sempre voltava. Sempre.

Com aquele homem misterioso na minha vida, eu não precisava do problema que Tack tinha estampado no corpo inteiro. Tudo bem, ele me achava bonita, e havia um bônus nessa história porque eu sabia o nome dele e ele sabia o meu (por falar nisso, o Estranho não sabia o meu nome). Mas minha irmã devia ao Tack mais de dois milhões de dólares, e ele era assustador.

Ele disse também que eu podia entrar no radar de “outros” e me meter em encrenca. Eu não queria estar no radar de ninguém, eu já me metia em confusão suficiente sozinha, sendo quem era, isto é, sendo filha de minha própria mãe. E não precisava de Ginger me envolvendo nos vacilos dela.

Por fim, eu estava pensando no Estranho. Eu sempre pensava nele nos dias seguintes aos nossos encontros. Sempre ficava me perguntando o que estava acontecendo comigo que eu não dizia para ele ir embora. E agora estava me perguntando como é que eu podia me interessar por outra pessoa se possivelmente já tinha o melhor amante do mundo entrando no meu quarto na calada da noite. Eu tinha saído com três caras desde que conheci o Estranho. Nenhum deles chegou nem perto do mínimo que tive com ele, e por isso nenhum deles conseguiu um segundo encontro ou avançou até a segunda casa. Sim, o Estranho beijava bem que era uma loucura.

E estava enrolando a minha vida.

Não. Não, isso não era verdade. *Eu* estava enrolando a minha vida.

Era nisso que eu estava pensando enquanto estacionava o carro na frente de casa, andava pela calçada, olhando para minhas botas, colocava a chave na fechadura e abria a porta.

No entanto, mesmo que eu estivesse prestando atenção no que estava fazendo, eu não estaria preparada para o que aconteceu em seguida.

Assim que entrei, a porta se fechou com força atrás de mim. E senti alguém colocar a mão em meu peito e me empurrar contra a porta, outra vez com força e fazendo barulho. Então um homem entrou no meu campo visual, o corpo dele pressionando todo o meu corpo contra a porta. Olhei para aqueles dois olhos negros que de algum modo já conhecia.

Eu só tinha visto aqueles olhos uma única vez à luz do dia. Ele não acendia as luzes quando vinha me ver à noite.

Meu Deus, eu tinha me esquecido de como ele era bonito. Mesmo quando eu sonhava com ele durante o dia, ele não era tão bonito assim.

– O que você está fazendo aqui? – sussurrei.

– Você está ficando *louca*, porra? – gritou ele na minha cara.

Pisquei várias vezes, surpresa com o seu tom de voz e com aquela pergunta zangada. Depois perguntei:

– O quê?

– Ir se enfiar lá na Ride como você fez. Você está ficando louca?

Pisquei de novo. Primeiro, porque fiquei confusa. Como ele sabia que eu tinha ido na Ride? Segundo, porque estava ficando mais confusa. O que ele estava fazendo ali durante o dia? Terceiro, e eu estava ficando cada vez *mais* confusa, porque dava para ver claramente naquele rosto inacreditavelmente lindo que ele estava muito puto da vida.

– Hã...

– Me responda, baby – ordenou ele.

Credo! Ele era mais assustador do que Tack, Dog e a gangue inteira de motoqueiros juntos.

– Gwen, mandei você me responder – disse ele com a voz firme, quase começando a berrar de novo.

Pisquei mais uma vez.

– Você sabe o meu nome?

Ele me encarou.

Depois se afastou de mim e passou a mão pelos cabelos negros e curtos ao mesmo tempo que balançava a cabeça. Mas nem por um segundo tirou aquele olhar feroz de mim.

– Minha nossa, baby. Você consegue me tirar do sério!

– O quê? – sussurrei.

Ele colocou as mãos na cintura e se aproximou do meu rosto.

– Claro que sei o seu nome, Gwen. Gwendolyn Piper Kidd, 33 anos, autônoma, editora freelancer.

Você paga seus impostos, as prestações do financiamento da casa e suas contas sempre em dia. Foi

casada durante dois anos com um homem que não sabia manter o pau dentro das calças e que, desde então, já se casou outras três vezes e agora está no quarto divórcio. Seu pai é Baxter Kidd, ex-militar do Exército, hoje empresário na construção civil, casado com Meredith Kidd, secretária executiva de um advogado figurão especializado em divórcios, que, aliás, tirou você da merda em que se meteu quando casou com aquele babaca. Você é amiga de Camille Antoine, que trabalha no Departamento de Polícia de Denver, e de Tracy Richmond, que trabalha em toda a parte, na maioria das vezes no comércio. Você deixa Troy Loughlin ali, em banho-maria. Ele mataria a mãe para comer você, mas você não faz a menor ideia disso, e ele não tem colhões para fazer isso. Sua irmã é a definição perfeita de fracasso. Você gasta uma grana com roupas. Quando sai de noite, gosta de ficar exibindo seu corpo por aí. E o único homem com quem você fodeu durante um ano e meio sou eu.

Pela segunda vez naquele dia, fiquei boquiaberta.

Fechei a boca, mas ela se abriu de novo.

Fechei outra vez, mas tive que abri-la para poder falar.

– Como é que você sabe tudo isso?

– Minha flor, *eu* conheço muito bem com quem *eu* trepo – ele respondeu, e senti meu corpo balançar como se ele tivesse me atingido. Foi exatamente essa a sensação que as palavras dele me provocaram, a de um golpe. Ele não percebeu, ou, mais precisamente, não levou em consideração, e foi em frente.

– Agora me diga, em que merda você estava pensando para ir lá na Ride?

– Eu precisava falar com Dog – expliquei, porque não conseguia botar para fora nenhuma das dez mil e cinquenta coisas que queria dizer.

– Você precisava falar com Dog – repetiu ele.

– É – respondi.

– Baby, você estava fora do radar deles. Agora virou a porra de um alvo.

– O que isso quer dizer? – perguntei.

– Quer dizer que você está fodida – respondeu ele.

Com um pouco de atraso, eu comecei a ficar puta.

– Tá legal – eu disse, me afastando alguns centímetros da porta e endireitando os ombros. – Agora o que *isso* significa?

– Acho que você já sacou que sua irmã não vale nada – ele me informou.

Incontestável, Ginger não valia nada mesmo. Meu pai, Meredith e eu éramos testemunhas. E até mesmo Dog e Tack, a quem ela devia mais de dois milhões de dólares, podiam sair por aí dizendo isso.

O único que não podia era aquele homem ali na minha frente, um homem que eu conhecia intimamente, mas cujo rosto estava vendo pela primeira vez, à luz do dia. Um sujeito que eu estava descobrindo ser um grandessíssimo *babaca!*

– Não diga que Ginger não vale nada – adverti-o.

Ele ergueu as sobrancelhas, e isso foi uma droga, porque ele era tão desgraçadamente bonito, aquela

pele morena, aqueles olhos negros, aquele maxilar largo, aquele cabelo preto, curto e cheio, aquele rosto e aquele físico perfeitamente esculpido. Tudo nele tinha um toque hispânico, talvez italiano, inacreditável e enlouquecedoramente *maravilhoso*. Mas o pior de tudo para mim foi ver que ele podia ser ainda mais lindo de sobrancelhas erguidas, daquele jeito que indicava que não estava acreditando em como eu podia ser tão idiota.

– Você está dizendo que não sabe que sua irmã não vale nada? – perguntou.

– Não, estou dizendo que *você* não pode dizer que ela não vale nada. Eu posso dizer, mas *você* não.

Ele me encarou mais um pouco e depois murmurou:

– Porra.

– Acho que podemos encerrar por aqui – anunciei e comecei a me afastar da porta para abri-la. Mas, de repente, me vi colada à porta de novo, imprensada pelo corpo dele, grande, rígido, malhado e excepcionalmente quente. Ele segurou meu pescoço bem firme com as duas mãos, uma de cada lado. Com os polegares, levantava meu queixo, me obrigando a olhar para ele.

– De jeito nenhum, minha flor, nós ainda não acabamos – sussurrou ele, numa voz assustadora. E me esforcei para não ficar de boca aberta de novo porque ele estava me deixando muito mais apavorada do que meia dúzia de integrantes de uma gangue de motoqueiros. E consegui meu intento, principalmente porque os polegares dele estavam segurando meu queixo.

– Me solte – exigi, e fiquei orgulhosa porque minha voz não saiu trêmula.

Ele me ignorou e não se mexeu. Em vez disso, disse:

– Sua irmã fez um monte de merda e depois, não satisfeita, fez ainda um pouco mais. Isso empueteceu gente muito perigosa. O final feliz para essa história é ela aparecer morta. Sei que vocês não morrem de amores uma pela outra, mas sei também que é uma merda para *você* ouvir isso, mas não deixa de ser verdade.

– Me solte – repeti.

Ele continuou a me ignorar.

– A melhor coisa que *você* poderia ter feito quando a Darla apareceu aqui era ter fechado a porta, ter fechado os olhos para essa merda toda e ter voltado ao trabalho. Mas *você* não fez isso. *Você* foi desfilar sua bunda lá na Ride e chamar a atenção do Tack. Acredite em mim, baby, *você* não ia querer a atenção do Tack. Indo até lá, *você* ficou visível a um monte de gente que *você* não vai querer que saiba que *você* existe. Mas está feito. Mas agora, finja que os problemas de sua irmã não existem. Finja que sua irmã não existe. Mantenha a cabeça no lugar, seja esperta e fique bem longe dessa confusão toda. Isso quer dizer, daqui por diante *você* só vai fazer o que já conhece, com quem conhece e ir aos lugares que conhece. Não saia da sua programação habitual. Está me entendendo?

– Como sabe que Darla esteve aqui?

Ele franziu as sobrancelhas de um jeito que o fez agora parecer assustador e assustadoramente impaciente.

– Preste atenção, minha flor, eu estou sempre de olho em você.

– Você está sempre de olho em mim?

– Você é minha, então fico de olho em você.

Senti minhas sobrancelhas se erguerem também.

– Eu sou sua?

– Baby, estou comendo você, não estou?

Disso eu não tinha a menor dúvida. Não via o rosto dele, mas isso não significava que ele não falasse.

Ele era bem mandão na cama, e eu reconheceria aquela voz firme em qualquer lugar.

– Tá legal – comecei –, acho que chegou a hora de discutirmos nossa relação.

– Escute aqui, Gwen, a nossa relação só é o que é porque eu não desperdiço a porra do meu tempo com essa babaquice de discutir a relação.

Ai, ai. Agora eu estava ficando furiosa mesmo.

– Acho que você deve me largar e ir embora daqui.

– Acho que você deve me dizer se entendeu o que eu disse ou não, e aí *então* eu vou embora.

– Ótimo, entendi, agora... vá embora – berrei.

Ele não se mexeu e não desgrudou aqueles olhos negros dos meus.

Por isso, repeti.

– Ficou surdo? Eu disse que entendi. Agora vá embora.

De repente seus olhos se enterneceram e ele deslizou os polegares para a ponta do meu queixo.

E falou baixinho:

– Você está puta.

Esse cara existe?!

– É... *estou* – confirmei.

– Não fique puta – ordenou ele.

Não, sério, ele não existe.

– Você não pode me dizer para não ficar puta.

– Baby, você não acha que eu tenho coisas mais importantes para fazer do que estar aqui? – perguntou ele.

Ai, meu Deus!

Será que a cabeça das pessoas de fato explode? Porque naquele momento eu estava quase certa de que a minha estava prestes a explodir.

– Então é hora de você tomar seu rumo – convidei, com a voz firme.

– Mas a questão é, estou aqui agora.

– Bem, detesto lhe dizer isso, mas já tivemos outros encontros que foram *muito melhores* do que este.

Foi quando ele sorriu e, ao fazer isso, meu coração parou de bater.

Nunca, nem uma única vez, nem mesmo na primeira noite, nunca tinha visto ele sorrir. E se ele era

bonito normalmente, sorrindo acabou comigo de uma vez por todas.

Deus do céu, o homem tem duas covinhas.

Duas.

– Você ainda não entendeu por que *eu* estou puto? – perguntou gentilmente, sorrindo.

– Não, não entendi, e não há desculpas por ser tão idiota, então, de novo, por favor, se você está tão ocupado assim, me deixe parar de desperdiçar seu tempo e vá embora.

– Você já fodeu tudo hoje, Gwen – me disse ele.

– Acho que você deixou isso bem claro, “baby” – revidei.

Por alguma razão, seus olhos se enterneceram mais ainda, mas ao mesmo tempo ele sussurrou num tom de alerta:

– Não me chame de “baby” quando está puta, minha flor.

– Não me chame de “minha flor” nunca, baby – retruquei.

– Você só me chama de baby quando estou comendo você – afirmou ele, e eu não sabia se isso era uma ordem ou uma lembrança. Provavelmente as duas coisas.

– Bem, não aposte sua pele que isso vai acontecer de novo.

A ternura em seus olhos ficou ainda mais evidente, mais quente, e ele voltou a apertar meu queixo com os polegares. Tentei tirar o rosto das suas mãos, mas elas me seguraram bem firme, então fiquei quieta.

– Você não deve fazer promessas que não pode cumprir – me advertiu ele, ainda falando de maneira gentil.

– Quantas vezes tenho de dizer para você ir embora? – perguntei.

Ele me ignorou e declarou:

– Sou eu que digo quando as coisas acabam.

Sério, ele *não existia*.

– Na vida, sempre é bom mudar, se renovar. Mantém nossos sentidos aguçados – informei a ele.

– Não mexa nessa merda, Gwendolyn – me avisou ele. – Você não vai gostar das consequências.

– Como você se chama? – perguntei, desafiadora.

Ele percebeu minha ousadia e me provocou.

– Você me chama de baby.

– Como você se chama? – repeti.

– Às vezes de querido – continuou ele.

– Qual... é... o seu nome? – exigi.

– Mas eu prefiro baby.

Revirei os olhos e gritei um “Meu Deus!”, ao mesmo tempo em que batia o pé no chão. Percebi que minhas mãos estavam na cintura dele, afastando-o de mim.

Mas ele não se mexeu.

Olhei novamente para os olhos dele. E, no mesmo instante em que fiz isso, percebi que cometera um

erro. Percebi que ele tinha tirado uma das mãos e começou a beijar meu pescoço. Depois senti que ele roçava os lábios atrás da minha orelha e, em seguida, passava a língua bem ali.

Sem minha permissão, meu corpo estremeceu inteiro, da cabeça aos pés.

Ele tirou a boca do meu pescoço e a colocou de leve na minha, levantando meu queixo novamente com os polegares. E sussurrou:

– É...

E então ele me puxou, me afastando da porta, e, como um fenômeno inexplicável da natureza, num segundo ele estava ali, no outro já tinha ido embora.

Fiquei olhando para a porta fechada e depois fui até a janela para confirmar. Eu estava certa. Ele tinha ido embora.

Virei as costas para a porta e olhei para minha sala de estar desarrumada.

Eu tinha quase certeza de que ele sentiu meu corpo estremeecer.

O DIA DA EPIFANIA

Minha casa era uma antiga casa de fazenda que algum dia tinha sido cercada de campos, mas agora ficava num bairro ao lado de outras casas muito mais novas. Isso significava dizer construídas nos últimos cinquenta anos na periferia de Denver.

Depois que você entra pelo corredor estreito com aqueles vitrais bacanérrimos, chega a uma sala de estar que tem a largura de toda a frente da casa. À direita, atrás de portas de vidro de correr, há um espaço para sala de jantar ou jardim de inverno, mas que agora não é nada. Espaço vazio apenas. À esquerda, uma porta de vaivém dá para uma cozinha grande. No andar de cima, há três quartos – um deles, um tanto pequeno, virou meu escritório – e um banheiro de mamute, enorme.

Meu pai não me deixou mudar para lá até que ele e seu ajudante, Rick, tivessem reformado todo o banheiro. Ele disse que aquilo tinha que ser feito porque a banheira estava na iminência de despencar no andar de baixo. Pensei que ele estivesse sendo dramático porque odiava a minha casa, e ainda odeia. Mesmo assim, não sei ao certo por que pensei isso, pois meu pai não é uma pessoa dramática. Por isso não deveria ter ficado surpresa quando eles iniciaram a reforma e o chão começou a rachar bem embaixo da banheira.

Então papai aproveitou e reformou meu banheiro, depois, é claro, de refazer o piso. Agora está tudo superlindo, com uma banheira com pés que parecem patas, uma pia com pedestal, porta-toalhas aquecidos e essa coisa toda. Ele também restaurou as tábuas de madeira do assoalho do meu quarto e do escritório e raspou as paredes dos dois cômodos. Meredith e eu pintamos meu quarto, e ela fez para mim umas persianas romanas bacanas para as janelas. Minha amiga Tracy e eu pintamos o escritório. Prossegui com a fase divertida da reforma – a decoração –, enquanto papai começava o trabalho na cozinha, para o qual contou com a ajuda de Troy. Eles levaram mais uns cinco meses para terminar tudo porque ficavam se distraíndo com outras coisas, como, por exemplo, falando da própria vida, ou da torneira do lavabo no andar de baixo, que não fechava direito, do vazamento no telhado, do interruptor do meu quarto que não funcionava e da caldeira de calefação que deixava escapar calor. Coisas desse tipo.

Agora a cozinha está fantástica, com armários cor de creme, uma mesa grande bem no meio, retangular, já meio gasta, com seis cadeiras, uma bancada de madeira e eletrodomésticos fabulosos, que papai conseguiu por um bom preço por conta da sua rede de contatos na construção civil e porque eles tinham pequenos defeitos em lugares que ninguém consegue ver. Decorei a cozinha criando um certo charme country, o que foi uma decisão inusitada. Eu não era uma pessoa “do campo”, nem querendo muito, mas aquela era uma antiga cozinha de fazenda, que exigia um estilo campestre, e eu podia ser bem

extravagante às vezes.

Então depois que o Estranho foi embora, fui até a cozinha, preparei massa de cookies com pedaços de chocolate, peguei a tigela, uma colher, uma xícara de café e levei tudo para a mesa. Peguei o telefone também.

Sentei com um pé no chão e o outro no assento da cadeira e fiquei olhando para o telefone.

Eu devia ligar para Camille. Camille falava tudo o que pensava na lata, não tinha papas na língua. Ela era inteligente, experiente e sempre usava a cabeça. Camille morava com Leo, que era policial, e eles estavam juntos há cinco anos. Era um bom relacionamento, apaixonado, mas difícil porque tanto ela quanto ele tinham personalidades fortes. Se um dia eles terminassem, seria como Goldie Hawn e Kurt Russell terminando: uma prova de que o mundo não ia demorar nada para acabar.

Camille, no entanto, sabia tudo sobre o Estranho, e achava que eu estava em parte doente e em parte maluca de deixar que ele entrasse na minha casa no meio da noite sem saber nem o nome dele. Ela me dizia que da próxima vez que ele viesse, eu deveria, primeiro, dar um chute no saco dele e, segundo, chamar a polícia.

Hum.

Eu poderia também ligar para Tracy. Tracy era romântica e não falava tudo o que pensava, essa tinha papas na língua. Preferia ser torturada a dizer algo que pudesse fazer você se sentir mal ou que ferisse os seus sentimentos. Teve três namorados e todos eles uns babacas, mas ela ficava com os caras porque não queria terminar o relacionamento, mesmo que eles fossem babacas. Antes de se cansar e partir para outra, o que ela fazia com frequência, Tracy aguentava um monte de merda no trabalho porque esta minha querida amiga não tinha força de caráter.

Tracy também adorava a ideia de um homem misterioso. Ela estava convencida de que ele um dia iria esticar o braço, acender as luzes, segurar meu rosto com as mãos e me dizer que para ele o sol só nascia e se punha porque eu existia. E então se casaria comigo numa cerimônia de conto de fadas e depois disso me trataria como uma princesa até o fim dos meus dias. Mesmo depois de todo esse tempo, ela estava certa de que isso aconteceria, e nunca deixou de acreditar nessa possibilidade. Essa visita mais recente do Estranho provavelmente a faria dar pulos de alegria. Ela nunca tinha visto como ele realmente era: idiota, invasivo e extremamente irritante.

Eu não poderia ligar para Troy porque depois do que o Estranho disse, fiquei meio cismada com Troy. Troy tinha sido sempre apenas Troy. Ele sempre esteve por perto, antes de Camille e Tracy. Sempre esteve por perto, antes de eu conhecer Scott Leighton, quando conheci Scott Leighton, quando me casei com Scott Leighton e quando Scott Leighton partiu meu coração. Troy era um amigo, e pensar que queria mesmo era me comer, como o Estranho dissera, me deixava mais aturdida do que qualquer outra coisa que tivesse acontecido naquele dia.

Fiquei olhando para o telefone e peguei uma colherada da massa de cookies.

E então enfiei a massa na boca, larguei a colher, peguei o telefone e tomei a primeira decisão

inteligente desde que a mão do Estranho segurou minha cintura com força na noite passada.

Apertei as teclas, engoli a massa e coloquei o telefone no ouvido.

– E aí, mulher? – atendeu Camille.

– O Estranho veio aqui ontem à noite.

Silêncio. E estou querendo dizer, silêncio *total*.

Em seguida:

– Olha...

Depois nada.

– E ele voltou hoje outra vez. Ele estava aqui em casa quando voltei da rua e foi embora há uns vinte minutos.

Silêncio de novo, e muito mais total dessa vez, como se todo o barulho do mundo tivesse sido sugado pelo vácuo.

– Cam? – chamei no vazio.

– Ele saiu daí há vinte minutos? – perguntou ela.

– É – respondi.

– Ele esteve aí em plena luz do dia? – perguntou ela.

– É – respondi.

– E ele não pegou fogo por causa da luz do sol ou coisa parecida? – perguntou ela.

– Não – respondi, rindo.

– O que foi que houve?

E foi então que contei a coisa toda para ela desde quando ele esteve aqui na noite passada até Darla, Dog e Tack, até a visita surpresa do Grande HE, a nossa conversa carinhosa e a amável explicação dos limites do nosso relacionamento.

Quando terminei, ela murmurou:

– Merda.

– Merda o quê?

– Mulher, eu conheço Kane Allen, mais conhecido como Tack, o chefe de um clube de motoqueiros chamado Chaos MC. E sei que você não deve ir lá. Dizem que, nos últimos tempos, ele tentou limpar a gangue, e com algum sucesso, mas limpar para esses caras não tem a mesma definição que tem para o resto do mundo. Eles se autodenominam “Chaos” por algum motivo, concorda?, não são como os outros caras. Não têm nenhum dos filtros de civilização que as outras pessoas têm. Eles vivem num mundo sem lei e sem ordem. Mas, é mais do que isso: eles vivem num mundo de lutas e guerras onde só o instinto conta. Eles são animais, Gwen. Sem brincadeira.

Ai, meu Deus!

– Bem, mas eu não marquei de sair com ele – lembrei a ela.

– E nunca faça isso. *Nunca*. Se você entrar nesse mundo, não tem volta. Entendeu?

Nossa!

– Ele era assustador, Cam. Não vou voltar mais lá.

– Ótimo. Espero que não – disse ela, de um jeito que significava que não estava acreditando muito em mim. Eu a conheci quando estava no meio da confusão do divórcio, então ela sabia tudo sobre Scott, que era gostoso, mas também um babaca completo. E ela também sabia tudo sobre o Estranho, que era gostoso, bem mais gostoso do que Scott, mas que estava provando que era da mesma estirpe de Scott, a saber, um idiota.

– Vou falar com Leo, ver o que ele consegue saber sobre sua irmã – continuou Cam. – A única coisa que posso lhe dizer sobre o Estranho é que ele lhe deu um bom conselho. Você precisa ficar fora disso. Ginger é Ginger, e ela está indo por um caminho em que só vai arrumar mais problemas. Parece que já arrumou.

Ouvi Cam respirar fundo, e eu sabia o que aquele respirar fundo significava. Ela tinha alguma coisa a dizer e sabia que eu não iria gostar. Camille não tinha papas na língua, mas isso não significava que fosse uma pessoa má. Não era. Era uma boa pessoa. Por isso tentou ir com calma, quando voltou a falar.

– Sei que ela é sua irmã, Gwen, mas Ginger Kidd não liga para quem ela vai arrastar para o buraco com ela e vai usar qualquer um como escudo para proteger aquela bunda magricela e branca. Ela está metida em confusão e já sabe que pode usar você. E se puder usar você, vai usar. Sem pestanejar.

Isso era definitivamente verdade.

– A partir de agora, estou oficialmente rompendo relações com ela – declarei.

– Já não era sem tempo – murmurou Cam.

– Me liga depois que falar com Leo – pedi a ela.

– Gwen?

– Fala, amiga.

– Também vou ter que contar a Leo sobre o Estranho.

Ah, não. *Que diabos*, não! Papai e Meredith não sabiam sobre o Estranho. Troy não sabia sobre o Estranho e Leonard Freeman tampouco sabia. As únicas pessoas que sabiam eram Camille e Tracy, e as fiz jurar que não contariam nada a ninguém.

Isso dizia muito sobre mim e sobre como eu me sentia a respeito daquele homem misterioso, isto é, eu tinha vergonha do que estava fazendo e da razão de estar fazendo. Isso mais do que indicava que eu estava um tanto ou quanto desesperada e era meio piranha, duas coisas que uma mulher não deve nunca estar nem ser. Nunca. Eu amava papai, Meredith, Troy e Leo. Não queria que eles pensassem que eu era uma piranha desesperada.

– Gwen... – começou Cam.

– Não, Cam, não. Não conte ao Leo sobre o Estranho – eu disse com firmeza.

– Tá bom, mulher, me escute – disse ela, com firmeza também. – Esse cara pode atravessar portas.

Essa cara consegue investigar você e ficar de olho em você o tempo todo. Fiquei sabendo disso agora,

então agora sei que esse cara tem contatos, e se ele tem contatos, Leo pode dar uma checada nele.

– Talvez, mas não quero que Leo dê uma checada nele.

– Por quê? – perguntou ela, começando a perder a paciência. – Ele investigou você.

– Pode ser, mas a partir de hoje eu oficialmente rompi relações com minha irmã e oficialmente terminei meu não relacionamento capenga com o Estranho. Acabou. De verdade.

Silêncio, de novo.

E depois:

– Sério?

– Sério, Cam – gemi. – Conteí como ele falou comigo, não conteí? Conteí o que ele disse sobre o nosso relacionamento. Ele me *investigou*. Ele sabe *tudo sobre mim*. Ele disse que era ele que dizia quando as coisas acabavam, mas não me disse o nome dele. Essa situação toda já era tão absurda antes que não pensei que pudesse ficar ainda mais absurda, mas ficou. Acordei pra vida. Acabou.

Silêncio, de novo, e depois:

– Tomara, mulher. Eu já disse isso antes e vou dizer outra vez. Tem um monte de caras gostosos por aí que não são uns babacas filhos da puta. Eles não usam você apenas pra gozar. Têm homens por aí que sabem como tratar uma mulher direito e você vai achar um deles, amiga, mas a única maneira de conseguir isso é mandando esse aí, que não trata você direito, às favas.

Aquela era Camille Antoine, sem papas na língua. Camille Antoine, uma mulher inteligente, que tinha a cabeça no lugar.

– Bem, hoje tive uma epifania. Ginger e o Estranho são coisa do passado – declarei solenemente.

– Aleluia – respondeu Cam.

Dez minutos depois, nós desligamos. Fiquei sentada à mesa da cozinha, enfiando a colher na massa de cookies e depois na boca, enquanto olhava para o telefone. Eu tinha esperanças de manter minha palavra.

Peguei o telefone e liguei para Tracy.

TACO DE BEISEBOL OU PÉ DE CABRA

Ouvi um barulho e acordei, dando um pulo na cama. Um jato instantâneo de adrenalina percorreu o meu corpo, fazendo minha pele e a ponta dos meus dedos formigarem.

Alguém tinha entrado na minha casa.

Fiquei escutando e não ouvi nada. Mas eu sabia. Eu sabia.

O Grande HE não fazia barulho. Mesmo quando eu mudava alguma coisa de lugar ou quando a reforma estava sendo feita, ele não esbarrava em nada e se movimentava silenciosamente pela casa, como se conseguisse ver qualquer obstáculo na escuridão.

Ele não fazia barulho. *Nunca* fez nenhum barulho.

Virei-me para pegar o telefone e desejei ter uma arma naquele momento. Mesmo um taco de beisebol, por exemplo. Alguma coisa que fizesse eu me sentir menos vulnerável. Menos sozinha. Eu ficaria feliz com a companhia de um objeto inanimado que pudesse machucar outra pessoa.

Peguei o telefone e liguei para a polícia.

– Nove-um-um, qual é a emergência?

– Meu nome é Gwendolyn Kidd – sussurrei. – Moro no número 322 da Vine e alguém entrou na minha casa. Está aqui dentro agora. Mande alguém para cá. Vou desligar agora e não ligue de volta. Isso não é um trote.

Desliguei o telefone, larguei-o na cama e rolei para o outro lado na direção do meu globo de neve. Eu adorava meu globo de neve. Era um globo de neve da artista plástica Rosina Wachtmeister, com um gatinho feliz dentro dele e pequenas flores na base. Se você o virar de cabeça para baixo e sacudi-lo, o glitter que tem lá dentro vai ficar girando em volta do gatinho.

E se eu o usasse para bater na cabeça de alguém, provavelmente esse alguém não teria condições de me violentar.

Passei a mão no globo e corri na ponta dos pés para a parede em frente à minha cama. E fiquei ali, de lado, com um ombro colado na parede, olhando para a porta com muita atenção.

Meu coração batia tão rápido que eu podia até ouvi-lo. Meu corpo inteiro estava alerta e eu podia sentir cada centímetro dele. Eu estava aterrorizada.

Alguém tinha entrado na minha casa. Eu não podia ouvir, mas podia sentir que havia alguém ali.

Então ouvi. Passos no corredor.

Ai, meu Deus. Meu Deus do céu. Meu deusinho.

Tentei me lembrar de quanto tempo a polícia levava para atender um chamado. Não sei por quê, mas a

ideia de sete minutos me veio à cabeça, embora eu não soubesse se era o número certo ou errado.

Eu não tinha sete minutos. Ele estava chegando perto.

Silenciosamente fui me arrastando pela parede até me aproximar um pouco mais da porta sem tirar os olhos dela. Estava quase fechada. Tinha passado a deixá-la assim numa tentativa de ouvir o Estranho chegar. Eu nunca a fechava de todo. Sempre a deixava uns dois centímetros aberta. Não era uma porta barulhenta, mas rangia um pouquinho.

Nunca rangeu com o Estranho.

A primeira coisa que vi foi um feixe de luz, não muito brilhante, um feixe de luz de LED. Então vi a sombra da mão de um homem, com os dedos esticados, tocando com a ponta dos dedos a porta do meu quarto. Devagar a mão empurrou a porta.

Parei de respirar. Não queria que ele me ouvisse respirando. Se eu ia quebrar meu globo de neve de Rosina Wachtmeister na cabeça daquele homem, queria que valesse a pena.

Levantei a mão, segurando o globo de neve. A porta continuava abrindo.

Então ouvi sirenes.

Obrigada, Deus.

A mão ficou parada e depois desapareceu. Os passos soaram mais rápidos agora e ouvi quando eles desceram a escada, fazendo um barulho seco nos degraus.

Depois não ouvi mais nada.

Então virei as costas para a parede e deslizei até o chão. Fiquei segurando no colo meu globo de neve do gatinho feliz.

Eu estava sentada na cozinha, olhando fixamente para a sala de estar.

Estava com os dois pés em cima do assento da cadeira e abraçava minhas pernas, com a bochecha amassada contra um dos meus joelhos e a camisola que eu usava toda enrolada nas coxas.

Estava feliz por ter vestido um caftã maravilhoso, cor de café, ultramacio, com mangas morcego curtas. Caftãs não eram considerados sensuais, mas esse era, principalmente porque caía nos lugares certos. Aquele caftã *arrasava*, e era de longe a melhor opção de roupa de dormir quando sua casa estava, de repente, cheia de policiais másculos.

Eu olhava fixamente para eles. Era mesmo verdade: minha casa estava cheia de policiais másculos. Eles ficavam andando de um lado para outro na sala de estar, procurando alguma coisa, enquanto comiam colheradas de massa de cookies com pedaços de chocolate que eu tinha tirado da geladeira para eles.

A janelinha perto da porta estava quebrada, algo que eu não tinha ouvido, e uma lâmpada na sala de estar, que ficava debaixo de uma luminária coberta de poeira, também. Foi isso que eu tinha ouvido.

No mais, nenhum outro prejuízo e eu, uma verdadeira autoridade no assunto, disse ao policial que me acompanhou numa volta pela casa que nada estava faltando.

Mas eles não pegaram meu depoimento. Dois policiais logo viraram quatro, quatro viraram seis e agora eles eram oito. E me disseram que eu tinha que esperar até o detetive chegar.

Eu não estava por dentro dos procedimentos da polícia e não podia dizer que não estava agradecida (considerando o fato de estar super, ultra, mega-apavorada) pelo fato de eles parecerem estar levando tudo aquilo a sério, mandando um batalhão inteiro de policiais para montar guarda na minha sala comendo massa de cookies, além de um detetive tarimbado para falar comigo. No entanto, nada tinha sido roubado e, embora meu visitante tenha ido direto para o meu quarto de dormir, eu duvidava muito de que ele estivesse atrás do meu globo de neve de Rosina Wachtmeister, e aquilo me parecia uma invasão domiciliar rotineira, da qual policiais uniformizados poderiam dar conta.

Então supus que alguma coisa estivesse acontecendo e que essa coisa se chamava Ginger Kidd.

De repente parecia que algo interessante estava acontecendo na minha sala. Alguém havia chegado, e cinco minutos depois lá estava ele, bem na minha frente.

Olhei para ele.

Sério, isso é algum tipo de brincadeira do universo?

Bem na porta da frente da minha casa havia um homem, um homem alto, e não dá para definir como quase alto. Ele era simplesmente *alto*. E também tinha cabelos castanho-escuros, olhos castanho-escuros e um maxilar quadrado. Seu cabelo era espesso e enrolava um pouco perto do pescoço e da gola da jaqueta que usava. Seus olhos eram expressivos. O maxilar, forte. Ele vestia uma camisa justa, cor de chocolate, de gola rulê, e jaqueta de couro marrom, calça jeans, um cinto com fivela grande e botas. O distintivo da polícia estava preso no cinto. Não tive nenhuma dúvida de que ele estava na capa do calendário masculino do Departamento de Polícia de Denver, e a primeira coisa que eu faria amanhã era sair para comprar um.

Por que isso estava acontecendo? Por quê? O que foi que eu fiz? Em menos de 24 horas, topei com três caras gostosos e não podia ficar com nenhum deles. Um era assustador e chefe de uma gangue de motoqueiros, que talvez fosse também uma organização criminosa, mas que definitivamente tinha um comportamento antissocial, então estava fora de questão. O outro era assustador, misterioso e babaca, então também estava fora. E esse aqui não era assustador, e era lindo demais, mas era também o detetive destacado para o meu caso, o que significava que provavelmente não tinha permissão para confraternizar com a vítima, no caso, eu, e por isso também estava fora.

Não tirei minha bochecha do joelho e ele não tirou os olhos de mim ao entrar na cozinha. Pegou uma cadeira, virou-a para colocá-la bem na minha frente, não muito perto nem muito longe, e se sentou. Sem tirar os olhos de mim, ele se inclinou para frente e apoiou os cotovelos nos joelhos.

– Gwendolyn Kidd? – perguntou com uma voz simpática, suave e profunda.

Balancei a cabeça que sim.

– Sou o detetive Mitch Lawson.

Detetive Mitch Lawson. Nossa! Que nome! Abalou.

Ainda amassando minha bochecha no joelho, eu disse:

– É o nome perfeito para um policial.

Ele ergueu ligeiramente as sobrancelhas. Não era isso que estava esperando. Talvez esperasse um “Oi” ou “Obrigada por ter vindo” ou “Meu Deus, como você é gostoso”.

– É mesmo? – perguntou ele.

– Mitch – sussurrei. – É um nome forte, com essas últimas três consoantes, não de um jeito ríspido, mas suave. E o “m” do início é aconchegante, suave também, um leve gemido que se dá quando alguém querido nos acorda, “Mm”. Ou seja, duas coisas que um policial precisa ter: suavidade e força.... Mitch.

Ele me olhava.

Continuei falando sem parar.

– E Lawson, não preciso nem dizer. *Law* significa lei e *son* significa filho, ou seja, filho da lei. –

Inspirei profundamente e depois sussurrei: – É perfeito.

Ele ficou me olhando mais um pouco.

E então disse:

– Gwendolyn parece uma música.

Hummm... que gracinha.

Eu gostava tanto do meu nome.

– Uma música bem curtinha – completei.

– Mas bem bonita – retrucou ele.

Hummm... gracinha!

Sorri para ele, e o detetive Mitch Lawson sorriu para mim também.

Opa!

Depois, de repente, ele virou a cabeça para olhar por cima do próprio ombro, endireitou o tronco e se levantou, olhando para trás.

Olhei na mesma direção que ele e mantive a bochecha grudada no joelho, embora meu coração tenha parado de bater por alguns instantes.

O Estranho estava ali.

Ele não estava usando uma camisa de gola rulê fabulosa, cor de chocolate, jaqueta de couro e jeans. Vestia o que estava vestindo mais cedo: uma camiseta de mangas compridas azul-escura, muito justa, que marcava todos os músculos do peito, ombros e braços, calças cargo verde-oliva e usava botas. Tinha também uma expressão de descontentamento no rosto e não tirava os olhos do detetive Mitch Lawson.

E então ele desviou o olhar para mim e um nanossegundo depois veio em minha direção, com aquela elegância masculina toda, como se fosse um felino à espreita, fascinante.

Meus olhos o acompanharam, mas minha bochecha não desgrudou do joelho nem quando ele se aproximou, se debruçou sobre mim e ergueu a mão. Eu não sabia o que esperar, então fiquei bem quieta, sentindo-o tocar com a ponta dos dedos a minha têmpora e deslizá-los bem de leve, contornando a linha

dos meus cabelos até atrás da minha orelha. Fechei os olhos quando ele afastou meu cabelo do pescoço e depois o segurou com aquela mão quente.

Ouvi-o perguntar baixinho:

– Você está bem, baby?

Baby?

Abri os olhos e virei um pouco a cabeça para olhar para ele, ali debruçado sobre mim, com o rosto bem perto do meu.

– Estou – respondi.

– Não parece – observou.

– Mas estou – confirmei.

– Então por que está toda enrolada aí desse jeito, em posição fetal?

Boa pergunta.

Dei de ombros.

– Ouvi dizer que ela era sua – observou Lawson.

O Estranho se endireitou e se virou para ele. Por uma série de motivos, fiquei tão surpresa com esse comentário, que endireitei a cabeça e coloquei o queixo entre os joelhos.

– Ela é minha – confirmou o Estranho categoricamente.

– Eu não sou dele – neguei, talvez não tão categoricamente.

Lawson estava olhando para o Estranho, mas quando falei ele desviou os olhos na minha direção e ficou me encarando com muita atenção por alguns instantes e depois ensaiou um sorriso, torcendo um dos cantos da boca, e olhou para o chão antes de voltar a olhar para mim.

– Tenho que lhe fazer algumas perguntas – disse ele calmamente. – Tudo bem para você?

O Estranho veio para o meu lado, *bem* para o meu lado, de forma que a parte de baixo do corpo dele pressionava a parte de cima do meu, e não tirou a mão do meu pescoço.

– Pergunte – ordenou ele, curto e grosso, respondendo por mim.

Lawson olhou para ele e se sentou novamente.

Levantei o queixo dos joelhos e o Estranho não retirou sua mão do meu pescoço. Sua postura era de posse, uma indicação clara para Lawson de que ele estava me reivindicando. Mas aquela mão... aquela mão parecia ser de apoio, um sinal de que estava preocupado comigo e, mais ainda, de que se importava comigo.

E agora o que é que eu faço com isso?

Prestei atenção em Lawson, não no Estranho, e vi que ele estava se inclinando para frente, colocando os cotovelos sobre os joelhos de novo.

– Me diga o que aconteceu – disse ele, gentil.

Respirei fundo. E então falei:

– Ouvi um barulho, o barulho me acordou, e eu sabia. Sabia como a gente sabe quando tem um

pesadelo e acorda sobressaltada, com o corpo todo tremendo, você apenas sabe. Você *sabe* que alguém entrou na sua casa para esquartejar você e não consegue se livrar dessa sensação, entende o que quero dizer?

Fiz uma pausa, e ele concordou com a cabeça.

– Eu sabia que tinha alguém na minha casa, e sabia que era *de verdade*, que aquilo não era um sonho.

Ele concordou de novo com cabeça e continuei a falar:

– Então liguei para a polícia, mas antes disso pensei que precisava de um taco de beisebol. Mas enquanto esperava vocês chegarem, decidi que não queria um taco de beisebol, queria um pé de cabra.

Um taco de beisebol tem uma área de superfície maior, então a força do golpe teria de ser maior. Um pé de cabra funcionaria melhor. O que você acha?

A mão do Estranho apertou meu pescoço, mas Lawson, que claramente não estava acompanhando minhas divagações, perguntou:

– O que eu acho?

– É. Taco de beisebol ou pé de cabra? Qual deles você gostaria de ter se estivesse correndo perigo?

Ele fez uma pausa de alguns segundos, os olhos fixos nos meus, antes de responder com suavidade:

– Gwendolyn, eu tenho uma arma.

Nossa! Claro. Ele tinha uma arma. Ele pode atirar num criminoso. Ele não precisa de um taco de beisebol. Uma arma seria muito conveniente, mas eu não tinha certeza de que estava pronta para usar uma.

– Ah, claro – sussurrei. – Certo.

Ele deu um ligeiro sorriso e continuou:

– Então você ligou para a polícia...

– Liguei e depois peguei meu globo de neve, porque era tudo o que eu tinha – disse, e ele levantou as sobrancelhas.

– Aquele na sala de estar?

Tinha levado meu gatinho feliz para a sala quando fui receber os policiais. O oficial que me acompanhou pela casa para verificar se havia algo faltando teve que tirá-lo da minha mão e colocá-lo de lado.

– É, o que está na sala – confirmei.

– Normalmente fica na cabeceira de Gwen – acrescentou o Estranho.

Lawson ergueu os olhos para ele sem mexer a cabeça, mas eu virei minha cabeça para olhar para o Estranho.

Aí estava. Uma prova. *Definitivamente* ele podia ver no escuro.

– Você reparou nisso? – perguntei, e o Estranho abaixou os olhos escuros para mim enquanto apertava meu pescoço com a mão.

– Nada me escapa, baby.

Hummm. Eu desconfiava de que não, mas achei que isso não era uma boa notícia.

– É, nada mesmo – murmurei.

– Gwendolyn – me chamou Lawson, e olhei de novo para ele. – O que aconteceu depois que você pegou o globo?

– Fiquei encostada na parede, olhando para a porta entreaberta. E esperei. Vi o feixe de luz primeiro e depois a mão empurrando a porta do meu quarto bem devagar.

Parei porque o Estranho apertou meu pescoço e aquilo não era só um aperto, era algo mais. E a mão dele continuou ali, firme. Tinha que admitir, mesmo que não quisesse, que aquela pressão forte era uma delícia.

– Ele abriu a porta uns poucos centímetros, talvez mais um pouco, e então ouvi as sirenes e ele fugiu. Ouvi ele correndo pelas escadas.

– Ele? – perguntou Lawson.

– Era a mão de um homem – afirmei. – Branco... caucasiano.

Usei a frase do policial de uma série de tevê.

– A mão de um homem – repetiu Lawson.

– Hã... é... – confirmei.

– Você tem certeza de que era a mão de um homem? – perguntou Lawson, e nós ficamos nos olhando fixamente.

Então eu disse baixinho:

– Não era a Ginger.

De novo o Estranho apertou meu pescoço com a mão. Mas, dessa vez, ele relaxou a mão logo em seguida.

Lawson recostou-se na cadeira e ficou me observando.

– Sua irmã? – perguntou ele.

– É. Sei que ela está metida em confusão. Confusão das grossas. E sei que é por isso que você e oito policiais uniformizados estão aqui para uma chamada que não é, tipo, de prioridade, não é uma chamada “atenção, todas as viaturas, atenção, todas as viaturas!!!”.

Ouvi um som vindo do Estranho, que me pareceu um risinho masculino abafado, divertido, rápido, mas profundo. Olhei para ver se ele estava sorrindo. Não havia dentes à mostra, mas ele sorria o suficiente para que suas covinhas ficassem visíveis.

Quando olhei de volta para Lawson, ele também tinha um sorrisinho de um lado só da boca.

– Tentamos fazer o nosso melhor – murmurou ele.

– Bem, eu agradeço muito – sorri de volta. – Odeio desapontá-lo, mas Ginger Kidd não estava por perto esta noite, ou, se estava, ouviu as sirenes e caiu fora. Desde criança ela não gosta de policiais. Eu sempre gostei de policiais, me aproximava deles e falava com eles, fazia amizade. Ela fugia deles. Devíamos ter imaginado o que viria pela frente.

– Ela fazia isso? – perguntou Lawson, e parecia estar se divertindo.

– Sempre, a primeira vez tinha seis anos.

Seu rosto mudou quando ele finalmente se deu conta de que eu estava falando a verdade.

– Você não está brincando?

Balancei a cabeça.

– Não.

– É, parece um sinal evidente de problemas futuros – observou Lawson.

– Não a deixe começar a falar das Barbies – disse o Estranho, e dei um pulo e virei minha cabeça para olhar para ele de novo.

Hã... O que foi que ele disse? O que foi? O que foi? *O que foi?* Como é que ele sabia das Barbies?

Olhei para ele, apertando os olhos.

– Você sabe quais são os problemas da sua irmã? – perguntou Lawson, e eu desviei os olhos do Estranho para ele.

– Não. Só sei que ela deve um monte de dinheiro a um clube de motoqueiros chamado Chaos, e quando eu digo muito, é *muito* mesmo, mas eles já sabem que eu não posso ajudá-los porque eu e minha irmã não somos muito chegadas. E também não tenho esse dinheiro todo para livrar a cara dela.

– Eles sabem?

– Levei um papo com o Tack hoje. Ele já está sabendo que sou uma dura, quer dizer, que não tenho mais de dois milhões de dólares enfiados em algum lugar.

– Você levou um papo com o Tack hoje – repetiu Lawson, e algo nele se modificou e não foi de um jeito bom. Ele parecia puto.

– Hã... levei – respondi.

Lawson olhou para o Estranho e depois para mim novamente.

– Você não sabe mais nada do que está acontecendo com a sua irmã?

– Não, a não ser que tem mais coisa aí, que eu não sei o que é. E não quero saber. Porque hoje, oficialmente, rompi relações com ela. Por isso, oficialmente, ela não é mais minha irmã.

Isso me valeu outro aperto do Estranho, mas Lawson estava me observando.

– Então você não tem nenhuma ideia de quem possa ter vindo aqui esta noite? – continuou Lawson.

Balancei a cabeça.

– Nenhuma ideia. Tudo o que sei é que ele não levou nada e que veio direto para o meu quarto. Então tire suas próprias conclusões.

Lawson me olhou fixamente. Então ele fez algo mais. Apertou a boca e vi um músculo saltar no seu maxilar. Ele levantou os olhos e olhou para o Estranho, respirou fundo e balançou a cabeça. E então olhou para mim.

Ele se inclinou em minha direção e disse baixinho:

– Vou lhe dizer o que eu penso sobre isso. O que eu penso, Gwendolyn, é que se minha mulher tivesse

uma irmã que estivesse numa merda bem séria, ela não levaria um papo com Kane Allen, não estaria dormindo sozinha, por isso não teria que se preocupar se precisa ter à mão um taco de beisebol ou um pé de cabra porque estaria na cama ao meu lado.

Ah.

Uau.

O Estranho tirou a mão do meu pescoço.

Epa.

– O que você quer dizer? – perguntou ele, numa voz assustadora.

Epa!

Lawson ergueu os olhos de novo e de novo fez isso sem mexer a cabeça.

– Você me ouviu.

Epa!

– Hã... – Tirei os calcanhares de cima do assento da cadeira quando o Estranho começou a falar.

– Meus homens cronometraram o tempo que ele levou para dar a segunda volta de reconhecimento na casa de Gwen. Ninguém estava perto o bastante para chegar aqui tão rápido, então nós chamamos vocês três minutos antes de ele estar na calçada na frente da casa dela. Vocês tinham unidades nas redondezas, então ele ficou na casa menos de dois minutos antes de vocês chegarem. Gwen não estava em perigo em nenhum momento.

– O quê?

– Foi muita sorte termos unidades nas redondezas – respondeu Lawson, se levantando.

– Conversa, Lawson. Seus rapazes estão circulando pelas redondezas há duas semanas, esperando que Ginger dê as caras – disparou o Estranho.

– O perímetro estava sendo vigiado, mas não temos um plano especial para a casa dela, Hawk – retrucou Lawson.

– Hawk?

Olhei para o Estranho.

– Hawk? – perguntei.

Ele me ignorou. Estava ocupado demais em olhar de cara feia para Lawson.

– Seus homens estavam a cinco minutos, meus homens a oito. De um jeito ou de outro, ela estava coberta.

Os homens dele?

– Ela precisou se armar com um globo de neve – lembrou Lawson.

Levantei-me e olhei de novo para o Estranho.

– Hawk? – repeti.

– Ela estava coberta – repetiu o Estranho.

– Tá bom, mas *ela* não sabia disso – retrucou Lawson.

– *Hawk?* – gritei, e o Estranho finalmente colocou os olhos em mim.

– O que foi, baby? – cortou ele.

Ah, meu Deus. O nome dele era Hawk.

Quem tem um nome desses? Hawk.

Abri a boca para perguntar se o nome dele era mesmo Hawk e imediatamente me lembrei de que Lawson estava ali. Eu não queria que ele soubesse que eu não sabia o nome do Estranho (ou *Hawk*), então fechei a boca bem fechada quando ouvi a voz de meu pai.

– Onde está minha filha?

Oba! Salva pelo meu pai.

Inclinei-me à frente do meu homem misterioso, que não era mais tão misterioso assim, e olhei na direção de Lawson para ver meu pai e Meredith vindo pela porta aberta da cozinha. Eu havia ligado para os dois quando vi minha janela quebrada. Eu não queria ligar, mas fiz isso por dois motivos. Primeiro, eles acabariam descobrindo tudo mais cedo ou mais tarde, e mais cedo era melhor do que mais tarde quando se tratava de papai e Meredith. Eu tinha aprendido isso do jeito mais difícil. Segundo, eu precisava de um lugar para dormir, porque tinha certeza absoluta de que não conseguiria dormir ali e sabia que estava assustada demais para dirigir, e papai me daria um sermão se soubesse que eu tinha dirigido naquele estado. Eu também tinha aprendido do jeito mais difícil que era melhor evitar dar a papai (muitas) oportunidades de me passar um sermão. Ele era bom nisso porque, com duas filhas – e essas duas filhas sendo Ginger e eu –, praticava muito.

– Gwen – murmurou papai ao entrar, e eu me desvencilhei dos dois caras gostosos e zangados que estavam quase me imprensando entre eles, e meio que andei, meio que corri na direção de papai e me joguei nos seus braços.

Tanto fazia que eu corresse na sua direção, andasse calmamente, ou apenas me inclinasse para ele, papai sempre fazia a mesma coisa: me abraçava bem forte.

De repente não me senti mais tão assustada.

Abracei-o bem apertado também, sentindo seu corpo forte e tão familiar, e fui me acalmando cada vez mais.

– Gwen – sussurrou ele no alto da minha cabeça.

Houve um tempo em que meu pai era gostoso. Ele era quase tão gostoso quanto os dois homens que estavam ali na minha cozinha. E eu imaginava que a parte do quase era porque ele era meu pai. Ele era grande e largo, tinha cabelos escuros (hoje bastante grisalhos) e olhos amendoados. Era magro, musculoso, forte. E sempre tinha sido magro, musculoso e forte porque sempre fez coisas que envolviam carregar alguma coisa, martelar alguma coisa, arrastar alguma coisa, levantar alguma coisa ou serrar alguma coisa.

Quer dizer, isso quando ele não estava assistindo a um jogo do Denver Broncos.

E eu tinha que admitir, na maior parte do tempo, ele estava fazendo o que estava fazendo ali, na minha

casa.

– Estou bem, pai, só um pouco assustada – disse, com o rosto colado no peito dele.

– Querida – disse ele, com os lábios colados nos cabelos no alto da minha cabeça.

Senti seus lábios se afastarem. Olhei para ele e vi que estava olhando para Hawk e Lawson. Ele me puxou para o lado, colocou o braço sobre meus ombros e Meredith se aproximou de nós. Ela pegou minha mão. Eu apertei sua mão e ela apertou a minha também, e quando olhei ela me deu um sorriso rápido, doce, daqueles que dizem que tudo vai ficar bem.

Então ouvi papai perguntar:

– Vocês são da polícia?

Ele estava perguntando de maneira geral, tanto para Lawson quanto para Hawk.

– Sim, senhor. Detetive Mitch Lawson – respondeu Lawson dando um passo à frente.

Papai me soltou para apertar a mão de Lawson, depois colocou o braço novamente sobre os meus ombros, me puxando contra ele de um jeito que fazia meu corpo bater de leve no dele.

Hum. Parecia que eu não era a única assustada ali.

– E você? – perguntou papai, com os olhos em Hawk.

Olhei para Hawk enquanto Lawson se afastava. Ele estava com o rosto pálido, os olhos bem abertos, observando tudo, isto é, estava claro que minha família não tinha ideia de quem era Hawk.

– Hawk – disse ele, estendendo a mão. Papai me soltou de novo para apertá-la, e Hawk continuou: – Sou o namorado de Gwen.

Senti e vi papai ter um sobressalto de surpresa e ouvi Meredith sussurrar:

– Namorado de Gwen?

Não tive nenhuma reação. Estava ocupada demais olhando boquiaberta para Hawk.

– Querida, você tem namorado? – perguntou Meredith, e eu sabia que ela estava fazendo uma pergunta para mim, mas ainda estava muito ocupada, parada ali, olhando para Hawk com a boca aberta, para responder.

– Hawk? – perguntou papai, sem tirar os olhos dele.

– Do esquadrão de Black Hawks, de quando estava no Exército – afirmou Hawk, me dando a terceira informação a seu respeito. A primeira era que ele era bom de cama, algo que eu já sabia havia um ano e meio; a segunda era que aparentemente o apelido dele era Hawk, algo que fiquei sabendo há uns três minutos.

Mas não era nisso que eu me concentrava. Eu me concentrava naquela pequena informação que ele divulgou e no que ela significava para mim. Eu estava fodida.

E eu soube que estava mesmo quando meu pai perguntou com uma voz de surpresa, uma voz eufórica:

– Você foi do Exército?

Merda!

Papai foi do Exército também. Serviu durante quatro anos antes de sair e ir trabalhar na construção

civil. Havia uma razão de papai ter se casado com mamãe. Ele era um jovem rebelde assim como ela. E considerava dever ao Exército o fato de tê-lo consertado, salvando a sua vida. O problema da minha mãe era que ela não foi “consertada” por ser mulher de um soldado. Papai teria ficado no Exército, mas ficar no Exército significava, quase sempre, estar ausente de casa. Mamãe ficou grávida de mim, eu nasci e papai sabia que não podia deixar mamãe sozinha comigo, então ele deu baixa no Exército para garantir que eu fosse criada do jeito certo.

Mas papai ainda amava o Exército. Comprava camisetas verde-oliva com a palavra “Exército” escrita na frente e as vestia sempre que podia. E papai criava laços instantâneos e inabaláveis com qualquer um dos seus confrades do Exército. Ele fazia isso o tempo todo, quando estávamos de férias, quando estava na loja de ferragens, quando estava na fila para comprar um balde de frango frito. Ele tinha um sexto sentido para o Exército, e se ele sentisse um cheiro de milico no ar, afinidade garantida.

Como agora com Hawk.

– É, sou – respondeu Hawk, e papai ainda ficou segurando a mão dele e sacudindo com fervor, com um sorriso aliviado e eufórico no rosto.

Todos os pensamentos sobre a invasão à casa de sua filha saíram voando da cabeça dele. Eu estava namorando alguém. E esse alguém tinha servido o Exército. Não era um alguém como Scott Leighton, que papai me disse, logo depois do divórcio, que sempre achou que era um cu. E ele tinha usado essa palavra bem na minha cara, o que provava que papai sempre detestou Scott. Tudo estava de repente muito certo no mundo de Baxter Kidd, e o que estava fazendo tudo estar certo era o homem na frente dele.

É, eu estava completamente fodida.

Papai soltou a mão de Hawk e me apertou contra ele novamente, olhando para mim.

– Querida, por que você não nos contou que estava namorando? – perguntou ele, me dando uma sacudida e sorrindo com cara de maluco.

– Hã... – balbuciei.

– Isso é maravilhoso, vocês têm que vir jantar conosco – acrescentou Meredith, quando virei minha cabeça na direção dela e a vi escancarando um sorriso luminoso para Hawk.

Essa era Meredith. Se estava tudo bem para Baxter, estava fantástico para ela também.

Merda!

– Hã... – balbuciei mais alto dessa vez, e de um jeito um pouco mais nervoso.

– Faça aquela sua lasanha. – Papai deu a ordem e depois virou-se para Hawk: – A lasanha é boa, filho, mas o pão de alho que ela faz é que é o seguinte. Feito em casa, do início ao fim.

Ah, meu Deus! Meu pai chamou o meu amante misterioso de “filho” apenas cinco segundos depois de conhecê-lo? Ele nunca chamou Scott de “filho”. A única coisa de que papai chamou Scott foi de Scott e de cu.

– Hã...! – E essa exclamação tinha soado como um grito.

– Gwendolyn – chamou Lawson, e desviei meus olhos para ele de um jeito meio frenético.

– Sim? – respondi.

Ele deu um passo à frente para se juntar ao nosso grupinho, com a mão no bolso da jaqueta, tirando uma carteira enquanto ia falando.

– Terminei aqui, mas se você precisar de alguma coisa, ouvir alguma coisa que você acha que eu deva saber ou caso se lembre de alguma coisa – ele estava tirando um cartão de visita da carteira e o entregou para mim com aqueles olhos castanhos expressivos –, me ligue, dia ou noite. Meu celular está aí no cartão.

– Hã... Tá certo – respondi, pegando o cartão. Ele tirou os olhos de mim e encarou Hawk.

– Você tem a gravação?

– Claro – respondeu Hawk.

– Você conhece o cara? – insistiu Lawson.

– Não vi a fita – respondeu Hawk –, mas meus homens não conseguiram identificá-lo. Vou dar uma olhada quando voltar à base.

– E o carro? – continuou Lawson.

– Conferi a placa. É roubado – respondeu Hawk.

– É pedir muito se você pudesse nos mostrar esta gravação? – insistiu Lawson.

– Já mandei por e-mail para vocês – devolveu Hawk.

– Gravação? – Meu pai se meteu e Hawk olhou para ele.

– Tenho um negócio, e parte do que eu faço é segurança. Gwen e eu estamos conectados o tempo todo. Coloquei câmeras por aqui. Ela é monitorada 24 horas por dia, sete dias por semana. Algumas semanas atrás instalamos mais câmeras para monitorar a rua também. Temos a fita do cara que invadiu a casa.

Papai me apertou contra ele novamente, e seu rosto, que estava ligeiramente atordoado enquanto Hawk e Lawson conversavam, voltou a sorrir com o pensamento de um cara do Exército monitorando minha casa num esforço de me manter segura.

O que ele não sabia era que significava um esforço para ficar de olho em mim.

Olhei para papai e depois para Hawk, franzindo os olhos.

– Bax, você acha que isso tem a ver com Ginger? – sussurrou Meredith, e olhei para minha madrastra com olhos arregalados.

Ela possuía uma vasta cabeleira cacheada, louro-acobreada, que agora exibia alguns fios brancos, muito atraentes. Tinha um rosto de duende bonitinho, um narizinho arrebitado e olhos azuis da cor da centáurea. Com seus 1,65m, ela era pequena, pelos menos uns sete centímetros mais baixa do que eu, e uns vinte mais baixa que meu pai, e isso significava que podia usar salto alto à vontade, o que ela fazia quase o tempo todo. Mesmo agora, no meio da noite, para atender o chamado de sua enteada cuja casa tinha sido invadida, ela estava usando umas botas estilosas, de salto alto. Ela me ensinou a usar salto alto e me ensinou sobre estilo; em outras palavras, me ensinou como criar um estilo próprio, o que, com o encorajamento dela, consegui fazer.

O rosto de papai se crispou. Ele olhou para os dois homens e declarou:

– Eu tenho outra filha e ela...

Hawk interrompeu o pronunciamento.

– Nós sabemos sobre Ginger, e é provável que a invasão à casa de Gwendolyn tenha a ver com as atividades recentes dela.

O corpo inteiro de papai se enrijeceu ali, ao meu lado, e Meredith soltou um pequeno gemido.

E eu? Bem, eu perdi o controle.

Saí de debaixo do braço de papai, agarrei a mão de Hawk e disparei:

– Posso falar com você um segundo?

Não esperei que ele respondesse. Virei-me e o puxei para fora da cozinha, passando pela sala de estar. Depois subi as escadas, atravessei o corredor e entrei no meu quarto. Fechei a porta e ela rangeu. Depois me virei, soltei a mão de Hawk e me postei bem na frente dele, na ponta dos pés para ficar na mesma altura do seu rosto.

– Por que você está fazendo isso? – As palavras saíram junto com a minha expiração.

Ele ficou parado olhando para mim.

– Fazendo o quê?

– Contar a eles sobre Ginger?

Agora eu estava gritando, mas ainda no controle de minha respiração.

– Baby – respondeu ele, e depois não disse mais nada.

– Baby? Essa é a sua resposta? – perguntei com firmeza. – Você não pode contar a eles sobre Ginger.

Ele franziu as sobrancelhas.

– Por que não?

– Porque eles vão ficar muito chateados e preocupados. Vou repetir, isso vai deixá-los *muito chateados* – retruquei.

Ele colocou as mãos nos quadris e respondeu:

– Minha flor, se eu sou pai de duas filhas que estão com problemas, eu iria querer saber disso e não ficaria nem um pouco feliz que me escondessem alguma coisa.

– Talvez, mas eu sou a filha com a irmã que está com problemas, e sei mais da minha dinâmica familiar do que você. Você pode pensar que iria querer saber, mas, confie em mim, papai *não* quer saber e, o que é mais importante: Meredith *não deve* saber de nada.

– Você tem que contar a merda toda para eles – ordenou ele, e senti uma fisgada na têmpora quando aproximei meu rosto do dele.

– Não me diga como lidar com minha própria família – grunhi entre dentes.

– Posso manter você a salvo, Gwen, e vou, mas não vou desperdiçar minhas energias limpando a merda que sua irmã fez. Ela não vai conseguir nenhum milagre, as coisas vão ficar ruins para ela. Eles têm de saber que há uma possibilidade bem forte de isso acontecer.

Eu ainda tinha muito o que falar, e então comecei atirando para todos os lados.

– É bom mesmo que você tenha levantado essa questão – eu disse. – Você não está fazendo *nada*, não apenas em relação a Ginger, mas também em relação a mim. Você pode tirar suas câmeras daqui e parar de ficar de olho em mim. E você e eu, está tudo acabado.

Ele sorriu e depois disse:

– Nós tivemos essa conversa mais cedo, baby.

– É, e você me disse que é você que acaba as coisas, mas você vive no mundo dos fodões e eu no mundo real, e no mundo real quando uma mulher diz que está tudo acabado, isso tem o mesmo peso de quando é dito por um homem.

Hawk percorreu meu rosto com os olhos.

Depois murmurou:

– Está vendo só, erro meu.

– O quê? – eu disse, quase gritando.

Ele me encarou, olhos nos olhos.

– Eu devia ter ficado um tempo sem trepar com você. Devia ter dado um tempo.

– O quê? – gritei novamente.

Ele levantou as mãos e foi aproximando-as do meu rosto. Imediatamente recuei a cabeça para me livrar delas e dei um passo para trás.

Então, e foi tudo tão de repente que fiquei sem ar, não sei dizer ao certo como tudo aconteceu, eu estava colada à parede por aquele corpo grande, forte, e ele estava segurando meu rosto de um jeito que não dava para eu me desvencilhar, e o rosto dele estava bem na frente do meu.

– Cinco segundos depois de eu deixar você hoje, as coisas entre mim e você mudaram – me informou ele com tranquilidade.

– Mudaram? – perguntei. – Como?

– Você tem atitude, o tipo de atitude que eu gosto. Então decidi que vou surfar na onda dessa sua atitude toda e ver como as coisas funcionam.

Pisquei. E depois pisquei outra vez.

– Você vai surfar na onda da minha atitude? – perguntei mesmo que, em primeiro lugar, eu não soubesse exatamente o que aquilo significava, então mesmo que ele tivesse dito aquela frase, eu não sabia ao certo como isso me afetaria. Em segundo lugar, eu não gostava de que ele estivesse falando que ia surfar qualquer coisa que tivesse a ver comigo.

– É – respondeu ele, e eu estava certa, eu não sabia o que aquilo significava. Eu só sabia o que significava para ele, que o que havia entre nós não tinha acabado.

– Você está certo – disse eu a ele. – Hoje mais cedo, as coisas entre mim e você mudaram, mas isso aconteceu uns cinco minutos *antes* de você ir embora. As coisas mudaram porque está tudo acabado entre nós.

Ele não tirou os olhos dos meus e não falou nada, mas balançou a cabeça.

– Preste atenção – exigi. – Acabei de saber seu nome, não seu nome de verdade, seu apelido. Acabei de saber que você tem um negócio, que você tem “homens” sob seu comando e que você vigia minha casa. Conheço você há mais de um ano e você nunca me disse nada disso. Não é assim que funciona para mim. Já não estava muito certo há muito tempo. Descobrir que você entrou na minha vida, que me investigou, que vem me vigiando sem que eu saiba, faz tudo não apenas não estar nada certo, mas estar muito, *muito* errado. Por isso, está tudo acabado entre nós.

Ele me observou por alguns instantes e percorreu a linha do meu queixo com o polegar.

– Estou vendo que você decidiu fazer a coisa errada.

– E eu estou vendo que você acha que estou fazendo a coisa errada porque não é a coisa que você quer que eu faça.

Ele sorriu e continuou:

– Você não entendeu nada, baby. Aquele calor nos seus olhos, a sua boca... – O polegar dele percorreu de novo a linha do meu queixo, e ele aproximou o rosto do meu, e quando falou novamente sua voz soou mais baixa e rouca. – eram... Toda vez que eu pensava em ver você, ficava excitado. Agora basta eu pensar em você para ficar excitado. Você quer lidar comigo mostrando que tem atitude, minha flor, e estou dizendo a você que esse não é o jeito certo de fazer isso porque sua atitude não corta o meu tesão.

– Pare de me chamar de minha flor – gritei porque eu estava ficando apavorada novamente e queria esconder isso.

O sorriso dele ficou mais largo.

– Isso mesmo – sussurrou ele. – Eu gosto disso.

– Afaste-se de mim – exigi, empurrando o peito dele com as mãos, embora sem conseguir fazer com que ele saísse do lugar.

– De novo, isso mesmo.

Mantive a boca fechada e olhei fixamente para ele.

Ele deu um risinho curto, divertido, grave, masculino.

Encostou os lábios nos meus e sussurrou:

– Gostosa!

E sendo eu quem era, em outras palavras, sendo eu a filha da minha mãe e um evidente caso perdido, senti que aquela palavra dita assim contra meus lábios produziu em mim um formigamento, um formigamento suave num lugar bem íntimo.

Merda!

Afastei minha cabeça da dele o centímetro que a parede me permitia e disse:

– Alôôô?!! Minha casa foi invadida, minha irmã está numa merda tremenda, e meus pais estão lá embaixo, e estamos no meio da noite... E tenho um monte de trabalho para fazer, e o lugar onde moro não

é seguro e preciso ir dormir para acordar amanhã de manhã com energia para assumir o controle da minha vida. Agora, você pode, por favor, se afastar?

Ele não se mexeu, mas suas mãos deslizaram do meu rosto para o meu pescoço e ele afastou um pouco o rosto do meu.

– Claro, baby, mas saiba que você não vai ficar aqui esta noite. Mande uma equipe para consertar a janela e você vem comigo.

Olhei para ele, surpresa com a notícia, e porque eu era mesmo um caso perdido, fiquei excitada com a ideia de ir com ele para onde quer que fosse. Nesse último ano e meio, eu ficava sonhando acordada durante o dia, pensando em onde ele vivia e o que fazia. A ideia de finalmente descobrir a verdade sobre ele, que droga!, eu tinha que admitir, era tentadora.

Mas fiquei esperta e afirmei:

– Papai vai consertar a janela para mim amanhã e vou ficar com ele e Meredith esta noite. É por isso que eles estão aqui.

Ele me ignorou completamente.

– Você vem comigo.

Sério! Esse cara...!

– Não, não vou.

– Vai sim, Gwen, você vai.

– Eu não *conheço* você. Eu só *trepo* com você. E não estou gostando nada do que estou sabendo de você agora. Invadiram minha casa ontem à noite e estou assustada à beça. Estou apavorada. Conheço bem meu pai e Meredith, e quero ficar com eles hoje à noite. Quero ficar num lugar que conheça, com pessoas que conheço, onde eu me sinta segura. Quero ir para casa.

Ele ficou me observando de novo e fez um outro movimento no meu rosto com o polegar, dessa vez percorrendo meu pescoço e, como eu era um caso perdido, achei bom.

– Estou vendo que você precisa mesmo disso, então vou deixar você ir – disse ele baixinho.

– Ah, eu agradeço por isso – respondi, em voz alta.

Ele sorriu.

Olhei fixamente para ele.

Ele continuou sorrindo e eu continuei encarando-o, e então ele murmurou:

– É, um desperdício completo.

Então ele baixou a cabeça e como eu não tinha para onde ir, não pude evitar que ele roçasse os lábios nos meus, fazendo-os formigar.

Ele levantou a cabeça e sussurrou:

– Fique esperta, minha flor. Meus homens vão vigiar sua casa e você pode voltar amanhã. Está bem?

Então ele acariciou meu pescoço novamente. E de novo gostei disso, mas antes que eu pudesse responder, ele me soltou e foi embora.

Fiquei ali com as costas na parede, olhando para o lugar onde ele estava, me perguntando como ele fazia para desaparecer assim em pleno ar, bem na frente dos meus olhos. Então me dei conta de que estava com a respiração acelerada.

Sacudi a cabeça, tentando me livrar de tudo aquilo, dizendo a mim mesma que não ligava a mínima para o fato de ele conseguir evaporar daquela maneira fascinante. Dizendo a mim mesma que o fato de ele ter homens sob seu comando, de ter pilotado Black Hawks, de ter uma “base” e um negócio que envolvia segurança e de ele ser chamado de Hawk também não era nem um pouco fascinante.

Fiquei dizendo a mim mesma que ele podia fazer o que quisesse, que eu ia fazer o que quisesse e que ele não podia me *fazer* fazer o que ele quisesse.

E tenho dito!

Então comecei a fazer a mala para ir passar a noite na casa de papai e Meredith. Fui até o banheiro para pegar minhas coisas, meu hidratante e o gel de banho, e de repente fiquei paralisada.

Não tinha percebido isso até aquele momento, parada ali no banheiro com os frascos na mão.

O perfume que eu usava sempre era de essência floral.

GOSTOSÔMETRO

Tem um coisa boa em ter sua casa invadida no meio da noite porque sua irmã era uma idiota e ter que telefonar aos seus pais para passar a noite na casa deles: se eles têm que levantar cedo no dia seguinte para trabalhar e você não, então você pode evitar toda aquela conversa de manhã em que eles vão querer saber tudo sobre a idiota da sua irmã, de como ela colocou você em perigo e você se colocou em perigo, por que você não contou tudo a eles desde o início e por que você estava mantendo em segredo seu namorado do Exército perfeito.

Logo, continuar a dormir era a maneira certa de evitar falar com papai e Meredith sobre tudo isso.

No entanto, quando entrei na cozinha para tomar café, encontrei um bilhete de papai em cima da bancada:

Gwen,

Jantar hoje à noite, às 18h em ponto. Esperamos você.

A janela da sua casa só deve ficar pronta daqui a uma semana, então vá pegar suas coisas.

Não desapareça ou vou ligar para Cam e mandar Leo atrás de você.

Com amor,

Papai

Dizem que os homens se sentem atraídos por mulheres que são parecidas com suas mães e que as mulheres se sentem atraídas por homens parecidos com os pais. Isso deve ser verdade, considerando que me sinto atraída por machões gostosos e mandões.

Meredith também tinha deixado um bilhete para mim:

Bom-dia, querida.

Tem bagels Einstein fresquinhos na geladeira. E cream cheese, o seu favorito.

Vejo você à noite.

Beijos,

Meredith

P.S. Não consigo nem dizer o quanto estou feliz por você depois que conheci o Hawk! Ele é tão lindo! Um doce! E está apaixonado! Uhuuu!!

Lindo? Um doce? Apaixonado? Tudo sublinhado? E... uhuuu?

Obviamente meu pai não tinha atração por mulheres como eu. Bom saber.

Depois de tomar café com bagels e de ler os bilhetes, levei mais tempo do que de costume cuidando da minha aparência, mesmo apenas para passar o dia inteiro sentada no computador, porque eu estava pensando o tempo todo em caras gostosos. Para trabalhar, geralmente eu usava calça de ioga, regatas ou camisetas e um casaquinho leve com capuz. Se fosse verão, eu trocava a calça por um short.

Naquela manhã, usei a maquiagem de Meredith e seu babyliss para encaracolar o cabelo. Eu não entendia muito bem por que ela precisava de um modelador de cachos se já tinha cabelos cacheados, mas Meredith tinha tudo o que tivesse a ver com ser mulherzinha, uma das razões pelas quais eu a adorava.

Enrolei meus cabelos compridos em uma massa de cachos e ondas, deixando uma mecha caída na frente do rosto. Depois me maquiei, algo que eu nunca fazia a não ser quando saía de casa. O resto não teve jeito. Eu havia apanhado minhas coisas no meio da noite depois de ter minha casa invadida e de encontrar um outro cara gostoso bem na minha sala e de ter uma outra discussão bizarra e irritante com Hawk, embora, infelizmente, um tanto excitante. Então eu estava de jeans, com uma camiseta azul-clara da Thrifty Stick, um loja de skatistas muito legal na Broadway Street. Eu não ando de skate, mas, como já disse antes, posso comprar qualquer coisa em qualquer lugar. A camiseta tinha uma caveira preta e ossos cruzados acima dos meus peitos, com um T e um S vermelhos e também listras vermelhas na gola e nas mangas. Para completar o visual, coloquei um cinto preto, botas e um cardigã fininho com capuz.

Gostei dos meus cabelos encaracolados e da maquiagem que fiz. Adorei também estar usando meus óculos escuros arrasadores, com aro de metal e lentes cinza semiespelhadas, quando dirigi até minha casa e vi um monte de motos e uma caminhonete grande e preta estacionadas na frente da minha porta.

Putá merda!

Segui até a entrada da garagem com o meu pequeno Hyundai azul, enquanto continuava olhando para o que parecia ser um exército de motoqueiros circulando pelo gramado e entrando e saindo da minha casa.

Obviamente minha casa não era nada difícil de ser invadida, como ficou provado na noite passada. E isso ficava ainda mais fácil pelo fato de agora só ter um papelão no lugar do vidro da janela. E também pelo fato de a porta estar toda escancarada e de o papelão ter sido arrancado. Na verdade, a janela inteira havia sido retirada.

E Tack estava no meu gramado junto com Dog. Ele estava usando uns óculos escuros espelhados bacanas também e olhava na direção do meu carro.

Eu mal tinha puxado o freio de mão quando ele se afastou de Dog e veio na minha direção. Por isso, quando desci, ele já estava na minha frente, me prendendo entre o carro e a porta.

Olhei para ele e fiz uma comparação rápida. Mais baixo do que Hawk e Lawson, ele sabia dar um trato nos pelos faciais. Mas, na véspera, eu não tinha imaginado coisas, não. No meu gostosômetro, Tack atingiria facilmente o nível mais alto e o gongo soaria no *máximo*.

– E aí? – cumprimentei-o, e minha voz saiu soproso.

– E aí, princesa? – respondeu ele, com uma voz firme e grave.

– Hã... o que você está fazendo aqui? – perguntei, aproveitando a oportunidade para dar uma olhada na minha casa e ver um motoqueiro com uma trena, tirando as medidas da minha janela.

– Ouvi dizer que você teve um visitante indesejado ontem à noite – disse Tack, e olhei para ele de volta.

– Mais ou menos, ele foi... hã, digamos, interrompido antes que eu pudesse... hã... oferecer a ele um pouco da minha massa de cookies com chocolate – disse eu.

Isso me fez ganhar um sorriso com dentes brancos no meio de um cavanhaque grisalho. Disse a mim mesma para deixar de bancar a sarcástica porque aparentemente caras metidos a fodões gostam de mulheres sarcásticas.

E então Tack disse:

– Você não me ligou.

– Hã... Não, eu não liguei para você – concordei.

– Eu falei pra você ligar. Se você tivesse algum problema, era pra me ligar – insistiu ele.

Olhei com meus óculos escuros para os óculos escuros dele. Ele não parecia um motoqueiro raivoso. Ele não estava sendo assustador. Quando era assustador, eu podia ver, ouvir e *sentir* isso.

Decidi não responder.

Tack continuou:

– Como ouvi dizer que você teve um probleminha e como você não me ligou, fiquei imaginando então que você é o tipo de mulher que quer que o homem tome a iniciativa. Então estou tomando a iniciativa.

Olhei para os motoqueiros no gramado e na minha porta. Depois olhei de novo para Tack.

– Me desculpe, esqueci. E acho que meu telefone está sem bateria.

– Não, garota. – Ele inclinou a cabeça para o lado, mostrando os motoqueiros. – Estou tomando a iniciativa.

Olhei para os motoqueiros de novo e depois para Tack. E então percebi que essa era a maneira que ele tinha encontrado de mostrar que estava interessado em mim e pretendia fazer alguma coisa a respeito.

Hum. Uau!

– Ah – sussurrei.

Eu estava pensando que aquilo não era bem uma coisa boa e, ao mesmo tempo, sentindo um calor pelo corpo todo e uma tonteira. Ouvi o barulho do motor. Virei-me e vi um Chevrolet Camaro cinza-escuro lindaço, modelo novo, parando bem atrás da van preta. Logo atrás dele veio uma outra van preta, mais nova, e mais linda, mais cara e mais brilhante.

A porta do Camaro se abriu e Hawk saiu de dentro do carro, também usando óculos escuros. Os dele eram de pilotos de avião e eram muito mais lindos do que o Camaro, e o Camaro era sexy demais. Da van saíram alguns homens musculosos, vestindo calças cargo e camisetas apertadas de mangas compridas.

Os óculos escuros de Hawk estavam voltados na nossa direção.

Epa.

Eu estava errada. Isso é que não era bem uma coisa boa. Eu não estava mais sentindo aquele calor pelo corpo todo nem aquela tonteira.

Ouvi a porta de um carro bater do outro lado da rua e me inclinei um pouco para olhar o que acontecia por trás de Tack. Vi um veículo da polícia parado, com luzes azuis e vermelhas no teto e, atravessando a rua com seus próprios óculos escuros de aro de metal supersexies, lá vinha o detetive Mitch Lawson.

Super, mega *epa* em dobro.

Meu gostosômetro começou a apitar como um louco quando aqueles tesões vieram na minha direção e na de Tack, de lados opostos.

Nossa, eu estava satisfeita por ter frisado o meu cabelo.

Tack se virou, mas não saiu da minha frente enquanto eles vinham se aproximando.

O que eu ia fazer agora?

Decidi bancar a indiferente, mas havia um problema nessa história: eu não estava nem um pouco indiferente àquilo tudo.

Hawk chegou perto de nós primeiro e não tirou os óculos de mim quando ele parou a alguns centímetros de nós.

– Oi, baby – me cumprimentou ele, e sua voz estava um pouco mais alta, de um jeito que me dizia que ele não estava de bom humor naquela manhã.

– E aí – cumprimentei também.

Lawson se juntou a nós, ficando do lado de Hawk de modo que pudesse ter uma boa visão de mim. Passou os óculos escuros por Tack antes de pousá-los em mim.

– Bom-dia, Gwendolyn – cumprimentou ele, ignorando Hawk e Tack.

– Hã, bom-dia – cumprimentei também.

– Você dormiu bem? – perguntou Lawson.

– Não muito – respondi com honestidade.

– Conheço um remédio para isso – intrometeu-se Tack.

Dois pares de óculos escuros se viraram na direção dele. E os meus também. Ele estava com os braços cruzados no peito e sorrindo.

Merda.

Nesse momento, Hawk já tinha acabado.

Ele apontou um dedo para Tack e depois para Lawson, dizendo:

– Você e você. Quero falar com os dois.

Imaginei que ele era provavelmente a única pessoa no planeta que poderia fazer uma coisa dessas com aqueles dois caras.

Ele deu um passo para trás, e tanto Lawson como Tack o seguiram. Eu comecei a andar também, porque queria ir direto, correndo, para dentro de casa.

E Hawk, que tinha se virado para ficar ao lado de Lawson e Tack no gramado na frente da minha casa, disse:

– Baby, fique aí.

Pisquei os olhos várias vezes por trás dos óculos escuros.

E aí perdi a cabeça.

– Eu não sou um cachorro – gritei bem alto.

Um segundo antes, ele estava a mais ou menos um metro e meio de distância. Agora ele estava me imprensando contra meu carro.

– Ou você fica ou vou levar você para meu carro e algemá-la ao volante. Pode escolher. Você tem dois segundos.

Eu tinha razão. Alguém não estava de bom humor hoje.

– Tem um oficial da polícia aqui. Acho que ele não vai gostar nada de ver você me levar para seu carro e me algemar ao volante – informei a ele.

– Lawson me conhece, e Tack também. E lhe prometo, minha flor, vou fazer o que tiver que fazer para lidar com minha mulher, porque não vou deixar nenhum outro homem aqui levantar um dedo sequer para ajudá-la.

Eu não sabia se acreditava ou não no que ele estava dizendo, mas do jeito que ele disse eu é que não ia pagar para ver. As coisas já estavam tensas o suficiente. Eu não precisava de uma guerra entre motoqueiros e a força-tarefa do Exército bem ali, no gramado na frente da minha casa, e Lawson chamando seus colegas policiais para intervir.

Então desisti de fazer o que pretendia, mas não deixei barato.

– Você acabou de cair dois pontos no meu gostosômetro – informei a ele, de modo arrogante.

– Vou sobreviver – devolveu ele e me virou as costas.

Enquanto ele caminhava para onde Lawson e Tack estavam, observando Hawk e a mim, andei até meu carro, dei um pulinho e me sentei em cima do capô, cruzando os braços no peito.

Os motoqueiros e os homens de Hawk desviaram o olhar de mim para aquele grupinho de machões. Quanto a mim, apenas fiquei olhando aqueles três caras gostosos conversando, com os rostos tensos e os olhos grudados uns nos outros. Ou melhor, com as lentes escuras grudadas umas nas outras. A conversa foi tensa, mas durou apenas uns três minutos. Não cronometrei, mas meu palpite era que tinha durado ainda menos tempo.

E então eles se separaram. Lawson foi na direção do seu próprio carro, mas acenou discretamente para mim. Tack assobiou e estalou os dedos e os motoqueiros começaram a se movimentar rapidamente, saltando nas motos ou entrando na van. Os olhos de Tack vieram na minha direção e ele bateu com dois dedos na testa, fazendo uma espécie de continência, e depois montou na sua própria moto. Lawson deu a partida no carro e as Harleys começaram a roncar. Depois que eles foram embora, Hawk interrompeu a conversa com um rapaz esguio, magro e bem bonitinho que era quase uns sete centímetros mais baixo que

ele e veio até mim enquanto seus homens descarregavam o que pareciam ser caixas de equipamento.

Saltei do capô do carro e fiquei na frente dele.

– Acabei de acrescentar o motivo número 372 à lista de por que está tudo acabado entre nós – anunciei.

– Já tivemos essa conversa duas vezes, não vamos começar de novo – retrucou Hawk, as lentes dos óculos escuros agora coladas nas dos meus. – Noite passada, meus homens tiraram as medidas da sua janela. Vão cortar um vidro novo para pôr no lugar. Agora eles vão trabalhar no sistema de segurança. Isso vai levar alguns dias. Até lá, você vai ficar comigo.

– Tarde demais. Eu já tenho um machão me dizendo onde vou dormir esta noite.

Percebi que seu corpo inteiro se retesou. Parecia que até o ar em volta dele estava em alerta vermelho, mas consegui não dar um passo para trás.

– E quem seria esse cara? – perguntou ele numa voz baixa e assustadora.

– Meu pai – respondi com uma voz arrogante.

O corpo dele relaxou e o rosto também e ele sorriu, exibindo as duas covinhas.

– Tudo bem, isso eu permito.

Sério, dá para acreditar num cara desses?

– Tá bom, sei que você tem uma audição seletiva para tudo o que eu digo, e que bloqueia partes inteiras, mas preste atenção. Primeiro, diga aos seus homens que parem de fazer o que estão fazendo. Papai está consertando minha janela e não quero nenhum sistema de segurança instalado por você. Segundo, não sei o que foi que vocês conversaram naquela rodinha, mas obviamente você ganhou, o que faz você pensar que pode vir até aqui e mandar em mim, mas você está *redondamente* enganado. Não apenas porque não sou sua mulher, mas também porque não gosto que mandem em mim, de jeito nenhum. Nunca. E por último, sério, juro por Deus, juro por *Deus*, está... tudo... *acabado*... entre nós.

Quase não consegui dizer a palavra “acabado”, porque ele tirou os óculos escuros, e depois tirou os meus também e jogou os dois em cima do capô do meu carro. Fiquei tão surpresa com essa manobra que não consegui nem me mexer, por isso ele pôde executar a manobra seguinte sem nenhuma resistência. Quando dei por mim, estava com o corpo colado no dele. Ele me apertava contra si, com um dos braços ao redor da minha cintura, e com a outra mão segurava minha cabeça e me inclinava ligeiramente para trás, colando a boca na minha.

Isso era um problema.

Havia uma razão pela qual eu nunca tinha chutado Hawk para fora da minha cama, e essa razão era porque, normalmente, antes que eu pudesse falar, ele começava a me beijar.

E ele beijava *muito* bem. Ele podia fazer um monte de coisas com as mãos, a boca e outras partes de sua anatomia que eram alucinantes, mas, mesmo que estivesse sempre apenas me beijando, já teria sido demais, era como se agora eu fosse completamente insensível a qualquer outro homem.

É, ele era tão bom assim. Mesmo.

Por isso, quando ele finalmente fez menção de levantar a cabeça (e mesmo isso sendo meio humilhante, deixei que me beijasse o tempo que quisesse), pus meu braço bem apertado nas costas dele e segurei o seu pescoço com firmeza. Enquanto a língua dele girava dentro da minha boca, isso era tudo o que eu conseguia fazer, apenas segurá-lo com força.

– Está tudo acabado entre nós, minha flor? – sussurrou.

– Eu não gosto de você – sussurrei de volta, ainda o segurando firme.

Ele deu aquele risinho curto, divertido e masculino de novo, tirou a mão dos meus cabelos, colocou o braço em volta dos meus ombros e depois me apertou ainda mais contra ele.

– Tenho coisas para fazer agora, meus homens vão ficar trabalhando aqui. Volto mais tarde, para levar você para almoçar.

Levar-me para almoçar? Nós nunca saímos juntos e agora ele estava dizendo como quem não quer nada que ia me levar para almoçar?

– Não posso ir almoçar com você. Tenho três trabalhos para entregar e só consegui me dedicar a isso apenas algumas horas ontem. Vou ter que meter a cara se quiser cumprir os prazos. Vou comer qualquer coisa enquanto trabalho.

– Então trago alguma coisa para nós dois. O que você quer?

Meu Deus! O que estava acontecendo com esse cara?

– Tenho comida na geladeira.

– Tom yum goong e um pad thai do J's? – perguntou ele, e fiquei encarando-o com os olhos arregalados.

Dois dos meus pratos favoritos. Eu tinha muitos pratos favoritos, mas a sopa tom yum goong e o pad thai do J's, meu restaurante tailandês preferido, estavam no topo da lista. E eu normalmente pedia esses pratos para viagem para comer enquanto trabalhava, quando tinha muito trabalho pela frente.

Continuei olhando para ele, só que agora eu estava franzindo os olhos.

– Como é que você sabe tanta coisa a meu respeito?

Ele não respondeu minha pergunta, mas não era necessário porque estava mais do que claro que tinha ficado me espreitando como... bem, como o *falcão* que era.

Em vez disso, me fez outra pergunta.

– Você não dormiu na noite passada?

– Minha casa foi invadida – lembrei a ele.

– Pensei que você tivesse ido dormir na casa do seu pai para se sentir segura – respondeu ele.

– Estava me sentindo segura lá, mas ainda assim fiquei me virando de um lado para outro na cama porque, quando fechava os olhos, via a mão daquele homem empurrando a porta do meu quarto, e estava muito preocupada de ter que quebrar o globo do meu gatinho feliz, acertando a cabeça dele.

Ele me apertou contra ele um pouco mais.

– Isso foi ontem à noite, baby. Hoje é outro dia. Você está bem. Acabou. Tire isso da cabeça.

Ele estava bêbado ou o quê? Será que acreditava seriamente que eu podia fazer isso? Que uma mulher pudesse fazer isso? Eu teria de me livrar de pelo menos 25 anos de paranoia com alguém invadindo minha casa, antes de conseguir tirar tudo isso da cabeça.

– Não é tão fácil assim – informei a ele.

– É fácil, sim.

Encarei-o.

Ele sorriu para mim, com aquelas covinhas. Merda, eu gostava daquelas covinhas.

Hora de focar no trabalho.

– Preciso de um café. E preciso ligar meu computador e começar a trabalhar.

– É – murmurou ele abaixando a cabeça, e, antes que eu pudesse me esquivar, ele roçou os lábios nos meus. Depois disse, murmurando novamente: – Mais tarde. – E me soltou, e ainda encostou todo o corpo no meu para pegar os óculos escuros em cima do capô. Depois foi andando cheio de marra até o Camaro, com aquele jeito de valentão, acenando com o queixo para os homens sob seu comando. Em seguida entrou naquele carro lindão e deu o fora dali.

Fiquei parada ao lado do meu carro por algum tempo, observando a rua onde eu o tinha visto pela última vez com uma só palavra na cabeça.

Merda.

Então peguei meus óculos escuros, desviei-me dos homens que estavam na porta para entrar em casa e fui fazer uma jarra cheia de café. Quando o café ficou pronto, ofereci-o aos homens de Hawk. Alguns deles aceitaram.

Então, finalmente, fui para o escritório e liguei o computador.

RESGATE

Depois de um tempo em minha zona de conforto, eu havia conseguido me concentrar no trabalho mesmo com um bando de policiais perambulando pela minha casa, quando de repente senti os meus cabelos sendo retirados de um lado do ombro, passarem por trás de pescoço e se alojarem no outro ombro.

Senti então lábios tocando atrás de minha orelha.

Um estremecimento delicioso irradiou da orelha pelo corpo todo e meus olhos viram a tela do computador à minha frente embaçar-se, à medida que eu ia perdendo a concentração no que estava fazendo e ia sendo alegremente arrastada para uma zona completamente diferente. Os lábios afastaram-se da minha orelha e, ainda atordoada, vi um saco de papel pardo e uma sacola plástica branca em cima da mesa, bem ao lado do teclado. Olhei a barra à direita, na parte inferior da tela. Eram 12h47.

Hora do almoço.

Girei a cadeira e dei de cara com Hawk bem ali, olhando para mim, abrindo o saco de papel.

Eu não disse nada porque estava ocupada demais sentindo aquela emoção toda. Porque tudo aquilo era exatamente como eu tinha sonhado várias vezes. E quando digo isso, quero dizer que eu já tinha imaginado tudo aquilo, e agora estava acontecendo.

Ok, talvez não com a comida tailandesa, mas muitas e muitas vezes eu me alheava e ficava devaneando como seria se o Estranho aparecesse na minha casa à luz do dia, chegando silencioso por trás de mim, enquanto eu lavava a louça, e me envolvendo em seus braços. Ou enquanto eu estava no chuveiro, e ele vinha se juntar a mim.

Ou enquanto eu estava trabalhando e ele aparecia sorrateiramente e beijava meu pescoço.

Do jeito que eu gostava, no lugar em que eu gostava.

Exatamente como ele fez agora.

Do jeito que eu gostava, no lugar em que eu gostava.

E foi melhor do que um devaneio. Não só porque a comida do J's era um acréscimo bem-vindo, mas porque era real.

Droga.

Ele começou a tirar a comida de dentro do saco de papel enquanto eu tentava me recompor. Primeiro um copo de papelão tampado, com a sopa, e depois um recipiente com o macarrão. Os dois, que eu conhecia muito bem da minha larga experiência de pedir comida para viagem no J's, eram para mim. Depois vieram os pauzinhos embalados em papel e em seguida ele retirou o outro recipiente para ele, jogou o saco de papel no chão e abriu a sacola de plástico que tinha uma logomarca conhecida vermelha,

laranja e verde. Tirou de lá uma garrafa de água, para ele, e uma lata de refrigerante diet de uva que colocou ao lado da minha comida.

Olhei para o refrigerante e depois para ele.

– Você andou me seguindo? – perguntei.

– Algumas vezes – respondeu ele, e continuei olhando para ele, apertando os olhos. – Noutras, foram meus homens.

Ele se virou, andou até o sofá, se sentou, colocou a garrafa de água na mesinha ao lado e abriu a embalagem.

– Então quer dizer que você tem um arquivo bem grande e gordo sobre mim na sua base? – perguntei, rasgando o envelope dos pauzinhos e tirando a tampa do copo de sopa.

– Não – respondeu ele. – Apenas relatórios orais. “Ela foi ao J’s e pediu sopa e macarrão. Depois foi ao 7-Eleven e pediu um refrigerante diet de uva.” Essas merdas.

Surreal.

– Por quê? – perguntei.

– Por quê? – repetiu ele.

– Por que você e seus homens estão me seguindo?

– Baby – ele começou a responder e então enfiou os pauzinhos no próprio macarrão como se isso não fosse nada de mais, ele e os seus homens ficarem me seguindo, fazendo relatórios sobre minhas comidas e bebidas preferidas, se intrometendo na minha vida sem o meu conhecimento. Então meus olhos se fixaram na embalagem em sua mão. Ali havia apenas macarrão e legumes. Sem molho. Sem castanhas. Sem pedacinhos de amendoim. Sem camarões suculentos. Sem nenhuma das coisas boas. Apenas macarrão com legumes.

Lembrei da primeira vez que o vi quando estávamos num restaurante. Ele tinha no prato um bife, batatas assadas e legumes no vapor. Lembro de ter reparado, um tanto ou quanto bêbada, que não havia nada em cima das batatas no prato dele. Nada. Nem creme. Nem bacon. Nem queijo ou mesmo manteiga.

– O que você está comendo? – perguntei.

– Macarrão com legumes – respondeu ele, destacando o óbvio, e depois enfiou um pouco da comida na boca com os pauzinhos.

– Só macarrão com legumes?

Ele mastigou o que tinha na boca, engoliu e disse:

– É. – E então enfiou mais um bocado na boca.

– Sem molho? – insisti.

Ele mastigou outra vez e engoliu de novo.

– Baby, eu comia como você e estava ficando barrigudo. No meu trabalho, não posso ficar barrigudo. Senti minha pressão subir.

– Você está dizendo que estou gorda?

Suas duas covinhas ameaçadoras surgiram instantaneamente, e os pauzinhos cheios de macarrão e legumes ficaram a meio caminho da boca.

– Minha flor, você come de um jeito que vai fazer seus peitos e sua bunda crescerem. Isso é bom porque gosto de peitos e bunda. E é ruim porque Tack e Lawson também gostam de peitos e bunda tanto quanto eu. – Ele então enfiou um bocado de macarrão e legumes na boca e falou com a boca cheia: – O Tack, talvez mais ainda.

Merda.

– Preciso me concentrar no trabalho – anunciei.

Ele esticou as pernas compridas à frente e cruzou os tornozelos, mostrando claramente que planejava ficar ali por algum tempo. Depois disse:

– Então se concentre.

Olhei para ele. Aquilo era bem difícil com ele ali, todo refestelado no meu escritório daquele jeito. Tracy e eu pintamos as paredes de branco, mas eu tinha pedido ao atendente da loja de tintas para misturar um pouco de laranja no branco, para que o branco tivesse um tom um pouco mais quente. Minha mesa de trabalho era comprida, branca, brilhosa, estreita e feminina. As prateleiras brancas na parede também eram bem femininas. Meu sofá era macio, cor de salmão, coberto de almofadas amarelo-esverdeadas e azul-pavão. Havia uma luminária de vime e outras de cerâmica, brancas, circulares, reproduzindo padrões de renda. Não era enjoativamente fresco, tudo rosa e com babados, mas definitivamente era um ambiente feminino.

Sentado no meu sofá daquele jeito, Hawk parecia um invasor que saboreava uma refeição, recuperando as forças antes de violentar as mulheres e pilhar as riquezas. Só que ele não precisaria violentar ninguém: todas as mulheres da cidade fariam fila para dar para ele.

Merda.

Girei a cadeira para ficar de frente para a mesa e cheirei a sopa. Capim-limão. Huummm. Mexi a sopa com os pauzinhos e bebi um gole do caldo.

E então perguntei para Hawk, com os olhos grudados na tela do computador.

– Como é seu nome de verdade?

– Cabe Delgado.

Respondeu sem hesitar, e virei rapidamente a cabeça na direção dele, surpresa.

– Cabe Delgado?

Ele enfiou mais macarrão na boca e não respondeu.

– Que nome é esse? – perguntei.

Ele engoliu e pegou mais macarrão, murmurando:

– Sei lá. Minha mãe é maluca.

A mãe dele era maluca.

Interessante.

– Delgado é mexicano? – insisti.

– Porto-riquenho – respondeu, de novo sem hesitar.

– Você é porto-riquenho?

– Olhe só para mim, baby. Um escandinavo puro-sangue é que eu não sou.

Não, definitivamente não era mesmo.

– Você nasceu em Porto Rico?

– Não. Em Denver.

Ah, natural de Denver. Coisa rara. Surpreendente.

Eu, por exemplo, não tinha nascido em Denver. Papai, Meredith, Ginger e eu nos mudamos de Dakota do Sul para Denver quando eu tinha dez anos, mas não revelei a informação porque provavelmente Hawk já sabia disso.

– Então seus pais são de Porto Rico?

– Meu pai é. Minha mãe é metade italiana, metade cubana.

Era de se esperar. Porto-riquenho, italiano, cubano – a mistura perfeita para um cara gostoso e mandão, um coquetel foda.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– É assim que você se concentra no trabalho?

Alguém tinha pedido a opinião dele?

Voltei-me para o computador, mexendo a sopa com os pauzinhos. Pesquei um camarão bem grande e o comi.

Fresco, apimentado, brilhante.

Tomei outro gole de sopa. Depois tentei me concentrar no trabalho com Cabe “Hawk” Delgado estirado no meu sofá. Não era de admirar que eu não conseguisse trabalhar, mas felizmente consegui fingir que conseguia.

Terminei a sopa, deixando pedaços que não consegui identificar no fundo. Eu adorava aquela sopa, mas aqueles pedaços de coisas que eu não sabia o que era me deixavam maluca e eu nunca os comia. Tomei um gole do refrigerante de uva me preparando para a próxima delícia da culinária tailandesa. Abri a embalagem do meu macarrão quando Hawk se aproximou da minha mesa, se curvando para pegar o saco de papel que estava no chão.

Ele enfiou a embalagem da comida dele no saco enquanto eu fingia que o ignorava. Ele estava apanhando o copo da minha sopa quando ouvi alguém chamar:

– Hawk!

Virei-me e vi um rapaz, que suspeitei ser o Número Dois de Hawk. Ele era muito magro, com uma cicatriz no rosto, e tinha sido com ele que Hawk falara mais cedo, do lado de fora da casa. Ele parecia ser do mesmo coquetel étnico de Hawk e, ainda que fosse mais baixo e mais magro, imaginei que não era o tipo de cara com quem alguém devia se meter, afinal ele me dissera que se chamava “Smoke” e tinha

uma cicatriz que ia da têmpora até a raiz de seus cabelos pretos.

– Temos companhia – disse ele a Hawk, sem em nenhum momento desviar os olhos para mim, nem por um instante sequer, e depois, como seu nome indicava, *puf!*, desapareceu.

Hawk andou pelo escritório, colocando o copo da sopa dentro do saco e o saco dentro da lata de lixo antes de sair. Fui atrás dele, deixando o macarrão sobre a mesa.

Quando estávamos no corredor, Hawk parou de repente e se virou, eu quase dei de cara com ele.

Dei um passo para trás e, antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele me perguntou:

– Será que posso dizer para você ficar aqui e você não me desobedecer mais uma vez?

– Sem chance – respondi.

Ele me olhou por um segundo, balançando a cabeça como se *eu* estivesse me intrometendo na visita que *ele* estava recebendo na casa *dele*, e não ao contrário, afinal, era *eu* que iria descer as escadas da droga da *minha própria* casa para receber alguém que tinha vindo *me* ver. Então ele se virou e começou a descer as escadas.

Eu o segui e ouvi a voz dele antes de vê-lo.

Lembrei que era quarta-feira e que às quartas à tarde Troy vinha me visitar. Nós sempre nos encontrávamos naquelas tardes para tomar um café ou uma cerveja ou qualquer outra coisa, porque era quando Troy estava de folga pois trabalhava sábado pela manhã.

Merda.

– Quem são vocês? – perguntou Troy enquanto eu descia as escadas. – Onde está Gwen?

Ele entrou no meu campo de visão, mas nesse momento Hawk também entrou no *dele*. Troy ficou olhando com os olhos arregalados para Hawk, mas acho que qualquer um o olharia assim, sendo Hawk quem era. De repente Troy se sacudiu como se tivesse saído de um transe.

– Gwen, meu bem, o que está acontecendo? Você não me disse que iam fazer uma obra aqui.

– E aí, Troy? – cumprimentei parando ao lado de Hawk e na frente de Troy, mas a uma distância prudente de quase meio metro de ambos.

Hawk, no entanto, não gostou dessa distância entre nós e deixou isso bem claro quando fez com que eu me aproximasse dele. Ele fez isso, agarrando meu braço e me dando um puxão, de modo que não tive opção a não ser cambalear para o lado, dando um encontrão nele. Depois disso, Hawk colocou o braço sobre meus ombros.

– Quarta-feira – murmurou Hawk quando terminou sua performance, os olhos fixos em Troy. – Merda, esqueci.

Troy olhou para Hawk e depois para mim. Depois voltou a olhar para Hawk e para mim, e fez isso com os olhos muito arregalados e a boca aberta, do mesmo jeito que, eu suspeitava, fiquei em mais de uma ocasião recentemente.

No entanto, não tentei me desvencilhar do abraço de Hawk porque fui catapultada naquele instante de volta para o dia de ontem, quando Hawk me disse que Troy queria mesmo era me comer, e então fiquei

ali, olhando fixamente para ele e fazendo uma espécie de comparação. Troy tinha cabelos louros e olhos azuis. Estava vestindo o terno que usava para trabalhar no banco, onde era gerente de empréstimos. Não era alto nem baixo, mas era mais alto que eu. Seu corpo não era dos piores, mas não se podia dizer que fosse musculoso nem com muito esforço de imaginação. E estava tão distante de ser como um soldado que não dava nem para achar graça.

Por fim Troy conseguiu manter os olhos em Hawk e perguntou:

– Quem é você?

– Ele é... – comecei a responder, mas Hawk falou por cima de mim.

– Hawk. Namorado de Gwen.

Merda. Eu queria que ele parasse de dizer isso.

– Namorado de Gwen? – sussurrou Troy, e agora o rosto dele tinha empalidecido completamente.

Merda de novo.

– Troy, não é o que... – comecei novamente.

Troy virou o rosto muito pálido na minha direção.

– Você está namorando ele?

– Bem... hã...

– Gwennie!

Todos nós ouvimos o berro e, pela porta da frente, Tracy adentrou o recinto.

Troy se virou para a porta e todos os homens de Hawk ficaram paralisados como mortos. Isso acontecia sempre que Tracy Richmond adentrava os recintos, e não fiquei nada surpresa de ver que mesmo aquela tropa de homens não era imune ao charme dela.

Ela parecia uma modelo, sem brincadeira. Era alta, mais alta do que eu uns sete centímetros. Tinha cabelos louros naturais, longos e lisos como uma folha de papel, e olhos verdes brilhantes. A estrutura óssea era perfeita e o rosto simétrico. Era magra e esguia, pernas e braços longos e graciosos. Não era uma mulher só peitões e bunda. Ela era um modelo de beleza humana. Estilistas do mundo inteiro chegariam ao êxtase completo se a vissem. Era por isso que toda loja de roupa de Denver a contratava, muito embora ela fosse um tanto volúvel e se cansasse com facilidade do que fazia, de modo que o tempo médio em que ela permanecia no emprego girava em torno de onze meses. Se ela dissesse que alguma coisa lhe caía bem, você logo imaginaria que era como ela, porque ia desejar ser ela com todas as forças do seu ser, e você acreditaria naquilo e compraria o que quer que fosse.

– Cam me ligou e disse que o Leo contou a ela que tinham invadido sua casa – foi falando Tracy, e parou ao lado de Troy quando se deu conta de Hawk. Ficou de olhos arregalados, boquiaberta e olhando fixamente para ele. Então, antes que eu pudesse fazer alguma coisa, ela entendeu tudo errado. Seu rosto se iluminou de puro prazer e ela gritou:

– Ah, meu Deus!

Depois deu um salto e bateu palmas. Os homens de Hawk acompanhavam aquele show. Ela olhou para

mim e agarrou minha mão, pulando.

– Gwennie! Viva! – gritou ela.

Merda!

Eu agarrei a mão dela também e apertei firme.

– Trace, não é o que você está....

Antes que eu pudesse terminar, ela largou minha mão e olhou para Hawk de novo.

– Eu conheço você. Sei tudo sobre você. Cam me ligou ontem à noite para dizer que você tinha aparecido de dia e que a casa de Gwennie tinha sido invadida à noite, e aqui está você! Para protegê-la. Viva!

Merda, merda, *merda!*

– Trace...

Ela olhou para mim.

– Eu lhe disse, não lhe disse?

Ela olhou para Hawk e informou a ele:

– Eu disse a ela, tipo, um bilhão de vezes.

– Sua casa foi invadida?

Troy interrompeu a alegria de Tracy. Parei de olhar para Tracy e fiquei olhando para Troy.

– Hã... é, mas não foi nada grave – menti.

– Sua casa foi invadida? – repetiu Troy.

– É por isso que todos esses caras estão aqui? – perguntou Tracy, quase fazendo um giro de 360 graus com a cabeça para ver os homens de Hawk. Depois ela olhou para mim.

– O que eles estão fazendo? Construindo uma fortaleza?

– Eles estão instalando um sistema de segurança – respondeu Hawk.

O rosto de Tracy imediatamente se fechou com a notícia, e ela olhou para mim de novo.

– Ah, querida, isso significa que você não vai ter dinheiro para comprar aqueles sapatos Jimmy Choo que você está doida para comprar??!! Não posso mais escondê-los. Alguém vai notar.

Aquela era Tracy: fashion acima de tudo, até mesmo da segurança.

– Ela não vai pagar pela instalação do sistema – informou Hawk, e o rosto de Tracy rapidamente se iluminou novamente e ela olhou para Hawk de novo e Troy também estava olhando para ele, apertando muito os olhos.

– Viva! – exclamou Tracy.

– Amiga, pare de gritar “Viva!”. Isso não é o que está parecendo – disse finalmente quando consegui me livrar do braço de Hawk que segurava meus ombros.

– O que é isso então? – perguntou Troy, mas não esperou a resposta. – Quem é esse cara? E quem foi que invadiu sua casa? Você está bem? Você se machucou? A polícia já sabe disso? Eles prenderam o invasor?

Abri minha boca para responder, mas Hawk respondeu antes de mim e por mim.

– Como eu disse, meu nome é Hawk, e sou o namorado de Gwen. Nós não sabemos ainda quem invadiu a casa, mas Gwen está bem, meus homens e eu estamos tomando conta de tudo, e a polícia já foi informada.

– Hawk – disse Tracy, respirando fundo e olhando para ele com estrelas nos olhos. – *Que nome bacana*. Muito legal. Superlegal. Super, mega, ultralegal.

Bom Deus.

– Querida, você precisa de um resumo da ópera, mas não tenho tempo de fazer isso agora. Tenho que trabalhar – eu disse a ela e olhei para Troy também. – Me desculpe, Troy, sei que você está preocupado, mas as coisas estão um pouco malucas e tenho prazos para cumprir. Não posso receber você hoje. Mas estou bem, estou ótima. Ligo para você e explico tudo amanhã.

Depois olhei para Hawk e gritei:

– E você, você não vai *parar* de falar por mim, não?

– Que legal – disse Tracy imediatamente, antes que Hawk pudesse responder, e em seguida continuou:
– E por falar nisso, querida, seu cabelo *ar-ra-sou*.

Troy não estava nada bem. Ele agora olhava para mim fixamente. E perguntou:

– Isso tem a ver com a Ginger?

Quando ele perguntou isso, Tracy grudou os olhos arregalados em mim.

– Ah, meu Deus! – suspirou ela. – Não tinha pensado nisso.

Troy não esperou por minha resposta, pulou logo para a conclusão certa. Ele me conhecia havia muito tempo, mas as coisas erradas que eu pudesse fazer, mesmo as piores, não seriam motivo para um monte de homens instalando um sistema de segurança na minha sala.

– O que foi que ela fez? – perguntou Troy.

– Não sei nem quero saber. Não me importo. Cortei relações com ela – respondi.

– Finalmente – murmurou Tracy.

– Mas *eu* gostaria de saber, me importaria saber, como, em 24 horas, você conheceu e se encantou pelo Rambo aí – cortou Troy, apontando na direção de Hawk com a cabeça.

Hawk deu aquele risinho grave, másculo e divertido.

Tracy não percebeu o risinho porque logo estava dizendo:

– Não, não foi em 24 horas, não. Eles já estão se vendo há um ano e meio.

Epa.

Tracy viu o olhar no rosto de Troy, percebeu a merda que tinha feito e verbalizou meu pensamento alto e bom som:

– Epa.

– Um ano e meio – sussurrou Troy, e senti um soco na boca do estômago. Parecia que eu o havia chutado naquele lugar que doía muito.

Merda, Hawk estava certo. Troy definitivamente queria me comer.

– Troy... – sussurrei, e Hawk falou:

– Conselho de amigo. Da próxima vez pense com a cabeça de cima e tome uma atitude em relação à mulher que você quer!

Meu corpo enrijeceu, mas mesmo assim, dura feito um pedaço de pau, me virei para Hawk e gritei bem alto:

– Hawk!

Hawk olhou para mim.

– De homem para homem, baby. Ele é um homem. Tem que segurar a onda. Tem que saber que estragou tudo.

Pela primeira vez na vida, desejei que o homicídio não fosse crime.

– Dá pra ver que você não está a fim de uma terapia coletiva – disse Tracy baixinho para Troy –, mas... hã..., parece que ele tem razão, querido.

Agora fui eu que fiquei boquiaberta e de olhos arregalados, olhando para minha doce Tracy, a mulher “incapaz de fazer ou dizer algo que magoasse outro ser humano”, e vendo-a dizer algo que magoava outro ser humano.

Troy olhou para ela do jeito que eu imaginava que alguém magoado olharia.

Depois deu meia-volta e começou a ir embora.

Desvencilhei-me de Hawk, dei uma corridinha e agarrei a mão de Troy, dizendo:

– Troy...

Ele parou e sacudiu minha mão, livrando-se dela, e olhou para mim, franzindo os olhos.

– Não... – sussurrou.

– Troy... – comecei de novo.

– Você está precisando de uma lavadora nova. E está congelando assim aqui dentro porque a calefação não está funcionando direito. Mas não me telefone. Ligue para o Rambo ali. – E apontou com a cabeça na direção de Hawk. – Espero que ele saiba como usar a porra de uma chave inglesa.

E saiu porta afora.

Depois que ele saiu, me virei para encarar Hawk e Tracy.

– Que merda foi essa? – gritei.

– Baby... – começou a responder Hawk.

– Eu sei, eu sei... – disse Tracy com calma. – Foi meio duro, amiga, mas Cam não está aqui e alguém tinha que dizer isso a ele. Cam e eu conversamos sobre isso *há séculos*. Troy já tinha que ter tomado a iniciativa ou então deixado você em paz. Não fez nem uma coisa nem outra. Agora que você está com Hawk, talvez ele consiga esquecê-la e seguir em frente.

Cam e ela conversavam sobre isso *há séculos*? E por que não falaram *comigo*?

Mas não fiz essa pergunta. Em vez disso, gritei:

– Ele já seguiu em frente. Ele tem uma namorada!!

Tracy fez um gesto com a mão na frente do rosto.

– Que nada! Toda garota com quem ele sai é escolhida a dedo para que ele possa dispensá-la sem problemas assim que você der mole para ele. Eu não gosto dela. Cam não gosta dela. *Você* não gosta dela. Ela é uma resmungona. Ninguém gosta de alguém resmungando o tempo todo. Nem Troy. Por isso, ela é fácil, fácil de dispensar.

Olhei para Tracy. Depois olhei para Hawk. Depois olhei para a plateia dos homens de Hawk.

Em seguida, entrei num processo de negação.

– Isso não está acontecendo – disse em voz alta. – Isso não está acontecendo. Meu pad thai está esfriando. Tenho que acabar de comer rápido e voltar ao trabalho. Não tem ninguém aqui. Vivo sozinha no mundo.

Passei por entre Hawk e Tracy, batendo os pés no chão com força. Subi as escadas e fui para o escritório. Voltei para o macarrão que me esperava.

Eu estava comendo quando vi Hawk parado na porta do escritório.

– Baby... – disse ele.

– Não estou vendo você. Você não existe – disse eu a ele.

– Gwen, alguém tinha que dizer isso a ele.

– Não, não tinha. E se tinha, não tinha que ser você – disparei.

– Fiz um favor a ele.

– Sério? Você fez um favor a ele? Vou ligar para Troy e perguntar se ele acha mesmo que você fez um favor a ele ao dizer aquela merda bem na minha frente, na frente de Tracy e do seu bando de babacas.

– Da próxima vez, ele não vai dar bobeira.

Ele, definitivamente, estava explorando os limites da capacidade de me tirar do sério.

– Vai embora, vai. Não quero ver você por, sei lá..., um milhão de anos. É, acho que um milhão de anos deve dar. Se eu ficar sem ver você por um milhão de anos, acho que consigo não estar mais *muito puta com você*.

Ele sorriu.

Depois repetiu.

– Baby...

– Obrigada pelo almoço – disparei, tentando soar tão agradecida por isso quanto eu me sentia, ou seja, nem um pouco.

Andei até ele e disse, para terminar:

– Vejo você daqui a um milhão de anos.

Quando tentei passar, ele me agarrou colocando o braço em volta da minha cintura. Decidi não reagir, primeiro, porque ia deixar meu pad thai cair e, segundo, porque ia perder se tentasse, de qualquer jeito, me livrar dele.

– O que foi? – desaparei, virando a cabeça para olhar para ele.

– Vamos jantar hoje à noite – me avisou ele.

– Não, não vamos – avisei a ele. – Vou ter que jantar com papai e Meredith e explicar tudo sobre

Ginger e sobre *você*. Depois vou ter que trabalhar até cair de sono em cima do teclado.

Ele franziu as sobrancelhas.

– Está tão atrasada assim?

– Estou! – gritei. – Já estava atrasada ontem quando Darla veio até aqui e eu estúpida, estúpida, *estupidamente* tive a brilhante ideia de ir até a Ride. Agora estou *mais* atrasada ainda, e essa merda toda *não* está ajudando.

– Acho que vou embora agora para você acabar com essa merda – murmurou ele.

– Acha?! – exclamei.

Ele me puxou e me trouxe para a sua frente. Depois me inclinou para trás, de modo que tive que fazer uma série de manobras evasivas para não deixar meu pad thai cair.

– Hawk... – eu disse, quando ele abaixou a cabeça. Virei o rosto para tentar evitá-lo, mas seu braço me apertou, o outro braço me envolveu, e não consegui me desvencilhar dos seus lábios, que foram parar bem no meu pescoço.

– Você tem que acabar esse trabalho, baby, ter mais tempo para mim – murmurou ele, roçando os lábios no meu pescoço. Eu quase disse um palavrão, mas não consegui porque ele passou a língua atrás da minha orelha. Imediatamente esqueci que estava muito puta da vida. E ele falou em seguida:

– Estamos devendo.

– Devendo? – perguntei, ofegante, ainda sentindo o toque da língua na minha pele.

Ele endireitou a cabeça, olhou para mim e repetiu:

– É, devendo.

– O quê?

Seus olhos escuros ficaram mais suaves, e as covinhas apareceram em seu rosto e seus braços me apertaram ainda mais, me colando ao seu corpo esguio e forte.

Ah.

Devendo.

Huumm.

Por instantes, quando olhei fixamente para aqueles olhos negros na luz do dia e senti o corpo esguio e forte contra o meu, e me lembrei de como era aquele corpo nu, esqueci que estava tudo acabado entre nós.

Huumm.

– Baby – disse ele, e pisquei os olhos várias vezes.

– Hã?

Ele sorriu, dessa vez mostrando os dentes brancos que contrastavam com aquela pele linda e morena.

Ele abaixou a cabeça e me beijou de leve.

– Vá trabalhar agora – ordenou.

E então, de repente, sumiu.

Fiquei ali parada com meu pad thai na mão, olhando para o corredor vazio e pensando: *Merda!*

A CERTEZA POR PURO INSTINTO

Consegui me livrar de Tracy, acabar de comer meu pad thai e voltar para o computador, mas, depois de uma hora de trabalho, minha cabeça começou a divagar. Levantei as pernas, colocando os pés no assento da cadeira, apoiei o queixo nos joelhos e, assim, fiquei olhando confortavelmente pela janela, sem ter que fazer muito esforço, como espichar o pescoço, por exemplo.

Eu não estava sonhando acordada. Estava pensando em onde é que eu tinha errado.

Dois anos atrás, depois que Tracy fizera um curso online de barwoman, ela largou a carreira de ficar pulando de loja em loja no Cherry Creek Mall e arrumou emprego num restaurante.

O Club era um restaurante da moda, tinha estilo, uma comida realmente muito boa, copos sofisticados nos quais serviam os drinques e três lareiras que tornavam o espaço caloroso e convidativo. Todas as mesas tinham divisórias e havia um bar imenso e circular bem no meio do salão, onde você podia ver e ser visto.

Na época, o Club era o nosso – meu, de Tracy e de Cam – lugar preferido para vermos e sermos vistas, enquanto bebíamos Cosmopolitans. No entanto, para ser franca, íamos lá por causa daqueles copos incrivelmente *fantásticos*. Agora nem eram mais, porque Tracy quebrou tantos daqueles copos maravilhosos que o chefe dela a mandou embora. Fez isso com lágrimas nos olhos porque ele, como todo homem com sangue nas veias, estava meio apaixonado por Tracy. Vi tudo o que aconteceu, eu estava lá, Cam também, e não foi nada bonito.

Mas eu estava lá numa noite, um ano e meio antes, bebendo Cosmopolitans e fazendo companhia a Tracy no turno dela.

Eu já estava no terceiro Cosmopolitan e ligeiramente bêbada, pois estava fazendo uma dieta maluca na época, para desintoxicar o organismo (embora tivesse feito alguns ajustes na dieta para permitir os Cosmopolitans, claro), e por isso eu tinha botado pra dentro quase três drinques sem ter comido nada naquele dia.

Foi burrice pura, pensando bem agora. Na época, não pareceu tão burro porque Tracy ia me dar carona. Troy tinha me deixado ali e Tracy ia me levar para casa. Eu podia ficar bêbada o quanto quisesse, paquerar o quanto quisesse e ficar falando e rindo com Tracy o quanto quisesse.

Foi aí que *ele* entrou no restaurante, o grande homem misterioso, o Estranho, agora também conhecido como Cabe “Hawk” Delgado.

Foi paixão à primeira vista. Sem brincadeira. Ele era gostoso demais, mas o que eu senti não foi só tesão. Foi amor.

Ok, foi tesão também, mas na maior parte foi amor.

E não havia nenhuma explicação para isso, mesmo agora, quando penso nisso. Acho que foi pelo jeito dele. Com aquela calça jeans desbotada, uma camisa preta bem cortada, botas pretas incríveis, ele parecia muito à vontade e confiante em relação a seu estilo e a si mesmo. O seu jeito de andar, com elegância, graciosidade, mas poderoso, másculo. Com seus movimentos, sua autoconfiança e carisma naturais, ele dominou o ambiente. E ainda teve o fato de ele se sentar à mesa e comer sozinho, e parecer completamente à vontade com isso. Ele se distraía com o celular, recebendo e mandando mensagens, atendendo ligações, e de vez em quando dava uma olhada geral, naturalmente alerta a qualquer variação do ambiente. Ele estava totalmente à vontade em sua própria companhia. E aquilo era *maravilhoso*.

Para meu deleite, ele ficou em uma mesa bem ao lado do bar, onde eu estava.

Como de costume quando saía à noite (Hawk não mentiu quando disse que quando eu saía, exibia meu corpo demais, mas esse era o meu estilo, e Meredith me ensinou a aceitar meu próprio estilo, então...), eu estava usando um vestido reduzido, colado no corpo, que revelava muita perna, por ser curtíssimo, muito dos braços porque não tinha mangas e também um monte das minhas costas porque tinha um superdecote em V. Na época, eu tinha onze pretinhos básicos, e o vestido que eu estava usando naquele dia era o número três na escala de quão gostosa eu ficava com ele. Agora tenho treze, e ele foi rebaixado para o quinto lugar. Eu estava usando uma sandália de tiras com salto agulha, meu cabelo estava arrasando e minha maquiagem era do tipo de quem queria ouvir a pergunta: “Você vem aqui sempre?”

Eu não estava pegando. Estava ali só para ter uma noite legal com uma amiga que estava se dando mal no trabalho e precisava de apoio moral, mas isso não significava que eu não quisesse parecer gostosa.

Sentada na banquetta do bar, eu bebia Cosmopolitans como se fossem refrigerantes diet de uva, e fazia de tudo para chamar a atenção de Hawk, me remexendo no assento, cruzando e descruzando as pernas, chupando e mordendo o canudo do coquetel, colocando o cabelo para um lado e depois para outro desnecessariamente.

E enquanto ele comia (e eu furtivamente o observava comer, ficar ali sentado e mexer no telefone etc.), ele nem ao menos olhava para mim.

Então ele pagou a conta e saiu da mesa e, quando ficou claro que estava indo embora, fiquei arrasada. É, o sentimento era esse, arrasada.

Eu sabia, bem dentro do meu cérebro encharcado de Cosmopolitans, que aquele homem indo embora pela porta do restaurante era o fim da minha vida. Eu estava perdendo a última chance de ser feliz. Era como se todos os meus sonhos fossem se acabar bem ali.

Então me virei para a bancada do bar, tomei o último gole do Cosmopolitan que tinha na mão e cogitei, por alguns instantes, em fazer um haraquiri, quando, de repente, senti a mão quente nas minhas costas.

Olhei para trás e ali estava ele.

Prendi a respiração e ele me perguntou:

– Você vem ou não?

Foi assim. Essa era a paquera dele.

Você vem ou não?

Eu fui. Peguei minha bolsa, fiz um sinal para uma Tracy surpresa e saí do restaurante com ele. Ele me levou até um SUV preto, perguntou meu endereço, fomos para minha casa e ele me deixou completamente maluca.

Eu nunca tinha feito nada parecido na minha vida, nem mesmo perto disso. Foi uma coisa inacreditavelmente insana.

E magnífica.

Quando acordei na manhã seguinte, ele tinha ido embora.

Eu sabia que estava fodida. Ele era estupendo. Eu, uma periguetete bêbada de uma noite. Não sabia nem o telefone nem o nome dele.

Imediatamente caí nas profundezas do desespero e curei minha ressaca naquela mesma noite com mais Cosmopolitans no bar do Club. Dessa vez com Tracy servindo os clientes e Cam do meu lado, a quem eu explicava toda a extensão do meu desespero, e toda vez que a porta do restaurante se abria ou havia uma movimentação naquela direção, eu esticava o pescoço, esperando que fosse ele entrando e procurando por mim.

Não era.

Só aconteceria três dias mais tarde, quando senti o edredom deslizar nas minhas costas, me acordando de um sono profundo, meu corpo e meu cérebro paralisados de pânico, depois senti o peso do seu corpo deitar na cama e ouvi sua voz, inesquecível, dizendo, “E aí, baby?” Ele me abraçou e me beijou. Depois fez outras coisas, outras coisas realmente muito, *muito* boas.

Foi assim que começou e, embora a princípio eu quisesse muito que aquela situação se modificasse – que eu conseguisse perguntar qual era o nome dele, ou que ele pedisse o número do meu telefone, que batesse na minha porta durante o dia ou ficasse para passar a noite e me levasse para tomar café da manhã –, nada mudou durante um ano e meio.

E sentada ali no meu escritório, olhando pela janela quando devia estar trabalhando, percebi que fui exatamente igual a Tracy durante todo esse tempo. Eu tinha esperanças. Queria ter de novo aquela sensação que tive quando o vi pela primeira vez, mas que estupidamente negava toda vez que ele aparecia. Um friozinho no estômago. A certeza por puro instinto de que ele era *o cara*.

Mas um ano e meio se passou e mantive a esperança enquanto perdia minha dignidade, a cada dia um pouquinho mais.

Agora as coisas mudaram.

E agora eu ficara sabendo que ele podia ser gostoso, podia ser confiante, podia andar com uma elegância inigualável e que podia haver milhões de coisas fascinantes nele, mas que ele também podia ser irritante, um idiota mandão que me dizia o que fazer, que não me escutava e que podia ferir os

sentimentos de Troy sem ao menos pestanejar.

Enquanto eu pensava nisso, meu telefone tocou e dei um salto. Era o telefone fixo, que nunca tocava. Todo mundo ligava para o meu celular. Mas eu tinha desligado o celular para tentar trabalhar, e por isso Tracy tinha aparecido de surpresa, depois que ficou sabendo que minha casa fora invadida e por não ter conseguido falar comigo.

Estendi a mão num reflexo e peguei o telefone, em seguida, quando apertei o botão para atender a ligação e pus o telefone no ouvido, desejei não ter feito isso, porque na certa seria alguém tentando vender alguma coisa, porque nas raras ocasiões em que o telefone tocava era sempre telemarketing.

– Alô? – eu disse hesitante, pronta para desligar assim que confirmasse que era alguém tentando vender alguma coisa.

Mas não era alguém tentando vender alguma coisa.

– *Ai, meu Deus!* – gritou Cam.

Pisquei e levantei a cabeça, tirando o queixo do joelho. Camille Antoine não era uma mulherzinha que ficava dando gritinhos por aí.

– Cam? – perguntei.

– *Ai, meu Deus!*

Ah, não! Eu sabia o que era aquilo.

– Cam, a invasão... está tudo bem, está...

– *Você não vai acreditar no que aconteceu!*

Endireitei as costas.

Ai, meu Deus! Leo a pedira em casamento! Tracy, Cam e eu esperávamos desde, tipo, todo o sempre que Leo a pedisse em casamento (Cam obviamente um pouco mais do que Tracy e eu, mas só um pouco mais). Nenhuma de nós podia entender por quê, já que eles se conheciam havia cinco anos e moravam juntos havia quatro, estava demorando tanto.

Agora tinha acontecido.

U-huu!

– Ah, Cam, estou tão... – comecei a falar.

Mas ela me cortou com:

– Mitch pediu para ser tirado do caso!

Pisquei novamente.

Depois perguntei:

– O quê?

– O caso – gritou ela. – O *caso!* Esse é o tipo de caso que pode fazer a diferença na carreira de qualquer um. Ele podia conseguir um busto, prêmios, condecorações, ser chamado para *escrever um livro*. E ele pediu para sair do caso, por sua causa.

Palavras como “Mitch”, “sair do caso” e “por sua causa” foram penetrando no meu cérebro

lentamente.

E eu repeti:

– O quê? – dessa vez, soltando um suspiro junto com a palavras.

– Gwen, não sei o que você fez, mas seja lá o que tenha sido, ele... está... a fim de você. Todo mundo está falando nisso. Fiquei esperando o dia inteiro para fazer um intervalo e ligar para você, mas você está com o celular desligado, então tive que esperar até chegar em casa e ver no meu caderninho de telefone o número do seu telefone fixo. Não posso acreditar nisso. Ele é lindo. Ele é *lindo*. E é legal. E é *lindo*. Já disse que ele é lindo?

– Cam...

– Quero dizer, o capitão não vai tirá-lo do caso, mas só o fato de ele ter pedido para sair. Caralho, mulher! Caralho. *Caralho!* – gritou ela.

– Cam...

– Estou adorando isso. Vou falar com o Leo assim que ele chegar. Vamos combinar de sair juntos, nós quatro.

– Cam! – gritei.

– Que foi? – perguntou ela.

– Minha casa foi invadida ontem à noite – contei a ela.

– Já estou sabendo disso – respondeu Cam com um tom de voz tipo “e daí?”. – Meredith me ligou de manhã. E está todo mundo falando nisso no Departamento de Polícia. E também já sei tudo sobre o Estranho. Tudo.

Merda, será que eu aprendo algum dia? Nunca posso levar meus amigos para casa porque Meredith consegue se infiltrar na vida deles como uma pessoa boa, engraçada, generosa. E não consigo mais manter nada em segredo. Aprendi isso muito cedo, mas parei de fazer essa besteira? Não! Meredith ainda fala com Chelsea, uma amiga que eu tive no começo do ensino médio. Chelsea vive na Costa do Sol, na Espanha, com algum bilionário, e ela e Meredith se falam várias vezes por ano. Faz uns quinze anos que eu não falo com ela. A gente nem mesmo troca cartões de Natal.

Repita comigo: família de um lado, amigos do outro e eles não devem nunca se encontrar.

– Cam, as coisas ficaram meio complicadas – disse a ela.

Houve um silêncio e depois dele:

– Não, Gwen, *você* é que complica as coisas. Ouvi dizer que o Estranho declarou suas intenções e que você o contradisse. Mitch ouviu isso também. Você está bancando a durona. Conheço Mitch Lawson. Conheço há anos. É um bom policial, um homem bom. Ele quer uma casa com uma cerca branca e dois filhos, um menino e uma menina, um cachorro e uma mulher que tenha a mesma libido que ele, que, segundo dizem os boatos, está em níveis estratosféricos. Ele nunca encontrou a mulher certa, apesar de ter se esforçado muito procurando. Gwen, você pode ser essa mulher!

– Nossa, Cam, como é que você sabe tanto a respeito dele?

– Eu não disse que ele é bonito?! – respondeu ela. – Estou com Leo, mas isso não quer dizer que eu não goste de observar o que é belo. E eu faço minhas observações.

Era verdade. Ela gostava. Gostava tanto de observar o belo, há tanto tempo e com tanto afinco, que se pode dizer que hoje ela já tinha um PhD.

– Não posso pensar nisso agora. Tenho que trabalhar – disse a ela. – Tenho um bando de homens na minha casa instalando um sistema de segurança. Hawk esmagou Troy como se ele fosse um inseto na frente da Tracy e desses homens que estão sob o comando dele. Minha irmã está metida em alguma merda federal que está sobrando para mim. E o Tack também declarou suas *intenções* hoje de manhã e houve um encontro oficial de valentões no meu jardim, e, embora eu não tenha sido informada dos resultados, sei que Lawson e Tack foram embora, mas, pelo que você disse agora, isso foi apenas uma estratégia para contra-atacar. Sei também que vi Hawk três vezes durante o dia de hoje e, numa dessas vezes, ele trouxe comida do J’s para almoçarmos juntos, então estou achando que ele acredita que está ganhando a corrida.

– Ele trouxe comida do J’s para você?

– Trouxe.

– Como é que ele sabe que você gosta do J’s?

– Cam, contei ontem para você. Ele sabe tudo sobre mim! E agora, quando digo isso, quero dizer exatamente que ele sabe tudo sobre mim *mesmo*. Ele próprio disse que me segue, ou que seus homens fazem isso e depois apresentam relatórios para ele. É uma coisa doida!

– Por que ele faria isso?

– Eu perguntei, e a resposta dele foi “Baby”, que é a maneira como ele responde a várias das minhas perguntas ou quando eu grito com ele.

– Não sei, não. Mitch pode ser meio caladão, mas acho que ele jamais iria responder uma pergunta com um “baby”.

Bom Deus.

– Não posso pensar em Mitch agora. Não posso pensar em nada – disse a ela. – Tenho que trabalhar de verdade e tudo isso está confundindo minha cabeça.

– Bem, você precisa pensar sobre o Estranho porque, quando fiquei sabendo que esse homem chamado Hawk disse que estava namorando você, fiz algumas perguntas sobre ele e descobri um monte de coisas, e esse monte de coisas que descobri significa uma coisa só: você tem que se livrar dele.

Ah, não! Isso não estava cheirando bem.

– Também não quero saber mais nada sobre Hawk. Depois de um ano e meio, estou aprendendo rápido e quanto mais interajo com ele, mais fica claro para mim que vou ser a primeira vítima iminente de uma explosão cerebral espontânea.

– Você não gosta dele?

– Não tenho tempo para explicar a complexidade de tudo que sinto por ele agora. Tenho três horas para fazer um trabalho que precisa de dez e depois tenho que ir para a casa dos meus pais. Eles sabem

que Ginger está metida em confusão, e podem ter cortado relações com ela, mas ela ainda é a filha deles e minha irmã, e eles estão preocupados. Sei disso porque é uma droga e eu não queria, mas também estou preocupada. Tenho que me preparar para encarar esse fato. Estou lidando com isso tudo dando um passo de cada vez.

Houve um novo silêncio.

– Não estou gostando nada disso.

Fechei os olhos, me inclinei para frente e bati com a testa na mesa.

– Por que ninguém presta atenção no que eu falo?

– Você está batendo com a cabeça na mesa? – perguntou Cam.

– Estou – sussurrei no telefone, mantendo os olhos fechados.

– Tá bom, amiga, vou deixar você em paz, mas nós precisamos tomar uns Cosmopolitans, logo. Vou falar com Leo sobre sairmos nós quatro. Talvez, já que você não é a figura principal desse caso, Mitch possa ir jantar conosco. Ou talvez a gente possa fazer uma reuniãozinha na sua casa, e ninguém precisa ficar sabendo.

Abri os olhos e olhei para o computador.

– Você não está me deixando em paz, Cam. Você está planejando meu futuro com um homem que mal conheço, quando estou desesperada para conseguir fazer o homem que eu também mal conheço, mas com quem estive dormindo durante o último ano e meio, entender que está tudo acabado entre nós, quando ele pensa justamente o contrário sobre esse assunto.

Silêncio, e em seguida:

– Sério? Você disse a ele que estava tudo acabado?

Dei um pulo da cadeira e gritei:

– Cam!!

– Tá bom, tá bom. Vou deixar você trabalhar.

– Ligue para Tracy. Faça um resumo para ela das informações parciais que você tem. Isso vai me poupar tempo – ordenei.

– É pra já.

– E nada de jantar a quatro.

– Talvez a gente possa apenas deixar uma data reservada...

– Cam!

– Até mais, amiga.

Fiquei ouvindo o som do fim da ligação no aparelho.

Desliguei o telefone. Levantei-me e descii as escadas porque tinha quase certeza de que havia colocado uns Twix no congelador, e tinha quase certeza disso porque eu sempre colocava umas barras no congelador, para ter sempre Twix em casa e poder comê-los quando via um filme ou ficava com fome nos horários mais absurdos. Mas depois de contínua experimentação, descobri que o Twix congelado ajudava

a me concentrar. E eu precisava de toda a concentração do mundo, então ia usar todas as armas à minha disposição.

Eu tinha Twix congelado.

Descobri que os homens sob o comando de Hawk na minha casa não gostavam de Twix congelado, porque ofereci a eles e eles recusaram minha oferta.

Melhor assim. Sobra mais para mim.

Peguei o pacote de Twix, endireitei os ombros, fiz um esforço para tirar toda aquela confusão da minha cabeça e voltei determinada para o escritório.

COMO NOS CONHECEMOS

Quando fui para a casa de papai e Meredith, eu estava me sentindo muito bem. Conseguira avançar no trabalho e salvei os arquivos no meu computador antes de sair de casa.

Eu tinha um plano: jantar, explicar a merda toda a eles e fazer essas duas coisas muito rápido para ir logo me entocar no escritório de papai e voltar a trabalhar até ficar com a visão embaçada.

A única falha desse plano era que eu estava morta de cansada. Tinha dormido apenas umas quatro horas na noite anterior, então já estava sem gás. Na minha profissão, a atenção aos detalhes era fundamental, e estar com a mente nebulosa não era nada bom. Mas achei que eu ainda tinha um caldo para umas duas ou três horas de concentração e, se eu tivesse uma noite de sono decente, amanhã poderia estar a plena carga para dar cabo da edição do livro.

Com o meu plano de ação estabelecido e a boa desculpa de ter que concluir o trabalho, o que faria papai reduzir o tempo de suas lições de moral, eu estava me sentindo bem, mentalmente equilibrada para um jantar na casa dos meus pais.

Isso durou até a casa deles entrar no meu campo de visão e eu ver um Camaro cinza-escuro metálico lindo parado na porta.

Eu estava começando a entender por que as pessoas eram levadas a atos de extrema de violência quando estacionei atrás do Camaro.

Mesmo assim, enquanto eu desligava o motor e puxava o freio de mão, pensei por um instante que era uma pena que estivesse tudo *acabado* entre mim e Hawk, porque eu adoraria dar uma volta naquele Camaro.

Saí do carro, contornei, peguei minha bolsa e o laptop no banco do carona e segui na direção da casa.

Se eu fosse outro tipo de mulher, em outras palavras, se eu não tivesse o sangue de minha mãe nas veias, teria andado devagar, pensando em minhas opções, me acalmando, planejando meu contra-ataque.

Não fiz isso. Fui pisando firme, abri a porta e entrei como um furacão, sendo tragada por um forte cheiro de alho.

Meus pais viviam numa casa grande que ficava num ligeiro aclive. Os degraus na entrada levavam até um patamar onde havia um janelão. À esquerda, havia uma sala de estar imensa com um pequeno escritório que dava para a frente da casa, e uma espécie de jardim de inverno, pequeno, dando para os fundos. À direita, havia uma cozinha enorme com uma copa grande, onde ficava a mesa de jantar. Atrás da cozinha, um lavabo e uma despensa que davam para a garagem. Todos os ambientes eram acarpetados, exceto a cozinha, toda azulejada. No andar de cima, havia três quartos e dois banheiros, um

compartilhado e o outro da suíte.

No jardim, havia um apartamento que eles alugavam, desde que me lembro, para uma mulher chamada sra. Mayhew, que tinha três gatos. Havia um rodízio de gatos naquele apartamento, tanto pela morte prematura de filhotes, como também, uma vez, pela fuga dos bichos, embora a sra. Mayhew tenha dito que, na verdade, os gatinhos tinham sido roubados, e eu estava inclinada a acreditar nisso, afinal ela tratava aqueles gatos melhor do que muita gente trata os próprios filhos. A sra. Mayhew nunca saiu dali. Pelo que me lembro, ela era velha como as montanhas. Era também uma vizinha silenciosa. Não colocava música alta, não dava festas barulhentas, não recebia visitas. E o melhor de tudo, ela só tolerava Ginger porque admirava papai, adorava Meredith e gostava muito de mim.

Antes que Ginger e eu saíssemos de casa (eu só saí de casa depois de terminar a graduação – Ginger demorou mais tempo e só saiu depois de concluir o ensino médio, o que foi considerado um pequeno milagre), havia quatro quartos no andar de cima. Depois que saí de casa, papai transformou o quarto menor no banheiro da suíte. E papai, sendo papai, e Meredith, sendo Meredith, isso significava que a casa toda era bem cuidada, bem decorada, acolhedora, aquecida e confortável.

Exatamente como agora, com a lareira acesa na sala e velas acesas por toda a parte.

Percorri o andar térreo com os olhos e, assim que vi papai conversando com Hawk na sala e a mesa posta para quatro pessoas, virei a cara. Depois voltei a olhar para papai e Hawk, um sentado na sua poltrona favorita e o outro no sofá, de costas para mim, com o braço esticado sobre o encosto. Hawk virou a cabeça para olhar para mim por cima do ombro.

Larguei minha bolsa e abri a boca para começar a gritar.

– Querida – disse papai antes de mim, se endireitando na poltrona, com uma garrafa de cerveja na mão –, por que você não nos contou que Hawk vinha jantar também?

– Não tem problema, não tem problema. – A voz de Meredith veio do lado direito para onde olhei, vendo-a entrar correndo na sala, segurando um pano de prato. – Temos bastante comida. Ele é um cara grandão, mas sempre faço mais comida. E como Bax me deu a ideia ontem à noite, eu já tinha planejado fazer uma lasanha.

Fui obrigada a adiar minha arenga quando Meredith e papai chegaram ao corredor da entrada ao mesmo tempo. Papai se inclinou para me beijar e eu automaticamente aproximei a cabeça para receber o beijo dele. Depois me virei para Meredith e me inclinei para lhe dar um beijo, e ela ergueu o braço para também me abraçar porque esse era o jeito dela.

Aprumei-me e me virei para Hawk, que estava de pé ao lado do sofá, com os braços cruzados, exalando todo aquele charme enquanto observava meus pais me receberem.

Então, de novo, abri a boca para começar a gritar.

E de novo, papai chegou antes de mim.

– Vou preparar um Cosmopolitan.

Olhei para o meu pai.

– Não posso, papai. Tenho que trabalhar depois do jantar.

Ele franziu as sobrancelhas.

– Mas é um jantar de família.

– Estou muito atrasada – expliquei.

A expressão no rosto de papai mudou, e eu conhecia tão bem aquela expressão que poderia fazer um desenho perfeito, mesmo de olhos vendados (isto é, se eu soubesse desenhar).

Leitura facial.

– Gwendolyn, quantas vezes tenho que lhe dizer para não deixar o trabalho para a última hora?

– Seu pai está certo, querida. Toda vez que você não termina um trabalho no prazo certo, você fica estressada e de mau humor – acrescentou Meredith.

– Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje – continuou papai, como se Meredith não tivesse falado.

– E come o que não devia comer, ou compra roupas que não devia comprar, e fica ainda mais irritada – continuou Meredith, como se papai não tivesse falado.

– Paz de espírito, isso é o que a capacidade de administrar bem o tempo nos traz, paz de espírito – insistiu papai.

– E você não precisa pegar tantos trabalhos assim, se não tiver que pagar faturas de cartões de crédito tão altas – continuou Meredith.

– Sempre lhe digo que você precisa aprender a se concentrar – persistiu papai.

– E eu sempre lhe disse, *os acessórios*. Os acessórios é que são o segredo. Você só precisa gastar seu dinheirinho suado com algumas peças básicas fabulosas para criar um look totalmente novo apenas colocando uma echarpe, por exemplo – declarou Meredith. E terminou: – E echarpes custam bem menos do que qualquer um daqueles dez vestidinhos pretos que você tem.

– Tenho *treze* vestidinhos pretos – corrigi porque, sério, era importante manter o controle.

– Está vendo? – gritou Meredith.

Só então me ocorreu que Hawk estava ali assistindo a tudo, eu, uma mulher de 33 anos, que tomava conta de mim mesma já havia mais de uma década, recebendo um sermão como se fosse uma adolescente. Nesse mesmo momento, um timer disparou na cozinha.

– O pão está pronto – gritou Meredith.

– Maravilha! – acrescentou papai sorrindo para Hawk. – Você vai me agradecer pela iguaria que está prestes a experimentar.

– Todos para a mesa – ordenou Meredith, correndo para a cozinha.

– Preciso falar com Hawk – anunciei.

– Mais tarde, querida. O pão de alho de Meredith não espera por homem nenhum... nem mulher. – Papai sorriu e foi para a mesa.

Virei-me na direção de Hawk e vi que ele se aproximava de mim. Destituída de minha chance de

atacar sua jugular e explicar-lhe na linguagem de sinais que estava tudo acabado entre nós, ou de entrar em transe e começar a falar em línguas, ou então de transmitir minha mensagem em código Morse – esperando que uma dessas opções conseguisse penetrar naquela sua fortaleza machista de anticomunicação –, decidi comunicar minha extrema infelicidade pelo olhar.

Hawk ignorou meu olhar. Soube que ele estava fazendo isso quando se aproximou de mim, me pegou pelo pescoço, me puxou para o lado dele e foi me empurrando para a mesa de jantar. Depois inclinou a cabeça para o lado e sussurrou no meu ouvido:

– Viu só? Você está estressada e de mau humor.

Olhei para ele e vi que estava sorrindo.

– Só por curiosidade, você por acaso sabe quanto custa um assassino de aluguel? E será que, por acaso, você teria alguém para me recomendar?

Grunhi meu comentário enquanto andávamos até a mesa. Hawk parou, me virou de frente para ele e deu uma gargalhada, jogando a cabeça para trás.

Olhei para ele e esqueci da minha irritação completamente.

Então, ainda rindo, ele abaixou a cabeça e me beijou. Sem língua, mas ainda assim um beijo, um beijo bem claro, firme e prolongado, e bem na frente do meu pai, sentado ali à mesa de jantar.

Quando ele tirou a boca da minha e levantou a cabeça, pisquei algumas vezes e berrei:

– Você não pode me beijar na casa dos meus pais, *na frente do meu pai!*

– Mas beijei, minha flor – respondeu Hawk.

– Então não faça isso de novo – eu disse, ainda berrando.

– Então não diga uma coisa tão engraçada assim – mandou Hawk. – Quando você me faz rir, fico com vontade de beijar você.

– Não acho o que eu disse nada engraçado – expliquei mal-humorada.

– É, sim.

– Como posso saber o que você vai achar engraçado?

– Vai ter que se controlar, porque, do jeito que você é, pode acontecer a qualquer momento.

Abri minha boca para retrucar quando me lembrei que tínhamos plateia. Virei a cabeça e vi que papai estava sorrindo, e eu soube por mero instinto (porque nunca vi aquele sorriso antes) que aquele era o sorriso caloroso e satisfeito de um pai que sabia que sua filha tinha fisdado o Homem Certo, Muito Certo.

Vi Meredith ao lado de papai, com luvas térmicas nas mãos, carregando uma travessa de lasanha, com um sorrisinho nos lábios que dizia com todas as letras que ela havia casado com o Homem Certo, Muito Certo, e estava feliz de ver que sua enteada querida estava seguindo seus passos.

Completamente... *ferrada*.

Desvencilhei-me de Hawk e declarei:

– Acho que vou aceitar aquele Cosmopolitan agora.

Papai deu uma risada, foi até a geladeira e disse:

– Acho melhor não, querida. Você tem que trabalhar depois.

Ele continuou andando e depois olhou para trás, para Hawk.

– Outra cerveja?

Outra? Cerveja?

Há quanto tempo ele estava na casa de meus pais e desde quando caras gostosos e musculosos, com um corpo que era um verdadeiro templo, bebiam cerveja?

– Claro – respondeu Hawk.

Olhei para ele.

– Você bebe cerveja?

Ele olhou para mim.

– Claro – repetiu.

– Cerveja não dá barriga?

– A vida é curta, baby, temos que aproveitá-la de vez em quando. E não se bebe água com lasanha e pão de alho caseiros.

Bem, a mãe dele era meio italiana. Ele devia saber.

Decidi ignorar Hawk e falei para Meredith:

– Vou ajudar você.

– Obrigada, meu bem – balbuciou Meredith, colocando a lasanha em cima de um *réchaud* no meio da mesa.

Papai serviu refrigerante diet de uva para mim, cerveja gelada para Hawk e ele, e encheu novamente a taça de vinho tinto de Meredith. Meredith e eu colocamos o pão de alho quentinho na mesa, uma salada enorme e todos os tipos de molhos conhecidos pelo homem. Então todos se serviram, comentando como tudo estava lindo e cheirando bem. Pelo menos papai e eu fizemos isso. Hawk apenas encheu o prato.

Eu estava me preparando para falar sobre Ginger, mastigando bem a lasanha, quando Meredith perguntou:

– Como foi que vocês dois se conheceram?

Engasguei com a lasanha e fulminei Hawk, sentado do outro lado da mesa, com os olhos.

As covinhas dele apareceram.

Mastiguei freneticamente para poder falar antes que Hawk dissesse alguma coisa que me fizesse ir pelos ares, ou pior, que fizesse meus pais irem pelos ares, e enquanto fazia isso, Hawk levantou as sobrancelhas claramente me desafiando.

Meredith falou para preencher o silêncio.

– Foi um encontro romântico, não foi? Aposto que foi um encontro bem romântico.

Meredith apostava nisso. O mundo de Meredith era todo cor-de-rosa, e somente Ginger pincelava esse mundo com alguns tons de cinza. Isso porque Meredith era assim mesmo: raramente tinha um dia ruim, sempre via o lado bom da vida.

Mas isso também tinha a ver com o fato de que Meredith era e sempre seria loucamente apaixonada por meu pai. Ela havia encontrado o homem dos seus sonhos, e soube disso no instante em que o viu. Essa foi a razão pela qual desmaiou dois segundos depois de olhar para ele. E o fato de ela ter desmaiado foi a razão pela qual papai a pegou nos braços e, quando ela acordou, estava nos braços dele, com a bunda no colo dele, e ele gentilmente tirava o cabelo do rosto dela e olhava para ela como um príncipe encantado olharia para sua princesa que voltava à vida.

Eu sabia disso porque estava lá quando aconteceu. Essa cena fez com que eu ficasse vermelha de vergonha, e até hoje, quando me lembro dela, sinto meu rosto enrubescer. Foi a coisa mais romântica que eu já tinha visto na vida, e nós estávamos numa loja de uma cadeia de fast-food de hambúrgueres.

Quando Hawk e eu nos conhecemos, não foi *nada* parecido com aquilo.

Mas Meredith ia querer que fosse daquele jeito, não por causa dela, mas por minha causa. E eu a amava mais do que a própria vida, então, quando engoli a lasanha, mesmo sendo algo estúpido e constrangedor, dei a ela o que ela queria.

E o que dei a ela era, por acaso, a verdade.

Com meus olhos grudados em Meredith, meu coração disparado e minha cabeça tentando fingir que Hawk não estava ali, eu disse:

– Quando Tracy estava trabalhando no Club, fazendo os drinques todos errados e quebrando um copo atrás do outro, eu fui até lá numa noite porque ela precisava de apoio moral. Eu estava bebendo no bar e de repente senti algo estranho, como uma sensação de que alguma coisa importante estava para acontecer. Então olhei para a porta e vi Hawk entrando naquele exato momento. Olhei para ele e entendi que coisa importante era aquela porque, assim que o vi, pensei logo em seguida: “Esse é o homem da minha vida, esse é o homem perfeito para mim. Se eu pudesse escolher qualquer homem no mundo inteiro, escolheria exatamente ele. Então fiquei bebendo no bar enquanto Hawk jantava. Tentei chamar a atenção dele, mas não consegui. Então quando ele se levantou para ir embora, entrei em pânico porque não queria que ele saísse e me deixasse ali. Mas ele não foi embora. Ele se aproximou de mim, colocou a mão nas minhas costas e falou comigo. Quando senti a mão dele nas minhas costas, me virei e o vi bem ali, do meu lado. Senti então que tudo o que eu já havia sentido antes por outros homens era nada.

Meredith estava me encarando, com a boca aberta e os olhos brilhantes. Então terminei:

– Foi assim que nós nos conhecemos.

Os olhos de Meredith brilhavam porque estavam cheios de lágrimas. Ela continuou me encarando, respirou fundo, olhou para papai e depois de novo para mim.

– Que lindo – sussurrou.

Papai limpou a garganta.

Olhei para o meu prato e dei uma garfada na salada. Tentei, realmente tentei, manter os olhos no prato, mas muito embora tenha conseguido manter minha cabeça baixa, levantei os olhos e acabei olhando para Hawk.

No instante em que fiz isso, baixei-os imediatamente para o prato de novo e soltei um suspiro, e o olhar dele, mesmo que visto apenas de relance, estava queimando dentro de mim de um jeito que eu sabia que a cicatriz daquela queimadura ficaria para sempre.

Isso porque quando olhei para ele, Hawk não se parecia mais com Hawk ou pelo menos não com o homem que eu estava começando a conhecer como Hawk.

Hawk parecia com o Hawk dos meus sonhos. Seu rosto era suave, mas seus olhos estavam ardentes e emocionados. Senti esses olhos me queimando mesmo quando enfiei a salada na boca e olhei para qualquer lugar menos para ele.

– Então... hã... Hawk – disse papai no meio daquele silêncio –, você participou de alguma ação quando serviu o Exército?

Ouvi a voz grave de Hawk responder, mas decidi me concentrar em enfiar a comida na boca, mastigando e engolindo sem me sujar de molho de tomate, nem ficar com um pedaço de alface preso no dente ou engasgar com um pedaço de pão de alho. Então, mesmo que eu quisesse saber a resposta de Hawk, não tinha ouvido nada.

Meio que percebendo meu estado, Meredith calmamente começou a conversar comigo sobre os livros em que eu estava trabalhando enquanto papai e Hawk trocavam histórias do Exército. Sorte minha, ficamos assim até o fim do jantar, que não durou muito e também não teve a parte de eu explicando o assunto Ginger.

Meredith estava se desculpando por não ter feito nenhuma sobremesa quando todos nos levantamos e Hawk anunciou que o jantar estava delicioso, mas que ele tinha “coisas para fazer”.

Então ele olhou para mim.

– Baby, me leve até o carro.

Fiquei sem saber se aquilo era uma ordem ou um pedido. Eu queria mesmo, de verdade, desaparecer num passe de mágica, sem deixar rastros porque, depois que contei aquela história, não queria mesmo ficar a sós com Hawk. Mas não podia fazer nada com papai e Meredith olhando, então fiz que sim com a cabeça.

Hawk e eu saímos pela porta ouvindo papai e Meredith dizerem “até logo”, “obrigado”, “vamos marcar outro jantar”. E então a porta se fechou atrás de nós, com a chave fazendo um barulho bem claro. Essa era a forma de papai dizer a Hawk que lhe daria total privacidade, que papai e Meredith iam deixar que Hawk e eu fôssemos até o carro dele sem espectadores, mas eu sabia que papai e Meredith iam ficar nos espiando por trás das cortinas (bom, pelo menos Meredith ia). Mas a essa altura eu já não me importava. A essa altura eu tinha plena consciência de que algo queimava dentro de mim, e não era só aquela sensação que tive quando vi a expressão suave no rosto dele.

Por isso, não tive nenhuma reação quando Hawk pegou minha mão e fomos descendo até o Camaro. Não tive nenhuma reação quando ele me encostou no carro. Também não tive nenhuma reação quando ele me imprensou com aquele corpo grande e colocou as mãos no meu rosto. Não tive nenhuma reação

quando pressionou meu queixo com os polegares me forçando a olhar para cima.

Naquela noite fria de fevereiro no Colorado, vi os olhos negros dele iluminados pelas luzes da rua e finalmente tive uma reação. E a reação que tive foi pensar rapidamente em estratégias para afastá-lo de mim. E a melhor estratégia para afastá-lo, decidi, era provocar uma briga.

– Ah, não contei a eles sobre Ginger... – declarei apressadamente. – Já perdi tempo demais com esse jantar, tenho que sentar na frente do computador e trabalhar, mas vou ter que contar a eles sobre Ginger. Que saco! Já tinha planejado tudo. Estava animada quando cheguei, mas você arruinou os meus planos vindo jantar conosco.

Hawk não ficou chateado com o que eu disse, porque obviamente não entendeu que aquilo era uma briga. Percorreu com os polegares o contorno do meu queixo enquanto respondia:

– Fiz um resumo dos fatos para seu pai antes do jantar. Você pode voltar e ir direto trabalhar.

Pisquei.

– Você fez um resumo dos fatos para o papai?

– Fiz.

– O que você disse?

Hawk deu uma resposta que estava longe de me satisfazer.

– Ele sabe mais do que você e você sabe mais do que sua madrasta.

– O que isso quer dizer?

– Quer dizer que sua madrasta não precisa saber da merda toda em que sua irmã está metida. Bom, de qualquer modo, eu não vou contar nada a ela. Você já sabe muito e não vai saber mais. Seu pai precisa saber de tudo, então contei a ele e ele concordou comigo sobre o que você e sua madrasta devem saber.

Eu não sabia por onde começar, então comecei pelo meio.

– Você contou tudo ao meu pai?

– Ele fez perguntas e eu respondi, então... contei, sim.

Eu não tinha certeza sobre como me sentia em relação a isso. Mas tinha certeza de que não podia voltar no tempo, então deixei passar.

– Como ele ficou?

Ele tirou os dedos do meu queixo e deslizou as mãos pelo meu pescoço até meus ombros.

– Não muito contente, mas também nem um pouco surpreso – respondeu ele.

Eu sabia como papai estava se sentindo porque eu me sentia do mesmo jeito.

– Como foi que você conseguiu que Meredith não participasse da conversa?

– Ela estava na cozinha. Pedi um tempo a sós com seu pai, ele me levou para o escritório dele e fechei a porta. Nós saímos de lá e ela não perguntou nada. Eles vão conversar sobre isso, se tiverem uma conversa sobre isso, em particular. Ela é a mulher dele, só ele pode contar a ela.

Não respondi com palavras, mas senti uma espécie de gratidão. Hawk estava certo. Papai ia querer saber de tudo, não ia gostar de não saber. Hawk estava certo também em relação a Meredith, ela não

devia saber de tudo, a menos que papai achasse que ela podia lidar com aquilo. Então ele mesmo contaria a ela.

Embora eu estivesse me sentindo grata pela maneira como Hawk tinha lidado com aquilo, não disse nada. Em vez disso, olhei para o lado.

– Baby – ele me chamou e olhei para ele novamente. – O que você disse mais cedo...

Ah, não. Nós *não* vamos mesmo conversar sobre o que eu tinha dito mais cedo. Eu preferia andar descalça por um tapete de carvão em brasa e depois mergulhar de bom grado na boca fervente de um vulcão em erupção a ter de falar sobre o que eu tinha dito mais cedo.

Por isso na mesma hora tentei jogar minha cabeça para trás e me livrar das mãos dele, mas Hawk foi mais rápido do que eu e me agarrou firme e me imprensou contra o carro. Ele colocou as mãos no meu rosto de novo, pressionando meu queixo com os polegares para me forçar a olhar para ele.

– Baby – repetiu quando fiquei olhando para a orelha dele.

Acho que vou ter que falar sobre o que eu tinha dito mais cedo.

– Eu inventei aquilo tudo – menti, olhando para a orelha dele. – Meredith é romântica. Não podia dizer a ela como nós somos realmente. Não podia dizer com o papai ali do lado, nem em particular, nem nunca.

– Baby – disse ele novamente.

– Não tem problema. Pelo menos não agora. Quando você se mandar, terá. Meredith vai ficar triste, mas dou um jeito.

– Minha flor, olhe para mim – ordenou ele com voz baixa.

Olhei para ele.

– Eu pedi para sentar naquela mesa – me informou.

Inspirei fundo o que ele disse.

Depois expirei tudo num “O quê?!”.
– Já estava de olho em você antes de você ficar de olho em mim, Gwen.

Olhei para ele, sem conseguir dizer nada.

– Vi você pela vidraça do restaurante quando eu estava entrando. Você e sua amiga estavam rindo.

Ah, meu Deus.

Ele abaixou a cabeça e aproximou o rosto do meu. Eu apenas observei enquanto ele fazia isso, prendendo a respiração e sentindo os seus olhos queimarem os meus.

– Ainda posso ver você rindo – sussurrou ele.

Ah, meu Deus!

Ele deslizou um dos polegares pela maçã do meu rosto e com a outra mão acariciou meus cabelos, descendo até o pescoço, o ombro, as minhas costas. Ele abaixou a cabeça ainda mais e me beijou.

Esse foi um beijo de língua, muita língua, minha e dele. Foi molhado, intenso, e durou muito tempo.

E, como sempre, eu ainda queria mais quando ele ergueu a cabeça. Meu corpo pulsava em lugares que

ele podia sentir e em outros que só eu podia sentir, e nos lugares mais íntimos era *bem* melhor.

– Vá trabalhar agora, minha flor – murmurou ele com a boca colada na minha, depois me afastou do carro, destravou o alarme, abriu a porta, entrou no carro, ligou o motor e arrancou.

Eu já tinha perdido de vista as lanternas do Camaro, mas ainda fiquei parada ali, uma pulsação residual se acabando dentro de mim, e com um único pensamento na cabeça.

Ele ainda podia me ver rindo.

UM APERTO NO PEITO

Senti o intenso calor da mão de Hawk nas minhas costas e abri os olhos. Eu estava dormindo profundamente. Um pouco confusa com aquela pontada de excitação, senti o peso do seu corpo largar-se na cama e ele se virou para mim.

Colocou os braços em volta de mim, grudou o seu corpo no meu e a confusão que eu sentia passou.

Eu estava na casa dos meus pais.

Antes que a sombra de sua cabeça descesse e atingisse o alvo pretendido, cobri sua boca com a minha mão.

– O que está fazendo? – sussurrei.

Ele ergueu a mão, seus dedos envolveram meu pulso e o afastaram.

– O que eu sempre faço – respondeu ele, sussurrando também.

– Você invadiu a casa dos meus pais? – perguntei ainda aos sussurros.

– É, invadi – ele respondeu, como se aquilo não fosse nada de mais.

– Nós não vamos trepar com meus pais praticamente do outro lado da parede!

Ele ficou em silêncio, parado, em seguida moveu-se com rapidez, seu rosto desapareceu no meu pescoço enquanto ele me segurava firme e me virava, nossos corpos frente a frente. Foi então que ouvi seu riso abafado.

– Hawk! – repreendi-o, empurrando os seus ombros nus e musculosos, tentando afastá-lo de mim.

Ele levantou a cabeça, tirando o peso de cima de mim, suspendendo o tronco com os braços estendidos um de cada lado do meu corpo.

Ele olhou para mim na escuridão.

– Baby, eu não vou trepar com você – murmurou.

– Você disse “O que eu sempre faço”. E o que nós sempre fazemos é sexo – retruquei.

– Claro, baby, mas sexo sempre começa com um beijo.

Ah. Verdade.

Fiquei olhando para o contorno da sua cabeça na escuridão.

– O que você está fazendo aqui então?

– Você está aqui.

– E? – insisti.

Ele levou a mão até o meu rosto e senti seus dedos deslizarem pela testa e pegarem meus cabelos.

– Na outra noite você foi alvo de alguém e esse alguém chegou perto o suficiente de você, e assustou

você. Quando isso aconteceu, meus homens estavam a oito minutos de distância e eu, a uma hora.

– Você está me contando o que eu já sei, Hawk.

– Não vai acontecer de novo.

A princípio, ele parecia estar de brincadeira, depois vi que falava sério. A última frase soou como uma promessa.

Senti um aperto no peito.

Fingi não estar sentindo nada e lembrei a ele:

– Papai está no quarto ao lado.

– Seu pai é um homem que pode tomar conta de si mesmo e de você, minha flor, mas tem gente lá fora que não sabe disso. E se eles virem meu carro estacionado aqui na rua, vão pensar duas vezes antes de querer sacanear alguém desta casa.

Minha Nossa! Ele estava protegendo a mim, papai e Meredith.

Uau!

– Então você está aqui apenas para... hã... *estar* aqui? – perguntei.

– Por isso e para ter certeza de que você vai dormir bem.

Oh!

Uau!

Estava ficando cada vez mais difícil resistir ao aperto no peito.

Ele continuou:

– E quero dormir um pouco junto com você, estou cansado pra caralho também.

Oh!

Uau!

SuperHawk, o maior amante do mundo e o maior valentão do pedaço estava cansado.

Interessante.

– Baby – chamou ele.

Dei um pulo, saindo daquele estado de admiração e perguntei:

– O que foi?

– Vamos?

– O quê?

– Dormir.

Não. Não, eu não ia conseguir voltar a dormir. Eu havia conseguido um segundo fôlego mais cedo, depois de ficar parada no frio vendo ele ir embora. Aproveitara essa energia para dar conta de uma quantidade absurda de trabalho, ficando acordada e alerta até minha concentração começar a se dissipar por volta das quinze para meia-noite. Fechei o computador e caí na cama sentindo uma exaustão que, eu sabia, significava que eu iria dormir profundamente. No momento em que minha cabeça bateu no travesseiro, apaguei como uma lâmpada.

Agora estava superdesperta.

– Vamos – menti.

Ele deitou a cabeça no meu peito e fez algo novo, algo que nunca tinha feito antes, a não ser como introdução para algo mais. Beijou suavemente a base do meu pescoço, no buraquinho no meio da clavícula.

Depois saiu de cima de mim, virou-me de lado também, e me abraçou por trás, colocando sua perna grande, quente e pesada sobre a minha. O braço continuou segurando minha barriga bem apertado, e ele me deu um beijo atrás da orelha e depois colocou a cabeça no travesseiro.

Acho que Cabe Delgado não verbaliza o seu boa-noite, ele faz acontecer.

Huumm.

Fiquei ali, encaixada na curva quente do seu corpo, debaixo do seu braço, sentindo sua respiração no meu pescoço e pensando, “*Quem diria! O Estranho está dormindo de conchinha comigo!*”

Tracy viraria estrelas de pura alegria por um quilômetro se soubesse disso. Cam podia até enfartar.

Eu não sabia o que fazer, a não ser deixar aquele sentimento que meu corpo estava comunicando a meu cérebro penetrar em mim cada vez mais, e aquele sentimento era: *eu gosto muito disso, mesmo.*

Meu ex-marido Scott nunca dormia de conchinha. Eu ficava agarrada nas costas dele, mas ele nunca me aninhava em seu corpo. Mesmo depois do sexo. Ele era o tipo do sujeito “pá-pum-valeu-ái”. Gozava, saía de cima, virava de lado, desligava a luz e dormia.

E roncava.

Ele não dava nenhum aconchego, não falava coisas bonitas. Não fazia nada disso. Nem mesmo para me deixar pronta para o segundo tempo. Com Scott, nunca havia segundo tempo. Isso porque, eu descobriria mais tarde, quando ele fazia sexo comigo, já estava exausto porque já tinha feito sexo com outra pessoa naquele dia. Ou com duas outras pessoas. Talvez três, quem sabe, ele era um tremendo de um tarado.

Comecei a sentir o peso de Hawk em mim, seu braço relaxado. A respiração dele ficou suave e eu sabia que estava dormindo. Dormindo de conchinha comigo.

O que eu faço com isso? Como ia poder terminar tudo entre nós se eu *gostava* disso? E daquilo que ele disse lá no carro. E do fato de ele não gostar que eu ou minha família estivéssemos na mira de alguém e por isso estava nos protegendo.

Esse não era o homem que esmagava Troy na frente de todo mundo como se fosse um inseto ou que ficava me dando ordens. Esse era um homem com quem a gente sonhava.

E era isso tudo que estava passando pela minha cabeça naquele momento, até se tornar apenas algumas imagens difusas quando meu corpo começou a relaxar no de Hawk e eu caí no sono também.

Devo ter ficado no mundo dos sonhos por um tempo, mas pareceram apenas alguns segundos, antes de eu sentir o braço de Hawk me apertando tão forte que chegava a machucar e me impedia de respirar. Meus olhos se abriram e, nesse instante, aquela sensação de calor tinha acabado.

Eu me virei e vi a sombra dele sentada na cama. Ele estava vestindo a calça.

Eu me ergui, apoiada em um dos cotovelos, e abri a boca para dizer alguma coisa quando ele se virou para mim novamente, colocou o joelho na cama e um dedo bem de leve nos meus lábios. Eu o vi fazer um sinal de não com a cabeça no meio da escuridão do quarto.

Epa.

Em seguida, ele desapareceu.

Um nanossegundo depois ouvi uma luta corpo a corpo, algumas respirações fortes e pesadas e daí uma batida seca, alta, como se o corpo de alguém tivesse sido jogado contra a parede.

Então ouvi o grito inconfundível de minha irmã Ginger:

– *Que porra é essa?*

Joguei as cobertas longe e pulei da cama, vendo que alguém tinha acendido as luzes no corredor.

– Ginger! Meu Deus! – ouvi papai gritar antes de eu chegar ao corredor e ver Ginger grudada na parede com a mão de Hawk em seu peito. Hawk estava só de calça, mas com os botões abertos. Papai estava no corredor só de calça de pijama olhando com raiva para Ginger, e Meredith se juntou ao grupo depois, como eu, mas, diferente de mim, ela estava vestindo um de seus *négligés* de cetim compridos e rendados, que ela sempre usava, mesmo quando eu era criança, embora alguns deles fossem curtos, e eu sempre achava que ela era *demais*, por causa dessa roupa de dormir tão sexy.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou papai, os olhos se estreitando na direção dela, aparentemente sem se surpreender, ou sem se preocupar, que Hawk estivesse no corredor de sua casa no meio da noite, descalço e sem camisa e com os botões da calça abertos.

De minha parte, também não me surpreendeu que Ginger estivesse vestida como Darla ontem, a não ser pelo fato de ela estar usando um corpete rendado na frente. Era pelo menos um, talvez dois tamanhos menor, então a renda ficava meio aberta, mostrando a pele e um pouco dos peitos. Ela também não estava usando meias arrastão, mas uma meia-calça toda esburacada. E precisava urgentemente retocar a maquiagem porque o rímel e o delineador davam aos seus olhos a aparência de olhos de guaxinim. Por último, o seu cabelo louro-avermelhado e encaracolado era a perfeita definição de ninho de ratos.

Minha irmã. Uma piranha caso sério.

– Eu cresci aqui – reagiu Ginger, e Hawk recuou um passo, abaixando o braço e andando na minha direção.

– É, mas da última vez que você esteve aqui acho que fui bem claro quando disse que você não era mais bem-vinda nesta casa – retrucou papai. Olhei para Meredith e vi que ela estava parada ali com os braços cruzados ao redor da barriga, seu lindo rosto de fada muito pálido e os lábios tremendo.

Ao ver isso, olhei novamente para minha irmã e mentalmente a atravessei com imaginárias lanças tribais africanas gigantescas.

– Porra, eu só preciso da porra de um banho e de alguma coisa pra comer. Estou na merda. Vocês não vão me deixar nem tomar a porra de um banho? – perguntou Ginger.

– Ginger, veja como fala – adverti, porque Meredith detestava quando falávamos palavrão. Ela dizia que moças não falam palavrão. Claro que eu falava palavrão na minha cabeça e às vezes eles escapuliam da minha boca, mas nunca na frente de Meredith.

Ginger virou-se para mim e disse entre os dentes:

– Vai se foder, *Gwennie*.

– Estamos em plena madrugada – papai se apressou em informar a ela.

Ginger virou a cabeça rápido na direção dele.

– E daí, porra? – ela retrucou.

– Ginger, lembre-se de com quem você está falando – rebati, e ela me fuzilou com os olhos.

– Vai se foder, eu já falei – ela disse, me dando mais uma olhada. Depois perguntou: – O que você está *fazendo* aqui?

– Fugindo da sua merda, que vazou para a casa dela ontem à noite – respondeu Hawk.

Ginger olhou para ele, depois para mim, depois para Hawk de novo, e por fim para papai e Meredith.

– Saquei, eu sou sua filha, estou na merda e não posso nem usar a porra da *preciosa* água de vocês pra tomar a *porra* de um banho. Mas a *Gwennie*, a doce, maravilhosa e *perfeita Gwennie*, pode vir pra cá e trazer o carinho com quem ela tá fodendo – disse a eles Ginger.

Prendi a respiração, sentindo o corpo de Hawk se enrijecer ao meu lado.

Meredith gritou:

– Ginger!!

– Que foi?!! – gritou Ginger de volta. – Vocês estão cheios de merda porque apareci de madrugada, mas Gwen, a perfeita Gwen, ela pode ficar de sacanagem com o brinquedinho dela no quarto ao lado que vocês não dão a mínima?! – perguntou Ginger.

Respirei fundo novamente quando senti uma onda de fúria vindo de Hawk. O rosto de papai ficou tão vermelho que pensei que ele fosse enfartar, mas Meredith, Meredith fez alguma coisa. Ela andou na direção de Ginger e lhe deu uma tapa no rosto com tanta força que a cabeça de Ginger virou para o lado.

Houve um rebuliço porque Ginger quis partir para cima de Meredith. Papai puxou Meredith para o lado dele a salvo, e Hawk segurou Ginger contra a parede de novo com uma das mãos e com a outra me segurava para evitar que eu e minha irmã começássemos a brigar, puxando os cabelos uma da outra, xingando, unhando e dando tapas.

Parei de tentar desvencilhar-me de Hawk quando Ginger contra-atacou, dando-lhe um chute nas pernas (e errando) e arranhando o braço dele com suas unhas pretas descascadas. Fiquei com medo de que aquele arranhão fizesse algum estrago, mas ele a empurrou contra a parede com uma das mãos, seu rosto fechado e tenso, o maxilar tão contraído que parecia que ia quebrar.

– Tire a mão de mim!!! – ela berrou.

– Fica calma, porra – respondeu Hawk.

– Eu disse pra tirar a *porra da mão de cima de mim!* – repetiu Ginger, num grito agudo.

Foi então que ouvimos o barulho de vidros quebrando. Todo mundo parou e continuou parado, exceto Hawk, que, após uma imobilidade inicial, saiu correndo pelas escadas. Foi quando ouvimos mais dois barulhos de vidro se quebrando, dessa vez com menos força, depois dois sons sibilantes idênticos, seguidos de dois estrondos secos.

Então vimos a inconfundível dança do fogo nas escadas.

– *Hawk!* – gritei, sem pensar em mais nada e disparando para as escadas.

Papai me pegou pela barriga, me segurando com o braço forte e me puxando para trás. Colocou-me atrás dele, levantou um dedo na frente do meu rosto e ordenou:

– Fique aqui!

Depois correu para as escadas.

– Bax! – gritou Meredith, mas me virei para ela e disse com firmeza:

– Vá colocar um sapato e um casaco. Pegue para o papai também.

Meredith não se mexeu e eu gritei:

– Vá! Agora!

Meredith saiu correndo para o quarto e me virei para Ginger.

– Banque a inteligente uma vez na vida – berrei. – E não saia daqui.

Ela me deu uma olhada e respondeu:

– Não enche o meu saco.

Eu não tinha tempo para Ginger. Fui até o quarto de hóspedes colocar minhas botas e peguei as de Hawk e sua camiseta. Eu estava saindo do quarto quando dei um encontrão em alguma coisa que parecia uma parede, mas era Hawk. Ele jogou um cobertor sobre mim, me embrulhando com ele, e, antes que eu pudesse me virar, me pegou no colo e saímos dali.

Senti o cheiro da fumaça e o calor. Depois senti o ar fresco e o frio. Hawk me colocou no chão. Lutei com o cobertor, ainda segurando a camiseta e as botas dele, e consegui colocar a cabeça para fora bem a tempo de vê-lo correr de volta para a casa, descalço e sem camisa. Livrei-me do cobertor, joguei a camiseta e as botas dele no gramado, corri para a lateral da casa, descendo o aclive, e pulei a mureta da entrada do apartamento da sra. Mayhew. Bati à porta e gritei, porque às vezes ela não ouvia muito bem. Continuei fazendo isso até que a luz externa se acendeu e a porta se abriu.

Ela olhou para mim, baixinha como uma velha senhora e com aquele seu cabelo azul penteado de sempre, e não como se estivesse dormindo, e disse com a respiração acelerada:

– Gwendolyn, o que...?

Cortei-a.

– Não temos tempo, sra. Mayhew, pegue um casaco e ponha um sapato. Rápido, rápido, rápido. Está pegando fogo lá em cima.

Não esperei que ela me obedecesse. Entrei correndo na casa, enxotando os gatos para fora, e fui direto para o quarto dela. Peguei o seu robe felpudo de senhorinha e, quando a sra. Mayhew se

aproximou de mim, joguei-o sobre ela. Depois corri até o closet e tirei de lá um par de botas de neve com forro de pele. Enganchei meu braço no dela e a fui puxando para fora de casa.

Quando chegamos lá fora, ela parou e se segurou em mim para não perder o equilíbrio enquanto calçava as botas. Fomos para a frente da casa e Meredith estava lá, falando no celular, enrolada num cobertor. Mas fiquei paralisada de surpresa quando vi Dog ali também, com a mangueira do jardim na mão e correndo rápido na direção da janela da frente, de onde saíam as chamas.

– Onde estão papai e Hawk? – perguntei para Meredith aos berros.

Ela tirou o celular da orelha e respondeu:

– Lá dentro. Bax pegou os extintores.

Merda!

Meu pai tinha sido bombeiro voluntário por dez anos. Ele tinha extintores em tudo que é lugar. Ele e Hawk eram daquele tipo de machão idiota que tenta apagar um incêndio de grandes proporções com a porra de um *extintor*.

Respirei fundo, dizendo a mim mesma que não ajudaria nada entrar em pânico ou dar gritinhos, coisas que eu estava louca para fazer.

Então puxei a sra. Mayhew, que estava tremendo muito, para o meu lado e perguntei a Meredith:

– E Ginger?

Meredith balançou a cabeça e voltou os olhos para a lateral da casa, onde ficava a árvore por onde Ginger costumava sair escondida. Papai tinha ameaçado cortar aquela árvore um milhão de vezes, mas como havia uma outra árvore do outro lado da casa, Meredith se recusava a permitir isso, dizendo que a paisagem ficaria desequilibrada.

Agora, mesmo que a minha irmã fosse uma *grandessíssima vaca*, eu estava feliz por Meredith não ter deixado meu pai cortar a árvore, porque Ginger certamente tinha escapado por ela.

Essa constatação conflitava com o meu pensamento de que ela se mandara dali e deixara sua mãe e eu lá sem dizer uma palavra ou se importar com outra pessoa da família. Especialmente depois que a casa da nossa infância foi incendiada por causa da *merda* que ela havia feito.

Segurei a sra. Mayhew bem junto de mim e olhei para a casa, desejando que papai e Hawk saíssem de lá enquanto Dog estava com a mangueira apontada para a janela da frente.

Então ouvimos as sirenes. Os bombeiros estavam chegando. Levou aproximadamente um milésimo de segundo para eles chegarem e tirarem todo o equipamento deles e começarem a debelar as chamas. Papai saiu da casa vestindo casaco e botas, mas Hawk saiu ainda com os pés descalços e o peito nu.

Peguei as botas e a camiseta dele e corri ao seu encontro.

Ele colocou um braço em volta de mim e me levou até o caminho lateral onde meus pais e a sra. Mayhew estavam, agora ao lado de Dog.

Hawk começou a falar enquanto vestia a camiseta.

– O que você está fazendo aqui, porra? – perguntou.

– Cumprindo ordens – respondeu Dog.

– Gwen ou Ginger?

– Gwen – respondeu Dog.

O rosto de Hawk ficou tenso, mas eu estava ocupada demais me preocupando com o fato de estar também coberto de fuligem. Por isso, me aproximei dele e coloquei a mão em seu abdômen.

– Baby – sussurrei, me inclinando para ele e olhando para cima –, você está bem?

Ele olhou para mim.

– Estou – disse, com a voz rouca.

– Tem certeza? Não sofreu nenhuma queimadura?

Ele continuava olhando para mim, mas só depois de um minuto seus olhos conseguiram focalizar-me direito.

Ele passou o braço pelo meu ombro e me puxou mais para perto.

– Estou bem, Gwen – murmurou e olhou para a casa em chamas.

Também olhei para a casa dos meus pais e envolvi sua cintura com meus braços. Puxei-o para perto de mim e encostei a cabeça no seu peito. Nesse momento o seu outro braço fechou-se em torno de mim.

Os vizinhos saíram de suas casas, papai, Meredith e a sra. Mayhew se aproximaram de nós e ficamos vendo os bombeiros apagarem o fogo.

PRÓS E CONTRAS

Acordei, mas continuei de olhos fechados deitada na minha cama, sentindo a luz do sol de Denver em minhas pálpebras.

Estiquei o braço para o lado e deslizei a mão pelo lençol.

Eu estava sozinha. Hawk tinha ido embora.

Virei de lado, coloquei as duas mãos sob o rosto e dobrei os joelhos antes de abrir os olhos.

Havia gente na minha casa, na cozinha. Dava para saber porque meu quarto ficava em cima da cozinha e eu estava ouvindo um burburinho que vinha de lá.

Parecia Meredith e os homens de Hawk. Ela provavelmente estava fazendo donuts caseiros que eles não iriam comer e regalando-os com histórias sobre meus ex-namorados, nenhum dos quais ela gostara, exceto Hawk, mas nunca me dizia nada até eles ou eu rompermos o namoro.

Papai devia estar trabalhando. Sua casa tinha sido alvo de uma bomba incendiária, ele tentou conter as chamas, depois viu os bombeiros apagarem o incêndio e comunicou à polícia. Em seguida, um dos homens de Hawk apareceu num SUV, Hawk nos fez, Meredith, papai, a sra. Mayhew e eu, entrarmos no carro, e seu subordinado (um cara chamado Mo, que parecia um pugilista ou um gigante) levou a sra. Mayhew para a casa de uma amiga chamada Erma, e papai, Meredith e a mim para minha casa. Papai tomou um banho enquanto Meredith e eu abríamos o sofá do meu escritório e o forrávamos com um lençol. Papai e Meredith caíram na cama, eu caí na cama, e algum tempo depois, pouco antes do amanhecer, senti Hawk se deitar ao meu lado. Ele se enroscou em mim, encaixando novamente o corpo por trás do meu, mas voltei a dormir profundamente antes de saber se aquilo era um sonho ou não.

Mesmo com tudo isso, eu suspeitava que papai tivesse ido trabalhar. A costa leste inteira podia despencar no mar e ainda assim papai iria para o trabalho, pegaria o telefone, ligaria para seus funcionários e perguntaria por que eles ainda estavam em casa lamentando a perda de seus entes queridos e dos monumentos nacionais, enquanto o país inteiro enfrentava uma crise sem proporções. E então diria aos funcionários para se apresentarem imediatamente, porque havia muito trabalho a fazer.

É claro que ele tinha apenas a calça do pijama e um casaco para vestir, mas isso não iria detê-lo.

Fechei os olhos e suspirei.

O detetive Mitch Lawson tinha aparecido na noite anterior. Ele falou com Hawk primeiro, depois com papai e Hawk, depois com Meredith e comigo. Quando ele falou conosco, queria apenas saber se estávamos bem e não fez um interrogatório propriamente dito. Depois apertou meu braço como uma forma de me dizer para ficar tranquila, encarou-me com seu olhar intenso (mas comovido) e em seguida

foi embora.

Dog desaparecera de cena antes de os policiais e Lawson chegarem. E tinha sido por isso que Hawk não veio conosco para minha casa. Hawk tinha ido procurar Dog. Eu não sabia por quê, mas não fiz perguntas. Estava num extremamente raro estado de espírito do tipo “faço-o-que-me-mandarem-fazer”. Então quando Hawk começou a me dar ordens, não debochei dele e fiz exatamente o que me mandou fazer. Entrei no SUV, levei minha família para o aconchego e a segurança da minha casa, e fui para a cama.

Eu estava pensando nisso quando olhei para a porta e vi Hawk entrar no quarto. Fiquei surpresa. Pensei que ele estivesse fazendo coisas típicas de Hawk, como reunir informações para suas missões secretas, interrogar suspeitos em salas de concreto sem janela, surrar infiéis até a rendição, coisas desse tipo.

Também me surpreendeu porque ele usava calça cargo verde-oliva limpa e uma camiseta vermelho-escura, de mangas compridas, limpa e superjusta. Acho que os homens dele lhe trouxeram algumas roupas. Fiquei me perguntando se eles faziam compras também e se tinham crédito na Nordstrom. Se tivessem, isso certamente entraria na coluna dos prós da minha lista “Devo ou não explorar as possibilidades com Cabe ‘Hawk’ Delgado?”.

Hawk não tirou os olhos de mim enquanto caminhava na minha direção, se sentou meio de lado, inclinou o tronco sobre o meu, apoiando o braço na cama e aproximando o rosto do meu.

– Você está bem, minha flor? – perguntou, calmamente.

– Você pode me fazer um favor? – perguntei a ele calmamente também.

– Depende – respondeu.

Era de se esperar.

– Da próxima vez que for combater um incêndio, será que você poderia, por favor, parar para pôr uma camisa e sapatos antes de pular no meio do inferno?

Vi que ele estava sorrindo e que suas covinhas estavam aparecendo.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Pular?

– Tá, você não pulou, apenas correu como um louco na direção do inferno. Você entendeu o que eu quis dizer.

Alguma coisa mudou no rosto dele, mas não consegui identificar o que era porque ele ficou olhando para o meu cabelo. Ele trocou o braço de apoio na cama e ergueu a mão livre. Correu a ponta dos dedos pelo meu cabelo, desde a testa até minha orelha, e tirou os fios do meu pescoço. Depois olhou nos meus olhos.

Prendi a respiração porque seus olhos estavam ardentes e emocionados, como durante o jantar na noite passada.

– É, sei o que você quer dizer – sussurrou ele. Queria tirar meus olhos dos dele, eu realmente queria,

mas não conseguia. – Você ficou preocupada comigo.

– Você estava tentando apagar um incêndio vestindo só uma calça cargo – disse, tentando parecer descontráida, e sem conseguir.

Seus olhos negros e ardentes prenderam os meus por um longo tempo. Tanto que meu peito começou a apertar.

– Tá certo. Da próxima que eu estiver numa casa pegando fogo, vou colocar uma camisa e botas antes de enfrentar o inferno.

– Obrigada – sussurrei.

Ele olhou para mim novamente e perguntou:

– Agora que encerramos esse assunto, você pode responder a minha pergunta?

– Que pergunta?

– Está tudo bem com você?

– Está.

Seus olhos prenderam os meus novamente por longos segundos antes de ele sussurrar:

– Mentirosa.

– Está tudo bem, sim – decretei.

– Gwen, você está toda encolhida nessa postura fetal de novo.

Merda. Eu estava mesmo.

Saí da posição, me esticando e pegando os travesseiros para recostar a cabeça no espaldar da cama. Hawk trocou de posição também, levantando o tronco, de modo que o quadril dele ficou ao lado do meu e o peso de seu corpo, apoiado no braço do lado oposto.

– Meredith está lá embaixo? – perguntei.

– Está – respondeu ele.

– Ela está fazendo donuts caseiros? – perguntei.

– Você está perguntando mesmo ou apenas torcendo pra isso? – perguntou ele de volta.

Eu tinha de admitir que estava torcendo muito, mas só admitiria para mim mesma.

Por isso, não disse nada.

Ele sorriu outra vez e respondeu:

– Não, ela está fazendo ovos com bacon.

Meredith fazia uns ovos com bacon muito bons, mas os donuts eram melhores.

– Eu tinha ovos e bacon em casa?

– Parece que sim, levando-se em conta que ela está na cozinha de camisola, com um robe por cima, e que não tem carro, nem você, então duvido muito que tenha saído para fazer compras.

Talvez eu tivesse mesmo ovos e bacon em casa. Ovos, pelo menos, afinal eles eram um ingrediente fundamental para fazer todos os tipos de massa de cookies.

– E papai? – perguntei.

– Um cara chamado Rick apareceu aqui uma hora atrás com uma muda de roupa e levou seu pai para o trabalho.

Eu sabia!

– Meu pai é doido – murmurei.

Ele levantou a mão e enrolou um cacho do meu cabelo no dedo e depois o largou.

Achei um gesto meigo.

Hawk sabia ser meigo. Era carinhoso. Salvou minha vida ou, pelo menos, me resgatou sã e salva de uma casa em chamas.

Três itens para a coluna de prós da minha lista “Devo ou não explorar as possibilidades com Cabe ‘Hawk’ Delgado?”

Merda.

Eu pensava nessas coisas quando ele fez uma pergunta que poderia explicar por que estava sendo tão meigo comigo.

– Você quer primeiro as boas ou as más notícias?

Ah, que ótimo. Havia más notícias.

– Que tal você me contar as boas agora e as más só no próximo milênio?

– Tá bom – concordou ele, e achei que a resposta não era sinal de boa coisa.

– As más notícias – resmunguei.

O rosto dele ficou sério.

– Ginger fugiu.

Minha confusão, tenho certeza, estava estampada no meu rosto.

– O quê?

– Ela fugiu.

– Do quê? Do incêndio?

– Também, e dos caras que jogaram bombas incendiárias na casa dos seus pais para pegá-la.

Ah, merda.

– Mas por que eles não provocaram um incêndio na minha casa para matá-la?

– Baby, meu carro está parado na sua porta.

– E?

– Você acha que eles estão pensando que vou deixar alguém morrer nesta casa?

Cruzei os braços e fiquei olhando para ele.

– Eu sei que você está a um passo de ser um super-herói de verdade, Hawk, mas está falando sério?

Ele sorriu.

– Você acha mesmo que estou a um passo de ser um super-herói?

Ah, merda. Hora de disfarçar.

– Eu estava brincando – informei a ele.

O sorriso dele ficou ainda maior.

– Não estava, não. Você acha sim que estou a um passo de ser um super-herói de verdade.

– Você não tinha também uma boa notícia para me dar? – instiguei, para mudar de assunto.

– Provavelmente foi naquela noite em que te dei um orgasmo triplo – disse ele, insistindo no mesmo assunto, e fiquei boquiaberta.

Mas fechei a boca rapidamente e perguntei:

– O quê?!

– Naquela noite, quando eu chupei você e enfiei os dedos e você...

– Eu não tive um orgasmo triplo, Hawk – rebati, mas a verdade era que eu tive sim.

– Teve, sim, baby. Eu contei.

– Não tive. Aquilo foi só um orgasmo muito longo – menti.

– Gwen, você acha que eu realmente não sei quando você termina de gozar e começa de novo?

– Acho que você não sabe, não – retruquei.

– Acontece muito – observou ele, e estava certo.

Esse item foi para a coluna de contras da minha lista “Devo ou não explorar as possibilidades com Cabe ‘Hawk’ Delgado?”. Ele era arrogante.

– Alôôô?! – chamei-o. – E a boa notícia? Ou pelo menos me diga por que Ginger ter fugido é uma má notícia.

Ele sorriu para mim e finalmente mudou de assunto.

– Sua irmã ter fugido é uma má notícia porque eu estava com ela na mão e podia ter entregado Ginger para Lawson. Mas a deixei escapar. E ainda tive que enfrentar o incêndio na casa do seu pai.

Senti que estava levantando as sobrancelhas.

– Entregar Ginger para o Lawson?

– O único lugar seguro para ela é na cadeia. Se ela fizer um acordo, pode reduzir a pena. Se contar metade de toda a merda que sabe, eles vão entregá-la para os federais e lhe darão uma identidade nova.

Ginger Kidd vai testemunhar e depois desaparecer, mas vai continuar respirando.

– Os federais? – sussurrei.

Pela minha voz e também pela cara apavorada que devo ter feito, Hawk amaciou.

– Baby, você sabe que ela está numa merda danada, não sabe?

– Sei – confirmei. – Mas os *federais*?

– É muito *grave* – repetiu ele, variando a forma.

Olhei para baixo e sussurrei:

– Que droga!

Hawk levantou minha cabeça, puxando meu queixo para cima com o polegar e o indicador, até que meus olhos encontraram os dele.

– Ela estava nas minhas mãos. Eles não queriam lhe dar um susto. Queriam acabar com ela, e tinham

que me manter ocupado para isso.

– Mas ela só ficou lá alguns minutos. Será que eles tiveram tempo para bolar e executar esse plano medonho?

– Eles são engenhosos.

Essa não era uma boa notícia.

– Mas ela conseguiu fugir – terminei.

– Conseguiu – confirmou Hawk.

– E o Dog? – perguntei.

– Eu o encontrei. Ele é alérgico a policiais, então se mandou. Ele chegou depois que o fogo tinha começado, para dar uma passada e ficar de olho em você para o Tack. Ele não viu nada, nem mesmo Ginger, ou ela estaria lá no Chaos agora mesmo.

– Ficar de olho em mim para o Tack?

Um certa tristeza passou pelo rosto dele.

– Eu lhe disse, baby, você não quis fazer o Tack se interessar por você, mas fez.

– Tá, fiz ele se interessar por mim, mas não entendi direito. Por que Dog daria uma passada na casa dos meus pais?

– Ordens do Tack, para garantir a sua segurança.

Encarei-o.

Depois disse, soltando o ar dos meus pulmões:

– Para garantir a minha segurança?

Ele me encarou também.

Depois perguntou:

– Ah, baby, fala sério?!

– Eu vi o Tack apenas uma vez – lembrei a ele.

– Duas – me lembrou ele.

– Ok, duas – corriji.

– É – concordou Hawk.

– Então, não estou entendendo. Eu mal conheço o cara. Por que ele mandaria Dog ficar de olho em mim?

Hawk me encarou de novo, e então repetiu:

– Ah, baby, fala sério!

Levantei as mãos demonstrando impaciência e me endireitei na cama, sentando em cima das minhas pernas.

– Estou falando sério, Hawk. O que está acontecendo?

Ele franziu os olhos e me perguntou:

– Você se lembra da nossa conversa ontem à noite?

Epa.

– Qual delas? – perguntei hesitante.

– Aquela em que lhe contei que tinha reparado em você antes mesmo de entrar no restaurante, onde você estava dando um show para todos os homens no salão.

– Eu não estava dando um show para todos os homens no salão – gritei.

– Estava sim, baby.

– Não estava.

– Estava.

Inclinei-me para frente, aproximando o rosto do dele.

– *Não* estava.

– Minha flor, você estava jogando o cabelo de um lado para outro, se esfregando no banco em que estava sentada, brincando com o canudo do coquetel na boca... Mas, vou lhe dizer, a sua risada já é suficiente para fazer um homem ficar de pau duro.

Outro contra. Mais ou menos. Quero dizer, eu estava fazendo aquilo tudo para ele e fiquei contente de saber, depois de todo esse tempo, que ele tinha notado, mas não ia contar isso para ele.

E era bom saber que ele gostava da minha risada.

Continuando.

– E o que isso tem a ver com o Tack? – provoquei.

– Você não percebe um padrão aqui?

– Hã?... Não.

– Você estava ou não estava no gramado da sua casa, quando estávamos eu, Lawson e Tack juntos?

Epa.

– Estava – rebati.

– E não estava na sua sala de estar quando aquele seu amigo, Troy, apareceu?

Hum. Agora eu estava entendendo.

– Essa vez não conta. Conheço Troy...

Hawk me cortou.

– Conta para ele.

Provavelmente ele estava certo.

– Conta para mim.

Cruzei os braços novamente.

– Vamos direto ao ponto.

– O ponto é que você é o tipo de mulher que deixa os homens loucos. Você liga quando alguma coisa quebra na sua casa e o cara vem a qualquer hora correndo para consertar, mesmo que esteja no meio de um jogo na TV.

Ah, merda. Isso tinha acontecido mesmo. Liguei para Troy bem no meio de um jogo do Denver

Broncos.

Nossa, eu *odeio* que Hawk saiba tanto assim sobre mim.

Outro ponto contra.

– Você também é o tipo de mulher que, quando um homem a vê indefesa, toda encolhidinha nessa posição fetal aí em que você fica, ele quer fazer tudo o que puder para não vê-la nunca mais assim.

Apertei os olhos.

– É por isso que você está aqui?

Ele balançou a cabeça.

– Estou aqui porque quando você goza, você goza forte, você não se reprime, mas também consegue se segurar para o tesão aumentar ainda mais. Estou aqui porque quando você me chama de baby na cama, sinto isso no meu pau. E estou aqui porque você não tem medo de tomar uma atitude, quando todas as outras mulheres que conheço não têm coragem nem de fazer “buuu” para mim. Ver que você está assustada e querer fazer alguma coisa para acabar com isso é só uma razão a mais para eu estar aqui.

Fiquei sem resposta e não falei nada.

Depois de um tempo, perguntei:

– E o Tack?

– Sua atitude, baby. Você deu um ataque lá na Ride e não conheço muitas mulheres que, rodeadas pelos membros do Chaos MC, ficariam falando da irmã, das bonecas Barbie e da merda de um programa de TV.

Apertei os olhos ainda mais.

– Como é que você sabe disso tudo?

– Tenho informantes lá na Ride, minha flor, assisti ao show inteiro e vi que você fez isso por causa do Tack. Não fiquei *nem um pouco* contente.

Fiquei surpresa.

– Você tem informantes na Ride?

– Tenho.

– Por que você tem informantes na Ride?

– Você não precisa saber.

Era verdade. Eu não apenas não precisava saber como eu não *queria* saber.

– Ok, você venceu – disse a ele. – Pode me dizer agora qual é a boa notícia.

– Claro – respondeu ele. – A boa notícia é que o incêndio na casa dos seus pais ficou restrito apenas à sala de estar. Meu irmão trabalha no corpo de bombeiros e ele foi ao local essa manhã e me disse que seu computador está intacto.

Ele tem um irmão? Ele tem uma mãe que é maluca, e que lhe deu um nome incomum, mas definitivamente muito legal, e um irmão que é bombeiro?

Eu estava com dificuldade de processar tantas informações ao mesmo tempo. Depois de um ano e

meio de nada além de visitas noturnas e orgasmos múltiplos, agora era aquela enxurrada.

– Você tem um irmão?

– Tenho – respondeu ele.

– Você tem outros irmãos? – perguntei.

– Tenho – respondeu ele.

– Quantos? Mais um? Dois? Doze? Irmãs? – pressionei.

– Mais um outro irmão – respondeu ele.

Meu Deus. Havia três exemplares masculinos da família Delgado meio italiana, meio cubana, meio porto-riquenha perambulando pela terra. Como é que eu não sabia disso? Como mulher, eu devia ter pressentido a presença deles por instinto.

– E você é o quê? – continuei meu interrogatório.

– Como assim? – perguntou ele.

– É o mais velho, o do meio, ou o caçula?

– O mais velho.

Merda, não era de admirar que ele fosse tão mandão. O primeiro de três filhos homens.

– Baby, você ouviu o que eu falei sobre o seu laptop? – Hawk tentou me despertar.

Pisquei e olhei para ele.

Depois perguntei:

– E como eles se chamam? Falcon e Eagle?

Ele sorriu, as covinhas apareceram e ele confessou.

– Meu nome é Falcone.

– Como assim? O seu nome é Hawk.

– Não, baby. Meu nome do meio é Falcone.

Pisquei de novo.

– Seu nome do meio é Falcone?

– Eu lhe disse que minha mãe era maluca.

– Que nome é esse? Italiano?

– É.

– E como se chamam os seus irmãos?

– Von e Jury.

Meu Deus! A mãe dele era maluca *mesmo*.

– O seu pai não deu nenhuma opinião nos nomes dos filhos?

As covinhas dele ficaram ainda mais evidentes.

– Minha mãe sempre quis uma menina, minha flor, e meu pai deu três filhos homens a ela. E três filhos homens que puxaram a ele. Portanto, ela sabia que tinha de se preparar para uma vida de brigas, sangue, bebedeiras, vômitos e medo de gravidez. E foi isso que ela teve. Depois de despejar essa merda toda na

vida dela, ele não ia brigar por causa de um nome.

Ele precisava parar. Eu estava ficando apavorada. Aquilo era TMI. TMI demais.

– TMI – murmurei, encarando-o.

– Como é? – perguntou ele.

– Muita informação, Hawk.

– Baby, todos nós já passamos dos trinta. Von é casado. Nós crescemos, aprendemos a nos controlar e a ser inteligentes. A bebedeira, o vômito e o medo de gravidez fazem parte do passado agora.

Ele deixou de fora as brigas e o sangue.

Então algo me veio à cabeça.

– Você não usa camisinha comigo!

– Usei nas primeiras vezes.

Era verdade, ele usou.

– Mas...

– Mexi nas suas coisas e vi que você tomava pílula. E eu vigiava você, lembra?, e sabia que você só dava esse corpinho para mim, então achei que não seria necessário.

Apertei os olhos novamente.

– Você mexeu nas minhas coisas?

– Gwen, baby, veja bem. Fiz de você minha mulher. E quando uma mulher é minha, eu faço o dever de casa.

Olhei fixamente para ele, sem saber ao certo o que aquilo significava. Decidi então, pelo bem da minha sanidade mental, que não iria perguntar.

– Estou precisando de um donut caseiro – resmunguei, porque eu estava precisando mesmo. Na verdade, eu estava precisando de três. Então eu tinha que tirar a minha bunda daquela cama e ir até o shopping. Senti que outro vestidinho preto estava me esperando.

Interrompi o meu plano de ataque ao shopping quando Hawk me pegou, me virou de costas e pressionou meu corpo no colchão com o peso dele.

– Viu só? Você está ficando estressada – murmurou ele, percorrendo meu rosto com os olhos e meu corpo com as mãos.

Hummm.

– A casa da minha infância foi incendiada ontem à noite e não sei o que fazer em relação a você. É claro que estou ficando estressada.

Ele enfiou o rosto no meu pescoço e murmurou no meu ouvido:

– Posso lhe ensinar um jeito melhor de lidar com o estresse do que cair de boca nos donuts.

Eu sabia que isso era verdade porque ele já tinha se esforçado bastante nessas aulas. Depois de uma noite com Hawk, meu corpo ficava completamente relaxado como se eu tivesse recebido uma hora e meia de massagem das mãos de um profissional dentro de uma sauna. A não ser, é claro, quando depois de

tudo, eu ficava estressada pensando em por que eu permitia que ele ficasse me visitando.

Coloquei as mãos nos ombros dele e o empurrei, dizendo:

– Minha madrasta e seus homens estão lá na cozinha.

Ele levantou a cabeça e me olhou, com aqueles olhos acolhedores, e senti um aperto no peito.

– Seremos rápidos e silenciosos – sussurrou ele.

Ele podia ser rápido? Ele nunca foi rápido antes. Hawk era um homem que precisava de tempo, e fazia isso *muuuuito* bem.

– Não posso fazer sexo na mesma casa em que Meredith está. E não posso fazer sexo com você porque ainda não decidi o que vou fazer com você.

Eu estava meio distraída quando suas mãos levantaram a barra da minha camisola e começaram a acariciar meu corpo, o calor do seu toque fazendo minha pele se arrepiar.

– Que tal se eu ajudá-la a decidir? – ofereceu ele, mergulhando a cabeça no meu pescoço e roçando os lábios pelo meu maxilar, o que era muito bom. Suas mãos continuavam me acariciando e senti outro arrepio.

Me segurei firme.

– Não, tenho que tomar essa decisão sozinha. Estou fazendo uma lista chamada “Devo ou não explorar as possibilidades com Cabe ‘Hawk’ Delgado?” com duas colunas: uma para os prós e outra para os contras.

Ele levantou a cabeça do meu pescoço. Tinha um ligeiro sorriso no rosto, mas as covinhas estavam bem à mostra. Uma das mãos parou de acariciar meu corpo, a outra saiu de debaixo da camisola e percorreu a minha testa com a ponta dos dedos.

– E o que é que tem nessa lista?

– Você é mandão, arrogante, invasivo, irritante e acabou com Troy como se ele fosse um inseto, sem parar para pensar nem sentir nenhum remorso. Esses são os pontos contra – revelei honestamente.

Ele abriu um sorriso.

Viu só! Nenhum arrependimento.

– Ah, e você não me escuta – acrescentei.

Mais um sorriso e depois:

– E tem alguma coisa a meu favor nessa lista?

– Em raríssimas ocasiões, você sabe ser meigo, é aconchegante e me tirou de uma casa em chamas.

Esses são os prós.

– Sou aconchegante?

– Você dorme de conchinha.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Isso é tão importante assim para aparecer numa lista?

– Ah... é, sim.

Ele olhou para mim quase rindo e então observou:

– Porra, como são ridículas as coisas que as mulheres acham importantes.

Apertei os olhos e rebati:

– Um contra!

Então o sorriso dele virou uma risada quando ele sussurrou:

– Você esqueceu de um pró, baby.

– Não – eu corrigi. – Por enquanto, a lista é exaustiva.

Ele enfiou a mão por baixo da minha camisola novamente e senti o seu calor nos meus peitos.

Respirei fundo e fiquei imóvel. Depois me entreguei e deixei o ar sair num gemido baixinho, quando a pele de sua mão roçou o meu mamilo.

– Definitivamente um pró, não é? – murmurou ele, olhando para mim, abaixando a cabeça e me beijando. Aquilo era um perigo triplo, porque, com a língua na minha boca, a mão no meu seio (o polegar já em ação fazendo delícias) e o seu corpo rígido e pesado prendendo o meu na cama, ele era irresistível.

Ele estava certo, aquilo era definitivamente um pró.

Ele afastou seus lábios dos meus, parou de fazer aquela tortura divina com o polegar, mas seus dedos se fecharam no meu peito. Minha mão segurou a sua nuca e com a outra pressionei suas costas para prendê-lo junto a mim. Em seguida, enganchei minha panturrilha na parte de trás da sua coxa.

Eu estava olhando fixamente para ele, querendo entender aquilo de uma vez por todas, quando ele sorriu e apertou meu seio com a mão.

– Está vendo só o que eu quero dizer, baby? – sussurrou ele. – Definitivamente um pró.

Pisquei e depois retesei o corpo.

E afirmei:

– Está vendo só o que eu quero dizer, baby? Definitivamente arrogante.

Ele deu aquele risinho másculo, grave e divertido. Abaixou a cabeça e beijou a base do meu pescoço, tirou a mão do meu peito e saiu de cima de mim, se levantando e me levantando junto com ele. Antes que eu pudesse piscar, estávamos de pé ao lado da cama, ele com os braços em volta do meu corpo.

– Você precisa trabalhar. Terminar logo a merda desse trabalho – declarou ele. – Hoje à noite quero você concentrada.

– Em quê? – perguntei.

Ele aproximou o rosto do meu e seus braços me apertaram ainda mais.

– Em *mim*.

Ai, meu Deus!

– Meus pais vão ficar aqui em casa – lembrei.

– Tenho um lugar para a gente ir – ele me lembrou.

A toca do Hawk. Hummm. Senti mais um arrepio e ele percebeu. Eu soube disso porque ele deu outro sorriso.

Seus braços me apertaram ainda mais.

– Trabalhe direitinho, pois hoje à noite vou acrescentar outros prós na sua lista.

Abri a boca para dizer-lhe que eu devia tomar uma decisão sem que meu raciocínio estivesse obscurecido pelos seus poderes sexuais sobre-humanos, mas não consegui dizer uma palavra. Ele abaixou a cabeça, me beijou e então, *puf!*, foi embora.

Oscilei por uns segundos sem os seus braços fortes em volta de mim e o seu corpo sólido em que me apoiar. Depois virei-me para olhar a porta do quarto e murmurei baixinho:

– Odeio quando ele faz isso.

Mas não odiava, não. Para ser franca, eu achava incrível.

VESTIDO. SALTO ALTO. FOCO.

Eu estava ralando no trabalho novamente após comer ovos com bacon e tomar o café de Meredith. Compartilhei sua alegria ao dizer “Foi só a sala, querida, eu já estava mesmo cobrando um sofá novo do seu pai há meses” e “Eu realmente precisava de uns dias de folga, então agora vou poder ficar de pernas pro ar” (eu disse que ela sempre via o lado bom das coisas). Cumprimentei os homens de Hawk. Tomei um banho. Recebi o meu laptop, mochila, bolsa e casaco direto da “cena” por um dos subordinados de Hawk e me entoquei no escritório.

Cam e Tracy haviam ligado. Cam porque ouvira falar do incêndio no departamento de polícia. Tracy porque ouvira pela Cam.

Troy não ligou, talvez porque estivesse lambendo as próprias feridas, ou Cam e Tracy não lhe contaram nada por acharem que ele provavelmente estaria lambendo as próprias feridas.

Pensei em ligar para ele, mas acabei decidindo dar-lhe um tempo para lambar as próprias feridas. Ou pelo menos foi isso que eu disse a mim mesma que estava fazendo. Eu era uma covarde mesmo.

Todos estavam sabendo que conversinhas de atualização sobre a casa incendiada dos meus pais me perturbavam. Eu estava concentrada no trabalho. Por isso, quando meu celular tocou, fiquei surpresa.

Depois pensei que pudesse ser o Troy.

Peguei o celular, olhei para a tela e vi “Hawk”.

Fiquei olhando o celular. Eu não tinha o número dele gravado no aparelho, principalmente porque eu não sabia o número dele.

Abri o aparelho e coloquei-o próximo ao ouvido, pensando se Tracy estaria me pregando uma peça e, se fosse o caso, como ela teria conseguido fazer isso, e, mais importante, *por quê?*

– Alô?

– Baby – respondeu Hawk.

Não, não era Tracy me pregando uma peça.

– Hawk?

– Vestido preto curto, salto alto, sete e meia – ele disse.

Pisquei e daí perguntei:

– O quê?

– Hoje à noite.

– Hoje à noite o quê?

– Hoje à noite, você num vestido preto curto com salto alto. Estarei aí às sete e meia.

Ai, meu Deus! Hawk estava me convidando para sair!

Que frio na barriga.

– Você está me pedindo para sair com você? – perguntei só para confirmar.

– Minha flor, estou transando com você há um ano e meio.

Minha barriga voltou ao normal.

– Eu sei.

– Então não, não estou pedindo, estou falando, vestido, salto alto, estarei aí às sete e meia.

Como assim?

– Então você não está me pedindo para sair, você está me avisando que nós vamos sair – perguntei, embora soubesse que havia entendido muito bem.

– É isso aí.

– Você não pode me *avisar* que nós vamos sair!

– Acabei de fazer isso, baby.

– Contra – resmunguei, porque era um *contra* grave.

Ele deu aquele seu riso másculo, grave e divertido e depois ordenou:

– Termine o seu trabalho, quero o seu foco todo em mim hoje à noite.

– Eu acho que não terei tempo para sair com você. Estou atolada. – Mentira. Com o trabalho que havia feito ontem à noite e hoje, eu estava bem adiantada. Tinha muito tempo para namorar, e a crença de que qualquer chance para vestir um pretinho básico tinha que ser aproveitada incondicionalmente. No entanto, eu estava abrindo uma exceção.

– Ficou bem claro ontem, mesmo antes de eu combater o fogo lado a lado com seu pai, que eu tinha a bênção deles, Gwen. Não pense que eles vão me impedir de eu mesmo vestir você e arrastá-la gritando até o meu carro.

Verdade, infelizmente.

Mudei de assunto para outra coisa irritante.

– Você programou o seu número no meu celular? – exigi saber.

– Sim.

– Quando?

– Antes de entregá-lo ao Fang.

– Fang?

– O cara que foi entregar as suas coisas.

Meu Deus. O nome do sujeito era Fang? Ah, entendi. Bem que eu havia notado que seus dentes caninos eram um tanto proeminentes, mas não podia imaginar que ele não se importaria com o apelido, pois parecia um deboche de sua anomalia dental, e ele tinha pinta de quem socaria o corpo de alguém no cimento se achasse que estavam debochando da sua cara.

– Por quê? – insisti.

– Por que o quê?

– Por que você colocou seu número no meu celular?

Silêncio, e por fim:

– Baby.

Como sempre, não disse mais nada.

– Baby, o quê? Nós tivemos um não relacionamento por meses, agora as coisas mudaram e expliquei que ainda não estou confiando nessa mudança e no nosso futuro.

– Você pode desconfiar o quanto quiser, minha flor, eu confio por nós dois.

Vestido. Salto alto. Foco. Sete e meia.

Abri a boca para falar alguma coisa, não saiu nada.

Fechei o celular e fiquei olhando para ele.

Depois joguei-o na minha mesa e tive um ataque.

– Deus, como ele sabe me deixar *enfurecida*.

Mesmo dizendo isso, eu sabia que no fundo estava feliz. Primeiro, eu teria uma oportunidade para usar um dos meus vestidinhos pretos e, segundo, eu estava um *bocadinho* animada por *finalmente* sair para encontrar-me com Cabe “Hawk” Delgado.

Voltei ao trabalho fingindo não pensar que eu estava louca para dar uma volta no Camaro dele.

* * *

Eram quase sete e meia e papai estava em casa, no meu escritório, vendo TV enquanto Meredith perambulava pela casa, provavelmente arrumando minhas gavetas e os armários da cozinha. Eu estava no banheiro nervosa por conta do meu encontro com Hawk.

Em parte, esse nervosismo todo era porque eu estava me preparando para encontrar-me com Hawk em vez de manter-me firme na minha posição de *não* sair com ele, e também pelo fato de, outra vez, estar tomando decisões estúpidas a tudo que dissesse respeito a Hawk.

Era também em parte porque eu *realmente* queria que ele gostasse do meu vestido.

Os homens de Hawk já tinham acabado de instalar o meu sistema de segurança e Smoke havia nos presenteado, a mim e a Meredith, com uma lição interminável de como usá-lo.

Parecia complicado. Eu nunca tive um sistema de alarme residencial, mas achava que bastava cutucar alguns números e pronto! Segurança. Mas o meu incluía botões de pânico em meu escritório, meu quarto, cozinha, sala e, que exagero, banheiro. Também incluía códigos diferentes para diferentes tipos de alarmes, isto é, aqueles somente para janelas e portas e outros para ativar sensores na casa. Havia também um código diferente que enviaria uma mensagem para a “base” sinalizando uma situação desconhecida, e os vigilantes deveriam intervir de forma “branda”, sabe-se lá que diabo isso significa.

Nem Meredith nem eu éramos boas em lembrar números, e quando Meredith correu para pegar um pedaço de papel para anotar tudo, Smoke olhou para o chão e um músculo se contraiu em sua mandíbula. Ele então levou-nos até a cozinha. Lá, ele nos sentou à minha enorme mesa de fazenda e ficou nos perguntando sobre os três diferentes códigos até nós os memorizarmos.

Ele não foi muito paciente, especialmente quando Meredith inclinou-se para mim e cochichou: “Eu não entendo por que tanto alarde, querida, quer dizer, não quero deixá-la embaraçada, mas seu pai e eu, nós sabemos que você e Hawk são...”, ela abaixou a voz, “íntimos.” Eu evitei olhar para Smoke e Meredith continuou: “Quer dizer, não é como se ele não estivesse aqui cuidando de você.”

Mordi meu lábio e dei de ombros. Eu não sabia mais o que fazer. Ela achava que eu e Hawk éramos um casal porque Hawk estava fazendo com que ela pensasse que nós éramos um casal, e eu não estava ajudando em nada ao fazer o jogo dele. Sem dúvida, ela achava que eu estaria mais segura com ele, e eu não queria mexer nessa crença. Especialmente no dia em que a sua casa tinha sido incendiada porque a outra filha dela tinha feito merda.

Também não queria falar com a minha madrasta sobre a minha intimidade com *ninguém*. Meredith era gente boa, sempre foi, mas também era a única mãe que eu conheci, e era definitivamente *mãe* e o foi desde o começo. Não se discute sexo com caras gostosos com a *mãe*, ainda mais sexo com “superorgasmos múltiplos”.

Papai, a propósito, aprendeu os códigos em cerca de dois segundos. Ele sempre foi bom com números. Era o jeito dele.

A campainha tocou e depois deu um tranco enquanto eu estava de cara para o espelho passando delineador nos lábios, e de repente senti um frio na barriga. Do tipo que senti quando conheci Hawk e do tipo que negava sentir toda vez que ele me visitava.

– Eu atendo! – Meredith gritou lá embaixo. Respirei fundo e preenchi os lábios com batom.

Era a primeira vez que Hawk tocava a minha campainha. Provavelmente eu não ficaria com frio na barriga se ele de repente se materializasse no banheiro. Ficaria irritada.

Corri para o meu quarto, peguei minha bolsa e um agasalho e fui me olhar no espelho de corpo inteiro que tinha atrás da porta.

Vestido curto preto, confere. Na verdade, era o meu vestido preto curto número um. O melhor de todos. Sem mangas, com um grande decote em V e outro maior ainda nas costas, ele tinha um drapeado no meio e caía como uma segunda pele no meu quadril e no alto das minhas coxas, onde acabava. Sim, era *tipo* curto. Tão curto que quase parecia a minissaia jeans estilo Darla-Ginger, só que sem o componente piranha. E era feito de um material fantástico que até nas partes larguinhas ele grudava no corpo revelando coisas que fingia esconder. Era fabuloso.

Salto alto, confere. Na verdade, eram sandálias de tiras, pretas, salto alto com spikes, muito sexy. Faziam minhas pernas parecerem brilhantes. Matadoras.

Cabelo solto, maquiagem esfumaçada.

Em suma, o kit completo tudo-que-você-pode-ser para sair com o seu homem.

Assim eu esperava.

Saí apressada do meu quarto gritando:

– Até logo, papai!

– Divirta-se, querida! – papai gritou de volta. – Diga ao Hawk para não se preocupar com a

campainha, vou consertá-la esse fim de semana!

O bônus de papai: ter se abrigado na minha casa por danos causados pelo fogo e fumaça. Um faz-tudo residente.

– Pode deixar! – gritei, mesmo que duvidasse que Hawk estaria perdendo o sono por causa de uma campainha com defeito.

Desci as escadas correndo e vi que a sala estava às escuras, mas havia uma luz e vozes vindo da cozinha. Meredith devia estar oferecendo uma cerveja a Hawk. Quando Meredith estava em minha casa, eu desistia de ser a anfitriã principal. Aprendi que era melhor assim. Ela podia até ir para a Casa Branca para um jantar de Estado e a primeira-dama teria que deixar Meredith ser a anfitriã.

Voei para a cozinha e congelei na porta quando vi Meredith conversando com o detetive Mitch Lawson.

Eu estava apavorada na noite passada, com o fogo e papai e Hawk lutando contra as chamas junto com os bombeiros, e não tinha tido tempo de apreciar novamente como ele era gostoso. Agora que ele estava na minha cozinha e eu estava de vestido preto curto e cabelo solto, quando os olhos dele se viraram para mim e ele congelou, tive a oportunidade de constatar mais uma vez como ele era sexy.

Então a aproveitei.

Ele se recuperou primeiro.

– Gwendolyn.

Deus, como eu gostava daquilo de ele sempre falar o meu nome completo.

– Oi, detetive Lawson.

Ele deu um sorrisinho.

– Pode me chamar de Mitch.

– Hã... tudo bem.

Seus olhos me esquadriharam e depois ele olhou para Meredith.

– Desculpe-me, sra. Kidd, mas poderia nos dar um minuto?

– Oh! – Meredith disse, dando um pulo da cadeira. Ela também estava processando como ele era sexy.

– Claro. Eu só vou... – Ela se apressou para a geladeira e pegou duas cervejas. – Pegar uma bebida para Bax e eu.

Ela fechou a geladeira e foi para a porta da cozinha, dizendo:

– Bom vê-lo novamente, detetive Lawson.

– Mitch – ele corrigiu.

– Mitch – repetiu Meredith, saindo rapidamente.

Ai, ai. Sozinha na cozinha com *Mitch*. Sem oito policiais na sala. Sem Hawk... por enquanto. Ele estava atrasado.

Dei uns passos à frente.

– Hã... está tudo bem?

Ele inclinou um pouco a cabeça.

– Sim, por quê?

– Hã... você está aqui e hã... você é um homem da lei e tem o pequeno fato de minha irmã estar com um problema sério, então... – Minha voz sumiu.

– Eu estou aqui por causa da sua irmã, mas não tem nada de errado.

– Ah, ok.

– Ou pelo menos nada *a mais* de errado – ele corrigiu.

– Ah, ok – repeti.

– Eu só queria pedir um favor a você.

Eu respirei fundo e repeti:

– Ah, ok.

Por falar nisso, eu me sentia uma debiloide repetindo essas duas palavras, mas o que mais poderia dizer? Eu estava naquele vestido preto matador esperando por Hawk. Lawson era muito gato, eu sabia que ele estava ligado na minha e estava ali para me pedir um favor. Eu não sabia o que fazer. A situação toda parecia indefinida, não de um jeito bom ou ruim, só de um jeito imprevisível.

Ele me estudou por um segundo e depois, com a voz baixa, ordenou:

– Gwendolyn, venha cá.

Meus pés se moveram na direção dele sem demora, porque eu era uma mulher e quando um cara gostoso falava numa voz baixa, profunda e atraente para ir até ele, eu simplesmente ia.

Forcei meus pés a pararem quando estava a meio metro de distância dele.

Quando parei, ele disse suavemente:

– Você está bonita.

Ele disse que eu estava bonita.

Legal.

– Obrigada – sussurrei.

– Vai sair com o Hawk?

Apertei os lábios e balancei a cabeça afirmativamente.

Ele sorriu.

Depois ele aprumou-se e aproximou-se de mim, fazendo com que o meio metro que nos separava se transformasse em 15 centímetros.

Ou menos.

Ele ergueu a mão e pousou-a na minha cintura, e antes que eu pudesse dizer alguma coisa ou me mover, ele começou a falar:

– Eu não quero ofendê-la quando disser isso, mas depois da noite de ontem, eu preciso dizer.

Epa.

Ergui a cabeça para olhar nos olhos dele, que pareciam mais expressivos do que nunca.

– O que é? – perguntei, antes de me perder nos seus olhos.

Ele hesitou e depois começou.

– Sua irmã, Ginger, ela não é muito inteligente.

Ah. Não era bem o que eu estava esperando. Eu não sei o que esperava, mas com aquela mão na minha cintura e invadindo meu espaço, não era Ginger.

– Eu acho que sei disso – respondi.

– Você deve saber também, e se não sabia algumas noites atrás, agora sabe, porque sua irmã não pensa em quem ela está arrastando para essa confusão.

– Sim, eu aprendi isso nas últimas noites.

Ele concordou. Depois disse:

– Então, o favor que eu ia pedir, se você a vir de novo, quero que me ligue.

Meu corpo se contraiu, mas foi automático, mesmo assim ele sentiu e se aproximou, sua mão apertando minha cintura, a outra se levantando para fazer o mesmo do outro lado.

– Eu não posso dizer o que vai acontecer com ela. Se ela vai agir de forma inteligente, se poderemos fazer um acordo, se conseguiremos protegê-la. Não há promessas aqui, Gwendolyn. O que posso dizer é que, aconteça o que acontecer, ela estará mais segura conosco do que nas ruas, e *você* estará mais segura se ela estiver conosco e não nas ruas.

Estava vendo que sim.

Ele continuou:

– E, por você, nós a colocaremos sob custódia, eu farei o que for possível por ela.

Oh. Uau.

– Obrigada – sussurrei.

Seus dedos cravaram mais, me apertando enquanto sua boca sorria para mim.

– Só para ser mais claro, não quero que você tente detê-la. Mas se você a vir, se ela aparecer, se ela entrar em contato com você, você não a estará ajudando, mesmo que ela diga que está ao escondê-la de nós. Me ligue, me conte o que ela disse, onde você a viu e se sabe para onde ela pretende ir.

– Você quer que eu te informe sobre minha irmã – resumi.

– Sim – ele respondeu, sem hesitar, sem me enrolar.

– Está bem – concordei, sem hesitar também.

Ele sorriu de novo.

Depois os seus dedos me apertaram novamente e ele perguntou:

– Como você está levando tudo isso?

Deus, ele era uma gracinha.

– Bem, há lições de vida que prefiro aprender, tipo aprender a fazer um suflê perfeito, e não administrar uma crise que envolve destruição por fogo, mas estou indo bem.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Você quer aprender a fazer um suflê perfeito?

– Hum... – Eu não sabia onde colocar as mãos. Não havia muito espaço, pois eu segurava minha bolsa e casaco. Mas quando os dedos dele me seguraram novamente e me colocaram três centímetros mais perto, não tive escolha a não ser descansar minhas mãos no seu peito.

Hum. Assim estava melhor.

– Não é bem assim – continuei. – Eu preferia aprender a fazer massa de cookies de chocolate em 30 segundos ou menos.

Ele sorriu novamente.

– Mas eu não me importaria nada de aprender a fazer um suflê perfeito – continuei. – Se ele fosse de chocolate.

Seu sorriso alargou-se.

Opa!

Depois o sorriso sumiu e sua expressão e voz suavizaram.

– Muita merda acontecendo, Gwendolyn, fatos assustadores. Tem certeza de que você está bem?

Supergracinha.

– Sim – sussurrei, mas depois, *não* me pergunte por quê, continuei: – Mas estou um pouco preocupada com Meredith. Ela está usando o incêndio como uma desculpa para comprar um sofá novo e ter alguns dias de descanso para relaxar, mas sei que está aflita. Ela só não está falando sobre isso. E não quero tocar no assunto se ela não quer falar sobre isso, sobre Ginger, ela é filha de Meredith e eu acho...

– Ela ama você – ele me cortou.

– O quê?

– Pude ver isso na noite passada e na anterior, ela se importa com você. Ginger é filha dela e a filha dela está te causando problemas, a seu pai também. Ela se sente responsável por isso e não sabe o que fazer.

Ele devia estar certo.

Lawson continuou:

– Você precisa conversar com ela. Precisa assegurá-la de que você não a culpa. Tirar esse peso de cima dela porque aí ela se concentrará em outras coisas também, como a encrenca em que a Ginger se meteu. Ela não precisa se preocupar com o que você sente em relação aos problemas que a Ginger está te trazendo.

– Você tem razão – eu disse baixinho.

Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha enquanto seus profundos olhos castanho-escuros acompanhavam o movimento, depois descansou sua mão na minha nuca, sua palma quente tocando o meu pescoço.

Isso era bom também. Muito bom.

Seus olhos voltaram aos meus.

– Sim, tenho.

– Nós não somos assim, Meredith, papai e eu – eu assegurei a ele rapidamente, sem saber por que estava fazendo isso, apenas sentindo a necessidade de fazê-lo. – Ginger é... – Balancei a cabeça. – Ela é diferente de nós. Eu não sei por quê, ela sempre foi. Ela...

– Eu sei, Gwendolyn – ele disse gentilmente, de um jeito que me deu certeza de que sabia.

Concordei, me sentindo aliviada, e os seus dedos apertaram minha nuca.

Nesse exato momento a porta dos fundos abriu. Lawson e eu nos viramos e Hawk estava lá.

Ele usava quase a mesma roupa que usou da primeira vez que pus meus olhos nele. A camisa feita sob medida era azul-escuro dessa vez, mas não menos fantástica. Jeans. Botas. Um cinto lindo. Jaqueta de couro preta de um estilo maravilhoso e que caía maravilhosamente bem nos seus ombros largos. E trazia uma sacola da Nordstrom na mão. Não, uma sacola da Nordstrom com *sapato*.

Meu corpo enrijeceu e as mãos de Lawson me apertaram mais.

Hawk fechou a porta atrás dele, sem tirar os olhos de Lawson e de mim. Depois ele colocou as mãos na cintura, a sacola batendo na sua coxa.

– Estou interrompendo alguma coisa?

– Não – apressei-me em responder.

– Sim – disse Lawson ao mesmo tempo.

Recuei um passo cautelosamente e as mãos de Lawson ficaram no ar.

Foi então que Lawson e Hawk se encararam mortalmente, como num duelo.

Intrrometi-me na briga não verbal e sem ação antes que ela se tornasse verbal e cheia de ação.

– Ele veio apenas me pedir que ligasse se eu vir ou tiver notícias de Ginger – expliquei a Hawk.

Os olhos de Hawk se voltaram para mim quando falei, mas no segundo em que terminei, eles voltaram para Lawson.

– Achei que eu tivesse sido claro – ele rosnou.

– Você foi – Lawson devolveu. – Mas você lembra que eu não concordei.

– Você não pode usar minha mulher para subir na carreira – Hawk continuou como se Lawson não tivesse dito nada.

Apertei meus lábios e fiquei tensa, principalmente porque senti a raiva, muita raiva, emanando de Lawson, depois eu ouvi essa raiva embutida em sua voz tranquila.

– Cuidado – advertiu ele.

– Ela não está metida nisso – Hawk continuou. – Ginger não existe para ela. É o que está sendo

comunicado nas ruas.

– As duas últimas noites provaram o contrário, Hawk, Ginger é imprevisível e você sabe disso.

– Sim, mas se der merda, tem de passar por mim, não pela Gwen.

– Ela está desesperada – Lawson começou. – E, por falar nisso, Ginger Kidd passou a última semana desesperada, ela vai fazer escolhas extremas. Gwendolyn está na linha de fogo. Você e seus homens são bons, Hawk, mas você não pode protegê-la o tempo todo e fazer o resto.

– Deixe que eu me preocupe com isso – retrucou Hawk.

– Ela precisa saber o que fazer – Lawson respondeu.

– Sim, e eu vou dizer a ela – Hawk replicou.

Outra encarada mortal começou, mas antes que ela pudesse avançar para o combate, Lawson desviou os olhos e olhou para mim.

– Você tem meu cartão – ele disse, e concordei porque tinha o cartão dele, só não sabia onde estava.

Ele concordou também e terminou. – Estou indo.

Ele inclinou-se na minha direção, bem na frente de Hawk, e me beijou perto do queixo, o toque dos seus lábios me provocando um arrepio na pele.

Ai, ai.

Ele levantou a cabeça, olhou nos meus olhos e sussurrou:

– Cuide-se, se precisar de qualquer coisa, mesmo que seja conversar, me ligue.

Concordei.

Os olhos dele fuzilaram Hawk e depois ele saiu da cozinha e foi para a sala.

Fiquei observando enquanto respirava fundo. Depois, lentamente, eu me virei para Hawk e vi que ele não tinha se movido. Ele ainda estava de pé com as mãos na cintura, a sacola da Nordstrom pendurada nas mãos, seus olhos grudados em mim com um olhar que poderia ser descrito como infeliz.

Epa.

O NÓS QUE VOCÊ QUERIA QUE FÔSSEMOS

Hawk e eu ficamos nos encarando por um tempo. Quando seu olhar infeliz não mudou, eu decidi falar.

– Oi.

Ele continuou me encarando. Depois foi até a mesa, ergueu a sacola e retirou uma caixa familiar com as palavras “Jimmy Choo” escritas na tampa. Não era familiar porque eu *tivesse* uma caixa como aquela, mas porque a *vira* milhares de vezes quando experimentava sapatos Jimmy Choo. Ele largou a sacola e colocou a caixa sobre a mesa. Depois empurrou-a na minha direção.

Como eram sapatos, e sapatos Jimmy Choo, fui rápida no reflexo, minha mão agarrando a caixa antes que pudesse acontecer alguma tragédia, como um par de sapatos Jimmy Choo se estatelando no chão.

Com minhas mãos pousadas sobre a caixa, olhei para Hawk com o coração acelerado.

– O que é isso? – perguntei.

Ele apontou para a caixa.

– Abra – resmungou.

Hum. Ainda infeliz.

Larguei minha bolsa e casaco sobre a mesa, peguei a caixa e abri.

Então meu coração apertou dentro do peito.

Dentro da caixa havia uma sandália plataforma prateada com estampa watersnake – tiras finas, peep toe, salto 11,5 cm com spikes. Elegante. Linda. Assustadoramente cara.

O sapato que Tracy vinha escondendo para mim há seis semanas na loja da Nordstrom. Um sapato que eu queria tanto que seria capaz de comê-lo. Um sapato que eu disse a mim mesma que economizaria para comprar. Um sapato que eu nunca iria comprar porque não tinha condição de pagar, mesmo com o desconto da Tracy.

Mas minha missão era possuir um sapato Jimmy Choo antes de morrer. Algumas mulheres têm objetivos profissionais. Outras querem ser uma boa mãe. Outras ainda querem dar sua pequena contribuição para a salvação do mundo. O meu objetivo na vida era possuir um sapato realmente lindo e absurdamente caro.

Olhei para Hawk.

– Eu não entendo – sussurrei.

– Não era esse o sapato que você queria? – Hawk perguntou.

Eu pisquei.

– Sim.

– Agora é seu.

Tive que me esforçar para não hiperventilar, mas consegui.

– Você comprou para mim? – perguntei enquanto a ficha caía. Sistema de segurança. Botões de pânico.

Conserto de janela. Sapatos que custavam mais de setecentos dólares.

O que estava acontecendo?

– Você queria esse sapato – ele respondeu como se fosse simples assim.

Senti minha mente clarear.

– Como? Por quê?

– Baby, você vai calçá-lo ou não?

– Como? Por quê? – repeti.

Ele suspirou.

– Sua amiga disse que estava guardando o sapato para você. Sei onde ela trabalha. Mandeí minha garota na loja. Ela achou sua amiga, sua amiga os tirou da reserva, comprei e agora eles estão aqui.

Sua garota?

Eu estava aturdida demais, e o assunto era o sapato Jimmy Choo, então não perguntei sobre a garota.

Ele parou de falar e eu disse de imediato:

– Isso é o como, qual é o porquê?

– Gwen, você queria o sapato.

– Só por isso? – perguntei.

– Só por isso – ele confirmou.

– Também quero um paraíso particular numa ilha tropical. Você vai me dar isso também?

O olhar infeliz abandonou seu rosto e ele torceu a boca.

– Isso pode demorar um pouco.

Eu o encarei e senti um aperto no peito outra vez. Meu coração parecia ter dobrado de tamanho e ameaçava explodir. Além disso, minha garganta começou a apertar também.

E então me forcei a dizer: – Eu não sei o que dizer.

– Não diga nada. Só calce a porra do sapato para que possamos sair para comer. Eu estou com fome.

– Ok – sussurrei. Puxei uma cadeira e me sentei, tirei minhas sandálias pretas e pus as minhas novas e arrasadoras plataformas Jimmy Choo.

Exatamente como no dia em que as experimentei na Nordstrom. Absolutamente perfeitas.

Fiquei sentada olhando para o meu pé, a panturrilha esticada, e pensando que eu devo ter achado o paraíso na terra no quesito sapatos, quando Hawk me interrompeu.

– Vai ficar sentada aí olhando para esse sapato pela próxima década ou vai sentar o rabo no meu carro?

Ergui a cabeça e meus pés estavam encaixados em um Jimmy Choo, então a irritação de Hawk não me alterava em nada.

– Vou ficar olhando para eles por uma década inteira – respondi, sorrindo para ele.

Os olhos dele ganharam uma intensidade calorosa, meu coração inchou ainda mais e ele disse:

– Baby, deixa de ser boba e vamos logo.

Ainda estava sorrindo quando me levantei, peguei minha bolsa e casaco e andei na direção dele com o meu sapato novo, enquanto ele assistia.

Depois parei perto dele, pus minha mão em seu peito e me inclinei para ele.

– Obrigada, Hawk – sussurrei, porque não sabia mais o que dizer. Aquelas palavras estavam longe de ser suficientes, mas eu tinha de dizer alguma coisa. E não porque ele havia me comprado o lindo par de sandálias que eu queria, mas porque ouviu Tracy mencionar isso de passagem e ele mandou a “garota dele” pegá-las para mim. E porque minha casa foi invadida e em dois dias minha janela estava consertada e eu tinha um sistema de segurança instalado. Ele estava ficando por perto para me proteger, e por causa dele, do papai e de Dog, o fogo que começou na sala dos meus pais não engolfou a casa toda, e meu laptop estava a salvo.

E como “obrigada” não era suficiente, me estiquei e toquei seus lábios com os meus.

No segundo em que fiz isso, a cabeça dele se inclinou e seus braços me envolveram, me apertaram, nossos corpos colados enquanto sua língua invadiu minha boca. O toque de meus lábios virou um beijo ardente, sexy, um *beijo* de trepada numa mesa antiga de fazenda.

Minha bolsa e casaco tinham caído no chão porque meus braços estavam pendurados no pescoço dele, meu corpo grudado ao seu enquanto ele apertava minhas costas, me prendendo, e sua outra mão entrava por meu vestido para apertar minha bunda, pele contra pele (eu usava um fio dental, o que foi uma boa ideia minha, não só porque evitava as marcas de uma calcinha comum, como me permitia sentir o toque quente e firme de sua mão segurando direto a minha bunda, e era um *tesão*). De repente ouvi meu pai tossindo na porta.

Meu corpo estremeceu, Hawk ergueu a cabeça e virou-se para a porta enquanto sua mão saía de baixo do meu vestido e subia para as minhas costas, mas seus braços não afrouxaram nem quando empurrei seus ombros.

Virei lentamente a cabeça e vi meu pai entrar, com um sorrisinho brincando nos lábios e os olhos pregados no chão.

Ai, meu Deus. Meu pai acabou de me flagrar num amasso com Hawk. Um amasso que incluía a mão de Hawk *debaixo* do meu vestido *agarrando* a minha bunda.

Queria estar morta. Alguém. Me Mate.

– Meredith esqueceu o abridor de garrafas – disse papai baixinho ao procurar na gaveta de utensílios.

– Nós podemos chegar tarde – avisou Hawk, ainda sem me soltar. – Ou nem voltar para casa.

Ai, meu Deus.

Eu dardejei-o com os olhos, mas ele não percebeu porque estava olhando por cima do meu ombro, para o meu pai.

– Está bem – papai respondeu, virando-se para a porta. Hawk me soltou, recuou um passo e se abaixou para pegar a minha bolsa e o casaco no chão. – Divirtam-se – concluiu papai, saindo da cozinha.

– Até mais tarde, papai. – Minha despedida saiu numa voz estrangulada.

Então Hawk virou-me de costas para ele e senti o casaco sendo colocado em meus ombros.

Ele virou-me de frente para ele e entregou minha bolsa.

– Isso acabou de acontecer? – sussurrei.

– Sim – Hawk respondeu, pegando minha mão e me puxando até a porta.

– Meu pai acabou de ver a gente se agarrando e você com a mão na minha bunda – detalhei, só para confirmar.

Hawk abriu a porta e me empurrou, repetindo:

– Sim.

– Bom, pelo menos consegui meu Jimmy Choo antes de morrer. Agora você pode me levar para a ferrovia mais próxima que eu vou me jogar debaixo do trem.

Hawk continuava segurando firme a minha mão enquanto me conduzia pelos degraus da varanda dos fundos até o portão do quintal, e ele fazia isso rindo.

– Não acho nada engraçado – eu disse, enquanto ele abria o portão e me empurrava para fora.

– Baby, você foi casada, ele sabe que você não é virgem.

– Hã... sim, mas...

– E ele sabe que tipo de cara eu sou porque ele é do mesmo tipo, então ele sabe muito bem que não vou ficar com uma gata como você sem beijá-la enquanto seguro a sua bunda, isso sem falar em outras coisas que posso fazer com ela.

– Você pode calar a boca agora – eu disse a ele.

Ele destravou o Camaro, abriu a porta e me ignorou.

– Se você acha que ele esperou colocar a aliança no dedo da sua madrasta para levá-la para a cama, meu amor, está redondamente enganada.

Ele me enfiou no carro enquanto eu tapava os ouvidos e começava a cantarolar.

– Lá lá lá. – Sem parar.

Mesmo assim, ainda podia ouvi-lo rindo.

Hawk bateu a porta com força e coloquei o cinto de segurança, pensando *Hora de partir*.

Ele entrou ao meu lado, ligou o motor e o Camaro saiu roncando do meio-fio.

Beleza.

Hawk dirigia em silêncio e fez isso por um tempo, até eu preencher o vazio entre nós.

– O sistema de segurança está pronto.

– Eu sei.

– Smoke nos ensinou a usá-lo – continuei.

Silêncio. Depois:

– Smoke?

– Seu número *dos*.

– Meu número *dos*?

Eu me virei para olhar para ele.

– É. O cara hispânico que supervisionou o trabalho.

Outra pausa silenciosa, e então Hawk deu uma gargalhada.

– Qual é a graça? – perguntei.

– Smoke – ele disse, ainda rindo.

– É, Smoke sim. Foi como ele se apresentou.

Ele parou de rir, mas ainda sorria quando explicou:

– Baby, ele estava curtindo com a sua cara. O nome dele não é Smoke. É Jorge.

Eu o encarei.

– Ele não é nem conhecido como Smoke? – perguntei.

– Nada.

– Não seria, sei lá, um apelido, nome de guerra ou algo assim?

Outra risadinha.

– Não.

– Então por que ele me disse que o nome dele era Smoke? – perguntei.

– Porque ele é assim, porque você acreditaria nele, e como você acreditou nele, provavelmente ele achou isso hilário.

Cruzei os braços.

– Bom, você tem um outro cara chamado Fang. Você se chama Hawk. Por que eu não acreditaria num nome como Smoke?

– Fang é por causa daqueles caninos de vampiro mesmo, e Hawk sou eu.

Fang era, infelizmente para ele, dentuço mesmo.

– Não – declarei, virando minha cabeça para olhar para ele de novo. – Você é Cabe Delgado.

– Eu era Cabe Delgado, Gwen, mas na vida merdas acontecem. Cabe Delgado ainda está em mim, mas agora não sou mais ele.

Interessante.

– O que quer dizer com isso? – perguntei.

– Você ainda está fazendo a lista de prós e contras? – ele perguntou em vez de responder.

– Sim.

– Os prós vão ganhar, minha flor, e quando a incerteza virar certeza, então eu lhe conto o que eu quis dizer com isso.

Agora eu queria saber o que ele quis dizer com *aquilo*. Mas decidi que a melhor aposta seria deixar passar.

Então fiquei olhando pela janela do carro e mudei de assunto.

– Você tem uma garota?

Um clima tenso e estranho pairou no carro e estava vindo de Hawk, quando ele perguntou de volta:

– Eu tenho uma garota?

– A garota que comprou o meu sapato – expliquei, morrendo de medo de olhar para ele por causa da estranha tensão.

De repente a tensão evaporou, *puf!*, como se nunca tivesse estado lá quando ele respondeu tranquilamente:

– Sim, eu tenho uma garota.

Hum... *que estranho!*

Pressionei-o, meio hesitante.

– Que tipo de garota?

Hawk respondeu então, sem hesitação nenhuma.

– Uma secretária, tipo recepcionista.

Interessante.

– Qual é o nome dela?

– Elvira.

Virei-me para ele de novo.

– Elvira?

– Sim.

– Ela é a rainha das trevas?

– Se estiver de mau humor, não tenha dúvida.

Hum.

– Ela costuma ficar de mau humor? – perguntei.

– Ela trabalha com 13 homens que naturalmente produzem altos níveis de testosterona e se alimentam de situações extremas, o que significa que ela tem que ter atitude. Uma mulher com atitude vem com mau humor junto no pacote, logo, sim, ela costuma estar de mau humor.

Muita informação, então fui por partes.

– Você tem 13 homens?

– Sim.

– Quer dizer que você *emprega* 13 homens?

– Treze homens e uma mulher, sim.

Hum.

– E esses homens produzem altos níveis de testosterona e se alimentam de situações extremas?

– Sim.

Ai, ai.

– Que tipo de situações extremas? – perguntei, sem muita certeza de que queria saber.

Antes de responder, sua mão largou o volante e pousou na minha coxa gentilmente.

– Baby, confie em mim. No tipo de trabalho que faço, a ignorância é uma bênção, ok?

Hum. Eu estava certa. Não queria saber.

Hora de mudar de assunto.

Olhei de novo pela janela.

– Então, atitude pressupõe mau humor?

– Certamente.

– Você acha que eu tenho atitude?

– Certamente.

– Você está dizendo que sou mal-humorada?

Sua mão apertou minha coxa e ele sorriu, dizendo:

– Baby.

Hum!

Ele continuou:

– Se bem que descobri hoje que posso aliviar o mau humor de Elvira mandando ela para a Nordstrom para comprar um sapato que custa tanto quanto um carro usado e posso fazer você me beijar pela primeira vez dando o sapato para você.

Olhei para ele.

– Eu já beijei você.

– Não, você *retribuía* o beijo. *Eu* beijo você.

Verdade.

– Planeje mais sapatos para o futuro, minha flor – ele murmurou e o frio na minha barriga voltou, meu coração apertou de novo e a sensação de bolo na garganta também voltou.

Apesar disso, anunciei:

– Isso está me enlouquecendo.

Ele olhou para mim e depois de volta para a estrada.

– O que foi?

– Você, sendo amável. Generoso e amável. Generoso, falando da sua vida numa boa, quer dizer, mais ou menos, e amável. Está me enlouquecendo.

– Por quê? – ele perguntou.

– Nós não somos assim.

– Esse é o nós que você queria que fôssemos, Gwen.

– Não tenho certeza disso – menti.

– Mentira sua, baby – ele me repreendeu. – Eu sei que você quer fingir que eu não estava lá, mas eu estava na mesa de jantar dos seus pais na noite passada.

Ah, merda. Isso de novo.

– Eu disse a você que foi tudo invenção – menti novamente. – Meredith é romântica. Ela desmaiou quando conheceu meu pai porque ela soube que era ele o homem dos seus sonhos, *bastou um olhar* e ela soube. Ela me ama. Ela quer o mesmo para mim, sempre quis, então dei isso a ela.

A mão dele largou minha coxa para mudar de marcha e ele começou calmamente:

– Gwen, baby, cada palavra que saiu da sua boca ontem era verdadeira.

– Não era – retruquei.

Ele parou o carro e vi que estávamos estacionados na frente do Tamayo na Larimer Square, no centro de Denver, também conhecido como LoDo. O Tamayo servia uma ótima comida mexicana. Tinha deliciosos e incomuns coquetéis e um guacamole que provava a existência de Deus. Tinha um lindo mural atrás do bar e uma varanda aberta. O Tamayo era o máximo.

Meus olhos voltaram-se para ele quando o senti se virando para mim.

– Não – ele ordenou suavemente.

– Não o quê? – perguntei.

Ele ergueu a mão, seus dedos pegaram minha nuca e ele me puxou até ele.

– Não estrague o que saiu de sua boca ontem à noite.

De repente percebi como aquilo era importante para ele, não um pouco, mas muito. E não muito, mas *muito muito*. E eu não sabia o que fazer com aquilo, mas alguma coisa naquela história me assustava demais.

– Hawk – sussurrei, e sua mão foi do meu pescoço para o queixo, seu polegar pressionando meus lábios.

– Não – ele repetiu.

– Tudo bem – falei entre os dedos dele.

Ele afastou a mão, soltou meu cinto de segurança e saiu do carro. Chegou em minha porta antes que eu pudesse pousar o Jimmy Choo na calçada. Ele pegou minha mão, ajudou-me a sair do carro, continuou segurando minha mão, e Hawk, eu e meu Jimmy Choo entramos no Tamayo.

O QUE PERDEMOS

Acordei e ouvi a voz de Hawk sussurrando ao longe.

Ele estava falando no telefone.

Abri meus olhos.

Eu estava na cama dele.

Coloquei as mãos sobre o rosto, fechei os olhos e a noite que passamos começou a correr em minha mente como um filme.

Toda ela. E aconteceu *muita* coisa.

Primeiro, o Tamayo tinha drinques chamados Tamayopolitans. Tequila com infusão de abacaxi, amora e goiaba. Uma delícia. Refrescante. *Um perigo*.

Eu não tinha nada contra beber qualquer coisa que não fosse Cosmo, desde que o drinque tivesse um “opolitan” no nome. O Tamayopolitan então estava ótimo.

E foram muitos. E muita comida. E eu falando *muuuuito*.

A parte confissões noturnas de Hawk foi obviamente consumida durante a ida de carro até o restaurante. A conversa do jantar foi só Hawk perguntando e eu respondendo. Ele podia saber tudo de mim, mas ficou claro que queria saber como eu me sentia em relação a esse tudo.

Ele perguntou sobre a minha mãe e contei-lhe que, apesar de Meredith ser maravilhosa, o fato de minha mãe ter ido embora foi muito ruim, ruim ela poder fazer isso e tê-lo feito de fato. Ele também me perguntou sobre papai e contei tudo sobre ele, todas as razões pelas quais o amava e todas as razões pelas quais ele era um ótimo pai (eram as mesmas, mas detalhei os dois tópicos). O mesmo com Meredith. O oposto com Ginger, embora tenha dito que Ginger era Ginger e não havia muito para amar ali, ela ainda era minha irmã e eu não tinha perdido a esperança de que ela pudesse se recuperar um dia. Até então.

Ele perguntou de Cam, Leo e Tracy, mas fui eu, eu e o meu quarto Tamayopolitan que falamos de Troy. De como eu estava preocupada agora que todos sabiam que ele era a fim de mim, porque ele sumiria da minha vida e eu sentiria sua falta se por acaso desaparecesse.

Hawk também ria comigo quando eu contava uma piada ou uma história engraçada, e eu ria com ele quando fazia algum comentário divertido.

E por último, ele estava ligado em tudo que eu dizia. Concentrado apenas em mim. Era como se cada palavra que saía da minha boca fosse parte de um quebra-cabeça contendo o significado da vida, e ele tinha algumas partes, mas queria certificar-se de ter todas. Sua concentração relaxada e tranquila, ainda

que objetiva, o fato de nenhuma mulher chamar a sua atenção ao passar, na verdade nada além de mim chamava a sua atenção – havia alguma coisa nisso que fazia com que eu me sentisse bem. *Muito* bem.

Foi tranquilo e divertido, a comida estava deliciosa, a bebida, farta, a minha companhia era agradável e atraente como nenhuma outra, e eu tinha meus fabulosos sapatos.

Foi a melhor noite que já tive.

Depois do sexto Tamayopolitan, nós fomos embora e a segunda parte da noite começou.

Estávamos no Camaro rugindo pelas ruas de Denver, eu imaginando aonde a noite ia nos levar e sentindo um frêmito num lugar muito particular para onde minha imaginação estava me levando também, quando o telefone de Hawk tocou. Ele atendeu, disse algumas palavras, desligou e deu meia-volta com o carro.

– Preciso ir para a base, baby. Problemas, e preciso de um informe. Urgente. Você pode me esperar no meu escritório?

Com essa pergunta, pensei, *Ai, meu Deus! Eu vou conhecer o escritório dele! A base.*

E como eu estava meio embriagada, óbvio que não deu para esconder a minha excitação, mesmo que tenha escolhido apenas uma palavra para dizer, “Claro”, pronunciada na mais pura animação. Percebi isso porque, quando me virei para ele, vi o seu sorriso.

Ele entrou em uma garagem subterrânea de um prédio alto na parte norte do centro da cidade, me conduziu até o elevador e descemos no 14º andar. A porta do elevador abriu e havia uma área de recepção de cada lado, com seus dois corredores correspondentes. Hawk virou à direita, depois direita de novo e seguiu reto pelo corredor até escolher a porta de número 2, usando seu cartão para abri-la.

Entrei com ele e parei na hora.

Que louco!

Comando Central!

As janelas escurecidas ao fundo divisavam a linha do horizonte lá fora. À minha frente, vi plataformas elevadas com três níveis, quatro estações de trabalho em cada nível, e todo tipo de botões, teclas e telefones nos painéis de controle das estações. Atrás de mim, uma sequência de telões na parede com seus respectivos painéis numéricos mais abaixo, todos eles exibindo ação, pessoas, lugares e coisas. Havia três escritórios fora da área de trabalho à esquerda, todos, menos o último que ficava no nível mais alto, tinham janelas do chão ao teto que mostravam claramente o que seus ocupantes estavam fazendo o tempo todo. À direita, havia mais duas portas, uma da sala de conferências, também com janelas devassáveis, e outra era apenas uma porta, sem nenhuma janela.

A sala estava cheia de soldados, alguns que eu já havia visto e outros não. Alguns sentados nas estações de trabalho, outros obviamente esperando Hawk chegar.

Um deles era “Smoke”.

– Oi, Smoke – cumprimentei, acenando para ele.

Os homens olharam para as próprias botas e disfarçaram.

– Oi, Gwen – Smoke respondeu.

Virei a cabeça de lado e perguntei alto:

– Da próxima vez que você precisar inventar um apelido para enganar alguém, posso escolher?

Mais arrastar de botas. Smoke sorriu para mim, ouvi Hawk rindo e depois ele me deu um cartão de acesso e pôs a mão nas minhas costas.

– Baby, vá para a minha sala lá em cima, e me espere. Eu pego você assim que terminar – ele ordenou e olhei para ver o que ele estava apontando. O escritório escuro do último nível.

Assenti e, sem pensar, o corpo e o cérebro encharcados de seis Tamayopolitans, os pés encaixados num Jimmy Choo, minha barriga cheia de comidas gostosas, a noite passada numa mesa junto com ele, pousei a mão nos seus músculos abdominais, fiquei na ponta dos pés e toquei seus lábios com os meus.

Depois saí batendo os saltos pelo chão preto brilhante, subi a escada e usei o cartão para entrar no escritório, não percebendo que tinha os olhos de vários homens me seguindo, alguns admirando, outros curiosos.

Ao entrar e acender as luzes, achei o escritório de Hawk supermoderno e totalmente clínico. Sem fotos na mesa ou outro móvel. Sem medalhas nas paredes. Sem troféus em prateleiras ou quadros pendurados. Nenhuma parafernália pessoal. Não havia pastas na mesa, suporte para lápis, bloco de anotações, nem mesmo um computador, só um telefone. Tudo era decorado em preto, cinza-claro, couro preto e cromado e tão limpo que um médico poderia fazer uma cirurgia ali sem risco de infecções. Havia quatro monitores de TV na parede, telas escuras. Havia um longo sofá preto, duas cadeiras pretas na frente da mesa dele e uma grande cadeira giratória atrás dela. E só.

Considerarei minhas opções para o que fazer no tempo que ficaria no escritório de Hawk e decidi mandar mensagens de texto para Cam e Tracy, contando sobre o jantar em vez de ficar fuçando gavetas. Primeiro, se remexesse nas gavetas seria invasão e muito errado – ele pode ter se intrometido na minha vida, mas isso não significava que eu devia retribuir o favor. Segundo, e mais importante, achei que ele pudesse ter câmeras ali dentro e, então, descobriria se eu fuçasse tudo, o que provavelmente ele censuraria, e Hawk zangado era assustador.

Então sentei no sofá e mandei mensagens para Cam e Tracy sobre o encontro dessa noite. Recebi respostas empolgadas de Tracy e de advertência de Cam, implorando para que eu não bebesse mais uma gota de álcool.

Hawk disse que não demoraria muito, mas se enganou. Então, como estivesse demorando muito – meu cérebro com seis Tamayopolitans, a barriga cheia e eu acumulando duas noites de sono interrompido durante as quais houve intervalos de alta tensão com invasões de domicílio e bombas incendiadoras–, eu acabei dormindo no sofá dele.

Acordei com Hawk me pegando no colo.

– Eu posso andar – resmunguei.

– É mesmo? Então você vai andar lá embaixo com esses saltos altos.

Ele queria me carregar? Tudo bem.

Apoiei a testa no pescoço dele, um braço envolvendo seu ombro, o outro em volta do seu pescoço e murmurei:

– Tá bem.

Ele me carregou pela escada, passamos pelas estações de trabalho, mas ele só me colocou de volta no chão quando chegamos ao elevador. E quando o fez, inclinei-me pesadamente para ele.

– Cansada? – perguntou.

– Seis Tamayopolitans – expliquei, engrolando a palavra “Tamayopolitans” porque eu estava com sono, mas também ainda meio bêbada.

Ele riu e me puxou para perto.

Dentro do elevador e novamente abraçada nele, comentei:

– O seu informe demorou.

– Relatórios de campo, algumas coisas mudaram, tivemos de abortar a missão, reagrupar e reiniciar.

Uma linguagem assustadora que minha mente se recusou a processar, então ergui o rosto do seu peito e olhei para ele.

– Deixe-me adivinhar, eu não vou querer saber?

Ele sorriu para mim.

– Não, você não vai querer saber.

– Você está sorrindo – observei. – Isso significa que não houve mortes?

– Não dos mocinhos – ele respondeu.

De novo, assustador. De novo, mente se recusando a processar. Mesmo assim, uma boa notícia.

Encostei o rosto no seu peito outra vez e murmurei: – Bom saber.

Ele me apertou. Depois conduziu-me para sair do elevador e para o Camaro. Em seguida, dormi de novo.

A última parte da noite foi quando acordei porque o Camaro parou de rugir. Ele havia estacionado. Ajudou-me a sair do carro, a passar por uma porta, e percebi uma coisa: eu não estava em casa. Percebi outra: eu não estava nem aí, só queria dormir.

– Cama – resmunguei.

– Já vai, minha flor.

Hawk ajudou-me a subir alguns degraus que faziam muito barulho e fiquei curiosa para olhar em volta, mas estava sem energia. Avistei uma cama, fui me apoiando para chegar até ela, tirei o vestido preto, meus sapatos lindos e me joguei de cara.

Agora já era de manhã.

Merda.

Ergui-me um pouco e tirei o cabelo dos olhos para olhar em volta.

Eu estava numa cama enorme num loft cavernoso e, quando digo cavernoso, é isso mesmo o que é.

Deve ter funcionado como um armazém algum dia. Podia-se ver a luz entrando por janelões que iam do chão até pelo menos três andares acima. Vi que havia resquícios de neve lá fora, da noite que passara. Vi também que o armazém ficava no meio do nada, cercado de arbustos congelados, com um grande córrego, ou talvez um rio pequeno, passando perto da construção. Eu estava numa plataforma que tinha um gradeamento de ferro cuja função não era nada decorativa, mas industrial.

Olhei para o pé da cama e vi uma enorme extensão de assoalho de madeira e, no final, um grande cubo feito de blocos de vidro, uma porta para abri-lo e um banheiro.

Minha primeira parada.

Meus olhos procuraram pelo chão e vi meu vestido e meu Jimmy Choo misturados com o jeans, camisa e botas de Hawk. Gostei disso, me deu um frio na barriga.

Ai, ai, eu estava lascada.

Puxei o edredom até o peito, fui até a beira da cama e estiquei o braço para pegar o vestido. No meio do caminho desisti do vestido e peguei a camisa dele. Livrei-me do edredom, vesti a camisa ainda na cama, levantei-me e fui trôpega até o banheiro, meio tonta de sono por ter tido uma boa e relaxante noite, e meio confusa porque estava no refúgio de Hawk.

O banheiro era bom, limpo, pequeno. Prático. Sem toques pessoais, assim como não vi nenhum na área da cama. Apenas toalhas azul-escuras grossas e macias dobradas e empilhadas em prateleiras acima do vaso sanitário. Azul-escuro e cinza-escuro eram o tema, os lençóis e o edredom eram da mesma cor.

Usei o vaso e lavei as mãos. Depois olhei no armário de remédios porque você seria expulsa do Clube da Luluzinha se não desse pelo menos uma olhadinha no armário de remédios. Eu não havia mexido nas gavetas do escritório dele, mas esse armário eu tinha de fuçar.

Pasta de dente. Desodorante. Fio dental. Creme de barbear. Duas escovas de dente extras. Isso.

Abri a embalagem e escovei os dentes. Se ele ficasse aborrecido porque usei uma das suas escovas, eu compraria uma nova para ele. Eu não tinha condições de comprar um Jimmy Choo ou de pagar um trabalhador de obra para deixar minha sala de estar habitável, mas podia pagar uma nova escova de dente.

Passei fio dental, escovei os dentes e enxuguei as mãos. Abotoei alguns botões da camisa, dobrei as mangas e saí do banheiro.

E quando saí, estava nervosa. Agora era diferente. Não era mais o que a gente tinha. Não éramos mais só parceiros de cama que brigavam o tempo todo. Nós tínhamos um compromisso. Ele me dera o sapato dos meus sonhos. Ele me resgatara de uma casa em chamas. Meu pai não se importou de nos flagrar numa agarração carnal. Meredith achava que ele era o máximo. Eu sabia onde ele trabalhava. Conheci alguns dos seus homens. O que eu dissera no jantar com meus pais era importante para ele.

E agora eu estava em sua toca.

Minha mente repassou essas informações e depois mais algumas enquanto eu ia até a escada e descia lentamente, avistando-o na cozinha, mas sem olhar para ele. Eu estava tentando entender aquele lugar

cavernoso.

Uma área de estar no centro com um sofá grande e largo, duas poltronas reclináveis de cada lado, uma TV grande de tela plana sobre um grosso tapete. Aparelhos de ginástica e musculação na parede oposta, montes deles: banco supino, barras de peso, esteira, bicicleta ergométrica, aparelho de remo, aparelho elíptico. Uma mesa no canto em posição diagonal, de frente para a sala, mostrando personalidade, com papéis, pastas e um laptop. Dava para ver que ele usava aquela mesa, diferente do resto do lugar. A cozinha tinha um grande bar em forma de U com banquetas em volta, uma mesa encostada numa coluna de tijolos entre janelas gigantescas e eletrodomésticos topo de linha. No meio de tudo isso, havia alguns tapetes grandes cobrindo o chão de cimento, mas na maior parte era tudo aberto. Completamente aberto.

Deus, como ele conseguia aquecimento para aquilo tudo?

Virei-me para a esquerda e morde o lábio quando vi embaixo da plataforma da cama um espaço que era definitivamente o cantinho de Hawk. Estantes que iam do chão à plataforma cheias de livros e CDs. Um aparelho de som dos melhores. Um conjunto de poltrona com otomana muito gasto que não era como nenhum outro móvel ou equipamento, não era novo, não era estiloso. Havia uma mesa perto dele, também gasta. Uma luminária de pé atrás da poltrona, para fins de leitura. Um tapete puído no chão, tão grande que cobria toda a área. No canto, outro cubo, este em madeira rústica, com a porta fechada. Aquele espaço era como se fosse de outro mundo, não combinava com o resto, mas parecia confortável e acolhedor, convidativo.

Interessante.

Cheguei ao fim da escada e não podia mais adiar.

Voltei os olhos para ele.

Hawk estava na cozinha, sem camisa, segurando uma caneca de café e me olhando.

E naquele momento caiu a ficha.

Os prós pesavam bem mais que os contras. Eu não estava mais indecisa. Eu estava decidida... *muito* decidida.

Ele podia ser mandão e muito do que fazia pirava minha cabeça ou me deixava puta, mas quando era amável, generoso, sexy e aberto era melhor do que nos meus melhores sonhos.

De longe.

E eu era boa em sonhar acordada. Passava a maior parte do tempo fazendo isso, inventava os melhores sonhos que existiam. Mas a realidade superou-os e a certeza se instalou. Firme.

Aproximei-me do balcão do bar e vi que ele estava descalço e usando uma calça track preta com listras cinza-escuras nas laterais.

Sexy.

Segui direto até ele e só parei quando nossos corpos se encontraram. Meus braços deslizaram por sua cintura e encostei o rosto na pele do seu peito.

– Bom-dia, querido – sussurrei.

Ele passou o braço por meus ombros e me puxou para perto.

– Bom-dia, minha flor. Dormiu bem?

Virei a cabeça para pressionar meu rosto no seu peito enquanto assentia.

– Que bom – ele murmurou, me abraçando.

Abracei-o também.

– Café? – ele perguntou, e assenti outra vez, grudada no seu peito. – Como você gosta?

Deslizei o rosto por sua pele quente e ergui a cabeça para olhar para ele, minhas sobrancelhas se arqueando enquanto meus olhos encontravam os olhos negros dele.

– Você não sabe?

Ele torceu a boca.

– Não.

– Leite, meio cubo de açúcar.

Dessa vez foram suas sobrancelhas que arquearam.

– Meio cubo de açúcar?

– Economizo açúcar para comer massa de cookies.

Ele riu, seu braço me apertando por um segundo enquanto olhava para mim. Vi seus olhos se movendo lentamente. Eu nunca tinha visto aquele olhar indolente antes. Era sensacional.

Ele inclinou a cabeça, deu-me um leve beijo e me soltou.

Foi até a cafeteira perto da parede e eu fui para o balcão, me debruçando sobre ele.

– Usei uma escova de dente – informei a ele.

– Tudo bem – ele respondeu, pegando uma caneca de uma das prateleiras fixadas na parede e onde havia um monte de louça de faiança azul-escura, utensílios de aço inoxidável pendurados nos ganchos das prateleiras inferiores e reluzentes frigideiras e panelas nas de cima.

Acho que ele não precisava de mim para comprar-lhe uma nova escova de dente. E também me pareceu, pela falta de suprimentos, que não cozinhava nem comia muito lá.

– Você afasta os móveis para jogar futebol com seus homens aos sábados? – perguntei, olhando para a sua pele morena e os músculos definidos de suas costas enquanto ele colocava café para mim.

– Não – ele respondeu, mas pude ouvir o sorriso em sua voz.

– Rúgbi? – insisti.

Ele foi até a geladeira e a abriu.

– Não – ele repetiu.

– Paintball?

Ele pegou o leite, fechou a geladeira e olhou-me por cima do ombro, rindo.

– Não.

– Hum.

Ele terminou o café, trouxe-o para mim e depois descansou a cintura no balcão, seu corpo de frente

para o meu, nossos corpos se tocando.

Tomei um gole do café e ele também.

Ele fazia um café gostoso.

– Seu café é gostoso – eu disse.

Ele não tinha resposta.

Inclinei a cabeça para olhar para ele.

– E você é organizado.

Ele franziu as sobrancelhas.

– Sou organizado?

– Seu banheiro é limpo, não tem calças cargo e camisetas espalhadas pelo chão, e suas pilhas de armas e munição obviamente foram retiradas.

As covinhas apareceram.

Depois ele respondeu:

– Casa desorganizada, mente desorganizada, vida desorganizada, baby.

Isso era verdade. Eu sabia porque papai me ensinou e também era um princípio que regia a minha vida, por isso aquela zona na minha sala me deixava maluca.

– Não consigo imaginar você fazendo faxina – eu disse.

– Eu não. A Janine é quem faz.

– Janine?

– Ela cuida deste lugar e da base. Janine é responsável pela ordem para que eu possa me concentrar em outras merdas.

– Hum.

Ele empregava muita gente. Dirigia um Camaro top de linha. Instalava sofisticados sistemas de segurança. Podia pagar por sapatos caros de designer. Podia aquecer um armazém cavernoso a ponto de poder andar descalço e sem camisa e eu me sentir confortável só com a camisa dele e uma calcinha.

– Você mora num velho armazém – comentei o óbvio.

– Sim – ele concordou com o óbvio.

– Você tem muito espaço aqui, Hawk.

– Sim.

– Espaço de montão – continuei.

Ele sorriu e deu um gole no café. Fiz o mesmo.

Quando a caneca se afastou de sua boca, ele disse:

– Não gosto de lugares apertados. Preciso de espaço.

Interessante.

– Bom, isso você tem.

Ele sorriu novamente, colocou a caneca no balcão, pegou a minha e colocou no balcão também, e

depois se moveu na minha direção, suas mãos deslizando pela minha cintura até minhas costas, me envolvendo e me puxando para ele.

Pus as mãos em seu peito e olhei para cima.

– Você é bonita de manhã – ele disse.

– Sou?

– Bonita e meiga.

– Hum. – Fiquei contente de ele pensar isso, porque sempre apreciei as manhãs. As noites também. Eu gostava de todas as horas do dia quando não estava estressada e de mau humor.

Uma de suas mãos deixou minhas costas e vi seu olhar caloroso e intenso estudando meu rosto.

Depois ele fez algo bonito, maravilhoso, uma coisa que, se eu ainda tivesse alguma dúvida na minha certeza, isso a teria desintegrado.

Ele deslizou ternamente o dorso da mão pelo meu rosto enquanto murmurava:

– Um ano e meio. O que perdemos.

Um frio na barriga.

Sim, verdade absoluta.

– Hawk – sussurrei, e sua mão deslizou para o meu queixo.

– Quanto trabalho você conseguiu fazer?

– O quê?

– Você estava relaxada ontem à noite, sem estresse, está tudo bem no trabalho?

– Hã... – enrolei, não querendo pensar em trabalho ou na vida ou em nada, querendo só ficar nesse sonho real.

Hawk continuou:

– Preciso fazer uma coisa agora de manhã, os rapazes estarão aqui em alguns minutos e quero você aqui quando voltar.

Encarei os olhos dele.

Ah, meu Deus.

Oba! Ele me queria ali quando voltasse!

Minha mente foi para o trabalho.

Que merda.

Saco! Eu precisava voltar para casa e terminar.

Eu me agarrei nele e minhas mãos subiram do seu peito para o pescoço.

– Um dos meus prazos é hoje. Estou perto de concluir, mas ainda preciso fazer algumas coisas. – Seus braços me apertaram. Continuei falando em voz baixa, ligeiramente assustada, ligeiramente esperançosa, mas minha decisão estava tomada e tinha a ver com ele. Achei que ele deveria saber, mesmo que isso me deixasse apavorada. – Eu queria estar aqui quando você voltasse, mas sempre cumpro meus prazos. É uma promessa que faço aos meus clientes e...

– Baby... – ele me interrompeu. – Está tudo bem.

– Eu queria mesmo estar aqui – reafirmei para ter certeza de que ele entendia, mas o fiz aos sussurros.

A mão que estava no meu queixo ergueu minha cabeça enquanto ele se aproximava.

– Entendo, minha flor – respondeu sussurrando também. – E eu gosto disso.

Ele entendeu. E gostava.

Lambi meus lábios e assenti.

Ele me beijou e disse:

– Preciso ir com os rapazes. Vou ligar para Fang, você pode demorar o quanto quiser, se vestir, tomar banho, comer, o que você quiser fazer. Ele estará aqui em 30 minutos e a levará para casa. Vou deixar uma chave com você, fique com ela. O código de segurança é 3364. Quando acabar o trabalho, volte.

– Está bem – concordei prontamente.

Seu braço me puxou para perto e sua mão deslizou até o meu cabelo. Seus olhos ficaram cheios de malícia.

– Estamos no atraso, baby. Sinceramente. Ainda mais depois que vi você naquele vestido e naqueles sapatos ontem à noite e depois você desmaiou praticamente nua na minha cama antes que pudéssemos brincar. Planeje uma noite vibrante.

Uau.

– Ok – respirei fundo e concordei rapidamente.

Ele deu um sorriso que, com aqueles olhos lascivos em mim e seu corpo próximo, revelava toda a sua fome.

Nham, nham.

Meus dedos passaram por seus cabelos enquanto eu me erguia na ponta dos pés olhando fixamente os seus lábios.

– O que perdemos – ele disse num murmúrio.

Depois me beijou, quente, forte, com a língua, e sua mão na minha bunda puxando minha cintura para a dele enquanto eu me segurava, minhas pernas e entranhas se liquefazendo.

Ele interrompeu o beijo dando o que pareceu um resmungo frustrado, e gostei tanto disso que o agarrei com mais força e, quando o fiz, sua boca grudou na minha, saiu e depois voltou, saiu e voltou de novo, e seus dentes morderam meu lábio inferior.

Hum... *gostoso*.

– Hawk – sussurrei, ainda agarrada nele.

– Baby, vamos, senão perco um cliente e adeus sapatos chiques.

Considerei isso, colocando na balança sapatos *versus* sexo com Hawk em sua toca cavernosa.

Então continuei agarrando.

Ele sorriu, seu braço me apertando, sua boca tocando a minha novamente e depois me soltou e deu um passo para trás. Eu me inclinei no balcão num esforço para me manter de pé, e ele ergueu a mão e

deslizou o dedo indicador pela lateral do meu queixo.

Hum... *gostoso*.

– Até mais tarde – prometeu.

– Ok – respondi.

A mão dele desceu para o meu pescoço, deu um beliscão e se afastou. Ele abriu uma gaveta, tirou uma chave, deixou-a no balcão e depois subiu a escada. Fiquei olhando até ele chegar ao topo e depois peguei meu café, dei um gole e olhei mais um pouco enquanto ele abria e fechava gavetas na cômoda e no guarda-roupa e se vestia.

Ouvi os veículos do lado de fora enquanto ele estava sentado na cama colocando as botas, e eu e minha caneca de café fomos até a escada enquanto ele descia. Colocou um braço em volta do meu ombro, me levou até a porta embaixo da plataforma, entramos em outro espaço cavernoso onde ficavam seu Camaro, um SUV preto, uma moto com capa e ainda havia espaço para estacionar o meu carro, o carro do meu pai e um motorhome.

Ele pegou um controle remoto que tinha dois grandes botões vermelhos redondos. Pressionou um e o portão colossal se abriu, o frio lá de fora me invadindo, porém mal senti porque ele me conduziu até o final do prédio e virou-me para ele. Consegui fazer uma manobra evasiva com a minha caneca antes de ele me tascar novamente um daqueles beijos molhados e gostosos.

Ele ergueu a cabeça e murmurou:

– Vibrante.

– Pode deixar – respondi, e ele sorriu. Fiquei vendo ele entrar no SUV.

Fiquei lá no frio, vestida com a camisa dele, carregando uma caneca de café azul-escura, totalmente à vontade porque estava superfeliz no meu sonho da vida real, e acenei para os homens de Hawk enquanto eles se afastavam.

Nenhum deles acenou de volta, embora alguns sorrissem, balançando a cabeça.

Depois peguei o controle remoto, apertei o botão, o imenso portão baixou e entrei de novo no refúgio de Hawk.

Eu estava na plataforma arrumando a cama de Hawk quando aconteceu.

O telefone tocou e, obviamente, ignorei.

Então a secretária eletrônica em cima de uma das cômodas pesadas de madeira escura atendeu. Uma voz eletrônica pediu para deixarem uma mensagem e deixaram uma mensagem.

No minuto em que ouvi a voz de uma mulher, fiquei paralisada com os travesseiros na mão.

– Hawk? – Hesitante. Sondando, mas indecisa. – Querido, espero que esteja tudo bem. Você não apareceu ontem à noite. Eu sou a quinta-feira. – Pausa. – Espero que não se importe por eu ter ligado. – Ainda hesitante. – Mas estou preocupada. Hã... – Pausa. – Me liga, tá bem? – Outra pausa e depois apressadamente. – Só para eu saber que você está bem. – Outra pausa e depois: – Hã... ok, hum... tchau.

Ouvi o zumbido do telefone quando ela desligou, e depois silêncio.

Fiquei lá, o travesseiro na mão, encarando a secretária eletrônica, com uma sensação desagradável no estômago.

Ela era a quinta-feira?

Quinta-feira?

Mas que merda é essa?

Ela era a quinta-feira. Ontem foi quinta-feira. Ela estava esperando uma visita de Hawk.

Ela era a quinta-feira.

Aquela sensação no meu estômago subiu até a garganta, encheu minha boca e tinha gosto de ácido.

TAPA-BURACO

Fang estacionou e ficou na rua enquanto eu andava envergonhada para casa. Eu não estava envergonhada, na verdade, mas qualquer pessoa que me visse com aquele vestido e aquele sapato durante o dia ia achar que eu estava.

Fang, felizmente, não era um mestre em comunicação. Isso era bom e ruim porque significava que eu poderia me ater aos meus pensamentos e ficar assim durante todo o trajeto desde o esconderijo de Hawk. Era bom porque eu precisava pensar para botar a cabeça em ordem e ruim porque eu não queria pensar e não sabia como botar a cabeça em ordem.

Abri a porta e vi Meredith, Camille, Tracy e a sra. Mayhew todas sentadas nos meus móveis e bebendo café do lado esquerdo da minha sala. A mobília fora descoberta, o chão havia sido varrido, a camada de poeira dos móveis desaparecera. Todo o material de obra também. O lado direito da sala estava limpo também, porém vazio. Dei uma olhada pelas portas de vidro para a minha antes vazia salinha de lazer e vi que virara um depósito de ferramentas, tubos e canos. As paredes ainda precisavam ser niveladas, o piso precisava de acabamento, a cornija da lareira, refeita, e as luminárias, trocadas, mas agora pelo menos parecia uma sala de estar.

Meu Deus. Eram dez horas. Meredith tinha ralado.

Olhei para elas e amei. Eu amava todas elas. E amei que Meredith tivesse deixado minha sala de estar parecendo uma sala de estar.

Mas eu queria massa de cookies. Solidão e massa de cookies.

Não, eu *precisava* de solidão e massa de cookies.

Tipo, *muito*.

– Oi – cumprimentei.

– A noite foi boa? – perguntou Meredith.

– Hum... – resmunguei.

– Bonito vestido – disse a sra. Mayhew.

– Obrigada, sra. M. – respondi, andando e pensando que era típico dela dizer que eu estava com um vestido bonito quando eu acabava de entrar em casa com a roupa da noite anterior e todo mundo estaria pensando *que piranha!*

– Soube que você pescou um bonito – ela comentou, com um sorriso enorme na cara.

Bem, acho que sim, mas o que me preocupava era que eu é que tivesse sido pescada.

– Hum... – resmunguei de novo.

– Você está bem? – Cam perguntou, me examinando de perto.

– Hum...

Todos os olhares concentraram-se em mim, já que eu parecia incapaz de falar.

Então Cam tomou a dianteira.

– Muito bem – ela disse sabiamente, pulando do sofá. – Banho, calças de ioga, vamos! – ordenou, batendo palmas e vindo na minha direção, me empurrando até a escada e me fazendo subir, direto para o meu banheiro.

Virei-me para a porta do banheiro e olhei para ela.

Cam era da minha altura, toda pernas e bumbum, uns peitinhos que não eram lá essas coisas, mas isso não importava, porque era bonita de tirar o fôlego. Grandes olhos amendoados, lábios carnudos, maçãs do rosto fabulosas, maxilar gracioso, sobancelhas arqueadas perfeitas. Ela era o exotismo em pessoa, o yin afro-americano contrastando com o yang da garota local, Tracy. Isso costumava me deixar complexada, ver que minhas duas melhores amigas pareciam top models largadas na sociedade. Aprendi a controlar meu sentimento de inferioridade me encharcando de Cosmopolitans e comprando roupas fantásticas que fomentariam minha confiança cada vez que eu saísse com elas.

– Cam – eu disse.

– Você está tensa – ela replicou, me lendo como se eu fosse um livro.

Não que eu estivesse sendo misteriosa, é claro.

– Aconteceu uma coisa – eu disse a ela. – Bem, aconteceram muitas coisas, mas...

– Banho, querida, vou fazer um café fresco e encontro você no seu escritório com Tracy. Você tem 15 minutos. – Depois ela se virou e desceu a escada.

Cam tinha muitas qualidades que eu adorava. Como eu permitia que minha vida saísse dos trilhos ocasionalmente, a melhor delas era sua capacidade de controlar a situação e ser decisiva.

Fiz o que ela mandou e, com minha calça de ioga, camiseta, casaco de capuz e cabelo molhado, encontrei-me com Cam e Tracy no escritório.

Tracy me passou uma caneca de café.

Peguei-a e meus olhos se viraram para Cam.

– Como vocês se livraram de Meredith e da sra. M.?

Isso eu sabia ser uma façanha. Meredith era a única mãe que eu conhecia, e ela se preocupava comigo mesmo com meus 33 anos e mesmo que não tivesse nada com o que se preocupar. A sra. M. era como uma avó para mim e todas as crianças da rua, tivessem elas 33, 3 ou 63 anos. Se você fosse mais jovem que ela, ela era a sua avó, e quase todo mundo que eu conhecia era mais jovem do que ela, exceto a amiga Erma que as evidências apontavam estar namorando o Senhor do Tempo.

– Não precisou – Cam respondeu. – A sra. M. foi para a casa dela com Meredith para encontrar o cara do seguro. Mas tive que prometer um relatório completo.

– Você não vai dar relatório completo nenhum – declarei, sentando na minha cadeira e tomando um

pouco do café.

– Claro que não – ela resmungou.

– O que aconteceu com o rosto? – Tracy perguntou e olhei para ela.

– Que rosto?

– O *seu* rosto. Você parece... sei lá o que você parece. Achei que sua noite tinha sido ótima. Recebi ontem 12 mensagens de texto suas sobre quão maravilhoso foi o encontro. Agora não parece que você teve uma noite maravilhosa.

Meus olhos se voltaram para a janela.

– Eu tive.

– Então o que foi? – Cam perguntou e meus olhos se voltaram para ela.

– Quinta-feira ligou – respondi, os olhos de Cam se fecharam lentamente, mas a expressão de Tracy ficou confusa.

Encarei Cam. Ela sabia de alguma coisa.

– Quinta-feira ligou? – Tracy perguntou.

Eu a ignorei.

– Cam? – chamei, os olhos dela abriram e pareciam irradiar uma luz, uma luz triste e infeliz. – Cam – sussurrei.

– Você me disse que tinham acabado – ela disse suavemente.

Era verdade.

– Quinta-feira ligou? – Tracy repetiu, soando impaciente, e olhei para ela.

– Foi uma noite ótima, linda, maravilhosa, melhor que nos meus sonhos mais loucos. Ele estava doido por mim, interessado em tudo que eu dizia, estava engraçado e me comprou um Jimmy Choo – contei a ela e seus olhos brilharam.

– Eu conheço a Elvira que trabalha pra ele, uma garota hilária por falar nisso, ela me fez prometer segredo, mas achei *tão* lindo! Tão generoso. Ofereci meu desconto, mas ela recusou. Só me entregou um cartão de crédito empresarial. Maravilhoso! – Tracy concluiu com um gritinho e quicando no sofá.

– Sim, maravilhoso, até Quinta-feira ligar – retorqui, e Tracy ficou confusa novamente.

– Que negócio é esse de quinta-feira? – ela perguntou.

– Eu não sei – respondi e olhei para Cam. – Mas você sabe, não sabe?

Camille sustentou a minha encarada e depois suspirou.

Daí falou:

– Cabe “Hawk” Delgado está numa rede. Na verdade, está por toda a rede. Há mistério e muita especulação sobre suas atividades, mas ele é o chefe. Se acontece alguma coisa em Denver, ele fica sabendo, e especula-se que às vezes está envolvido no que acontece, mas ninguém sabe como. Além disso, ninguém sabe exatamente o que ele faz, ou *tudo* que faz, só sabem que é um sujeito muito ocupado.

Eu já tinha percebido isso e, a essa altura, não me importava.

– E...? – insisti.

Ela respirou fundo, aquela respiração que dizia que estava me preparando para algo nada bom.

Depois começou a me dar o nada bom.

– Uma coisa que não tem nenhum mistério quando se fala de Delgado são os Dias Dele.

– Dias Dele? – Tracy repetiu.

Cam assentiu.

– Também conhecidos como as Mulheres Dele.

– Merda – Tracy murmurou, os olhos dela se voltando para mim, mas meus olhos se fixaram em Cam enquanto eu me esforçava para respirar.

Então fui enérgica.

– Fale logo.

Cam mordeu os lábios e depois disse: – Gwen, sinto muito.

Senti um aperto na garganta, e não era de felicidade como na noite anterior.

– Me conta, Cam – sussurrei.

Outro suspiro e Cam contou.

– Está bem. Delgado é conhecido por procurar mulheres. Ele consegue e as coloca em uma tabela de horários. Elas vêm e vão, mas enquanto estão lá, são dele. Ele as investiga e deixa claro que ninguém pode chegar perto delas. Quando ele acaba, está acabado. Uma sai e ele pega outra.

– Não pode ser – eu disse a ela. – Eu não tenho um dia.

Cam engoliu em seco. Não era um bom sinal.

– O que foi? – perguntei.

– Amiga... – ela começou.

Inclinei para frente e repeti:

– O que foi?

– Você é conhecida como “tapa-buraco”.

Meu Deus.

– Eu sou conhecida como “tapa-buraco”? – sussurrei.

Ela assentiu.

– Se ele está com vontade de trocar, se alguma das mulheres dele viajou ou ele tem um horário vago que ainda não preencheu, ele procura você.

– Eu sou conhecida como “tapa-buraco” – repeti.

– Querida... – Tracy sussurrou.

– Quem me chama de tapa-buraco? – perguntei a Cam.

– Hum... – ela hesitou e depois disse: – Agora todo mundo.

– Agora todo mundo – repeti.

Ela assentiu.

– Lawson?

Ela mordeu o lábio e assentiu novamente.

Meu Deus!

– Tack?

– Provavelmente – Cam respondeu.

Fiquei olhando para o chão. Depois me lembrei e olhei para Cam.

– Ela sabia – afirmei.

– Ela quem? – perguntou Cam.

– Quinta-feira, ela sabia. Ela sabia o que e quem ela era, o dia dela. Ela sabia o *nome* dele, sabia o *número* dele.

– Bem, hã... – Cam começou.

Eu a cortei.

– Acho que se você tem um horário garantido, tem também as informações para fazer contato com ele.

Mas um tapa-buraco é só um *tapa-buraco*.

– Gwennie, querida – disse Tracy.

Pulei da cadeira e gritei:

– Eu não *acredito* nisso!

Camille e Tracy deram um pulo também.

– Gwen, amiga, me escute. A conversa agora é que ele está fora da rotina padrão. Essa babaquice de os Dias Dele é para elas como foi para você, visitas noturnas, limites rigorosos. Ele não sai com elas, ele apenas dorme com elas.

– *E daí?* – gritei, batendo minha caneca na mesa, o café respingando para todo lado.

– E daí que isso é bom, você ultrapassou os limites impostos – Tracy acrescentou rapidamente e, como sempre minha querida e meiga Tracy, cheia de esperança.

– Não, Trace, isso não é nada *bom* – repliquei. – *É humilhante*.

E era. Era humilhante. No fundo era humilhante. E a pior parte desse sentimento era que eu fizera isso comigo mesma.

De novo!

Ergui as mãos, passei os dedos pelo cabelo e tentei me controlar.

– Eu não posso acreditar. Não sei como lidar com isso – eu disse, olhando para o chão.

– Talvez você devesse conversar com ele sobre isso. – Cam, dentre todas as pessoas, me aconselhando. Ergui a cabeça para encará-la no mesmo nível.

– Você *bebeu?* – gritei, e ela esquivou o rosto. – Eu sou um *tapa-buraco*, todo mundo dessa “rede” sabe disso. Deus! – Puxei os cabelos e depois ergui as mãos, repetindo: – *Deus!*

– Querida – Cam disse, suavemente. – Fica calma.

Ergui as mãos de novo para pressionar as palmas na minha testa e olhei para ela.

– Eu o quero – sussurrei o meu segredo.

– Então converse com ele – disse Cam.

– Queria que ele fosse especial.

– Converse com ele, menina – disse Cam, se aproximando e segurando meu braço.

– Para ele ser especial, tem de fazer com que eu me sinta especial. Não como Scott fazia. – Ouvi

Tracy lamuriar-se baixinho. Ela sabia como Scott me fazia sentir, as duas sabiam. – E definitivamente não pior do que Scott me fez sentir.

Cam abaixou meu braço e segurou as minhas mãos enquanto Tracy se juntava a nós.

– Fui eu que fiz isso comigo mesma – falei baixinho.

– Querida – Cam sussurrou também e Tracy colocou o braço em volta da minha cintura. – Querida.

– Queria acreditar que podia romper as barreiras – continuei.

– Talvez você tenha conseguido – Cam respondeu.

– Acho que você conseguiu – Tracy acrescentou.

– Fiquei firme, esperando conseguir – continuei falando como se elas não tivessem dito nada.

– Gwen, respire fundo e pense bem – Camille aconselhou.

Minha cabeça tombou e olhei para os pés. Esmalte vinho, a cor do inverno. Eu precisava do verão.

Precisava de sol. Era hora de tirar férias.

– Eu vou ser sempre um tapa-buraco – eu falei para os meus pés.

– Oh, querida – Tracy disse.

De repente me afastei, levantei a cabeça e anunciei:

– Eu preciso entregar o meu trabalho no prazo. – Olhei para Cam. – Posso ficar com você e Leo hoje

à noite?

– Não acho que seja uma boa ideia – disse Tracy.

– Sim, querida, pode – Cam respondeu.

– Cam! – Tracy repreendeu e Cam olhou para ela.

– Ela precisa de espaço – justificou Cam.

Tracy olhou para mim.

– Ele vai procurá-la hoje, não vai?

– Não – eu disse a ela. – Ele quer que eu vá me encontrar com ele.

Os olhos dela cintilaram e ela se aproximou.

– Então vá.

– Não.

Ela colocou as mãos nos meus ombros.

– Gwennie, isso é uma merda, eu sei. É um saco, mas não posso deixar de pensar que...

Eu me afastei e as mãos dela tombaram.

– Eu posso. Posso pensar nisso. E não estou nem puta com ele, Trace. Não estou. Estou puta comigo.

Fui eu que fiz isso comigo. Deixei isso acontecer. E se eu tiver um pingão de vergonha na cara depois dessa merda, dessa *porra* toda que aconteceu, sou eu que vou ter que dar um ponto final.

– É uma má decisão – Tracy disse firmemente.

– Pode ser, mas é a que tomei – respondi e endireitei os ombros. – Scott me sacaneou e eu o amava.

Aquilo acabou comigo. Eu até sabia o que estava acontecendo e permiti até não suportar mais. Com Scott, demorei muito para cuidar de mim mesma, esperando que ele parasse de fazer merda. E esperei muito tempo por Hawk. Mesmo que as coisas tenham mudado para ele, sempre vou saber o que eu me permiti ser, o que as outras pessoas pensam de mim. Não é surpresa nenhuma que Lawson e Tack tenham achado que podiam dar em cima de mim. Eles queriam entrar nessa parada também, e quem pode culpá-los? Uma coisinha fácil que abre sua cama e suas pernas, sem perguntas, sem expectativas, que é só uma oportunidade de se dar bem e depois pular fora quando acabar o serviço. Merda!

– Você não é assim – afirmou Cam.

– Não? Pois para mim parece que sou.

– Você está redondamente *enganada* – Cam retorquiu.

Eu balancei a cabeça.

– Não posso pensar nisso agora. Tenho que trabalhar. Chegarei na sua casa depois que enviar meus arquivos – eu disse a Cam.

Ela me estudou e disse:

– Tudo bem, amiga. Estou de folga hoje. Vou comprar sorvete.

– Massa de cookies – corrigi.

– Massa de cookies – ela reafirmou.

– Gweenie... – Trace começou e meus olhos se voltaram para ela.

– Eu te amo, querida, você sabe que sim, mas não agora. Não posso acreditar em suas esperanças agora. Por favor.

– Está bem – ela murmurou.

– Tenho que trabalhar – repeti.

– Muito bem – Cam concordou.

Assenti e me virei para o computador. Peguei um lenço de papel para limpar o café derramado na mesa enquanto ouvia as duas deixando o escritório.

– Gwen? – Cam chamou e olhei, segurando o lenço de papel molhado de café, ela estava na porta. – Scott era um idiota e Delgado controla cada centímetro da própria vida. Ele teve uma dose de você na luz do dia e já mudou todo o jeito dele de fazer as coisas. Você não é quem você pensa que é.

Não, ela estava errada. Eu era *exatamente* quem pensava que era, e o pior era que Cabe “Hawk” Delgado também sabia.

– Tenho que trabalhar – eu disse a ela.

– Você não é quem você pensa que é – ela repetiu.

Eu a encarei.

– Massa de cookie – ela disse, sumindo da minha porta.

– Pronto, pronto – eu disse ao mensageiro de pé na minha porta. Ele esperava, visivelmente impaciente, que eu terminasse de preencher o cheque com a quantia que anotei quando liguei para a Nordstrom para saber o preço exato da fabulosa sandália plataforma prateada que ganhara.

Assinei o cheque, arranquei a folha e coloquei num envelope junto com um bilhete que escrevi enquanto ainda tinha coragem.

Hawk,

Pelos sapatos. Você precisará de uma substituta para o meu turno.

Gwen

Lambi o envelope, fechei e entreguei ao mensageiro.

– Você não tem o nome da empresa? – ele perguntou.

Balancei a cabeça.

– Não, só conheço o prédio, 14º andar, vire à direita depois do elevador, à direita de novo, pegue o corredor, é a segunda porta à esquerda. Diga a quem falar com você para entregar ao Hawk.

Ele franziu as sobrancelhas.

– Hawk?

– Hawk.

Ele me olhou como se eu tivesse um parafuso solto.

– Tá bem – ele disse e saiu.

Fechei a porta atrás dele.

Depois subi a escada e mandei meu trabalho para o autor com minhas observações. Em seguida fiz a mala, escrevi um bilhete para Meredith e papai e deixei na cozinha. Entrei no meu carro, que Meredith e eu tínhamos ido buscar na casa dela no dia anterior.

Então fui para a casa de Cam e Leo.

SALVAR OS FURÕES

Sentei com Leo à mesa da cozinha de Cam e Leo. Estava com o meu camisão de dormir. Leo usava uma camiseta cinza e calça de pijama xadrez. Cam começava cedo no trabalho, Leo mais tarde.

Leonard Freeman era corpulento, músculos compactados numa altura mediana, pele morena e olhos pretos afáveis. Ele era homem da cabeça aos pés, o que o tornava perfeito para Camille porque, tirando a falta de peitões (compensada pelo bumbum avantajado e belo rosto), ela era mulher de A a Z.

Leo tomou um gole de café e eu também.

Depois ele começou:

– Gwen...

Ah, não. O que Camille Antoine tinha de franqueza, Leo tinha de sábio. Se vivesse na Grécia Antiga, Leo daria de dez em Platão. Ele tinha uma boa compreensão da vida e num lampejo era capaz de interpretar pessoas e situações e saber exatamente o que estava acontecendo, o que fazia dele um excelente policial, mas um amigo perigoso.

Desesperada, mudei o foco, e porque estava desesperada, falei o que não devia.

– Por que você não pediu a Cam em casamento?

Os olhos dele se arregalaram e me encararam.

Merda. Merda, que *merda!* Eu não acredito que falei isso.

– Hã... – comecei a fazer o retorno, mas não sabia como.

– Ela quer casar? – Leo perguntou, e foi a minha vez de encará-lo. Pelo visto, sua capacidade de saber interpretar as pessoas não se aplicava à namorada.

– Bem... – hesitei. – Quer sim.

– Sério?

Pisquei.

– Hã... – hesitei novamente. – *Sim.*

– Achei que ela estivesse feliz do jeito que estamos – ele me contou.

– Ela está – eu disse.

Ele me olhou fixamente.

Bem, fui eu que nos meti na enrascada, então eu teria que tirar.

Merda!

– Você está feliz do jeito como estão? – perguntei com tato.

– Claro, porra – ele respondeu.

Bem, pelo menos houve firmeza.

– Então, hã, a sua hesitação em oficializar a relação é porque... – Parei e ergui as sobrancelhas.

– Está bom do jeito que está. Por que mudar? – ele perguntou.

Ok, eu estava entrando desabalada na zona de perigo, logo tinha de ser rápida e preparar os lançamísseis. O problema era que isso significava ter de explicar-lhe como são as mulheres, e os homens na verdade nunca foram capazes de processar isso.

– Ouça bem então – eu disse, me aprumando na cadeira para indicar a ele que o que eu iria dizer precisava de toda a sua atenção. – Mulheres gostam de roupas, sapatos, flores, e gostam que as pessoas olhem para elas e pensem, “Deus, como ela é linda”. Quanto mais gente pensar isso, melhor. E o único dia em que ela vai ter tudo isso no mesmo pacote é no dia do seu casamento. E o pacote vem com *joias* e *presentes* e acaba com *férias*, onde é praticamente de lei que ela use uma lingerie divina e faça muito sexo.

Leo rompeu num sorriso me mostrando que, provavelmente, ele ficou voando em quase tudo que eu disse, mas prestou atenção na parte da lingerie divina e muito sexo, o que me encheu de alívio.

Assim, coloquei a mão no seu braço.

– Então, você dá isso a ela e depois volta para casa e fica tudo como era antes, exceto que agora tem toalhas e louça de porcelana na sua casa que você não precisou comprar.

Ele virou o braço e apertou minha mão.

– Parece bom – murmurou.

– Viu como você é sortudo? Consegui um aconselhamento de graça. Estou pensando em pegar a estrada, dar umas aulas para os homens, explicando como são as coisas. Só preciso associar minha comissão com organizadores de casamentos e umas bandas cover horrorosas.

Consegui mais um sorriso dele, embora com a observação:

– Anéis de noivado não são lá muito baratos.

– Verdade, mas sou a melhor amiga de Cam e não vou mexer com nada desse negócio de chá de panela. Vou cuidar só do chá de lingerie. – Ergui a mão direita. – Juro.

– Se você quebrar essa promessa, querida, e eu tiver que procurar um abridor de garrafas entre espremedores de alho e outras tranqueiras, saiba que vou fazer você pagar – ele ameaçou.

– Camille não tem espremedor de alho? – perguntei, fingindo um choque.

Isso me rendeu outro sorriso.

Depois o sorriso apagou e seu olhar ficou mais atento.

– Ela se preocupa com isso?

– Cam?

– É.

– Sim – respondi com franqueza.

– Merda.

– Ela quer ser sua, Leo – eu disse a ele.

– Ela já é minha, Gwen.

– Então deixe que ela mostre isso ao mundo todos os dias dando-lhe um anel.

Ele me olhou e depois assentiu.

Em seguida disse:

– Tenho que ir para a academia.

Assenti também, dizendo:

– Tenho que ir para casa.

Ele se levantou e eu tomei um gole de café. Achei que ele fosse até a pia, mas veio na minha direção.

Ergui a cabeça para vê-lo assim que sua mão tocou a minha nuca e seu rosto se aproximou.

– Foi por essas e outras que Cabe Delgado finalmente parou de fazer merda e acordou – ele disse.

Meu coração apertou e gemi baixinho.

– Ah, Leo.

– Não digo mais nada, querida, pense nisso. – Leo abraçou minha cabeça um pouco e beijou meu cabelo, depois me soltou e levou sua caneca para a pia.

Deus, eu adorava o Leo. Ele era tão bacana.

Olhei pela janela. Já não nevava mais. Fevereiro estava vazando para março. Em Denver, isso significava que tudo girava em torno da mudança do tempo. A nevasca ou ficar deitada no sol de biquíni, ou as duas coisas com uma hora de diferença.

Meu telefone não tinha tocado e Hawk não tentara penetrar na fortaleza Antoine/Freeman. Mesmo que não tivesse recebido ainda meu cheque e o bilhete, ele voltaria para o seu refúgio e descobriria que eu não estava lá.

Ele não ligou e não apareceu.

Isso dizia tudo, e eu disse a mim mesma que estava aliviada, mas era mentira.

Enquanto dirigia para minha casa, percebi que a boa notícia era que os carros de papai e Meredith não estavam lá.

Papai ligara na noite anterior para dizer que ele e Meredith passariam o dia na casa deles limpando e arrumando as coisas. Eu disse a ele que precisaria trabalhar algumas horas para não me desviar dos prazos e que depois iria lá ajudá-los.

A má notícia era que havia uma Harley na entrada da minha casa e em cima da Harley estava Tack. Merda.

Estacionei no meio-fio para não bloqueá-lo e ele desceu da moto. Ele foi até a porta da frente e foi para lá que fui.

– Oi, princesa – ele cumprimentou quando me aproximei.

Não tinha me preocupado com maquiagem ou cabelo. Tomara um banho e vestira outra calça de ioga, camiseta e casaco de moletom. Eu esperava estar horrorosa, mas pelo jeito que ele olhou meus quadris balançando enquanto andava, achei que eu não estava mal. Ou pelo menos meus quadris não estavam.

– Oi – respondi.

Os olhos dele subiram dos quadris para os meus olhos.

– Tem um minuto?

– Depende – respondi. – Você está aqui para me dizer que Ginger te deve três milhões de dólares?

– Não.

– Está aqui para falar de Ginger?

– Não.

– Está aqui para me tirar do sério de alguma outra forma?

– Não.

– Isso incluiria me convidar para um encontro romântico – avisei.

– Querida, eu não tenho encontros românticos – ele respondeu.

Aquilo era uma surpresa, então virei a cabeça de lado.

– Não?

– Beber tequila e ter cinco horas de sexo conta como encontro romântico?

– Hum... não – respondi.

– Então eu não tenho encontros românticos.

Sorri para ele.

Depois, burramente, perguntei:

– Você consegue fazer sexo por cinco horas?

Ele sorriu para mim.

Uau.

– Tudo bem, você tem um minuto.

– Obrigado.

Abri a porta e o alarme disparou. Entrei em pânico porque esqueci a senha. Então respirei fundo e lembrei. Digitei os números e o barulho parou.

Ufa.

Eu me virei para ver que Tack me seguiu e fechou a porta.

– Você está virando uma boa dona de casa – observou ele, ao dar uma olhada em volta.

– Não, minha madrasta tem ficado aqui por conta do estrago que o fogo fez na sala de estar dela. Ela é que é uma boa dona de casa.

Os olhos dele se viraram para mim.

– Ela está aqui agora?

– Ela está na casa dela limpando o estrago.

– Aquilo foi uma merda, princesa – ele disse suavemente.

– Nem me fale – concordei e entrei pela casa, jogando minha bolsa no sofá. Ao me virar, vi que ele me seguira, e de perto.

Ergui a cabeça para encará-lo.

– Eu não tenho tequila – eu disse, e ele deu uma sonora gargalhada. A gargalhada era tão grave e estrondosa quanto a sua voz e tive que admitir, eu gostei.

Merda.

Hora de estabelecer regras.

– Você deveria saber de uma coisa. Ontem tomei uma nova decisão para a minha vida. Ficar longe dos homens.

Ele franziu o cenho.

– Jura?

– Sim.

– Hawk sabe disso?

– Não disse ao vivo, mas mandei uma mensagem.

O olhar dele se intensificou.

– Por quê? – perguntou.

– É uma longa história e não quero ser grosseira nem nada, mas tenho que trabalhar agora. Depois tenho que pegar todos os meus vestidinhos pretos e sapatos altos e doá-los para a caridade. Depois tenho que ajudar a limpar o estrago na casa do meu pai. Depois tenho que voltar para casa e fazer massa de cookies. Aí, sim, talvez eu possa ouvir o que você tem para me dizer.

Ele ignorou minha sugestão.

– Parece que você está com o dia cheio.

– Eu tenho uma vida cheia.

– Parece então que você está tentando abrir alguns espaços, sem Hawk, sem sapatos altos.

– Decidi começar a fazer caminhada.

Ele sorriu.

– E salvar os furões – acrescentei.

O sorriso dele se alargou ainda mais.

– Hã... você queria conversar? – perguntei.

– Sim... – ele começou, mas não continuou porque, na mesma hora, a sala explodiu.

Isso mesmo, *explodiu*.

Num segundo estávamos lá jogando conversa fora e no outro as janelas estouraram para dentro, vidros estilhaçaram e o reboco das paredes explodiu *por todo lado*. Depois, é lógico, ouvimos o barulho alto de várias armas automáticas em volta.

Fiquei imóvel como uma besta, mas, por sorte, Tack não. Ele me pegou pela cintura, abaixou-se e de

alguma forma conseguiu me carregar pela sala até a cozinha, onde me colocou de pé e fechou a porta.

– O que está acontecendo? – gritei, esquecendo de dar uma parada e, digamos, verificar algum sangramento por ferimento à bala em mim *ou* nele.

– Porra – ele disse, pegando o celular no bolso da calça jeans enquanto me empurrava pela cozinha até minhas costas toparem com a parede no fundo, na mesma hora em que veio um barulho da sala.

Coloquei minhas mãos nele enquanto ele me abraçava, fazendo do seu corpo um escudo para a minha proteção.

– Tack!

O barulho parou.

Ele estava com o celular colado ao ouvido e falava com alguém.

– Tiroteio, casa da Gwen. Parece que são três ou quatro armas. Não consigo chegar na minha moto nem no carro da Gwen. Preciso de resgate imediato e preciso saber por que caralho alvejaram a casa dela. – Ele parou. – Certo. – Depois desligou.

Eu o estava encarando, minha garganta parecendo sufocada, a adrenalina jorrando em meu organismo, cada centímetro da minha pele formigando, uma sensação que estava se tornando muito familiar.

– Tack – sussurrei.

Ele olhou para mim.

– Fique aqui, agente firme. Eu volto.

Ele volta?

O que quis dizer com isso?

E aí ele sumiu.

Ai, meu Deus. Merda. O que foi que eu fiz? Alguém detonou a minha sala!

Minha bolsa estava lá. Meu celular também. Merda.

Por que não coloquei um telefone na cozinha? Por quê? Por quê, por quê, *por quê?*

A primeira coisa que faria amanhã, se houvesse amanhã, se estivesse *segura* na porra da minha *casa* novamente, seria colocar um telefone em *cada cômodo*.

A porta da cozinha abriu e Tack apareceu, seu braço estendido para mim.

– Gwen.

Ainda estava encostada na parede e meus olhos apavorados procuraram os dele.

– O que foi?

– Vem cá – ele disse.

Ele estava maluco? O *cá* era a sala de estar! E dez segundos atrás a sala *explodiu!*

– O que foi? – eu disse novamente.

– Anda! Agora! – ele ordenou e fui.

Corri na sua direção, ele pegou a minha mão e me conduziu pelo pesadelo em que a sala havia se transformado. Saímos pela porta da frente e direto para a moto. Ele subiu e fui na garupa, colocando os

braços em volta de sua cintura e segurando firme. O motor roncou, ele deu a ré, pegou a rua e voamos dali.

Tack chegou pelos fundos da Ride, onde ficavam as garagens. Nunca tinha estado lá, mas vi que era um prédio térreo. Ele parou bem em frente à porta. Saltamos da moto, ele pegou-me pela mão e um motoqueiro segurava a porta aberta para nós enquanto Tack nos levava para dentro do prédio. Parecia um bar e estava cheio de motoqueiros à toa por ali, apesar de estarem alertas. Quando chegamos, todos os olhos se voltaram para Tack e depois para mim.

– Emergência, rapazes – Tack disse, mas foi tudo o que disse. Ele continuou me arrastando pelo bar até um corredor nos fundos, enquanto os homens se deslocavam para a porta de entrada.

Tack me puxou pelo corredor. Era cheio de portas, e ele me levou para a última delas. Abriu-a e me puxou para dentro. Era um quarto de dormir e precisava de uma limpeza *urgente*.

Um motoqueiro nos seguiu e Tack olhou para ele e depois para mim.

– Você terminou com o Hawk? – ele perguntou, o que achei insano.

– O quê?

– Eu preciso saber, princesa. Você terminou com o Hawk?

– Hã... sim – respondi.

Ele me olhou fixamente.

– Você tem certeza disso? – insistiu.

– Sim! O que você...?

Não concluí a pergunta. No mesmo instante em que ouviu minha resposta, ele virou-se para o motoqueiro.

– Se Hawk aparecer, ou qualquer um dos seus homens, você atira mas deixa vivo. Depois tire-a daqui. Entendeu?

Ai, meu Deus!

– Tack! – gritei, e ele olhou para mim.

Depois suas mãos pegaram meu rosto e o puxaram para perto do dele.

– Você pode ter terminado com Hawk, mas só Hawk termina com uma mulher, não o contrário. Você acabou de arrumar um problemão para você. Não sei por quê, mas *vou* saber. E como eu estava lá e quase fiquei cravejado de balas junto com você, agora esse problema é *nosso*. Entendeu?

Eu estava com muito medo de ter entendido e, se entendi realmente o que ele disse, eu havia saído de uma merda para outra muito pior.

– Tack. – Foi só o que consegui dizer.

– Você entendeu – ele disse e largou meu rosto. Depois saiu, bateu a porta e ouvi quando passou a chave.

Fiquei olhando a porta.

Ah, não.

NÃO DEBAIXO DOS MEUS OLHOS

Despertei violentamente e meus olhos abriram.

Eu estava deitada numa cama desarrumada no que achava ser o Complexo do Chaos MC.

Já era noite. Estava trancada fazia um tempo, mas felizmente a ração do meu motoqueiro incluía um delicioso pastrami no pão de centeio com queijo suíço derretido, batata frita e um encorpado milk-shake de chocolate, além de um refrigerante diet.

Eu estava preocupada com meu pai e Meredith que ficariam preocupados comigo. E estava tão aturdida quanto entediada. Quando me deitei mais cedo, não achei que pudesse vir a dormir naquela cama zoneada.

Mas parece que dormi.

Tentei descobrir o que havia me acordado, mas não consegui. Apurei os ouvidos e olhei o quarto escuro que estava bem iluminado pelas luzes que vinham da janela.

Olhei a porta e escutei mais atentamente.

Foi quando ouvi. Um baque surdo como o de um corpo caindo no chão. Um corpo *grande* batendo no chão. Talvez o corpo de um *motoqueiro* grande caindo no chão.

Caralho.

Pulei da cama e procurei às cegas por uma arma. Lá estava eu em outra situação em que precisaria de um pé de cabra.

Não tive tempo de achar arma alguma. Ouvi um tiro, e ouvi porque ele destruiu a tranca da porta.

Caralho!

Corri, pulei na cama e andei por ela até à janela (que eu havia percebido mais cedo ser gradeada, mas era minha única esperança). Um braço me pegou pela barriga enquanto eu pulava para o outro lado da cama. Fui virada e colocada nos ombros de alguém.

Foi quando decidi resistir e gritar. Chutei, me debati e gritei como nunca, e, no corredor, meu raptor curvou-se num movimento rápido. Meus pés bateram duro no chão e depois me senti sendo arremessada contra a parede.

– Pare com isso, Gwen, e se acalme, ou vou amarrá-la e amordaçá-la. Não estou brincando.

Ouvi aquela voz profunda tão conhecida e vi o rosto de Hawk na escuridão.

Então calei a boca e me acalmei. Depois me vi novamente sobre o ombro dele.

Quando chegamos ao bar, silhuetas de soldados o flanquearam. Vi também corpos de motoqueiros pelo chão. As luzes estavam apagadas, não havia energia elétrica, nem os anúncios de cerveja estavam

acesos.

Conseguimos alcançar a porta e Hawk e sua tropa correram para os SUVs.

Sim, mesmo comigo pendurada no ombro, Hawk correu para o SUV.

Ok, talvez ele não estivesse a um passo de ser um super-herói. Talvez *fosse* um super-herói.

Hawk abriu a porta do carona e fui arremessada para dentro. Ele deu a volta pela frente do carro, guardou sua arma e o vi gesticular enquanto os soldados se dispersavam. Ele entrou pela porta do motorista, ligou o motor, engatou a ré numa manobra louca que me fez colocar rápido o cinto de segurança. Ele saiu acelerado do prédio da Ride e entrou na Broadway.

Respirei fundo e comecei a falar.

– Hawk...

– Não fale – ele rosnou e preendi a respiração.

Ele não parecia puto. Ele *estava* puto.

Enfiou a mão num dos bolsos da calça cargo e tirou seu celular. Abriu, apertou algumas teclas e encostou-o no ouvido.

Alguns toques e depois...

– Bax?

Ah, merda. Papai.

– Ela está bem. Estou com ela.

Merda!

Hawk parou no sinal.

– Não sei, mas ela estava num lugar seguro. Talvez só assustada.

– Posso falar com ele? – perguntei, estendendo minha mão para pegar o aparelho.

Ele virou-se para mim e a luz da rua iluminou seu rosto.

Mordi os lábios e abaixei a mão.

Ok, então eu não podia falar com meu pai.

E estava numa encrenca.

Bom saber... ou *não*!

– Sim, deixe-me conversar com ela, saber se comeu, se está traumatizada. Ok? – Pausa. – Certo. Até mais tarde.

Desligou o telefone e o jogou no console com força suficiente para que o barulho expressasse sua raiva.

Respirei fundo. Dei a ele algum tempo para esfriar a cabeça. Depois tentei de novo.

– Hawk...

– Juro por Deus, Gwen... – ele replicou com outro rosnado e não concluiu a frase, mas foi o que bastou. Calei minha boca. Obviamente ele precisava de mais tempo.

Ele continuou dirigindo, e eu sabia exatamente para onde estávamos indo. Para o seu esconderijo.

Fiquei em silêncio durante todo o percurso. Também não abri a boca quando ele parou na frente do imenso portão eletrônico de sua imensa garagem. Também fiquei quieta e imóvel quando ele saiu do carro, entrou por uma porta lateral e depois o portão eletrônico começou a subir. E fiquei em silêncio quando ele subiu no carro novamente, entrou na garagem, estacionou, pegou seu telefone e saiu.

Eu saí também.

Ele pegou o controle remoto e fechou o portão. Esperei. Depois foi até a porta de dentro, abriu e entrou a passos largos. Respirei fundo novamente para me acalmar enquanto o ouvia digitar os números no painel de segurança e depois o segui.

Continuei andando e parei debaixo da plataforma. Ele acendeu as luzes. A da poltrona de canto. As duas luminárias da área de estar. Pressionou outro interruptor e as luzes que vinham do teto penduradas por fios iluminaram a cozinha. Eu não as tinha visto antes.

Encostei numa coluna de aço que sustentava a plataforma.

– Você pode me explicar por que está tão furioso? – perguntei calmamente.

Pensei que fosse uma boa pergunta, afinal não fui *eu* que me tranquei no Complexo do Chaos MC. Não fui *eu* que alvejei a minha própria casa. Eu só estava no lugar errado na hora errada e, infelizmente, esse lugar era a minha própria casa.

– Primeiro – ele respondeu, vindo lentamente na minha direção, e eu sabia que aqueles passos lentos não eram um bom sinal. – Você forçou uma guerra.

Eu pestanejei. Depois perguntei:

– Guerra?

– Guerra, eu e os meus homens contra o Chaos MC.

– O quê? – perguntei. – Mas por quê?

– Baby – ele disse e parou a poucos metros de mim. – Você estava trancada num quarto no Complexo de Tack. Isso é uma declaração. Meus rapazes e eu tivemos que nos infiltrar lá para resgatá-la. Isso não vai acabar bem.

– Hã... acho que você está interpretando mal as coisas, porque Tack estava comigo quando fuzilaram a minha sala, e acho que ele estava tentando me proteger.

Eu precisava dizer, embora não para Hawk, o que eu achava e por isso disse, na esperança de que assim evitaria um colapso nervoso. Eu achava outras coisas também, coisas parecidas com as que Hawk estava dizendo, mas não queria que tomassem minha cabeça, considerando que isso também me provocaria um colapso nervoso. Nunca tive um colapso nervoso, mas sabia que deviam ser evitados.

– Até Kane Allen, se decidisse dar uma de bom samaritano, deixaria uma vítima de invasão com tiroteio na delegacia. Não pegá-la como se fosse dele e sair para caçar os responsáveis, a não ser que...
– ele se inclinou para frente – *ele a estivesse declarando como dele.*

Epa.

– Tudo bem, sei que não foi o certo, mas ele fez. Não declarou isso.

– E eu posso saber o que o Tack estava fazendo na sua casa durante o ataque?

– Ele estava na minha porta quando cheguei lá hoje de manhã.

– E?

– Ele queria conversar.

– E?

– Ele prometeu que não ia falar nada que me irritasse, então concordei em conversar.

– Tudo bem, minha flor, vamos voltar ao motivo de você não estar em outro lugar esta manhã, como, por exemplo, *aqui*. – Ele deu um passo ameaçador para frente.

Ai.

– Hawk...

Parei de falar quando ele deu outro passo ameaçador e vi como suas pernas eram compridas, o que significava que estava perto. Perto demais. Assustadoramente perto.

– Ontem – ele disse numa voz baixa e aterradora, se aproximando mais. Eu me afastei da coluna de mansinho e recuei um passo. – Eu saí daqui – ele continuou vindo na minha direção e eu continuei recuando – e quando eu saí daqui – continuei recuando, ele continuou vindo –, você estava meiga e boazinha.

Bati na estante de livros e fui forçada a parar. Hawk não parou. Ele me prendeu, abaixando a cabeça para me olhar, mas não me tocou. Ele me prendeu só com a força de seu magnetismo.

– Então – ele continuou –, ontem à tarde, recebi a porra desse bilhete com a porra de um cheque. O bilhete não entendi. O cheque, baby, o cheque foi a porra de um tapa na cara.

Hum. Acho que isso não tinha me ocorrido.

– Então vou verificar o rastreador do seu carro e vejo que você está na casa de um policial – ele continuou.

– Você colocou um rastreador no meu carro? – sussurrei, e seu rosto assustador e furioso ficou ainda mais assustador e furioso. Então calei minha boca.

– Venho para casa – ele não mudou de assunto – e recebo uma mensagem de Gayle. Daí entendo o bilhete porque entendo que você ouviu a mensagem e depois deu ouvidos a qualquer besteira que a sua amiga tenha falado, e você não atendeu o telefone nem veio até minha casa para falar comigo. Você sumiu e, ao fazer isso, deu um pé na minha bunda.

Certo, então, já que entramos no assunto, tínhamos que conversar sobre o assunto.

– Eu sei sobre os “Seus Dias” – eu disse.

– Ah, é? Você sabe?

– Sim. Eu sei. E sei que sou um tapa-buraco para você.

– Não – ele replicou. – Você sabe o que um bando de tiras com merda no lugar do cérebro, e que não têm nada melhor para fazer com o seu tempo, contou a você sobre isso. E mais uma coisa, baby, essa porra é pura invenção. Uma mentira. Gayle apelidou-se de Quinta-feira porque ela tem outro homem que

não faz nada por ela e sempre sai e faz merda nas quintas-feiras, chegando em casa só depois que todos os bares fecham. Então, quando tenho vontade de vê-la, eu a visito. Não tenho uma tabela de horários. A única mulher que investiguei com alguma profundidade e a única que eu vigio é você.

– Mas você disse que quando faz uma mulher sua, você...

– Não, Gwen, esqueça o que você acha que entendeu do que eu disse. Estou te dizendo agora, papo reto, como é. E não vou te enrolar e dizer que não há outras. Há outras. E acho que você entende que não sou homem de perder tempo fazendo precisamente o que estou fazendo agora, me explicando.

Ah, merda. Agora eu estava ficando enfurecida.

– Sei – eu disse calmamente. – Nós estamos de volta ao começo.

– Não, se estivéssemos de volta ao começo, em algum momento desses últimos dias, eu teria me aproveitado da sua bunda gostosa.

Fiquei boquiaberta.

Não podia acreditar nele!

– Não dá para acreditar em você! – gritei.

– E não é verdade? – ele perguntou.

– Não, nos últimos dias as *merdas* da minha irmã desabaram na minha vida. Eu fiz alguma coisa errada? Não! Eu não vivo no seu mundo. Eu conhecia o Dog. Sabia que ele era bom para Ginger. Achei que ele tivesse se resolvido com ela. Não sabia o que aconteceria quando fui na Ride! Como eu poderia saber? Não abri a porta para o sujeito que invadiu a minha casa! Não levei até lá os sujeitos que incendiaram a casa dos meus pais nem joguei um coquetel Molotov pela janela! Eu fui para a minha casa hoje, só isso. Eu só fui para casa e fui pega no meio de um *tiroteio*! Mas depois que acabou, só fiz o que me mandaram. Nunca tinha levado um tiro antes. Tack parecia saber o que estava fazendo, então achei que seria melhor estar com alguém que soubesse o que estava fazendo. Não sabia que ele ia me trancar no Complexo dele e começar uma guerra! Eu só tenho tentado fazer o melhor que posso numa situação realmente péssima. Não! Em *várias situações realmente péssimas*!

– Gwen...

– E não preciso que você seja um babaca para vir aqui e piorar tudo.

– Gwen...

– Minha sala foi metralhada hoje. *Comigo dentro!*

Suas mãos seguraram o meu queixo.

– Baby, fique calma.

– Fique calmo *você*! Você pode atravessar paredes e matar motoqueiros em silêncio. Eu não tenho suas habilidades, Hawk. Eu estive em outra situação na qual precisei de um pé de cabra! É uma *merda*! E depois disso tudo, preciso de massa de cookies. Ou pelo menos de uma comida chinesa realmente boa, do Twin Dragon, ou, melhor ainda, do Imperial.

Seus polegares acariciaram o meu rosto, e ele disse calmamente: – Está certo, baby, vou pedir do

Imperial para você.

Balancei a cabeça, mas infelizmente não consegui que as mãos dele me largassem.

– Não, na outra noite, eu gostava de você. Agora não gosto – confessei. – Quer dizer, agradeço por me salvar da prisão dos motoqueiros, mas agora quero ir para a minha casa... – Foi então que lembrei que não tinha uma casa, que meus pais não tinham uma casa, logo eu estava fodida, então concluí de forma deprimente: – Ou... qualquer lugar.

– Você está onde você vai ficar até que toda essa merda tenha acabado, baby – Hawk declarou.

– Só quero lembrá-lo de que você vive no Mundo dos Fodões e *eu não*. Você não pode me dizer onde ficar.

– Claro que posso, Gwen – ele replicou.

– Não, você não pode – insisti, suas mãos já deslizando para o meu pescoço.

– Escute, Gwendolyn – ele resmungou, parecendo zangado novamente ao me chamar pelo nome inteiro. Senti falta dos breves momentos em que não se mostrou furioso. – Segundo o nosso serviço de inteligência, Ginger não estava próxima das redondezas quando atiraram na sua casa, o que só pode significar duas coisas. Aqueles tiros foram para tirar Tack do caminho. Ou você.

– Ninguém quer me matar – repliquei.

– Não, mas querem que Ginger sofra, ela é sua irmã. Eles podem não saber que vocês não se dão e, como estão ficando desesperados, como eu disse, os tiros podem ter sido para atingir você.

Putaquepariu!

Fechei os olhos.

– Por que as coisas só pioram?

Abri os olhos quando Hawk respondeu.

– Porque sua irmã é um traste. – Eu ia rebater dessa vez, mas não tive tempo de falar porque ele continuou: – Nós não sabemos, mas temos que presumir que você seja o alvo, o que significa que seus pais também podem ser alvos, o que significa proteção. Você está segura aqui, então vai ter que ficar. Vou fazer o que puder por eles. E vou fazer o que puder para fazer as pazes com Tack porque preciso dele como aliado nessa confusão. O que não preciso é de mais problemas, e isso inclui você discutindo comigo.

– Você vai fazer o que puder por meus pais? – perguntei e ele me encarou, seus dedos movimentando-se no meu pescoço.

– Minha flor, olhe para mim.

– Estou olhando para você. – E eu estava!

– Não, sério, olhe para mim.

Eu estava olhando para ele!

Ele continuou falando.

– Gayle nunca veio aqui, nunca virá, e se a casa dela fosse invadida e metralhada e ela me pedisse um

conselho, eu diria para falar com a polícia. Agora você entende aonde quero chegar?

– Mais ou menos – eu disse e seus dedos se mexeram de novo, então perguntei: – Você disse que me investigou e me vigiou, mas não a elas, por quê?

Ele revirou os olhos.

– Jesus...

– Agora você é que não está olhando para mim – eu disse, e seus olhos se voltaram para mim novamente.

– Eu sou bom de cama, baby, e sei que você aprecia muito. Sei que gosta do que posso fazer com você, mas isso não bastava para você e agora sei que nunca bastou. Para mim, você é você. O que significava que eu precisava me empenhar.

Meu coração deu um pulo.

– O quê? – sussurrei.

Ele continuou:

– Eu fiz o caminho normal, investiguei você e descobri que Ginger era sua irmã. Descobri que você mostrava demais o corpo quando saía. Descobri que conversava com estranhos como se fossem seus melhores amigos. Descobri que você não vive no mundo real, mas num mundo de sonhos onde não presta a menor atenção ao que está acontecendo em volta e por isso toma decisões de vida questionáveis. Descobri que você se entregava toda só para mim. Por isso, ficou claro que você precisava de quem cuidasse de você. Então cuidei.

– Posso cuidar de mim mesma, Hawk – menti, em parte. Era verdade em circunstâncias normais, não quando estavam tentando me matar.

– Mentira – ele respondeu.

Eu não ia brigar por causa disso, não agora, não com as balas voando, então decidi brigar por outra coisa.

– Você não reclamou de eu estar mostrando muito o corpo na outra noite – lembrei a ele.

– Sim, baby, mas foi porque o seu corpão estava nos meus braços na outra noite, e você estava inteiramente concentrada só em mim.

Hum. Boa resposta.

Continuei:

– Não vivo num mundo de sonhos.

– Gwen, você olhou uma vez só para mim e decidiu que eu era o cara. Eu disse quatro palavras e você me levou para a porra da sua casa e a porra da sua cama. Não reclamou nada quando continuei voltando.

Ele tinha razão.

Hora de recuar.

– Estou com fome e preciso ir ao banheiro – eu disse.

Os dedos dele passaram por meu pescoço novamente quando declarou:

– Meu Deus, você é um pé no saco.

– Tá, então me deixe usar o seu banheiro e depois seu telefone para chamar um táxi. Vou para um hotel.

Ele olhou para mim e me puxou para mais perto.

– Você diz que eu não escuto, mas é você que não está me escutando. Nós vamos surfar nessa onda juntos, no que tivemos de bom na outra noite e até no que temos agora, que está difícil. Não pense nem por um segundo que você pode me dar o gostinho que me deu ontem de manhã e depois pirar e achar que pode romper comigo. E enquanto estivermos trepando, você não será baleada, sequestrada, torturada ou mutilada por causa da merda da sua irmã. Não debaixo dos meus olhos.

Confesso que esta última parte me deu grande alívio e também um frio na barriga. Mas não admiti em voz alta, apenas encarei-o.

Ele sustentou o meu olhar e depois suspirou, suas mãos relaxaram no meu pescoço e fui capaz de me afastar cinco centímetros, mas foi tudo que consegui.

– Vou ligar para um dos meus homens para trazer comida do Imperial. Depois você vai ligar para seu pai, eu vou ligar para Lawson para que ele venha aqui e converse com você sobre o que aconteceu na sua casa hoje. O que você quer do Imperial?

Eu estava com fome, então não ia mais bater boca. De qualquer forma, o Imperial era o melhor restaurante chinês de Denver. Seria um atentado à natureza brigar quando me ofereciam o Imperial.

– Frango com gergelim e sopa azeda picante – eu disse, e depois acrescentei: – E wonton de siri com queijo.

Ele me encarou e perguntou:

– Mais alguma coisa?

– Não.

– Tem certeza?

– Geralmente fico muito cheia para provar as sobremesas deles, então não sei se são boas. Se você não tem massa de cookie na sua geladeira, não recusaria se um dos seus homens passasse na King Soopers para comprar. De chocolate e de açúcar.

– Eu não tenho massa de cookie na minha geladeira.

Eu já sabia. Ontem de manhã dei uma olhada na geladeira dele e tinha iogurte, queijo cottage, frutas frescas, fatias de salmão defumado e verduras. Uma desolação. Ele não tinha nem condimentos.

Ele estudou minha expressão enquanto eu pensava e disse:

– Baby, não é nenhum crime passível de punição não ter massa de cookie em casa.

– Talvez não, mas você não tem nenhum condimento.

– Ketchup não combina com queijo cottage.

Fiz carinha de nojo e depois meus lábios deram um sorriso divertido. As mãos dele no meu pescoço suavizaram e seu polegar acariciou a pele atrás da minha orelha.

– Você está bem? – ele perguntou suavemente.

– Com o quê? Você e eu? Minha sala detonada? Ou a guerra com Tack que, por falar nisso, não é *minha culpa*?

– Tudo isso – ele respondeu.

– Não – falei sinceramente.

Ele torceu os lábios e aconselhou.

– Você precisa parar de ser tão sarcástica.

– Por quê?

Ele continuou como se eu não tivesse falado nada.

– E ao mesmo tempo ser tão linda.

– Com isso eu concordo. Ser linda só me dá problema.

Ele sorriu.

– Você deu uma de meiguinha e linda para cima do Lawson, e de sarcástica e linda para cima do Tack.

– Os dedos dele ergueram minha cabeça e ele se abaixou para falar: – Eu sou sortudo, sou o único que tem tudo.

– Hawk – eu disse quando os lábios dele encostaram nos meus.

– O quê? – perguntou.

– Preciso comer.

– Eu sei – ele murmurou, esfregando sua boca na minha, mas quando se afastou não foi muito longe e seus olhos continuaram presos nos meus.

– Não tente fugir de mim de novo, Gwen – ele advertiu e fiquei tensa com o seu tom. – Seu amigo, sendo policial ou não, eu vou atrás e te pego. Você quase morreu hoje. Foram duas vezes em menos de uma semana. Essa merda tem de parar, e não será Tack que vai fazer isso por você. Entendeu?

– Vou parar com meus sarcasmos se você deixar de ser tão mandão.

– Acho que você não está me levando a sério.

– Estou falando muito sério.

– É impossível você parar de ser sarcástica.

– Você também não para de ser mandão.

Ele ficou me olhando fixamente.

Empate.

Ele desistiu, recuou meio passo, procurou nos bolsos pelo celular e o entregou para mim.

– Ligue para o seu pai – ele mandou.

Peguei o telefone.

– Mandão.

Hawk suspirou.

Abri o telefone e liguei para o meu pai.

PROTEGER GWENDOLYN KIDD

Acordei e sabia que estava na cama de Hawk.

Estiquei o braço e encontrei a cama vazia, então abri os olhos e apurei os ouvidos. Não consegui ouvir nada.

Rolei o corpo, olhei para o amplo espaço do armazém e vi o sol brilhando em todos os pontos. Coloquei as mãos sobre o rosto e, enquanto deixava o sono ir embora, fiquei pensando na noite anterior.

Papai estava assustado e Meredith ainda mais. Ser atacado com bombas incendiárias já era ruim, mas armas automáticas levavam o ruim a um novo patamar. Especialmente quando os relatórios diziam que meu carro estava na frente da casa e minha bolsa no sofá “da cena”. Meu desaparecimento não foi tratado muito bem e, mesmo não sendo culpa minha, me senti mal com isso.

O mais assustador de tudo foi quando Cam recebeu o telefonema de notificação do ocorrido e não conseguiu entrar em contato comigo, daí ligou para o meu pai e ele imediatamente contatou Hawk. Em algum momento os dois devem ter trocado números de telefone, e papai agora era “Bax” para Hawk e Hawk virou o protetor e sabedor, aquele cara que papai procuraria para descobrir todas as coisas de Gwen.

Eu não tinha certeza se isso era bom.

Depois de falar com papai e Meredith, entreguei o telefone a Hawk e ele fez uma ligação e deu suas ordens. Estas foram cumpridas ao pé da letra e incluíam mais do que um pedido para o restaurante chinês. Percebi isso quando os homens de Hawk chegaram e havia três deles. Eles trouxeram a comida do Imperial, mas também trouxeram sacos da King Soopers contendo coca diet, refrigerante diet de uva, leite dois por cento (Hawk só tinha desnatado e, sério mesmo, qual o motivo de leite desnatado? – comentei isso com ele antes de ele ligar para os seus homens), ovos, bacon, frios, pão, uma variedade de batatas chips, dois rolos de massa de cookie de chocolate, dois rolos de massa de cookie de açúcar e uma fartura de condimentos.

Hum.

Eles também trouxeram a minha mesa e, quando digo isso, quero dizer que trouxeram a *minha mesa toda*: a cadeira, a mesa, tudo que havia em cima e dentro dela, meu computador e até minha caixa de lenços de papel. Embalaram tudo e entregaram, colocaram a mesa no canto oposto à mesa de Hawk, deixando as caixas ao lado dela, mas ligando o computador.

Também trouxeram a minha bolsa e, espantosamente, minhas duas malas grandes. Sim, *duas* delas. Quando as inspecionei, vi que tinham sido cuidadosamente arrumadas e estavam cheias. Roupas,

calcinhas, camisolas, sapatos, cremes faciais, meu perfume floral, gel de banho e uma boa seleção de maquiagem. Aquela habilidade masculina de arrumar as malas teria me surpreendido se Hawk não me dissesse que Elvira tinha sido acionada para fazer as malas. Eu não tinha certeza de como me sentia por uma mulher estranha ficar mexendo nos meus objetos pessoais, mas também não podia negar que os resultados foram excelentes.

Lawson apareceu e fiz minha refeição enquanto dava meu depoimento. Lawson não parecia feliz e isso se devia ao fato de eu ter sofrido um ataque, ao fato de Tack ter praticamente me sequestrado e me mantido cativa, ao fato de ele estar tomando meu depoimento enquanto eu ficava sentada de pernas cruzadas em uma das poltronas de Hawk, tomando sopa azeda picante. Como eu sabia disso, não sei, só sabia.

Quando Lawson terminou, ele veio até mim e se inclinou, se aproximando demais e ainda na frente de um Hawk com o rosto petrificado.

– Cabeça erguida, querida, olhos abertos e proteja-se – ele sussurrou.

– Ok – eu disse, porque percebi que era um bom conselho e porque ele me chamou de “querida”.

Ele colocou meu cabelo atrás da orelha e me deu um sorriso. Em seguida ergueu-se e deu a Hawk um olhar infeliz. Depois, saiu.

Passei o resto da noite pegando meu celular e coisas nas malas, enquanto Hawk falava no telefone. Eu não peguei as roupas, mas peguei meus produtos de higiene pessoal e enchi o chuveiro, prateleiras e armário de remédios de Hawk com coisas de mulher.

Eu nem perguntei se podia fazer isso. Se ele me queria lá, eu ia estar lá.

Embora não tenha se queixado, comentado ou me olhado de cara feia, ele sabia que eu tinha feito isso, porque eu tinha um monte de coisas de mulher que estavam em toda parte e ele usaria o banheiro.

Eu não sabia o que fazer, então decidi ignorar e deixar para ficar nervosa quando fosse o caso, quando ficasse apavorada com as coisas que me sufocavam e que eu deveria resolver.

No celular havia 27 chamadas não atendidas e 14 mensagens de texto. De meu pai, Meredith, Cam, Tracy, Leo e até mesmo Troy. Todos histéricos. As notícias sobre o ataque tinham corrido. Retornei as chamadas de Cam e Tracy, mas não as de Troy. Eu não tinha comido massa de cookie e, embora a comida do Imperial fosse boa, ela não me preparou para lidar com Troy.

Peguei no sono enquanto Hawk ainda estava ao telefone. Ele estava ocupado demais, ou me dando espaço, e já que espaço era o que não lhe faltava, isso era fácil de fazer.

Acordei momentaneamente quando ele se juntou a mim na cama e me abraçou. No instante em que seu braço apertou minha cintura e ele se acomodou, voltei a dormir.

Eu não sabia o que fazer agora. Havia muitas coisas a considerar, e só de pensar eu ficava cansada, e havia acabado de acordar.

Suspirei e meu celular tocou.

Salva pelo celular.

Ele estava na mesa de cabeceira. Estendi a mão, agarrei-o e olhei a tela para ver quem era. Ligação de Tracy.

– Oi, Tracy.

– Oi, como você está, querida?

Ela estava preocupada, e minha conversa com ela na noite anterior não a acalmara. A maior parte das pessoas vive uma vida inteira sem ter a experiência de um amigo vítima de um ataque ficar desaparecido por horas, porque foi preso no complexo de um clube de motociclistas.

– Estou bem, acabei de acordar – eu disse a ela, me erguendo para encostar na cabeceira da cama. Vi um movimento, então olhei para baixo da cama e avistei Hawk no alto da escada. Peito nu, pés descalços, calças track novamente. Olhos em mim.

Hum.

– Você está dormindo bem? – ela perguntou.

– Sim – respondi quando Hawk se aproximou da cama.

– Você tem certeza?

– Sim, querida, tenho certeza. É sério, como eu disse na noite passada, estou bem – respondi quando Hawk chegou na cama e puxou o edredom para baixo.

Meu corpo travou de surpresa.

Ai.

– As coisas estão bem com Hawk?

– Hã... – eu disse enquanto via Hawk me agarrar pelos tornozelos, puxar-me para baixo e abrir minhas pernas.

Uau!

– Gwennie? – Tracy chamou.

Antes que eu pudesse mover um músculo, Hawk colocou um joelho sobre a cama e deitou seu corpão entre as minhas pernas.

Oh!

– Trace, eu acho... – calei a boca quando as mãos de Hawk foram para meus quadris, levantaram minha camisola e ele inclinou a cabeça para beijar minha pele logo acima da calcinha.

Senti um frio na barriga. Dos bons.

– Você acha o quê? – perguntou Tracy, e continuou falando sem esperar que eu respondesse. – Tudo bem, eu vou dizer uma coisa e sei que você não vai querer ouvir, mas estou contente de você estar aí. Eu sei que você está confusa com tudo, mas acho que significa muito que ele...

Ela continuou falando, mas eu não estava ouvindo, porque as mãos de Hawk continuaram levantando a minha camisola e seu corpo se movendo, me cobrindo de beijos na barriga e no umbigo.

– Sabe como é? – perguntou Tracy.

– Hum... Trace, eu preciso desligar. – E precisava mesmo porque a camisola estava sob meus seios,

as mãos de Hawk enfiadas por dentro e os meus mamilos já estavam duros.

– Está tudo bem?

Ah, sim, estava tudo bem. Tudo ótimo.

– Eu te ligo mais tarde – eu disse a ela, mas estava ofegante, porque Hawk já estava beijando os meus peitos.

– Você está esquisita – Tracy observou.

– Estou bem, querida, te ligo mais tarde.

– Ok, vou deixar você ir. Tchau, querida.

– Tchau. – Engoli em seco, porque as mãos de Hawk acariciavam meus peitos e, com os polegares, ele esfregava os meus mamilos duros.

Fechei o telefone.

– Hawk – suspirei e, em seguida, ele foi rápido.

A camisola subiu até os meus braços e num instante eu estava livre dela. Ele jogou-a para o lado, sua mão deslizou pelo meu braço, pegou o telefone, jogou-o na mesa de cabeceira, então veio para o meu rosto, seus dedos na minha face, o polegar curvando-se em torno do queixo, me posicionando para o beijo.

Oh.

Eu estava preparada para o beijo, toda preparada, por isso permiti e retribuí. Ele sugava minha boca porque sabia beijar tão bem que meu controle era zero, mas naquele momento eu não estava reclamando. Nem um pouco.

Suas mãos desceram para os meus quadris, minha bunda, a parte de trás das coxas, deslizando até atrás de meus joelhos e, em seguida, puxando-os para cima.

Levei o braço até suas costas e a outra mão pousei em sua nuca.

Sua boca interrompeu o beijo e seus lábios deslizaram até o meu ouvido. Ergui a cabeça e beijei a pele macia de seu ombro.

– Aposto que, só com isso, você está pronta para mim – ele cochichou em meu ouvido.

Muita arrogância da parte dele dizer isso, mas ele ganharia a aposta.

– Vamos ver o quão rápido posso levá-la a gozar – ele sugeriu e meu corpo estremeceu, porque fiquei intrigada com a sugestão. Logo depois sua mão desceu pelo meu ventre e mais para dentro.

Gostoso.

Minhas costas arquearam e um gemido saiu da minha garganta com a palavra:

– Baby.

Seus dedos deslizaram pela umidade entre minhas pernas.

– Pronta para mim – ele gemeu.

E aí ele começou a aplicar os dedos com mais força e perícia, de um jeito tão gostoso que acabou provando que poderia me fazer gozar muito rápido e também muito, muito fácil.

Eu estava no meio de um orgasmo muito suave quando a sua mão desapareceu, seu corpo desapareceu, minha calcinha arriada nas pernas desapareceu também e sua boca estava lá.

Ah.

– Baby – arfei, meus dedos deslizando sobre seu cabelo cortado.

Ele era bom naquilo, porque gostava de fazê-lo. Não era uma missão difícil para Hawk. Não era algo feito com pressa ou para ganhar pontos extras. Era algo que ele adorava quase tanto quanto eu.

Então, ele acrescentou os dedos no mecanismo de sua boca e língua.

Oh!

Meus quadris subiram.

– Hawk – gemi.

Deus, como isso era bom. Era tão gostoso que tive um segundo orgasmo, mas ele não parou aí. Sua boca, a língua e os dedos continuaram seu trabalho até que no finalzinho do segundo orgasmo sobreveio um terceiro. O que eu tive não foi um orgasmo longo, de jeito nenhum. Foi um orgasmo longo, magnífico e inspirador seguido de outro orgasmo longo, magnífico e inspirador.

Que super-herói.

No meio do orgasmo, os dedos e a boca de Hawk desapareceram, seu corpo desapareceu e logo em seguida estava de volta, meus joelhos novamente erguidos e ele estava dentro de mim.

Oh, sim!

Deus, eu adorava isso. Ele era forte, e isso significava que poderia ir fundo, ir mais rápido e com força, tudo de que eu gostava muito.

O rosto dele estava no meu pescoço e prendi-o com força entre as pernas.

– Amor – sussurrei.

Ele colocou a mão entre nós, seu dedo tocou no meu ponto G e meu corpo deu um salto.

– Hawk, baby – gemi, quando a sensação do seu dedo e do seu pau dentro de mim atravessou o meu corpo inteiro.

– Você vai fugir de mim de novo? – ele perguntou no meu ouvido, me penetrando mais e pressionando meu clitóris com o dedo.

– Não – arfei.

– Prometa, Gwen – ele exigiu.

– Eu prometo – arfei.

Ele ergueu a cabeça e me olhou, e, quando o fez, eu olhei firme para ele. Nunca tinha visto o rosto dele daquele jeito à luz. Nunca o tinha visto assim.

Deus... *Deus*, ele era bonito, mas ficava mais bonito ainda me preenchendo, estocando dentro de mim, me tocando, o peso do seu corpo me levando para baixo, seu rosto moreno com fome, os olhos quentes e intensos.

Deus.

Eu estava indo de novo, só de olhar para ele (sem mencionar todas as outras coisas).

– Você vai viver isso comigo? – ele murmurou.

Oh, sim. Sim, eu iria viver isto com ele.

– Sim – sussurrei.

– Você vai me dar gostoso? – ele continuou murmurando, estocando e pressionando, implacável, maravilhoso.

– Sim – eu gemia porque podia senti-lo, estava prestes a dar gostoso para ele. Outra vez.

Sua boca tocou a minha.

– Eu posso sentir – ele sussurrou. – Porra, Gwen, você é linda. Sempre tão gostosa. Goze, goze, minha flor.

– Sim, baby – sussurrei nos seus lábios, meus quadris se ergueram, minhas pernas o apertaram, as costas arquearam e eu gozei outra vez, foi magnífico e inspirador, mais uma vez, e ele me beijou, engolindo os meus gemidos.

Eu me agarrei a ele quando gozei e me deixei cair em seguida, mas ele continuou metendo, seus lábios deslizando por minha orelha. Eu o ouvia gemer enquanto acelerava as estocadas, mais forte e mais rápido. Eu adorava me prender a tudo o que fosse de Hawk, ao seu imenso poder envolvido por minhas pernas.

Suas mãos agarraram meus quadris, ele me puxou e estocou fundo, grunhindo e gemendo enquanto por fim gozava dentro de mim. E parou.

Inacreditavelmente magnífico.

Eu me agarrei a ele como sempre fazia, porque não queria que se fosse. Mas depois acabava soltando porque sabia que ele iria.

Agora não estávamos no meio da noite. Agora ele não era um amante sombrio cujo nome não sabia. Agora nenhum de nós tinha para onde ir.

Então agora o que foi que eu fiz?

Minhas pernas o soltaram e ele saiu. Fechei os olhos quando ele deslizou para o meu lado.

Isto era familiar. Sair depois recuar. Tirar e se afastar. Isolar-se.

Abri os olhos e o calor do seu corpo permaneceu do meu lado.

Seu peito estava parcialmente erguido, a cabeça, inclinada, seus olhos estavam vendo sua mão deslizar do meu quadril para minha cintura, em cima do meu ventre, entre os meus seios e, em seguida, até o pescoço, onde se afastou. Então senti seu dedo deslizar no meu cabelo, tirando os fios do meu pescoço. Sua mão foi para o queixo, enlaçou suavemente meu pescoço, em seguida a mão foi embora, mas ele se inclinou e senti sua língua tocar a pele atrás da minha orelha enquanto a mão deslizava pelo meu corpo. Finalmente, seu braço descansou na minha barriga e curvou-se ao redor do meu quadril.

Ele nunca tinha feito isso antes. Isto foi diferente. Foi melhor. Muito melhor.

Ai.

– Só dois desta vez – ele murmurou em meu ouvido. – Estou perdendo meu toque.

– O quê? – sussurrei e ele aproximou o rosto do meu.

– Minha boca e dedos, querida, você só gozou duas vezes.

– Hum... bem, gozei uma vez antes e outra depois, então tenho certeza de que não falta nada.

Ele sorriu, se inclinou e beijou o meu pescoço, perto da garganta.

Sua cabeça se moveu para longe, mas ele grudou os olhos em mim.

Um olhar ardoroso e intenso.

Ai, merda.

– Como você aquece este lugar? – perguntei, dirigindo a conversa pós-sexo para assuntos mais prosaicos, em nome da minha sanidade. Não queria uma resenha do que aconteceu. Minha cabeça estava confusa o suficiente, não sabia aonde isso ia me levar, não sabia o que pensar e morria de medo do que sentia. Falar de como o sexo com Hawk era fantástico só intensificaria tudo isso.

– O quê? – ele perguntou.

– Você vive em um armazém com piso de cimento, Hawk, é um pequeno milagre que você possa aquecer este lugar.

Sua resposta foi se esticar, inclinando-se sobre o meu corpo, para agarrar as cobertas e puxá-las sobre nós.

Ele pensou que eu estivesse dizendo que estava com frio. Então imediatamente buscou uma solução.

Ok, talvez eu quisesse falar sobre o quão maravilhoso era o sexo com Hawk porque vê-lo sendo gentil e atencioso confundia a minha cabeça muito mais do que a sua capacidade de dar-me quatro orgasmos fantásticos pra caralho no espaço de 30 minutos.

Seu braço foi para baixo no meu quadril e ele me virou de frente para ele, suas pernas enroscando nas minhas e seu braço me puxando para perto.

Descansei minhas mãos em seu peito, porque gostava de tocá-lo e porque gostava de fazer isso. Isso não era recuar. Não era pá-pum, muito obrigado, senhora. Era bom.

– Não é tão ruim quanto parece – ele respondeu por fim.

– Suas contas de luz devem custar tanto quanto a minha hipoteca.

Ele sorriu.

– Não.

– Você deve saber – murmurei, olhando para o seu pescoço.

– Sim, eu sei, minha flor, e você precisa refinar sua hipoteca. Os juros que está pagando são ridículos. Vou marcar uma reunião com meu consultor financeiro.

Ergui os olhos, pois comecei a sentir o frio na barriga voltando.

– Você vai marcar uma reunião com o seu consultor financeiro? – perguntei.

– Sim.

Epa. Ele estava sendo gentil e atencioso novamente.

– Isso é parte das suas funções de Proteger Gwendolyn Kidd, para se certificar de que não serei extorquida por credores hipotecários? – perguntei.

Ele continuou sorrindo e seu abraço ficou mais apertado.

– Há muitas facetas na minha função de Proteger Gwendolyn Kidd.

– Pensando em expandir?

– Não, na verdade.

Sustentei seu olhar. Então murmurei:

– Hum-hum.

Seu sorriso se abriu ainda mais, porque suas covinhas ficaram mais profundas.

– Hum-hum? – ele retrucou.

– Que homem misterioso! – respondi.

Sua mão parou nas minhas costas e sua cabeça mergulhou mais perto da minha.

– Gosto de surpreender você, minha flor. Sempre que faço algo que gosta, seu rosto se suaviza. – Ele me beijou suavemente e voltou a falar. – É bom de ver – concluiu em um sussurro.

Uau.

– Meu rosto faz isso?

– É, faz.

– Hum.

– Fez agora e antes, duas vezes.

– Antes? Duas vezes?

Seus lábios roçaram os meus, depois deslizaram pelo meu rosto até o ouvido onde ele sussurrou:

– Sim, baby, nas duas vezes minha boca não estava no meio das suas pernas, bem antes de você gozar.

Definitivamente, eu estava com um friozinho na barriga.

– Hawk...

– Luz acesa se está escuro quando vou te comer, perdi esse olhar por um ano e meio também, não perderei de novo.

Agora a minha garganta estava apertada e eu podia sentir meu coração pulsando.

Deslizei meu braço por suas costas, puxei-o para mais perto enquanto virava o pescoço um pouco para meus lábios ficarem na pele dele.

– Você não me deixa fazer nada com você – sussurrei.

– Você pode fazer o que quiser comigo em cerca de dois minutos – ele sussurrou, sua mão descendo até minha bunda e apertando.

– Tudo o que eu quiser?

– O que você quiser, baby.

– Ora, ora – eu disse, e ele riu no meu ouvido.

Bom.

Puxei-o ainda para mais perto.

Em seguida, ele ergueu a cabeça de repente, olhei para ele e vi que estava inclinado. Ele estava tentando ouvir alguma coisa.

Então ele parou.

– Porra.

– Porra o quê?

Ele não respondeu. Saiu da cama me levando com ele.

Quando estava de pé ao lado da cama, eu repetia:

– Porra o quê, Hawk?

Ele olhou para mim, pegou-me pela mão e começou a me puxar na direção de minhas malas.

– Ponha uma roupa, querida. Temos companhia.

– Temos companhia? – perguntei, parando perto das minhas malas.

– Sim – ele respondeu.

Oh, merda.

– Boa companhia ou má companhia? – perguntei, suas mãos foram para meus quadris e ele puxou meu corpo nu contra o dele.

– Neste momento, minha flor, qualquer companhia é má companhia – ele murmurou.

Eu tinha de admitir que, com aquele corpo quente, sólido e nu pressionado contra o meu, ele estava certo.

Em seguida, ouvimos uma batida na porta e eu pulei. Então afastei-me de suas mãos e inclinei-me para as minhas malas. Hawk procurava em seu guarda-roupa.

Peguei algumas coisas e voei para o banheiro.

Usei as instalações, escovei os dentes, passei fio dental, lavei o rosto, coloquei a calcinha e puxei o cabelo em um rabo de cavalo alto, quando a porta do banheiro abriu, mesmo sem uma batida.

Pulei e vi Hawk ali vestido com uma calça cargo marrom e uma camisa térmica justa de um monótono verde-oliva.

A ideia surgiu na minha cabeça e, estupidamente, saiu da minha boca.

– Quantas calças cargo você possui?

Seus olhos foram da minha calcinha para mim.

Em seguida, anunciou na lata, sem me preparar de forma nenhuma.

– Minha família está aqui. Visita surpresa. Eles já ouviram falar de você. Jury fala demais.

Minha respiração acelerou.

– O quê? – falei baixinho.

– Mamãe está preparando o café da manhã.

A mãe dele? A *mãe* dele estava preparando o *café da manhã*?

Arregalei os olhos e repeti:

– O quê?

– Vai levar algum tempo para ela terminar, então assim que você estiver pronta, pode descer.

Mais uma vez eu perguntei:

– O quê?

Mas fiz isso para uma porta fechada. Ele já havia saído.

Virei-me para enfrentar o espelho onde os meus olhos estavam tão arregalados como eu imaginava e meu rosto estava pálido.

Então, sussurrei:

– Merda.

O CUTELO

Fiquei encarando o espelho.

Quando peguei minhas roupas com pressa, eu estava tensa, mas mesmo que não estivesse, eu não estava preparada.

Em circunstâncias normais, qualquer reunião com os pais exigiria uma viagem estrategicamente planejada ao shopping, além de manicure, pedicure, tratamento facial, cabelo arrumado e pelo menos uma semana de preparação psicológica.

Pelo menos.

Não tive nada disso.

Eu só pegara minha calça de ioga marrom, uma camiseta creme justinha e meu casaco leve de zíper e capuz de um tom pastel superlindo, puxando para o néon laranja-pêssego.

Agora eu me olhava e parecia ridículo.

Pensando que como era uma manhã de domingo e pessoas normais não se emperiquitam nem fazem maquiagem completa para um café da manhã surpresa em família, não coloquei maquiagem. Mas borrifei um pouco de perfume.

Prendi a respiração. Eu não poderia ficar ali em cima o resto da vida. Não havia escapatória.

Socorro! Dane-se, o que tiver de ser, será.

Saí do banheiro e me dirigi para a escada, ouvindo crianças gritando em meio a um baixo murmúrio de vozes adultas.

Olhei em frente quando descii a escada e vi uma senhora linda no fogão, o aroma do bacon na frigideira enchia o ar. A mulher estava virada para mim. Dois homens parecidos com Hawk, altos, lindos e magros estavam sentados nas banquetas de forma idêntica, as pernas compridas abertas como os homens costumam se sentar. Eles se viraram para mim. Havia outro homem alto, magro e bonito, mais velho, parecido com Hawk. Ele estava de pé na extremidade oposta do balcão, os olhos em mim. Hawk, de costas para mim, encostado no balcão do bar, virou o pescoço para me olhar.

E, por último, duas crianças de cabelos pretos, com idades indefinidas, talvez entre dois e seis anos, corriam pelo amplo espaço sem dar conta da minha existência.

– Olá – eu disse, a cinco degraus do chão (sim, eu estava contando, havia cinco degraus para descer sem eu dar de cara no chão).

– Olá – respondeu um dos homens na banquetta, sorrindo, sem covinhas. Mas seu irmão na outra banquetta também estava sorrindo e tinha covinhas. Assim como o homem mais velho.

Atravessei o espaço que normalmente era um longo caminho, mas agora uma jornada épica, com os olhos da família de Hawk me seguindo.

Eu não sabia para onde ir, por isso os meus pés assumiram o controle e me levaram a Hawk.

Parei ao seu lado e ninguém desviou o olhar. Nenhum deles.

Caramba.

O braço de Hawk deslizou por meus ombros, me abraçou enquanto me virava para ficar de frente para ele, perto, muito perto, e olhei para cima me preparando para ganhar distância, mas só vi os seus olhos quentes em mim.

– Você está bem? – ele perguntou em voz baixa.

Não. Ninguém em sã consciência diria que eu estava bem. Alguém poderia dizer que eu estava à beira de um ataque de nervos.

Eu assenti, mentindo.

– Você quer um café?

– Café seria bom – sussurrei e comecei a me afastar, mas o braço de Hawk me apertou, ele ergueu a cabeça e se virou para sua mãe.

– Mãe, você poderia servir à Gwen um café?

Meu corpo tentou avançar e minha cabeça virou-se na direção dela.

– Eu posso pegar.

Então fiquei quieta.

Havia alguma coisa de errado. Não apenas errado, *muito* errado. E era o olhar no rosto da mãe de Hawk que estava errado. Havia tristeza nele e eu não a conhecia, estava em sua presença a menos de um minuto, mas essa tristeza tocou minha alma.

– Maria, querida, a menina do Cabe precisa de um café. – O homem mais velho falou calmamente, o corpo da mãe de Hawk se mexeu e, em seguida, ela varreu a tristeza para longe.

Hum. Que porra é essa?

– Sim, claro, Gwen? – disse ela, correndo para mim. – Eu sou Maria. A mãe de Cabe.

Ela estendeu a mão e a peguei, e, embora Hawk não tenha me soltado, eu consegui cumprimentá-la. Seus dedos se curvaram ao redor da minha mão e ela olhou para mim de sua altura delicada enquanto eu sorria para ela pensando, *Não é de admirar que Hawk fosse lindo*. Ela não era mais novinha, mas ainda era um nocaute completo.

Sua mão apertou, a minha apertou de volta, ela deu um pequeno sorriso, deixou-me ir e se afastou.

Hum. Não tenho certeza de como isso foi.

– Eu sou Vón. – Um dos homens sentados levantou-se e minha cabeça virou-se para ele. Ele era o da covinha.

– Oi – respondi. – Eu sou Gwen.

Ele já estava sorrindo, e o sorriso ficou maior quando murmurou: – Eu sei.

Faço ideia.

– A esposa de Von, Lucia, é enfermeira, querida, tem um plantão esta manhã no Swedish. Os diabinhos que acabarão destruindo a minha casa são dele – Hawk explicou e assenti para ele.

– Jury. – O outro homem no banquinho falou, e meus olhos foram para ele.

– Prazer – respondi.

– Seu laptop está bom? – ele perguntou, e suspeitei que Jury fosse o bombeiro. De tão bonito o homem, também suspeitei que sua foto estivesse na capa do calendário dos bombeiros de Denver do mês de julho. Se os bombeiros se unissem com os policiais e eles fizessem uma sessão de fotos que incluísse Lawson e Jury, o papel entraria em combustão espontânea.

– Sim, obrigada por isso – eu disse a ele.

– Sem problema – ele murmurou, olhando para mim. Na verdade, todos estavam olhando para mim, exceto Maria, que estava servindo café.

– Agustín. – O pai do Hawk apareceu, movendo-se na minha direção, um sorriso enorme no rosto, sua aparência tão semelhante à de Hawk que era estranho e um bom presságio para o futuro de Hawk. A mãe do Hawk era um nocaute, seu pai, como o meu pai, estava velho, mas não perdera um mínimo de charme e beleza. Ele ergueu a mão e a segurei quando ele concluiu. – Gus.

– Gus. – Apertei sua mão. – Gwen.

Ele soltou a minha mão, mas continuou sorrindo para mim largamente, em seguida seus olhos voaram para Hawk.

– Escolheu bem, Cabe. Belos olhos. Cabelo lindo. Uma bunda admirável – ele comentou, e paralisei em estado de choque.

– Gus – Maria gritou, virando-se enquanto os homens da família Delgado riam.

Gus se voltou para a esposa.

– É verdade.

– *Madre de Dios* – ela retrucou. – Pode ser verdade, mas não diga isso na frente dela!

Gus se balançou sobre os calcanhares e cruzou os braços sobre o peito.

– Por que não?

Os olhos da mãe de Hawk viraram-se para mim e depois de volta para o marido, e ela balançou um braço para mim.

– Porque olhe só para ela. Você a ofendeu.

– Hã... – eu disse mais que depressa. – Não me sinto ofendida. – E não estava, só espantada. Olhei para Gus. – Massa de cookie – expliquei. – Meu bumbum é cuidadosamente trabalhado com uma farta ingestão de massa de cookie.

– Tudo o que você está fazendo, querida, está funcionando. – Ele sorriu, em seguida, aconselhou: – Portanto, não pare.

– Divórcio. *D-i-v-ó-r-c-i-o*. Amanhã. Vou ligar para os meus advogados amanhã – Maria ameaçou, e

aquilo parecia ser um discurso ensaiado.

– Mulher, você não tem advogados – Gus revidou de uma maneira que parecia ensaiada também.

Hum. Maria e Gus brigavam. Aquilo me pareceu de alguma forma familiar.

– Bem, estou procurando! – Maria disse, depois olhou para mim. – Como você toma seu café?

– Leite e meio cubo de açúcar – respondi rapidamente.

– Meio cubo de açúcar não vai ajudar essa bunda – Gus observou amavelmente, o corpo de Hawk começou a sacudir e eu sabia que ele estava rindo silenciosamente.

Foi quando Maria virou-se rapidamente, estendeu a mão, pegou uma caneca e jogou-a em Gus.

Sim, ela *jogou uma caneca em Gus*.

Gus, obviamente experiente com manobras evasivas, abaixou-se e a caneca bateu no balcão e quicou para cair no chão, felizmente ilesa, porque, sério, as canecas de Hawk eram fodonas.

Fiquei olhando, imóvel.

– Mulher! – Gus gritou quando ele se endireitou e plantou as mãos nos quadris. – Você está louca?

Agora foi *você* que assustou a Gwen!

Assustadoramente, os olhos de Maria me encararam.

– Aprenda – ela alertou, apontando o dedo para mim e inclinando-se. – Todos eles são assim. Não os deixe se safar. Imponha-se logo de cara, Gwen, você me ouviu?

– Ouvi sim – sussurrei.

– Eu não firmei o pé logo no início – ela me disse. – Deslumbrada com a boa aparência dele, essa era eu. Não fique fascinada com a carinha bonita do Cabe, Gwen, aprenda comigo. Ele é apenas um homem. Ele pode fazer coisas que levem você a pensar de maneira diferente, mas, acredite em mim, ele é apenas um homem.

– Eu não sei bem se isso é verdade – confessei. – Não vi isso com meus próprios olhos, mas acho que ele é capaz de atravessar paredes.

Mais risadas másculas e o corpo de Hawk se sacudiu de novo contra o meu, mas Maria não achou nada engraçado.

– Não é não. Vejo agora que você está deslumbrada. Saia dessa, querida. Quanto mais cedo, melhor.

– Hã... ok – concordei, porque ela parecia estar falando sério.

Ela apontou o dedo para Gus.

– Comporte-se! – ordenou. Depois, virou-se para o meu café.

Hawk abaixou a cabeça e cochichou no meu ouvido.

– Você está deslumbrada, minha flor?

Virei o pescoço para olhar nos seus olhos. Então, sussurrei:

– Comporte-se.

Ele me deu um sorriso e senti um solavanco no corpo, não de surpresa, mas porque um pequenino ser humano correu para mim.

Olhei para os olhos pretos e o belo rosto de um menino parecido com Hawk quando ele parou na minha frente e, em seguida, deu um tapa na minha coxa.

– Olá, pequeno – eu disse a ele.

Ele deu um tapa na minha coxa novamente quando Von advertiu.

– Javier.

– Laranja! – o menino gritou, deu outro tapa na minha coxa e apontou para o meu casaco com capuz.

– Sim, laranja – respondi, em seguida, apontei para a minha calça de ioga.

– Que cor é essa?

– Marrom – ele gritou e bateu palmas.

Sorri para ele.

– Muito bem. Agora, que cor é essa? – Ergui a mão e puxei meu rabo de cavalo para a frente.

– Lindo – ele gritou e não consegui me conter, ri e então me agachei para ficar quase na altura dos olhos dele.

– Eu sou Gwen, e você quem é?

– Javier – ele gritou e bateu palmas de novo.

– Santo – ouvi alguém dizer do meu lado e olhei para ver o menino mais velho ali, quieto, vigilante, os olhos em mim.

– Santo? – perguntei e ele assentiu. – Oi, Santo.

Ele não respondeu, seu corpo começou a balançar, mas seus olhos não me deixaram.

– Você é muito bonitinho – eu disse a ele.

Ele continuou se balançando e me estudando.

– Você gosta da grande toca do seu tio? – perguntei.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

– Toca – repetiu.

Apontei para indicar todo aquele espaço.

– A casa dele.

– Não podemos correr em casa – foi sua resposta.

Sorri para ele.

– Você gosta daqui.

Ele deu um passo na minha direção e parou.

– É ensolarado – ele disse.

Olhei para as janelas e depois de volta para Santo.

– Sim, querido, é muito ensolarado.

– Podemos correr e subir – continuou ele.

– Mas você terá cuidado, não é? Para a sua avó não ficar preocupada.

– Cuidado. – Ele balançou a cabeça.

Continuei sorrindo.

– Quantos anos você tem? – perguntei.

– Cinco – Santo respondeu, dando mais um passo em minha direção e segurando cinco dedos na frente do meu rosto.

– Três! – Javier gritou. Olhei para ele e vi que estava tendo dificuldade em controlar sua mãozinha para me mostrar três. Estendi a mão e coloquei suavemente dois dedos na palma da sua mão.

– Três – eu disse baixinho.

– Três! – Javier concordou alegremente olhando para sua mão.

– Você pode fazer assim? – perguntei e seu olhar voltou-se para a mão. Ele torceu a boca e assentiu.

Lentamente, tirei minha mão e ele ergueu três dedos.

Então toquei sua face macia e gordinha com a ponta dos meus dedos e afastei a mão.

– Perfeito – eu disse a ele.

Ele ficou me olhando, bateu palminhas e se jogou em mim. Eu me apoiei no último minuto para não cair de bunda no chão, o garoto era danado de forte. Ele me abraçou e me deu seu beijo melado de três anos no pescoço, depois puxou o meu rabo de cavalo.

Então, tão rápido quanto fez tudo isso, ele me soltou e correu para longe.

Um Delgado típico.

Santo correu atrás dele.

Levantei-me e encontrei todos os olhos grudados em mim de novo, não sorriam desta vez, a intensidade dos Delgado me cercava por todos os lados.

Estranho.

O braço de Hawk voltou aos meus ombros e ele me puxou para o seu lado novamente. Olhei para ele e só tive um segundo para me preparar antes de sua boca tocar a minha para um beijo muito rápido, muito forte, muito carinhoso.

Quando ele ergueu a cabeça, descobri que meus braços estavam em volta de sua cintura.

Olhei seus olhos fixamente e não consegui interpretá-los. Perdi a capacidade de tentar quando ele ergueu a mão, roçou os dedos na minha face e desceu, envolvendo meu pescoço.

Esqueci que tínhamos plateia quando o encarei de novo, e o olhar que ele me lançava me indicava algo de errado.

– Você está bem? – sussurrei.

– Não – ele respondeu.

– Hawk... – eu comecei, mas não sabia o que ia dizer.

Sua mão apertou o meu pescoço.

– O que se perdeu.

Alguma coisa estava acontecendo ali, algo importante. Só não sabia o quê.

– Hawk – sussurrei.

– Porra, o que se perdeu.

– Baby – eu disse baixinho.

– O café, querida – foi o que ouvi. Virei o pescoço e fiquei surpresa ao ver Maria ali, me oferecendo café.

– Obrigada – eu disse, pegando a xícara.

– Não tem problema – ela murmurou, dando uma olhada rápida para Hawk. Depois voltou para o bacon no fogão.

– Então, Gwen, o que você faz? – Gus perguntou e olhei para ele, aliviada com uma pergunta normal que acabou mudando a atmosfera bizarramente pesada que havia se instalado de repente.

– Sou editora de livros – respondi, tomando um gole de café logo em seguida.

– E você gosta? – perguntou Gus.

– Sim.

– O que seu pai faz? – Gus continuou.

– Construção civil, ex-militar e um faz-tudo em meio expediente, porque a filha dele comprou uma casa que suga dinheiro – eu disse a ele.

Gus sorriu.

– Mantém-nos jovens, cuidar dos nossos filhos, não importa quantos anos eles tenham.

– Bom, eu me esforço para dar ao meu pai todas as oportunidades para permanecer jovem.

O sorriso de Gus se arregalou.

– Aposto que ele adora cada minuto – Gus conjecturou erroneamente.

– Ele me passou um sermão de cinco horas para eu não comprar essa casa. Eu comprei assim mesmo.

Quando a banheira arrebentou o chão e caiu na sala, ele teve que respirar fundo por uma hora para não me estrangular e acabar sendo conhecido nas enciclopédias virtuais como o assassino da própria filha. Então não tenho muita certeza se ele adora cada minuto desse trabalho.

– Vá por mim – Gus disse, ainda sorrindo. – Ele adora cada minuto disso.

– Tudo bem – resolvi concordar.

– E a sua mãe? – Gus continuou com o interrogatório.

– Meredith é secretária de um advogado especialista em divórcios – respondi.

– Meredith? – ele perguntou.

– Minha madrasta.

– O que sua mãe faz? – Gus continuou.

– Papai – disse Hawk com voz baixa, e os olhos de Gus se dirigiram ao filho.

– Ela foi embora quando eu era pequena – respondi prontamente e a intensidade dos Delgado me atingiu outra vez vinda de todos os lados.

– Desculpe, Gwen, eu não sabia – disse Gus.

– Está tudo bem, Gus, já faz muito tempo – respondi. Nesse momento Hawk virou o pescoço para

olhar a porta.

Olhei para ele, vi suas sobrancelhas franzidas e o ouvi resmungar: – Quem será agora?

Ele me soltou e seguiu na direção da porta, enquanto eu tomava um gole de café, farejava o bacon e meu estômago me comunicava que estava com fome.

Javier entrou correndo na cozinha. Ele bateu na perna da avó e gritou:

– Bacon. – E eu sorri.

Houve um tumulto na porta, virei-me para olhar e vi Meredith entrando, movendo-se rapidamente, com o rosto em pânico. Papai estava vindo atrás dela, a passos largos, seu rosto petrificado. E uma mulher os seguia. Usava calça jeans, botas, um top prateado com uma bela jaqueta de couro. Ela parecia meio hippie, meio mulher de motoqueiro, uma expressão no olhar que me lançou e que gostei. Tanto que senti como se uma nova fase estivesse chegando. Ela também me parecia familiar, eu só não sabia por quê.

Fiquei tensa e me virei, colocando a minha xícara de café no balcão.

E agora?

– Gwennie, querida, ela não... – Meredith começou, com os olhos grudados em mim, sem sequer olhar para os Delgado.

– Gwendolyn! – gritou a mulher que eu não conhecia, já começando a correr na minha direção. – Meu Deus, meu *Deus*. Um ataque. – Então ela ultrapassou Meredith e me puxou para um abraço enquanto eu ficava paralisada, meus olhos fixos em Meredith. – Meu bebê, quase morreu num tiroteio! – a mulher lamuriou-se, me balançando de um lado para outro.

– Hã... – comecei. – Eu te conheço?

Ela se afastou, seus dedos apertando meus braços com tanta força que eu podia sentir suas unhas através do tecido do meu casaco.

– Se você me conhece? – ela sussurrou.

– Gwen... – papai começou, mas a mulher me soltou e virou-se para o meu pai.

– *Se ela me conhece?* – ela gritou e até mesmo Santo e Javier pararam de correr e ficaram olhando a cena.

– Libby – papai falou, mas senti a cor sumir do meu rosto enquanto dava um passo para trás.

– Libby? – sussurrei e ela voltou-se para mim.

– Sim! – ela disse prontamente. – Libby! Sua mãe!

Ai, meu Deus! Gus era um mestre de vodu. Bastou falar nela e *puf!* Lá estava a figura!

Meus olhos voaram para Hawk e vi que ele estava se aproximando de mim enquanto eu oscilava. Felizmente, ele me ajudou, colocando o braço em torno do meu peito e posicionando seu corpo atrás de mim para me apoiar antes que eu desabasse no chão.

– Você não tem que protegê-la de mim – minha mãe sibilou para Hawk, os olhos franzidos.

– Eu vou levar os meninos lá para fora – disse Von, descendo da banquetta em que estava sentado para

pegar os filhos.

Só que eu não vi essa cena, só senti que ele passou, porque eu não conseguia tirar os olhos da minha mãe.

Minha mãe.

– Bem, isso responde tudo. – Minha mãe ainda estava sibilando e depois virou-se para Meredith. – Acho que *you* não mostrou a ela as cartas e fotos que enviei – ela acusou. O braço de Hawk me apertou mais e meus olhos fuzilaram Meredith.

– Eu... – Meredith começou a dizer.

– Não, fui *eu* que não mostrei – interrompeu papai, postando-se atrás de Meredith e colocando um braço ao redor da cintura dela.

Cartas? Fotos?

– Eu deveria ter adivinhado quando não recebi nenhuma resposta – respondeu minha mãe, os olhos focados em Meredith. – *Minha* filha não me deixaria esperando. *Minha* filha teria me respondido!

– Foi minha a decisão de mantê-la fora da vida de Gwen. Não de Meredith, por isso olhe para mim quando fizer acusações, Libby – ordenou meu pai.

– Ai, meu Deus – sussurrei.

Os olhos de minha mãe não se desviaram para papai, eles viraram para mim.

– Você pode dizer isso de novo! – ela gritou.

– Você acha que poderia, por um segundo, se acalmar e ver que Gwen e Hawk têm companhia e que talvez devamos discutir isso em particular? – papai sugeriu.

– Não! Não, eu não! – minha mãe gritou.

– Está bem, então. Em outras palavras, as coisas não mudaram nada – rebateu papai.

– Vá se foder! – minha mãe devolveu e meu corpo estremeceu.

Hawk entrou na briga.

– Bax pediu que se acalmasse. Agora, ouça bem. Você está na minha casa e sou eu que digo para você tratar de ficar calma.

Mamãe virou-se para Hawk.

– Vê se eu me importo? Caguei.

Ai, meu Deus. Minha mãe perdida há muito tempo era desbocada e flertava perigosamente com a morte.

– Você está entendendo por que fiz o que pude para manter essa mulher longe da vida de minha filha? – papai perguntou a Hawk com raiva.

– Eu não estou entendendo – sussurrei.

– É claro que você não está, filhinha – disse mamãe.

– Gwen, minha querida, guardei as cartas e vou entregá-las a você – disse meu pai. – A primeira carta que ela enviou, com fotos, foi quando sua tia Mildred morreu e deixou-lhe dez mil dólares. Nela, ela diz

que estava trabalhando na África, ajudando crianças que morriam de fome, e que precisava do dinheiro para comprar alimentos e remédios, quando na realidade ela estava em Boulder trabalhando de garçoneiro em um bar de motoqueiros e precisava de dinheiro para manter-se nas drogas.

Boulder? *Boulder*? Pensei que minha mãe morasse em Rapid City.

Olhei para o meu pai.

Que maravilha. Uma maravilha mesmo. Minha mãe era desbocada, flertava perigosamente com a morte, vivia a 48 quilômetros de mim e era igualzinha a Ginger.

Fantástico.

Tudo isso passou pela minha cabeça.

– Por favor, me diga que isso não está acontecendo – sussurrei em voz alta e o outro braço de Hawk abraçou minhas costelas.

– A segunda carta, querida, e foram apenas *duas*, foi quando você se formou no secundário e transferi o seu fundo escolar para você. Nessa época, a desculpa foram as vítimas das enchentes – continuou dizendo papai, e meus olhos fitaram minha mãe enquanto meu pai continuava: – O que é agora, Lib? Você ouviu falar da invasão e do tiroteio na casa dela e achou que poderia se beneficiar do pagamento do seguro ou ouviu falar que ela está namorando Hawk e achou que poderia conseguir alguma coisa dele?

– Sou eu – afirmou Hawk. Virei o pescoço para vê-lo e o seu olhar triste estava fixo em minha mãe.

– Eu nem sei quem você é. – Mamãe virou-se para Hawk.

– Mentira – respondeu Hawk, e meu corpo sacudiu novamente.

– Eu nunca vi você na minha vida – ela rebateu.

– Você era amante de Pope Rountree, até ele lhe dar um pé na bunda. E você ainda apareceu três vezes quando tive reuniões com ele lá – disse Hawk.

Mamãe abaixou o queixo e virou o corpo ligeiramente para o lado.

O que Hawk disse era verdade.

Ah, meu *Deus*. Minha mãe desaparecida era desbocada, flertava perigosamente com a morte e era uma interesseira!

– Isso explica por que você não quis sair da porra da sala do Rick até que te levássemos para ver Gwen, o tempo todo com o rosto vermelho e gritando. Porque você sabia que se a levássemos para ver Gwen, nós a levaríamos até Hawk – concluiu papai.

Minha mãe olhou para o meu pai e, em seguida, mudou o foco e a culpa.

– *Minha* filha foi vítima de um ataque por causa da *sua* filha. – Ela apontou um dedo com raiva para Meredith. – Aquilo é uma boa *merda*.

O rosto de Meredith empalideceu, papai ficou vermelho e eu perdi a cabeça.

– Não se atreva – sussurrei, e minha mãe virou-se para mim. Nesse exato instante pude ver, minha nossa, pude *ver* a máscara do seu rosto transformar-se lentamente.

– Querida... – ela sussurrou.

– Não me chame de “querida”, você morava *em Boulder*? – Meu tom de voz subiu nas duas últimas palavras e os braços de Hawk me apertaram mais, assim mesmo inclinei-me para frente. – Você morava em Boulder e nunca veio me ver?

– O seu pai não deixava! – ela respondeu gritando.

– E daí? – gritei de volta. – Se você quisesse ver a sua filha, você moveria céus e terra para ver a sua filha! Se quisesse ficar em contato, não enviaria duas cartas! Você enviaria duas mil!

– Gwendolyn... – ela começou.

– Eu não posso acreditar em você – cortei. – Não posso acreditar que não a vejo há quase 30 anos e que quando vejo é porque você sabe de Hawk e sabe que ele pode pagar um Jimmy Choo!

Um soco direto, ela balançou, mas em seguida se recuperou.

– Você quase foi morta ontem – ela me disse.

– Ah, sim, *eu sei*, eu estava *lá* – respondi sarcasticamente.

– Eu sou sua mãe! Estou preocupada!

– Você não ficou preocupada quando Brian Takata partiu meu coração quando eu estava no colégio e caí num desespero profundo. Meredith se preocupou de verdade! E foi então que Meredith me ensinou as propriedades curativas da massa de cookie e, deixe-me dizer-lhe, foi uma boa lição para se aprender, porque a massa de cookie é o que há de melhor para consertar um coração partido. E, por falar nisso – o meu tom era ácido –, Meredith me ensinou um monte de boas lições que você não estava por perto para ensinar.

– Gwen... – minha mãe tentou interromper, mas continuei:

– E você não ficou preocupada quando Scott Leighton me deixou emocionalmente arrasada a ponto de eu não querer nunca mais me apaixonar novamente. Meredith se preocupou. E eu não tinha dinheiro suficiente para contratar um bom advogado quando Scott começou a me perseguir, mas Meredith conseguiu com que seu chefe me representasse na justiça, e Scott parou de me perseguir! Você estava em Boulder, ou sei lá onde, mas, fosse onde fosse, estava perto o suficiente para poder estar lá comigo, e você nunca estava. Meredith estava!

– Sim, estou por perto e conheço pessoas, ouço coisas, e sei que você está em apuros porque a maldita filha dessa puta da *Meredith* só está lhe *causando* problemas – minha mãe rebateu.

Soltei-me dos braços de Hawk, dando dois passos rápidos para frente e tão rápidos que minha mãe recuou.

– É da minha irmã que você está falando – joguei na cara dela. – E esses são problemas de família e você... não é... da *família*.

– Gwe... – ela ainda tentou.

– Saia daqui! – gritei.

– Eu não acredito...

– Mas deveria. Iniciou este jogo sujo para arrancar dinheiro do *meu homem* – gritei, batendo no meu

peito com a palma da mão. – Você insultou a *minha irmã*. Você fez o *meu pai* ficar com o rosto vermelho. E você magoou... – eu me inclinei, mas apontei para Meredith –... a *minha mãe*!

Ela recuou novamente e vi seu rosto ficar pálido, mas ela não arredou o pé.

– Eu disse para você ir embora, ou vou soltar Hawk pra cima de você! – ameacei.

Seus olhos deslizaram para Hawk e senti a força dele ao meu lado, mas mantive meus olhos grudados em minha mãe.

Ela voltou a me olhar.

– Sabe de uma coisa? Eu não vejo nada de mim em você.

Ela disse isso como um insulto.

– Graças a Deus – repliquei.

Ela apertou os lábios, jogou o cabelo para o lado, que, infelizmente, era igual ao meu cabelo, só que tingido. Depois deu meia-volta e, sem olhar para ninguém, marchou para a porta.

Marchei para a geladeira, puta da vida e ainda no pique da energia.

– Sabe de uma coisa? Eu preferia ter levado outra bomba incendiária nas fuças. Não! – corrigi enquanto abria a geladeira e pegava a massa de cookie. – O tiroteio. Prefiro levar um tiro a ter de passar por isso novamente.

Bati a porta da geladeira e caminhei até um bloco de facas de açougueiro, arrancando uma aleatoriamente. Puxei uma tábua de corte das prateleiras depois fui para o balcão em U, onde Meredith estava de pé, e bati com a massa na tábua de corte.

– E você deve saber, Meredith, que eu não a culpo. Ginger é Ginger, somos todos uma família, devemos saber disso. – Girei a faca no ar. – Não podemos dizer que não sabíamos que isso viria a acontecer um dia.

Bati com a massa de cookie na tábua de corte outra vez e comecei a cortá-la quando dedos fortes envolveram meu pulso e senti um corpo firme encostado no meu.

Olhei para Hawk.

– Chega com essa massa de cookie, baby – ele sussurrou.

– De jeito nenhum, Hawk, é massa de cookie – respondi, arrancando meu pulso de sua mão e novamente girando a faca no ar.

Ele mordeu os lábios. Depois sugeriu:

– Tudo bem, mas em seu estado atual você não devia estar empunhando um cutelo.

– Eu não estou empunhando um... – Calei a boca quando ergui a faca que eu segurava entre nós e vi tratar-se de um cutelo enorme. – Merda – resmunguei.

Ele agarrou o meu pulso novamente e apoderou-se do cutelo. Então, estendeu o braço e entregou-o a sua mãe.

Foi nesse momento que lembrei que tivemos uma audiência, foi nesse momento que lembrei que a minha vida era um saco e foi assim que desandei a chorar.

Hawk me apertou em seus braços, eu me agarrei em sua camisa térmica, os punhos fechados, e afundei o rosto em seu peito.

Sua mão quente deslizou por minha nuca e me confortou.

Houve um silêncio, que depois transformou-se em conversas murmuradas, meus pais se apresentando à família de Hawk. Ignorei-os, porque era praticamente obrigatório ignorar a presença de outros seres durante um colapso, mas quando eles são a família do cara gostoso com quem você está dormindo, quando você acabou de conhecê-los e eles presenciaram uma lastimável reunião de família que acabou com você vociferando e brandindo um cutelo, ignorar sua presença era um imperativo moral.

Quando minhas lágrimas cessaram, meus olhos procuraram automaticamente pela pessoa que iria fazer tudo melhorar.

Virei a cabeça e focalizei Meredith.

– Eu sei que Maria está preparando o café da manhã, mas você poderia fazer donuts caseiros para mim? – sussurrei.

– Vou pegar a massa de cookie e óleo vegetal – disse papai na mesma hora, e não o vi passar por mim, apenas senti, porque meus olhos estavam presos em Meredith.

Ela estava com lágrimas nos olhos também, mas, ainda assim, sorriu para mim.

Sim, tudo me pareceu melhor.

Retribuí o sorriso e pressionei meu rosto no peito de Hawk. Ele me abraçou mais forte.

Então gritei para o meu pai:

– Não esqueça da cobertura de chocolate!

– Já peguei – papai gritou de volta.

Senti a presença de alguém se aproximando de mim e virei o rosto no peito de Hawk. Ergui a cabeça e vi Gus logo ali.

Seus olhos estavam em Hawk.

– É bom saber, mesmo depois de um drama familiar como esse, que Gwen ainda se dedica arduamente a preservar esse bundão – ele comentou.

– Gus! – Maria gritou.

Eu ri.

Hawk também riu. Não ouvi seu riso, mas pude senti-lo contra mim.

E era muito bom.

O riso de Hawk desapareceu.

Senti falta dele quando se foi, até o momento em que Maria comentou:

– Ela pode estar deslumbrada, mas não tem medo de usar o cutelo. Um ponto positivo. – E o riso de Hawk voltou novamente.

Hawk saiu para uma missão sem explicar nada, e a noite caiu.

Mais cedo sua família e a minha comeram ovos, torradas, bacon e donuts caseiros feitos de massa de cookie frita com cobertura de açúcar cristalizado e o devido buraco no meio.

Donuts caseiros eram quase tão bons quanto massa de cookie para amenizar traumas, não completamente, mas funcionaram naquela manhã, principalmente porque foram feitos por Meredith.

Papai e Gus se deram bem. Meredith e Maria se deram bem. Von e Jury eram legais, mas atentos, muito parecidos com seu irmão. Passei a maior parte do meu tempo após o consumo de donuts brincando de esconde-esconde com Javier e Santo. Não havia muitos lugares onde se esconder, mas havia muito espaço para procurar. Cometi o erro de fazer cócegas neles na primeira vez que os achei, e eles gostaram tanto disso que só quiseram se esconder para que eu os achasse e fizesse cócegas de novo. Faziam de tudo para tornar a minha busca fácil. Por fim, Javier já estava até se escondendo na minha cara. E ele fez isso rindo e me chamou de “Nennie!”, porque não conseguia pronunciar direito Gwen.

Finalmente, depois de Maria e Meredith lavarem os pratos, todos se despediram e foram embora. Hawk chegou e explicou que ele tinha “umas merdas para fazer”. Ele não entrou em detalhes e eu não os pedi, mas ele me deu um beijo antes de sair de novo.

Desfiz minhas malas e arrumei minha mesa, liguei meu computador que funcionou, fiz um sanduíche quando fiquei com fome, rompi o lacre dos condimentos para prepará-lo e tentei não pensar em Hawk com os seus homens, fazendo a guerra e talvez se ferindo.

Girei na minha cadeira e vi as janelas escuras e a névoa de luzes de Denver não muito longe. O fato era que estávamos em Denver, em uma parte perdida e abandonada de Denver. Quando os incorporadores imobiliários descobrissem esse lugar, provavelmente o transformariam em lofts e restaurantes modernos.

Coloquei os pés no assento da cadeira, os meus braços em volta das pernas e apoiei o queixo nos joelhos.

Fiquei olhando pelas janelas e pensando que eu tinha uma mãe interesseira e desbocada que não se importava nem um pouco comigo. Tinha uma casa cuja sala de estar fora toda metralhada e tinha uma irmã em sérios apuros. Tinha uma reputação de brinquedo sexual. Estava vivendo com o homem que tinha a reputação de ser o dono do brinquedo sexual. Havia um motoqueiro lá fora, em algum lugar, que tinha uma ideia errada a meu respeito. E, mesmo com tudo de ruim que estava acontecendo, parecia que eu estava vivendo um sonho.

Como essa merda toda pôde acontecer?

Ouvi um barulho, virei a cabeça para a porta e vi Hawk caminhando com toda a sua graciosidade masculina, em pleno comando do próprio corpo.

Hum. Nhame.

Enquanto ele caminhava, esquadrinhei o seu corpo inteiro.

Bem, a boa notícia de hoje era que Hawk estava em casa e não apareceu crivado de balas, facadas,

marcado por estilhaços de bombas ou sem um dos membros perdido numa explosão.

– Oi – ele disse quando chegou na cozinha e continuou a caminhar na minha direção.

– Oi – respondi, olhando-o vir para mim, meu queixo nos joelhos e meu processamento cerebral gostando do show que ele dava para mim.

Ele contornou a mesa e se aproximou de mim por trás. Fez isso para poder se curvar e tocar seus lábios, depois a língua, na pele atrás da minha orelha.

Hum. *Nhame*.

Sua boca ficou ali e ele disse:

– Baby, há algum motivo para você estar em posição fetal de novo?

– Eu sento desse jeito o tempo todo – eu disse a ele.

– Verdade? – Seus lábios se afastaram e ele girou minha cadeira para me encarar enquanto se agachava na minha frente. – Por quê?

– É confortável.

Ele me estudou por um segundo, seus olhos examinando meu rosto.

Então perguntou:

– Tem certeza de que isso não tem a ver com a sua mãe aparecendo do nada e fazendo uma cena?

Hum. Talvez, em parte, tenha a ver com isso.

Decidi não responder.

Então, de repente, ele se levantou, me puxou da cadeira e deu meia-volta sobre suas botas para andar pelo armazém comigo nos ombros.

– O que você está fazendo? – perguntei, colocando meus braços em torno de seus ombros.

– Vou lhe mostrar o que é confortável – ele disse.

Ai, ai, tive uma sensação de que sabia aonde aquilo ia dar.

– Preciso salvar o meu trabalho – eu disse a ele.

– Você pode salvá-lo mais tarde – ele disse sem interromper o passo.

– Hawk, estou falando sério, e se houver uma queda de energia?

– Você deveria ter salvado antes de ficar em posição fetal, minha flor.

Ele me levou para a área de estar, sentou-se em uma poltrona, estendeu a mão para a alavanca e, em seguida, fomos jogados para trás, deitados, comigo em cima dele.

Ok, talvez eu *não* soubesse aonde aquilo ia dar.

Eu ergui a cabeça e ele me abraçou.

Quando nossos olhos se encontraram, ele disse:

– Agora, baby, isso é confortável.

Ele não estava errado.

Estiquei-me completamente, meu quadril no assento, uma das minhas pernas sobre suas coxas, e rolei meu peito no dele, o tempo todo olhando para ele.

Depois foi a minha vez de estudá-lo.

Rosto relaxado e, como sempre, bonito. Olhos quentes, mas alerta. Sem covinhas. Pura beleza masculina do cabelo até o queixo, e mais além.

Quando a mão dele se aproximou e tirou meu cabelo do rosto, segurando-o perto do meu pescoço, eu falei:

– Fico feliz de ver que você está em casa e não crivado de balas.

Ele sorriu e murmurou:

– Debochada.

– Nem marcado por estilhaços de bombas.

Mais sorriso, covinhas, mais bonito.

Devaneio total.

– Será que eu gostaria de saber onde você esteve? – Fiz uma pergunta que ameaçava explodir meu devaneio em pedacinhos.

– Estive retribuindo umas visitas – ele respondeu na hora, de um jeito que me fez desconfiar de que aquela conversa não me assustaria, não desencadearia uma nova crise de lágrimas, nem me mandaria direto para a geladeira atrás de massa de cookie.

– A quem? – perguntei.

– Às pessoas que falam demais e que vão espalhar por aí que não estou nada contente de a minha mulher ser alvo de uma agressão armada, ou presenciar uma agressão armada, e que se essa merda acontecer novamente, os responsáveis vão se foder de fato. Eles vão começar a sentir que, mais cedo, ou mais tarde, meus rapazes e eu estaremos caçando aqueles que fizeram isso.

– Oh – murmurei, porque não tinha outra resposta.

– Nós ainda não sabemos quem está por trás disso – Hawk contou. – Tack fez inimigos. Podem ter sido eles. E Tack deixou claro que você é algo que ele quer, então pode até mesmo ser com ele a encrenca que acabou respingando em você.

Isso era novidade, mas nada boa. Já havia muita merda respingando na minha vida. Não precisava de mais.

– Está falando sério? – perguntei.

– Falo sério – Hawk respondeu, parecendo tão feliz com esta notícia como eu me sentia. – A posição de Tack como presidente do Chaos MC foi uma aquisição hostil. O Chaos começou como uma irmandade de Hellraisers. Eles não criavam problemas, mas isso não significa que não os procurassem e não se envolvessem quando os encontravam. Eles sempre tiveram a garagem e a autopeças, mas isso era apenas uma fachada, e não muito grande. Seus crimes eram relativamente sem vítimas, como brigas de faca com outros motociclistas que estavam à procura de problemas, essas merdas. Eles cresceram e começaram a vender maconha, muita maconha, ganharam uma fortuna, construíram a garagem e a loja. As coisas degeneraram internamente, e o fato de haver duas facções no clube sempre brigando e batendo de frente

não ajudou em nada. Os bons e os maus. Os maus venceram e a irmandade não deixou de ser uma irmandade mesmo com a facção dos maus liderando o clube, os outros a seguiram. Pararam de plantar maconha, começaram a transportar. Não traficavam mais, só levavam a mercadoria do ponto A ao ponto B. Muito mais lucrativo do que a venda. A garagem e a loja foram ampliadas. Mas se você começa fazendo merda, a merda só faz aumentar, e foi o que aconteceu. Fizeram acordos, fizeram alianças, entraram em mais negócios, e não apenas negócios legítimos, romperam acordos, romperam alianças, entraram em guerras, loucura total. Esse mundo, o mundo deles, é um mundo diferente do que temos em Denver. Não há regras, não há leis, mas eles têm o instinto do seu lado.

Fiquei bastante chocada por Hawk estar explicando isso, mas ainda mais chocada por me contar em tantas palavras.

– Instinto? – perguntei quando ele parou de falar, fascinada e ao mesmo tempo ligeiramente assustada.

– Uma pessoa pode ser muito inteligente, quando age por instinto para sobreviver. Esses caras estão longe de ser burros. Fazem isso há tanto tempo que eles são os gênios da organização. E não estou brincando.

– Oh – sussurrei.

– Foi no meio desta merda, nos últimos vinte anos, que Kane foi crescendo no ramo da customização de motos e automóveis. A princípio em silêncio, e depois com muita paciência. Ele tinha um plano, durante todo esse tempo, a merda desses vinte anos. Construindo lentamente uma reputação, chamando a atenção para ele aos pouquinhos, agora todo mundo conhece. Fica difícil continuar fazendo merda quando jornalistas e fotógrafos estão escrevendo reportagens e tirando fotos e estrelas de cinema de Hollywood ficam visitando a sua garagem. Ele convenceu o clube a entrar com dinheiro na Ride, que ganhou filiais. Abriram lojas em C Springs, Boulder. Agora é quase tão lucrativa quanto os negócios ilegais, e ele fez dessa forma para que, quando assumisse o controle, o padrão de vida dos seus rapazes não sofresse um baque e eles acabassem cortando o vínculo com os outros negócios escusos. Então, foi isso que ele fez.

– Então o Chaos MC é limpo? – perguntei.

– Eu não diria isso, baby, mas eles não vendem ou transportam drogas mais.

– Isso é bom – eu disse.

– Sim, no sentido de que Kane e seus rapazes não enfrentarão um futuro em que talvez a sua única opção de guarda-roupa seja um macacão laranja. O problema é que eles eram bons no transporte seguro e, agora que não oferecem mais esse serviço, às vezes a demanda extrapola a oferta. Isso não deixou felizes algumas pessoas muito perigosas. E Kane é o homem por trás de sua infelicidade. Ele tem rapazes em suas fileiras que gostariam de voltar para o que faziam antes. Há uma inquietação, e ele está lidando com isso, há pressão externa, e ele tem de lidar com isso. Ele é um homem marcado e, até descobrir quem está por trás da rebelião em seu clube e as facções externas continuarem fazendo merda, ele terá problemas.

– Como está, hum... – Tomei fôlego e, em seguida, perguntei: – Ginger está envolvida nessa história?

São as drogas?

– Não – respondeu Hawk.

Ah, merda.

– Prostituição?

– Não, baby. – Seu braço me apertou. – Ela era o agente infiltrado por trás do roubo de três carros customizados e uma moto customizada, uma porrada de peças e o conteúdo de um cofre.

– O agente infiltrado?

Hawk fez uma pausa para me estudar, em seguida seus dedos mergulharam no meu cabelo e percebi que fez isso pelas mesmas razões que Cam respirava fundo antes de me falar. Ele fez isso para me preparar.

– A profissão que ela escolheu, minha flor. O problema dela é que ninguém a leva a sério. Ela era esperta o suficiente para ouvir e aprender em um monte de lugares. Vendeu informações, cuidou de desviar a atenção por um preço e, também, por um preço, ela forneceu acesso. Só não foi esperta o bastante para ficar de boca calada, ser invisível e não sacanear as pessoas erradas. Ela não foi seletiva, foi do tipo igualdade de oportunidades. Ela fodeu todo mundo e agora está fodida.

– Quantas pessoas ela sacaneou?

– Muitas – respondeu Hawk.

– E os níveis de perigo dessa gente?

– Acima da média – Hawk respondeu. – Kane e o Chaos são o menor dos problemas que ela tem, e, Gwen, eles podem estar limpos, mas isso não significa que joguem segundo as regras. Se eles a pegarem, vão tratá-la do jeito que costumam fazer. Não vão entregá-la à polícia. Encontrarão uma forma muito criativa de pegar de volta tudo o que ela lhes deve.

Meu corpo estremeceu e a minha mão agarrou a sua camisa térmica. Quando fiz isso, a mão dele soltou o meu cabelo e deslizou seus dedos no meu queixo.

– Sim, baby, não está nada bom para Ginger – ele disse baixinho.

– Você vai encontrá-la para mim? – deixei escapar e depois fiquei tensa. Eu não podia pedir isso. Não podia pedir a Hawk e seus homens para entrar na chuva...

– Já estou tentando, minha flor. – Fiquei olhando enquanto ele falava. – Não por ela, mas por você, seu pai e sua madrasta.

Uau.

– Eu... não sei o que... você é? – gaguejei.

– Gwen, eu tirei você do fogo. Essa merda tem que parar.

– Eu sei – sussurrei, com um frio na barriga, meu coração pulsando, a garganta apertada, meus olhos grudados nos dele.

Seus olhos sorriam.

– Você pode me pagar por isso, fazendo o jantar.

– Fazer o jantar seria o pagamento?

– Não, não de todo, mas vai abater um pouco do que você me deve.

Senti meus lábios fazerem um bico e virei a cabeça para o lado.

– Isso significa que tenho que fazer legumes a vapor?

– Alguma coisa contra?

– Não, mas você só tem frutas, queijo cottage e legumes na sua geladeira. Sua mãe usou todos os ovos e o bacon, eu comi os frios no almoço, logo só restaram legumes para o jantar. Eu não tenho certeza se o meu organismo vai aceitar de bom grado apenas coisas verdes para o jantar. Ele pode reagir, e meu palpite é que a reação será violenta.

Ele sorriu para mim e depois comentou:

– Há lojas em Denver. Algumas delas até vendem produtos alimentícios.

– Agora, quem é o espertinho? – resmunguei.

– Tudo bem, baby, pegue logo os seus sapatos e leve esse seu rabo para o Camaro. Nós estamos indo ao supermercado.

– E ainda mandão – continuei resmungando.

– Você está com fome ou não?

– Sim, estou – respondi.

– Você quer legumes para o jantar?

– Eca, não.

– Então levante o rabo daí, pegue seus sapatos e entre no Camaro.

– M-a-n-d-ã-o – soletrei, como a mãe dele fez antes, tentando erguer-me para sair da poltrona reclinada, mas os seus braços de repente se fecharam em torno de mim. Eu me vi grudada em seu peito, a mão dele segurou a minha cabeça, inclinou-a, e os seus lábios mergulharam nos meus.

Um beijo que varreu todo o sarcasmo que havia em mim.

Depois do beijo, levantei-me e cumpri suas ordens.

– Baby – sussurrei.

– Você já está chegando lá – Hawk murmurou no meu ouvido, a mão segurando o meu peito, os dedos titilando o mamilo, sua outra mão segurando a minha, seus dedos manipulando os meus no meu ponto G, enquanto ele estocava o pau dentro de mim.

Sim, ele estava certo, eu estava chegando lá. Minha cabeça inclinou para trás, bateu no ombro dele e eu gozei. Forte.

Sua mão entre minhas pernas pegou a minha e ele envolveu nossos dois braços na minha cintura, a outra mão ainda segurando o meu peito enquanto ele saía e entrava em mim. Com o rosto apoiado no meu pescoço, ele grunhia profundamente atravessando o meu corpo todo.

Então de repente ele me segurou com força para estocar mais fundo, e, sem romper a conexão, gemeu alto em meu pescoço.

– Baby – sussurrei, virando o meu pescoço, e sua cabeça apareceu, sua boca tomando a minha e a língua deslizando para dentro.

Deus, como eu adorava o gosto dele.

Ele me manteve presa a ele, dentro dele, enquanto me beijou. Depois sua boca deixou a minha. Ele retirou o pênis, me virou, colocou-me de costas na cama e não parou. Seu corpo cobriu o meu e seus quadris se acomodaram entre os meus. Engatei minhas pernas em torno de suas coxas e meus braços agarraram suas costas.

O rosto dele ficou no meu pescoço e meus dedos alisaram a pele de suas costas.

– Hawk? – eu ia fazer uma pergunta.

– Não, baby, respondendo à sua pergunta, eu não sou um super-herói – ele disse no meu pescoço, meu corpo ficou imóvel e percebi que ele estava brincando.

– Arrogante – eu disse rindo.

Ele ergueu a cabeça, sorriu para mim e minha mão automaticamente acariciou o seu peito, subiu até o pescoço para a sua bochecha, meu polegar tocando sua covinha.

– Gwen? – eu ouvi e parei de contemplar aquela covinha.

– Sim?

– Você ia me perguntar alguma coisa.

– Eu ia?

O sorriso dele se alargou e pude ver e sentir a sua covinha mexendo sob o meu polegar.

– Sim, você ia – respondeu ele.

– Desculpe, fiquei hipnotizada por sua covinha.

Ele ficou imóvel, em seguida seu rosto mergulhou no meu pescoço e ele murmurou: – Deus, como eu gosto quando você fica meiga.

Senti o meu corpo derreter sob o dele e a minha mão deslizou por seu cabelo.

– Eu me lembrei do que eu queria dizer – falei em voz baixa.

– Então diga, minha flor – ele sussurrou.

– Obrigada por me contar sobre Ginger e Tack e ser legal com a minha mãe.

Sua mão se aproximou e seus dedos afagaram o meu cabelo antes de ele sussurrar:

– Não precisa me agradecer, baby.

– E obrigada por cuidar da minha segurança – continuei.

– Gwen.

– E por tentar encontrar Ginger.

– Você pode parar agora.

Eu o ignorei.

– E por me salvar da prisão dos motoqueiros.

– Você já me agradeceu por isso, mesmo que tenha feito isso durante uma arenga.

– Bem, obrigada novamente, porque era uma imundície lá dentro e eu não fiquei muito a fim de tocar em qualquer coisa, ou hã... de sentar em nada, o que tornou tudo mais desconfortável do que ficar apenas trancafiada em um quarto para a minha própria proteção, mas contra a minha vontade.

– Vou falar com Janine para manter tudo aqui em casa bem limpinho – ele disse.

– Não, eu estou falando sério – eu disse baixinho.

Ele segurava o meu rosto e afagava a minha têmpora com o polegar.

– Sei que está.

– Minha vida está muito confusa – confessei algo que ele já sabia.

– Isso vai passar, Gwen.

Inspirei fundo e depois falei:

– Espero que sim.

Sua mão deslizou para baixo e seu polegar passou por meus lábios.

– Uma coisa positiva que você aprendeu hoje. E que é bom para você. Sua mãe pode ser problemática, baby, mas ela ainda é uma gata.

Senti minhas sobrancelhas se unirem.

– Você acabou de chamar a minha mãe de gata?

– Você se parece com ela – ele respondeu.

Bem, isso não foi tão ruim. Minha mãe era problemática, Hawk estava certo, mas tinha muito estilo.

– Mas age como Meredith – Hawk cortou meus pensamentos.

Olhei para ele.

– Você acha?

– Quando você está bem meiguinha e não reclamando ou cortando massa de cookie com cutelos.

Eu sorri.

– Não cortei a massa de cookie com o cutelo.

Ele sorriu para mim.

– Chegou perto.

Ele tinha razão, e senti meu corpo começar a sacudir de tanto rir.

Ele ficou me vendo rir até eu parar e lhe dar um sorriso, então baixou a cabeça e beijou a base do meu pescoço. Em seguida, saiu de cima de mim, puxou as cobertas sobre nós, estendeu a mão para desligar a luz em sua mesa de cabeceira e me virou de costas para ficarmos de conchinha. Depois esticou-se por cima de mim para desligar a luz da minha mesinha de cabeceira. Tirou o cabelo do meu pescoço e beijou a pele atrás da minha orelha. Passou o braço em volta de mim, puxou-me bem para perto, engatou a sua perna na minha e acomodou-se nos travesseiros.

O boa-noite de Hawk.

Nada de pá-pum, muito obrigado. Em vez disso, conversamos, rimos e fizemos carinho.

Acho que eu poderia suportar bombas incendiárias, invasões, tiroteios e saber que a minha mãe ainda era problemática após todos esses anos, se todos os meus dias terminassem assim.

Eu estava deitada no escuro, no armazém cavernoso de Hawk, em sua cama grande, junto do seu corpo grande e quente, pensando no seu doce boa-noite.

Sim, eu poderia suportar tudo se todos os meus dias terminassem assim.

Faltava saber se Hawk sentia o mesmo.

MÃOS ENTRE NÓS

Meus olhos se abriram e vi que estava amanhecendo. Havia luzes acesas no armazém, e sabia que eram as da cozinha. Ouvi a voz de Hawk falando baixo, ele estava longe, no telefone.

Fui até a beira da cama, de bruços, e tateei procurando minha camisola. Achei, procurei a calcinha, achei e me ergui um pouco. Enfieei a camisola pela cabeça, enfiei os braços e, em seguida, vesti a calcinha ainda na cama. Daí me levantei, caminhei até o banheiro, fiz o que precisava, saí e desci a escada.

Hawk ainda estava ao telefone, vestido com seu uniforme de camisa de mangas compridas colada à pele e calça cargo. Seu cabelo estava ligeiramente molhado e ele já calçara as botas.

Com a mão apoiada no balcão, ele não se mexeu e seus olhos não se desviaram de mim enquanto eu caminhava na sua direção. Perdi-o de vista quando meu corpo foi de encontro ao dele, meu rosto mergulhou no seu peito e meus braços o cercaram. Ele tirou a mão do balcão e passou o braço em volta de mim.

– Sim, passe isso a Lawson, marque a reunião com Tack – disse Hawk ao telefone.

Suspirei em seu peito. Ele não estava falando sobre o seu próprio negócio, ele estava tratando do meu.

– Entendido – continuou ele. – Estarei aí em vinte minutos.

Ele fechou o celular e colocou-o no bolso da calça. Inclinei minha cabeça para trás e olhei para ele quando seu outro braço se fechou em volta dos meus ombros.

– Dormiu bem? – ele perguntou, abaixando o queixo para olhar para mim.

– Hum-hum – respondi.

Ele baixou o queixo ainda mais, sua boca tocou a minha, o braço em torno da minha cintura também desceu. Ele levantou minha camisola com o braço, enquanto sua mão agarrava minha bunda, através da calcinha.

Gostoso.

Quando ele afastou a boca, perguntei o mesmo:

– Você dormiu bem?

– Sim.

Respirei e perguntei:

– Aconteceu alguma coisa?

Seu braço em meus ombros me apertou, assim como a mão em minha bunda.

– Temos novidades.

– Boas ou más?

– Os dois.

– Hum – murmurei.

– Eu não tenho muito tempo, mas você precisa de café antes de ouvi-las?

– É essa a sua maneira de me perguntar se preciso de Valium antes de ouvi-las?

Ele sorriu e me deu mais uns apertos.

Por fim, disse:

– Aquele tiroteio na sua casa teve a ver com Ginger. Não com Tack.

– E essa é a boa notícia ou a má notícia?

– A boa, significa que sabemos quem estamos procurando e por que fizeram o que fizeram. Uma vez que Tack defendeu você e eu deixei as coisas claras ontem, eles também estão sabendo que acabaram arrumando dois inimigos que não queriam. Ginger sabe coisas demais, irritou muita gente e ela pode causar uma série de problemas, a polícia e os federais vão chegar até ela, mas ela não vale o calor com que os meus rapazes e o Chaos MC vão partir para cima deles. Eles compraram briga ao fazerem aquela merda, mas não querem isso, não querem que o quente fique ainda mais quente. É um palpite, mas isso significa que você e seus pais estão provavelmente seguros.

– É uma boa notícia.

– Sim, mas não quer dizer que não devamos ficar de olho. Está me entendendo?

Eu não tinha certeza se estava, mas assenti mesmo assim.

– E qual é a má notícia?

Ele hesitou, então explicou:

– Jorge teve um encontro com o Dog ontem. Aparentemente, você disse a Tack que terminou comigo e ele interpretou isso como uma permissão tácita para fazer sua investida. Como ele é Tack, e não o tipo de homem que espera por um sinal, diz que gosta do seu sorriso, compra uma bebida para você e traz outras tantas para ele, mas, em vez disso, um sujeito que tranca você num quarto e pensa que, quando ele voltar da confusão e da retaliação que fez, você estará lá esperando para ele fazer o que quiser e reivindicá-la como sua. Assim ele se sente como se não estivesse desistindo da guerra. Não ajudou o fato de meus rapazes terem se saído melhor do que os dele e acabarem capturando a presa. Agora ele tem de evitar a humilhação. Enviamos os tenentes e eles não foram capazes de fazer um acordo. Agora, os capitães têm de se reunir.

Ai, meu Deus.

– Você quer entrar em mais detalhes sobre essa guerra? – perguntei, sem ter certeza de que queria mais detalhes.

– Você disse a ele que tinha terminado comigo?

– Hã... – murmurei, tentando recuar um pouco, mas seu braço e sua mão me apertaram, então parei de

tentar. – Eu estava de mau humor – expliquei.

– Mas que merda, Gwen.

– Eu também disse a ele que iria desistir dos homens, que iria fazer caminhadas e me dedicar à salvação dos furões.

Ele olhou para mim. Depois disse:

– Baby, deixe eu lhe dizer uma coisa sobre os homens.

Epa.

– Hã... – tentei falar em um esforço para não saber nada sobre os homens. Hawk não foi o único homem a representar um mistério para mim. Os homens em geral eram um mistério para mim. Eu não tinha a menor noção de por que eles faziam metade da merda que faziam, e há muito tempo decidira não querer saber. Você poderia passar décadas tentando entender essa merda sem conseguir nunca. Eu havia chegado à conclusão de que a ignorância é uma bênção, quando se tratava de homens. Aprendi a seguir com o fluxo e esperava não ser muito triturada no processo.

Hawk continuou falando:

– Falar uma merda dessa para homens como Tack é como um desafio.

– O quê?

– Ele é presidente de um clube de motociclistas. Ele tem grana. Ele tem coragem. Tem cérebro. Tem carisma. Tem poder. Os homens gostam disso, as mulheres são fáceis. Os homens gostam que as mulheres não sejam fáceis. Eles querem que as mulheres sejam inteligentes e bonitas. Uma mulher que diz que não quer nada com os homens e que vai se dedicar à causa dos furões, homens como Tack interpretam isso como um desafio e desafios são o que os alimentam. Eles vivem e respiram para o desafio. Dizer o que você disse ao Tack é o mesmo que um homem chegar perto dele e empurrá-lo em um bar. Ele vai reagir energicamente e vencer a situação, não importa o que tenha de fazer para consegui-lo.

– Isso é loucura – eu disse a ele porque era.

– Isso é Tack.

Fiquei olhando para ele. De repente entendi.

– Você também é assim.

Sua mão apertou minha bunda.

– Você está aprendendo.

Então, outra coisa me veio à mente.

– O que acontece quando você vence a situação?

– Como assim?

– O que acontece quando não for mais um desafio?

Sua mão largou a minha bunda e seu braço pegou-me pela cintura, puxando-me para mais perto.

– Minha flor – ele sussurrou.

Recuei o corpo o melhor que pude e mantive meus olhos grudados nele.

– Isso é uma resposta? – perguntei.

Ele manteve os olhos em mim e perguntou de volta: – Você vai se dar para mim?

Foi a minha vez de dizer:

– Como assim?

– Baby, ontem você disse que o seu ex deixou-a emocionalmente arrasada. E sei que isso é verdade porque já vi várias vezes você enfrentar algum problema nosso colocando as mãos entre nós, como se estivesse afastando uma ameaça. Quando faço algo de que gosta, seu rosto se suaviza com a surpresa, você não teve muito carinho de um homem. Você só veio até mim e me abraçou docemente. Fiz você vir para mim e estive dentro de você. Você se sentiu agradecida. Mas, Gwen, você ainda ergue as mãos para me afastar. Você não se entregou a mim, nem mesmo chegou perto. Eu ainda não venci essa situação.

Essa era uma resposta que não era *a* resposta.

– Tudo bem, então digamos que você venceu a situação.

– Mas não venci.

– Digamos que sim.

– Gwen, eu não venci.

– Mas diga que sim.

– Ok, venci, então vamos ver o que acontece.

Não era uma boa resposta. Eu *sabia* o que acontecia. Scott Leighton me ensinou isso. Olhei para seu peito e murmurei:

– Eu preciso de um café agora.

– Gwen.

Tirei os braços de sua cintura para colocar as mãos em seu peito.

Os braços dele me apertaram.

– Gwen.

Eu pressionei o seu peito.

Ele me apertou suavemente e ordenou:

– Gwen, olhe para mim. – Olhei para ele e ele perguntou: – Você quer falsas promessas? – Não respondi e ele aproximou mais o rosto do meu. – Baby, não posso prever o futuro.

– Eu posso – sussurrei e empurrei com força o seu peito.

Consegui me afastar alguns centímetros até que ele me puxou de volta, com os braços em torno de mim me segurando.

– Olhe só, Gwen, como você me afasta com as mãos – ele disse calmamente.

– Eu preciso de café, Hawk.

Inclinei a cabeça para baixo e empurrei novamente o peito dele, mas sua mão apareceu, pegou-me pelo cabelo e ele me puxou suavemente me forçando a encará-lo.

– Tudo bem, baby – ele disse. – Há duas maneiras de acontecer. Venço essa situação e você se entrega

toda para mim, e, honestamente, eu posso descobrir que não é o que eu quero e cada um segue em frente para cuidar da própria vida.

Empurrei a cabeça para trás, mas ele me segurou firme e continuou falando:

– Ou eu encontro o tesouro, e um homem que encontra o tesouro faz tudo que pode para protegê-lo e mantê-lo fechado. Eu não sei o que pode acontecer, mas quero pagar para ver. Não se trata de um risco que corro há muito tempo, Gwen, é um risco que tenho evitado. Mas quero correr esse risco com você. Se você se afastar agora, é o mesmo que dizer que não valho a pena para você correr esse risco comigo.

Parei de resistir e olhei para ele.

– Você vai se afastar? – ele me desafiou.

– Eu preciso pensar – sussurrei.

Ele balançou a cabeça.

– Não. Não, você não precisa. Você vive demais nessa sua cabeça, se fecha, tranca tudo lá dentro e passa tanto tempo fazendo isso que se esquece de viver a vida. Você não pode viver a vida só na cabeça. Isso não é viver. Confie em mim, baby, eu sei. Andei fazendo quase a mesma coisa por algum tempo, tanto tempo que esqueci o que é a sensação de estar vivo. Naquele dia em que vi você voltando da Ride, você me lembrou de como é estar vivo. É bom, minha flor, e não vou voltar atrás agora.

Algo estava obstruindo minha garganta, mas ainda consegui perguntar:

– Do que você está falando?

– Se você baixar as mãos e parar de me afastar, eu digo.

– Diga agora, talvez eu abaixe as mãos depois – rebati.

– Não é assim que funciona, Gwen.

Eu comecei a pirar e disse:

– É claro que não.

– Baby, você não entende.

– Eu entendo – eu disse a ele. – É do jeito que você quer ou de jeito nenhum.

– Olha essas mãos de novo.

Deus! Como poderia esquecer o quão irritante ele era?

Era isso que ele queria? Então ele ia ter.

– Eu amava Scott – confessei. O corpo de Hawk ficou imóvel e continuei: – Amava muito. Pensando bem agora, não tenho a menor ideia de por quê, mas na época eu tinha certeza. Certeza absoluta. Eu *sabia*. Estava absolutamente certa disso. Não havia dúvidas. Nenhuma. Isso soa familiar?

– Baby...

– Ginger trepou com ele no dia do nosso casamento.

Quando eu disse isso, o corpo de Hawk tensionou, e assenti.

– Não é brincadeira. Ninguém sabe. Nem mesmo Cam e Tracy. Então, tempos depois, ela estava com alguns problemas, menos do que agora, mas precisou ficar na nossa casa, e eu deixei. Eu tinha saído, não

me lembro para fazer o quê, cheguei em casa e flagrei os dois novamente. Tudo veio à tona então, Ginger admitiu e Scott não negou. A Ginger, eu entendo, ela faz esse tipo de merda o tempo todo. Mas o Scott, embora eu conhecesse a peça, eu me fechava em mim mesma e entrava num processo de negação e fingia. Ficava sempre esperando que ele amadurecesse. Mas você acorda pra real rapidinho quando entra na sua casa e encontra o próprio marido fodendo com a sua irmã.

Hawk olhou para mim e continuei falando:

– O engraçado é que, de algum modo, eu acho que Ginger fez isso para me avisar. Acho que Ginger sabia exatamente o tipo de babaca que ele era, e aquilo foi a maneira maluca dela de me proteger. Ela não estava se regozijando quando isso aconteceu, não jogou nada na minha cara. Ela parecia aliviada. Mas eu, eu o amava, tinha muita certeza disso e não queria admitir que estivesse errada. E quando você está tão segura de uma coisa e ela acaba dando errado, você perde a fé em si mesma e na sua capacidade de tomar as decisões corretas na vida. Assim, Hawk, há uma razão para essas minhas mãos que te afastam. Porque eu também tinha certeza a respeito de você e, por um ano e meio, você não me deu nada além de um sexo realmente fantástico. Agora você quer mais, mas não há como eu deixar de proceder com extrema cautela. Não dá.

Sua mão segurou a minha cabeça e seu braço me puxou para perto, enquanto ele sussurrava:

– Baby.

Não. Ele não podia ser só meigo para chegar até mim. Ele precisava me dar algo muito, mas muito, diferente de apenas gentileza.

– Você disse ao seu homem que estaria lá em vinte minutos e preciso de café – lembrei a ele. – E também preciso pensar. Você não pode tornar isso mais difícil. É o que peço. Então me deixe ir.

Ele não me deixou ir. Em vez disso segurou-me firme e olhou nos meus olhos.

– Hawk...

– Tudo bem, querida, eu vou deixar você ir, mas vou te dar uma coisa para pensar enquanto sua cabeça fervilha. Durante oito anos, eu estive morto. Eu tive pessoas leais a mim, em quem confiava, e não deixei ninguém, nem uma pessoa sequer, na mão. Então um dia vejo uma mulher em um restaurante que ri em público como se estivesse rindo com suas amigas durante o café à mesa da cozinha. A única coisa que tive que dar àquela mulher, eu dei. Sei tudo sobre você, Gwen, porque os meus rapazes tinham ordens de me dar informes *diariamente*. Onde você ia, o que fazia, com quem estava, como gastava o seu dinheiro, com quem se encontrava, com quem falava ao telefone, quando as luzes se apagavam em seu quarto e se estava ou não dormindo. Eu dizia a mim mesmo que era porque você precisava de proteção, mas não era isso, Gwen, nunca foi isso. Eu não sabia na época. Eu não sabia disso até o Jorge me telefonar e me dizer para eu ir rápido para a base porque ele estava vendo você no monitor, e você estava na Ride. Eu não fui para a base, exigi um relatório, recebi-o e fui para a sua casa, porque sabia que as coisas iam ficar quentes para o seu lado, e eu sabia que não iria deixar ninguém machucá-la. Depois vi as fitas gravadas e soube que no dia seguinte tanto Lawson quanto Tack deram em cima de você, e foi aí que eu soube que

ninguém ia ter você, ninguém, além de mim. Eu não deixei ninguém entrar na minha vida por oito anos, minha flor, exceto você. Agora, ainda é seu tudo o que eu tenho para dar, mas não vou confiar em você totalmente até que você confie em mim. Então, quando você estiver aí matutando nessa sua cabeça, pense bem nisso.

E com isso ele me soltou e foi-se embora. Ele não desapareceu, o seu armazém era grande demais para se fazer isso, mas fiquei imóvel pelo choque, medo e algo mais. Algo muito diferente. Algo caloroso, bonito e que era ainda mais assustador.

Então, não me virei para vê-lo partir.

DESOCUPADO

Sentei-me na velha poltrona de Hawk e fiquei olhando seu refúgio cavernoso.

Eu acabara de fazer uma viagem de descoberta. Não fui tão longe a ponto de vasculhar sua mesa e as quatro gavetas, mas, depois que ele saiu, peguei uma caneca com café e procurei o único espaço que sabia ser realmente dele.

Fui dar uma olhada na estante sob a plataforma da cama.

Ele tinha uma carrada de CDs, gostava mesmo de música, nenhuma dúvida nisso. Suas preferências se espalhavam por todo canto. Rock ‘n’ roll, da velha guarda, a maioria dos anos 1970. Heavy metal, todos bons, nada de glam metal. Jazz, do tipo suave, das antigas, sem sax pesado como se faz agora. Blues, Billie Holiday e Robert Johnson, muito bom. R&B, um pouco de rap e, completando esta seleção, até mesmo alguns clássicos.

Em outras palavras, não dava para se chegar a uma conclusão – havia muito de tudo.

Fui até os livros e, embora houvesse muitos, eles não me disseram mais nada. Ele não tinha livros de suspense ou de mistério, para relaxar. Eu não conhecia os autores da maioria deles nem sabia do que tratavam, e eu era uma editora de livros. Havia manuais de estratégia de guerra, de combate corpo a corpo e livros de filosofia das artes marciais. Biografias de generais de guerra. Livros de história das batalhas. Nada mais. Nem mesmo um pequeno volume de poesia para me dar alguma pista.

Então, me aconcheguei na poltrona dele e olhei para o seu espaço, minha mente filtrando o que eu sabia da plataforma da cama e do seu escritório. Isso também não me deu nenhuma pista. O que você tem de Hawk é só o que você vê. Sua vida era restrita, organizada e controlada. Não havia personalidade nela. Ele tinha uma família, irmãos, sobrinhos – uma família próxima e que se preocupava com ele, mas não havia fotos. Nem álbuns de fotos. Não havia quadros de medalhas de façanhas realizadas no Exército. Não havia DVDs que mostrassem de que tipo de filmes ele gostava. Nenhum quadro nas paredes que refletissem o seu gosto. Seus móveis e equipamentos eram modernos e caros, sem dúvida, mas também eram pesados, masculinos e duráveis. Mesmo que fossem atraentes, eles eram apenas práticos.

Com exceção deste cantinho. Desta poltrona. Desta mesa. Desta luminária. Eles não combinavam com o resto do loft, mas também não me diziam nada, embora de alguma forma eu soubesse que diziam tudo.

Tudo o que eu sabia era que, se o que ele disse antes de sair e até o que disse sobre quando me viu pela primeira vez fossem verdade, eu devia significar algo para ele antes mesmo de entrar na Ride.

Relatórios diários.

Você não exige relatórios diários sobre alguém com quem não se importa de alguma forma, mesmo que fosse uma forma distante, estranhamente rigorosa e emocionalmente controlada.

Eu suspirei. E tomei uma decisão. Levantei-me e subi a escada para pegar meu telefone. Fui até a cozinha, peguei outra caneca de café e voltei para a poltrona de Hawk. Tomei um gole de café, coloquei a caneca em cima da mesa e me sentei.

Abri meu telefone e rolei a tela. Então vi.

Senti um frio na barriga e meu coração disparou bem antes de sorrir levemente para o meu telefone.

Hawk havia programado quatro números no meu telefone. Um que dizia apenas “Hawk”, que presumi ser o seu celular. Embaixo deste tinha um registrado como “Hawk Base”, e embaixo outro chamado “Hawk Base Privado”, que presumi ser uma linha direta privada com o seu escritório na base. Por último vinha “Hawk Casa”.

Aparentemente, Hawk queria que eu fosse capaz de contatá-lo se precisasse dele.

Só para me divertir, rolei a tela até “Hawk Casa” e cliquei. Segundos depois, o telefone lá de cima, o que ficava em uma das mesas da área de estar, o telefone da cozinha e o da mesa de seu escritório tocaram todos ao mesmo tempo.

Sorri novamente e pressionei o botão vermelho. Então rolei a tela até Hawk e cliquei.

Ele tocou duas vezes antes de ser atendido por uma voz diligente, mas definitivamente atrevida.

– Telefone de Hawk, eu sou Elvira. Fale comigo.

Não falei de imediato porque fiquei surpresa de ela atender.

– Não tenho o dia todo – ela disse prontamente.

– Hã... desculpe, eu estava ligando para o Hawk – eu disse estupidamente.

Houve um silêncio.

Em seguida, um voz estridente respondeu:

– *Gwen?*

– Hã... sim, hã... Hawk está...

– Oi, garota! – ela me cortou. – Como você está? – ela perguntou em um tom de conversa informal, como se não apenas nos conhecêssemos, mas também tivéssemos feito a manicure uma da outra. Bem, como havia arrumado as minhas malas para mim, provavelmente ela pensou que me conhecia.

– Hã... bem – respondi.

– É bom te ouvir – respondeu ela. – A merda que aconteceu com você aconteceu comigo uma vez. Um horror. Hawk então reuniu os rapazes também para lançar uma operação total de resgate em um complexo de motoqueiros para salvar o meu rabo, ou não.

– Sim, isso me faz sentir com um mínimo de segurança – concordei.

– Mínimo! – Ela apupou como se aquilo fosse hilário. Bom, na verdade era. Hawk e seus homens ofereciam muito mais do que um mínimo de segurança.

– Hã... Obrigada por ter arrumando minhas malas.

– Eu é que agradeço a *você*, garota! Arrumar as suas coisas foi como uma viagem à Terra dos Doces feminina. Você tem treze vestidos pretos – ela me informou.

– Eu sei.

– Cada um mais sexy e arrasador que o outro. Ver você em um monte de câmeras me fez pensar que era por causa da sua bunda, talvez do seu cabelo, mas agora sei que é por causa daqueles vestidinhos pretos.

– Hum-hum – murmurei.

– Enfim, do que você precisa? – ela perguntou.

– Hawk está?

– Negativo. Ele está no meio de alguma coisa, não pode receber chamadas, mandou que eu atendesse.

Hum. Isso não soava nada bem.

– Você pode dar a ele um recado para me ligar?

– Claro, mas você pode me dizer do que precisa, pois tenho autorização para cuidar disso. Os rapazes estão ocupados, mas sei que você está de quarentena na casa de Hawk, então se precisar de alguma coisa, é só me dizer que encontro alguém que possa ajudá-la.

– Legal, mas eu só queria saber se tem algum problema se eu pedir para minhas amigas virem aqui.

– Quando você quer que a gente esteja aí?

A gente?

– Hã...

– Saio daqui às cinco horas da tarde, poderia estar aí às cinco e vinte – ela continuou.

– Bem... o negócio é que, hã, eu... – Parei no meio da frase porque, afinal, ela havia saído para comprar um sapato para mim e depois fora até a minha casa fazer as malas. Ela fez as malas direitinho, certificando-se de que eu teria tudo de que precisava. Foi legal ela ter feito isso, mesmo que estivesse sendo paga para fazê-lo. É evidente que ela queria fazer amizade, e eu não queria ferir seus sentimentos.

– O negócio é que o quê? – ela perguntou.

Ah, inferno. Não tive escapatória.

– O negócio é que eu quero ver minhas amigas para falar de Hawk.

– Eu conheço o Hawk – ela se ofereceu.

– Sim, mas ele é o seu chefe.

– Isso mesmo, garota, então você precisa de mim aí.

– Eu preciso?

– Querida, Janine pode ser a encarregada de fazer o trabalho pesado para organizar a vida dele, mas quem você acha que faz a lista de compras de mantimentos e manda que ela vá comprar as calças cargo? *Eu*. Você quer informações sobre Hawk, pois lhe digo que não há ninguém mais bem preparada para essa operação do que eu.

– Isso não seria meio impróprio? – perguntei, e ela apupou (de novo).

– Sim, mas foda-se, quem se importa? – ela rebateu com outra pergunta e continuou: – Ouça-me, Gwen. Trabalho para Cabe Delgado há sete anos. Quando pus o rabo neste lugar para uma entrevista de trabalho, pensei que tinha morrido e ido para o céu. Homens bonitos em toda parte. Umass bundas que nem te conto! Eu trabalharia aqui de graça. No primeiro dia, depois de meia hora trabalhando, esses rapazes já eram um pé no saco. Botar as coisas deles em ordem é como pastorear gatos. Felizmente, isso aqui é um colírio para os olhos, então dá para ter satisfação no emprego. Não fosse assim, há muito tempo eu teria ido até o armário de suprimentos, pegado um cassetete e dado umas porradas nesses soldados. Até que alguns dias atrás, Hawk entra aqui e me diz para ir à Nordstrom. A Nordstrom! Eu não perguntei nada, só peguei o cartão da empresa e tirei minha bunda da cadeira. Estava de saco cheio daquela merda. Se você acha que eu não faria tudo ao meu alcance para que, entre as minhas obrigações, haja uma ida ocasional ao shopping, você... está... *enganada*.

Ai, Deus.

– Talvez você não seja capaz de ter muita objetividade durante a discussão – sugeri.

– Pode apostar o rabo que eu não vou ser objetiva – ela concordou, em seguida, continuou. – Eu te vejo às cinco e vinte. O que você bebe?

– Hã... Cosmopolitans.

– Eu cuidarei disso – declarou ela, em seguida ordenou: – Chame suas amigas e te vejo mais tarde.

Ela desligou e fiquei no ar.

Hum. Eu não tinha certeza do que tinha sido aquilo. O que eu tinha certeza era de que Elvira estaria aqui às cinco e vinte.

Liguei para Cam e Tracy, para saber se as duas poderiam estar aqui às cinco e vinte para uma reunião cujo tema era Cabe “Hawk” Delgado. Eu dei-lhes instruções sobre como chegar no endereço e como deviam ter cautela com o acréscimo inesperado de Elvira à nossa reunião. Depois bebi mais café.

Então, por ser uma mulherzinha idiota, peguei meu telefone e abri só para ver os números de Hawk na minha lista de contatos. Quando rolei a tela, vi a barra destacando o nome “Ginger”.

Fiquei olhando para o nome da minha irmã. Então pensei no fato de que o melhor cenário seria a minha irmã entrar no programa de proteção a testemunhas, e evitei pensar no pior cenário, porque só de pensar nos riscos me dava urticária.

Então criei coragem, pressionei o número dela e levei o telefone ao ouvido.

– Que é? – ela atendeu.

Puta merda. Ela atendeu!

– Ginger? É Gwen.

– Eu sei, sua vaca.

Ok, talvez eu me lixasse se minha irmã sumisse no programa de proteção a testemunhas.

O problema era que eu me preocupava com os prováveis piores cenários.

– Você está bem? – perguntei.

– Desde quando você se importa?

– Ginger...

– Olha, eu tenho coisas pra fazer. Não perca seu tempo ligando e fingindo que se importa, ok?

– Mas eu me importo, *mesmo* – respondi.

– Ah, claro.

Sarcasmo.

Ora, ora, acho que os graves problemas de Ginger não fizeram com que ela refletisse sobre o seu modo de vida e as relações familiares. Por que isso não me surpreende?

– Sim, Ginger, é claro. Ouça-me, sei que nunca seremos irmãs próximas, você não bebe Cosmopolitans e eu não faço viagens de ácido, mas ainda assim você é minha irmã. Estou tendo o gostinho dos seus problemas e me preocupo. Pode não acreditar em mim, mas essa é a verdade. Estou preocupada, papai está preocupado e Meredith está preocupada.

– Nenhum de vocês estava preocupado na outra noite, quando eu precisava da merda de um banho – ela contra-argumentou.

– Isso foi antes das bombas incendiárias e da invasão da minha casa com aquele tiroteio todo.

Silêncio.

– Talvez eu possa fazer alguma coisa por você – ofereci gentilmente ao silêncio.

– Ah, sim, claro, agora você é voluntária para fazer alguma coisa por mim. Todos esses anos você me tratou como se eu fosse uma merda qualquer. Agora sua sala de estar explode e você acorda. É isso?

– Todos esses anos não tratei você como se fosse uma merda qualquer – eu neguei, e fiz isso porque era uma puta *verdade*.

– Hum-hum. – Mais sarcasmo.

Agora eu estava ficando puta.

– Hum-hum – repeti. – Não sei o que há com você, mas se tiver tempo para processar isso, nós o faremos. Veja, não fui *eu* que cortei o cabelo de *suas* Barbies. Não fui *eu* que roubei as *suas* coisas para comprar drogas. Não fui *eu* que enfiei a mão dentro da calça dos *seus* namorados. E não fui *eu* que trepei com o *seu* marido.

– Eu sabia que você ia acabar jogando isso na minha cara – ela rebateu.

Ela estava falando sério?

– Você trepou com o meu marido! – gritei.

– Sim, Gwen, e depois você deu um pé na bunda dele. Para começo de conversa, você nunca deveria ter se casado com aquele cara de cu. Agora está tendo um caso com a porra daquele Hawk Delegado, de todas as malditas pessoas deste mundo, você devia estar beijando os meus malditos pés.

O argumento teve mérito.

– Eu sabia que você fez isso por mim – eu disse calmamente.

– Alguém tinha que acordar você.

Ai, meu Deus.

Era amor fraternal o que eu estava sentindo por Ginger? Eu não saberia dizer, pois não sentia isso pelo que parecia séculos.

– Ginger, querida, por favor, me escuta...

– Não. Eu não sei o que aquele Conan disse, mas você não tem ideia do que está acontecendo comigo.

O que eu sei é que a perfeita e meiga Gwennie não tem as ferramentas necessárias para me ajudar a sair dessa merda. Ninguém tem. Nem mesmo o Conan. Estou nessa sozinha e estou cagando. Sempre estive nessa sozinha.

– Talvez se você aceitar um pouco de ajuda...

– Vá se foder, Gwen. Você não quer me ajudar. Você quer é que os caras parem de te atacar.

– Sim, eu quero. Claro que sim – concordei. – Mas também não quero que minha irmã fique sozinha enfrentando esses bandidos todos, quando talvez eu possa ajudar.

– Não *há* ajuda pra isso.

– Ginger...

– Não me telefone de novo, Gwen. Nunca. Entendeu? – ela sussurrou.

Fim da ligação.

Fechei o aparelho e sibilei, *Merda!*

Assim que desliguei, ele tocou. Peguei-o de volta, abri, pensando que fosse Ginger, e atendi.

– Ginger?

– Não – ouvi. – Troy.

Ai, que merda.

– Troy – eu disse, calmamente.

– Sim, lembra de mim?

Epa.

– Troy, eu...

– Sua casa foi metralhada. Liguei quatro vezes, ninguém atendeu. Ouvi pela Tracy que você estava bem. Você telefona quando a torneira não fecha direito, mas não liga quando estou louco de preocupação porque sua sala de estar foi metralhada?

– As coisas ficaram um pouco fora de controle.

– Gwen, a sua casa sofreu um *atentado*. Sei que as coisas ficam fora de controle numa circunstância dessas, mas tanto assim para não ligar para a porra do seu *amigo* e deixá-lo saber que você está bem?

– Minha mãe apareceu ontem – informei a ele. – Eu estava um pouco fora de mim.

– Eu posso entender que Meredith esteja assustada com tudo isso...

– Não, Troy, não foi Meredith, foi a *minha mãe*.

Silêncio.

Respirei fundo.

– Hawk ofendeu você e sinto muito por isso. Ele é... hã... meio... sei lá. Esse é o jeito dele. Não sabia o que dizer a você então...

– Você não sabia o que me dizer porque escondeu um relacionamento de mim por um ano e meio. E, como um imbecil, eu fiquei trabalhando na sua cozinha e na sua casa por todo esse tempo, enquanto você flanava com Rambo.

– Não foi bem assim – eu disse, e não foi. Eu só não tinha intenção de dizer-lhe *como foi*.

– Mentira. Foi bem assim. Então acho que mereço uma explicação de por que você me fez de imbecil, Gwen.

Tudo bem, eu estava ficando puta novamente.

– Na verdade, Troy, o como é que foi não é da sua conta. Não o fiz de imbecil. Você é meu amigo.

Quando precisamos de alguma coisa, chamamos os amigos.

– Sim, você não tem nenhum problema em fazer isso.

– E você também não – respondi. – Você me chamou quando teve aquela gripe horrorosa, e o levei ao médico e depois para casa. Fiz com que você tomasse o seu remédio direitinho e tivesse lenços de papel suficientes, e ainda limpei seu balde de vômito. E uma última notícia, Troy, eu não gosto *nada* de vômito. Evito vômitos como evito batons de tom laranja, em outras palavras, a todo custo. Mas fiz isso por um amigo.

– Gwen...

– E quando você queria impressionar uma garota na sua casa, não era a mim que você chamava para preparar uma refeição de três pratos para depois poder dizer a ela que foi você que preparou?

– Eu...

Eu o cortei na hora e puxei as armas maiores.

– E não fui eu que larguei tudo e viajei até Tucson com você para que pudesse ajudar sua mãe a organizar as coisas para trazer o corpo do seu pai de volta a Denver para o funeral?

– Querida...

– Não era uma rua de mão única e você sabe disso – eu o interrompi novamente. – Dei na mesma medida em que recebi, e me chateia que você venha agora dizer uma coisa diferente. A minha sala agora está um desastre, não posso voltar para casa, meus pais não podem voltar para casa, minha irmã está toda encrocada e minha mãe caiu de paraquedas de repente, porque ouviu dizer que estou namorando um homem que pode me pagar Jimmy Choo, então ela quis voltar e pegar a parte dela do... do que fosse. Eu não a vejo há décadas e lá estava ela. Descobri que ela sempre esteve por perto, mas nunca se importou em se aproximar até o dia em que descobriu que poderia tirar alguma vantagem. Lamento por Hawk ter ferido seus sentimentos e, acima de tudo, saiba que tive medo de perder você por causa disso. Mas não preciso dessa merda agora, Troy. Preciso dos meus amigos em volta de mim e, se você não puder ser um amigo, não sei o que dizer, exceto que seria muito triste descobrir isso agora, depois de tudo que fomos um para o outro.

– Estou apaixonado por você, Gwen – ele sussurrou, sem hesitar, direto como um soco na cara.

Respirei fundo e não respondi, só fiquei olhando para o meu colo experimentando aquela dor no meu coração. – Querida? – ele me chamou quando emudeci.

– Queria que você tivesse me contado antes – eu disse. – Não posso dizer o que teria acontecido se você tivesse me contado, mas agora... agora, não posso lidar com isso, Troy. Eu adoro você, acho você muito legal, mas tenho um homem na minha vida. Não sei onde isso vai dar, tudo o que sei é que o que ele me faz sentir me assusta pra burro e preciso me concentrar nisso.

– Eu sei por que ele te assusta, querida – Troy respondeu gentilmente.

– Por quê?

– Porque ele tem Scott Leighton escrito por todo o corpo.

Respirei fundo sonoramente.

– Troy...

– Com você, é assim. Sempre foi assim. Os caras bonitões que pensam que a merda deles não fede e acabam passando por cima de você.

Ah, Deus.

Troy continuou:

– Doeu bastante quando Scott usava sapatos. Como é que vai sentir quando o cara usa botas de combate?

– Eu não tenho certeza de que ele é assim.

– Eu o encontrei uma vez só, não o conhecia, e ele não hesitou em me dizer o que disse na sua frente, na frente de Trace e de todos aqueles caras que nunca vi. Ele cagou e andou pra mim. Você acha mesmo que se ele tiver algo a dizer que você não vai gostar ou se planejar fazer algo que possa magoá-la, ele vai se importar com você?

– Acho que o conheço melhor do que você, Troy. Ele não é como as outras pessoas. Ele realmente pensava que estava lhe fazendo um favor.

– Pois pensou errado, Gwen. Você e eu sempre fomos próximos e agora estamos tendo essa conversa. Isso foi o que *ele* fez. Ele pode ter dito a você que estava me fazendo um favor, mas esse sujeito é daquele tipo que mijá nos cantos. Você é território dele, ele me viu ultrapassando a fronteira e tratou de me expulsar. Não acho que tenha sido outra coisa.

– Não quero magoá-lo ainda mais, querido, mas não creio que ele veja você como um concorrente – eu disse gentilmente.

Um momento de silêncio, depois uma voz baixa.

– Entendi.

– Troy, não faça isso com a gente.

– Eu não fiz nada, Gwen. Rambo fez.

Abri minha boca para falar, mas ele já tinha desligado.

Fechei o aparelho, fiquei olhando para ele e sibilei de novo: *Merda!*

E mais uma vez o telefone tocou na minha mão.

Eu o abri imediatamente e atendi.

– Não é nada educado desligar...

– Baby... – Hawk me cortou.

– Hawk?

Fiquei surpresa. Pensei que ele estivesse incomunicável.

– Dê-me uma boa razão para você ter ligado para Ginger.

Fiquei paralisada e depois percebi que ele sabia tudo sobre mim, o que devia incluir o monitoramento dos meus telefonemas.

– Hawk...

– Você não a conhece.

– Hawk...

– Se você não conhece uma pessoa, é óbvio que não deve falar com ela.

– Hawk...

– Se você fala com ela e estiverem monitorando a comunicação de vocês, eles vão ouvir você, vão encontrá-la ou podem fazer suposições.

Ok, algo novo para acrescentar à minha lista de como Hawk poderia ser irritante, o que incluía as vezes em que ele tinha razão, como essa.

– Vi o nome dela na minha lista de contatos e liguei por impulso – admiti.

– Não, você viu o nome de sua irmã na sua lista de contatos, lembrou-se de que está preocupada com ela e por isso ligou – Hawk corrigiu.

– Bem, é a mesma coisa.

Ele deu um suspiro.

– Baby.

Mudei de assunto.

– Pensei que você estivesse ocupado.

– Estava, mas a base recebeu o ping do seu telefone, Mo chamou Jorge, Jorge veio atrás de mim e ele não está ocupado como eu. Ele me passou a mensagem de que você estava contatando a porra da sua irmã e eu tive de me fazer desocupado.

– Ah.

– Gwen, baby, faça-me um favor. Confie em mim o suficiente para saber que vou fazer o que posso por sua irmã. E confie em mim o suficiente para saber que eu posso lidar com as consequências emocionais se nós descobirmos que não há nada que eu possa fazer por sua irmã. Está bem?

Olhei para o meu colo, para seus livros, seus CDs e para seu refúgio.

– Gwen, você está aí? – Hawk chamou.

Ele ficou desocupado. Para mim.

Ele queria que eu confiasse nele para consequências emocionais.

Olhei para a sua casa. Ele ainda não me dizia nada.

Mesmo assim, eu sabia que Troy estava errado.

– Eu estou aqui – eu disse calmamente. – E vou lhe fazer esse favor.

– Obrigado, minha flor – ele também disse calmamente.

– Minhas amigas estão vindo me ver aqui mais tarde, tudo bem pra você? – perguntei.

– Sim, baby.

– Elvira decidiu que ela é minha amiga – contei a ele.

– Nenhuma surpresa nisso – respondeu ele.

– Você precisa ficar ocupado novamente? – perguntei. Embora ele não tivesse me passado nenhuma

vibração de impaciência ou preocupação, supus que, se ele não estava atendendo suas chamadas, é porque devia estar numa missão importante que exigia sua total atenção.

Atenção que ele desviou para mim.

Merda.

– Sim – ele respondeu.

– Ok, eu vou deixar você ir.

– Até mais tarde, baby.

– Até mais tarde, Hawk.

Fim da ligação.

Fechei o telefone e fiquei olhando demoradamente para a casa dele sem me fixar em nada.

Então abri o telefone novamente e liguei para informações para saber o número do meu agente de seguros, porque eu precisava comunicar o ataque à minha casa.

RAINHA DA CANTADA FRACASSADA

– Ah, meu Deus! Este lugar é *de-mais!* – Esta era Tracy, que desfilava pelo armazém olhando em volta como se tivesse acabado de encontrar o jardim dos doces com chocolate jorrando da fábrica de Willy Wonka. Seus olhos se encontraram com os de Elvira, que estava na cozinha. – Oi, garota! E aí?

– Satisfação no emprego, Varapau, e com você? – Elvira respondeu com um sorriso enorme tirando o peso de seu apelido para Tracy (assim eu esperava).

Se Cam era yin para o yang de Tracy, Elvira era yang para *todos* os nossos yins. Não devia ter mais de 1,60 m, era redonda, de pele macia, e seu café era perfeito. Seu cabelo era aparado na nuca e dos lados, mas havia uma franja pesada e grossa na frente, com mechas louras. Sua roupa estava tão longe de assemelhar-se com as dos soldados que não era engraçado. Se o código de vestuário de Hawk permitia a roupa de Elvira, eu queria um emprego lá. Vestido curto de malha amarelo-mostarda, decote com ombro de fora e botas de camurça vermelha na altura da coxa.

Elvira estava na cozinha criando o que ela chamava de “tábuas”, só que suas tábuas estavam sendo feitas nos pratos quadrados azul-escuros de Hawk. Estava fazendo isso porque entrou em casa carregada de sacos da Crate & Barrel e da Fresh & Wild e me informou que saíra cedo do trabalho para poder dar uma passada lá. Os sacos continham copos novos de martíni (um conjunto de quatro, longos e ultrafinos), uma coqueteleira de martíni, uma fatia gigantesca de queijo brie, uma bisnaga de pão francês, uvas, maçãs, azeitonas variadas, pepino em conserva, compota de cebola roxa, biscoitos variados, chocolates variados e um enorme pedaço de patê.

Ah, e ela trouxe os ingredientes para os Cosmopolitans.

Ela me ganhou de cara com os copos de martíni. Com o resto, declarei meu amor eterno por ela e disse que fora oficialmente aceita no meu clube de amigas.

Não era brincadeira.

Quando eu disse isso, Elvira apenas riu e percebi que ela apenas riu porque já achava que fazia parte do meu clube de amigas ou pretendia fazer.

– Meu Deus, ele mora aqui? – perguntou Cam, andando atrás de Tracy, também olhando em volta com surpresa e uma pequena, mas profunda, pitada de admiração.

– Ele gosta de espaço – respondi.

– Está na cara – Cam respondeu.

– Quem é você? – Elvira exigiu saber, erguendo os olhos para Cam.

– A melhor amiga de Gwen – respondeu Cam.

Tracy tinha ido para o bar e, apoiando os braços no balcão, disse a Elvira:

– Nós dividimos esse título.

Elvira me olhou por cima do ombro e me encarou no meu posto atrás do balcão.

– Se isso for verdade, menina, é melhor você decidir porque não dá para ter duas damas de honra.

Tenho uma amiga que tentou fazer essa merda e só teve dor de cabeça... Aquelas duas competiam por tudo. Claro, a princípio parecia tudo uma maravilha, dois chás de panela, duas despedidas de solteira, duas mulheres empenhadas em realizar todos os caprichos da noiva. Mas a merda fedeu. Todas acabaram brigando e no grande dia ninguém estava falando com ninguém. Foi um desastre. Tive que entrar na história e o vestido não cabia em mim. Tiveram que amarrar o filho da puta com um cadarço na parte de trás. É impossível andar pela nave da igreja e esconder um cadarço. Tive que andar meio de lado. Foi engraçado. Eu é que não estava achando nada engraçado. Agora não falo com ela também, mas não é por causa do cadarço. É porque ela me deixa *maluca*. Sempre foi assim, mas acho que sou muito boazinha, isto é, até a hora em que não tenha mais vontade de ser boazinha.

Mas eu estava encasquetada com a frase que ela disse antes, “não dá para ter duas damas de honra”, e hiperventilando ao mesmo tempo que uma torrente de imagens de um casamento estilo militar enchia a minha cabeça. Hawk vestindo uma calça cargo preta e eu, um colete branco à prova de balas enfeitado com rendas. Eu carregando um buquê de flores e Hawk, uma arma automática. Eu admirando a enorme faca de caça de Hawk. Hawk me retirando da recepção carregada em seus ombros como numa operação resgate, enquanto balas voavam e chamas provocadas por coquetéis Molotov evoluíam na pista de dança.

Tracy também estava presa naquela frase, as imagens que brotavam em sua mente muito, mas *muito* diferentes das minhas e, portanto, ela bateu palmas e deu um gritinho:

– É isso! Elvira tem informações privilegiadas, e *ela* está dizendo que essa história tem futuro!

– Ai, meu Deus, eu ainda nem sentei minha bunda na banquetta e já estou precisando seriamente de um Cosmopolitan – Cam resmungou.

– Bem, traga essa sua bunda até aqui e agite essa coqueteleira, menina. – Elvira disse a Cam e, em seguida, olhou para Tracy. – Quanto ao futuro, não sei se Hawk é do tipo que casa, mas se você me perguntasse uma semana atrás, eu teria dito *nem morto*, mas há uma semana ele também não era do tipo que compra sapatos para uma mulher, então agora o meu palpite é de que tudo pode rolar.

– Cam, anda logo, um Cosmopolitan – sussurrei.

– Já resolvo isso, querida – Cam murmurou.

– Bem, eu vejo as coisas boas, mas sempre vi as coisas boas – disse Tracy, sentando-se em uma banquetta e inclinando-se para pegar uma azeitona na tábua de Elvira.

A faca de pão que Elvira estava usando caiu no balcão e Tracy levou um rápido tapa na mão.

– Eu ainda não acabei – disse Elvira quando Tracy recolheu a mão, olhando para Elvira em estado de choque. – A apresentação é tudo. Não venha *zonear* a minha apresentação.

– Tudo bem – disse Tracy, desviando os olhos para mim. Mordi os lábios e Elvira voltou a trabalhar

e, para o meu pavor, também voltou a falar.

– Os meninos da base não são chegados em fofocas, eles fazem cara feia diante desse comportamento de mulherzinha ou maricas, e digo cara feia no sentido de que se você se comportar assim, corre o risco de levar um corretivo com afogamento simulado.

Putá merda!

Elvira continuou:

– Eles podem falar da bunda de quem estão de olho, mas isso é tudo. A pior parte do trabalho. Quem já ouviu falar de um trabalho onde não haja fofoca? Mas uma coisa eu posso lhe garantir. – Ela virou-se para mim e apontou a faca de pão na minha direção. – *Você* foi objeto de fascínio por um *boom* tempo.

Ah, merda.

Elvira voltou para o seu pão.

– Nada de conversas. Nem cochichos. Hawk ficaria maluco se soubesse e daria uma lição nos caras, e Hawk já é pirado o suficiente, então ninguém ia querer se arriscar. Mas isso não significa que olhares não fossem trocados, e um olhar às vezes diz tudo.

Tentando normalizar a minha respiração, olhei para Cam, que era a pessoa mais equilibrada que eu conhecia. Cam estava voltando para o balcão com uma coqueteleira cheia de gelo e estava mordendo o lábio.

Ah, *merda*.

– Cam? – chamei.

Ela parou de morder o lábio, mas manteve os olhos grudados na coqueteleira de martíni quando respondeu.

– Sim, querida?

– Você tem algo a dizer? – perguntei.

– Claro que ela tem – Elvira completou. – Eu ouvi os relatórios. Sei o nome das suas amigas. Camille. Ela trabalha no setor de expedição do Departamento de Polícia. Os tiras não se importam de fofocar, então eles estão sabendo da merda que aconteceu hoje.

Eu estava encostada no balcão, mas ao ouvir isso, saí dali e me posicionei ao lado de Elvira para ficar encarando Cam.

– Que merda aconteceu hoje? – perguntei.

– Você não me contou de merda nenhuma no carro – Tracy acrescentou, com os olhos fixos em Cam. Camille estava colocando vodca, mas continuou calada.

– Cam – insisti.

Cam colocou a garrafa de vodca de volta no balcão e olhou para mim.

– Eu não quero gostar dele – ela disse.

Senti o estômago apertar.

Elvira recuou, erguendo as sobrancelhas.

– Por que não?

– Ele é... – ela calou-se e pegou o suco de cranberry.

– Cam – repeti.

Ela colocou o suco de cranberry no balcão e olhou para mim.

– Está bem. Leo me ligou e contou o que aconteceu. Ele me contou o que aconteceu logo depois que aconteceu, porque ele estava lá. Na verdade, ele mal podia esperar para ligar.

– O que aconteceu? – perguntou Tracy.

– Hawk Delgado perdeu a cabeça, pirou, foi isso que aconteceu – respondeu Elvira.

– Ele o quê? – perguntei, chocada.

Cam assentiu.

– Com Jerry Travers.

– Quem é Jerry Travers? – perguntou Tracy.

Cam olhou para ela. – Pelo que Cabe Delgado conseguiu rastrear, ele é o sujeito que começou aquela merda de dizer que Gwen era tapa-buraco.

Ai, meu Deus, eu disse comigo mesma, o estômago apertando cada vez mais.

– Ai, meu Deus – Tracy sussurrou em voz alta.

– Ai, meu Deus foi isso mesmo – Elvira confirmou.

– O que aconteceu? – perguntei a Camille.

– Bem, Leo disse que Cabe Delgado não é nenhum burro de entrar no Departamento de Polícia e agredir um policial. Isso não significa que não pudesse manifestar seu desagrado de forma clara e cristalina, como ele de fato fez, e em *público*.

– Ai, adoro isso – Tracy exultou. – E como foi que ele fez isso?

– Leo disse que ele partiu pra cima de Jerry, olhou bem pra cara dele e o ameaçou na frente de todo mundo – Cam respondeu, e além do estômago apertado, fiquei com um frio na barriga. – E essa ameaça foi clara e aberta. Todo mundo está falando sobre isso.

– Sério? – Tracy sussurrou.

Cam assentiu e depois olhou para mim, sua expressão demonstrando sentimentos conflituosos. Ela não sabia o que fazer com aquilo.

– Leo estava radiante. Ele até usou essa palavra, radiante. Esse homem nunca usou a palavra radiante. Em primeiro lugar, ele já não vai muito com a cara de Jerry Travers, porque Jerry Travers fica falando besteiras a seu respeito e porque ele é um babaca. Conheço o Jerry. Isto é verdade. Ele é um babaca, e não falou essas merdas para mim, porque sabe que somos amigas próximas. Em segundo lugar, Leo gosta de você, você sabe disso, Gwen, e o fato de Delgado ir até lá para humilhar um agente da lei porque estava falando coisas horríveis de você, bem, ele achou que isso foi bem feito.

Achei que foi bem feito também.

Olhei para as tábuas.

– Depressa, Elvira, se você não acabar com isso logo, vou avançar na massa de cookie – eu disse a ela.

– Massa de cookie é para frustrações amorosas e problemas com a irmã, por que você iria avançar na massa de cookie? – perguntou Tracy.

– Massa de cookie tem muitas funções. Não é apenas para frustrações amorosas e problemas com a irmã. É também para quando você está pirando com a sua vida amorosa – respondi.

– Eu vou lhe dizer uma coisa – Elvira anunciou, colocando pequenas fatias de pão na tábua ao lado de pequenas fatias de maçã arrumadas em forma de leque, todas em volta de um reluzente grupo de uvas suculentas colocadas bem no meio. – Se Hawk me colocasse no radar dele, observasse cada movimento meu por um ano e meio e acionasse sua tropa toda vez que eu tivesse algum problema, não haveria massa de cookie à vista. Eu ficaria de joelhos ao lado da cama rezando e agradecendo ao bom Deus por ter ouvido as minhas preces. Depois colocaria meu pijama de ursinho roxo, que combina com a minha pele, e ficaria na cama contando os minutos até ele voltar para casa.

– Eu uso camisola para dormir – disse a ela. – Embora tenha um caftã sexy.

Elvira virou-se para olhar para mim.

– Vi esse caftã, querida, no meio das suas roupas. É muito bonito. Mas Hawk me parece um homem de cetins e rendas.

Hum. Parece que Elvira fez um serviço completo quando mexeu em minhas coisas para fazer as minhas malas.

– Ele é um homem de cetins e rendas? – perguntou Tracy.

– Não, acho que é um homem do tipo bote tudo que quiser – respondi. Ou, mais precisamente, tire tudo que estiver no meu caminho.

Elvira deu um largo sorriso.

– Hum-hum.

Olhei para Cam.

– Camille. O Cosmopolitan.

Cam ergueu a coqueteleira de aço inoxidável e começou a sacudi-la.

– Tudo bem, só digo que as coisas poderiam ter começado um pouco mais devagar – Trace afirmou, lançando mão de um óbvio eufemismo. – Mas às vezes, sabe como é, os homens demoram um pouco mais para entender que querem um compromisso.

– Nem me fale – Camille murmurou, retirando a tampa da coqueteleira de martíni e começando a servir.

Mordi o lábio e desviei os olhos para Tracy.

Então disse:

– Leo está comprometido com você.

– Hum-hum – Cam continuou a servir.

– Ele ama você demais – Tracy acrescentou.

– Hum – Cam murmurou, colocando a coqueteleira no balcão e começando a passar os copos.

– Você tem um homem com problemas de assumir um compromisso, menina? – perguntou Elvira, colocando a porção de patê no meio de alguns biscoitos cuidadosamente espalhados.

– Cinco anos de relacionamento, quatro morando juntos – respondeu Camille.

– Caramba – Elvira murmurou, usando a faca de pão para abrir a embalagem do queijo brie.

– Pois vejo coisas boas, e essas coisas boas acontecerão em breve, sinto isso dentro de mim – eu disse logo em seguida, pegando meu drinque. – Ele está perto disso, Cam, eu sei.

– Eu sei disso também! – Trace acrescentou, mas Elvira estava olhando para mim.

Depois ela olhou para Cam.

– Eu posso ler as pessoas – ela afirmou, levantando a faca de pão e aproximando-a do seu rosto até a lâmina ficar girando a dois centímetros de distância de sua pele enquanto eu prendia a respiração. – O rosto. Um rosto não mente. Como naquele programa de TV. Eu tenho o dom. E sua amiga aqui, ela não mente. Não sou de instilar falsos otimismo nas pessoas, sei disso porque eu mesma tenho a minha cota de fobia a compromisso, e são tantas que eu poderia escrever o Catálogo de Fobias de Compromisso de Denver, mas ela vê coisas boas, é capaz de sentir isso na própria pele, ela é sua amiga, não está mentindo, o que significa... – ela apontou a faca de pão para o rosto de Cam – dê a esse rapaz algum tempo.

Depois da previsão de Elvira, Cam estava olhando para a faca a dois centímetros de seu rosto, então estendi a mão, fechei-a em torno do pulso de Elvira e fiz com que ela abaixasse a mão com a faca. Quando fiz isso, seus olhos desviaram-se para mim.

– Hawk tem uma regra sobre o uso adequado de facas em sua casa – murmurei.

– Aposto que tem – respondeu Elvira. – Ele tem uma regra sobre o uso adequado de estrelas ninja?

– Provavelmente – respondi, porque provavelmente era verdade.

– Será que posso beber um Cosmopolitan agora? – Trace pediu e Cam terminou de entregar os drinques.

– As tábuas estão prontas – Elvira anunciou, colocando o brie ao lado das uvas. – Vamos para a sala de estar?

As meninas pegaram os grandes pratos de comida e fui até as prateleiras para pegar os pratinhos, depois fomos todas para a área de estar. Cam e Tracy sentaram nas poltronas reclináveis. Elvira e eu nos sentamos em extremos opostos do sofá. A comida estava na mesa de centro à nossa frente e todas nós ficamos olhando para ela, em parte porque ninguém queria tocar em nada sem o consentimento da Elvira, e em parte porque ela estava certa, tudo tinha a ver com a apresentação e ela definitivamente tinha talento. A comida estava ótima. Boa o suficiente para ser fotografada para uma revista.

– Bem – perguntou Elvira. – O que vocês estão esperando? Mãos à obra!

Caímos na comida feito abutres.

Eu estava enfiando na boca uma fatia de pão coberta de compota de cebola roxa, patê e fatias de pepino por cima quando Elvira observou:

– Eu deveria ter comprado umas faquinhas especiais para queijos, com aqueles cabos chiques cheios de frescura. A Crate & Barrel deve ter algumas boas. Você tem brie, patê e essa fantástica louça de faiança, precisa ter essas faquinhas especiais.

Acho que o secreto armazém de cimento, ferro e tijolo de Hawk poderia lidar com elegantes copos de martíni, mas não creio que aceitaria faquinhas de queijo com cabos cheios de frescura.

Eu não disse isso à Elvira.

Em vez disso, perguntei às presentes (o que significava Tracy e Camille, uma vez que Elvira não me conhecia realmente):

– Vocês acham que eu vivo demais só na minha cabeça?

Na mesma hora, Tracy e Cam olharam uma para a outra.

– Isso significa... sim. – Elvira traduziu, com a boca cheia de queijo brie e maçã.

Olhei para Trace e depois para Cam.

– Vocês acham?

– Garota... – Cam começou.

– Está tudo bem – disse Tracy rapidamente. – Todas nós fazemos o que precisamos fazer para nos proteger, e você precisa do seu mundo de sonhos para viver.

– Não vivo em um mundo de sonhos – eu disse, mas isso não era verdade. A maior parte do tempo vivia. Não o tempo *todo*. – Eu vivo a minha vida. Eu saio. Eu me divirto. Eu ponho a cara na rua.

– Leo chama você de a Rainha da Cantada Fracassada – disse Cam, e meus olhos se desviaram para ela.

– Como é que é?

– Rainha da Cantada Fracassada. Você se arruma toda, sai, distribui sorrisos, conversa, paquera... só isso, mais nada. “Olha, foi ótimo falar com você! Tchau, Tchau!” Sem número de telefone. Sem nada. Eles pensam que você está na deles, que vão ganhar você, vão levá-la pra cama, mas você se manda e nem olha para trás. Eles ficam na mão. A Rainha da Cantada Fracassada.

Hum. Nossa.

– Eu faço isso? – perguntei, mas sabia que sim. Não *sabia* até então, mas no momento em que me disseram que eu fazia isso, eu soube que era verdade.

– Sem-pre – Tracy confirmou em um sussurro.

– O Delgado disse que você vive só na sua cabeça? – Cam perguntou e assenti. – Por quê?

– Nós estávamos tendo uma... discussão. Eu disse a ele que precisava pensar no que ele disse, e então ele falou que eu não precisava pensar, que eu vivo demais só na minha cabeça, que me tranco, que me fecho para a vida. Disse que eu não me entrego. Ele disse que eu sempre estou... tipo com um pé atrás, afastando-o – respondi.

Os olhos de Tracy e Camille voltaram uma para a outra.

– Vejo você fazer isso também – comentou Elvira.

– Eu sou aberta e amigável! – afirmei, categórica.

Cam suspirou, recostou-se na poltrona e tomou um gole do Cosmopolitan.

Ela estava me preparando.

Ah, merda.

Então ela disse:

– Querida, sei que você passou por coisas demais na última semana, mas já teve a oportunidade de parar e pensar no que está acontecendo com você e o Delgado?

– Sim – respondi de imediato. – Penso nisso o tempo todo.

– E a que conclusão chegou, querida? – perguntou Elvira.

– Eu não sei, tenho que pensar mais no assunto – respondi. Elvira revirou seus grandes olhos e fez isso para Tracy. Tracy deu uma risadinha.

Merda! Eu estava vivendo na minha cabeça novamente.

– Tudo bem – eu disse a Cam, sabendo que estava vivendo perigosamente. – Diga-me o que você acha disso tudo.

– Eu vou dizer – Cam respondeu.

Que ótimo.

Ora, fui eu que quis saber, então Cam ia me responder no puro estilo Cam de ser.

– Ocorreu-lhe que, depois de todo esse tempo fazendo nada além do desagradável, você falou com esse cara uma vez, *uma vez só*, e ele já dominou a sua área? – Cam perguntou.

Não. Não, isso não havia me ocorrido.

– Não – sussurrei.

– Então, digamos que você abra a boca para fazer mais do que apenas uma coisinha aqui e outra ali quando ele a visitava durante a noite, onde acha que vocês estariam agora? – continuou Cam.

Oh, meu Deus.

Eu não respondi, mas Camille respondeu por mim.

– Eu diria que você estaria exatamente onde está, querida.

Oh, meu *Deus*.

– Eu... – comecei.

– Você já está com esse pé atrás há um ano e meio, Gwennie – Trace disse calmamente.

– Hum-hum – Elvira murmurou enquanto bebia seu Cosmopolitan.

Deus! Eu odiava quando Hawk tinha razão!

– Vocês... vocês... – gaguejei. – Acham que eu deveria deixar de ter um pé atrás?

– Sim – Tracy disse na mesma hora.

– Claro que sim – acrescentou Elvira seu voto.

– A sessão está suspensa – Cam respondeu, levantou-se e declarou que a discussão tinha acabado e que era hora de eu me resolver sozinha, e ela fez isso, anunciando: – Vou preparar mais Cosmopolitans. – Então deslizou para a cozinha com seus saltos de 10 cm.

Eu me inclinei para frente e peguei um cacho de uvas e um punhado maior de chocolates sortidos. Precisava pensar naquilo tudo.

Ou talvez não.

Merda.

Cam preparou Cosmopolitans, nós bebemos, comemos e eu realmente queria falar sobre algumas outras coisas que Hawk me dissera, principalmente porque Elvira estava lá e ela trabalhava para ele havia sete anos, portanto poderia fornecer algumas informações. No entanto, Elvira também precisava trabalhar para manter-se naqueles fantásticos vestidos de malha e botas vermelhas de camurça, então eu não queria colocá-la numa situação delicada ou afogá-la em fofocas sobre seu chefe. Assim, mantive as perguntas para mim mesma.

Também fiz isso porque, no final das contas, eu deveria perguntar ao próprio Hawk.

Ouvi o rangido ensurdecedor da porta da garagem subindo, e houve entre nós um frisson, principalmente vindo da parte de Tracy porque ela ficara feliz por mim que Hawk tivesse chegado em casa. Mas também vinha de Elvira, louca para me ver interagir com Hawk. Vinha até de Cam, porque queria dissecá-lo com seus poderes mentais extraordinários e decidir como ela o julgaria. E por último, o frisson vinha de mim, porque eu era como Tracy, estava adorando que Hawk estivesse em casa.

Outro rangido da porta da garagem descendo, depois a porta interna se abriu e ele surgiu diante de quatro pares de olhos femininos. Eu o estava olhando por cima do ombro e vi que ele não havia percebido os quatro pares de olhos femininos observando-o. Ele era Hawk, confiante, seguro, elegante, poderoso, todas as razões pelas quais chamou minha atenção desde o início.

Ai, ai.

Ele se aproximou de mim por trás do sofá e inclinei a cabeça para vê-lo.

– Oi – eu disse calmamente.

Ele inclinou-se para mim ao mesmo tempo que sua mão tirava o cabelo do meu ombro, passando-o para outro lado. Senti sua cabeça mergulhar no meu pescoço e seus lábios tocarem a pele atrás da minha orelha.

Com os lábios grudados na minha orelha, ele sussurrou:

– Oi, baby.

– Hummm. – Ouvi Elvira resmungar e processei isso, mas só por um breve tempo, porque eu estava mais interessada em processar o friozinho que sentia na barriga além da pulsação em um lugar muito particular.

Ele se aprumou, com a mão ainda em volta do meu pescoço, e olhou para as garotas com seus olhos negros.

– Senhoras – murmurou.

– Olá – sussurrou Tracy.

– Oi, Hawk – Elvira cumprimentou.

Camille apenas olhou para ele.

Ele soltou o meu pescoço, contornou o sofá e me afastei um pouco para ele se sentar entre mim e o braço. Ele passou seu braço por cima dos meus ombros, puxando-me para ele, e sua outra mão pegou meu Cosmopolitan. Virei-me para vê-lo beber um gole do copo de martíni. Enquanto minha mente entrava numa batalha, uma facção me dando aquele frio na barriga de emoção por ele estar bebendo do meu copo, e a outra facção querendo recuperar meu drinque antes que ele bebesse mais.

Não foi nenhuma surpresa constatar qual delas ganhou.

– Você quer um pra você? – perguntei incisivamente.

– O seu basta. – Ele não percebeu minha indireta. Então devolveu-me o copo, inclinou-se para frente para pegar algumas fatias restantes de maçã e depois se recostou tranquilamente jogando uma na boca.

Virei-me para a minha amiga e expliquei:

– O corpo de Hawk é o seu templo. Daqui a um minuto, ele vai ter um choque anafilático, quando a vodca começar a ser processada por seu organismo. Não precisam ficar alarmadas, tenho a injeção de adrenalina à mão.

Tracy deu uma risadinha abafada. Elvira riu à vontade. Hawk deu a sua risada máscula e grave, e até mesmo Cam sorriu.

– Mo disse que você saiu às três e meia – comentou Hawk, quando o riso morreu e olhei para ele, que olhava para Elvira.

Olhei para Elvira, que estava assentindo.

– Claro que sim.

Mordi o lábio e olhei para Tracy.

– Isso vai ser um item de linha criativamente oculto? – Hawk perguntou se inclinando para frente e pegando algumas uvas soltas, sua cabeça voltada para as tábuas de alimentos dizimadas.

– Configurei Gwen como seu próprio centro de custo – Elvira respondeu, sem se abalar.

Meus olhos se arregalaram.

– Talvez seja uma boa ideia – Hawk murmurou, recostando-se outra vez.

Engoli em seco, mas Tracy colocou o drinque de lado para que pudesse se sentar nas mãos, evitando, assim, o impulso para aplaudir de alegria.

Olhei para Hawk.

– Você gostaria de uma boa refeição?

– Você vai mostrar sintomas de estresse pós-traumático depois que for forçada a fazer legumes no vapor com uma colherada de queijo cottage? – ele perguntou de volta.

Senti minhas sobrancelhas subirem.

– É isso que você quer para o jantar?

– Sim – ele respondeu.

– Então, sim, provavelmente. Será que o meu centro de custo inclui visitas ao psicólogo?

Ele sorriu e logo depois curvou o braço para me apertar e puxar para ele. Eu segurava o copo, e rapidamente afastei o braço para evitar um acidente quando o meu peito bateu no dele, sua mão enfiou-se no meu cabelo, puxou minha nuca e ele me deu um súbito beijo na boca.

O beijo foi curto, mas qualquer beijo de Hawk era maravilhoso.

Embora alguns fossem mais ainda do que outros.

Quando se afastou dois centímetros, ele disse sorrindo:

– Baby.

– Pensei que tinha me dito que ia me beijar se eu fizesse você rir.

– Eu beijei.

– Eu não fiz você rir.

– Não, mas vou beijar também quando você quiser me fazer rir.

– Então, eu nem sequer vou ter qualquer advertência verbal?

Sua mão deslizou para o meu pescoço.

– A vida é assim, minha flor.

– Minha flor – Tracy repetiu sussurrando, e de repente me lembrei de que tinha plateia.

Afastei-me e recostei no sofá, examinando a cena. Tracy estava sorrindo à vontade, nas nuvens, na terra da felicidade, feliz por reconhecer que sempre tivera razão. Elvira sorria para o copo de martíni, provavelmente lamentando o fato de que os soldados não seriam receptivos à fofoca quente que tinha para contar. Cam estava girando o resto do seu Cosmopolitan no fundo do copo, os olhos avaliando abertamente Hawk, sem querer desistir de pensar que durante um ano e meio ela achou que Hawk fosse um babaca filho da puta, mas uma coisa eu posso dizer, ela estava balançada.

– Preciso colocar os legumes no vapor – eu disse, enfim. – Alguém quer legumes no vapor?

– Para mim, não – respondeu Tracy.

– Eu tenho que ir para casa – disse Elvira, matando o resto de seu drinque.

– Eu também, pego o turno da manhã – Cam acrescentou.

Hawk estendeu a mão e confiscou meu copo de novo quando Tracy acrescentou: – Se Cam vai, eu também vou. Ela é a minha carona.

Hawk tomou um gole, em seguida apontou seus olhos para Tracy.

– Se você quiser ficar com Gwen, eu te levo para casa depois.

– Você leva? – perguntou Tracy, arregalando os olhos. Uma oferta de carona para casa era um endosso adicional de que estava certa em nunca desistir da esperança.

– Claro – respondeu Hawk.

Seus olhos correram de Hawk para mim antes de ela dizer:

– Eu gostaria de ficar.

– Então fique – Hawk reiterou. Ele devolveu a minha bebida e se inclinou novamente para pegar a última fatia de maçã.

O clube de amigas se mobilizou. Tracy e eu nos despedimos de Cam e Elvira na porta, assegurando-lhes que tudo ficaria limpo. Quando elas deram adeus, a despedida de Hawk foi um repentino levantar de queixo, em pé, próximo à geladeira aberta. Depois que elas saíram, Tracy e eu fomos para a cozinha, Hawk foi para sua mesa, abriu o seu laptop e vi a tela iluminar seu rosto antes que ele acendesse a luminária da mesa. Tracy arrumou tudo enquanto eu cozinhava legumes e pegava umas colheradas de queijo cottage. Hawk se aproximou quando eu estava colocando os legumes no prato e Tracy preparava outra rodada de Cosmopolitans. Nós nos retiramos para a área de estar, Tracy de volta à sua poltrona reclinável, Hawk no seu canto, eu ao seu lado, enquanto ele comia.

Com Tracy ali, Hawk não se comportou como se estivesse comigo durante o nosso encontro. Ele conversava. Estava à vontade, às vezes engraçado, não exatamente aberto, mas não propositadamente fechado e, por incrível que pareça, muitas vezes encantador.

Hum.

Hawk pediu licença antes de sair para colocar o prato na máquina de lavar e voltou para o seu laptop. Tracy estava praticamente radiante de alegria, e isto só tinha um pouco a ver com o fato de que ela havia bebido três Cosmopolitans.

Ela e eu conversamos e demos risadas (baixinho) e, finalmente, Hawk a levou para casa. Quando eles saíram, acabei de arrumar a casa, me preparei para dormir, subi a escada e estava prestes a adormecer quando ouvi a porta da garagem abrir. Não demorou muito quando as luzes se apagaram uma por uma no refúgio de Hawk, ouvi-o em movimento em torno da plataforma da cama, senti sua mão quente na parte inferior das minhas costas, em seguida o peso do seu corpo deitando na cama.

Virei-me para ele antes que ele pudesse colocar-me de costas para dormirmos de conchinha.

Seu braço em volta de mim.

– Então, qual é o veredicto? – ele perguntou no escuro, obviamente sabendo por que as meninas estavam lá naquela noite.

– Aparentemente, eu sou a Rainha da Cantada Fracassada – respondi.

– Como assim?

– Leo me chama de a Rainha da Cantada Fracassada. Por seduzir e deixar os caras na mão.

– Baby – foi a resposta que ele deu.

– Isso nunca me ocorreu, mas acho que já devo ter feito isso.

– Meus rapazes chamam você de Senhora Dor no Saco.

Meu corpo ficou tenso e sua mão deslizou para a minha camisola, puxando-a para cima.

– Eles dizem isso de mim?

– Sim – ele respondeu, a camisola ainda subindo.

– Elvira disse que eles não fazem fofoca.

A camisola foi subindo mais, meus braços foram forçados a sair, e de repente não havia mais camisola.

Ele era realmente um homem do tipo tire-tudo-que-estiver-no-meu-caminho.

Sua mão deslizou pelas minhas costas e logo alcançou minha calcinha e minha bunda.

Hum. Gostoso.

– Eles não comentam perto de Elvira – ele continuou. – Eles aprenderam. Ela é patologicamente amigável, no trabalho costuma adotar todas as mulheres que entram e saem da vida deles. Fica difícil dispensar a namorada quando você está trabalhando com a nova melhor amiga dela.

Hum. Isto dizia muita coisa, uma vez que ela fez o mesmo comigo, e Hawk, aparentemente, não deu a mínima.

Decidi que, por ora, eu deveria deixar essa passar.

– Senhora Dor no Saco? – perguntei.

– Você sabe que eu vigiei você. Eles viram isso acontecer. Você passa todos os sinais corretos, há uma promessa de você tão abrasadora que eles venderiam um órgão para chegar lá, daí então você fecha as portas.

Hum.

Sua mão na minha bunda me puxou mais para perto do seu corpo, enquanto o joelho forçava caminho entre as minhas pernas. Não tive escolha a não ser prender minha perna em volta de seu quadril, e o rosto dele surgiu diante de mim e desapareceu em meu pescoço.

– O que mais foi decidido hoje à noite? – ele sussurrou na minha pele. Eu estremeci e meus braços o apertaram, depois desceram para que eu pudesse chegar à pele macia e aos contornos musculosos de suas costas.

– Elas me deram algo para pensar – respondi, também em um sussurro, e senti o seu sorriso contra o meu pescoço.

– Hum-hum – ele murmurou calmamente e então senti sua língua.

Hum.

Minhas mãos começaram a acariciar suas costas enquanto eu pressionava meus quadris de encontro aos dele e sua coxa subia.

Hum.

– Troy disse que você vai passar por cima de mim – acabei revelando por razões que eu mesma desconheço, no entanto foi o que fiz. – Com botas de combate – concluí.

Ele deitou a cabeça nos travesseiros outra vez.

– Você falou com Troy?

Confirmei com um gesto de cabeça, desejando não ter contado nada, porque ao fazê-lo perdi o contato com sua boca.

– Depois de Ginger.

– Baby, ele não me conhece o suficiente para dizer uma merda dessa.

– Ele disse a mesma coisa. Você não o conhecia o suficiente para dizer o que disse a ele.

– Vejo que ele não aproveitou essa oportunidade para criar coragem – Hawk murmurou.

– Você foi cruel, Hawk – sussurrei.

– Mas era verdade, Gwen – ele rebateu. – Fiquei em torno de você por um ano e meio sem fazer nenhum movimento real para assumi-la, e na hora em que bem entendesse você poderia ter partido pra outra. Há quanto tempo esse cara está fazendo a mesma coisa e poderá fazer com outra mulher? Será que ele não vai acordar, porra?

Bom, ele tinha razão nesse ponto.

– Ele me disse que está apaixonado por mim. – Outra revelação em um sussurro.

O corpo de Hawk ficou imóvel, em seguida sua mão largou a minha bunda, subiu pelas minhas costelas e agarrou o meu peito.

Em questão de segundos ele abocanhou o meu mamilo.

Uau.

– Então ele vai gostar de saber, quando você contar a ele, que, não importa o que aconteça, eu prometi cuidar de você direitinho – ele sussurrou.

Hum... *uau!*

– Hawk – sussurrei, mas ele ergueu o meu peito, inclinou a cabeça e engoliu o meu mamilo.

Uauuauuau!

Eu gemia.

Sua boca soltou meu peito e subiu para beijar os meus lábios. Enquanto seu polegar circulava o meu mamilo duro, ele ordenou:

– Masturbe-se, baby, enquanto eu chupo os seus peitos.

– Sim – concordei com um suspiro, e fiz o que ele pediu.

No instante em que meu dedo tocou meu ponto G, ele inclinou a cabeça, beijou minha boca, seus dedos ficaram excitando o meu mamilo, e foi nesse momento que me esqueci de Troy, dos meus Cosmopolitans com as amigas e de viver num mundo de sonhos. Deixei de lado o medo de me entregar a Hawk e vivi o agora.

TUDO QUE EU PEÇO

Hawk trocou-me de posição.

– Hawk – arfei. – Eu ainda não acabei.

Ele enterrou-se dentro de mim.

– Você tem um limite de tempo aí em cima, minha flor – ele grunhiu. – Se você não consegue gozar, deixa comigo.

Isto era verdade. Hawk permitiu que eu ficasse por cima durante algum tempo. Então, se eu não conseguia gozar, ele resolveu não permitir mais e mudar de tática.

Como agora. Ele levantou minha perna, manteve-a no alto com seu bíceps atrás do meu joelho, a mão quente na minha coxa, e ergueu-se com a outra mão apoiada na cama.

Então vi sua cabeça tombar para que ele pudesse estudar a nossa conexão, seus olhos calorosos, o rosto faminto. Ele gostou do que estava vendo. Só de olhar para ele, senti uma forte vibração de pré-orgasmo.

Então fez aquele movimento que costumava fazer com os quadris, eu gemi porque *realmente* gostava daquele negócio com os quadris, ele se mexia e estocava sem parar.

– Hawk – sussurrei, levando minha mão para baixo, meus dedos agarrando o seu pau que entrava e saía, sentindo a nossa conexão, todo o seu poder de montar em mim. Lindo. Molhado. Duro. Quente.

Seus olhos vieram para os meus e ele repetiu aquele movimento, meu pescoço arqueando quando gozei.

Não muito tempo depois, Hawk gozou.

Ele soltou minha perna, e seu calor e peso me cobriram. Eu o aceitei de bom grado, acolhendo-o e envolvendo-o com braços e pernas.

O rosto dele estava mergulhado no meu pescoço e eu deslizei o meu nariz pelo seu ombro.

Deus, como o cheiro dele era gostoso.

Ele encostou a boca no meu ouvido.

– Tenho umas coisas para fazer, baby – ele murmurou.

Era de manhã. A manhã seguinte à reunião do clube das amigas. A manhã seguinte ao dia em que prometeu que iria cuidar de mim direitinho.

– Tá bem – sussurrei.

Mesmo que ele tivesse coisas para fazer, mais uma vez isso não era a primeira coisa na manhã, nada de pá-pum, obrigado, senhora. Sua boca veio para a minha e me beijou de leve outra vez e mais outra,

antes de morder meu lábio inferior.

Merda, eu gostava tanto quando ele fazia isso.

Gostava tanto que quando ele começou a sair de cima de mim, rolei com ele e fiquei por cima, dominando-o, meus braços apoiados na cama, roçando os meus seios no seu peito, meu cabelo enquadrando os nossos rostos.

Ele colocou a mão no meu quadril e com a outra recolheu o meu cabelo, mantendo-o atrás do pescoço.

– Gwen – ele disse em voz baixa.

Deus, eu realmente gostava do meu nome.

Levantei a mão e coloquei-a em seu rosto, o meu polegar deslizando por sua testa, a maçã do rosto passando por onde sua covinha estaria se ele estivesse sorrindo, por seus lábios. Ele me deixou fazer tudo isso, seus olhos presos aos meus.

– Você promete cuidar de mim direitinho? – sussurrei, meu coração disparado.

A mão no meu quadril subiu, envolvendo minha cintura, me puxando para junto dele, e sua mão no meu pescoço fez o mesmo para que ficássemos cara a cara.

– Prometo – ele respondeu num sussurro.

– Jura? – insisti.

– Juro, baby.

– Você também tinha umas defesas em relação a mim, Hawk – eu disse a ele.

– Elas caíram algum tempo atrás, Gwen.

Merda. Então ele tinha mesmo.

Assenti com um gesto da cabeça e depois inclinei-a os centímetros de que precisava para colocar meus lábios nos dele. Seus braços me apertaram, ele rolou comigo, ficando por cima de mim outra vez, e meu toque de lábios transformou-se em um forte, longo, molhado e delicioso beijo.

Sua cabeça se aproximou e ele perguntou:

– Você se entregou a mim?

– Eu vou tentar – respondi.

– É tudo que eu peço, minha flor – ele murmurou, pegando meus lábios com os dele, mas sem morder.

Então declarou: – Nós vamos sair hoje à noite.

Que bom. Gostei disso.

– Ok.

– Fique linda para mim – ele ordenou.

– Está bem.

Ele sorriu para mim, suas covinhas aparecendo, e mordi meu lábio inferior.

Bom.

– Baby – Hawk atendeu o telefone.

Era início da tarde e sem o freezer cheio de barras de Twix congeladas me chamando, sem bombas incendiárias, tiroteios e soldados instalando sistemas de segurança, eu tive dois dias ininterruptos de trabalho a todo vapor. Eu estava bem adiantada. Outra autora me enviara os arquivos de seu livro, mas o prazo era dilatado, por isso o trabalho era constante, eu estava ótima e meus rendimentos do mês seriam fantásticos.

– O cara do meu seguro ligou – eu disse ao telefone, andando até a janela, olhando para a vegetação não muito atraente do lado de fora e o riozinho, ou talvez um riachão, sem graça que corria perto. – Eu preciso encontrar com ele na minha casa.

– Quando? – perguntou Hawk.

– Às três – respondi.

– Vou mandar um dos meus rapazes – disse Hawk.

– Obrigada, querido – sussurrei, ele não respondeu, então continuei: – Posso perguntar sobre hoje à noite?

– O que você quer saber?

– Bem, é uma noite para colocar um vestidinho preto e salto alto? Uma noite para usar um top cheio de brilho com jeans ou uma noite para camiseta e botas de motoqueiro?

– Você tem botas de motoqueiro?

– Não, mas tem um gazilhão de lojas Harley Davidson em toda Denver. Talvez um dos seus rapazes possa me levar para um pit stop.

– Um gazilhão? – ele perguntou, parecendo sorrir.

– Talvez um zilhão, que é um pouquinho menos de um gazilhão.

Ouvi uma risada profunda e máscula. Quando parou de rir, ele disse:

– Baby, não fica muito bonito uma mulher com botas de motoqueiro.

– Tudo bem, isso está fora – murmurei e ganhei outra risada.

– Use alguma coisa entre o vestido com salto alto e a camiseta com botas. Está bem para você? – ele finalmente respondeu.

– Sim – respondi, em seguida, gritei: – Ah! Meredith ligou. Ela quer fazer o jantar, mas não pode prepará-lo na casa deles, porque a limpeza apenas começou, então ela gostaria de saber se nós podemos encontrá-los no Rock Bottom Brewery.

– Ligue para Elvira, diga-lhe para verificar o horário e dar a você o número dos meus pais – ele disse.

– Número dos seus pais? – perguntei.

– Eles gostaram de seus pais e vão querer ir.

Perdi de vista a mata e o riozinho sem graça, pois meus olhos ficaram embaçados. Isso porque uma coisa era nossos pais serem jogados em um drama familiar fora de controle que envolveu cutelos e

choradeira, outra totalmente diferente era organizar uma reunião informal dos nossos pais como se fosse apenas outro jantar.

– Gwen – ele chamou.

– Que foi?

– Pensei que tivesse caído a ligação.

– Eu estou aqui.

– Tudo bem, então ligue para Elvira.

– Está bem.

Eu havia entendido, mas não conseguia falar. E depois me toquei que aquele meu homem tão misterioso conhecia meus pais, eu conhecia os dele, ele queria que eu marcasse um jantar de encontro dos pais, mesmo que nós já conhecêssemos os pais um do outro. Sem mencionar que eles se conheceram e nós estávamos praticamente morando juntos.

Perceber isso estava me deixando bolada.

Isso porque ele disse que se eu me entregasse a ele, ele poderia descobrir que eu sou um tesouro.

Mas também poderia descobrir que não sou o que ele queria.

Mas fiquei bolada principalmente porque percebi que eu realmente queria ser o que ele queria. Eu realmente queria ser o seu tesouro. *De verdade.*

– Gwen – ele me chamou novamente, soando um pouco impaciente.

Ah, não! Eu o estava deixando impaciente!

– O que foi? – respondi.

– O que está acontecendo?

Eu não poderia dizer isso a ele.

– Hum... – parei de falar.

Hawk ficou em silêncio. Depois suspirou, outro sinal de impaciência.

Merda!

– Gwen, querida – ele disse suavemente. – O que prometi a você?

Fechei os olhos. Ele havia me prometido que, não importa o que acontecesse, ele cuidaria de mim direitinho. E eu estava supondo que Cabe “Hawk” Delgado era o tipo de homem que cumpria suas promessas.

– Desculpe – sussurrei, em seguida admiti: – Não liga pra mim. É só um paniquinho. Acontece.

– Baby – ele disse, agora soando como se achasse aquilo um pouco divertido.

– Hawk? – eu ainda estava sussurrando.

– Sim?

Prendi a respiração, depois disse:

– Isso acontece muito.

– Não me diga – respondeu ele, desta vez soando como se realmente achasse aquilo divertido, e não

pouco.

Expirei.

Mudando de assunto.

– Você não tem coisas para fazer? – perguntei. – Como subjugar os infiéis, ou merdas desse tipo?

– Minha flor, o que você acha que faço para viver?

– Bem – comecei a dizer. – Você viaja no seu jato supersônico para países tropicais quentes, úmidos e dilacerados pela guerra e executa seus deveres como soldado de aluguel, o que significa fazer coisas como explodir pontes e combater os infiéis para eles se submeterem.

– É difícil fazer isso e chegar em casa para levá-la para jantar – observou ele.

– Hawk, seu jato é *supersônico* – lembrei a ele.

Ele deu uma gargalhada e sorri aliviada ao telefone, depois fiquei escutando.

Quando terminou de rir, ele disse:

– Baby, se eu tivesse um jato supersônico, o seu rabo já estaria nele. Eu levaria, sim, você para um país tropical quente e úmido, mas só para que pudesse passar os dias de biquíni e eu poder te comer na praia.

Oh. Uau.

– Seus sonhos são *beeem* melhores do que os meus – murmurei.

– Podemos fazer isso, Gwen, que não vai ser um sonho – ele reafirmou, tomei outro fôlego e, em seguida, suspirei.

Que bom.

Quando um dos rapazes de Hawk, Brett, estacionou o carro na frente da minha casa, vi as minhas janelas consertadas, algo que provavelmente Hawk ou meu pai fizeram.

Eu já conhecia Brett. Ele foi um dos homens que instalaram o meu sistema de segurança. Era louro de olhos azuis e tinha aquele jeito de garoto da casa ao lado, se o garoto da casa ao lado tivesse mais peso e equipamentos de malhação do que Hawk. Em outras palavras, Brett era todo sarado e corpulento.

Mas Brett não era como Fang. Brett falava. Eu sabia disso porque sabia que Brett havia trabalhado para Hawk por três anos. Brett também esteve no Exército. E Brett tinha uma namorada chamada Betsy que estava grávida. Eles iam se casar, mas só depois que o bebê nascesse, porque Betsy não queria aparecer gorda nas fotos de casamento. Eu disse a Brett que entendia muito bem isso, eu também não gostaria de parecer gorda nas minhas fotos de casamento.

Eu abri a porta para entrarmos e Brett foi direto para o painel de segurança inserir o código, o que foi um alívio considerando que eu tinha me esquecido dele.

Então, dei uma olhada na minha sala de estar.

– Caramba – eu disse, olhando para a destruição em volta. Olhei para Brett e concluí: – Essas balas

fizeram um estrago danado.

Então, por algum motivo, talvez porque eu estivesse lá quando a destruição aconteceu, uma destruição que poderia ter ocorrido *comigo* e trouxe tudo de volta à lembrança, ou porque minha sala estivesse agora ainda mais longe de ser habitável e meus móveis tivessem sido metralhados, cobri meu rosto com as mãos e comecei a chorar.

Para minha surpresa, Brett me apertou em seus braços musculosos e aquilo foi tão legal que resolvi me aproveitar. Coloquei meus braços em volta de sua cintura e me agarrei nele.

– Isso tudo tem conserto, Gwen – ele disse do alto da minha cabeça, eu assenti encostada no seu peito largo, mas não respondi, então ele continuou: – E nada disso tem importância. A única coisa que pode não ter conserto, mas tem importância de fato, é levar um tiro. Não se esqueça disso. – Então seus braços me apertaram.

Eu fiquei pensando que Betsy teve uma sorte e tanto, porque aquele grandalhão me abraçando me fez invejar a sorte dessa tal garota, além do que ele estava sendo tão legal comigo que apertei-o em retribuição.

Felizmente tive tempo suficiente para me recompor e limpar meu rosto antes de o homem do seguro chegar. Ele ficou tão chocado quanto eu. Pela cara dele, era óbvio que eles não costumavam ser chamados para fazer estimativas pós-tiroteio. Inundação, sim. Incêndio, provavelmente. Tiroteio, não. Ele não perdeu tempo em fazer uma turnê pela casa, fazendo anotações, me informando do procedimento, me passando alguns formulários e depois foi embora. Eu não o culpo. Um raio pode não cair duas vezes no mesmo lugar, mas um tiroteio era um jogo de dados.

Brett ficou lá embaixo, enquanto subi para vasculhar meu closet e pegar a minha roupa para a noite. Também encontrei a sacola de lona que eu costumava usar para levar minhas roupas à lavanderia quando ainda não tinha máquina de lavar e secar roupa. Hawk tinha uma lavadora e secadora na sua lavanderia, um espaço em madeira que ficava sob a plataforma da cama. A lavanderia também tinha uma enorme pia com uma mangueira superpotente com esguicho, e era onde eu imaginava que ele limpasse o sangue de suas armas. Eu queria lavar o meu caftã, usá-lo e avaliar a reação de Hawk. Também planejei uma ida ao shopping assim que o problema Ginger tivesse um fim. Minhas calcinhas eram sexy, discretamente sexy (ou, pelo menos, era isso que eu achava), mas foram compradas mais pelo conforto, não pelo estilo. Já a minha roupa de dormir não era *nada* sexy, longe disso. Eu iria comprar cetim e rendas e avaliar a reação.

Arrumei uma bolsa de viagem pequena para colocar a minha roupa, algumas joias e coisas que eu gostaria de ter por perto. Estava fechando o zíper da bolsa e considerando a possibilidade de invadir meu freezer para pegar meu estoque de Twix e acrescentá-lo à bolsa, quando eu ouvi.

Tiros na sala de estar.

Congelei por meio segundo quando a sensação de alerta invadiu meu organismo instantaneamente, a minha pele começou a formigar e o meu coração bateu acelerado. Depois corri para o telefone quando ouvi alguém subindo rápido pela minha escada e eu esperava que fosse Brett. Realmente eu esperava que

fosse Brett.

Consegui pegar o telefone, mas não pude ligar para a polícia. Um braço agarrou-me pela cintura, empurrando-me para trás, uma mão bateu na minha e o telefone caiu longe. Virei meu pescoço para verificar se era Brett, mas sabia que não era.

Não era.

Então comecei a chutar, gritar, lutar, dar cotoveladas, arranhar, e o homem que me segurava estava tendo problemas para me conter.

Até que alguém entrou no quarto, ouvi um estalo e uma crepitação estranha, encostaram alguma coisa no meu pescoço e eu perdi os sentidos.

PACIÊNCIA

— Você recebeu a foto?

Deitada numa cama imunda num apartamento imundo, em local desconhecido, com a boca amordaçada e as mãos amarradas atrás das costas com tiras de plástico duro bem apertadas que também prendiam e machucavam muito os meus tornozelos, mas que, felizmente, colocaram por cima das minhas botas, fiquei vendo Darla, com um olho roxo, a maçã do rosto machucada, lábio arrebitado e marcas de violência no pescoço, falar ao telefone. Com o celular, ela havia tirado uma foto de mim deitada e enviara para várias pessoas, uma das quais falava ao telefone com ela.

— Sim, sou eu, sua puta — ela sussurrou ao telefone. — Pegamos ela e você pode pegar de volta por duzentos mil.

Bem, a boa notícia é que eu estava valendo duzentos mil, e isso era muito dinheiro. A má notícia era todo o resto. Absolutamente todo o resto. Inclusive o fato de estar amordaçada e amarrada, aquelas rédeas de plástico mordendo meus pulsos e eu temendo que me cortassem a pele, ou no mínimo me ferissem de alguma forma. Estava em um apartamento imundo em algum lugar que eu não conhecia. Tinha sido levada para lá deitada na parte de trás de uma van imunda superdesconfortável que, sempre que virava numa curva, fazia com que eu rolasse e batesse dolorosamente nas laterais do carro. Eu não sabia o que tinha acontecido com Brett, mas supunha que não fosse nada de bom, pois ele tinha ordens expressas para me proteger e pelo visto as cumpriu à risca, porque armas foram disparadas. Além disso, ele tinha um filho a caminho e era um cara legal. E, por último, Darla não estava trabalhando sozinha.

Havia três homens com ela. Um deles, naquele exato momento, se inclinava para cheirar uma carreira de cocaína no espelho. Outro estava no banheiro, pela porta aberta eu podia ouvi-lo se aliviar.

Mas o terceiro estava sentado em uma cadeira colocada perto da cama. Os seus braços, que eu havia arranhado ao tentar resistir, estavam descansando nas coxas. Balançando entre elas, ele segurava uma arma, e seus olhos nada felizes estavam grudados em mim.

Numa reação meio histérica, notei que ele poderia até ser atraente, se não fosse tão violento, tão assustador e, obviamente, se não quisesse atirar em mim.

— Ah, sim, você está certa — Darla continuava falando, e meus olhos desviaram do sequestrador violento e assustador para ela. — Eu *era* sua amiga, até que me pegaram e levei porrada por causa da merda de suas encrencas. Agora não sou mais *tão* amiga assim.

Sua amiga?

Oh, Deus. Ela estava falando com Ginger.

Ginger não tinha duzentos mil! E se tivesse, não iria abrir mão desse dinheiro por mim.

Merda, eu estava fodida.

– Mentira – Darla gritou no telefone. – Você tem essa grana e tem muito mais. Eu sei disso, sua piranha burra, por isso não pense em me fazer de trouxa, não sou uma piranha burra como você. Agora você vai pegar essa grana e vai me ligar pra que eu possa lhe dizer onde será a entrega. E, porque somos amigas, estou lhe dando um desconto e preferência. Se você não me ligar em uma hora, vou vender a sua irmã a toda aquela gente que vai pagar muito mais e ser muito menos gentil com ela do que eu e Skull estamos sendo.

Instintivamente eu entendi que Skull era o sequestrador violento e assustador. Percebi logo porque Skull era o nome perfeito para ele.

E assustadoramente fiquei ainda mais preocupada com o que “muito menos gentil” significava, considerando que Skull e seu bando não tinham sido nem um pouco gentis.

Darla desligou o telefone e em seguida fez outra ligação, apertando algumas teclas. Ela colocou o fone no ouvido e percebi que estava no controle quando falou.

– Sim, Dog, você viu, ela está comigo e Skull – retrucou ao telefone. – Diga a Tack que queremos 250 mil. Ele tem uma hora ou nós a venderemos a outro.

Ela não esperou por uma resposta, desligou logo o telefone. Então olhou para mim por um segundo, virou-se e foi na direção da cocaína.

Evitei os olhos de Skull, olhei para o edredom sujo e me perguntei se Hawk ainda teria as câmeras de vigilância em minha casa, se viu quando Skull, Darla e seu bando entraram lá para me pegar e se mobilizou seus homens para um resgate. Eu me perguntei se havia algum vizinho em casa naquela hora, se ouviu os tiros e ligou para a polícia e, assim, o que quer que tenha acontecido com Brett, alguém devia estar cuidando dele e por isso não estaria na minha sala sangrando até a morte, o que significaria que seu filho iria crescer sem pai, sem jamais saber que a voz do pai se enternecia ao falar de sua mãe e que ele era sarado, corpulento e gentil. E me perguntei também se Tack surgisse com o dinheiro, o que isso significaria para mim.

O homem que estava no banheiro saiu, acendeu um cigarro e, com o som do isqueiro, os meus olhos se ergueram na direção dele e vi o sequestrador da cocaína aproximando-se de mim. Meus olhos se fixaram nele enquanto vinha na minha direção, seus olhos percorrendo todo o meu corpo.

Este homem, por outro lado, não era atraente. Precisava de um banho e de um sanduíche. Era magro demais, não tinha a magreza sensual e rock ‘n’ roll de Steven Tyler, mas aquela magreza de quem abusava da cocaína.

Ele colocou uma das mãos na cama e se debruçou sobre mim, seus olhos febris e arregalados de cocaína grudados em meus peitos.

– Eu gosto disso – ele murmurou, estendendo a mão para passá-la pelo meu braço enquanto eu tentava uma manobra para me afastar. Consegui recuar alguns centímetros na cama, mas foi aí que ele se inclinou

mais. – Temos uma hora ainda – ele disse. – Talvez possamos nos revezar.

Aterrorizada, dei um grito abafado e involuntário por trás da mordaca e recuei mais um pouco.

– Dá um tempo, Skeet – Skull advertiu em voz baixa.

– Ah, sem essa, cara. – Skeet tentou convencer o parceiro, sem tirar os olhos dos meus peitos, seus dedos deslizando por minha pele, aproximando-se dos meus peitos enquanto eu recuava freneticamente ainda mais. Ele colocou o joelho na cama e foi atrás de mim. – Essa vagabunda deve ter uma delícia de bocetinha. Tem tempo que não provo uma delícia dessas e, cara, eu mereço.

Ai, meu Deus.

Deslizei mais para trás, ele me seguiu e de repente não estava mais lá.

Arqueei minhas costas e meu pescoço, meus olhos acompanhando o som de um corpo batendo violentamente contra a parede.

– Tack é louco por essa vagabunda – Skull gritou, o seu corpo magro, mas perfeito, pressionando predatoriamente contra a parede o corpo magricela de Skeet. – Você acha que, sendo louco por ela, ele iria por acaso pagar o resgate por uma mulher que você sujou?

Eu não pensava assim e gostaria de ter dito isso se não estivesse amordaçada.

– Tack não pagaria – Skull continuou. – Pense bem, nós botamos ela pra vender e você acha que vão pagar por um produto danificado? Você tem um vaso que vale trezentos mil, vale trezentos mil porque está limpo e inteiro. Se você quebrar, seu imbecil de merda, o vaso não vai valer nada.

Skeet não respondeu. Ele estava ocupado empurrando a mão que apertava o seu pescoço e lhe dava ânsias de vômito.

Skull se aproximou do rosto de Skeet.

– Tá me entendendo?

Skeet assentiu.

Skull soltou Skeet com um safanão e a cabeça de Skeet bateu violentamente contra a parede. Skull nem sequer olhou para ele quando se virou, atravessou a sala, retomou seu lugar ao lado da cama, ao mesmo tempo que retomava sua infeliz contemplação de minha pessoa.

Olhei para ele, agradecida. Minha esperança era de que seria resgatada e, se isso acontecesse, eu não queria estar suja e danificada. Mas não queria *mesmo*.

Darla foi até Skull, cheirando e esfregando o dedo na gengiva, por trás do lábio superior. Quando chegou junto dele, Skull recostou-se na cadeira e passou o braço em volta da cintura dela. Ele a puxou para o seu colo e olhou para ela.

– Você está bem, querida? – ele perguntou suavemente, e a expressão de Darla também se suavizou ao ouvir a voz dele.

– Sim, querido – respondeu ela, grudando-se nele.

Daí eles começaram a se agarrar.

Desviei o olhar e decidi concentrar-me, não na minha situação atual, mas no fato de estar perplexa.

Tudo bem, é claro que ele era um criminoso, uma vez que eu tinha certeza de que sequestro era crime. Mas ele era também um gato. Ele tinha aquele jeito meio rock 'n' roll superlegal. Seu corpo não era caído, era sólido e musculoso, tinha uns braços lindos (com exceção das minhas marcas de arranhões), cheio de veias e contornos. Seu cabelo escuro era despenteado e volumoso. Seus olhos eram assustadores, claro, mas também eram de um cinza-claro prateado muito interessante. E aquela calça jeans desbotada que usava lhe caía muito bem.

Mesmo que vivessem no lado mais sombrio e pobre de Denver, percebi que ele não era do mesmo nível de Darla. Ela não era exatamente feia, mas era uma vadia nojenta da pior categoria. Eu podia ver que Skull era rude e grosseiro, mas Darla levava isso a extremos.

Bom, gosto não se discute.

Eles ficaram se agarrando por um tempo, depois pararam para Darla poder visitar a mesa de cocaína. Skeet e o sequestrador fumante permaneceram em silêncio e ligados. Pude ver que Skeet regularmente ia cheirar pó, enquanto o outro sequestrador ficava fumando.

O tempo passava e tentei forçar minha mente a sonhar com praias, biquínis e Hawk, mas em vez disso eu não conseguia me livrar do pesadelo de minha irmã não ter o dinheiro, ou de milagrosamente tê-lo e não se preocupar em me ajudar, mesmo que eu a tivesse ajudado em mais de uma ocasião de sua vida miserável. Também me atormentava o pesadelo de Tack decidindo que eu não valia o esforço, pois uma irmã Kidd já lhe dera um prejuízo de mais de dois milhões de dólares, então ele não ia desembolsar mais de duzentos mil com a outra.

Enquanto eu pensava nessas coisas, meus olhos examinavam o lugar e quase sempre iam parar nos olhos de Skull.

E quando Darla não estava em seu colo, percebi que ele ficava sempre me olhando. Era um olhar infeliz e também firme, intenso e paciente. Inacreditavelmente paciente. Ele não estava chapado. Não o vi sair dali para cheirar cocaína. Não o vi fumando. Não saía de sua cadeira e comecei a achar que ele parecia uma espécie de sentinela, um guarda. Não no sentido bom, mas como todos os outros. E eu sabia instintivamente que Skeet e/ou o sequestrador fumante eram sujeitos imprevisíveis e que ele precisava guardar o seu vaso ou teria sido um desperdício de energia fazer o que sei lá que fizeram com Brett e ainda provocar a ira de Hawk para qualquer tipo de recompensa.

Outra coisa que notei foi que, embora parecesse puto comigo, ele não parecia nervoso. Para Skull, o que viesse era lucro. Qualquer acordo que fizessem não importava para ele, ele sabia que valeria a pena a espera.

Por fim, o telefone tocou. Darla correu para pegá-lo onde o deixou, na mesa de cocaína. Ela abriu o aparelho e colocou-o perto do ouvido.

– É melhor que seja uma boa notícia, vaca – ela disse ao atender.

Ginger.

Fechei os olhos e fiquei escutando.

– Vá se foder – Darla retrucou acidamente e apertei os olhos. – Você tem essa grana. Eu *sei* que tem. Eu falei duzentos e você vem me oferecer cem? Vá se foder. Diga adeus à Gwennie do jeito que você conheceu um dia. – E ouvi quando ela fechou o aparelho.

Bem, a boa notícia era que minha irmã conseguiu arranjar cem mil dólares para me salvar, o que foi legal da parte dela. A má notícia era que eu gostava de mim do jeito que eu era e não queria ser de qualquer outro tipo de Gwen.

– Eu digo que devemos entregar essa daí pra quem fizer uma oferta maior – Darla sugeriu, e meus olhos se abriram para ver que ela estava de pé ao lado de Skull e que ele estava olhando para ela.

– Paciência – disse Skull.

– Foda-se a paciência – Darla retrucou. – A Ginger está fazendo o jogo dela para salvar o próprio rabo. Talvez não tenha os duzentos mil. E Tack ainda não comeu e ela está dando pro Hawk. Talvez ele não queira dar essa grana.

– Paciência – Skull repetiu.

– Cara – disse Skeet, aproximando-se da cama. – Eu só dei três tiros no homem de Hawk. Ele provavelmente está correndo toda Denver, fiz isso e pegamos a vagabunda dele. Nós não temos *tempo* pra ser pacientes.

Fechei os olhos novamente.

Três tiros.

Brett.

Respirei fundo quando senti as lágrimas ardendo por dentro do meu nariz.

– Paciência – ouvi Skull murmurar.

– Isso é uma furada – disse o sequestrador fumante entrando na conversa. Abri meus olhos e vi que ele fez isso do seu lugar, encostado na parede, o joelho erguido, a sola de sua bota contra a parede, fumando um cigarro. – Pra começo de conversa, nós não devíamos ter nos metido com a porra da Ginger e a porra do Tack. Esses babacas que querem a Ginger, eles pagariam uma grana preta por uma ferramenta que pudesse ser usada pra arrancar essa vadia estúpida do esconderijo em que se enfiou. Chega de esperar.

– Paciência – Skull disse mais uma vez, sem se mexer.

– Foda-se a paciência! – Skeet, o mais chapado de cocaína, aquele que provocou a ira de Hawk e, portanto, o mais nervoso, gritou.

Skull levantou-se devagar e vi a tensão espalhar-se no ambiente. E entendi o porquê. Ele apenas se apurou para levantar-se da cadeira, mas fez isso de uma forma assustadora. Eu não poderia descrever como, mas aquele simples movimento dele parecia uma ameaça física, um movimento que você simplesmente não queria ver realizado. Ele não estava feliz por ter sido forçado a se mexer, e todo mundo ali dentro tinha conhecimento desse fato.

– Paciência – ele sussurrou.

Foi quando a porta foi derrubada e as duas janelas de ambos os lados da cama explodiram, porque

homens avançaram por elas para o interior do apartamento. Jorge era um, não vi o outro, mas o homem que derrubou a porta era Hawk, seguido por outro que eu não conhecia, embora fosse um tanto familiar para mim.

Darla gritou, Skeet e o fumante entraram em ação, mas era tarde demais e eles estavam muito mal treinados para dar conta de Hawk e seus soldados. Em questão de segundos, os quatro estavam no chão, de barriga para baixo, usando amarras de plástico iguais às minhas. O homem que entrou pela outra janela, um sujeito que eu não conhecia, mas que também me pareceu familiar, e não era um dos soldados de Hawk, apontava uma arma para eles.

Se eu pudesse me permitir sentir alguma coisa que não fosse alívio naquele momento, teria achado estranho que, mesmo naquela rápida e violenta comoção, Skull não tivesse reagido com mais truculência. Ele me parecia um lutador, daquele tipo que luta até a morte.

Meus olhos seguiram Hawk que, depois de subjugar Skeet com uma facilidade risível (não que eu estivesse rindo), veio direto para mim. Ele tirou algo do bolso de sua calça cargo e apoiou o joelho na cama.

– Vire de costas, baby – ele sussurrou, mesmo quando gentilmente me puxou para me colocar de bruços na cama. Senti suas mãos quentes e fortes trabalhando em meus pulsos para soltá-los das amarras.

Quando minhas mãos ficaram livres, gemi por trás da mordaca ao sentir a dor lancinante em meus braços. Hawk abaixou-se rapidamente e livrou-me das tiras que prendiam meus tornozelos.

Virei de barriga para cima e Hawk ajudou-me a ficar sentada, em seguida as nossas mãos procuraram me livrar da mordaca. As minhas mãos tremiam tanto que acabei deixando que ele fizesse o serviço. Quando acabou, ele jogou a mordaca longe e seus olhos buscaram os meus.

– E Brett? – sussurrei.

– Muito grave – ele respondeu.

Eu nunca pensei que teria de me preocupar com o tipo de mulher que eu era. A gente nunca acha que vai precisar se preocupar com isso, porque nunca imaginamos que um dia a vida nos levará a esses momentos cruciais em que teremos que aprender o que somos. E, depois, eu poderia mentalizar para ser uma mulher forte. Aquela mulher que poderia assentir, controlar suas emoções e encarar o golpe em sua alma que foi saber que um ser humano foi baleado e poderia morrer por tentar garantir a sua segurança.

Mas eu não era esse tipo de mulher.

Eu era o tipo de mulher que se joga nos braços do novo namorado tão violentamente que chega a balançar a poderosa estrutura física dele, a mulher que passa os braços em volta dele bem apertado, esconde o rosto em seu pescoço e começa a chorar.

SKULL

Eu estava sentada na sala de espera do hospital, encostada em Meredith, Elvira do meu outro lado, sua mão segurando a minha, firme e forte.

Do outro lado da sala de espera, meu pai estava de pé com Hawk, um grupo de soldados de Hawk e outros homens. Um deles era Lee Nightingale, mas Luke Stark, Hank Nightingale e Eddie Chavez também estavam por ali. Lee e Luke foram os dois homens que ajudaram Hawk na operação de resgate. Depois que me tiraram sã e salva daquele apartamento, lembrei de como os conhecia. Lee Nightingale era dono de um escritório de investigação particular cujas operações chamaram a atenção da imprensa. Eu sabia tudo sobre ele e seus amigos, incluindo Luke, Hank e Eddie. Luke trabalhava com Lee. Hank era policial e irmão de Lee. Eddie também era seu amigo e policial. Os jornais tinham revelado histórias das aventuras e da vida amorosa deles há algum tempo. Logo após as matérias nos jornais seguiu-se a publicação de um monte de livros, uma série intitulada *Rock Chick*, que revelavam detalhes íntimos dessas aventuras românticas de arrepiar os cabelos. Por acaso eram livros que eu tinha, lia inúmeras vezes e desejava ter pessoalmente editado.

A fama de Lee e seus homens corria por toda Denver.

Uma inspeção detalhada mostrava que eram todos fodões e muito gostosos.

Mesmo assim, não pude inspecionar muito porque acabei conhecendo Betsy, que estava visitando o noivo inconsciente no quarto do hospital, e eu sabia que a conversa fora unilateral, não só porque Brett estava inconsciente, mas também porque ele tinha um tubo enfiado na garganta.

Fechei os olhos, mas os abri em seguida quando tive a sensação de um perigo vívido e intenso permeando o ambiente. Logo em seguida meu corpo ficou tenso, e vi quando Skull, seguido por Lawson, Leo e dois outros homens entraram na sala de espera.

Skull olhava para Hawk e parecia que estava ainda *mais* infeliz do que era antes de me resgatarem. Ele assistiu como eu fui resgatada.

Meus olhos o encararam, minha pele começou a formigar, minha mente paralisou de medo e, mesmo na presença de um bom número de soldados fodões e outros fodões comuns, meu corpo estava pronto para fugir.

O que ele estava fazendo ali?

– Que porra é essa? – ele disse, curto e grosso, a Hawk, com aquela energia ameaçadora saindo dele em ondas sinistras.

Vi todos os homens entrarem em alerta instantâneo.

– Como é que é? – Hawk perguntou em voz baixa, os olhos fixos em Skull, sua expressão mostrando que ele estava bem mais infeliz do que Skull.

– Um ano e meio – Skull respondeu, posicionando-se de forma hostil um pouco perto demais de Hawk. – Passei um ano e meio da minha vida nesta merda, o último mês trepando com aquele lixo de mulher, fingindo que tinha tesão, o tempo todo tentando não vomitar e rezando pro meu pau não brochar, toda vez que comia aquela coisa eu rezava pra não pegar uma doença venérea e meu pau cair, e eu estava perto de conseguir, muito perto, porra. – Ele apontava o dedo para a cara de Hawk, a uns dois centímetros da cara de Hawk, o que, pessoalmente, eu não achava muito inteligente. – Você invadiu aquela porra e um ano e meio foi pelo ralo.

O corpo de Hawk moveu-se de uma forma assustadora e ele sugeriu, ainda usando aquela voz calma e aterrorizante:

– Talvez você possa explicar melhor.

– Ele é do DEA, Hawk – Lawson explicou, fazendo com que o meu corpo relaxasse, mas isso não significava que não tenha sentido o choque.

O corpo de Hawk não relaxou.

– Você estava envolvido em uma operação em que um dos meus homens foi ferido – Hawk ressaltou.

– Eu estava envolvido em uma operação em que finalmente cheguei perto de uma drogada que eu poderia usar para chegar em outra drogada, que me ajudaria a pegar o homem que eu procuro. Quando isso não funcionou, ela ainda provou ser valiosa para eu me aproximar de outra drogada, porque ela me levou até a irmã da drogada que eu poderia depois usar ou como ferramenta para me ajudar a tirar os traficantes que abastecem metade da merda que circula em Denver, ou que eu poderia usar diretamente para tirar os traficantes que abastecem metade da merda que circula na porra de Denver – Skull rebateu.

Eu fiquei um pouco confusa com a sua explicação, mas sabia que os outros não ficaram. Percebi isso porque a afirmação de Skull foi recebida com uma significativa intensificação de inimizade. Tão significativa que o ar ali dentro ficou difícil de respirar.

– Você está querendo me dizer que atiraram em um dos meus homens e que iam usar a minha mulher como isca? – Hawk sussurrou, e a mão de Elvira apertou a minha.

– Hum, o psicopata não vai demorar a incorporar nele – ela murmurou.

– Ela estava coberta – Skull disparou de volta.

– Por quem? – Hawk perguntou.

– Pelo *meu* homem infiltrado no bando de Roarke – respondeu Skull.

– Roarke? – Hawk disse, e como ele conseguiu mover os lábios naquele rosto duro como mármore foi um milagre.

– É, acho que dá pra você entender agora – Skull disse.

– Você iria usar Gwen, e Roarke teria acabado com ela. Ginger sabia disso e por isso interferiu, ele ficaria com Gwen e desfrutando as merdas dele com Ginger, e se deixasse uma delas respirando, elas

viveriam o resto de suas vidas desejando que ele não tivesse feito isso – Hawk cortou de volta.

Ai, meu Deus. Isso não soou nada bem. Soou muito, muito mal. Soou como uma vontade de sair dali na mesma hora e me enfiar num shopping para comprar lingerie sexy como uma recompensa para o meu resgate ruim.

– Eu tinha tudo sob controle – Skull retornou.

– Por seu homem infiltrado? – perguntou Hawk, mudando para o sarcasmo, mas ainda extremamente aborrecido.

– Sim – respondeu Skull.

– Eles o farejariam, não iriam cair nessa. Cortariam a porra da garganta dele e jogariam o corpo no rio Platte – Hawk rosnou. – Você não tinha *nada* coberto.

– Eu tinha de usar Ginger *ou* Gwen. Antes de entregá-la, eu colocaria uma escuta nela, assim nós saberíamos exatamente onde estava e poderíamos ouvir tudo o que estava acontecendo – Skull rebateu. – E, por falar nisso, ela teria ajudado bastante porque estava na mesma merda, mas você é o Policial Maravilha aqui – ele apontou o dedo para Lawson – estavam tão na cola dela, bafejando no seu pescoço, na noite em que eu invadi a casa dela, que interromperam a conversa que eu teria com ela para dar-lhe força, ou um sinal positivo. Vieram logo com sirenes ligadas antes que eu pudesse chegar à maldita porta do quarto aberta.

Bem, essa explicação caiu em mim como uma espécie de alívio. Pelo menos essa revelação significava que não havia outra pessoa desconhecida atrás de mim por razões nefandas.

Hawk e Lawson, ficou claro, não sentiram alívio nenhum.

– O quê? – perguntou Hawk.

– Você me ouviu, cara, com essa sua babaquice de cavaleiro da armadura brilhante, você fodeu de todas as maneiras que pôde com a minha operação – disse Skull.

– Talvez, se você deixasse que Hawk e eu participássemos, sua operação não estivesse na merda em que está – Lawson sugeriu com raiva.

Skull virou-se e suas sobrancelhas se ergueram.

– Ah, sim, eu conseguiria mesmo manter o meu disfarce tendo Rambo e John McClane como aliados. – Ele se inclinou para trás. – Será que você por acaso *perdeu* a parte em que eu disse o quão longe tive de ir no cumprimento do meu dever e para manter o meu disfarce, trepando com aquela viciada imunda e desbocada?

Sarcasmo, e ficou claro que nem Hawk nem Lawson apreciavam muito o sarcasmo.

– Roarke iria descobrir a escuta presa no corpo dela em uma fração de segundo – Lee Nightingale entrou na conversa, ficando perto de Hawk (e de mim).

– Meu homem estava preparado – Skull replicou.

– Ele tinha a Ginger e não faria isso ameaçando Gwen, faria isso com uma lâmina cortando a pele dela – Luke Stark argumentou, e parecia estar infeliz também.

– Eu vou repetir – insistiu Skull. – Meu homem estava preparado.

– Você teve uma grande chance, sem o seu principal alvo saber que você estava usando ela para essa merda – Eddie Chavez rosnou apontando para mim.

– Acho que você sabe mais do que ninguém, Chavez, que as ruas de Denver estão sendo inundadas de drogas. Vocês, rapazes da força, estavam tão envolvidos com essa merda sem poder dar conta que pediram ao papa para declarar um milagre quando Kane Allen desistiu do negócio de segurança – Skull rebateu. O rosto de Eddie ficou contraído e um músculo trincou em sua face. – E Gwendolyn Kidd era a segunda parte desse milagre.

Ok, em primeiro lugar, se me fosse dada a chance de decidir se eu queria uma oportunidade para participar, eu não iria fazer parte desse milagre, não só porque era uma medrosa, mas também porque senti que talvez alguém treinado deveria fazer o serviço. E em segundo lugar, eu não sabia se era chato ou reconfortante saber que essas coisas todas vinham juntas.

– Nós não fazemos as coisas dessa forma em Denver – Hank Nightingale disparou.

– Sim, e é por isso que tem tantas drogas infestando suas ruas – Skull rebateu e Hawk se adiantou.

Diminuindo a distância entre ele e Skull de uma forma que não pudesse ser interpretada de maneira equívoca, Hawk ficou cara a cara com Skull.

– Vamos voltar a falar sobre você atirando no meu homem e colocando a minha mulher como isca, quero ouvir um pouco mais sobre isso – ele disse em voz baixa, de um jeito que ficou óbvio que não queria de fato ouvir o que ele tinha a dizer, queria era arrancar a cabeça de Skull.

– Epa – Elvira murmurou.

Mas era seguro dizer que eu já tivera a minha cota de sofrimento. Invadiram minha casa, incendiaram a casa dos meus pais, minha casa foi metralhada, fui sequestrada, presa, amarrada, amordaçada e quase usada como isca por um agente do DEA infiltrado e obcecado para pegar o bandido. Não ia deixar meu novo namorado ser preso por agressão.

Chega, já era o *suficiente!*

Soltei a mão de Elvira, levantei-me e gritei: – Parem com isso!

Hawk e Skull não se afastaram, mas ambos viraram a cabeça para mim.

Meus olhos foram para Skull.

– Eu entendo e admiro a sua missão, mas estamos na América, o que significa que sou livre para escolher se quero participar ou não de sua missão. E se eu escolhesse participar, então teria direito a receber o treinamento de que precisaria para talvez conseguir sair do outro lado viva. Você não me deu essa escolha, o que *não foi legal*. Mas, para sua informação, eu não participaria. Eu uso salto alto, bebo Cosmopolitans e edito livros. Essa é a minha escolha de vida. Não quero usar disfarces. Não tenho vontade de fazer isso. As ruas podem estar inundadas de drogas, lamento ouvir isso, desejaria que não fosse verdade, e quero lhe desejar a melhor das sortes para que você consiga mudar essa situação, mas eu me conheço o suficiente para saber que eu não seria capaz de ajudar muito nesse caso, mesmo

querendo. Eu teria estragado tudo. Mas há pessoas, como *você*, que fariam uma escolha diferente, elas seriam capazes de ajudar e você terá que encontrar outra maneira.

Puxei o fôlego e continuei:

– Agora, minha irmã está toda enrolada nessa confusão, eu sabia que a situação era ruim, mas agora estou sabendo que é pior do que eu imaginava, então se vocês não se importarem de controlar sua testosterona, de se acalmarem e marcarem a briga para outro dia, eu ficaria agradecida. Eu tive um dia muito ruim, o de Brett e Betsy está sendo pior e nós não precisamos de nada para deixá-lo pior do que já está.

Isto foi recebido em silêncio, todos os durões e os soldados durões ficaram simplesmente olhando para mim. E assim continuei:

– E, querido – eu disse, desviando o olhar para Hawk –, eu posso perceber que está chateado por Brett e por ter me resgatado mais uma vez, mas se descobirmos que Brett vai ficar bem, lembre-se de que me prometeu sairmos esta noite, e não acho que você quis dizer uma noite de visita na cadeia para falar com você por telefone e através de um vidro. Não tenho nenhuma roupa no estilo “visite seu namorado encarcerado” e... – eu me inclinei para frente – *eu não quero ter uma*.

– É isso aí, querida – Elvira murmurou, e respondi a ela com um sorriso.

Hawk não se mexeu e sua expressão não se alterou. Skull fez o mesmo.

– Afaste-se do agente do DEA, Hawk – eu pedi e ele continuou me olhando carrancudo. Então diminuí o tom de minha voz e pedi: – Querido, Betsy precisa de você agora.

Hawk fez uma careta para mim novamente, em seguida afastou-se de Skull, mas exigiu:

– Venha cá.

Ele pode ter se afastado de Skull, mas a tensão não diminuiu na sala de espera. Cheguei a debater rapidamente comigo mesma se deveria sair correndo em vez de me aproximar de Hawk, mas quando ele ergueu as sobrancelhas, decidi me arriscar e ir na direção dele.

No segundo em que me aproximei, sua mão envolveu o meu pescoço, ele me puxou em sua direção para minha cabeça encostar em seu peito, seu braço cobriu os meus ombros e sua outra mão pegou-me pelo pulso. Hawk ergueu o meu pulso para que seus vergões vermelhos e pedaços de pele machucada ficassem na altura dos olhos de Skull.

– Isso é culpa sua – ele disse calmamente e soltou o meu pulso, mas seus dedos escorregaram e envolveram a minha mão para que ele pudesse puxá-la para o seu corpo e deixá-la ao lado de sua cintura. – Se ela perder o sono, será culpa sua. Se eu perder o meu homem, será culpa sua. Se uma dessas duas coisas acontecer, a minha missão será fazer com que você nunca se esqueça da sua culpa. Estamos entendidos?

Aparentemente, eles não estavam, pois Skull replicou: – Minha missão foi por água abaixo, eu a teria mantido em segurança e teria salvado sua irmã.

Hawk puxou os lábios e mordeu ao mesmo tempo que passava o braço por meus ombros. Eu sabia que

essas duas reações foram o seu esforço para se manter controlado. O que ele não fez foi responder, então os olhos de Skull desviaram para os meus.

– Eu teria mantido você em segurança – repetiu ele.

– E eu teria agradecido se pudesse escolher participar da missão em que você precisava fazer esse esforço – respondi.

– Gwen, o trabalho que faço salva vidas, mas acho que você não o entendeu. Não pense que sou um homem que não compreende que as vidas que estou salvando possam valer a troca por uma boa mulher – disse Skull.

– Eu lhe agradeço por isso, mas se é verdade, como você explica Brett? – eu repliquei e o braço de Hawk apertou ainda mais os meus ombros.

– Porque tinha de ser – Skull disse gentilmente. Sua expressão havia mudado, ainda parecia rude, rock ‘n’ roll, um cara supergostoso, mas a maneira como sua expressão mudou e sua voz suavizou fez com que seu quociente de gostosura subisse até a estratosfera. Infelizmente, e automaticamente, notei isso porque eu já tinha uma vasta quantidade de estudos sobre o assunto. – Ele trabalha para Hawk, então eu sei que é um homem que coloca suas botas todos os dias já sabendo o que pode acontecer com ele, como no dia de hoje. Uma contingência sempre pode acontecer e, sabendo disso, ele se planeja. E também sei, por ele trabalhar para Hawk, que ele teve essa escolha de que você se queixa que eu não te dei. Ele reagiria sem piscar antes de decidir se deveria arriscar-se a fazer o meu jogo.

Merda. Comecei a achar que ele tinha lá sua razão.

Decidi parar de falar. Skull esperou que eu dissesse mais alguma coisa, e o fato de me dar um tempo para eu falar a minha parte, dizer o que eu tinha a dizer, mas não queria admitir, porque ele *não* era a minha pessoa preferida para fazê-lo, foi um gesto bacana da parte dele.

E foi nesse momento que percebi que todo o tempo em que fiquei com ele naquele apartamento imundo, na verdade ele estava me protegendo, era um sentinela no bom sentido. E o motivo pelo qual parecia tão infeliz não era porque eu havia arranhado seus braços. Era porque ele era um bom homem que, em prol de um bem maior para todos, estava tendo que suportar a vida fingindo ser um bandido. Estava envolvido em uma operação arriscada em que um lado dele submergiu e, por esse bem maior, ele se viu em uma circunstância que eu suspeitava ser como todas as outras por que teve de passar nesse um ano e meio a fim de preservar o seu disfarce. Ele teve de tomar uma decisão, deixá-la acontecer, e era impotente para fazer qualquer coisa a respeito.

Se eu falasse alguma coisa para criticá-lo, isso me faria infeliz também.

Quando não falei, ele desviou o olhar de mim, capturando os olhos de Hawk por um breve momento. Depois virou-se e desapareceu.

Lawson ficou na minha frente e olhei para ele.

– Querida, odeio dizer isso, mas tenho que tomar seu depoimento.

Eu suspirei.

Então eu disse:

– Temos que parar de nos encontrar sempre assim.

Hawk me puxou mais para perto.

Lawson sorriu.

VOCÊ PROMETEU

Abri os olhos.

O loft de Hawk estava quase todo às escuras, mas uma luz suave vinha de algum lugar próximo.

Eu estava na cama dele, mas ele não estava ali. Não havia seu peso, seu calor, sua presença. E Hawk tinha presença. Mesmo que não me tocasse, eu sabia que estava ali. E ele não estava.

Mais cedo todos havíamos esperado no hospital até Betsy sair do quarto de Brett. Ela parecia em estado de choque, foi o que pude perceber mesmo sem conhecê-la porque estava escrito em seu rosto. Hawk, papai, Meredith, Elvira e eu, juntamente com os pais de Betsy e de Brett, todos esperamos até que os médicos fizeram suas rondas e disseram a Betsy que não houvera alteração, ele permanecia estável, porém em estado crítico, e que ela deveria ir para casa e voltar na parte da manhã.

Embora os pais dela estivessem lá, Hawk disse a meu pai que me levasse porque ele levaria Betsy para casa. A família dela podia ter argumentado que isso não seria necessário, mas sendo Hawk quem é, eles não disseram nada. Elvira os acompanhou porque ela iria passar a noite com Betsy.

Papai e Meredith me levaram para a casa de um amigo do meu pai, Rick, porque Meredith e papai estavam hospedados lá até a casa deles tornar-se habitável novamente.

A esposa de Rick, Joanie, e Meredith tentaram me fazer comer, mas eu disse que ia esperar por Hawk. Por fim, ele chegou, Joanie preparou alguns sanduíches de queijo grelhado, sob o olhar tenso e impaciente de Hawk, embrulhou-os em papel-alumínio e colocou em um saco. Abraços e beijos foram trocados e um apressado Hawk me levou para o seu loft.

Durante o trajeto ele não falou nada, nem sequer uma palavra. Pensei que fosse porque o seu homem estava mal, pregado numa cama de hospital em estado grave, seu corpo inconsciente fazendo tudo o que podia para lutar pela vida. Imaginei que Hawk esperava que o corpo de Brett ganhasse essa batalha porque eu esperava a mesma coisa. Porque a sua cabeça estava cheia de tudo que aconteceu, assim como a minha, e eu conhecia Brett bem menos do que Hawk, entendi que ele precisava ficar sozinho com seus pensamentos, então fiquei quieta.

Quando entramos em seu refúgio, repentinamente descobri que estava morta de fome. Segui direto para a cozinha, enquanto Hawk acendia as luzes. Desembrulhei os sanduíches e coloquei-os nos pratos, cortando-os na diagonal. Hawk foi até a geladeira e pegou uma garrafa de água.

Quando fechou a geladeira, ofereci-lhe o seu sanduíche com calma.

– Querido.

Ele olhou para mim, olhou para o prato, pegou o prato, foi direto para a lixeira, abriu o pedal com a

ponta da bota e jogou o sanduíche no lixo. Em seguida largou o prato no balcão. Fiquei vendo ele ir até sua mesa no escritório, ligar o laptop, acender a luminária da mesa, sentar, abrir a tampa da garrafa de água e tomar um demorado gole.

Quando vi isso, percebi que não o conhecia totalmente. Eu o *conheço* há um ano e meio, mas só estava *começando a conhecê-lo* de fato havia uma semana.

Parecia que quando um dos seus rapazes se feria, ele ficava mal-humorado.

Compreensível. Era bom saber disso.

Comi meu sanduíche e dei o espaço de que ele precisava. Depois que terminei, fiz uma limpeza mínima.

Ainda na cozinha, perguntei alto:

– Hawk, querido?

Ele ergueu a cabeça da tela do computador sem falar nada.

– Você se importa se eu assistir à TV?

Ele disse não com um gesto de cabeça e voltou os olhos para a tela.

Ok.

Fiquei vendo TV até quase cair no sono. Então desliguei, apaguei as luzes na área de estar e caminhei até a mesa de Hawk.

Seus olhos não deixaram a tela.

Eu estava do lado oposto da mesa e esperei que ele me desse atenção. Depois de vários segundos intermináveis, ele inclinou a cabeça para trás e seus olhos se fixaram nos meus.

– Eu vou para a cama – disse a ele.

Ele assentiu com a cabeça uma vez e voltou a olhar para a tela. Mordi o lábio e tentei decidir o que fazer.

Então decidi fazer o que poderia fazer se estivesse na posição de Hawk. Contornei a mesa, cheguei perto, inclinei-me para ele e coloquei a mão em torno de seu pescoço.

Com o pescoço inclinado, sua cabeça caiu para trás e seus olhos prenderam-se nos meus.

– Ele vai ficar bem – sussurrei e apertei sua mão, com mais esperança do que certeza.

Hawk não respondeu, e quando digo isso é porque não respondeu de forma alguma. Nenhuma tensão no maxilar. Nenhum movimento dos músculos da face. Nenhum lampejo nos olhos. Nada. Zero.

Então, respirei fundo, inclinei a cabeça e toquei meus lábios nos dele, falando baixinho em seu ouvido:

– Venha para a cama cedo, tá?

Apertei sua mão outra vez, virei-me e me afastei. Eu me preparei para dormir, deitei na cama e levei algum tempo para encontrar o sono, mas ele veio. Acordei quando o peso de Hawk bateu na cama, seu calor me envolveu, seu braço deslizou em volta de mim, seu joelho cobriu o meu e o senti acomodar-se.

A tensão que eu sentia mesmo durante o sono desapareceu. Relaxei com ele colado em mim, seu calor

se infiltrando, seu poder me envolvendo, e senti que tudo ia ficar bem.

E agora eu estava sozinha na cama, ainda era noite e Hawk não estava mais ali.

Joguei as cobertas para o lado e saí de sua cama, indo diretamente para a escada. Enquanto descia, percebi que a luminária perto da poltrona velha estava acesa, embora não pudesse vê-la. Ao pé da escada eu me virei, dei dois passos na direção da poltrona e parei.

Hawk estava sentado na poltrona, sob o foco da luminária. Vestindo apenas sua calça cargo, estava curvado para frente, um cotovelo sobre o joelho, a mão pendendo entre as coxas. O outro cotovelo também apoiava-se no joelho, mas seu braço estava erguido e a mão segurava a nuca. Com a cabeça pendida, ele olhava para o chão.

– Querido – chamei baixinho e seu pescoço inclinou-se para trás, os olhos vieram a mim, mas sua mão não se mexeu.

Havia algo de errado com seus olhos. Muito errado.

– Querido – sussurrei e comecei a caminhar na sua direção.

– Eu estava errado – ele disse calmamente enquanto eu me aproximava.

– Sobre o quê? – perguntei.

– Nós – ele respondeu, e eu parei.

– O quê? – Eu ainda falava baixinho.

– Eu estava errado sobre nós – ele respondeu.

Senti meu coração apertar e, meu Deus, doeu.

– Você estava errado sobre nós?

Ele baixou a mão da nuca, ergueu um pouco o peito, mas manteve os cotovelos sobre os joelhos.

– Não está dando, Gwen.

– Não está... – A frase saiu estrangulada, então limpei a garganta e continuei: – O quê?

– Essa merda, eu não consigo.

– Essa... – Fiz uma pausa desta vez, porque era muito difícil conseguir falar aquilo. Por fim eu disse: – *Merda?*

– Sim, essa merda – respondeu ele, sem dificuldade alguma em dizê-lo.

Dei uns passos para o lado onde, felizmente, havia uma grande coluna de ferro e abracei-a, inclinando meu corpo para ela para poder me segurar.

– O que você está querendo dizer com isso? – perguntei, já com dificuldade para respirar, principalmente porque o meu coração tinha vindo até a boca.

– Você e eu, eu estava errado. Eu pensei que conseguiria, mas não está dando.

– Você está... – Minha voz saiu estrangulada novamente. Então parei, engoli em seco e continuei: – *Terminando comigo?*

– Sim. – A resposta dele foi direta e decidida.

– Você está terminando comigo – eu repeti só para confirmar.

– Sim – ele repetiu, mais uma vez direto e decidido.

Senti as lágrimas escorrendo dentro do meu nariz.

Meu Deus, Troy estava certo. Doía muito mais quando um homem passava por cima de você usando botas de combate.

– Você prometeu – sussurrei, e foi assim. Ele prometeu. Há menos de 24 horas ele *jurou* que iria cuidar de mim direitinho, porra.

Ele se levantou, soltei a coluna de ferro e recuei.

– O que faço é para manter essa promessa, Gwen.

– Você é tão cheio de merda – continuei sussurrando.

– Melhor agora do que quando você estiver mais presa a mim, baby.

– Você... é... – Eu me inclinei para frente, perdida no meio de uma frase, e gritei: – *Tão cheio de merda!*

– Minha flor... – ele começou, mas o cortei na hora, ainda gritando.

– Não me chame assim, seu *babaca!*

Então dei meia-volta e corri para subir a escada.

Hawk me seguiu, e ele não foi devagar. Só que quando chegou na plataforma da cama, eu já estava vestindo o meu jeans.

– Gwen, me escute – ele pediu.

– Vá se foder – respondi, fechando o zíper.

Ele me pegou pelo braço e gentilmente me virou para ele, mas puxei meu braço para longe dele, coloquei as duas mãos no seu peito e o empurrei.

Ele então agarrou meus braços e apertou-os.

– Gwen, olhe para mim.

Olhei para ele e sussurrei:

– Você orquestrou tudo isso. Trabalhou para isso. Eu me dei para você e bastou *um dia* para querer me jogar fora.

– Ouça-me, baby, e você...

Puxei os meus braços com força e retruquei:

– Vá para o inferno, Hawk.

– Baby, ouça – ele insistiu, agarrando os meus braços novamente, eu puxei de novo, uma de suas mãos bateu sem querer nos hematomas e cortes no meu pulso e dei um grito involuntário de dor. Ele me soltou imediatamente.

Aproveitei e contornei-o rapidamente para pegar minhas malas. Debrucei-me sobre elas, mas fui puxada para cima por um braço em volta da minha cintura. Minhas costas bateram no peito de Hawk, seu outro braço me envolveu e sua boca veio ao meu ouvido.

– Baby, me escute – ele sussurrou.

Quando ele disse isso, alguma coisa dentro de mim se rompeu e de repente tudo o que eu era ficou em pedaços. Livrei-me violentamente dos seus braços, girei e avancei até ele, com o dedo para cima e apontando para a sua cara.

– Não me chame de *baby*. Nos cinco minutos que nos restam juntos, Cabe Delgado, nem sequer *pense* em me chamar de *baby*.

E eu sabia o que era. Sabia por que aquilo acabava comigo. Sabia que eu adorava aquilo. Sabia que a primeira vez em que ele me chamou de *baby* na cozinha de minha casa, a esperança que eu não me permitia sentir há um ano e meio não era só real, ela era possível.

E assim como aconteceu com Scott, *exatamente* do mesmo jeito que aconteceu com Scott, eu estava enganada. Mas *muito, muito, muito enganada*.

Ele abriu a boca para dizer algo e depois desistiu. Seu corpo tenso virou estátua e ele murmurou furioso:

– *Porra*.

Foi quando ouvi um barulho. Canos de descarga. O rugido do escapamento de uma Harley. E não era só uma moto. Nem duas. Eram muitas.

Hawk se virou, inclinou-se e pegou a sua camiseta do chão. Ele puxou-a sobre a cabeça e foi puxando-a para baixo de seu abdômen quando levantou um dedo para mim e ordenou:

– Fique aqui.

Eu não respondi, mas de jeito nenhum continuaria na casa dele. No que me dizia respeito, a cavalaria estava chegando e eu daria o fora dali o mais rápido que pudesse.

Inclinei-me para a minha mala, calcei meias e botas, peguei uma calcinha, um sutiã, uma camiseta e corri até o banheiro para pegar tudo de que precisava. Depois corri escada abaixo, enfiei tudo na minha bolsa, coloquei-a no ombro e saí correndo.

Quando cheguei do lado de fora, vi que Hawk, como sempre, estava com sua calça cargo, uma camiseta e pés descalços no que parecia ser um impasse com Tack na frente de uma carrada de Harleys, seus faróis iluminando a cena. Alguns rapazes estavam de pé ao lado de suas motos, outros estavam escarranchados sobre elas. Apenas Tack enfrentava Hawk cara a cara.

Localizei Dog e corri direto para ele sem sequer olhar para Hawk e Tack enquanto corria.

Dog olhou para mim.

– Gata, acho que é melhor você ir lá para dentro.

– Leve-me com você – eu supliquei. Dog tomou um susto e perguntou:

– Como é que é?

– Leve-me com você – repeti, agarrando o braço dele em um esforço para convencê-lo da seriedade de minhas palavras.

Ele me deu uma encarada rápida antes de erguer a cabeça e soltar um assobio agudo. Não olhei para trás. Eu estava tremendo e segurando no braço com desespero. Também estava segurando o choro prestes

a desabar.

Vi-o acenando com o queixo para cima, em seguida passou uma perna por cima da moto. Imaginei que isso significava que estava me levando com ele e não queria perder tempo ou desperdiçar a oportunidade. Pulei no banco do carona, passei meus braços em volta dele segurando bem firme, coloquei meu rosto em seu ombro e fechei os olhos com força.

Senti o ronco da Harley e depois o seu movimento. Dog fez uma grande curva na maciça área de cimento rachado ao lado do armazém de Hawk, uma área antes usada como estacionamento de funcionários e que agora não era usada para nada. Depois da curva, ele pegou uma reta e arrancamos dali.

Não abri meus olhos uma vez sequer. Com o vento chicoteando em volta de mim e meu corpo totalmente entorpecido para tentar manter a dor sob controle, demorou algum tempo para eu perceber que estava chorando.

Subitamente a moto parou no acostamento e as mãos de Dog retiraram gentilmente as minhas de sua barriga.

Ele virou-se para trás, eu ergui a cabeça e meus olhos finalmente abriram.

– Troque de moto, gata – ele ordenou.

– O quê?

Ele apontou com o queixo. Virei a cabeça e vi Tack ao nosso lado, com a cabeça voltada para nós. Mesmo naquele escuro, eu sabia que seus olhos estavam grudados em mim.

Merda.

Eu queria ficar na moto de Dog, mas também não queria um drama por causa disso. Não, eu não poderia lidar com outro drama. Já tive drama suficiente para um dia, não, *muuuito* obrigada. Na verdade, tive tanto drama na semana que passou que poderia durar uma vida inteira.

Então saltei do banco, fui até a moto de Tack, ajeitei a bolsa no ombro e subi na moto.

No minuto em que meus braços se fecharam na cintura de Tack e meu rosto tocou seu ombro, a moto disparou.

NÃO VALE O RISCO

Senti um peso atingir a cama, meus olhos se abriram e me ergui apoiada nos cotovelos.

Tack estava sentado lá, vestindo uma camiseta colante e jeans desbotado. Seu cabelo estava molhado depois de um banho. Ele me olhava com seus olhos azuis.

Eu estava deitada em sua cama, não no Complexo do Chaos MC, mas em uma agradável casa na montanha perto de Denver. Uma casa construída no alto da montanha. Tinha um andar só, extenso, e um deque de madeira por toda a frente da casa. A visão da paisagem devia ser fantástica à luz do dia, mas não aproveitei muito quando chegamos lá, principalmente porque eu estava entorpecida, esgotada e lutando desesperadamente para conter lágrimas histéricas, explosões de raiva e a vontade de matar alguém.

Tack me levou para o seu quarto, jogou minha bolsa na mesa de cabeceira e ordenou, “Durma, querida”.

Em seguida, ele saiu.

Tirei minhas botas, meias, calça jeans e, uma vez convenientemente vestida com minha camisola, subi em sua cama desarrumada e fiz exatamente o que ele me disse.

Agora eu estava em minha habitual posição fetal, com as mãos em forma de oração sobre a face.

– Bom-dia, princesa, você quer um café da manhã? – disse Tack.

– Você mesmo prepara, ou tem uma namorada motoqueira que fará o café da manhã que eu pedir? – respondi, e lá ia eu. Automaticamente. A metida a esperta.

Quando eu iria aprender?

Tack sorriu.

– Eu mesmo preparo. Se você tirar esse seu rabo da cama, vai provar as melhores panquecas que já viu na sua vida – ele respondeu.

E pela primeira vez na minha vida, eu não estava com fome.

Não, não era verdade. Depois que encontrei o meu marido na cama com a minha irmã e dei um pé na bunda dele, não comi por três dias. Eu nem me tocara na época, mas Troy sim, e ele me fez comer. Aquela tinha sido a última vez que perdi o apetite.

– Parece bom – menti, mas continuei imóvel.

Tack viu minha reação e estendeu a mão para mim. Pegou no meu braço e gentilmente tirou a mão de meu rosto. Depois ele ergueu meu braço e seus olhos desviaram para o meu pulso. Sua mão deslizou com cuidado, seus dedos envolveram a minha e vi quando levantou o meu braço mais para cima... até... até

ele inclinar o pescoço e seus lábios tocarem a pele machucada e rasgada do meu pulso.

Minha respiração acelerou.

Hawk é que deveria ter feito isso. Mas Hawk ficou tão ocupado remoendo o que acontecera com Brett, ou, o que era mais provável, tentando descobrir como faria para terminar comigo uma vez que havia ganhado o desafio e estava pronto para outra, que ontem à noite ele se esqueceu completamente de que eu havia sido sequestrada, amarrada, amordaçada e usada como isca.

Tack ergueu a cabeça, seu corpo se inclinou e ele apertou a minha mão em seu peito.

– Minha menina teve um dia ruim ontem – ele disse baixinho.

Hawk deveria ter dito isso também.

– Existe ruim e ruim, estou descobrindo as muitas nuances entre eles, mas, sim... ontem fui apresentada a um novo nível de ruim.

– Então você precisa de panquecas.

Enfim um homem que entendia as propriedades curativas da comida.

– Panqueca seria ótimo – respondi.

Sua mão apertou a minha.

– Levante já dessa cama, querida, vou para a cozinha.

Em seguida, ele ergueu minha mão, beijou o nó dos meus dedos, largou-os, levantou da cama e saiu do quarto.

Dei um tempo, saí da cama, vasculhei minha bolsa, encontrei a escova de dente e a espuma de limpeza facial, entrei no banheiro do quarto e fiz as minhas coisas. Não me incomodei em colocar uma roupa, minha camisola me cobria mais do que a maioria dos vestidos que eu tinha. Saí do quarto e, como a casa fora construída na montanha e todos os aposentos davam para um lado só com um corredor cheio de janelas, pude agora ver a paisagem.

A boa notícia era que logo depois do deque havia um declive acentuado e íngreme, o que tornava bem difícil uma invasão de domicílio bem-sucedida. A outra boa notícia era que a vista era deslumbrante. E, pela primeira vez em mais de uma semana, não havia más notícias.

Segui pelo corredor olhando para os aposentos à minha esquerda. Um banheiro e mais dois quartos: um que tinha uma cama e uma cômoda, e outro que servia de escritório, bastante desarrumado. Depois vinha uma área aberta. Ali havia uma cozinha com um bar do lado oposto de portas envidraçadas de correr que davam para o deque. A cozinha era incorporada a uma gigantesca sala de estar que se projetava um pouco na parte da frente da casa.

Tack estava na cozinha pilotando o fogão.

Fui até lá para ficar ao lado dele, não muito perto, preferi ficar encostada no balcão. Olhei para baixo e havia seis panquecas redondinhas perfeitas em uma frigideira.

Sua cabeça virou-se para mim.

– Parece que você é craque nisso – comentei.

Ele não respondeu ao meu comentário. Em vez disso, perguntou:

– Você quer café?

– Eu sou Gwendolyn Kidd, estou respirando e é de manhã – respondi.

Merda! Lá estava eu de novo. Bancando a esperta.

Tack sorriu. Depois fez um gesto com a cabeça, apontando para o balcão atrás de mim.

– Sinta-se em casa, princesa – ele disse.

Ai, meu Deus.

– Quer tomar alguma coisa? – perguntei.

– Eu estou bem, querida – ele respondeu.

Fui procurar as canecas enquanto falava.

– Você pode me dizer o que foi aquilo ontem à noite?

– Parece que estamos pensando a mesma coisa.

A minha mão segurava uma caneca e virei-me para olhar para ele enquanto fechava a porta do armário.

– O quê?

– Você saiu correndo da casa de Hawk como se a porra daquele lugar fosse mal-assombrado e pulou na moto do Dog.

– Hum... – respondi. Abaixei minha cabeça, peguei a alça da cafeteira e comecei a me servir. – Por que você não respondeu a minha pergunta primeiro?

Ele não hesitou.

– Eu estava lá porque queria uma explicação de por que você foi sequestrada e quase uma hora depois colocada à venda, pode-se dizer. Hawk e eu fizemos um acordo, e o acordo foi que ele deveria cuidar de você para que essa merda *não* acontecesse e aconteceu. Ele fracassou, não fez o trabalho direito.

Olhei para Tack.

– Um dos homens dele foi baleado três vezes, me protegendo – eu disse baixinho.

Os olhos de Tack me encararam.

– Foi como eu disse, ele fracassou no trabalho.

Hum. Isso era injusto, mas ao mesmo tempo dolorosamente verdadeiro.

Fui até a geladeira e peguei o leite.

– Você tem açúcar?

Tack estava virando panquecas. Quando terminou, foi até um armário e tirou um saco de açúcar pela metade, colocando-o próximo à minha caneca. Procurei colheres, coloquei leite no café, adocei, guardei o leite e mexi o café na caneca. Pus a colher de lado e tomei um gole do café.

Tack fazia um bom café também.

Hum.

– Princesa – Tack me chamou, olhei e vi que ele estava me observando.

– Sim?

– Respondi a sua pergunta, agora é a sua vez de responder a minha.

Tomei outro gole e estudei-o por cima da borda da minha caneca. Seus olhos estavam fixos nos meus, então suspirei e resolvi contar.

– Hawk tinha acabado de romper comigo, então realmente eu precisava *muuuuito* de uma carona.

– Hawk rompeu com você? – ele sussurrou, e mesmo que eu estivesse estudando sua reação, ainda assim perdi a mudança que ele deixou transparecer, mas quando a peguei, os músculos do meu corpo ficaram tensionados.

Merda!

– Hum...

– Ele rompeu com você justamente na noite em que foi sequestrada, seus pulsos dilacerados e seu corpo amarrado, amordaçado e colocado à venda para quem pagasse mais.

Isso não soava bem, mas, novamente, porra, era verdade.

– Hum-hum... – murmurei.

Tack virou-se para suas panquecas.

– Pelo menos ele rompeu com você. Limpou a área.

Tack retirou as panquecas da frigideira e as reservou em um prato, quando perguntei:

– Limpou a área?

Sua cabeça virou-se para mim.

– Limpou a área. Para você. Ele está fora do caminho, eu não tenho mais que lidar com as merdas dele.

Epa.

– Tack... – comecei, sem saber como dizer o que tinha a dizer, e que era que eu estava *muuuuito* cansada dos homens. Sericamente cansada deles. Cansada para sempre. Eu não ia encarar outro de novo. O problema era que, segundo Hawk, dizer uma coisa dessas a Tack era como um desafio, e realmente eu não precisava disso.

Tack colocou a espátula de panquecas no balcão, virou-se e diminuiu a distância entre nós, antes que eu pudesse piscar.

Então ele começou a falar:

– Gwen, as pessoas comentam e, na última semana, o que se ouviu falar na rua não foi sobre sua irmã, foi sobre você e Hawk. Eu sei que você está ligada na dele por algum tempo. Sei que você é diferente das outras. E eu vi o estado em que você estava ontem à noite, querida, então sei que o que está sentindo é uma dor profunda e, acredite em mim, não tenho nenhum prazer em lhe dizer isso, porque eu também sei que quando ele termina com alguém, ele termina mesmo, e se ele disse que terminou com você, ele... *terminou*.

Senti a dor no meu nariz anunciando lágrimas.

Tack continuou falando.

– Também sei o que vi quando você me viu pela primeira vez, sei o que senti quando vi você e sei *exatamente* o que senti quando toquei em você. Dito isto, eu não sou burro nem um idiota. Você não está pronta. Isso não significa que eu não queira o suficiente para esperar. Sendo assim... – ele chegou mais perto de mim, ergueu a mão e segurou a minha nuca enquanto inclinava a cabeça, colocando seu rosto junto ao meu e falando com voz macia: – Leve o tempo que quiser, querida, lamba suas feridas, estarei esperando por você bem pertinho enquanto elas curam. Se precisar de formas mais radicais de arrancá-lo da sua mente, eu estou aqui. E quando você sair do outro lado, estarei lá, esperando.

– Tack... – comecei a dizer baixinho, olhando nos olhos dele, e pude sentir as lágrimas começando a brotar. Lágrimas pelo fim do meu devaneio vívido com Hawk e lágrimas porque ali, de pé na minha frente, aparentemente estava um bom homem. Um homem perigoso, mas bom e, ainda assim, não havia a menor possibilidade de eu pensar em ficar com ele.

Ele inclinou a cabeça ainda mais um pouco, sua boca tocou a minha e, como os meus lábios estivessem entreabertos, ele aproveitou a oportunidade para colocar a língua na minha boca. Por puro reflexo, a ponta da minha língua procurou a dele e foi como um choque elétrico inesperado. Uma sensação totalmente diferente disparou dentro de mim, fazendo com que eu tivesse vontade de fugir correndo dali.

Mesmo não perdendo a oportunidade, ele não se aproveitou, em vez disso ergueu a cabeça e abriu os olhos para ver o seu olhar no meu.

Sua mão pressionou levemente a minha nuca e ele ordenou com carinho:

– Agora, coma as suas panquecas, querida.

Fiz o que ele disse. Peguei as panquecas e ele me passou a manteiga e o xarope de bordo. Sentei em uma banqueta do bar, coloquei a manteiga e o xarope e comecei a comer, enquanto Tack preparava algumas para ele.

Tack estava certo e eu, surpresa.

Foram as melhores panquecas que já comi.

Já passava do meio-dia e eu estava cansada.

Tack havia descido a montanha para pegar as minhas coisas. Ele havia decretado que eu ficaria hospedada na casa dele. Pensando nisso, percebi que as pessoas estavam me sequestrando. Papai e Meredith estavam desabrigados e sua vulnerabilidade ficara comprovada por uma bomba incendiária. Leo era policial, mas tinha de trabalhar para ganhar dinheiro, o que significava que não poderia passar seus dias me protegendo. Eu ainda era avessa à ideia de comprar uma arma e, de qualquer maneira, tinha certeza de que era preciso um período de espera para se obter uma licença de uso e porte de arma de fogo, então eu não podia contar com isso.

Tack tinha um bando de motociclistas durões sob seu comando e um refúgio na montanha.

Então fiquei com Tack.

Enquanto ele estava fora, liguei e deixei uma mensagem para o meu pai dizendo-lhe onde eu estava e que não se preocupasse, disse também que eu explicaria tudo outra hora. Disse ainda que o jantar que Elvira e eu tínhamos marcado com Hawk, Gus e Maria estava cancelado, e que eu também explicaria isso outra hora. Não liguei para Meredith, porque eu não estava pronta para conversar. Liguei para Cam e Tracy. Cam ficou arengando sobre Hawk, dizendo o tempo todo “eu sabia”, insistindo que ela já *sabia* que Hawk era um grandessíssimo babaca filho da puta. Tracy reagiu exatamente como eu me sentia, com o coração em mil pedacinhos.

Eu não liguei para Troy. Ele não iria regozijar-se com a desgraça alheia, eu sabia que não. Ele seria gentil. E também me ofereceria um lugar para ficar. Troy era um cara muito legal, mas não tinha um bando de motoqueiros fodões sob seu comando, nem um refúgio na montanha. Tinha um apartamento e quase todos os seus amigos do sexo masculino trabalhavam em bancos de investimentos.

Eu estava sentada no gigantesco, macio e confortável sofá marrom de Tack, minha mente abarrotada de pensamentos lúgubres ao mesmo tempo em que considerava a possibilidade de tirar um cochilo que durasse no mínimo uns 50 anos, quando vi Tack chegando em sua moto barulhenta. Ele estava sozinho e a Harley não trazia as minhas malas.

Merda.

Levantei-me e fui me encontrar com ele na porta da frente.

Ele parecia preocupado.

– Você está bem? – perguntei.

– Não – respondeu ele, indo até uma porta que havia do lado de fora, abrindo e tirando de lá uma jaqueta de motoqueiro de couro. Virou-se, jogou-a para mim e peguei. – Ponha isso, princesa. Odeio ter de lhe dar esta notícia, mas Hawk está sendo muito babaca. Disse que não vai entregar as suas coisas, a menos que ele possa vê-la. Meus rapazes estão em um impasse com os rapazes dele lá no loft, querem pegar as suas coisas sem brigas desnecessárias, o que poderia significar qualquer coisa, desde ferimentos leves a derramamento de sangue e hospitalização. Preciso que você dê as caras lá.

Meu corpo estava travado, mas a minha boca se moveu para formar as palavras.

– O quê?

Tack aproximou-se de mim e colocou a mão na minha cintura. Com a outra mão segurou a minha nuca levemente.

– Querida, ele está exigindo ver você. – Então, suas mãos me apertaram. – Temos que deixá-lo vê-la. Ele vai te ver, estarei atrás de você, meus rapazes vão entrar e pegar suas coisas.

– Ele está segurando os meus pertences e só posso resgatá-los se for lá vê-lo? – sussurrei.

– Sim – respondeu Tack.

– Por quê? – eu disse ainda sussurrando.

– Sei lá, caralho – Tack replicou.

Fiquei ali, com as mãos dele em mim e olhando em seus olhos.

Então perdi a cabeça.

Dei um passo para trás e puxei sua jaqueta.

– Esse *imbecil* filho de uma puta! – gritei. – Deus do céu! Onde eu *estava com a cabeça*? Só podia estar louca ao me envolver com um sujeito desses. Temporariamente louca!

Então tirei o meu cabelo preso no colarinho da jaqueta, segui reto e decidida em direção à sua moto, o meu pé quase pronto para sair do deque e pisar na parte de cascalho, quando um braço me puxou para cima, erguendo-me pela barriga.

Tack levantou-me, limpou meus pés, se virou e me colocou no chão de novo.

Eu me afastei, virei-me para ele, que disse:

– Querida, as botas.

Olhei para os meus pés e vi as meias. Então inclinei minha cabeça para trás para olhar para Tack e vi sua boca se contorcendo.

Daí entrei na casa para pegar minhas botas.

Tack estava certo.

Quando chegamos ao loft de Hawk, havia um impasse e tanto. Uma grande caminhonete preta estava cercada por cerca de uma dúzia de motos e uma dúzia de motoqueiros encaravam um número igual de soldados. Hawk havia convocado o que parecia ser a totalidade de sua força de trabalho.

E estava entre eles.

Tack avançou com sua Harley entre as linhas de batalha, parou na frente de Hawk e colocou um pé no chão.

– Você a viu, agora deixe meus rapazes entrar... – Tack rosnou.

Hawk olhou para mim. Felizmente eu havia passado todo o percurso de descida da montanha alimentando a minha raiva, estocando-a, então eu estava bem brava para vê-lo sem me desmanchar em lágrimas ou qualquer outra coisa igualmente humilhante.

– Para dentro – Hawk disse para mim.

– Nem pelo caralho – Tack respondeu de volta.

Hawk não tirava os olhos de mim.

– Para dentro – repetiu ele.

Tack baixou o descanso da moto, e eu sabia que ele estava perdendo a paciência, então descii.

– Gwen... – Tack começou.

Sacudi minha cabeça tão rápido que meu cabelo voou por cima do ombro.

– Está tudo bem. Estou bem, eu volto em um minuto – garanti a ele.

– Princesa...

– Estou bem, Tack, sinceramente, saio daqui a um minuto.

Não esperei por sua resposta, contornei Hawk, atravessei sua linha de soldados, ou, mais precisamente, por entre Fang e Jorge, e coloquei os pés no loft.

Quando cheguei na área que ficava logo depois do espaço sob a plataforma da cama, vi que o boato e Tack não mentiram. Quando Hawk diz que terminou, terminou. Fiquei sabendo disso porque minhas duas malas estavam ali, além da minha mesa, do meu computador desligado e da minha caixa de material de escritório.

Por que ele queria me ver, eu não sabia. Talvez porque fosse um babaca. Mas até aí, a maioria dos homens era.

Peguei as minhas malas, arrastei-as, virei-me e dei de cara com Hawk.

Inclinei a cabeça para trás.

– Saia do meu caminho – eu disse.

Ele se curvou, pegou as malas das minhas mãos e numa fração de segundo suas mãos estavam em cima de mim. Mal tive a chance de lutar, porque ele já estava me imprensando na parede sob a plataforma com a mão no meu peito.

– Agora, baby, você vai me deixar explicar.

– Tire a mão de cima de mim.

– O nome dela era Simone – ele afirmou como um louco.

– Quem, o seu novo brinquedo? – rebati.

– Não, a minha esposa morta.

Meu estômago apertou, meu coração ficou em suspenso e encarei-o.

– O quê? – perguntei baixinho.

– O nome da minha filha era Sophie.

Minha filha? Uma filha. Ele disse que tinha a porra de uma filha!

Era.

Ele disse que *era*.

Ele continuou falando:

– Simone tinha um irmão e ele era exatamente igual a Ginger. Mas havia uma razão para ele ser um lixo de gente. Seus pais eram um pesadelo assustador. Fariam a sua mãe se candidatar ao título de Mãe do Ano. Simone era inteligente, largou essa merda de família assim que pôde. Mas, por boas razões, razões que fizeram com que ela tomasse as decisões erradas, ela era ligada no irmão. Muito próxima. E eles continuaram unidos. Eu disse a ela que enquanto estivesse comigo, ela não iria visitá-lo. Mas a mulher dele estava grávida, eu estava fora em uma missão e ele a chamou porque sua mulher estava em trabalho de parto. Simone adorava crianças, adorava o irmão, adorava a cunhada, estava muito feliz porque ia ser tia. Então ela foi até a casa deles e levou Sophie junto. Ele saiu de dentro da casa, a mulher

dele saiu também e Simone estava andando com Sophie até a casa para encontrá-los. Ele estava com alguns dos rapazes dele. Estavam todos no gramado. Alvos fáceis. Simone não sabia que ele estava no meio de uma guerra, e morreu não sabendo. Não importa, o bairro inteiro era uma zona de guerra e ela sabia disso porque foi criada ali. O inimigo aproveitou para atacar, e não hesitou em acrescentar danos colaterais ao seu jogo. Simone foi baleada, Sophie foi baleada, Julian, irmão de Simone, foi baleado e sua mulher também. Ela morreu antes de dar à luz, mas eles salvaram o bebê. Essa criança foi a única sobrevivente do massacre.

Eu estava ouvindo e ao mesmo tempo tremendo e me perguntando se meus ouvidos estariam sangrando, porque eu sabia que meu coração estava, ou pelo menos parecia.

– Hawk – sussurrei.

– Não posso encarar isso novamente. Não posso passar por isso novamente. Confie em mim, baby, prometi que ia cuidar de você direito e, quando digo que estou fazendo isso, não estou mentindo. Isso acaba agora antes que fique intenso demais.

Olhei para ele e a ficha caiu.

Ele era tão cheio de merda.

Não satisfeita, eu ainda comuniquei o fato.

– Você é tão cheio de merda.

O rosto dele ficou duro, sua mão afastou-se do meu peito e foi para o bolso da calça cargo. Ele puxou a carteira, o polegar filtrando até encontrar um pedaço de papel dobrado. Ele o abriu e segurou-o na frente dos meus olhos.

Naquele pedaço de papel vi um Hawk mais jovem vestindo uniforme, sorrindo para a câmera abraçado com duas garotas. Uma delas, sob a curva de seu braço, era uma mulher de cabelos pretos muito bonita, que também sorria para a câmera, descansando a cabeça no ombro de Hawk, seu braço nas costas dele, a outra mão em seu peito. A outra garota, no colo dele, tinha uns dois ou três anos de idade e era uma menininha muito linda. Seu rosto de perfil era uma mistura perfeita de tudo o que havia de lindo na sua mãe e no seu pai. Estava vestindo uma roupinha fofa. Cor-de-rosa. Sua mãozinha descansava no pescoço de Hawk. Ela não estava sorrindo para a câmera. Parecia estar rindo com os olhos voltados para o pai.

Sim, meu coração estava definitivamente sangrando.

Ele ainda era cheio de merda.

Ele tirou a foto do meu rosto, dobrou, guardou na carteira e colocou a carteira de volta na calça dizendo:

– Esse foi o dia em que eu estava embarcando para uma missão. Foi a última vez que as vi.

– Eu peguei meu marido trepando com a minha irmã – lembrei a ele.

Seus olhos se encontraram com os meus.

– Eu sei, baby, é muito chato, mas você precisa acordar e superar o que aconteceu.

Ele *enlouqueceu*?

– Não estou acreditando no que ouço – afirmei.

– Minha mulher e minha filha foram assassinadas em um ataque, Gwen, quando eu estava a milhares de quilômetros de distância. O que aconteceu com você é triste, mas não me venha agora jogar essa merda na minha cara quando ela *de modo nenhum* se compara à merda pela qual passei.

– Você está certo, não se compara. Claro que não. Não é a mesma coisa. Isso não significa que o que você disse para mim não seja verdade.

– E o que eu disse a você?

– Você me disse que se eu não quisesse correr o risco de me entregar a você, isso significava dizer que você não valia a pena o risco. O mesmo vale para mim. O que aconteceu foi triste, Hawk, muito além de triste. Estou puta com você e meu coração ainda sofre por perdê-lo. Mas mesmo assim, você fica aí dizendo que eu não valho o risco.

Soube que meu argumento o atingiu em cheio quando observei como seu rosto congelou como uma máscara branca, e aproveitei a oportunidade para afastar-me dele e ir até minhas malas. Peguei-as e me encaminhei para a porta da rua.

Na porta, me virei e vi seus olhos em mim, com o rosto ainda paralisado como uma máscara.

– Os rapazes de Tack estão aqui para pegar o resto das minhas coisas e você não vai impedi-los. Se você quer dar um ponto final, então libere *tudo* o que é meu.

Seu rosto destravou e foi de um jeito suave. Ver aquele rosto lindo amansar-se foi como um soco no estômago.

Idiota!

– Gwen... – ele começou a dizer.

Balancei minha cabeça.

– Não, você disse o que tinha a dizer. E você ouviu o meu lado da história. Não tenho a *menor ideia* do que vou fazer da minha vida. Não sou especial para você, não importa o que o meu instinto e o frio na barriga me disseram quando vi você antes mesmo de nos tornarmos nós, mas principalmente depois. E você não é especial também, exatamente porque me fez sentir como uma merda, *outra vez*, mas resolvi escutar o meu coração, seguir o meu instinto e acabei permitindo que isso acontecesse. As decisões que tomo são *piradas*. Perdi. Lição aprendida. Não posso confiar no meu instinto, então vou viver na minha cabeça. Sorte sua, nós terminamos e você não vai precisar me ver fazendo isso.

Então me virei, coloquei uma mala no chão, peguei a maçaneta, abri dois centímetros de porta, peguei minha mala, chutei a porta e ela abriu ainda mais, então lutei para levar minhas malas para fora e deixei Cabe “Hawk” Delgado para trás.

DECEPCIONADA COM VOCÊ

– Uma coisa eu posso te dizer, Tack, estou começando a ficar apavorada – eu disse por trás da venda em meus olhos.

– Só mais um pouquinho, princesa – Tack respondeu.

Eu estava em um SUV. Tack não tinha só uma Harley, ele tinha um enorme Ford Expedition. Cerca de cinco minutos atrás, quando saímos da estrada vindo de sua casa e chegamos a Denver, ele estacionou e disse para eu colocar uma venda nos olhos. Disse que tinha uma surpresa para mim e, como ele foi tão legal comigo na semana que passou, concordei em pôr a venda, mesmo que isso me deixasse apavorada.

A última semana com Tack foi como estar curtindo umas miniférias. Pode ser que eu seja egoísta, e uma grande idiota, mas quando se precisa de tempo para organizar a cabeça depois de levar um pé na bunda das botas do homem amado, enfiar-me em um refúgio na montanha com um motoqueiro era uma boa maneira de curar.

Durante as minhas miniférias também passei um tempo longe de papai, Meredith, Cam, Tracy e Leo. Expliquei-lhes isso em poucas palavras e eles bateram em retirada, embora nada felizes. Troy me ligou e não atendi a chamada. Eu sabia que ou Cam ou Tracy devem ter falado com ele da situação, e eu sabia que ele devia estar triste por mim, mas eu não tinha condições emocionais de encarar isso agora. Elvira ligou também, várias vezes, e não retornei as chamadas por razões que não precisam ser explicadas.

Os rapazes de Tack levaram a minha mesa e o material de escritório para a minha casa, mas meu computador e as malas foram para a casa dele. Eles colocaram o meu computador no escritório dele. Passei os dias trabalhando e arrumando seu escritório. Depois fiz uma limpeza na casa. No segundo dia Tack me levou ao supermercado para abastecermos com montes de comida o seu refúgio na montanha, e comecei a cozinhar pratos fantásticos para quando ele chegasse em casa, o que levava séculos para preparar. Sem falar das sobremesas e muito mais.

Quando não estava trabalhando ou cozinhando, eu lia. No supermercado, comprei cinco romances para ler na casa de Tack deitada em seu imenso e macio sofá, mas na hora de ler eu me perdia em devaneios com o outro. Eu ainda não conseguia ficar comigo mesma. Isso acontecia porque durante o último ano e meio, a maioria dos meus devaneios foram centrados em Hawk e eu não sabia para onde ir a partir daí, porque não pretendia mais esperar pelo homem perfeito, nunca mais. Então eu precisava de um novo alimento para os meus devaneios e sonhos de mulher sozinha; planejar excursões de caminhada e salvar furões não serviriam para mim.

Eu começava meus dias enrolada em um cobertor e sentada no frio deque de Tack, apreciando a

paisagem enquanto bebia café e lutava contra a dor em meu coração.

Eu terminava os meus dias na cama de Tack.

No primeiro e no segundo dia fiz isso sozinha. No terceiro dia, quando tive que jantar sozinha, fui para a cama quando a casa estava vazia e ele chegou tarde, juntando-se a mim depois. Ele não fez do mesmo jeito que Hawk. Ele não tocou nas minhas costas, não me virou para ele nem me beijou. Também não ficou agarradinho, não me abraçou firme, nem colocou sua perna sobre a minha. Em vez disso, ele me virou de frente, depois deitou de costas e me colocou ao seu lado.

Eu deveria ter dado um ataque ou mudado de cama. Mas porque eu era Gwendolyn Piper Kidd, e, portanto, uma idiota, não fiz nada disso. Descansei minha cabeça em seu ombro, passei o braço por sua barriga e adormeci.

Tack passou a dormir comigo todas as noites depois disso, e a chegar em casa para o jantar todas as noites também. Eu não discutia, eu não brigava. Só seguia o fluxo. Não era uma característica minha. Não posso dizer que deixei de bancar a sarcástica quando ele estava por perto. Continuei fazendo isso porque eu era assim e porque sabia que ele gostava. Mas também não fiz qualquer insinuação nem passei qualquer vibração que ele pudesse interpretar mal. Eu não seduzi. Eu estava sendo apenas eu.

Exceto, é claro, o fato de deixá-lo dormir comigo.

Hum.

Ele respeitava o meu espaço, deixando que eu ficasse sozinha durante o dia e só aparecendo à noite, mas nunca foi predatório ou invasivo. Ele me beijou uma vez, e me acordou ao fazê-lo. Não foi um beijo de língua, foi apenas um *beijo*, a língua, o calor e os braços fechados em torno de mim. Senti uma corrente elétrica mais forte passar por mim e, não menos forte, uma outra que queimava partes específicas do meu corpo. Não foi um beijo Hawk, que me fazia perder a cabeça e o controle, mas foi um puta beijo.

Então, ele ergueu a cabeça e sussurrou:

– Tenho que sair cedo, princesa, mas obrigado por me preparar para o dia. – E daí ele beijou o meu nariz, seu cavanhaque fazendo cócegas na minha pele, e deixou a cama. Sem pressão, apenas uma promessa velada.

O beijo foi ótimo, do tipo que provocava mil devaneios como eu os tinha de dia. Mas eu estava cansada de promessas.

Agora ele estava me levando para Denver por razões desconhecidas, mas o que quer que fosse me obrigava a ter os olhos vendados.

O Expedition parou e perguntei:

– Posso tirá-la agora?

– Um minuto só – respondeu Tack.

Esperei com impaciência e, logo depois, senti minha porta ser aberta. Tack me conduziu com cuidado para que eu saísse do SUV e continuou me levando enquanto caminhávamos. De repente ele parou, me

puxou suavemente para eu ficar na sua frente, sua outra mão foi até a venda dos meus olhos e retirou-a.

Estávamos na frente da minha casa. Estava com janelas novas, uma porta nova e nenhum sinal visível do estrago causado pelas balas. Os tijolos grandes que tinham sido pintados de marrom antes de eu ir morar lá pareciam ter sido preenchidos e toda a frente da casa tinha uma nova demão de tinta marrom. Parecia uma casa, não uma ruína de guerra.

– Surpresa, querida – Tack sussurrou em meu ouvido.

– Oh, meu Deus – eu disse baixinho.

Ouvi sua risada suave, em seguida ele me pegou pela mão e me levou até os degraus da escada. Na minha varanda, ele colocou a chave na fechadura, girou-a e abriu a porta. Ele deixou que eu passasse à sua frente quando entramos, e vi que não só o que tinha sido feito do lado de fora estava perfeito, mas do lado de dentro também. Os pedaços de gesso e buracos de bala tinham sumido. As paredes estavam recém-pintadas, macias e havia uma nova camada de tinta branca, tão fresca que eu podia sentir o cheiro no ar. Mas era mais do que isso. Toda mobília danificada havia sido retirada. O piso fora lixado e todo retocado. As cornijas de cada lado das lareiras também. A casa estava limpa, brilhando e, com alguns móveis, habitável.

– Estas são suas – Tack disse, colocando as chaves na palma da minha mão.

Olhei para as chaves. Tack continuou falando.

– Você pode pintá-la da cor que quiser, é só um fundo branco.

Inclinei a cabeça para trás para olhar para ele e senti as lágrimas brotando em meus olhos.

– Tack... – sussurrei. – Eu não sei o que dizer.

Ele sorriu.

– Bem-vinda ao lar, querida.

Sem pensar, fui até ele, passei meus braços a sua volta e dei-lhe um abraço apertado.

– Obrigada – sussurrei em seu peito.

Seus braços estavam em volta de mim e ele me apertou.

Então disse:

– Acho que você não entendeu o que estou querendo dizer, princesa.

Ergui a cabeça, mas não o larguei.

– Como assim? – perguntei.

Ele ergueu a mão para acariciar o meu cabelo, colocou-o para o lado e depois segurou-o atrás da minha cabeça.

– Se você não se sentir segura aqui por enquanto, está convidada a ficar na minha casa pelo tempo que quiser. Mas pelo que escutamos e investigamos, a sua irmã está na clandestinidade. As coisas esfriaram para o lado dela, e posso dizer que você tem condições de voltar para casa, se quiser. É seguro.

Eu estava certamente feliz de que as coisas tivessem esfriado para o lado de Ginger, embora um pouco preocupada com o significado de ela estar “na clandestinidade”, mas eu sabia que o que Tack

estava dizendo tinha dois significados.

– Você está me dando espaço? – perguntei em voz baixa.

– Quando você vier pra mim, Gwen, tem que ser porque quer vir pra mim, não porque precisa de mim.

E tem que ser assim não apenas para mim, mas para você.

Deus, ele era um cara legal.

Encostei a testa em seu peito e a mão dele pressionou de leve a minha nuca.

– Obrigada – eu disse de novo em seu peito.

– Vejo que você quer voltar para casa – ele disse, e fiz que sim contra o seu peito. – Tudo bem, querida, fique aqui. Vou pegar o seu computador. Sheila pode vir e arrumar suas coisas. Vou trazer tudo de volta para cá.

Ergui a cabeça.

– Posso ir pegar na sua casa. Você não precisa dirigir para cima e para baixo por mim.

– Você precisa se instalar na sua casa, querida.

Ele estava certo. Eu precisava. Precisava *tanto*. Fiquei na casa dos outros por tanto tempo, que não me lembrava mais de como era ficar na minha.

E Tack era um cara tão bom.

Inclinei-me para ele.

– Obrigada.

Ele baixou a cabeça, sua boca tocou a minha e senti seus lábios abrirem. Estúpida, estúpida, como eu era *estúpida*. Abri a minha boca, sua língua deslizou para dentro e minha língua procurou a dele.

Bom. Melhor que bom.

O gosto dele era muito bom.

Seus lábios se afastaram dos meus e subiram mais um pouco para beijar meu nariz.

Então, ele olhou nos meus olhos e disse gentilmente: – Faço qualquer coisa por você, Gwen.

Tack era bom *demais*.

Enfiei meu rosto em seu pescoço e o abracei mais forte. Ele me deixou fazer isso até que seus braços me apertaram. Entendi o que aquilo significava, deixá-lo ir, e recuei.

– Mais tarde, querida – ele murmurou.

– Mais tarde, Tack – respondi, e ele se virou e saiu da minha casa.

Poucas horas depois Tack apareceu para entregar o meu computador e me conectei. Também trouxe as minhas malas. Em seguida saiu, provavelmente porque tinha o que fazer da vida e eu tinha que tomar uma decisão e, apesar de a minha vida girar em torno de mim, isso não significava que a dos outros também girasse.

Desfiz as malas e comecei a lavar as roupas. Depois fiz uma lista de supermercado. Mandeí uma

mensagem para Meredith, Cam e Tracy e disse-lhes que estava de volta em casa, mas precisava da noite para me instalar. Cam mandou outra mensagem dizendo para eu ir até sua casa na noite seguinte tomar uns Cosmopolitans, e sem desculpas esfarrapadas, sem discussão. Respondi dizendo que estaria lá. Não tinha certeza se estava pronta, mas tinha que viver a minha vida e poderia muito bem começar agora.

Estava subindo a escada ao sair da cozinha quando ouvi a campainha tocar com seu som defeituoso. Fiquei paralisada e uma dor inesperada tomou conta de mim.

A última vez que ouvi a campainha era Hawk vindo para me levar para jantar. Papai me pedira que dissesse a Hawk para não se preocupar com a campainha. Em seguida, Hawk tinha me dado sapatos. Depois disso, a esperança tinha brotado.

Prendi a respiração para controlar a dor e olhei para a porta sabendo que uma coisa era certa, não era Hawk.

Cam, Tracy e Meredith iam respeitar o tempo que pedi. Papai e Troy provavelmente não. Papai poderia ficar impaciente e era muito protetor, afinal de contas tudo foi por água abaixo, eu não estava mais com Hawk, estava em casa sozinha e ele não ficaria feliz distante de mim nessa situação. Troy tinha sido uma constante na minha vida e, sendo assim, eu fazia parte da dele também. Com Hawk fora do caminho, ele faria sua abordagem.

Eu não estava preparada para encarar qualquer uma destas hipóteses.

Mesmo assim fui até a porta, porque, mesmo que não estivesse preparada, eu os amava tanto que não poderia deixá-los na mão. Não seria justo.

Quando olhei pela janela para ver quem estava lá, não acreditei.

Tudo bem, eu não estava preparada para encarar o meu pai e Troy, mas *realmente* eu não estava preparada para uma visita surpresa de Maria Delgado. Essa não.

Ela acabou me vendo na janela e seus olhos me encararam.

Eu fugi da janela num movimento rápido.

Merda!

A campainha tocou novamente.

Merda. Merda. *Merda!*

Bom, ela me viu mesmo. Não posso ignorá-la.

Merda.

Abri a porta.

– Oi, Maria.

Ela olhou para mim. Então, sem uma palavra, ela me empurrou e entrou em minha casa.

Fiquei olhando para o meu jardim e rezando para conseguir força. Resisti e sobrevivi a Hawk rompendo o relacionamento comigo. Ele me rasgou em pedaços por dentro, mas sobrevivi. Então eu poderia suportar isso também.

Fechei a porta e me virei.

– Que surpresa – comentei, forçando um sorriso.

Seus olhos se estreitaram em mim e ela exigiu saber: – O que está acontecendo?

– O que... – parei por nenhuma razão, depois continuei – está acontecendo?

– Sim – respondeu ela. – Uma semana atrás você estava deslumbrada com o meu filho. Uma semana atrás, eu e meus filhos chegamos na casa dele bem cedo e você estava no banheiro dele. Uma semana atrás você brincou de esconde-esconde com os sobrinhos dele. Uma semana atrás você procurou os braços dele quando sua mãe apareceu e fez você sofrer. Agora Elvira me disse que vocês terminaram. O que... – ela se inclinou para frente – está *acontecendo*?

Elvira. Que ótimo.

– Maria – eu disse baixinho. – Ele terminou comigo.

– E daí? – ela perguntou imediatamente e encarei-a.

– E daí? – repeti estupidamente.

– Sim. – Ela ergueu os braços. – E daí?

– Hã... quando Hawk termina com alguém, ele termina.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

– O nome dele é Cabe, Gwen.

Alguma coisa naquelas palavras e como ela as disse me fez ficar parada.

Então balancei a cabeça.

– Não, Maria, ele me disse que esse homem não existe mais. Que ele é Hawk agora.

Ela balançou a cabeça para mim.

– Não, Gwen, esse homem não *existia* mais. Mas quando entrei na casa dele com os meus meninos, vi, pela primeira vez em oito anos, que meu menino Cabe estava de volta.

Oh, Deus.

– Maria...

Ela deu um passo na minha direção, ergueu o dedo e apontou para mim.

– Me escuta bem. Você não é mãe, mas vou te dizer uma coisa. Quando seu filho sente dor, você sente a dor junto com ele. Meu filho sofre há oito anos. E não é pouca dor, do tipo com que a gente aprende a se acostumar, é muita dor, do tipo que faz a gente cair de joelhos, que derruba. Oito anos. Oito anos eu o vi passar por isso e eu, Gus e meus meninos suportamos ao lado dele e junto com ele. E a primeira vez em oito anos que eu o vi completamente curado foi naquela manhã com você.

Oh, *Deus*.

Eu não podia ouvir aquilo, e não podia ouvir porque ela estava redondamente enganada.

– Ele não superou essa dor, Maria – expliquei calmamente.

– Não, e ele nunca vai superar – ela concordou. – E você obviamente não sabe que coube a você a tarefa de fazer-lhe ver que, quando ele perdeu Simone e Sophie, ele não perdeu a si mesmo. Ele podia sentir a perda delas e ainda assim conseguir se curar. Você assumiu uma tarefa como essa e não pode

desistir agora.

– Foi ele que desistiu – eu disse a ela porque foi o que ele fez!

Ela balançou a cabeça.

– Vejo que não entende como você é importante para ele.

– Se alguém é importante, Maria, eu lamento muito, muito mesmo, ter de dizer-lhe isso, mas você não trataria ninguém da maneira como seu filho me tratou. Tem muito mais coisa que você não sabe, e posso entender sua vinda até aqui para defender o seu filho, aceito isso numa boa, mas você não sabe tudo o que aconteceu.

– Você está certa, eu não sei o que aconteceu, mas outra coisa que uma mãe quer para seu filho é que ele seja feliz. E você claramente não percebe isso, não percebe que você fez uma promessa de fazê-lo feliz e quando fez a ele, fez *a mim*.

– Você não entende – sussurrei, ela balançou a cabeça, ajeitou a bolsa em cima do ombro e marchou para a porta.

Com a mão na maçaneta, ela virou-se para mim.

– Entendo, Gwen, e sinto muito, posso ver que você está magoada. E também posso ver o quanto está magoada, o que me faz pensar numa coisa só, estou decepcionada com você.

Deus! Um tiro no coração. Eu mal a conhecia e ela estava decepcionada comigo.

E então, antes que eu pudesse dizer uma palavra em minha defesa, assim como um Delgado, ela desapareceu bem na minha frente.

Merda!

BOSTON

Uma mão quente tocou nas minhas costas, senti um peso cair na cama, abri os olhos, vi a escuridão e meu corpo foi virado, dando de cara com a muralha de Hawk.

Mas o que é isso?

Ele ficou em cima de mim, senti todo o seu peso me prendendo na cama e não tive chance de dizer sequer uma palavra quando sua boca grudou na minha.

Mas o que é *isso*?

Antes que eu pudesse perder a cabeça e meu autocontrole, empurrei-o com as mãos pressionando seus ombros. Depois arranquei a minha boca virando a cabeça de lado.

– Saia de cima de mim! – eu gritei, empurrando-o novamente.

– Ele comeu você? – Hawk grunhiu no meu ouvido, suas mãos descendo pelo meu corpo, me invadindo, pegando minha camisola, puxando-a para cima.

O que estava acontecendo? Por que ele estava ali?

– O quê? – rebati. – Quem?

Suas mãos levantaram ainda mais minha camisola.

– Tack, baby, você deixou ele te foder?

Endireitei a cabeça e apertei os olhos para vê-lo no escuro.

– Isso não te interessa!

– Você deixou que ele te beijasse, bem aqui na porra da sua sala.

Hã... o quê?

– O quê? – sussurrei.

– Tenho câmeras na sua casa.

Meu corpo ficou paralisado.

– Desde quando?

– Desde o sequestro, Gwen.

Ah, meu Deus. Eu não sabia o que fazer com isso. O que faço com isso?

– Você não pode botar câmeras na minha casa! – gritei, empurrando os seus ombros novamente. –

Você não pode me vigiar mais! – continuei gritando. – E você não pode *estar* aqui! – concluí.

– Eu estou aqui – ele grunhiu, a camisola agora na altura das minhas costelas.

– Eu já vi que está e *senti* que está, mas quero que você vá embora.

Uma de suas mãos largou minha camisola e seus dedos seguraram o meu queixo, deslocando o meu

rosto, todo o seu peso sobre o meu corpo me prendendo na cama, minhas mãos totalmente inúteis. Eu não era páreo para a sua força quando ele me segurou firme, posicionou a minha boca e me beijou.

Não, aquilo não ia acontecer comigo de novo. Não outra vez. Ele não podia pensar que era só aparecer ali na minha casa e começar tudo aquilo de novo. Que pegaria o que bem entendesse de volta.

De jeito nenhum. O caralho que ele ia fazer isso.

Então lutei com ele. Lutei com sua boca, suas mãos e seu corpo.

Ele era forte demais e sabia o que estava fazendo. Mas também sabia, por ser muito mais forte do que eu, que a minha única vantagem era ele não querer me machucar.

Eu não queria a mesma coisa.

Então, não fiz uma luta justa. Eu apelei, estava determinada a usar todas as armas que tinha.

Infelizmente, no momento em que o mordi, senti o seu gosto e o seu cheiro. Então, também infelizmente, em algum lugar ao longo do caminho, ele parou de tentar me conter e começou a fazer outras coisas em mim. Portanto, em algum lugar ao longo do caminho, eu perdi minha camisola. Ao perder a camisola, perdi a determinação. A partir daí, minha luta tornou-se algo tão forte quanto avassalador, e esse algo era fome.

Eu estava por cima dele e não saí. Ah, não, não eu. Não eu, a burra, muito burra.

Usei minhas mãos, lábios e língua para tocá-lo, lambê-lo, seu peito, seus mamilos, descendo até o abdômen, descendo mais, agarrei o seu pau duro e o engoli, lambendo a cabeça.

Hum.

Em seguida eu fiquei no ar, um breve segundo antes de ficar de costas na cama. Minha calcinha foi para o espaço um segundo depois e os meus joelhos estavam erguidos com as mãos de Hawk os segurando por trás, minhas pernas bem abertas. Então sua boca colou em mim. Ele não estava insaciável. Parecia com vontade de saborear devagar. E assim o fez. Ele me saboreava, e eu não só deixei, como agarrei os seus cabelos e o puxava de encontro a mim, e foi muito gostoso.

Ele ficou mais perto, meu Deus, muito perto, incredivelmente eu estava quase gozando, gemendo e sussurrando, quando sua boca sumiu de mim, ele me virou de bruços, abriu minhas pernas novamente, posicionando-se entre elas, e puxou meus quadris para cima, ficando nós dois de joelhos.

Logo depois ele estava dentro de mim, estocando fundo. Maravilhoso.

Ergui o peito e estiquei os braços para me segurar na guarda da cama, acompanhando o ritmo das estocadas. Deus, eu adorava aquilo. E como adorava.

– Masturbe-se, baby – disse Hawk com sua voz grossa. Retirei uma das mãos da guarda da cama e fiquei me esfregando entre as pernas. – Isso, assim – ele grunhiu. – Me ajude.

Eu o ajudei, rebolando enquanto ele estocava, meus gemidos abafados pelo travesseiro. Não demorou muito e acabei gozando. Um gozo forte e profundo.

Hawk demorou mais tempo, suas mãos apertando meus quadris, saindo e entrando em mim. Mesmo depois de gozar, eu adorava senti-lo ali.

Então ele gemeu mais forte quando acelerou as estocadas, metendo mais fundo, me possuindo até chegar ao clímax.

Depois a força de seus movimentos suavizou-se, mas ele continuou se mexendo dentro de mim, tirando e botando lentamente, uma carícia íntima, a mais íntima que havia. Seus dedos pararam de segurar os meus quadris e deslizaram suavemente pela pele da minha bunda, pelas minhas costas, pelos meus quadris, pelas minhas coxas, pelos lados do meu corpo, e aquilo era bom. Muito bom e gostoso.

Fechei os olhos, meu rosto ainda no travesseiro.

Como eu era... *puta*.

Qual o grau de humilhação disso? Não havia nenhum. Estourara os limites do gráfico. Alguém teria de inventar novos gráficos para medir esse tipo de humilhação.

Por fim ele saiu de dentro de mim e começou a tombar na cama ao meu lado, me pegando pela cintura para me levar com ele, porém, o mais rápido que pude, escapei dos seus braços. Pulei da cama, me inclinei para pegar minha camisola no chão e vesti-a enquanto saía correndo do quarto.

Fui para o banheiro e tranquei a porta. Acendi a luz e fiquei lá dentro tremendo.

O que havia de *errado* comigo?

As lágrimas ameaçavam brotar, mas eu as combatia inspirando profundamente. Peguei uma toalha no armário do banheiro, abri a torneira, fiquei esperando a água esquentar e limpei o meu corpo para tirá-lo de mim.

Ele iria embora. Claro que iria embora. Ele sempre fazia isso.

Então, eu precisava me mudar dali. Não para outra casa, mas para outro estado. Eu poderia trabalhar em qualquer lugar. Estava livre para ir embora. Seria muito chato deixar todo mundo para trás, mas eu estava pronta para a aventura. Quando eu era pequena, meu pai nos levou para conhecer Boston. Nós visitamos o antigo navio de guerra USS *Constitution*. Fomos até o histórico Lexington Green. Comemos sopa de mariscos e eu adorei. Também comemos lagosta que ainda hoje é o meu prato favorito. Foi um banho de história americana. Um banho de lagosta. Eu poderia morar em Boston.

Sentei no vaso sanitário, pensando em Boston, e apurando os ouvidos para escutar alguma coisa, mas não o ouvi sair. Só que ele iria embora. Iria sim. Eu sabia.

Fiquei esperando e escutando o silêncio.

Prendi a respiração e fui até a porta. Eu estava com a mão no interruptor de luz quando abri a porta e fiquei estatelada ali porque Hawk estava no corredor. Vestido só com a calça cargo, sua bunda estava encostada na parede, as pernas ligeiramente à frente, a cabeça curvada, contemplando seus pés.

Merda. Ele não foi embora.

Ele manteve a cabeça inclinada, mas virou o pescoço e seus olhos vieram até mim.

– Você precisa ir embora – eu disse, apagando a luz do banheiro e entrando no corredor.

Depois eu me vi também encostada na parede, como se estivesse presa lá junto com o corpo de Hawk. Sua mão estava no meu pescoço, o polegar no meu queixo para me forçar a erguer os olhos para ele.

Com a outra mão ele segurava o meu quadril. Minha mão foi para sua cintura e o empurrou, não deu certo.

– Você precisa ir embora – repeti.

– Eu estava no meio de uma operação importante, eles precisavam de mim. Então, quando minha mulher e minha filha morreram, eles não puderam me contar porque precisavam que eu estivesse concentrado na missão. Elas já estavam mortas havia dois dias quando eu soube que as tinha perdido.

Meu Deus.

– Eu não quero ouvir isso – eu disse a ele. – Não me interessa nem um pouco – concluí, mas disse isso não para tentar convencê-lo, mas para tentar convencer a mim mesma.

Hawk me ignorou.

– Eu estava a milhares de quilômetros de distância. Milhares de quilômetros de distância, quando perdi a minha família, Gwen.

– Você precisa ir embora – eu disse novamente, continuando a empurrá-lo.

– Eu a amava – ele confessou, e eu parei de empurrar.

– Hawk, de verdade, eu não...

– Mas eu fiquei com muita raiva dela. Meu Deus, eu fiquei muito puto. Como ela pôde ser tão burra? Não só foi na casa do irmão sozinha, como levou a nossa filha junto!

Fechei os olhos e virei a cabeça para o lado.

– Você deveria falar com alguém sobre isso – eu disse, olhando de volta para ele. Depois sugeri. – Elvira. Ela sabe ouvir as pessoas.

Ele me ignorou novamente.

– Eu estava na base quando Lucas, Darla e a equipe entraram na sua casa. Eu estava na sala de vigilância e um dos meus rapazes assobiou me chamando e olhei para as telas. Dei a ordem de mobilização até sua casa, me preparei e fui até lá sozinho, mas antes de chegar à porta, vi Lucas retirando você carregada nos ombros. Você não estava se mexendo.

– Lucas?

– Brock Lucas, você o conhece como Skull.

– Ah, sim.

– Você não estava se mexendo, Gwen.

– Recebi um disparo de arma paralisante – eu disse a ele.

– Eu não sabia disso. Tudo o que eu sabia era que a polícia tinha recebido um telefonema de um de seus vizinhos dizendo que ouvira tiros sendo disparados dentro da sua casa e você fora encontrada imóvel, sem um movimento. Era tudo o que eu sabia.

– Foi uma arma paralisante, Hawk – repeti.

– Eu não sabia, Gwen – ele tornou a dizer e continuou: – Eu estava no carro quando me ligaram dizendo que Brett estava ferido, três no peito. Eu conhecia aquele jogo. Como aqueles caras jogavam.

Eles pegaram o seu corpo como prova de morte, para começar com você primeiro, em seguida sua madrasta ou o seu pai. Eles passariam por todos vocês e Ginger precisaria aparecer para impedir que isso acontecesse.

– Não foi assim que aconteceu – eu disse o que ele já sabia.

– Sim, mas por duas horas, eu não sabia do seu estado. Lee conseguiu a sua localização, entramos e eu não tinha ideia do que iria encontrar quando entrei naquele lugar.

– Eu estava bem – menti.

– Você estava amarrada e amordaçada, Gwen.

– Sim, mas apesar de tudo eu estava bem.

Ele continuou:

– Dias antes invadiram e metralharam a sua casa. Seu carro no meio-fio, sua bolsa no sofá e você tinha *desaparecido*. Ficou sumida horas, porra. A única coisa boa em que me agarrei, ao ver outra mulher da minha vida sofrendo um ataque desses, era que não havia sangue no local e os meus rapazes viram Tack arrastá-la para fora. Os ângulos da câmera não estavam bons, então não pudemos ver direito se você tinha sido atingida ou não, mas pelo menos você estava de pé.

Merda, isso não tinha me ocorrido. Por que isso não me ocorreu?

– Eu estava bem nessa vez também – lembrei a ele.

Ele insistiu.

– Sim, Gwen, mas eu... não... *sabia disso*.

Tudo bem. Tive de dar esse desconto a ele.

Por enquanto.

– E você está me dizendo tudo isso por quê? – perguntei.

Sua mão largou o meu quadril e foi para o outro lado do meu queixo quando ele disse:

– Meu Deus, Gwen, estou dizendo isso para que você saiba onde minha cabeça estava.

– Tudo bem, agora eu já sei. Obrigada pela historinha, Hawk, agora você pode ir embora?

Suas mãos me apertaram e ele sussurrou:

– Não faça isso comigo, baby.

– Não faça o quê? Ser uma megera insensível diante da sua dor? Desculpe, isso não está bom pra você? Porque, não se esqueça, no dia em que fui sequestrada um homem foi baleado para me proteger, e depois de uma semana só encarando um monte de merda pela frente, merda pesada, você veio até mim, me convenceu a confiar em você para depois me deixar em pedaços, Hawk. Você foi direto e decidido. Você me dilacerou, me deixou em frangalhos sem nem ao menos *piscar*.

– E agora você sabe onde minha cabeça estava e por que fiz essa merda.

– Não, o que eu sei agora é que você viu Tack brincando com o seu brinquedinho erótico e você não está a fim de compartilhar.

Seu corpo ficou imóvel e seus dedos retesaram. Eu podia sentir a sua fúria, mas não me importei. Eu

ainda não havia acabado. A dor que ele infligiu foi muito profunda, e eu tinha de me proteger a todo custo.

– Ok, meu bem – sussurrei. – Há muito de mim ainda. Mas as regras são essas: você vem, me faz gozar e depois *se manda*.

Ele não se mexeu um milímetro e senti sua raiva me atingindo enquanto ele me segurava contra a parede. Então, de repente, o seu corpo relaxou, a raiva desapareceu e seus polegares acariciaram meu queixo.

– Eu feri você – ele murmurou.

– Nada que um pouco de massa de cookie não possa curar – devolvi a ele.

– Mentira, minha flor.

Foi a vez de o meu corpo ficar imóvel.

– Não me chame de minha flor – rebati.

Ele me ignorou novamente.

– Nós ficamos juntos por uma semana, uma semana, e eu te feri profundamente.

– Deus do céu – exclamei empurrando a sua cintura novamente. – Você não vai embora nunca?

Ele me surpreendeu ao recuar. Depois me surpreendeu novamente, ao se curvar, encostando o ombro na minha barriga, e em seguida me vi sendo levantada.

– Hawk – gritei, empurrando seus quadris e o chutando enquanto ele me carregava para o quarto. – Ponha-me no chão agora! – exigi.

E foi o que ele fez. Curvou-se, sacolejou o ombro, eu voei pelo ar e aterrissei de costas quicando na minha cama.

Eu me ergui apoiada nos cotovelos e abri a boca para falar ou, mais precisamente, gritar, mas vi nas sombras que suas mãos pareciam estar em sua calça.

Merda!

Eu me virei para fugir e já estava quase do outro lado da cama, quando um braço me pegou pela cintura e me puxou de volta.

– Você não é bem-vindo para passar a noite aqui – eu disse para o vazio porque estava de costas para ele.

Ele me soltou apenas o tempo suficiente para virar as cobertas sobre nós, mas não o suficiente para me deixar escapar. Então ele grudou-se em mim, de conchinha, mais do que o normal, me prendendo na cama com seu peito, a perna presa na minha, me mantendo segura com o braço apertado em volta da minha barriga.

Depois ele ergueu a cabeça e sua boca estava na minha orelha.

– Vá dormir, Gwen – ele ordenou.

Oh, meu Deus!

– Você *pirou*? – eu gritei.

Sua resposta à minha pergunta foi passar a língua atrás da minha orelha, depois ele se acomodou nos travesseiros e em mim.

Ele pirou. Só podia estar pirado. Totalmente.

– Eu não acredito em você – eu disse.

– Vá dormir, baby.

Lutei para livrar-me do seu braço, mas ficou superapertado, então desisti e repeti: – Eu... não... *a-cre-di-to* em você.

– Baby, vá dormir.

Fiquei parada quando ele disse baby, porque eu tinha que fazer isso. O menor movimento faria com que eu me derretesse.

Enquanto lutava com a dor, anunciei:

– Vou me mudar para Boston.

Ele deu uma risadinha, grave e máscula, e senti o seu rosto no meu cabelo da nuca, quando ele disse:

– Baby.

Deus!

Eu tentei novamente.

– Você não pode ficar aqui, Hawk.

Seu braço me apertou, ele levantou a cabeça e sua boca voltou ao meu ouvido.

– Você está vivendo no mundo mauzão agora, baby – ele sussurrou em meu ouvido. – Só um aviso, enquanto eu não conseguir fazer essa ferida sarar, você chegou para ficar.

Ai.

Merda.

EU ESTAVA ENGANADO

Acordei antes do amanhecer, eu podia ver um pouco de luz no céu e podia sentir o calor de Hawk nas minhas costas.

Droga.

Fiz um movimento rápido e cuidadoso para desembaraçar-me dele e consegui sair da cama. Peguei minha calcinha e corri para o banheiro. Vesti-a, usei a privada e, em seguida, saí, indo até o meu termostato. O termostato tinha um timer e a temperatura havia caído durante a noite. Não subiria por algum tempo. Ajustei-o para aumentar a temperatura e fui para o meu escritório. Coloquei as almofadas no braço do sofá, deitei-me e me cobri com uma colcha de chenille. Levou algum tempo para a casa aquecer. O chenille era confortavelmente macio e agradável para se ver TV, mas não era exatamente ultraquente.

Fiquei ali deitada e minha mente estava abarrotada de possíveis estratégias para eu me livrar do meu problema atual. Eu poderia procurar Tack, mas isso podia sinalizar mensagens dúbias e, de qualquer forma, eu é que tinha de me livrar do problema. Eu poderia queixar-me de Hawk com Lawson, mas seria difícil eu explicar por que, depois que Hawk entrou na minha casa, eu o deixei me comer.

Hum. Nada bom.

Hawk me disse que viria atrás de mim, mesmo se eu ficasse na casa de Leo e Cam. Meredith e papai já tinham voltado para a casa deles, mas Hawk já havia provado que podia se infiltrar lá e o faria de novo, sem dúvida. Troy morava no sétimo andar de um prédio num condomínio seguro, mas eu já sabia que Hawk poderia furar qualquer sistema de segurança ou escalar paredes.

Hum. Nada bom de novo.

Então, totalmente contra a minha vontade, minha mente voou para Simone Delgado morrendo porque adorava o irmão e estava animada para estar presente quando sua sobrinha ou sobrinho viesse ao mundo.

Eu podia até ver isso.

Também podia ver a dor de Hawk transformando-se em raiva porque ela deixou o amor substituir a cautela e arrastou a filha deles para um lugar perigoso, algo que uma mãe jamais deveria fazer. Eu também podia ver que isso fez com que ele se sentisse extremamente culpado, por amá-la demais e ver a tristeza de sua perda misturada com a raiva. Foi uma decisão inocente, mas ele sabia do perigo e a advertiu. Ela não deu ouvidos e a família linda e feliz da foto que ele me mostrou sumiu. *Puf!* Ele tinha a lembrança de sua despedida e afastou-se temporariamente para cumprir a sua missão sem saber que era a última lembrança das duas que teria na vida.

E ele estava a milhares de quilômetros de distância. Simone e Sophie mortas há dias e ele estava a milhares de quilômetros de distância. Hawk, que controlava todas as nuances de sua vida, estava completamente erradicado, impotente e a milhares de quilômetros de distância.

Tentei não pensar nisso. Tentei forçar a minha mente a voltar a pensar em formas de mantê-lo fora da minha vida, de impedir que me magoasse de novo, mas tudo o que eu podia ver na minha cabeça era essa imagem.

Você não estava se mexendo, Gwen, ele tinha dito.

Bombas incendiárias. Invasão. Tiroteio. Sequestros. Ele tinha passado por tudo isso comigo. E vira Brock Lucas retirando o meu corpo imóvel de dentro da casa, e decidira que não queria passar por tudo isso de novo e, que inferno também, quem poderia culpá-lo?

– Merda – eu disse baixinho para ninguém, colocando minhas mãos sobre o rosto e ficando em posição fetal. Aos poucos senti o calor se infiltrando na casa.

Então dormi novamente.

Meus joelhos foram empurrados suavemente para baixo e isso me acordou.

Meus olhos abriram quando senti os quadris de Hawk se encaixarem na curva dos meus e depois olharam para ele quando sentou na beira do meu sofá.

Sua mão quente afastou o cabelo do meu ombro e depois curvou-se para tocar o meu pescoço.

– Não gosto muito de ser o motivo de você estar aí enroladinha em posição fetal outra vez, baby – ele murmurou como um bom-dia.

Ele estava completamente vestido, com o rosto triste.

Eu não tinha nenhuma resposta. Ainda estava com sono e tendo dificuldade para conseguir levantar minha guarda.

Ele segurou o meu olhar enquanto eu me debatia intimamente. Então, de repente, me vi arrancada do sofá, plantada em seu colo e com seus braços em volta de mim.

– Hawk – sussurrei.

– Você pode ter qualquer coisa, baby, qualquer coisa no mundo, o que seria? – ele perguntou.

Eu pisquei.

– Como assim?

– Qualquer coisa que você quiser é seu. O que seria?

– Hum... eu não...

Seus braços me apertaram.

– Qualquer coisa, Gwen.

– Ginger sem problemas e segura – respondi.

Seus olhos estudaram o meu rosto por um tempo depois que respondi. Então ele disse:

– Próxima.

– Próxima? – repeti confusa.

Um braço dele me largou para que ele pudesse colocar o meu cabelo de lado.

– A próxima, Gwen, a próxima coisa mais importante que você gostaria de ter se pudesse ter qualquer coisa.

– Hawk, eu não entendo.

– Qualquer coisa, não importa o que seja.

– Hawk...

– Responda-me, minha flor.

– Hawk, eu não...

– Gwen, responda-me.

– Simone e Sophie vivas e você com elas, feliz outra vez como se estivesse naquela foto – eu disse e seu rosto congelou em uma máscara impassível.

Olhando para ele, sonolenta e confusa, de repente entendi aquela máscara. Ela aparecia sempre que ele estava escondendo algo importante de mim.

– O que significa, é claro – continuei dizendo –, que você jamais apareceria no escurinho do meu quarto.

A máscara caiu instantaneamente e ele sorriu revelando suas covinhas e, droga, ele me matou com isso, mas eu tinha de admitir que realmente tinha sentido saudade daquelas covinhas. Então, ele se virou e fiquei de costas no sofá, seu tronco em cima de mim, meus quadris nos dele, minhas pernas balançando no ar.

Seus dedos trilharam o meu cabelo e o colocaram atrás da orelha.

– Qual é a próxima? – ele voltou a perguntar.

Senti meus olhos perdendo o foco.

– Por que você está me perguntando isso?

– Qual é a próxima, Gwen?

– Eu ainda estou com sono – esquivei-me.

Seu rosto se aproximou e seu polegar acariciou meu queixo quando sussurrou seu pedido.

– Baby, qual seria a próxima coisa?

Meu Deus!

Ok, ele queria brincar disso, que seja. Eu brincaria também.

– Meredith ser a minha verdadeira mãe e não a minha madrasta.

Ele assentiu com um gesto de cabeça e seu polegar deslizou pelo meu lábio inferior.

– Qual é a próxima?

– Você quer me dar uma pista, Hawk? – pedi a ele.

– Qual é a próxima?

Pelo visto, ele não quis.

– Não há próxima nenhuma – declarei.

– Mentira, minha flor, uma mulher que quer um par de sapatos de setecentos dólares, tem que ter uma próxima.

– Uma pulseira de diamantes da Tiffany – respondi, em seguida. – Não! Espere. Leo dar à Cam um anel de noivado e, *depois*, uma pulseira de diamantes da Tiffany.

Ele abaixou a cabeça e sua boca tocou a minha antes de ele recuar e dizer:

– Tudo bem, baby, vou fazer isso por enquanto.

Vai fazer o quê? Por enquanto?

Não. Não. Eu não queria saber.

Hora de mudar de assunto.

– Já que você está aqui e parece não ter a intenção de sair tão cedo, eu poderia te perguntar uma coisa – eu disse e ganhei outro sorriso. – Tack disse que as coisas esfriaram para o lado de Ginger. O seu serviço de inteligência pode confirmar se estou em segurança?

– Ginger está na clandestinidade – Hawk repetiu as mesmas palavras de Tack. – Darla, Skeet e Fresh foram acusados de sequestro e felizmente todos eles assinaram uma confissão, não vão respirar a liberdade por um bom tempo. Isso é bom em si mesmo, mas também é bom porque a prisão deles é um empecilho adicional para quem estivesse pensando em prejudicar você. Lee entrou na parada, o que é ainda um incentivo a mais para evitar que alguém tente prejudicá-la. Mas, não, você ainda não está segura.

Droga!

– Então, isso significa que não posso ir ao supermercado.

– Você pode ir ao supermercado, mas vai fazê-lo com um dos meus homens na sua cola.

Meu corpo ficou imóvel sob o dele e o meu coração veio à boca.

– Não – gritei minha revolta.

– Brett está se recuperando, baby – ele sussurrou. – Vai levar tempo, mas vai ser uma recuperação completa.

– Nada de homens seus na minha cola. Não quero mais isso.

– Gwen.

– Não, Hawk – eu insisti na minha negativa. Em seguida tomei uma decisão e comuniquei a ele: – Eu vou comprar uma arma.

Ele soltou uma gargalhada ao ouvir minhas palavras, não hesitou por um segundo, como se fosse a piada mais engraçada do mundo. Olhei de cara feia para ele.

– Eu não estou brincando.

Ele controlou o riso e disse:

– Baby, se você quer uma arma, vou te dar uma arma, mas você não vai ficar andando por aí armada

no meio da população inocente de Denver. Só depois de eu treiná-la e você se sentir à vontade com ela. Por enquanto nada de arma.

– Eu não preciso de sua autorização para comprar uma arma, Hawk.

– Você precisa sim, Gwen, já que está vivendo no meu mundo mauzão agora.

– Pois então eu vou tirar umas férias do seu mundo mauzão e visitar uma loja de armas – retruquei.

Ele sorriu para mim, com covinhas e tudo. Depois mudou de assunto.

– Nós vamos sair hoje à noite.

Ah, não. Não vamos *mesmo*.

– Não, nós não vamos sair hoje à noite. É a noite marcada para tomarmos Cosmopolitans na casa da Cam.

– Então eu levo você lá e depois trago para casa.

Foi quando tomei outra decisão.

– Não, vou passar a noite lá para ficar tão bêbada quanto quero.

– Baby, eu já te avisei sobre essa merda.

Havia outra coisa que me deixava puta. Provavelmente a lembrança de como éramos e do que passamos a ser. Algo que para ele parecia totalmente resolvido e que para mim não estava mesmo nada resolvido.

Em outras palavras, isso foi quando a minha boca começou a disparar.

– É, avisou sim, mas isso foi antes de me destruir. Veja bem, Scott passou por cima dos meus sentimentos, mas *você*, você me destruiu. Foi só uma semana, eu sei disso, então é algo para assustar qualquer um. Você não entendeu nada, em apenas uma semana eu já estava amarrada em você. Profundamente envolvida. Foi só uma semana, mas aconteceu, você não viu e foi com tudo para matar. Então, pelo que vejo, você já teve a oportunidade de repensar as coisas. Mas, para mim, você não percebeu o quão precioso era o que eu te dei, e, até por uma questão de autopreservação, esse nosso caminho já tem uma bandeira vermelha, Hawk. E essa bandeira vermelha me diz que isso poderia acontecer de novo, e já sofri o suficiente na minha vida, não preciso de mais nada dessa merda.

– Eu não sou o filho da puta do seu ex-marido, baby, eu não preciso dessa merda de ficar comendo tudo que é mulher para poder provar que sou um homem – ele rebateu, e notei que parecia quase tão puto quanto eu.

– Eu sei disso, Hawk, mas isso não muda o fato de que você passou por cima de mim.

– Eu não fiz isso, Gwen, expliquei essa merda para você naquele dia e expliquei novamente ontem à noite. E você não sabe de uma coisa, minha flor, com exceção da minha família, você é a única em Denver que sabe dessa história.

Nossa. Interessante.

Resolvi ceder um pouco, mas não entreguei os pontos.

– Tudo bem, entendo o que você passou, mas você pode pelo menos ter um segundo para entender um

pouquinho o que *eu* passei?

E parecia, pela reação que consegui arrancar de mim, que eu estava tão mergulhada em meus próprios esforços de autopreservação, que não prestei atenção suficiente e acabei subestimando o quão puto Cabe “Hawk” Delgado na verdade estava.

– Eu sei e entendo o que você passou, mas o que vejo é que você ainda não baixou a guarda, Gwen, nunca o fez completamente. Eu vim limpo e você está usando essa merda muito séria do passado contra mim para me afastar. Ele ensinou você a se fechar e manter o mundo do lado de fora. Você jogou na minha cara que eu achava não valer a pena correr o risco por você. Agora você está cega para o fato de que está fazendo a mesma merda que eu fiz, mas estou batalhando para superar isso e seguir em frente. Mas você, baby, você não. Você está determinada a se manter fechada. Minha mulher e minha filha foram *assassinadas*, Gwen, e, oito anos depois, eu me vejo na mesma situação dramática com uma mulher que tem uma irmã que a coloca em perigo extremo. Eu assumi esse risco e, em uma semana, *eu* estava tão ligado a você, de uma forma tão profunda, que encarei essa merda de novo, ser confrontado com a possibilidade de outra perda com a qual eu não teria condições de lidar.

Ele se levantou de repente, me levando com ele, e me colocou de pé na frente dele.

Sim, ele estava muito puto mesmo, e se eu pudesse ir além das feridas justificadas infligidas por suas palavras, eu iria perceber que ele tinha o direito de estar.

Infelizmente, ele continuou falando.

– Então, sim, eu entendo o que você passou. Meu Deus, eu entendo sua necessidade de se proteger da dor. Mas aqui na minha frente está uma mulher que não consegue ver nada além de si mesma e dos seus próprios malditos problemas, que não consegue reconhecer que o homem a quem ela estava se prendendo precisa de um pouco de compreensão ou, se isso for demais para você, de alguma porra de compaixão.

Percebi que não estava respirando quando olhei para ele, e porque ele estava certo.

Droga, ele estava certo.

Eu não era apenas uma puta, eu também era uma filha da puta.

– Então, obrigado por me iludir, baby. Tudo o que você fez nessa semana em que estivemos juntos, cada reação sua a toda a merda que acontecia a sua volta, tudo o que você falava, a forma como você era com as pessoas que te amavam, tudo isso me indicou que eu havia encontrado um tesouro. É bom saber que eu estava enganado.

Depois que fincou a última faca na minha carne, ou, mais precisamente, depois que eu posicionei a faca, segurei a mão dele e enterrei, Hawk desapareceu.

INFORMAÇÃO DE MAIS

Era início da tarde, quando respirei fundo, abri meu celular, fui para a lista de contatos, rolei a tela, achei o nome de Hawk e liguei.

– Diga. – A voz de Hawk soou e comecei a falar. De repente ouvi um bipe e percebi que estava falando com a mensagem gravada no correio de voz de Hawk. Ele não estava ali.

A manhã inteira eu havia patinado na beira da histeria. Confrontada com a minha filha puta egoísta na frente do homem com quem eu queria tentar desapegar-me de um passado trágico e que seguisse em frente comigo, a única razão pela qual não preparei quatro porções de massa de cookie e comi todas elas foi porque estava sem manteiga.

E ouvir a voz enlatada de Hawk no correio de voz me fez cair de vez na histeria.

Foi bastante inoportuno, considerando que ele saiu da minha casa depois daquela sua fala retumbante que equivalia a um adeus, mas ainda assim comecei a rir.

E enquanto ria, me forcei a falar.

– Querido. Sua mensagem no correio de voz é “diga”. – De repente, meu riso desapareceu e sussurrei: – Isso é *tão* você. – Fechei os olhos com força, porque aquilo *era* tão típico dele e eu adorava aquele seu jeito, e falei para concluir a ligação. – Por favor, me ligue para que eu possa pedir perdão.

Depois fechei o telefone, coloquei-o na bancada da cozinha, ergui as mãos e pressionei-as no rosto. Fechei os olhos novamente e fiz um pedido ao universo para que Cabe Delgado me ligasse de volta.

Então peguei meu celular, minha bolsa, minhas sacolas e saí pela porta da frente até o meu carro, que ainda estava no meio-fio onde estacionei antes de metralharem a minha casa. Ele estava parado e sem uso há mais de uma semana. Eu estava quase chegando no carro quando o detetive Mitch Lawson chegou suavemente e estacionou atrás do meu Hyundai.

Olhei para ele em seu carro.

Por quê?

Por que eu?

Ele estar ali só podia significar, primeiro, mais problemas com Ginger e/ou eu estava correndo algum tipo de perigo, ou, em segundo lugar, ele ouvira dizer que eu e Hawk tínhamos terminado, que eu não estava mais na casa de Tack na montanha e ele poderia enfim fazer sua investida.

Por que... eu?

Escondi minha reação e encontrei-o na calçada, desejando que ele não fosse tão loucamente gostoso.

– Olá, Mitch – cumprimentei.

– Gwendolyn. – Ele sorriu.

Olhei para o seu sorriso.

Repetindo, por que eu?

– Consegui não ser metralhada ou sequestrada por uma semana inteira – eu me gabei.

– Sorte sua. – Ele continuou sorrindo.

– Por favor, diga que você não está aqui para me comunicar que minhas vitórias consecutivas estão no fim e outro incidente é iminente.

Ele balançou a cabeça.

– Não estou aqui por isso, querida.

Inclinei a cabeça para o lado.

– Então, por que você está aqui?

– Porque Leo falou comigo hoje de manhã e me fez um convite surpresa para participar da noite das meninas com seus Cosmopolitans.

Fiquei olhando para ele.

Eu ia *matar* a Cam.

– Mitch – sussurrei.

– Querida, eu disse a ele que não vou – ele respondeu gentilmente.

Senti alívio e pena, na verdade mais alívio do que pena. Senti pena principalmente porque ele era muito gato, em segundo lugar porque era gentil e, em terceiro, porque eu realmente gostava daqueles olhos.

Ele chegou mais perto de mim e tive de me segurar quando os seus olhos tristes de que eu gostava tanto prenderam-se nos meus.

Então, ele confessou:

– Cada instinto meu está me dizendo que devo insistir com você e protegê-la, não só de tudo o que está acontecendo com a sua irmã, mas dos dois homens que não sei se são bons para você.

Mordi meus lábios quando ele disse isso.

– Ao mesmo tempo – ele continuou –, estou sentindo que você precisa de espaço para fazer o que tiver que fazer.

Soltei os lábios e assenti com um gesto de cabeça.

– Dito isso, eu seria um tolo se não dissesse a minha posição nessa história.

Epa.

– Eu era outro tipo de homem, do tipo que não hesitaria em dar em cima de você e ficar confundindo a sua cabeça, fazendo o meu joguinho.

Nesse momento, eu senti que deveria intervir.

– Hawk é... bem, Hawk é Hawk – eu o defendi mal e porcamente. – E Tack está me dando espaço.

– Dar espaço não é instalá-la na casa dele, querida.

Bem, isso era parcialmente verdade.

– Mas...

– Ele está fazendo o jogo dele – Lawson disse com firmeza.

– Hã... é – concordei porque ele devia saber disso, afinal era homem também e eu, obviamente, não era. – Mas estou em casa agora.

– Sim – assentiu Lawson. – Você está numa casa em que toda vez que andar por ela ou entrar na sua sala de estar, você vai se lembrar do jogo de Tack.

Hum. Isto era verdade. Eu não tinha pensado nisso.

Ainda assim, o que Tack fez foi legal.

– Mitch...

Ele me interrompeu.

– Lembre-se do que eu disse a você, Gwendolyn. Cabeça erguida e olhos abertos, mas agora vou dizer mais, seja feliz. E vou terminar dizendo a você que se um dia quiser me dar uma chance para fazê-la feliz, me procure, porque por nada neste mundo eu desperdiçaria essa oportunidade.

Uau.

– Mitch... – eu repeti e sua mão subiu para o meu queixo, então eu disse: – Por favor, não me beije. Eu gosto muito de beijar e se você é um cara que beija bem, isso certamente vai confundir a minha cabeça. Sem brincadeira. E, sinceramente, eu não preciso disso agora.

Ele inclinou a cabeça na minha direção, eu me preparei, mas seu rosto parou a dois centímetros de distância.

– Tudo bem, querida – ele sussurrou. – Eu não vou te beijar, mas só para sua informação, nunca ninguém reclamou.

Aposto que não.

– Ótimo – murmurei. – Agora fiquei curiosa.

Ele sorriu e seu polegar acariciou a minha bochecha.

– Se algum dia você quiser matar essa curiosidade, me procure. Sim?

– Você está confundindo a minha cabeça – alertei-o.

Seu sorriso se alargou, e eu sabia que ele sabia estar me confundindo, e eu também sabia que era isso mesmo que ele pretendia. Então todo aquele discursinho sobre não confundir a minha cabeça era um joguinho antigo.

– Seus olhos dizem que você é triste, mas na verdade você é perigoso – sussurrei.

– Um homem pode ser os dois – ele respondeu, com os dedos deslizando pelo meu cabelo. Depois ele inclinou minha cabeça, beijou o meu cabelo e afastou-se. Quando olhei para ele, ele me deu uma piscadela e foi embora.

Eu fiquei vendo Mitch partir em seu carro e, em seguida, me perguntei sobre os ângulos das câmeras de Hawk, me preocupando se ele teria visto tudo ou se aquele encontro com Mitch lhe seria relatado.

Então entrei depressa no meu carro e verifiquei meu telefone.

Nada.

Resolvi ir logo para o supermercado. Considerando o meu passado recente, eu estava vigilante, então não me passou despercebido que, no minuto em que arranquei com o meu Hyundai e me afastei do meio-fio, um SUV preto e reluzente arrancou junto comigo e me seguiu até o supermercado. No banco do motorista estava Mo.

Merda. Mesmo que as câmeras não tivessem me registrado, Mo tinha e Hawk seria informado.

Merda!

Bem, o lado bom disso é que Hawk mandou Mo ficar na minha cola, o que significa que não foi exatamente um adeus para todo o sempre, sua vaca insensível e egoísta.

Mas também não quer dizer que me perdoou.

– Eu sou uma vaca insensível e egoísta – anunciei a Cam, Tracy e, alguém me mate, Elvira.

Então me curvei para frente e bati com a cabeça na mesa da cozinha de Cam.

– Acho que talvez isso signifique que está na hora de parar de beber – Elvira murmurou.

Eu estava no meu quarto Cosmopolitan, e bebia rápido. Primeiro, porque Hawk não tinha retornado a minha ligação. Segundo, porque passei a tarde inteira obcecada com o fato de ele não ter ligado e pensando se deveria ou não deixar outra mensagem. Terceiro, porque Elvira apareceu na nossa noite dos Cosmopolitans.

Felizmente, depois de entender que eu não retornava as suas ligações por um ato de rebeldia, Elvira foi apenas Elvira. Ela não falou de Hawk, não pressionou, não se intrometeu. Só ficou ali comendo o famoso e apimentado feijão-vermelho com arroz da Cam (bem, na verdade, não era uma receita de Cam, era de sua bisavó e tentei convencê-la a passá-la para mim, mas ela disse que teríamos que trocar de sangue com inúmeras transfusões e passar por um longo processo de adoção para ela fazer isso sem ser deserdada, então eu só comia o dela e já me considerava uma sortuda por isso) e tomando o seu Cosmopolitan, então eu estava livre para continuar obcecada porque Hawk *ainda* não havia me ligado. E foi o que fiz, mal participando das conversas de mulher até o momento de fazer aquela declaração insana.

– Estou realmente surpresa que essa crise só tenha estourado agora – observou Cam.

– Cam! – gritou Tracy.

– Oh, merda, mulher deprê – Leo murmurou, e ergui os olhos para ver que ele tinha entrado na cozinha, provavelmente para pegar uma cerveja.

Num péssimo momento.

– Eu dormi com Hawk novamente na noite passada – eu disse a Leo, evitando de contar diretamente a Cam, Tracy ou Elvira.

Os olhos de Leo ficaram esbugalhados e ele quase engasgou.

– Você o quê? – Cam gritou.

– Bem, não é nada de mais – disse Elvira.

– Nossa – murmurou Tracy.

– Eu fiz isso – contei a Leo, que ainda me olhava com seus olhos de cervo paralisado diante dos faróis. – Ele apareceu lá em casa no meio da noite e...

Leo ergueu a mão repentinamente.

– Pode parar, querida – ele me interrompeu. – Da última vez que olhei, eu ainda tinha um pau.

– Leo! – Cam gritou e os olhos de Leo foram até ela.

– E a última vez que você olhou, eu tinha um pau.

– Nós todas sabemos que você tem um pau, Leo – Cam replicou.

– O que eu quero dizer é que tenho um pau e estou aqui para tomar uma cerveja, e isso significa que sou invisível durante essa discussão. Está bem? – E com isso, pegou sua cerveja e foi embora.

– Desculpe-me por isso – disse Cam zangada para Elvira.

– Não precisa se desculpar, menina. Um, ele é bonitão. Dois, ele tem um pau. E três, ele obviamente não está querendo participar de conversa de mulher, o que significa que sabe como usá-lo. Agora – ela desviou os olhos para mim –, voltemos ao que interessa. Você dormiu com Hawk? A última notícia era que vocês tinham acabado.

– Bem, foi, acabou, depois não acabou, e agora eu acho que acabou de novo.

– Hã... como é que é? – perguntou Elvira, franzindo as sobrancelhas.

Tomei um gole de Cosmopolitan e então contei tudo a elas. Cam e Tracy sabiam da primeira parte, então pulei essa, só falei da noite passada e desta manhã, concluindo com: – E agora eu acho que ele está achando que sou uma vaca egoísta e insensível.

Todas ficaram em silêncio olhando para mim. Depois, como de costume, Cam falou primeiro.

– Detesto dizer isso a você – ela me falou diretamente ainda que de forma suave –, mas, querida, parece que você é mesmo.

Que beleza. Isso agora foi ótimo.

– Meu Deus, eu não sabia disso – afirmou Elvira, parecendo atordoada, e Tracy balançou a cabeça.

– Na verdade, fiquei a semana inteira pensando em como foi triste não ter dado certo, mas entendo por que não deu certo, toda essa tragédia no passado dele – comentou Trace.

– Você entende? – perguntei a ela.

– Sim, Gwennie, mas não pude lhe contar isso porque você pediu um tempo para ficar sozinha, e eu lhe dei esse tempo.

Olhei para ela. Então me deixei cair para frente e bati a cabeça na mesa novamente.

– Gwen, acalme-se, se ele está apaixonado por você, o que obviamente está, ele vai superar isso – observou Camille.

Levantei minha cabeça.

– Eu liguei para ele à uma e meia.

– Talvez ele esteja ocupado – Tracy sugeriu.

– Ele está ocupado – Elvira confirmou. – Não me disseram em que ele está trabalhando, é altamente confidencial. Ele escolheu seus melhores rapazes para trabalhar com ele e manteve-se incomunicável durante todo o dia.

Um raio de esperança.

– Pensei que ele passasse o telefone dele para você – eu disse.

– Ele não fez isso hoje, ele está off-line – disse Elvira.

– Por que ele não passou o telefone dele para você? – perguntei.

– Por que a Terra gira em torno do Sol? Porque ele é Hawk. Não se questiona Hawk. Ele faz o que quer e quando quer, você só acompanha o fluxo – respondeu Elvira.

– E essa operação é tão assoberbante assim que ele não pode retornar uma ligação? – pressionei.

– Não sei, querida, lamento dizer – Elvira respondeu, e parecia lamentar mesmo.

– Devo ligar para ele de novo? – perguntei. – Será que ele verifica sua caixa postal?

– Claro, quando não estou pegando as mensagens para ele – respondeu Elvira.

O raio de esperança morreu.

Eu disse que queria pedir perdão. Eu não sabia quase nada do seu trabalho, de suas operações, mas todo mundo tem um minutinho no dia para verificar o seu correio de voz, e o meu dizia que eu queria pedir perdão, eu estava arrependida. Se eu gostasse de alguém que me dissesse em uma mensagem de voz que queria conversar e se desculpar, eu ligaria para essa pessoa e acabaria com o seu sofrimento. Fazia sete horas que deixara minha mensagem, e ele não apareceu para acabar com o meu sofrimento.

Talvez as minhas risadinhas o tenham irritado.

Abaixei minha cabeça para a mesa novamente.

– Gwen – Cam disse suavemente.

– Eu estava me apaixonando por ele – eu disse para o chão, e ouvi três rápidos suspiros femininos. –

Profundamente – concluí com um sussurro. Depois levantei a cabeça. – E eu estraguei tudo.

– Ele deve estar muito ocupado, querida, não tire conclusões precipitadas – disse Cam.

– Toda vez que o vejo, cada vez que ele me toca, sinto aquele friozinho gostoso na barriga – sussurrei.

– Ai, ai – Elvira murmurou.

– Nunca senti isso com Scott – confessei.

– Quem é Scott? – Elvira perguntou.

– O ex-marido e patrono dos babacas de Denver – respondeu Tracy.

– Ah – respondeu Elvira, com uma única sílaba cheia de compreensão.

– Você não me contou desse frio na barriga – Cam sussurrou.

– Eu nunca quis admitir nem para mim mesma. Essa sensação me assusta – respondi aos sussurros também.

O rosto de Cam suavizou.

– Ah, querida.

– Ele é mandão, irritante e intrusivo, vive uma vida restrita e exige proximidade emocional, mas se mantém distante, embora essa distância autoimposta seja porque perdeu a mulher e a filha, uma *criança* – continuei. – E ela era tão bonitinha. Ele me mostrou uma foto. Estava toda vestidinha de rosa. E se parecia com ele. A menina herdara o que havia de mais bonito nos dois.

Cam, Elvira e Tracy mantiveram os olhos tranquilos em mim e continuei:

– Mas ele acha que sou engraçada e meu pai e Meredith o adoram, e nós vivemos nos provocando e gosto disso. Eram brigas divertidas, embora eu não soubesse disso na época. Ele dorme abraçado comigo e beija incrivelmente bem, e é ainda melhor na cama. Ele me deu quatro orgasmos em meia hora, e eu nem sabia que isso era fisicamente possível.

– *Quatro* orgasmos em *meia hora*? – perguntou Elvira, cheia de espanto.

– Quatro orgasmos em meia hora – confirmei.

Elvira pôs a mão aberta sobre a mesa e começou a bambejar o corpo de um lado para outro enquanto murmurava:

– Ó, meu Senhor.

– Acho que seria bom alguém trazer os sais – observou Tracy com os olhos fixos em Elvira.

– Querida, eu não tenho sais em casa – replicou Cam.

– Eu preciso pedir demissão – Elvira anunciou. – Vou largar esse emprego. Não posso trabalhar com um homem sabendo da sua capacidade de dar prazer. Quer dizer, eu posso trabalhar com um homem *imaginando* a sua capacidade de dar prazer, mas não *sabendo*. É isso. Eu estourei o meu limite. Eu nunca entendi direito esse negócio de muita informação. Na minha opinião, nenhum volume de informações é informação demais, mas agora descobri. Eu estou aqui.

– Você não pode largar o emprego por minha causa! – sibilei. – Tenho a sensação de que Hawk gosta de você e depende de você. Se você tem uma pessoa assim, não vai querer perdê-la. Ele não pode perdê-la só porque eu disse que ele é capaz de dar orgasmos múltiplos!

– Esses quatro orgasmos eram múltiplos? – perguntou Elvira.

– Não, a maioria foram separados. Ele consegue arrancar três e na sequência um múltiplo – respondi.

– Caraca – Tracy disse.

– Está brincando? – perguntou Cam.

Elvira bambeou de novo e então coloquei minha mão sobre ela para que não caísse e olhei para Cam.

– Por que você acha que eu o deixava ficar durante a noite? Eu disse que ele era bom, mas não é só bom, ele é *muuuito bom*.

– Pare de falar – Elvira sussurrou. – Onde está a coqueteleira? Preciso de uma recarga.

Cam levantou-se e caminhou até o balcão.

Então uma ideia me ocorreu.

– Meu Deus, se ele não me perdoar, estou arruinada para todos os outros homens.

– Gwennie, querida, pare com isso, não se estresse, é sério. Não se passaram nem 24 horas. – Tracy

tentou me acalmar.

Cam começou a derramar vodca na coqueteleira e decretou:

– Tudo bem, isso é sério para você e, obviamente, ele tinha motivos para ser um babaca filho da puta que na verdade nunca foi. Assim, você ligou, deixou uma mensagem de voz mostrando que estava arrependida. Agora você espera. Se ele não retornar a ligação à uma e meia de amanhã, ligue novamente. Mensagens de voz podem se perder. Ele está lá, você explica e pede desculpas novamente. Ele não está lá, você deixa outra mensagem de voz. Ele não liga de volta, digamos, por dois dias, você sabe onde ele está, então você faz uma boa porção de massa de cookie, liga para nós e vamos todas na sua casa comer com você.

Graças a Deus. Um plano.

Era tudo de que eu precisava.

Respirei fundo, verificando Elvira para me certificar de que ela estava firme, soltei-a e olhei para Cam.

– Obrigada, querida.

Camille balançou a cabeça assentindo e colocou o suco de cranberry na coqueteleira.

– Ele vai ligar – sussurrou Tracy, e meus olhos desviaram para ela. Ela deu seu sorriso esperançoso.

Eu sorri de volta, mas o meu sorriso estava trêmulo.

ELA É MINHA IRMÃ

Eu estava deitada de lado, em posição fetal, no quarto de hóspedes da casa de Leo e Cam. Então levantei-me, abri o telefone, fui para a lista de contatos, rolei a tela, achei Hawk e liguei.

Imediatamente ouvi Hawk dizer “Diga”.

– Oi – eu disse baixinho. – Eu não sei se você recebeu a minha outra mensagem de voz, mas queria que soubesse que eu vim para a casa de Cam e Leo hoje à noite e bebi bastante. Como não era seguro ir dirigindo para casa, então vou passar a noite aqui. – Fiz uma pausa. – Eu só... queria que você soubesse onde estou. – Outra pausa e depois continuei a dizer baixinho: – Espero que, mesmo depois do que aconteceu esta manhã, você tenha conseguido ter um bom dia, querido.

Fechei o celular e fiquei olhando para ele.

Deus, como eu era idiota.

Bati o telefone na testa e depois coloquei-o na mesa de cabeceira.

Era quase meia-noite. Fazia mais de dez horas que tinha ligado para ele.

Merda.

Coloquei as mãos sobre o rosto e fechei os olhos com força, pensando que talvez devesse ter mandado um torpedo.

De repente ouvi um som de arranhado na janela.

Abri os olhos e ergui-me, apoiando o cotovelo na cama. As cortinas estavam abertas e pude olhar para fora. Nesse momento senti um aperto no coração.

Ginger estava lá, parcialmente iluminada pelas luzes da rua. Pude ver que todo o lado esquerdo de seu rosto estava inchado, machucado, sangrando e desfigurado.

– Gwennie – ouvi seu sussurro de dor.

Não pensei duas vezes. Joguei as cobertas para o lado e saí correndo do quarto. A camisola de cetim longa e sexy de Cam, que daria água na boca de Meredith, tinha aberturas laterais praticamente até os meus quadris que farfalhavam à medida que eu andava. Fui direto para a porta da frente, destranquei-a, abri e saí correndo frenética, sem fechar a porta. Corri até a quina da casa, virei e bati com a cabeça em algo grande, duro e sólido.

Olhei para cima e vi o rosto de Hawk.

– Gwen – disse ele. – Vólte para dentro de casa.

– Ginger – sussurrei preocupada, contornei-o, comecei a correr de novo e parei.

Ginger estava de bunda no chão, caída sob a janela do quarto de hóspedes. Os joelhos para cima e a

cabeça curvada.

Corri na direção dela, puxei de lado as laterais da camisola e caí de joelhos ao seu lado.

– Querida, olhe para mim – sussurrei, mas ela não levantou a cabeça e sua respiração soava estranha.

– Ginger, querida, por favor – implorei, levando a mão ao seu queixo delicadamente e erguendo seu rosto para mim.

Quando vi o seu rosto, minha respiração ficou em suspenso. Era pior de perto. Muito pior.

Hawk se agachou do outro lado dela, tomou-lhe o queixo da minha mão e cuidadosamente girou sua cabeça na direção dele. Ele falava no celular enquanto examinava o rosto de minha irmã.

– Preciso que uma picape venha até a casa de Freeman para pegar Gwen. Preciso também de reforços que fiquem com ela no armazém até eu chegar lá. Nós estávamos certos. Ginger ia procurá-la, e está aqui agora. Chame o médico, ele precisa vir agora mesmo, ela está muito machucada. Casa segura. Depois ligue para Lawson, ele está acordado. – Ele parou de falar por um momento e depois disse: – Câmbio e desligo.

Ele fechou o telefone e empurrou-o para dentro do bolso de sua calça cargo.

– Você está com problemas para respirar? – ele perguntou a Ginger.

– As costelas – Ginger respondeu.

– Porra – Hawk murmurou. – Você consegue apoiar-se em mim para eu poder carregá-la para dentro da casa?

Ginger ignorou-o.

– Nada de polícia.

– As coisas não estão funcionando do seu jeito, Ginger, você vai ter que tentar do meu jeito.

– Nada de polícia – ela repetiu, e estendi a mão para segurar a dela com firmeza.

– Você ama a sua irmã? – perguntou Hawk de repente, e Ginger virou o queixo de lado para não vê-lo.

Então ela começou a choramingar. – Eu lhe fiz uma pergunta – ele pressionou-a.

– Ela é minha irmã – Ginger respondeu, e as lágrimas brotaram em seus olhos sem avisar. Apenas brotaram e escorreram.

Suas lágrimas significavam sim.

Cheguei mais perto dela e segurei sua mão com mais força.

– Então confie em mim para te ajudar – respondeu Hawk, entendendo o que ela quis dizer.

– Você não pode resolver o meu problema – Ginger disse a ele.

– Tenho certeza de que posso tentar. – Hawk virou-se e olhou para mim. – Solte-a, eu preciso tirá-la do chão.

Eu soltei, Hawk inclinou-se e levantou Ginger em seus braços. Ela não choramingou dessa vez, o movimento fez com que gemesse de dor. Corri na frente dele, abri a porta da frente e deixei-a aberta enquanto circulava rápido pela sala para acender as luzes. Hawk entrou e colocou Ginger no sofá enquanto eu seguia para o corredor. Leo já havia saído de seu quarto, e corri na direção dele.

– Sinto muito, Leo. Ela me encontrou. Ginger está aqui – eu disse a ele em voz baixa.

– Puta merda – ele murmurou, em seguida Cam saiu do quarto, seus olhos em alerta máximo.

– Ginger está aqui – eu disse a ela.

– Puta merda – ela murmurou.

Voltei correndo para a sala e Leo e Cam me seguiram. Ginger estava no sofá, Hawk não estava em lugar nenhum.

Fiquei alarmada, mas fui direto para perto de Ginger e ajoelhei-me ao lado dela no sofá. Peguei a sua mão novamente e ela virou a cabeça para o outro lado.

– Nós vamos tirar você dessa, querida, prometo – sussurrei.

– Não chame a mamãe e o papai, Gwen – ela disse virada para o encosto do sofá.

– Neste momento, estou com você, Ginger.

Ela virou o rosto para mim.

– Não chame a mamãe e o papai.

– Eu não vou chamar – prometi.

– Prometa e cumpra sua promessa, não como naquela vez em que você prometeu segredo quando eu disse que ia escapular para me encontrar com Darren Petri e, depois que soube que ele tinha doença venérea, você me denunciou. Prometa de verdade.

Meu Deus. Darren Petri foi há séculos.

– Ginger, mesmo assim você continuou dormindo com ele e ele tinha doença venérea – lembrei a ela.

– Ele era tão bonitinho – ela me lembrou.

Ela estava certa. Ele era. Ainda assim, ele tinha a porra de uma doença venérea, e ela me disse que eles não usavam camisinha. O que eu deveria fazer?

De repente, Hawk apareceu agachado ao meu lado.

– Gwen, deixe a reunião de família para mais tarde, se tivermos sorte. Vá pegar as suas coisas – ele ordenou e, em seguida, colocou um pano de prato com gelo no rosto inchado de Ginger.

Eu vi os olhos dela se fecharem quando a toalha tocou sua pele gentilmente, e eu poderia dizer que aquilo lhe fez bem.

– Eu vou ficar com Ginger.

– Vá pegar as suas coisas – Hawk repetiu e olhei para ele.

– Querido, eu preciso ficar com a minha irmã – sussurrei.

– Não, Gwen, você precisa confiá-la aos meus cuidados e ir pegar suas coisas – ele reafirmou e continuou falando num tom assustador. – Meus rapazes vão estar aqui em cinco minutos para levar você para a minha casa, e eu ficarei tomando conta dela. Eu a segui até aqui e outros caras me seguiram. Ela precisa sair daqui para que os seus amigos fiquem seguros e você precisa sair daqui também. Entendeu?

Ai, merda. Eu entendi.

– Você vai mantê-la segura? – perguntei.

Hawk me respondeu só com o olhar.

Ele iria mantê-la segura.

Eu não sabia em que pé estava o nosso relacionamento, mas, ainda assim, ergui a mão, meus dedos seguraram seu pescoço e me inclinei para beijá-lo de leve na boca como uma demonstração de minha gratidão.

– Porra, eu vou vomitar – Ginger gemeu e minha boca afastou-se da de Hawk, minha mão largou seu pescoço e virei-me para Ginger.

– Você precisa de um balde? – perguntei, apertando-lhe a mão.

– Não, Gwen, porra, é você. *Você está* me dando vontade de vomitar. – Seu único olho não inchado e não coberto pelo pano de prato com gelo desviou para Hawk. – Ela sempre foi piegas. Um enjoo isso. Mesmo fazendo uma coisa idiota, como ver TV, ela tinha de ficar abraçadinha em mim. É foda.

Hawk não esboçou reação.

– Eu pensei que você gostasse de ficar abraçadinha – eu disse.

– Sim, quando eu tinha *cinco* anos – Ginger respondeu. Respirei fundo e me preparei para réplica.

– Gwen – disse Hawk como um aviso em voz baixa, e olhei para ele.

– Tudo bem – sussurrei e voltei-me para Ginger. Encostei sua mão em meus lábios. – O que quer que aconteça, querida, e o que quer que tenha acontecido no passado, saiba que eu te amo, eu sempre te amei. Você pode acreditar em mim ou não. Eu não me importo. Preciso dizer isso a você, e dizer que é a mais pura verdade. A escolha é sua se você acredita ou não.

Então beijei seus dedos, soltei-a e, passando por Cam e Leo, corri para o quarto de hóspedes.

ESTÁ TUDO BEM?

Meus seguranças eram Fang e um homem chamado Suárez.

Suárez era um minissoldado no sentido de ser mais jovem do que o resto, e não no sentido de ser menos assustador. Seu corpo era tão bem definido que poderiam usá-lo em aulas de anatomia para ensinar musculatura.

Quando fomos para o armazém de Hawk, Fang tomou sua posição do lado de fora, Suárez me levou para dentro e depois posicionou-se na porta.

Perguntei se ele queria café. Ele disse não.

Essa foi a única conversa que tivemos. Isso aconteceu porque Suárez era claramente um bom de papo do gênero Fang, mas também porque eu não estava no menor clima de conversar.

Então fiquei andando por ali. Depois de andar por algum tempo, percebi que estava tremendo. Eu não tremia porque estivesse com frio, tremia porque estava apavorada. Daí subi correndo os degraus de ferro e fui até o guarda-roupa de Hawk. Eu deveria ter chegado vestida. Mas como eu estava no modo Faça-o-que-me-Mandam, minhas roupas, casaco e sapatos foram apressadamente atafalhados em sacolas de supermercado para que eu pudesse cumprir as ordens de Hawk, além disso eu estava nervosa demais para me vestir. Procurei e encontrei uma camisa de flanela azul-marinho de Hawk. Então a vesti. Depois de vesti-la, parei de tremer.

Olha só. Os superpoderes do super-herói Hawk estendiam-se para suas roupas também.

Bom saber.

Desci a escada e comecei a andar novamente de um lado a outro.

Depois de andar por um bom tempo, Suárez falou:

– Acho que você devia tentar dormir – sugeriu.

Ah, sim, como se isso fosse possível.

– Eu acho que não tem chance de isso acontecer – eu disse a ele, depois perguntei: – Posso ver TV?

– Prefiro o silêncio para eu poder ouvir – ele respondeu.

Certo. Provavelmente era melhor assim, se os bandidos se aproximassem, ele saberia de antemão.

Concordei com ele.

Então andei mais um pouco.

O tempo passou, a adrenalina baixou e o cansaço subiu. Deitei no sofá de Hawk em posição fetal e fiquei olhando a luz da lua iluminando a mata em frente ao riozinho, ou riachão, sei lá. Pensei em quebrar a promessa feita a Ginger e ligar para os meus pais. Então pensei no rosto de Ginger machucado. Pensei

que eu nunca seria capaz de esquecer o rosto de Ginger. E esperava vê-lo novamente quando não estivesse mais sangrando, inchado e desfigurado.

Então acabei dormindo.

Acordei quando meu corpo tremeu ao ouvir o rangido alto da porta da garagem subindo. O sono desapareceu e pulei do sofá. Ao contorná-lo, vi Suárez de frente para a porta parecendo na posição de à vontade, pés afastados plantados no chão, as mãos nos quadris, uma delas perto da arma em seu coldre.

A porta da garagem rangeu de novo, a porta interna abriu e Hawk entrou. Meu coração acelerou, meu estômago apertou e os olhos dele focalizaram Suárez.

– Dispensado – ele murmurou e Suárez saiu, sem olhar para trás.

Hawk veio na minha direção. Eu corri até ele.

Parei e coloquei as mãos em seu peito.

– Como ela está? – perguntei.

Ele parou e colocou as mãos nos meus braços. Em seguida me ergueu, tirando meus pés do chão, e me postou longe do seu alcance. Como se não fosse o suficiente, ainda deu um passo para trás.

Olhei para ele totalmente paralisada.

Ali estava ela. A minha resposta. Ele não retornou a minha ligação porque não havia me perdoado. E não só não me perdoara como não queria permitir que eu o tocasse ou sequer me aproximasse do seu espaço.

Diante disso, o meu coração se segurava para se proteger da dor intensa que me queimava por dentro.

– Ela está no hospital sob escolta – Hawk respondeu. – Tem fraturas faciais, uma concussão e sete costelas quebradas. Nenhum dano interno, mas as lesões no rosto vão precisar de cirurgia plástica.

Engoli em seco com a nova dor que queimava dentro de mim. Então assenti.

– Ela está... ela está segura? – perguntei, engolindo em seco de novo.

– Fiz um acordo com Lawson – Hawk respondeu, cruzando os braços sobre o peito. – Eu fico com Ginger, só entrego a ele se ele negociar um acordo com os federais. Ela testemunha e fica sob a custódia preventiva das autoridades. Nós a levamos para a minha casa segura, Lawson nos encontrou lá e tivemos uma conversa com ela enquanto o médico a examinava. Levou algum tempo para Lawson convencê-la a depor. Depois levou mais tempo porque os federais queriam saber o que ela sabia, porque ela não é uma testemunha boa o suficiente para merecer os recursos que eles precisam gastar para colocá-la sob proteção na cadeia e, em seguida, levá-la para o programa de proteção a testemunhas. Ela tem folha corrida, apenas delitos menores, mas é uma usuária de drogas conhecida, andava em más companhias, participou ativamente de algumas merdas não lá muito boas e o máximo que ficou em um emprego foram quatro meses, trabalhando em uma loja de conveniência. Não é exatamente uma testemunha importante, os advogados de defesa a mastigariam e cuspiriam fora.

Infelizmente, isso era verdade.

Mordi os lábios.

– A surpresa foi que Ginger não é tão estúpida como pensamos. Ginger não só sabe muito, como vinha se precavendo e reuniu muito material para sua garantia. Ela nos disse que mantém diários, que roubou documentos, tirou fotos e, às vezes, até usava uma escuta. Poderia não ser uma boa testemunha se só tivesse a sua palavra contra a deles, mas o fato é que tem provas concretas para sustentar a merda toda. Roarke e os outros sabiam disso, e foi por isso que eles estavam loucos atrás dela. Ginger estava tentando usar isso como alavanca para negociar a sua saída, mas eles não se sentiram pagos quando ela os sacaneou e, mesmo que não os entregasse, ela não conseguiria apagar a sua memória, e Ginger, por ser Ginger, seria sempre uma ameaça. Ela deu a localização de alguns deles, mas diz que tem mais, embora não tenha revelado, é uma jogada dela para incentivar o acordo. Lawson e os federais foram para o local indicado, encontraram a merda e passaram cerca de meia hora examinando tudo antes de lhe oferecer o acordo. Entreguei-a e eles a levaram para o hospital. Isso significa que, até os julgamentos, você não vai ver sua irmã e depois disso ela vai sumir.

Respirei fundo e Hawk continuou falando.

– Ela trabalhava para três grandes, dois no tráfico de drogas e um no de armas. Hoje à noite, Ginger Kidd e Mitch Lawson limparão significativamente as ruas de Denver. Mas esses homens têm exércitos ao seu alcance. Antes de cair, eles vão fazer tudo o que puderem para levá-la junto. E mesmo se eles caírem, eles vão querer vingança. Ela tem que desaparecer.

Levei o golpe e assenti.

Hawk prosseguiu.

– Eu sei que você prometeu não ligar para Bax e Meredith, mas aconselho que você os deixe ter uma boa noite de sono, depois telefone para eles e conte tudo. Eles deveriam saber.

Meneei a cabeça novamente e então sussurrei: – Obrigada, Hawk.

Ele ergueu o queixo e, em seguida, ordenou: – Vá para a cama dormir um pouco. Vou levá-la para casa depois que descansar. Você fica com a cama, eu durmo no sofá.

Absorvi tudo sem sequer contorcer um músculo quando ele disse isso, mas não significava que meu corpo iria suportar o peso deste poderoso golpe.

– Vou chamar um táxi – eu disse calmamente. – Deixar você em paz.

– Fique com a cama – ele respondeu.

– Não tem problema, eu vou...

– Gwen, eu estou muito cansado. Durma na porra da cama.

Meneei a cabeça novamente e queria procurar seus olhos, para ver se havia algo lá, qualquer coisa, mas eu era muito covarde. Não queria testemunhar se não houvesse nada a ser encontrado. Tudo o que eu sabia era que a sua atitude, a sua voz, e o fato de ele não me chamar mais de “baby” ou de “minha flor” significavam que não havia mesmo nada lá.

Então olhei para longe e murmurei:

– Durma bem. – Em seguida dirigi-me rapidamente para a escada.

Ouvi os bipes do seu telefone enquanto subia os degraus, mas minha mente estava tão enevoada, uma névoa dolorosa, que tentei forçar meu corpo a ficar anestesiado. Tirei sua camisa de flanela e senti falta dela no momento em que o seu calor deixou o meu corpo. Deixei-a aos meus pés, deslizei em sua grande cama, meus lábios tremendo, meus seios formigando, lutando contra as lágrimas quando ouvi sua voz falando no telefone. Puxei as cobertas e me enrolei como uma bola, trazendo um travesseiro para o peito para ancorá-lo contra mim com as pernas. Inclinei o pescoço e afundei o rosto no travesseiro. Meu corpo se recusava a anestesiá-lo porque tive que forçar toda a minha energia para não cair no choro, Hawk sem dúvida ouviria lágrimas incontroláveis.

Minha irmã ainda era uma mulher marcada, mas pelo menos estaria sob proteção. No entanto, não estava segura até o julgamento, e nunca estaria realmente segura, não para o resto de sua vida.

Isso realmente era uma merda.

E eu estraguei tudo com Hawk. Não tem mais conserto. Quando ele termina com alguém, ele termina, mas ele não terminou, não comigo. Eu de alguma forma o tinha amarrado a mim, profundamente, mas fui eu que o cortei fora e o arranquei de mim, e agora ele definitivamente terminou tudo.

Fechei os olhos e constatei que ele tinha parado de falar. Então respirei fundo, me perguntando, histericamente, se os furões seriam amigáveis.

De repente ouvi os passos dele na escada. Era impossível, mesmo para Hawk, subir aqueles degraus em silêncio.

Imaginei que estaria subindo para usar o banheiro e, mais uma vez histericamente, achei que ele deveria colocar um banheiro no térreo. Ele tinha espaço lá para um banheiro novo. Se fosse eu, colocaria o banheiro na outra extremidade do loft, atrás de sua mesa, que mudaria para mais perto da cozinha e colocaria a mesa de pingue-pongue, a mesa de sinuca e a de aero hockey.

Eu me concentrei no aero hockey e não na presença de Hawk na plataforma da cama. Tentei ao máximo ficar imóvel.

Ouvi alguns bipes vindo do que imaginei ser o seu telefone. Estavam vindo de perto da cama.

Permaneci imóvel.

Então, ouvi-o fechar seu celular, o som do aparelho sendo colocado na mesa de cabeceira, fiquei tensa e abri os olhos. Não vi nada por um momento, depois a luz ao lado da cama foi acesa. Eu me virei e vi que ele estava de pé ao lado da cama, tirando a camiseta.

Minha respiração ficou em suspenso na garganta.

Então me forcei a dizer:

– Está tudo bem?

Ele largou a camiseta no chão, virou-se e sentou na cama, de costas para mim. Inclinou-se para frente e ouvi o cair de uma bota, e depois outra. Ele se levantou e virou-se para a cama, suas mãos puxando a calça cargo.

Minha respiração se aqueceu instantaneamente e achei difícil não ofegar por diversos motivos.

– Hawk – sussurrei. – Está tudo bem?

– Não estava – ele respondeu, inclinou-se, agarrou as cobertas, puxou-as e fiquei tensa quando enfiou-se debaixo delas. Ele estendeu os braços para mim, me virou e depois me vi colada ao seu corpo e sua boca estava na minha orelha. – Agora está. – Seus braços me apertaram. – Acabei de ouvir suas mensagens de voz, baby.

Ele acabara de ouvir minhas mensagens de voz. Ele acabara de ouvi-las e eu estava em seus braços.

Meu alívio foi tão profundo, tão doce, que não pude conter as lágrimas enquanto minhas mãos procuravam hesitantes o seu peito.

– Hawk – gemi através das minhas lágrimas.

Ele me colocou de costas na cama e veio por cima de mim, o seu peito de encontro ao meu. As lágrimas escorriam dos meus olhos, sua mão se aproximou e seus dedos deslizaram pela umidade em meu rosto.

Seu olhar procurou o meu.

– Baby – ele sussurrou.

– Eu fui uma vaca egoísta e insensível! – eu gemi, erguendo minha cabeça e mergulhando-a em seu pescoço, enquanto o abraçava.

– Minha flor.

– Por favor, me perdoe. Estou tão, tão triste. Doeu muito, o que você fez comigo, e isso era tudo em que eu conseguia pensar – eu disse a ele, tombando a cabeça de volta nos travesseiros e olhando fixamente seus olhos negros. – Você estava certo. Eu não pude ver e entender tudo o que você estava passando. Fui insensível, egoísta e...

Ele rolou de costas, com os braços em volta de mim me levando com ele, e, quando eu estava por cima, a sua mão se aproximou do meu rosto e puxou um lado do meu cabelo, segurando-o na minha nuca. Ele puxou o meu rosto para baixo para me beijar. Depois me afastou dois centímetros e falou:

– Eu te magoei – ele disse em voz baixa. – Você reagiu para se proteger. É uma reação natural, baby.

– Eu fui má... e... *escrota* – respondi, ainda chorando.

– Sim, baby, você pode ser má e escrota por cerca de dez horas e depois ligar e pedir perdão. Acho que posso lidar com isso. Deixei você esperando por uma semana.

Isso era verdade.

– Isso é verdade – murmurei, minhas lágrimas cedendo, e então vi suas covinhas.

De repente as covinhas desapareceram. Sua mão deixou a minha nuca e foi até o meu rosto, o polegar deslizando pela minha bochecha, pelo meu queixo, depois pelos lábios enquanto seus olhos acompanhavam seu caminho. Em seguida, seus olhos se fixaram nos meus.

– Perdoe-me também por feri-la – ele sussurrou, e as lágrimas que haviam diminuído brotaram novamente e escorreram pelo meu rosto. Seu polegar deslocou-se na mesma hora para secá-las. – Vou fazer tudo que puder para você não passar por isso de novo – ele prometeu.

– Tá bem – sussurrei de volta e, em seguida, minha mão foi para o seu rosto e lembrei da visita de sua mãe. – E vou fazer tudo o que eu puder, se você me magoar de novo, para não desistir de você e não ser mais uma vaca má, escrota, insensível e egoísta.

Seus dedos deslizaram de volta para o meu cabelo, ele puxou minha cabeça para baixo e seus lábios procuraram a minha boca.

– Isso seria bom – ele disse em meio ao beijo.

Em seguida, o beijo tornou-se um curto e leve toque antes de ele novamente recuar, afastando minha cabeça.

– Estou feliz porque isso acabou, minha flor.

Tirei a mão do seu rosto e limpei minhas lágrimas, concordando.

– Sim. – Ao mesmo tempo pensei que “feliz” era um eufemismo.

– Embora resolvido isso, nós ainda não terminamos de conversar – ele disse, e o tom de sua voz tinha mudado.

Estudei-o e o olhar em seu rosto era outro. Não era mais suave, era firme.

Epa.

– Hã... – murmurei, tentando encontrar palavras para sair de uma conversa que julguei que poderia não gostar.

– Vou lembrá-la de que está vivendo no meu mundo mauzão – ele asseverou, e achei que este lembrete não era um presságio de boas-novas.

– Hã... – murmurei, imaginando qual seria a próxima, embora, diante daquela cara e do seu tom de voz, eu realmente não estivesse querendo descobrir.

– E no mundo mauzão, mesmo quando as coisas não estiverem boas entre nós, você não se encontra com outro homem na calçada em frente de sua casa e deixa que ele pegue em você e lhe dê um beijo.

Ai, merda.

– Mo contou pra você – eu disse.

– Outra mensagem de voz que acabei de ouvir.

Merda.

– Ele beijou o meu cabelo – retruquei, me defendendo. – Não tenho um irmão, mas acho que seria assim que um irmão me beijaria.

– O que Mitch Lawson sente por você não é bem um amor fraterno, baby – Hawk disse.

Isso era verdade.

Merda!

– Hã...

– Gwen, você me deixou essa mensagem linda, disse que queria pedir perdão e, quando o fez, deixou cair suas defesas e entregou-se de novo para mim. Isso significa que acabou de entrar no meu mundo mauzão para sempre, você fez isso por vontade própria e tem de saber que existem regras nesse mundo.

Siga essas regras ou arque com as consequências. Entendido?

Epa.

Ele estava sendo mandão de novo, o tipo da coisa que me deixava maluca.

– Eu não me joguei para ele nem trepei com ele na calçada, Hawk.

Ele ignorou as minhas explicações.

– Nada de mãos se tocando, e *muito menos* de bocas se beijando, Gwen. Só há um homem na sua vida: eu. Nenhum outro homem. Nunca. Não há desculpas. Entendeu?

– Hawk...

– E você não pula numa moto e se segura no motoqueiro a menos que eu seja esse motoqueiro – ele continuou.

– Hawk...

Seu braço apertou minha cintura e a mão pressionou minha cabeça.

– Baby, você precisa confirmar que me *entendeu*.

– Deus! – explodi. – Sim, tudo bem, *eu entendi*. Sim!

As covinhas apareceram, ele me rolou novamente e ficou por cima, seu rosto mergulhado no meu pescoço e suas mãos começaram a deslizar pelo cetim da camisola de Cam.

Hum. Acho que esse assunto estava encerrado.

– Hawk, achei que você estivesse cansado – comentei.

– Sim, eu estava, mas esse tecido é macio e o que está debaixo dele é mais macio ainda. Quando eu disse que estava cansado, eu não estava sentindo na pele essa maciez, então agora não estou mais cansado – ele disse com o rosto afundado no meu pescoço.

Hum!

Ele passou a língua atrás da minha orelha.

Hummm!

Minhas mãos foram para suas costas, elas não eram macias, eram rígidas, de um rígido bom para ser explorado.

– Sua irmã está fora de perigo, baby. O máximo de segurança que pude fazer por ela – ele sussurrou.

Minhas mãos pararam quando lembrei de uma coisa.

Uma operação altamente confidencial, segundo Elvira. Ele colocou seus melhores homens nessa missão. Ficou off-line o tempo todo e não tinha verificado o seu correio de voz durante todo o dia. Ele estava lá quando Ginger apareceu na casa de Leo e Cam. Estava seguindo minha irmã, supondo que ela me procuraria.

Depois da burrada que fiz com ele, ele passou o dia fazendo de tudo, provavelmente colocando a si mesmo e a seus rapazes em risco de vida, para dar-me o que eu mais queria neste mundo.

Oh, meu Deus.

Sua cabeça se aproximou e ele olhou para mim.

– Eu faria um pacto com o diabo para conseguir a minha mulher e a minha filha de volta – ele disse baixinho, e minha respiração parou. – Não há nenhuma chance de isso acontecer, então não posso fazer nada. Mas eu entrei na sua casa sem pedir, baby, e você iluminou a minha vida novamente, então não vou desperdiçar essa chance.

Oh, meu *Deus*.

Ele continuou:

– E Meredith já é a sua verdadeira mãe. Você quer que isso seja oficial, então procuraremos um advogado. Mas, eu estou te dizendo, ela já é sua mãe, você só precisa abraçar essa ideia. Então, eu não posso te dar isso, porque você já tem.

Meus olhos se encheram de lágrimas de novo.

– Hawk... – sussurrei. Meus braços o apertando.

Hawk continuou falando.

– Não conheço Freeman e, por causa disso, acho que ele não gostaria nada de que eu me metesse na vida dele, mas você quer que eu fale com ele para ele colocar um anel no dedo da mulher dele, então vou fazer isso.

– Pare de falar – implorei.

Ele não parou.

– Amanhã, vamos até a Tiffany e você pode escolher o que quiser.

Passei uma perna em volta dele e segurei firme.

– Pare de falar, Hawk.

Sua mão deslizou do cetim para o meu peito e seu rosto ficou mais perto.

– Será que curei a ferida que abri em você? – ele sussurrou. – Ou você quer me dar uma nova lista?

Não curou, mas só porque ele já havia curado no momento em que me perdeu.

Minha mão deslizou pelo seu cabelo, indo até sua nuca e puxando-o para baixo. Ergui a cabeça para colocar meus lábios em sua orelha.

– Sim, querido, curou, mas prepare-se para ficar assustado – eu disse. Ele começou a virar a cabeça para mim, mas rapidamente continuei falando antes que perdesse a minha coragem. – Estou me apaixonando por você, Cabe.

Ele parou de mover a cabeça e seu corpo ficou imóvel. Eu prendi a respiração.

Talvez fosse demasiado cedo. Nós tínhamos feito as pazes, voltamos a ser só nós dois, talvez eu estivesse pressionando demais.

E talvez eu não devesse tê-lo chamado de Cabe. Não fiz isso de propósito, saiu espontaneamente. E talvez isso tenha acontecido porque um homem chamado Cabe seria tão meigo quanto aquele homem em meus braços.

Então, novamente, aprendi que um homem chamado Hawk poderia, sim, ser muito meigo.

De repente, ele me puxou, nós rolamos na cama e fiquei por cima. Em questão de segundos, a

camisola de Cam foi puxada, tirada e jogada de lado. Rolamos outra vez, fiquei por baixo e sua boca grudou na minha.

Um homem totalmente tire-tudo-que-estiver-no-meu-caminho. E a camisola de Cam era sexy.

Tive um nanossegundo para perceber que ele realmente não se importou que eu o tivesse chamado de Cabe, nem achou minha declaração prematura, senão não estaria fazendo aquelas coisas em mim com a boca e as mãos. Eu já havia perdido a capacidade de pensar.

Depois do beijo, sua boca desceu para o meu pescoço. Sua mão, que estava segurando meu peito, começou a titular o meu mamilo e ofeguei.

Plantei o meu pé na cama e tentei virá-lo de costas, um esforço vão.

– Eu quero você de costas – eu disse em seu ouvido.

– Nada disso – ele murmurou, sua língua lambendo o meu pescoço.

Meu corpo todo estremecia.

– Hawk, só dei uma lambidinha na noite passada. Isso não é justo.

Depois dessas palavras, os dedos dele apertaram o meu mamilo e ofeguei novamente, projetando os quadris. Ele ergueu a cabeça.

Rolamos mais uma vez, comigo por cima novamente, mas as mãos dele seguraram minha cabeça para que eu prestasse atenção.

– Sua boca pode me chupar, baby, mas você não pode me fazer gozar. Quero gozar dentro de você, entendeu?

– Ok – concordei de imediato. Ele me mostrou suas covinhas antes de puxar a minha boca para a dele e me beijar de novo, um beijo voraz, demorado e lindo. O beijo acabou e minha boca foi liberada para eu poder usá-la em todo o seu corpo, sem pressa, levando o tempo que quisesse até chegar ao prêmio maior.

E ao chegar lá, também não tive pressa, desfrutei-o ao máximo, embora, devo admitir, não tanto quanto Hawk.

Mas, como foi combinado, não o fiz gozar. E, como de costume, Hawk chegou ao êxtase ligado a mim.

E, como de costume, foi incrivelmente *gostoso*.

AERO HOCKEY

Acordei sozinha na cama de Hawk.

O sol brilhava por todas as janelas e virei a cabeça para olhar o despertador de Hawk. Eram quase onze horas. Eu não dormia até tão tarde desde que era adolescente.

Ouvi barulhos na cozinha e sorri. Então eu me estiquei até o pé da cama, peguei a camisa de flanela de Hawk e vesti-a ainda na cama. Joguei as pernas para o lado, peguei minha calcinha no chão e vesti-a.

Depois fui andando até a grade de ferro, olhei para baixo e vi Hawk vestindo uma camiseta branca justa e uma calça preta de moletom com uma larga listra branca na lateral. Ele estava na cozinha, mas seus olhos estavam em mim.

– Oi – eu o chamei e vi, mesmo a distância, o seu discreto sorriso.

– Bom-dia, baby.

Sorri para ele e depois fui até o banheiro. Tive que abrir a segunda escova de dente extra, mas não esperava que Hawk se importasse. Escovei os dentes, usei fio dental, joguei uma água quente no rosto, sequei e ia saindo do banheiro quando vi sua calça cargo no chão.

Uma ideia me ocorreu e, antes de sair, peguei a calça, tirei sua carteira e, de dentro dela, aquela foto. Recoloquei a carteira na calça, deixei a calça no chão onde estava e desdobrei a foto.

Sophie era realmente uma gracinha. Uma criança incrivelmente bonita. E Simone era estonteante. Olhando para ela agora, deu para perceber que Hawk não tinha um tipo de mulher preferido, porque ela não se parecia nada comigo. Havia um toque de etnia exótico nela, e eu era tão branquela e anglo-saxã quanto os primeiros que aportaram aqui.

Dobrei a foto de novo, preendi-a na mão e fui descer a escada.

Hawk estava no fogão, mas virou-se para mim quando cheguei na área de estar. Segui em frente, aproximei-me do seu corpão sólido, coloquei meus braços em volta de sua cintura e meu rosto em seu peito.

Seu braço envolveu meus ombros.

– Dormiu bem, baby? – ele perguntou, sua boca no meu cabelo.

– Sim, querido, e você?

– Eu também – ele respondeu.

Dei-lhe um apertão e ele retribuiu. Então me concentrei na frigideira no fogão. Nela havia uma omelete só de claras que ainda tinha de ser dobrada, mas havia cogumelos e vários pedaços verdes de um lado.

Tack apreciava a comida e eu suspeitava que ele a consumisse do mesmo jeito com que vivia a vida. Não de uma forma segura e controlada, mas com prazer e abandono. Tack tinha um refúgio na montanha, com uma vista fabulosa. Tack sabia beijar muito bem. Tack não me prendeu na cama de uma forma que exigia proximidade e me prometeu segurança, mas claro que esperava essa proximidade, só que não da mesma maneira.

Foi muito bom ficar naquela casa na montanha, mas ainda assim eu não trocaria por nada o lugar em que estou agora.

Eu também fiquei imaginando se Lawson dormia agarradinho.

Fiquei vendo Hawk virar habilmente um lado da omelete, soltar a espátula, desligar o fogão e pegar a frigideira para deslizar a omelete em um prato. Ele fez isso tudo com uma só mão, não me deixou ajudar.

– Você deixou de fora as gemas – eu disse a ele.

– Baby – ele replicou, depois me arrastou com ele por alguns metros, a fim de chegar a uma gaveta, abriu-a, pegou um garfo e me arrastou de volta para o seu prato. Eu o vi cortar a omelete e depois pegar um pedaço com o garfo e levá-lo à boca. Fiquei observando enquanto ele mastigava e engolia, seus olhos em mim. – Quer um pedaço? – ele perguntou.

Evitei fazer cara de nojo e mordi os lábios para disfarçar, sinalizando que não.

Ele deu um riso gutural e másculo e depois voltou a comer sua omelete.

Livre-me do braço dele e fui até a geladeira. Havia um ímã grande e retangular na lateral que era um pequeno calendário (por falar nisso, um calendário de dois anos atrás). No alto do calendário estava escrito “Empório de Armas Zip” e em itálico “*Para todas as suas necessidades de arma e munição*”. Era minha única escolha. Hawk não enfeitava sua geladeira com ímãs e fotos bonitinhas, com todas aquelas bobices que eu costumava usar na minha.

Resolvi que compraria um ímã legal, um daqueles de plástico que servem de moldura, ou talvez um que tivesse umas bordas bonitinhas, mas, antes que pudesse perder a coragem, desdobrei a foto e prendi-a na geladeira com o ímã do calendário.

Então virei-me lentamente para Hawk e me preparei.

Meus olhos bateram nos dele que olhavam fixamente a foto. Seu rosto havia se transformado em uma máscara branca.

– Não faça essa cara, Cabe – pedi gentilmente e seus olhos desviaram para mim.

– Agradeço o que você está tentando fazer, Gwen, mas não estou pronto para essa merda – ele respondeu.

– Você carrega a foto na sua carteira – observei, ainda falando suavemente.

– Ainda não estou pronto para essa merda, Gwen – ele repetiu.

– Então você precisa ficar pronto – rebati calmamente. – Ontem à noite, quando me perdoou, eu entrei no seu mundo mauzão, mas *você* também entrou no meu mundo, o mundo das garotas Cosmopolitan, e no mundo das garotas Cosmopolitan existem regras. Você não pode levar uma vida estreita e limitada, que só

inclua trabalho e atividades de lazer relacionadas ao trabalho. No meu mundo, você não deixa o ambiente em que vive sem um pingo de personalidade. E não mantém as emoções em uma camisa de força. Você vai ao cinema. Sai para comer em bons restaurantes. Sai para comer em restaurantes baratos, se eles tiverem uma comida fantástica. Senta com os amigos só para beber, comer, rir e estreitar os laços. Injeta a sua personalidade e bom gosto no seu entorno para que quando as pessoas que se preocupam com você o visitarem, elas possam estar cercadas de você. Nós estamos começando com isso. – Apontei para a foto. – Trazendo Simone e Sophie para a luz, porque há pessoas na sua vida que sentem falta delas, não tanto quanto você, mas sentem. E você sente falta delas e elas não pertencem à sua carteira dobrada e escondida, elas pertencem ao céu aberto. – Fiz uma pausa, prendi a respiração e concluí. – Vamos colocar também uma mesa de aero hockey.

A máscara rachou quando seus lábios tremeram e suas sobrancelhas se ergueram.

– Mesa de aero hockey?

– Meu voto é que ela seja a primeira, ao lado da mesa de sinuca e em seguida a de pingue-pongue.

Ficarão na parede de trás. Quer dizer, depois que você colocar um banheiro aqui embaixo, talvez uma sauna e também uma banheira de hidromassagem – acrescentei os extras à medida que eles iam surgindo na minha mente.

Ele perdeu a batalha com um sorriso e pediu baixinho:

– Vem cá, minha flor.

Fui até ele e ele me dobrou em seus braços.

Inclinei minha cabeça para trás apenas a tempo de sua boca tocar a minha.

Quando levantou a cabeça, ele sussurrou:

– Tudo bem, elas podem vir para a luz.

– Obrigada, querido – sussurrei também. – Mas elas já estão, não estão?

Ele franziu as sobrancelhas.

– Como é?

– A poltrona, o tapete, a mesa e a luminária – respondi. – São da sua vida com elas.

Seus braços me apertaram forte, muito forte, e fiquei junto dele enquanto ele se esforçava para falar.

Por fim, ele relaxou e assentiu com um gesto de cabeça.

– Os pais dela eram um pesadelo, ela praticamente foi criada pelos avós. Essas coisas são da casa dos seus avós. Eles estavam se mudando para a Flórida quando começamos a morar juntos, então eles nos deram, e Simone gostava de tê-las por perto. Mesmo quando começamos a comprar as nossas próprias coisas, ela nunca se livrou delas. Quando estava amamentando Sophie, ela sempre se sentava nessa poltrona, e se fosse eu a alimentá-la, sempre levava a minha menina e fazia isso nessa poltrona. Nós não vivíamos em Denver, morávamos na Carolina do Sul, mas quando elas morreram, saí do Exército na primeira chance que tive e voltei para Denver. Antes de me mudar, vendi tudo, todas as coisas que fizeram parte da nossa vida, menos a poltrona e tudo que a cercava.

Fechei os olhos, encostei meu rosto em seu peito e suspirei.

Bem, acho que se ele quis ficar com algo, ficou com as coisas certas. Os objetos estimados por Simone e que o cercavam de lembranças de sua mulher e de ele próprio alimentando a sua menininha.

Deus.

– Não consigo imaginar você carregando o peso de sua perda, meu bem – sussurrei em seu peito, e sua mão alcançou minha nuca e a apertou.

– Espero em Deus que você nunca precise – ele respondeu.

Meneei a cabeça. Eu esperava por isso também.

Sua mão largou a minha nuca e veio até o meu queixo, levantando-o. Abri os olhos e os nós dos seus dedos acariciaram a minha bochecha.

Eu realmente gostava quando ele fazia isso.

– Por falar nisso, minha flor, você tem uma ligação para fazer.

Suspirei de novo e depois assenti.

– Só uma coisa – ele disse, antes de eu me afastar.

Parei e inclinei a cabeça para o lado.

Ele sorriu e decretou:

– Vamos começar pela banheira de hidromassagem.

Apertei seu peito junto ao meu e sorri também.

AFOGADO EM VOCÊ

– Baby, fala sério!

Tive um sobressalto e virei-me para ver Hawk de pé na porta do banheiro. Estava muito sexy com aquele terno cinza-escuro e uma camisa vinho aberta no colarinho.

– Credo, Cabe, você quase me mata de susto.

Seus olhos percorreram meu corpo todo e depois voltaram para me encarar.

– Estou vinte minutos atrasado e você ainda não está pronta?

Virei-me para o espelho do banheiro, ergui o pincel do rímel e ignorei a pergunta impaciente.

– Isso não é motivo para me assustar desse jeito.

– Gwen, temos que ir. Por que você está demorando tanto? E ainda nem se vestiu.

– Bem, é que decidi trocar de sapato. – Passei o rímel nos cílios. – Não vou usar o Jimmy Choo.

Resolvi usar o Valentino.

– Você leva mais de vinte minutos só para decidir trocar de sapato?

– O Jimmy Choo é prateado. O Valentino é coral. Claro, o Valentino tem cristais e renda, mas eu ficaria cinza, esfumada e dramática. O coral requer um rosa suave, brilho e acabamento *dewy*. Tudo isso exigiria que eu removesse a maquiagem e aplicasse uma nova – expliquei.

Hawk ficou em silêncio e meus olhos se voltaram para ele.

Não, nem depois dessa explicação ele ficou menos impaciente.

Tentei uma tática diferente.

– Não demorarei nem um minuto – assegurei a ele, o que era uma completa mentira.

Ele pegou seu celular de dentro do bolso do paletó, abriu-o, digitou um número e o colocou no ouvido. Seus olhos se voltaram para mim. Meus olhos se voltaram para o espelho e ergui o pincel de novo para passar o rímel.

Então senti que ele se afastava e o ouvi dizer:

– Bax, Gwen está atrasada. Nós ainda estamos na casa dela, mas saindo em uns cinco minutos.

Terminei a minha maquiagem e fui para o quarto. Não sabia mais onde Hawk estava. Isso acontecia muito, embora a minha casa não fosse uma mansão a perder de vista. Hawk, como descobri, poderia estar junto de você e desaparecer tão facilmente como poderia evaporar ou surgir do nada.

No começo achei isso perturbador. Agora estava acostumada.

Passei o perfume, coloquei os brincos de diamante que papai e Meredith me deram quando me formei na Universidade do Colorado, tirei o meu roupão e comecei a me vestir.

Como seria uma ocasião especial, eu, é claro, havia feito uma nova aquisição. Fiz o impensável e deixei de lado o pretinho básico. O de agora era um vestido cinza-claro brilhante. Quase não tinha tiras para segurar um corpete drapeado e o resto do vestido nas laterais, logo atrás das axilas. Nada nas costas. Nada mesmo. O pequeno drapeado atrás caía logo acima da minha bunda. Era curto, a saia apertada nos quadris, o tecido grudando no resto do corpo.

Era perfeito para o meu Jimmy Choo. O problema era que, três semanas antes, eu estava fazendo compras com Elvira e experimentei um par de Valentino. Os Valentino eram um sonho, a terra encantada dos sapatos. Em cetim coral. Doze centímetros de salto alto com spikes e plataforma na sola. Eram do tipo *peep-toe* com um *see-through* enorme, um arco de multicamadas de renda forrado de cetim e cristais com mais cristais caídos nas laterais por todo o pé chegando aos dedos. Você morreria por eles. Você mataria por eles. Eram o sonho impossível.

Um sonho impossível até eu agradecer a vendedora e começar a colocar os sapatos de volta na caixa, pois Elvira pegou seu celular, ligou para Hawk, recebeu o sinal verde e, em seguida, sacou o cartão de crédito corporativo.

Ela estava no auge do êxtase. Liguei para Hawk e disse que ele não devia fazer aquilo, que aquele sapato custava quase o dobro do preço do Jimmy Choo.

A resposta dele: “Baby.” Em seguida, desligou.

Elvira comprou os sapatos. Meia hora depois, comprei um monte de lingerie sexy, e as mais sexies eu vestia por baixo da roupa para que Hawk pudesse descobri-las, como se desembrulhasse um presente. Quando fazia isso, ele dava uma olhada, suas pupilas dilatavam-se instantaneamente e ele levava uns 3,25 segundos para tirá-las.

A essa altura eu decidi que teria de encontrar uma outra forma de agradecer a ele.

Eu ainda estava procurando.

Coloquei o vestido e sentei-me na beira da cama, abrindo a caixa de sapato e revelando os Valentino. Tinha prometido a mim mesma levá-los de volta e devolvê-los.

Mudei de ideia.

Depois prometi a mim mesma que jamais iria usá-los. Eu não poderia colocar nos pés uma coisa que custava mais do que o pagamento da hipoteca mensal da maioria das pessoas.

No entanto, mais uma vez mudei de ideia.

Estava colocando o segundo pé do sapato quando Hawk entrou pela porta do meu quarto.

Coloquei os pés no chão e olhei para ele, em pé.

– Que bom que você está aqui, baby, preciso que me ajude com a minha pulseira.

Fui até a cômoda e abri a minha gaveta de joias, retirando de lá a caixa da Tiffany.

Ele havia comprado uma pulseira de diamantes também, segundo me disse, logo no dia seguinte em que reatamos pela segunda vez. De novo eu disse a ele que não poderia fazer isso e, como estávamos na loja, me recusei a escolher uma joia. Então, ele mesmo escolheu.

Tirei a pulseira da caixa e fechei a gaveta no mesmo instante em que senti os dedos de Hawk em minha pele, justamente onde o vestido começava. Começando pelas pontas dos dedos, sua mão deslizou pelo meu vestido, passou pelas costelas e subiu para pegar o meu peito do outro lado. Então ele me virou de frente para ele.

– Hawk – sussurrei, minha cabeça tombando no seu ombro enquanto o seu polegar percorria o meu mamilo, e repeti: – Hawk.

– Segure-se na cômoda, baby – ele murmurou em meu ouvido.

– O quê? – sussurrei ofegante enquanto sua outra mão levantava a saia do meu vestido.

– Segure – ele ordenou.

– Estamos atrasados – lembrei a ele, minha respiração ficando em suspenso quando ele agarrou meu outro mamilo.

– Vamos nos atrasar mais – replicou Hawk.

– Mas...

– Segure – ele repetiu, sua mão deslizando até a frente da minha calcinha.

Oh, Deus.

Ele alcançou o ponto G.

Oh, *Deus*.

Virei a cabeça e minha testa ficou encostada em seu pescoço.

– Vamos ser rápidos agora – ele sussurrou. – Mais tarde, porém, vou te mostrar como realmente me sinto em relação a este vestido.

– Está bem – concordei, mas fiz isso gemendo, porque os dedos dele não paravam de se mexer.

Cruzei as pernas no Camaro, estudando meus sapatos ao mesmo tempo em que ajustava minha pulseira no pulso pela única razão de que gostava de me lembrar que ela estava ali.

– Olha, nós temos que inventar uma boa desculpa. Você precisava trabalhar e eu precisava trocar a maquiagem, isso não vai colar. Estamos muito atrasados – eu disse ainda no carro.

– Baby, não precisamos de uma desculpa. Qualquer um que a veja nesse vestido e com esse sapato vai saber exatamente por que estamos atrasados.

Senti meu rosto empalidecer, senti mesmo, e virei a cabeça para olhar para ele.

– Isso não é verdade.

– Ok, eu vou refazer a frase. Qualquer *homem* que a veja nesse vestido e com esse sapato vai saber exatamente por que estamos atrasados. Inclusive o seu pai.

– Credo! – rebati, tapando os ouvidos e começando a cantarolar: – Lá-lá-lá.

Por trás da cantoria, ouvi Hawk rindo.

Quando parecia ser seguro, parei de cantarolar e deixei cair minhas mãos no colo.

Hawk começou a falar.

– Recebi um telefonema interessante hoje.

– É mesmo? – perguntei, quando ele não disse mais nada.

– Corretores de imóveis – ele respondeu, e me virei para olhá-lo novamente. – Esta é a quarta ligação em muitos meses. Eles querem o armazém e todo o terreno em volta, sou proprietário de tudo. Estavam oferecendo uma ninharia, mas a oferta de hoje foi motivadora.

– O quê? – sussurrei.

Fazia quatro meses desde que Hawk e eu voltamos a ficar juntos. Quatro meses realmente ótimos. Estávamos no início de julho. O tempo estava bom. Os dias eram compridos. Nossa paixão (obviamente) não havia esfriado. Mas as coisas tinham mudado.

Agora eu estava tão amarrada a ele que tinha certeza de que nunca me soltaria, e eu não queria. Eu havia mergulhado tão fundo que nunca voltaria à superfície.

Mas, mesmo afogada em Hawk, eu não havia perdido um pedaço que fosse de mim.

Vivia a minha vida, editava meus livros, encontrava-me com minhas amigas, fazia compras, saía para jantar, ia ao cinema, às vezes sozinha, às vezes com meus amigos e, às vezes, ele era parte disso.

Hawk trabalhava, e trabalhava muito. Mas quando estava comigo, eu tinha sua plena atenção. Tínhamos visto vários filmes juntos. Saíamos para jantar frequentemente, até porque eu não comia o que ele comia (e não ia comer mesmo), e ele poderia pedir a comida do jeito que gostava, sem eu ter que preparar duas refeições (embora ocasionalmente eu o fizesse também). Quando tinha tempo, ele ficava na minha casa, ou eu ficava na dele.

Não importava se nossos dias nos levassem a caminhos diferentes, nós dormíamos juntos todas as noites. Às vezes ele estava comigo e íamos para cama juntos. Às vezes eu sentia sua mão quente nas minhas costas no meio da noite. Às vezes ele me ligava e dizia para eu ir para a sua casa, e eu ia. Eu tinha a chave, porém ele não tinha uma chave da minha casa (que eu saiba), mas também ele não precisava de uma.

Nosso relacionamento não era fácil. Não era maduro. Não era confortável e sereno. Ele era muito mandão e eu muito sarcástica. Provocávamo-nos e às vezes discutíamos. Mas aprendi que era completamente incapaz de suportar que Hawk ficasse chateado comigo, e depois percebi que Hawk sentia o mesmo. Não guardávamos ressentimentos. Espalhávamos faíscas, mas elas nunca chegavam a provocar um tipo de fogo que causasse danos maiores. Em vez disso, nós passávamos por cima e seguíamos em frente.

E eu gostava disso. Era tudo muito bom. Gostava dele no meu espaço e gostava de estar no dele. Tenho minha loção floral e sabonete de banho na casa dele. Meu próprio desodorante está no seu armário de remédios. Ele também tinha um na minha casa, ficava ao lado do seu barbeador.

Eu havia comprado uma linda moldura para a fotografia de Simone e Sophie, e no mesmo dia comprei mais duas. Uma delas tinha uma foto minha e de Hawk que Tracy tirou na festa de aniversário de Leo. Eu

estava ao lado de Hawk, encostadinha nele, meus braços na sua cintura e minha cabeça inclinada para trás, meu nariz encostando no seu queixo, e eu estava rindo. Hawk estava com o braço em volta dos meus ombros, olhando ligeiramente para baixo e para o lado, também rindo. Essa foto ficava na geladeira de Hawk.

A outra moldura ficava na minha casa, com uma foto que Elvira havia tirado. Eu e ele andando pela sala de vigilância em sua base, o meu braço em torno de suas costas, os dele envolvendo meus ombros. A cabeça de Hawk estava virada para o lado e ele estava olhando e ouvindo Jorge. Eu estava olhando por cima do meu ombro para Elvira e rindo de algo que ela disse.

Eu adorava essa foto. Não sabia por quê. Talvez fosse o fato de que aquela foto espontânea havia capturado o modo casual de ficarmos juntos, abraçando um ao outro, caminhando juntos, o perfil de Hawk tão bonito, meu rosto parecendo feliz. E, claro, naquele dia o meu cabelo estava ótimo.

Ele não poderia vender o armazém. Nós já estávamos estabelecidos. Tínhamos um sistema de vida. Tínhamos um modo que era só nosso.

E onde colocaríamos a mesa de aero hockey (quando ele comprasse)?

– Você está pensando em vender? – perguntei.

– Sim, eles viram a oportunidade, querem agarrá-la, e assim vão oferecer mais. Oferecendo mais, sério, baby, seria burrice não vender.

– Mas pensei que você gostasse do armazém. Achei que precisasse de espaço. Não há muitos lugares onde você consiga ter tanto espaço assim, Cabe.

– Estou descobrindo que eu não preciso mais daquele tipo de espaço, minha flor, e você não pode criar filhos em um lugar como aquele.

Respirei tão fundo que era incrível Hawk não ter desmaiado pela falta de oxigênio no ambiente.

– Gwen – ele me chamou.

– Filhos? – eu disse engasgando.

Ele ficou em silêncio. Eu também, principalmente porque estava lutando para respirar enquanto dançavam em minha mente visões de soldadinhos de cabelos escuros e covinhas no rosto vestindo calça cargo em miniatura.

Finalmente, ele murmurou:

– Merda.

– O que é merda? – perguntei.

– Merda, baby, eu vi você com Crisanto e Javier, achei que gostasse de crianças.

– Eu...

– Pensei que como você gostava tanto deles, você os quisesse.

– Eu...

– Merda, Gwen.

– O que é merda? – Minha voz estava subindo de tom, principalmente porque eu estava ficando

histórica, mas também porque ele não estava me deixando falar.

Ele jogou o carro no acostamento da estrada, parou, virou-se para mim e seus olhos encontraram os meus.

Então ele murmurou de novo:

– Merda.

– O que é merda? – quase gritei.

– Não é um bom momento para falar sobre isso.

– Hawk, você precisa...

– É aniversário de seus pais.

– Hawk – insisti. – Você precisa me dizer o que está fazendo você surtar.

– Eu quero ter filhos.

Encarei-o, o meu coração batia tão forte que eu poderia jurar que meu vestido esvoaçara.

Ele não estava dizendo que queria ter filhos, estava dizendo que queria ter filhos *comigo*.

Quer dizer, ele queria ter filhos, mas estava dizendo que *queria ter filhos comigo*.

Cabe “Hawk” Delgado queria ter filhos comigo!

Oba!

Ah, merda. Eu ia começar a chorar e estragar a maquiagem.

– É importante para mim, baby – ele disse gentilmente.

Engoli em seco. Então perguntei:

– Quantos você quer?

– Dois ou três.

– Meninos ou meninas?

– Não me importo.

Eu também não. Eu não me importava. Não me importava mesmo.

Minha visão ficou turva quando minha mente se encheu de imagens de Hawk segurando nosso filho e alimentando-o com uma mamadeira.

De repente, senti um frio na barriga.

Então senti os nós dos seus dedos deslizarem pelo meu rosto, e meus olhos voltaram a enxergar direito quando ele disse em voz baixa:

– Eu ficaria feliz com um, Gwen.

– Filho único pode ficar mimado. Temos de ter pelo menos dois. Irmãos são importantes. E se começarmos com dois meninos, temos de ter uma menina porque os irmãos devem ter uma irmã. Mas se começarmos com duas meninas, temos que tentar um menino porque irmãs devem ter um irmão. Eu sempre quis ter um irmão. Um filho de meu pai teria sido capaz de brigar com os namorados que partiram meu coração. Eu não teria que recorrer à massa de cookie e Scott teria economizado muito dinheiro em advogados no divórcio, já que ele ainda estaria em coma.

Parei de falar e comecei a sentir o que disse. O ar no Camaro ficou eletrizante.

– Você está dizendo isso por mim ou porque quer ter filhos? – ele perguntou.

– As duas coisas – respondi.

De repente, meu cinto de segurança foi desafivelado e bateu no batente da porta tão rápido que gritei de surpresa. Hawk livrou-se do cinto dele também, arrancou-me do banco do carona num átimo e enfiou-me entre ele e o volante, minha bunda no seu colo. Sua mão segurou o meu cabelo, o outro braço me prendeu a ele e sua boca fervendo mergulhou na minha para um beijo faminto e muito molhado, um beijo ardente que incluiu sua mão cheia de desejo passeando pelo meu corpo.

Logo depois ele soltou a minha boca, mas me manteve presa no seu colo. Eu pisquei e ele começou a falar:

– Se eles oferecerem mais, eu vou aceitar.

– Tudo bem – sussurrei.

– Teria algum problema se eu me mudasse para a sua casa?

– Não – respondi na mesma hora, com o coração acelerado e um frio na barriga, minha cabeça fazendo piruetas de alegria.

– Então está bem – ele sussurrou.

– Tem certeza de que você não precisa de mais espaço?

– Espaço demais significa você lá dentro precisando ir a algum lugar, e qualquer lugar que vá é longe de mim. Não, eu não preciso desse tipo de espaço mais.

Oh, meu Deus.

Eu sabia o que ele estava dizendo. Sabia o que ele queria dizer, e coloquei a minha mão no seu queixo.

– Você está indo até o fundo comigo, não está, querido? – sussurrei minha pergunta só para confirmar.

– Estou afogado em você – ele sussurrou de volta.

Oh, meu *Deus*. Ele sentia o mesmo que eu!

– Eu te amo, Cabe.

No minuto em que eu disse isso, ele me abraçou tão forte que ficamos grudados um no outro, seu rosto encostado no meu pescoço quando ele disse:

– Eu também te amo, minha flor.

Ele me amava.

Graças a Deus, ele me amava.

Relaxe abraçada nele, mas minha mão moveu-se do seu queixo para a nuca.

– Eba – sussurrei em seu ouvido, e o senti sorrir de encontro ao meu pescoço.

Então ele beijou o meu pescoço e sua cabeça subiu ligeiramente para passar a língua na pele atrás da minha orelha. Sua boca voltou para os meus lábios e ele beijou-os agora levemente, uma vez, duas vezes, três vezes antes de morder o meu lábio inferior, tirar-me do seu colo e me recolocar no banco do carona.

Ele afivelou o cinto, eu afivelei o meu e fiquei um tempo no ar, desfrutando a minha felicidade.

Então peguei minha bolsa no chão, abri o fecho, tirei o meu brilho labial e abri o espelho do quebra-sol.

– Por duas vezes hoje você estragou o meu brilho labial e ainda nem estamos no restaurante – reclamei, fingindo contrariedade.

Ele voltou para a estrada e murmurou:

– Baby.

Meredith comemorava o aniversário dela e do meu pai como se fosse um feriado nacional. Ela não se limitava apenas aos aniversários especiais, dava uma festa todo ano.

Quando era eu criança e o dinheiro não era muito, se o aniversário caísse em um dia de semana, Meredith tirava o dia para cozinhar e chamar os amigos e a família para um gigantesco e extravagante bufê. Depois que Ginger e eu saímos de casa e as coisas ficaram mais confortáveis, essas comemorações transferiram-se para uma infinidade de locais em Denver.

A de hoje à noite acontecia no McCormick's Fish House and Bar, no Oxford Hotel. Eles serviam carnes e frutos do mar fantásticos. Era um lugar elegante, mas ainda preservava aquela atmosfera de Velho Oeste de Denver. Tinham um ótimo bar e apenas a uma curta distância a pé ficava o Oxford's Cruise Room, sem dúvida o bar mais descolado de Denver por sua decoração art déco e o talento todo especial dos barmen com as coqueteleiras de martíni.

Hawk e eu entramos abraçados em uma sala privativa e vimos que a galera estava toda lá.

Como Meredith havia adotado todos os meus amigos, Tracy estava presente, embora não tenha visto nenhum dos seus namorados babacas com ela. Não avistei Cam e Leo, mas sabia que tinham que estar lá em algum lugar. Elvira também compareceu. Assim como Gus e Maria, Jury, acompanhado de uma mulher linda e exuberante, uma mexicano-americana usando um vestido vermelho e preto fabuloso, e Von com sua esposa Lucia.

E vi imediatamente que Troy estava lá também, acompanhado daquela sua namorada reclamona, Hanna.

Os últimos quatro meses não tinham sido bons entre mim e Troy. Ele não ficou nada contente de Hawk e eu termos reatado e me disse isso com todas as palavras, com advertências terríveis de que se isso aconteceu uma vez, poderia acontecer novamente. Supus que Troy estivesse apenas tentando ser amigo, ele e eu tínhamos uma amizade sólida e ele acabaria superando isso.

Não superou.

Nós continuávamos nos vendo, na maioria das vezes ele vinha na minha casa. Mas quando ele apareceu uma vez e Hawk estava lá, ele foi embora na mesma hora e não disfarçou o motivo de estar fazendo isso. Daquele dia em diante, ele sempre telefonava antes de vir me visitar para se certificar de

que Hawk não estivesse lá ou fosse aparecer. Eu lhe dava essas garantias, mesmo que isso me incomodasse. Claro que Hawk fora grosseiro com ele, mas isso acontecera havia meses, Troy precisava aceitar o fato de que Hawk estava me fazendo feliz e dar a ele uma chance, como todos tinham dado, só assim ele veria que Hawk era um cara legal. E, o mais importante, se Troy era um amigo de verdade, ele superaria isso por mim.

Quer dizer, eu aturava Hanna sem dizer uma palavra, ela era chata e reclamona e eu não era a única pessoa a achar isso.

Infelizmente, houve uma vez em que garanti a ele que Hawk não apareceria lá em casa, mas Hawk me surpreendeu aparecendo. Troy tinha acabado de abrir uma cerveja e, ao topar com Hawk, deixou a cerveja intocada, encarou Hawk, virou-se para mim dizendo que me veria outra hora e foi embora.

O que me surpreendeu nisso não foi tanto o comportamento de Troy. Foi a atitude de Hawk. Hawk era como Camille. Se tinha algo a dizer, dizia na cara. Ele era franco e sabia ser gentil, mas não hesitava em dizer o que pensava. Mas naquele dia ele me deixou lidar com Troy, sem dizer uma palavra ou fazer um comentário. Eu achei que essa sua atitude dizia muito dele, principalmente porque Hawk sabia o que Troy significava para mim e não ia tentar me convencer do contrário, apenas deixaria rolar e estaria lá no final ao meu lado. Mas não seria um final onde, se Troy e eu resolvêssemos os nossos problemas, Hawk diria algo sobre um amigo de que gosto e não pudesse retirar o que disse.

– Você está usando o Valentino! – Tracy gritou, vindo meio correndo, meio dançando em nossa direção, batendo palmas, com Elvira atrás dela.

Dei-lhe um abraço e, em seguida, ela virou-se para Hawk para dar um beijinho em seu rosto enquanto eu abraçava Elvira. Elvira não fez um movimento para beijar Hawk no rosto, limitou-se a cumprimentá-lo com um gesto de cabeça, deu um passo para trás e me olhou de cima a baixo.

– Garota, você está um escândalo! – ela disse. – Esse vestido é muito sexy. O sapato é supersexy. E essa expressão no seu rosto mostra que você passou por algo bem sexy também!

Fiquei paralisada. Hawk riu e me puxou para mais perto.

– Eu não disse? – ele sussurrou no meu ouvido.

Antes que eu pudesse responder, Meredith e papai se aproximaram, com Gus e Maria logo atrás deles.

– Oi, querida – Meredith disse enquanto se aproximava e me abraçava.

– Mil desculpas pelo atraso – eu disse enquanto a abraçava, e ela recuou me mantendo em seus braços.

– Ainda é hora dos drinques. Não nos sentamos nem por vinte minutos, então não estão atrasados. – Ela sorriu e virou-se para Hawk, enquanto meu pai virou-se para mim.

Depois de papai, recebi abraços de Maria e Gus, depois todos assumiram seus lugares à nossa volta, Gus olhando para mim com um sorriso malicioso no rosto.

– Bonito vestido – observou ele, sua frase com um significado claro. Fechei os olhos e Hawk riu novamente.

Fui em frente.

Virei-me para papai e Meredith.

– Podemos dar os seus presentes agora? – perguntei.

– Claro, querida – Meredith respondeu e abri minha bolsinha grafite de cetim com fecho de cristal, lutando para tirar de lá um grande envelope de papel pardo sem amassá-lo demais.

Mas primeiro peguei um envelope menor e branco e entreguei ao meu pai.

– Ingressos para a temporada do Denver Broncos – anunciei solenemente, e papai olhou para mim espantado. – Perto da linha de quarenta jardas. Hawk conhece alguém. – Foi quando meu pai voltou seu olhar para Hawk. – Feliz aniversário, papai – concluí.

– Santo Deus – papai murmurou.

– É um presente meu e de Cabe – respondi, apesar de Hawk conhecer alguém, fui eu que comprei os bilhetes. Isso provocou uma briga entre nós que acabei ganhando. Hawk poderia me mimar, mas finquei o pé de que eu é que queria mimar o meu pai. Custaram uma fortuna, mas o fato era que papai valia a pena.

– Eu não sei o que dizer – papai sussurrou.

– Não diga nada e me dê outro abraço – eu disse, sorrindo para ele.

Ele virou os olhos para mim, mas não sorriu. Ergueu a mão e acariciou minha bochecha, e a expressão em seu rosto fez brotar lágrimas em meus olhos. Ele tinha uma filha que não podia ver porque estava presa e isolada por medida de proteção, e outra filha que havia passado o diabo por causa dela. Dito isto, eu estava viva, respirando, usando um vestido fantástico e sapatos fabulosos, feliz e o amava o suficiente para comprar ingressos para a temporada do Denver Broncos, algo que ele sempre quis. Seus olhos se fixaram em mim, e eu sabia pelo seu olhar que estava contando as suas bênçãos e pude ver que os ingressos do Denver Broncos não estavam no topo dessa lista, mas eu definitivamente estava.

Então ele retirou a mão e cumprimentou Hawk, batendo-lhe no ombro.

Mais uma vez, fui em frente.

Entreguei o envelope de papel pardo a Meredith.

– Isso é para você.

Ela franziu as sobrancelhas e papai ficou olhando enquanto ela abria o envelope.

– Isso é só uma formalidade – eu disse, de repente me sentindo nervosa. – Foi ideia de Cabe. Quer dizer, na verdade aconteceu no dia do seu casamento, quando você deixou que eu a acompanhasse até o altar. Só estou oficializando tudo.

Ela puxou os papéis de dentro do envelope e olhou para mim.

– Oficializando o quê?

– Esses são os papéis de adoção. Se você assiná-los, serei legalmente sua filha.

Todo mundo prendeu a respiração, mas Meredith ficou boquiaberta e arregalou os olhos. Em geral eu conseguia interpretar as expressões de Meredith, diabos, qualquer um conseguia, mas aquela não pude entender. Não sabia o que esperar quando entreguei aqueles papéis para ela, mas sonhava muito com esse

dia. Sabia que ela me amava, mas por ser uma festa de aniversário chique na residência dos McCormick, ela não ia sair dando piruetas, não podia, não com um salto alto de dez centímetros. Mas eu esperava pelo menos um sorriso.

Por isso me apressei em dizer.

– Eu sei, é meio maluquice adotar uma mulher de 33 anos de idade, mas por outro lado... hã... por que não? – gaguejei quando vi que ela apenas olhou para mim, e imaginei se eu de alguma forma a havia insultado. – Quer dizer... não quero dizer com isso que nunca tenha considerado você minha mãe, eu só quero... sei lá, eu só quero que você saiba que, hã... é assim que eu sinto e que sempre foi assim.

Meredith não se mexeu nem falou nada.

– Você não precisa assinar se não quiser – assegurei a ela. – Está tudo bem. Nada vai mudar entre nós. Eu...

Calei minha boca quando ela virou o corpo na direção de papai e sussurrou: – Me arrume uma caneta, Bax.

Ela pediu a papai, mas foi Gus que foi procurar uma caneta. O braço de Hawk envolveu o meu pescoço e ele me puxou para o seu lado quando as lágrimas encheram meus olhos.

Meredith olhou para mim.

– Querida... agora sou eu que não sei o que dizer.

– Assine os papéis, isso diz tudo – Hawk respondeu por mim, mas disse isso com doçura.

Meredith olhou para os papéis e, quando ergueu os olhos para mim, eles estavam marejados de lágrimas.

– Este é o melhor presente que ganhei na minha vida – ela sussurrou.

Tracy soltou um soluço abafado. Eu me afastei de Hawk e abracei Meredith enquanto uma lágrima escorria pelo meu rosto.

– Eu sempre amei você – eu disse baixinho no ouvido dela, e seus braços me envolveram. – Acho que me apaixonei por você na primeira vez em que a vi.

– Oh, querida – ela sussurrou, dando-me um forte abraço que retribuí na mesma medida.

Ficamos abraçadas por um longo tempo, depois recuei e Meredith virou-se para Hawk, abraçou-o e deu-lhe um beijo no rosto. Então Gus mostrou-lhe a caneta, ela assinou os papéis, colocou-os dentro do envelope e, quando me entregou, passei-o para Hawk. Ele dobrou o envelope e colocou-o no bolso interno do paletó. Foi a firma de seu advogado que preparou a papelada, e provavelmente seria Elvira que devolveria tudo para ser arquivado.

– Preciso reabastecer – Elvira anunciou e olhei para ela. Ela estava com os olhos cravados em Hawk. – E a sua mulher já está aqui há cinco minutos e ainda não tem um copo de martíni na mão. Como isso pode acontecer? Você acha que comprando um sapato de mil e duzentos dólares para ela lhe dá o direito de tirar uma folguinha de suas obrigações de cavalheiro?

Tracy deu uma risadinha.

Eu me virei para Hawk, encostei a cabeça no seu peito e olhei para ele.

– Na verdade, só para sua informação, me dar um sapato de mil e duzentos dólares lhe dá o direito pleno e absoluto de tirar uma folguinha para pegar as bebidas.

As covinhas de Hawk apareceram e de repente sumiram, não as vi mais porque ele baixou a cabeça e seus lábios me deram um rápido beijinho.

Depois do beijo ele ergueu a cabeça e perguntou a todos ali em volta.

– Alguém mais?

– Eu. – Tracy se incluiu.

– Eu já fiz o meu pedido – Elvira acrescentou.

– Um vinho branco, querido, se você não se importa – disse Meredith.

– Cuba-libre, querido – murmurou Maria.

– Eu vou com você – Gus se ofereceu para acompanhar Hawk e os dois se afastaram, mas Maria aproximou-se de mim, tão perto que me surpreendi e olhei para ela.

– Meus meninos – ela começou a dizer. – Parecem com o pai deles, agem como o pai e o pai lhes deu algo. – Ela fez uma pausa e depois concluiu com um enorme sorriso. – Bom gosto.

Olhei para ela por um segundo, depois joguei a cabeça para trás dando uma gargalhada.

* * *

O jantar acabou, mas a festa (ou melhor, a bebedeira), não.

Eu estava sentada ao lado de Leo, mas ouvindo a sra. Mayhew e Erma, ambas hilariamente embriagadas, contarem histórias passadas dos aniversários do meu pai e Meredith a outro membro da plateia, Elvira.

De repente, Leo pegou a minha mão e virei a cabeça para olhar o seu rosto. Nesse momento vi que ele estava olhando para o outro lado da sala.

Meus olhos acompanharam os dele e senti um calor no coração. Cam estava de pé ao lado de Meredith, que segurava a mão de Cam pelos dedos, admirando o anel de diamante que Leo lhe dera mais cedo naquela mesma noite, quando ele lhe pediu em casamento.

Eis o motivo por que chegaram atrasados.

– O chá de lingerie, minha querida – ouvi Leo cochichar no meu ouvido, sorri e virei-me para encará-lo. – Você prometeu – ele concluiu quando olhou nos meus olhos.

Apertei sua mão e sussurrei:

– Você está feliz?

– Ela está, então eu estou – respondeu Leo.

Foi uma resposta supermaravilhosa.

– Eu adoro você, querido – eu disse a ele em voz baixa.

– A lingerie – ele replicou.

– Deixa comigo – sussurrei com um sorriso.

– Gwen, você pode me dar um minuto?

Leo e eu nos viramos para trás para ver de quem se tratava. Troy. Ali de pé, com o rosto impassível, parecendo infeliz.

Merda.

Concordei, apertei a mão de Leo novamente e levantei-me. Troy colocou as mãos nas minhas costas e conduziu-me para fora da sala. Procurei por Hawk enquanto andava para que ele pudesse saber aonde eu estava indo e com quem, mas não consegui achá-lo.

Entramos em um corredor e me virei para Troy.

– Troy, eu...

– Será que você poderia esperar um segundo, Gwen, hein? – ele perguntou laconicamente e imaginei o que estaria se passando na sua mente e por que parecia estar de péssimo humor.

Embora não fosse difícil de adivinhar. Hawk não era tímido com demonstrações públicas de afeto. Isso fazia parte dele por ser um macho alfa, o que significava DPA generosamente misturado com sinais claros de posse, do tipo colocar o braço no encosto da minha cadeira quando estávamos sentados ou passar a mão na minha bunda quando flagrava algum homem de olho nela. Merdas desse tipo.

Merdas que notei enquanto a noite avançava, e de que Troy não gostava muito.

Dobramos o corredor e de repente nós dois ficamos paralisados sobre o carpete ao vermos Hawk, de costas para nós, a pouco mais de dois metros de distância. Havia uma mão feminina em sua cabeça inclinada, um braço apertando suas costas.

Minha respiração ficou em suspenso, depois comecei a ofegar e senti minha cabeça rodar. O braço de Troy me pegou pela cintura e me segurou firme.

Talvez um nanossegundo depois, Hawk fez um movimento brusco, os braços da mulher desapareceram e me pareceu que ele a havia afastado rudemente.

– Que porra é essa? – ele disse a ela com uma voz tão ríspida, tão ácida, que foi um milagre o papel de parede não ter derretido na mesma hora.

– Eu... – a mulher respondeu.

– Você me disse que queria falar sobre a minha mulher e o seu namorado – Hawk continuou.

– Eu... – ela repetiu.

Hawk cortou-a novamente.

– Meu Deus, caralho, qual é o seu problema?

– Eu... – ela tentou mais uma vez e falhou mais uma vez.

– Dê-me uma boa razão para eu não voltar para aquela sala e dizer ao seu namorado que você me agarrou e pôs a merda dessa sua boca em mim – Hawk ordenou.

– Ele não vai acreditar em você – ela rebateu. O meu corpo era uma massa sólida ao lado do de Troy, também imobilizado.

Aquela voz era da namorada chata, resmungona e *grudenta* de Troy, Hanna.

– Você tem razão – respondeu Hawk. – Ele não vai acreditar, porque eu tenho que te dizer uma coisa, garota, é uma merda ele não acreditar, porque ele é um bom homem e poderia ficar muito melhor se não houvesse *you*.

Ai, meu Deus.

Eu tinha que acabar com aquilo por Troy, e tinha que fazê-lo agora.

– Cabe, querido – eu o chamei e o corpo de Hawk virou-se para nos encarar. Eu vi seus olhos se estreitarem, o queixo tensionar e seu olhar passar por mim e ir direto para Troy.

– Porra – ele murmurou.

Hanna estava olhando para Troy, de olhos arregalados, o rosto pálido.

– Troy – ela sussurrou.

– Espero que você tenha dinheiro para o táxi – Troy respondeu.

– Hã... – Ela deu um passo para frente, mas me aproximei mais de Troy, ficando ao seu lado, com meus braços ao redor de sua cintura e puxando-o um passo para trás. Ela parou. – Troy, não é o que você... – ela tentou.

Troy interrompeu.

– Pare, Hanna, é sim. Não seja também a merda de uma mentirosa além de ser a merda de uma puta.

Hanna fez uma careta. Abracei Troy. Hawk examinou Troy e, quando ninguém disse mais nada, ele voltou-se para Hanna.

– Eu acho que este foi o sinal para você dar o fora daqui – ele disse na mesma hora. Hanna olhou para Hawk, seu rosto pálido ficou ainda mais branco e ela assentiu.

Então ela começou a correr na direção de Troy. Ao lado dele, eu a fuzilei com os olhos, enviando adagas letais, mas infelizmente nenhuma delas ganhou forma e fez o sangue jorrar. Ela acabou se desviando de nós, ao ver que Troy e eu nem nos mexemos, e escafedeu-se pelo corredor.

Hawk veio até nós, seus olhos fixos em Troy, e parou na nossa frente.

Então ele olhou para mim e perguntou baixinho: – Você cuida disso, baby?

Fiz que sim com um gesto de cabeça. Ele ergueu o queixo, olhou para Troy, nos contornou e, ao passar por mim, sua mão deslizou por meu quadril.

Viu só? Seus movimentos todos sinalizando a posse do macho alfa, mesmo quando ninguém estava por perto para vê-los!

E Hawk desapareceu.

Virei de frente para Troy, para impedir que ele fosse embora, e olhei o seu rosto pétreo.

– Nós precisamos de cerveja, tequila ou uma viagem para um campo de tiro? – perguntei calmamente, e o braço de Troy em volta da minha cintura apertou-me por reflexo.

– Merda, Gwen – ele sussurrou.

Encostei meu rosto em seu ombro e abracei-o firme.

– Merda – ele repetiu.

– Hawk está certo, querido, e você não merece uma mulher daquela.

Então ele me abraçou firme e ficamos um tempo ali, abraçados em silêncio. De repente ele rompeu o silêncio e murmurou:

– Talvez ele não seja um babaca afinal.

Mordi meus lábios e relaxei em seus braços.

Então levantei meu rosto do ombro dele e cochichei no seu ouvido.

– Senti muito a sua falta. Muito mesmo, Troy. Uma saudade *louca*. É bom ter você de volta, querido.

Troy enterrou seu rosto no meu pescoço e fechei meus olhos quando tive a sensação inebriante de que tudo no meu mundo, tudo (exceto o fato de a minha irmã estar presa como uma medida de proteção, embora eu procurasse me fixar na palavra “proteção” quando pensava nisso) estava se transformando num devaneio absoluto perfeito. Melhor do que qualquer devaneio que eu poderia imaginar, e não só porque era melhor, mas também porque era real.

Então dei um apertão em Troy, decidi por ele e assim anunciei: – Tequila, agora. Vamos.

O rosto de Troy saiu do meu pescoço, ele olhou para mim, me deu um pequeno, mas não muito feliz, sorriso e sussurrou:

– Vamos.

Suspirei e depois puxei meu amigo na direção do bar.

Oh, Deus.

Eu ia fazê-lo gozar!

– Querido – eu sussurrei. Meu rosto mergulhado no pescoço de Hawk, os meus braços em volta de seus ombros, suas mãos estavam na minha cintura e eu o cavalgava com força.

Ele virou a cabeça e seus lábios procuraram o meu ouvido.

– Me beija – ele grunhiu. Ergui a cabeça instantaneamente, minha boca engolindo a dele com um gemido que escapou da minha garganta. – Mais forte, baby, você está quase lá.

– Hawk – eu gemi em sua boca enquanto me enterrava nele com mais ímpeto e minhas mãos seguravam sua cabeça.

– Cabe – ele me corrigiu com um resmungo grave. – Você me chama de Cabe quando me faz gozar.

– Cabe – sussurrei e depois arfei, minhas costas e o pescoço arqueando enquanto ele me queimava por dentro.

A mão de Hawk deslizou pelo meu cabelo, enrolou-o e o puxou suavemente, fazendo minhas costas arquearem ainda mais. Ele abocanhou o meu mamilo, começou a chupá-lo intensamente, prolongando meu

orgasmo enquanto novas ondas de calor percorriam minhas entranhas. Em seguida, ele soltou o meu mamilo, sua outra mão me empurrou com força para o seu pau, ele enterrou o rosto entre meus seios e gemeu.

Fantástico.

Depois do gozo, seus lábios deslizaram pela curva dos meus peitos e ele me beijou ali. Puxei sua cabeça, ele inclinou-a para trás, aproximei-me do seu rosto e ele pegou-me pelo cabelo, guiando minha boca à sua, me dando um beijo quente, molhado e gostoso.

No final do beijo, me gabei com um sussurro:

– Eu fiz você gozar.

Senti sua boca sorrindo de encontro à minha.

– Fez sim, baby.

Afastei minha boca uns dois centímetros da dele e deslizei a mão por seu pescoço, com a outra acariciei o seu queixo.

– Isso funciona com você? – perguntei em voz baixa.

As covinhas, que já estavam lá, ficaram ainda mais profundas.

– Você precisa mesmo perguntar isso?

– Hã... – respondi.

Sua mão no meu cabelo trouxe meus lábios de volta aos seus e ele respondeu: – Sim, Gwen. – Logo em seguida ele me deu um leve beijo, sua cabeça tombou e ele beijou o meu pescoço murmurando: – Oh, sim.

– Eba – sussurrei.

Ele passou o nariz pelo meu queixo, empurrou-me gentilmente e suas mãos pegaram o meu vestido e o levantaram até a minha cintura. Ele puxou-o mais para cima, meus braços subiram com o vestido e depois ele o jogou de lado.

Normalmente, eu me preocuparia com um vestido de cetim caro sendo jogado ao chão.

Naquele momento, não dei a mínima.

Hawk deitou-se de costas novamente, me levando com ele, e depois rolamos juntos para ele ficar por cima. Infelizmente, isso fez com que ele saísse de mim, mas aceitei essa perda porque ganhei o seu calor e peso.

Sua boca estava no meu pescoço, e ele começou a falar.

– Da próxima vez que você usar esse sapato, baby, te colocarei de joelhos e você não os tirará.

Virei meu pescoço e ele ergueu a cabeça para poder olhar para mim.

– Você gosta desse sapato tanto assim?

– Gosto mais do vestido, minha flor, mas esse sapato é muito sexy.

Pisquei para ele em dúvida. Eu podia entender o vestido, afinal ele mostrava mais pele do que cobria, e nas partes que cobria era supercolado na pele. Só que fiquei chocada que um cara fodão pudesse gostar

daquele perfeito sapatinho de Cinderela.

– Está falando sério? – perguntei.

– Por que você está surpresa?

– Hum... o sapato é de cetim e tem cristais. Se os Irmãos Grimm fossem clarividentes e soubessem que um dia esse tipo de sapato existiria, Cinderela sem dúvida o usaria. Ele não é como a bota de um soldado.

– Não, ele não é como um coturno feminino. O salto é alto e você tem pernas lindas, baby, e uma bunda perfeita, mas esse sapato faz o impossível. Ele faz as suas pernas e a sua bunda ficarem ainda mais gostosas.

Isto era verdade.

Apesar de eu não descrever a minha bunda como perfeita, só o fato de ouvir aquele comentário já me deu um friozinho na barriga.

– Então... – Deslizei minhas mãos por suas costas para envolver meus braços ao redor da sua cintura.

– Você está me dizendo que comprou esse sapato para mim só porque *you* gosta dele.

– Não, minha flor, comprei o sapato porque quando a vi após comprá-lo, no exato minuto em que me olhou, eu percebi o quanto ele significava para você. A expressão do seu rosto estava suave. – Seu dedo tocou a minha têmpora e deslizou pelo meu cabelo antes de sua mão envolver o meu pescoço. Quando ele voltou a falar, sua voz soou macia. – Eu faria qualquer coisa no mundo para fazer você olhar para mim desse jeito, Gwen. E vou continuar fazendo isso enquanto puder surpreendê-la e souber, por esse olhar, que você gosta de que eu a mime, que isso significa alguma coisa para você. Vou continuar fazendo isso e só vou parar quando não tiver mais esse olhar em troca.

Deus. *Deus*. Eu amava esse homem.

– Hawk – sussurrei.

– Ajudou bastante a linda calcinha que você usou como forma de agradecimento.

Sorri para ele. Então lembrei de dizer.

– Mas você tirou a minha calcinha.

– Baby, o seu corpo naquela calcinha só faltou queimar o meu cérebro. Porra, ainda posso vê-la.

Eu ri, e Hawk me mostrou suas covinhas.

– Bom saber disso – eu disse a ele. – Pensei que você fosse um homem do tipo tire-tudo-que-estiver-no-meu-caminho. Fico contente de saber que meus esforços foram apreciados.

Ele abaixou a cabeça e sua boca tocou a minha antes de ele sussurrar:

– Tudo em você é para ser apreciado, Gwendolyn.

Meu estômago derreteu, meu coração quase parou e senti um bolo na garganta.

– Cabe – eu comecei a dizer, tirando meus braços de sua cintura e levando as mãos para o seu rosto. – Você deve saber de uma coisa. Eu estou vivendo em um sonho. Um sonho real. Nunca fui tão feliz. Nunca, querido, em toda a minha vida. – Ergui a cabeça, passei os braços em volta dos seus ombros e beijei o

seu queixo, dizendo depois em seu ouvido: – Obrigada, Hawk.

Ele então nos virou de lado, seus braços me envolvendo, e sua boca ficou pertinho do meu ouvido quando ele murmurou:

– Não tem de quê, minha flor.

Eu suspirei em seu pescoço.

Ele passou a língua atrás da minha orelha, em seguida virou-me de costas para ele carinhosamente, afastou-se de mim um pouco só para apagar a luz e depois enrolou-se em mim, seu boa-noite não verbal.

Eu fiz o meu verbal.

– Boa-noite, baby, eu te amo.

Seu braço me apertou e senti o seu rosto no meu cabelo.

– Eu também te amo, Gwen – ele disse em voz baixa, em seguida ordenou: – Agora durma.

Tão mandão.

Mas, falando sério, eu me importo?

A resposta para isso foi um grande e sonoro *não!*

Portanto, aconcheguei a minha bunda em seu colo e respondi:

– Tá bom.

Uns cinco segundos depois eu já estava fazendo o que ele mandou.

COMBINADO?

Senti os lábios de Hawk no meu quadril, eles desapareceram, mas sua mão subiu, levando as cobertas consigo. Abri os olhos e vi que o dia ainda estava amanhecendo.

Virei o pescoço e vi que ele estava curvado sobre mim na cama, completamente vestido.

– Tenho umas coisas para fazer, minha flor – ele disse, abaixando mais a cabeça para me dar um beijo.

– Tá – murmurei quando sua boca deixou a minha.

– Vejo você hoje à noite – ele acrescentou, puxando as cobertas até meus ombros.

– Tá – respondi, colocando minhas mãos sobre o rosto e fechando os olhos.

Eu senti sua mão tirando meu cabelo do pescoço e seus lábios tocarem o meu ouvido.

– Eu te amo, baby – ele cochichou.

– Eu também te amo, Cabe.

Depois ele se foi.

Meu celular tocou avisando que eu tinha uma mensagem de texto. Abri os olhos e constatei que já havia amanhecido completamente.

Era sexta-feira. Eu precisava trabalhar. Tinha outro livro para entregar na segunda-feira sem falta. Eu estava quase terminando o trabalho e, se conseguisse concluir tudo na sexta mesmo, teria o fim de semana inteirinho para fazer o que bem quisesse. E eu precisava acabar o trabalho e ter o fim de semana para fazer o que bem quisesse, que era principalmente relaxar. A audiência preliminar do primeiro julgamento de Ginger estava perto de começar e Meredith, meu pai e eu queríamos estar presentes no tribunal quando ela estivesse lá. Isso significava que eu precisava de tempo para conseguir estar lá, significava também que eu precisava me desestressar.

Por sorte, e caso raro, essa segunda parte já estava resolvida. Agora eu só precisava cumprir o prazo e entregar o trabalho, assim a primeira parte estaria resolvida também.

Eu me virei na cama, ergui-me um pouco e estendi a mão para pegar o celular que estava ao lado do meu globo de neve.

Então meus olhos avistaram a Polaroid que Hawk tinha tirado do bolso do paletó e deixado em cima da mesa de cabeceira. Eu peguei a foto e olhei. A namorada do Jury, Gloria, é que havia tirado ontem à noite.

Ali estava eu, usando o meu vestido fabuloso e meu sapato infinitamente mais fabuloso, sentada no colo de Hawk, meus braços apoiados em seus ombros e os braços dele em volta da minha cintura. Minha cabeça estava inclinada para trás porque eu estava rindo muito de algo que Elvira tinha dito. Hawk também estava rindo, mas fazia isso olhando para a câmera.

Era uma fotografia maravilhosa, e desejei que não fosse uma Polaroid porque minha vontade era de ampliá-la e colocá-la em cima da minha lareira.

Larguei a foto na mesinha, com um sorriso brincando nos meus lábios, e peguei o telefone. Abri a mensagem e meu corpo congelou, mas ao mesmo tempo um calor ardeu em meus pulmões e cada centímetro de minha pele começou a formigar como se eu estivesse presa no gelo.

Era uma imagem e tinha uma mensagem que dizia, *Troco por Ginger*.

A foto era pequena, mas dava para ver o que era. Com o corpo tremendo e as mãos também trêmulas, sentei na cama e toquei a tela para ampliar a foto.

Um gemido rouco de pânico escapou de minha garganta.

Hawk.

Oh, meu Deus. Meu Deus. Deus do céu. *Hawk*.

Ele estava pendurado em alguma coisa. Percebi isso porque seus braços apareciam no quadro, porém suspensos acima da cabeça. A maior parte da foto mostrava a sua cabeça inclinada para frente, e ele parecia estar inconsciente. Havia um filete de sangue escorrendo do seu ouvido até o rosto, juntando-se com o sangue que saía dos lábios. As maçãs do rosto estavam vermelhas e inchadas.

O celular tocou em minhas mãos enquanto eu olhava a foto e dei um pulo de susto, começando a hiperventilar. Fechei a foto e voltei para a caixa de mensagens.

Uma nova mensagem. Só uma palavra escrita.

Combinado?

Comecei a respirar pelo nariz, incapaz de conseguir oxigênio o bastante, e meus olhos, por conta própria, desviaram para a Polaroid.

Rindo, juntos, felizes.

“Você está indo até o fundo comigo, não está, querido?”

“Estou me afogando em você.”

Ah, meu Deus.

Fechei os olhos e vi a imagem da Polaroid marcada a ferro no meu cérebro.

Foi isso o que Hawk viu por oito anos. Agora eu sabia. Agora eu entendia. Ele via a imagem que carregava na carteira queimando o seu cérebro todas as vezes em que fechava os olhos, todas as vezes em que baixava a guarda, todas as vezes em que o controle lhe escapava. Por isso era tão fechado em si mesmo. Por isso o seu mundo era vazio. Fazendo dessa forma, ele nunca perderia o controle e evitaria ver aquela imagem em seu cérebro, a última lembrança, o último momento de felicidade que ele achava ter tido na vida.

Abri os olhos e apertei responder.

Depois digitei *Combinado* e apertei enviar.

Tack estava saindo a pé de uma das três grandes baias da garagem nos fundos da Ride. Ele tinha visto meu carro chegando.

Um milagre havia acontecido quando Hawk e eu reatamos, Tack e eu ficamos juntos também. Claro que isso não incluía dormirmos juntos na sua cama ou deixar que ele me desse um beijo de língua, mas eu lhe enviava mensagens de texto sempre que achava que ele precisava saber de alguma coisa, em geral com comentários sarcásticos. Tack sempre me respondia, na maioria das vezes eram respostas sarcásticas de um motoqueiro aos comentários sarcásticos de uma garota *Cosmopolitan*.

E também uma vez Tracy e eu fomos a uma festa do Chaos MC muito animada e divertida, e a maior parte do tempo nós ficamos com Tack e sua namorada motoqueira bebendo tequila e comendo fantásticos sanduíches de carne de porco assada.

Hawk não se importou de eu ir à festa porque sabia que eu era só dele, mas principalmente porque nos levou até lá e depois foi buscar. Não se importou também porque Suárez ficou sentado lá fazendo campana no SUV preto parado do outro lado da rua, seu binóculo observando pela janela a festança regada a churrasco que acontecia na imensa área cimentada dos fundos da Ride.

Desci do meu carro e bati a porta enquanto Tack sorria para mim.

– Princesa – ele gritou de longe.

Corri até ele e quando eu diminuí a distância entre nós e ele viu a minha cara, seu sorriso desapareceu.

– Fale, Gwen. O que aconteceu? – ele foi imperioso.

– Eles pegaram Hawk e querem Ginger – contei a ele.

Seu corpo ficou tenso.

– Quem? – ele perguntou quase rosnando.

Puxei minha bolsa do ombro e comecei a vasculhá-la em busca do meu celular, balançando a cabeça e dizendo:

– Eu não sei. – Tirei enfim o telefone da bolsa, encontrei a mensagem com a foto, abri-a e mostrei para Tack.

Seus olhos baixaram para o meu celular e os músculos de sua face enrijeceram.

– Roarke – ele disse na mesma hora.

Fechei os olhos.

– Dog! – Tack gritou. Abri os olhos e vi que ele estava olhando por cima do meu ombro, na direção das baias.

– Tack – eu disse baixinho, erguendo a mão e puxando de leve sua camiseta para que ele olhasse para

mim. – Eu sei que você e Hawk... você e eu... eu sei... eu... – Balancei a cabeça de novo. – Preciso dele de volta.

– O que eu disse pra você? – Sua voz grave retumbou.

Pisquei os olhos.

– O quê?

– O que eu disse pra você, Gwen?

– Eu... eu não sei – sussurrei.

Ele ergueu a mão e envolveu delicadamente o meu pescoço, mas firme, virando-o para que seu rosto ficasse próximo do meu.

– Eu disse qualquer coisa por você, Gwen, qualquer coisa. Isso significa algo, não é?

Meus olhos se encheram de lágrimas, mordi meus lábios e assenti.

– Você está disposta a desistir de Ginger?

Ai, meu Deus.

– Eu tenho de estar? – perguntei.

– Você precisa me dizer o que quer fazer.

Fechei os olhos e ele ergueu o meu queixo gentilmente para que eles se abrissem novamente.

– Princesa...

Eu ia dizer isso?

Eu ia dizer.

– Qualquer coisa – respondi enfim, meu coração aos pedaços.

Ele olhou fixamente em meus olhos e depois assentiu.

Então me soltou e ordenou:

– Vá pra casa. Eu vou ligar – assenti, mas não saí do lugar, depois percebi que Dog e alguns outros motoqueiros tinham nos cercado. – Agora, Gwen – Tack reiterou.

Assenti de novo e então corri para o meu carro.

Mas eu não fui para casa.

Porque se eu estava disposta a trocar a minha irmã fodida, que eu ainda amava, pelo homem que eu amava, eu estaria disposta a fazer qualquer coisa.

– *Você perdeu a porra da cabeça?* – Cam gritou.

Meus olhos desviaram para os homens que operavam suas estações no centro de comando de Hawk do lado de fora da sala de Elvira. Eu havia chamado as meninas para uma reunião de emergência, e tanto Cam quanto Tracy estavam de folga, Elvira estava trabalhando, então nos encontramos na base, embora eu não tivesse certeza se a base era o lugar certo para mim.

E eu acabara de dizer a Cam do que precisava.

– Fale baixo – Elvira ordenou, e olhei de volta para Cam.

– Preciso de você para fazer isso – sussurrei.

– Primeiro, querida, essa informação *não* é fácil de conseguir e, segundo, se eu conseguisse por um milagre e contasse a você, os federais perderiam sua testemunha-chave em três grandes julgamentos, eu posso ser demitida e ainda acabar jogada na cadeia – Cam retrucou.

Merda. Eu não tinha pensando nisso. Por que não pensei nisso antes? *Merda*.

Cam conseguir a informação sobre o paradeiro de Ginger estava fora de cogitação.

Elvira estava no computador.

– Me deixe trabalhar nisso – Elvira resmungou.

– Trabalhar no quê? – perguntou Tracy.

– Eu vou reunir um arquivo, falarei com alguns dos rapazes e verei o que eles têm que eu não posso ver. Não existem muitas coisas que eu não possa acessar, mas Hawk colocou senhas pesadas nos arquivos sobre Ginger e Roarke. Zero acesso, exceto para ele e Jorge. Mas isso não significa que os rapazes não saibam das coisas, e Jorge desapareceu essa manhã, está off-line. Ele não vai ficar sabendo que estou tentando hackear.

Olhei de volta para os homens lá fora, em suas estações. A equipe parecia uma tripulação de esqueletos, mas ocupada como de costume. Eles não sabiam que seu chefe estava pendurado inconsciente em algum lugar, sangrando pelo ouvido.

O que significava sangue saindo do ouvido?

Sacudi a cabeça para me livrar desse pensamento e olhei de volta para Elvira.

– Faça isso – ordenei. – Mas proceda com cautela e, se achar que eles podem ajudar, conte o que aconteceu e mobilize todos, mas só se achar que eles não vão dar uma de super-heróis e colocar Hawk em risco. – Elvira assentiu em resposta, mas fez isso sem desviar os olhos da tela do computador. Eu me virei para Cam: – Mas Lawson não sabe, nem Leo.

– Querida, eu adoro você e sei que se importa muito com Hawk, mas tem que deixar a polícia cuidar disso – Cam advertiu.

– Não! – gritei. – Nada de polícia. Eu já estou me arriscando muito com você aqui. Provavelmente eles estão me vigiando agora.

– Ai, meu Deus, você acha que isso é verdade? – Tracy perguntou.

– Sim – respondi imediatamente e virei-me para Elvira. – Se você conseguir qualquer coisa, me ligue.

Agora preciso ir.

– Aonde? – Elvira me perguntou, seus olhos ainda fixos na tela do computador.

– Nightingale Investigations – respondi.

– Merda – Cam resmungou.

– Eu vou com você – Tracy se ofereceu e olhei para ela.

– Não, querida – eu disse.

– Eu estou indo com você – Tracy insistiu.

– Não, Tracy, é perigoso. Fique aqui, talvez você possa ajudar Elvira – sugeri, sabendo que não era verdade.

Os dedos de Elvira voavam sobre o teclado.

– Eu vou com você – Tracy insistiu de novo.

– Trace... – comecei a falar, mas parei quando ela agarrou a minha mão.

– Eu... vou... *com você*.

Fiquei olhando para ela.

– Está bem – eu disse baixinho.

– Merda – Cam resmungou de novo.

Tracy sentou ao meu lado no carro. Dirigi e tentei me concentrar à medida que o pânico ameaçava tomar conta de mim. Tracy estava pressionando umas teclas no seu celular.

Quando parou, colocou o celular no ouvido.

– Troy? – Ouvi quando ela disse e por pouco não perdi o controle do carro e saí da estrada.

Meus olhos voltaram para ela.

– Tracy, o que você está...?

Ela balançou a mão pedindo que eu me calasse e voltei a fixar-me na estrada.

Tracy continuou falando no telefone.

– Sim, escuta, agora não é uma boa hora. Você sabe daqueles bandidos que estavam atrás da Ginger? –

Pausa. – Bem, eles pegaram o Hawk, estão com ele agora.

– Tracy! – gritei.

Ela me ignorou.

– Eu sei, eu sei. Eles querem trocar Hawk pela Ginger e preciso de você para fazer uma coisa, uma busca. Encontre todas as propriedades pertencentes a Nelson Roarke ou qualquer propriedade pertencente a empresas às quais ele está vinculado.

Uau. Isso foi uma boa ideia.

Provavelmente vai dar também um ping em algum supercomputador do FBI nos porões de algum prédio federal.

– Tracy – tentei falar de novo.

– Não, é claro que não vamos fazer nenhuma besteira – ela mentiu descaradamente.

Fechei os olhos por poucos segundos, abri-os e me distanciei do Speer Boulevard, seguindo direto para a rua 15.

– Tudo bem, se você não quer ajudar, não ajude. Mas se alguma coisa acontecer com Hawk e Gwen ganhar 30 quilos de tanta massa de cookie que vai comer, não me apareça na Nordstrom achando que vai

usar meu desconto de funcionária! – ela concluiu a conversa e desligou o celular. Depois voltou-se para mim. – Ele vai fazer a busca. Ele gosta muito de ternos Armani.

– Não acredito que você fez isso, Tracy, ele pode se encrencar nessa.

– Bem, claro, mas Hawk também pode morrer.

Isso era verdade.

Eu gemi.

A voz de Tracy suavizou-se.

– Vai ficar tudo bem, querida.

Mordi os lábios e entrei na rua 15.

* * *

Meu celular tocou quando estávamos na calçada. Olhei a tela e vi que era Tack. Virei-me para Tracy.

– Você pode comprar um café para nós? Preciso atender essa ligação.

Ela olhou para o meu celular, olhou para mim, balançou a cabeça e seguiu para o Market na Larimer Square.

Abri o telefone e coloquei no ouvido.

– Tack.

– Princesa, quanto tempo eles te deram? – ele perguntou.

– Eles não deram – respondi.

Então houve um silêncio.

– Tudo bem, princesa, tenho más notícias. E foi tudo que consegui.

Meu coração apertou e eu apertei os olhos também para tentar bloquear a dor.

– Quais são as más notícias? – perguntei.

– Nós fomos em surdina a todos os lugares em que Roarke opera. Todos os que sabemos pelo menos.

Não encontramos nada. Estamos sem pistas.

Merda!

Abri os olhos.

– Conheço um cara que trabalha no banco com empréstimos e hipotecas. Ele está verificando os bancos de dados agora. Se ele conseguir alguma informação que você não tem, posso enviar para você?

– Não espere, princesa, mantenha o cara nisso e me ligue imediatamente.

– Obrigada – sussurrei.

– Até mais – ele respondeu e em seguida desligou.

Olhei para a rua procurando Tracy. Nada. Sumiu de vista.

Então tomei uma decisão.

Abri o celular e comecei a digitar.

Não consigo encontrar Ginger, mas se trocar Hawk por mim, você terá Tack, o Chaos MC, os homens de Hawk e provavelmente Mitch Lawson que irão encontrá-la e trocar Ginger por mim. Não é um truque. Não estou brincando. Troque Hawk por mim e você terá Ginger. Combinado?

Apertei enviar e fiquei na calçada esperando. As pessoas deviam estar passando, mas eu nem me tocava. Só fiquei lá olhando para o meu telefone.

Em seguida ele tocou.

Abri.

Ela está na Bannock, 83. Você vai lá pegá-la e me avisa. Esse é o combinado.

Merda! Como vou tirar minha irmã de uma casa segura do FBI?

Merda!

Meu telefone tocou de novo e olhei para ele.

Tire o Chaos MC dessa ou você terá um corpo para enterrar.

Fechei os olhos.

Depois abri, fechei o telefone e voltei até o carro para ligar para Tack.

Tracy iria conseguir voltar para casa. Ela ficaria chateada, mas encontraria o caminho de casa. E essa casa não era uma penitenciária, que era para onde eu estava indo.

Se tivesse sorte.

Deixei uma mensagem de voz para Tack, pedindo que ele não participasse mais dessa história, fechei meu celular, entrei no carro e segui em direção à Bannock, 83.

* * *

Parada dentro do carro na Bannock, a duas casas da de número 83, fiquei olhando para ela e pensando que era uma casa muito bacana e não parecia absolutamente ser uma casa segura. É claro que eu não sabia como eram essas casas, mas mesmo assim.

Abri o celular, fui para a caixa de mensagens e digitei:

Antes de fazer isso, quero uma prova de que está tudo bem com Hawk. Nada de imagens. Quero ouvir a voz dele.

Então apertei enviar.

Fiquei em suspenso olhando o telefone.

De repente ele tocou. Número desconhecido. Prendi a respiração e criei coragem para colocar o telefone no ouvido.

– Alô – falei baixinho.

– Baby, não faça uma merda dessa – Hawk grunhiu no meu ouvido e fechei meus olhos cheios de

lágrimas.

– Eu vou fazer, Cabe – sussurrei, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

– Não faça isso, Gwen.

– Eu não aguento mais – respondi, ainda baixinho.

– Gwen...

– Sem você eu não quero viver.

– Merda, baby.

Ouvi o telefone sendo puxado e então um homem me disse: – Faça logo e avise.

O telefone ficou mudo.

Bati com a cabeça no volante, mas eu não sentia nem via nada. Meus olhos estavam fechados e as lágrimas escorriam pelo meu rosto.

Baby.

Isso também estava queimando o meu cérebro.

Baby.

– Meu Deus – sussurrei, abri os olhos e olhei para o meu colo. – Se eu conseguir fazer isso, Ginger, por favor, por favor, me perdoe.

Eu respirava com dificuldade. O ar entrava dolorosamente e queimava minha garganta.

Baby, não faça uma merda dessa.

Outro soluço rasgou minha garganta.

Não faça isso, Gwen.

Minhas mãos seguraram o volante com força.

Não faça isso...

Meus dedos estavam grudados no volante, mas eu não sentia nada. O que senti foram dedos pegando em minha mão. Minha mão era pequena e eles me engolfaram. Na minha mente, eu olhava para cima e via Meredith com seu véu de casamento sorrindo para mim.

Seus dedos quentes segurando a minha mão.

Senti minhas lágrimas molhando meu jeans.

Merda. Eu não podia fazer isso. Eu não podia entregar a minha irmã, a filha do meu pai e de Meredith, em troca do homem que eu amava. Eu não podia fazer isso.

Larguei o volante e cobri o rosto com as mãos, enquanto os soluços queimavam minha garganta com tanta força que meus ombros sacudiam.

– Meu amor. – Eu chorava nas minhas mãos, vendo a imagem da Polaroid na minha cabeça. – Oh, meu Deus, meu amor – sussurrei, sacudindo os ombros.

A porta do carona abriu de repente, endireitei as costas, virei a cabeça e, através das lágrimas, vislumbrei em estado de choque que era Ginger pulando no banco do carona.

– O que está...? – comecei a dizer.

– Vamos sair daqui! – ela me interrompeu gritando.

– O quê? – perguntei.

– Ligue esse carro e vamos embora, sua idiota – ela berrou.

Pisquei os olhos, me endireitei no volante, girei a chave na ignição e disparei do meio-fio.

LIÇÃO Nº 1 PARA A MULHER DO SOLDADO

– Não faz o meu gênero, Gwennie, mas o sapato até que é sexy – disse Ginger, mastigando um Chicago-style chili-cheese hot dog com salsicha Vienna Beef no Mustard’s Last Stand.

O Mustard’s Last Stand sempre foi o lugar favorito de Ginger, e foi onde ela quis ir depois de escapar de sua casa segura do FBI, ver o meu carro parado na rua comigo lá dentro tendo um colapso mental. Depois seguimos para o University Boulevard, comprei um cachorro-quente para ela e, em seguida, fomos até o estacionamento do Target no Colorado Boulevard para que pudesse comê-lo. O tempo todo Ginger ficava olhando em volta para ver se alguém tinha nos seguido, depois declarava que não.

Achei que ela devia entender dessas coisas, o que pelo menos foi um alívio.

Ela estava com o cachorro-quente na mão, segurando com a outra a Polaroid onde Hawk e eu estamos. Ela estudava a foto.

– Ginger, precisamos de um plano – eu disse a ela. – Acho que o melhor plano que temos é levá-la direto para a polícia. Você pode alegar que estava com um desejo louco de comer um cachorro-quente do Mustard’s e eu vou dizer que estava no bairro tendo meu colapso nervoso anual.

Seus olhos desviaram para mim e, de boca cheia, ela perguntou:

– Você *bebeu*?

Ok, claro que o plano era uma bosta.

– Que tal se eu alugar um carro para você, te dou algum dinheiro, vamos para minha casa, você pega umas roupas minhas, depois vai dirigindo até o Canadá? – sugeri.

– Gwen, as suas roupas... – ela desistiu de falar e balançou a cabeça.

– Tudo bem, então vamos até a loja de motoqueiros mais próxima ou de strippers e compramos um estoque para você.

Ela arregalou os olhos e depois disse:

– Está frio no Canadá.

– Está frio aqui também – lembrei a ela.

– É, mas só por uns meses, lá é frio o tempo todo.

– Não, não é.

– É, sim.

– Não é.

– É.

– Não é.

– Eu não vou pro Canadá – ela retrucou, deu outra mordida no cachorro-quente e enfiou a foto na minha bolsa.

– Não estrague a minha Polaroid! – eu gritei, esticando a mão para pegar a foto e verificar se não estava dobrada ou riscada. Puxei-a para fora e inspecionei-a, tomando um enorme fôlego quando vi que estava intacta e, em seguida, tomando outro, quando vi a imagem de Hawk rindo.

Merda.

– Gwennie – Ginger sussurrou e eu coloquei a foto cuidadosamente dentro da bolsa e olhei para ela.

– Que tal procurarmos o papai? Papai vai ter uma ideia.

– Eu não posso procurar a mãe e o papai. Eu não deveria nem estar aqui com *você*, e eles estão com *o seu homem*. Esta merda precisa ser contida. Não pode se espalhar ainda mais.

Uau. Parecia que Ginger tinha passado seu tempo de detenção refletindo.

Interessante.

– Vamos procurar o Tack – ela anunciou e olhei para ela.

– Ginger, querida, detesto ter de fazer isso, mas eu preciso lembrá-la de uma coisa: você deve ao Chaos MC mais de dois milhões de dólares.

– Sim, bem, meus parceiros no trabalho eram Fresh e Skeet, e os burros sequestraram você e acabaram sendo pegos antes de serem capazes de cair fora. O bicho pegou. Tack e os rapazes dele caíram em cima por tudo quanto é lado. Não pudemos fazer nada até a poeira baixar, nada de carros e motos customizados, nenhum trabalho na garagem dele. Essa porra viria à tona, os pontos seriam ligados e eles estariam fodidos. Fresh e Skeet dividem o mesmo neurônio, então nenhum deles sabia abrir um cofre, embora me dissessem que sabiam. *Eu* não sei abrir a porra de um cofre, por isso ele está lá, em uma das unidades de armazenamento da irmã de Skeet em Evans.

Esta era uma boa notícia.

– Esta é uma boa notícia – eu disse a ela.

Ela deu a última mordida no cachorro-quente, amassou a embalagem suja e o guardanapo de papel e depois voltou a falar com a boca cheia. – Eu lhe dou a localização, você chama o Tack, ele manda os rapazes lá, acham a porra, eu fico limpa com o Tack. Então, nós nos encontramos com ele e você manda uma mensagem para o Roarke. Diga a eles que Tack fará a troca. – Respirei fundo enquanto ela engolia, mas, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela continuou falando. – Se ele puder salvar a minha pele depois que a troca for feita, beleza. Se não puder... – ela parou de falar e deu de ombros.

Olhei para ela.

Então perguntei:

– Você está louca?

– Não, Gwen, eu não estou louca. Você não vai em lugar nenhum onde Roarke estiver.

– Nem você! – eu disparei, e seu corpo se inclinou na minha direção.

– Ligue para o Tack, faça o combinado – ela ordenou.

– Não, Ginger, eu gosto do plano Canadá – repliquei. – Se você não quer o plano de ir à polícia, devemos explorar o plano Canadá.

– Sua vaca, eles pegaram o seu homem – ela me lembrou e minha garganta começou a queimar de novo quando lágrimas brotaram dos meus olhos.

– Eu sei – sussurrei. – E eles não vão pegar você.

– Eles pegaram o seu homem – ela repetiu.

– Pare com isso, Ginger, *eu já sei*, ok? E eles não vão pegar você.

Ela enfiou a mão na minha bolsa e de repente a Polaroid estava na minha cara.

– Caralho, Gwen, eles pegaram o seu...

Arranquei a foto de sua mão e gritei:

– *Eu sei!*

Então fechei os olhos com força e desviei o olhar.

Ginger ficou em silêncio enquanto eu lutava com as lágrimas.

Então ouvi o seu sussurro:

– Gwennie, ligue para o Tack.

– Não – respondi baixinho.

Então ela fez uma coisa que não fazia mais havia muitos anos. Tanto tempo que eu já tinha me esquecido de que costumava fazer isso o tempo todo quando éramos garotas.

Senti a sua mão envolvendo meu pescoço e depois sua testa encostou no meu cabelo enquanto ela cantava uma canção absurdamente boba que fez quando tinha três anos. – Gwennie, Gwennie, minha patinha, Gwennie, Gwennie, de carinho bonitinha, Gwennie, Gwennie é o nome, dessa minha irmãzinha... Gwennie.

Um soluço rasgou minha garganta.

Senti a mão dela tocando suavemente a Polaroid na minha mão antes de sussurrar:

– Você não vai perder isso por minha causa.

Virei o rosto para ela e nossos olhos se encontraram.

– Eu te amo, querida – sussurrei.

– Eu sei que ama – ela respondeu. – Ligue para o Tack.

Prendi a respiração. Então, perguntei:

– Você tem que fazer isso, não é?

– Não tenho permissão nem para olhar pelas janelas, Gwen. Eles ficam me vigiando como se... – Ela fechou os olhos, depois abriu-os, mas não concluiu o que ia dizer. – O turno estava prestes a mudar. Tinha um cara lá, ele se distraiu na hora da mudança de turno, então fui para a janela olhar. Tenho esperado há algum tempo por uma chance, e não pude acreditar quando eu te vi. Então agarrei essa chance. E agarrei porque eles não podem... – Ela balançou a cabeça. – Eles vão me pegar, Gwen. Uma hora vão acabar me pegando. Eles não podem me manter segura, porque, obviamente, não podem manter *você* segura. Fui eu

que comecei isso e sou eu que tenho que acabar.

Olhei para ela. Ela estava certa.

Merda.

– Eu vou ligar... – comecei a dizer, quando de repente as portas do meu lado e do lado de Ginger foram escancaradas.

Nós nos separamos e girei minha cabeça para ver um homem de origem indígena muito bonito e magro na minha frente tirando as chaves da ignição. Ele tinha o cabelo comprido puxado para trás num rabo de cavalo, e eu sabia exatamente de quem se tratava. Era Vance Crowe, um dos homens de Lee Nightingale.

Merda!

Ele recuou, mas seus olhos vieram direto para mim quando ouvi Ginger gritar, e senti que ela não estava mais no carro.

– Lee quer dar uma palavra – disse Crowe. – Você vem ou eu vou ter de arrastá-la.

– Tá tudo bem – sussurrei, colocando a foto na minha bolsa e tirando o cinto. Quando ele se afastou mais, desci do carro.

Ginger e eu, escoltadas por Vance Crowe e Luke Stark, entramos no escritório da Nightingale Investigations.

O lugar era classudo, todo cercado de madeira reluzente e estátuas de bronze.

Legal.

– Não posso acreditar que você me abandonou! – Tracy gritou depois que coloquei os dois pés para dentro da porta. Eu me virei para vê-la e ela estava vindo na minha direção, quando de repente parou de susto ao ver Ginger. – Puta merda! Você tirou ela de lá! – gritou.

– Não tirei ela de lá. Ela fugiu – respondi.

– Merda. – Uma mulher afro-americana com um cabelo afro enorme e deslumbrantes olhos castanhos estava sentada atrás da mesa da recepção olhando para Ginger. – Uma coisinha como você causou todo esse tumulto? Agentes federais, a polícia, os bandidões, as unidades militares, todos em polvorosa. Denver de cabo a rabo girando feito pião. – Ela sorriu e balançou o cabelão antes de concluir: – Parabéns, garota.

Ginger sorriu para ela.

Olhei na direção de uma porta interna que fora aberta e vi Lee Nightingale e Jorge saindo.

– Smoke – sussurrei.

– Acho que devemos nos considerar sortudos por você não fazer ideia de que Hawk ainda monitora cada movimento seu, meu bem – Jorge me disse. – E isso significa *todos* os seus movimentos. Ele tem um dispositivo de rastreamento no seu carro.

Merda.

– E no seu telefone – Jorge acrescentou.

Merda!

– E nós monitoramos suas ligações e mensagens de texto – ele concluiu.

Merda!

– Tudo bem – respondi. – Então, se vocês monitoram minhas mensagens, isso significa que estão procurando por ele desde hoje de manhã?

– Procurando e achando, Gwen – Jorge respondeu. – Poderíamos ter sido mais rápidos, se não tivéssemos que dar cobertura a você circulando por Denver e causando mais problemas.

Meu alívio foi tanto que cheguei a ficar tonta.

– Você o encontrou? – perguntei, baixinho.

– A missão de resgate é iminente e estaria em andamento se nós não tivéssemos que trancar você e sua irmã na sala segura de Lee para manter vocês longe de encrenca.

Meu alívio passou e meus olhos se estreitaram.

– O que esperava que eu fizesse?

– Eu não sei. O que acha de ir até a base para nos contar que Hawk foi sequestrado? – Jorge rebateu.

Sarcasmo.

– Eu não queria que vocês e a tropa inteira de Hawk colocassem a vida dele em risco! – eu gritei.

– Parte do trabalho de Hawk é S e R, querida – Jorge me informou.

– Eu nem sei o que isso significa – rebati.

– Sequestro e Resgate – Jorge esclareceu.

Uau. Isso era legal.

– Sério? – sussurrei.

– Deus do céu – Luke Stark murmurou.

– Shirleen, faça com que as nossas convidadas se sintam em casa – disse Lee, nitidamente de saco cheio daquele inamistoso bate-bola que Jorge e eu estávamos tendo. Depois afastou-se e seguiu na direção da porta do escritório.

– Eu vou com você – disse Ginger.

– Você vai é voltar para os federais – Lee refutou.

– Eles querem a mim – Ginger insistiu.

Lee parou perto dela.

– Pois eles não vão ter o que querem.

– O homem dela pode se machucar nessa – disse Ginger.

– Mulher, você sabe muito bem quem sou eu. Sabe muito bem quem é Hawk. Sabe que os homens dele são treinados. Deixa de falar besteira – Lee advertiu.

– O homem da minha irmã não pode ser... – Ginger começou, mas Lee se inclinou para ela.

– Ele está pendurado em um gancho agora mesmo, Ginger. Se eu ficar aqui ouvindo as suas bobagens

e a sua culpa, ele vai ficar mais tempo pendurado naquele gancho. Trate de calar a boca enquanto eu vou lá buscá-lo e trazê-lo de volta para a sua irmã. Você tem algo mais a dizer?

– Eu gostaria de fazer um passeio pela sala segura – eu disse abruptamente, meus olhos indo para quem imaginei que fosse Shirleen, a mulher de olhos castanhos atrás da mesa da recepção. – Shirleen? Você organiza passeios?

Ela pulou da cadeira.

– Parte do meu trabalho.

– Eba – eu disse, mas saiu meio trêmulo.

Shirleen contornou a mesa e olhei para Ginger quando os homens se dirigiram para a porta. Shirleen pegou Ginger ao passar por ela, enganchando seu braço no da minha irmã e levando-a.

Meus olhos foram para Lee, que foi o último a sair e fez uma pausa antes de passar pela porta. Ele me olhou também.

– Tenha cuidado – eu disse baixinho. Ele assentiu e concluí: – Mas traga-o em segurança de volta para mim.

– Em menos de uma hora ele estará perto o suficiente para ser tocado, Gwen – Lee respondeu, e as lágrimas encheram meus olhos e escorreram pelo meu rosto.

– Obrigada. – Essa palavra foi quase inaudível.

Tracy me pegou pelo braço, eu não tive escolha a não ser me afastar de Lee, mas, antes de dar meia-volta, eu o vi erguendo o queixo. Logo depois a porta fechou a suas costas.

* * *

Tracy, Ginger, Shirleen e eu estávamos na sala segura.

A sala não era grande, mas estávamos enfiadas lá dentro vendo o filme *300* numa TV de tela plana. Eu desconfiei de que Shirleen tivesse visto esse filme inúmeras vezes, principalmente porque ela repetia a maior parte dos diálogos enquanto os atores falavam. E também porque o filme já estava no DVD player. E por último desconfiei disso porque ela não nos perguntou o que queríamos ver, ela só nos instalou na sala e ligou o aparelho.

O lugar tinha uma cama de casal, uma poltrona reclinável e prateleiras cheias de DVDs. Ginger estava na poltrona. Eu estava na cama em posição fetal, encostada no canto da parede. Tracy estava perto de mim, segurando minha mão. E Shirleen estava deitada atravessada no pé da cama.

Ginger e Shirleen assistiam ao filme. Eu acho que Tracy não estava vendo, mas não tinha certeza, porque eu estava suspensa no tempo.

De repente e sem aviso a porta abriu, meus olhos voaram para ela e Hawk entrou.

Prendi a respiração e meu coração apertou.

Ele estava limpo e sem manchas de sangue, o cabelo ainda molhado do banho. Vestia um novo par de calças cargo preta e uma camiseta justa azul-escura. Havia um corte de aparência assustadora no lábio, outro igualmente assustador no rosto inchado e um em volta do olho. O corte no rosto estava coberto por três ataduras brancas finas e curtas. Ele também tinha vergões vermelhos em volta dos pulsos.

Fora isso, ele parecia bem. Estava de pé, respirando e andando muito bem.

Exceto que, ocorreu-me vagamente nos recessos de minha mente, ele parecia um pouco chateado.

Eu não me importava.

Saí da posição fetal e fiquei de pé na cama. Dei um passo, saltei sobre o corpo de Shirleen, meu pé tocou a beira da cama e dali me atirei nos braços dele.

Ele me pegou com um grunhido e seu corpo oscilou com o peso.

Meus braços e pernas o envolveram e comecei a chover beijos em cada pedacinho de pele que minha boca pudesse encontrar.

– Baby – ele me chamou, com um braço debaixo da minha bunda e o outro nas minhas costas.

Eu o ignorei e continuei beijando seu pescoço, o queixo, o rosto...

– Minha flor – ele me chamou de novo, o braço nas minhas costas subindo para tocar o meu cabelo.

Continuei a ignorá-lo, e minha boca só beijando.

Sua cabeça recuou e sua mão pegou delicadamente o meu cabelo.

– Gwen, baby, eu estou bem – ele sussurrou e meus olhos desviaram para ele.

Fiquei olhando para ele, me afogando nele, sentindo sua força, o seu calor, tudo o que era dele envolvido por meus braços e pernas. Então senti meu rosto se dissolver e mergulhei-o no seu pescoço antes de respirar fundo e meu corpo resistir às lágrimas.

Ele virou a cabeça e sua mão apertou o meu cabelo.

– Baby – ele sussurrou no meu ouvido.

Ergui a cabeça e fiz uma queixa:

– Não posso acreditar que você tomou um banho antes de vir me ver!

– Gwen...

– *Nova regra!* – eu gritei. – Da próxima vez que eu receber uma mensagem com uma foto apavorante de você *sangrando* pelo ouvido e *pendurado* sei lá em quê, você venha me ver *imediatamente* depois de ser resgatado!

– Não foi exatamente uma missão de resgate – corrigiu Luke Stark. Virei a cabeça e o vi de pé a dois passos de Hawk e do meu lado. – Foi mais uma limpeza – ele concluiu.

– O quê? – perguntei.

– Ainda bem que trabalho para Lee – disse Vance Crowe, e virei para o outro lado para vê-lo a dois pés de nós. – Lee não gosta de sujeira. Que inferno. – Vance inclinou-se para olhar para Luke. – Você viu o Jorge? Ele entrou lá e nem sequer piscou.

– Nunca me esquecerei do cheiro – Luke murmurou e balançou a cabeça. – Medo. – Ele mordeu os

lábios.

Deus.

Olhei para Hawk.

– O que você fez?

Hawk olhou para mim.

– Não sou muito chegado em ficar amarrado, pendurado num gancho e com homens me cobrindo de socos, baby.

Esta não foi uma resposta.

– O que você fez? – repeti.

– Sim, o que você fez? – Shirleen perguntou atrás de mim, e parecia mais do que um pouco curiosa, na verdade parecia empolgadíssima.

– Pensei que concordássemos que a ignorância é uma bênção – Hawk disse para mim.

– O que... vo-cê... fez? – eu disse, sílaba por sílaba. Ele sorriu para mim, as covinhas apareceram e só de vê-las novamente depois de pensar que nunca mais iria vê-las outra vez, meu coração pulou de alegria.

– Lição nº 1 – respondeu Hawk. – Você tem um refém que sabe que é um soldado treinado, tem que incapacitá-lo. Eles deveriam ter me dopado. Não o fizeram. Eles amarraram meus tornozelos, mas me deixaram pendurado. Amarrar tornozelos não adianta porra nenhuma. A força está nas minhas coxas. Coloco a cabeça entre as coxas, o pescoço é vulnerável...

– Tudo bem – eu disse rapidamente. – Chega de lições. Essa foi a primeira e última vez.

As covinhas de Hawk voltaram. Então ele me colocou no chão. Daí as covinhas desapareceram.

Epa.

– Está bem, minha flor, então Lição nº 1 para a *mulher* do soldado. Você recebe uma mensagem como a que recebeu e passe-a para a base *imediatamente*.

Eu fiz certo, se bem que... hã... não foi exatamente assim.

– Hawk...

– Você *não* vai visitar o seu amiguinho do clube de motoqueiros local para pedir ajuda.

– Hã...

– Você *não* arrasta a sua amiga e companheira de Cosmopolitans para a merda em que o seu homem está metido, primeiro porque a sua amiga pode ser despedida, mas principalmente porque ela pode sair machucada.

– Cabe...

– Você *não* coloca o seu amigo gerente de banco numa busca de dados que podem fazer com que ele vá parar nos escritórios locais do FBI para um interrogatório que não será nada confortável.

Ai!

– Ca...

– Você *não*... – ele se inclinou para mim, com uma expressão séria e dura no rosto – deve *nunca* se oferecer para uma troca.

– Querido...

– E você *não* vai numa lanchonete com a sua irmã que está sob proteção das autoridades federais.

– Eu...

– Confirme que você me entendeu, baby.

– Mas...

Ele se inclinou para ficar a um centímetro do meu rosto.

– Con-fir-me... que... vo-cê... me... *en-ten-deu*.

Olhei para ele.

Então o dia que passei voltou todo à minha mente, o meu cérebro injetando ácido no meu organismo, e perdi a cabeça.

– Eu vou fazer... – comecei a dizer com as minhas mãos nos quadris e encarando seus olhos negros – ... o que eu achar que devo, primeiro, para me certificar de que você está seguro e, segundo, para me certificar de que terei mais lembranças de você assim, seguro. Tudo bem, eu vou ligar para a base, mas depois vou fazer a merda que tiver de fazer para que isso aconteça. Então, não, Hawk, eu *não* te entendi!

– Gwen...

– Fiquei em pânico o dia todo! – gritei, levantando as mãos e recuando um passo. – Hoje de manhã você não me deu essa Lição nº 1 para a mulher do soldado. Não, você se despediu, me deu um beijo e disse que ia me ver hoje à noite, então eu fiz tudo o que tinha de fazer para garantir que *você me visse hoje à noite!*

– Gwen...

– *Você estava sangrando pelo ouvido!* – gritei outra vez.

Ele se aproximou de mim, me pegou e me puxou contra o seu corpo, sussurrando:

– Baby.

Minhas mãos puxaram sua camiseta quando ele colocou os braços em volta de mim.

– Era você ou a minha irmã. Você tem noção do que esse tipo de escolha faz com a cabeça de uma pessoa?

– Tudo bem, minha flor, eu entendo – ele disse gentilmente.

– Sim, Cabe. – Eu olhei-o fixamente. – Você, mais do que qualquer outra pessoa, deve entender muito bem. Você sabe o que eu tive de enfrentar hoje. *Você* sabe. – Vi os olhos dele se fechando, então minhas mãos soltaram sua camiseta, subiram para envolver o seu pescoço, os olhos dele voltaram a se abrir e ele me mostrou que não só sabia, ele me mostrou que *realmente* havia entendido. Quando voltei a falar, a minha voz já estava calma. – Eu posso entender por que você está com raiva, querido, mas me dê um desconto. Eu procurei fazer o melhor que pude para você não se tornar uma foto na porra da minha geladeira.

Ele curvou o pescoço e sua testa tocou a minha, depois ficamos de rosto colado num abraço apertado e seu rosto mergulhou no meu pescoço. Meus braços envolveram seus ombros e o apertei mais forte contra mim.

– Eles precisam de um minuto – ouvi Luke dizer num tom de voz que era uma espécie de sugestão, mas parecia muito mais *levantem o rabo daí e se mandem*.

Percebi o movimento das pessoas e ouvi a porta se fechar. Então virei minha cabeça e coloquei meus lábios no ouvido de Hawk.

– Você acha que você poderia dar uma ligada para que os federais não investiguem o Troy? – perguntei.

Hawk levantou a cabeça e olhou para mim.

– Sim – ele respondeu, seus lábios se contraindo.

– Você acha que, antes de Ginger voltar para as mãos dos federais, papai e Meredith poderiam visitá-la?

Ele me olhou calorosamente e repetiu:

– Sim.

– Ok. – Balancei a cabeça e relaxei nos seus braços. – Agora, você acha que, por estar perto o suficiente para ser tocado há pelo menos cinco minutos e estar são e salvo o suficiente para ficar puto comigo, você poderia finalmente me beijar?

Seu olhar ficou ainda mais caloroso e intenso.

– Sim.

Minha mão deslizou para o alto de sua cabeça.

– Então me beije, querido – sussurrei.

Ele olhou nos meus olhos, inclinou a cabeça e, como Hawk sempre fazia, me deu o que eu mais queria no mundo.

MOSTRE-ME AS COVINHAS

Cabe Delgado esperou enquanto a porta da garagem abria, depois estacionou o seu Camaro ao lado do Mustang de Gwen. Desligou o motor, pegou sua bolsa esportiva no banco do carona e desceu do carro.

Ele passou na frente do Mustang e ao lado dele viu o Expedition. Gwen chamava aquele carro de “*station wagon*”, e detestava dirigi-lo porque era grande demais. No entanto, Hawk tinha uma regra. Se ela tivesse de sair com os meninos, ela usaria o Expedition. Quando saísse sozinha, poderia ir no Mustang. Ela mostrou a língua, disse que ele era um mandão muito do chato, mas disse apenas porque era isso o que sempre fazia. Ela sabia que o Expedition era um carro mais seguro, e Gwen faria qualquer coisa para manter seus filhos em segurança.

Ele passou na frente do Expedition, cruzou a porta que dava para a casa e jogou sua bolsa na lavanderia a caminho da enorme cozinha aberta.

Ela havia deixado as luzes da bancada acesas para ele.

Andou pelo ambiente e desligou as luzes, seguindo até a grande escadaria acarpetada que tinha uma luminária de parede acesa na metade do caminho. Ele não precisava que ela iluminasse o seu caminho, mas de qualquer forma ela o fazia, por um lado porque, se um dos meninos se levantasse no meio da noite, queria que eles tivessem luz e, por outro lado, porque, quando seu homem chegasse em casa, queria que ele soubesse que ela estava pensando nele.

Ele havia mentido para Gwen, embora não soubesse disso na época. Ele precisava de espaço, sim. Ou, mais precisamente, ele precisava de um espaço para Hawk e Gwen, precisava dar a seus meninos o espaço deles, e todos eles precisavam de um espaço de convivência para a família. Então mudou-se com sua família da casa de Gwen para esta “monstruosidade”, como Gwen chamava, de cinco quartos com garagem para três carros. Ela só concordara com a mudança porque Janine iria no pacote para cuidar da limpeza. Ela disse que tinha uma regra de vida, e essa regra era que se recusava a morar em uma casa em que se demorasse mais de duas horas para limpar. Agora ela morava em uma casa que demorava mais de duas horas para ser limpa, Hawk só fez isso para que ela não tivesse que limpá-la.

Ele subiu a escada em silêncio, virou à direita e atravessou o amplo espaço aberto no alto, um dos muitos espaços de convivência da família. Ele não viu as fotos, mas sabia que estavam lá. Gwen havia decorado com fotos. Ela não era o tipo de mulher que coleciona bugigangas, ainda bem.

Hawk gostava da forma como a esposa decorava. Havia fotos em todos os lugares, em todas as superfícies, em todas as paredes, um inferno, mal se podia ver a geladeira de tantas fotos presas nela. Havia fotos dela, dele, dos dois filhos, das duas famílias, dos amigos – sozinhos, em pares, em bandos,

todas espontâneas, nada pousado, em quase todas as fotos todos estavam sorrindo.

Ou gargalhando.

E havia fotos de Simone e Sophie. Gwen havia conspirado com a mãe dele e fez com que Simone e Sophie tivessem o seu lugar na decoração e na família.

Levou algum tempo para ele se acostumar com isso, levou um tempo para que a dor de vê-las todos os dias se atenuasse. Mas acabou se acostumando. Ele passou a ver o que estava nas fotos em vez de sentir a perda delas. E o que estava nas fotos eram lembranças. Essas lembranças eram agridoces, mas, com o tempo, e com a orientação de Gwen, o doce superou o amargo.

Hawk virou à direita novamente na primeira porta.

Ele entrou e viu Asher dormindo em sua cama, de barriga para baixo, vestindo short largo e uma camiseta, o cabelo preto despenteado, braços e pernas esparramados, ocupando mais espaço do que qualquer criança de quatro anos deveria ocupar em uma cama de casal. As cobertas tinham sido chutadas. Mesmo bebê, ele já chutava os cobertores. Ash gostava de ser livre. Sem restrições. Mesmo durante o sono. A mãe de Hawk disse que ele fazia a mesma coisa quando criança, e Hawk aprendeu a não se surpreender com isso.

Asher era o seu garoto em mais de um sentido. Ash era intenso, sempre foi, desde o momento em que deixou o útero de Gwen. E se Hawk estivesse em casa, Asher estava com ele. Desde que começou a engatinhar, quando Hawk abria a porta da casa, Asher estaria de bunda no chão, olhando para a porta, esperando que o pai entrasse. Não era uma criança grudenta. Desde pequeno, Asher era capaz de ficar brincando sozinho.

Mas só gostava de fazer isso perto do pai.

Hawk foi até ele e inclinou-se, fazendo o que fazia com frequência, pois na verdade todas as noites ele chegava em casa quando seus filhos já estavam dormindo. Ele pousou delicadamente a mão no calor das costas do filho e sentiu-o respirar. Quando a vida de seu filho se comunicou através da mão de Hawk, ele ergueu a mão e acariciou o cabelo espesso de Asher. Em seguida, saiu do quarto, atravessou o corredor e entrou em outra porta.

Bruno estava deitado de costas, com um braço esticado para o lado, um joelho erguido e tombado, a outra perna esticada, mão na barriga. Metade coberto, metade descoberto. O urso de pelúcia que vestia uma camisa do Denver Broncos mal ajustada tinha caído de sua mão estendida.

Bruno costumava ficar calmamente sentado no colo do avô em cada partida do Denver Broncos. Era estranho, uma maluquice, mas Hawk podia jurar que o estudo do jogo que o seu filho de dois anos fazia era mais profundo do que o de Bax. Mesmo que o jogo fosse na TV, Bruno iria parar, sentaria no chão e assistiria. Se estivesse acordado, estaria usando um capacete de futebol, e se Hawk ou Gwen tentassem tirá-lo dele, o garoto fazia um escândalo. Então eles o deixavam usá-lo em todos os lugares, menos na mesa de jantar e na cama, o que foi uma boa medida considerando que, quando Bruno não estava comendo, vendo futebol na televisão ou se atracando com o irmão, ele estava se atracando com alguma

merda.

Hawk se curvou, colocou de leve a mão no peito de Bruno, seus olhos percorrendo o rosto do filho enquanto a mão sentia seus batimentos cardíacos.

Seus dois filhos pareciam com ele, cabelo preto, olhos pretos. Bruno tinha as mesmas covinhas do pai, e Gwen agradecia a Deus por isso, em voz alta e rindo. Ela fazia isso quase sempre. Quase toda vez que via as covinhas, e eram muitas. Bruno, como sua mãe, gostava de rir e, como sua mãe, fazia isso muitas vezes.

Com essa lembrança, Hawk sorriu para o filho.

Sua mulher gostava das covinhas do marido. Hawk só gostava das do seu filho.

Ele saiu do quarto do filho e estava a caminho da suíte máster quando seu celular tocou. Puxou-o do bolso da calça cargo, virou a tela para ver e franziu as sobrancelhas. Ligação de Gwen.

Ele não atendeu, mas seus olhos foram direto para o seu quarto e viram uma luz fraca vinda por baixo da porta.

Ela estava acordada. Isto não era nada comum. Já era tarde.

Porra.

Ela estava com quase nove meses da gravidez que Gwen decretou que seria sua última. Decretou isso porque a ultrassonografia revelou que era um menino. Para ela bastou. Desistiria do fantasma. Ela teria uma vida inteira pela frente de brigas, sangue, bebedeiras, vômitos e medo de gravidez. Não tornaria tudo pior.

Foi por isso que ele havia deixado que ela desse o nome aos seus filhos. Deacon estava sendo gestado na barriga de Gwen. Hawk não gostou do nome Asher até Asher vir ao mundo. Ele não gostava *mesmo* do nome Bruno até que conheceu Bruno. E não gostava *nada* do nome Deacon, mas reconheceu que ia acabar gostando.

Sua mãe tinha se intrometido na escolha dos nomes, mas Hawk não reclamou. Ele viu os sinais da intensidade de Asher e da atitude de enfrentamento de Bruno. Gwen estava fodida.

Colocou no bolso da calça o telefone que continuava a tocar enquanto girava a maçaneta e abria uma das portas duplas para a suíte máster.

Hawk entrou e ficou paralisado.

A luz de cabeceira ao lado de Gwen estava acesa. Os cobertores, jogados para o lado. A cama estava vazia. Havia uma poça de sangue na cama e um rastro dele indo até o banheiro.

– Cabe, querido, assim que você receber essa mensagem vá para o hospital – ele ouviu a voz da mulher, saiu do seu torpor e correu para o banheiro. – Alguma coisa está errada. Eu estou ligando...

Ela parou de falar quando ele entrou no banheiro. Ergueu a cabeça para olhá-lo. Estava sentada no chão com a camisola que costumava usar para dormir. Um braço em volta de sua barriga inchada, a perna bem torneada esticada, a outra dobrada sob ela, seus cabelos louros compridos estavam soltos e desgrenhados, os olhos azuis mostravam a dor que sentia, seu lindo rosto estava pálido, o sangue corria à

sua volta sobre os azulejos pretos e brancos.

No momento em que seus olhos o viram, eles se encheram de lágrimas, ela deixou cair molemente a mão em seu colo, enquanto sussurrava, “Querido”.

Menos de cinco minutos depois, Cabe “Hawk” Delgado estava com a mulher no Expedition, seus filhos seguros no banco de trás, o seu telefone ligando para Bax no ouvido e saindo da garagem a caminho do hospital.

– Filho – Hawk ouviu e tirou os olhos da janela para olhar para Baxter Kidd. No minuto em que seus olhos se encontraram, Bax estremeceu, e então Hawk pôde perceber que o que sentia naquela hora estava escrito em seu rosto.

Bax ergueu a mão e pousou-a no ombro de Hawk.

– Isso aconteceu com Libby – ele disse calmamente. – A mesma coisa, Cabe. Mesma coisa. Eu não disse nada, Ash e Bruno foram tão fáceis, eu pensei... – Ele parou, fechou os olhos, respirou profundamente, abriu os olhos e continuou: – Libby ficou bem. Gwen ficou bem. E agora, Gwen e Deacon vão ficar bem.

Hawk balançou a cabeça uma vez e olhou de novo para a janela. A mão de Bax apertou o seu ombro, desapareceu e Hawk sentiu a presença dele se afastar.

Meredith e sua mãe haviam tentado convencer Hawk a deixar que Tracy levasse os garotos, mas Hawk se recusou a permitir isso. Podia ser a decisão errada, mas não deu a mínima. Ninguém levaria os seus filhos para longe dele. Ele precisava de seus meninos por perto.

O médico havia examinado Gwen por cerca de cinco segundos antes de começar a gritar suas ordens. Retiraram a maca com Gwen da sala de emergência e correram com ela pelo corredor. Gwen não havia dito uma palavra, mas seus olhos nunca o deixaram até não ter outra escolha, pois ela perdeu os sentidos. Eles forçaram Hawk a sair da sala e aguardar na sala de espera onde Meredith e Bax estavam esperando com Ash e Bruno.

Fazia duas horas desde que tinham levado sua mulher lá para dentro. Sua mãe e seu pai apareceram, Von e Lucia, Jury e a esposa, Gloria, Tracy e seu marido, Uri, Cam e Leo, Elvira e o namorado, Malik, Troy e a esposa, Keeley, a sra. Mayhew – mas não souberam de mais nada.

Nem uma maldita palavra.

O olhar de Hawk estava na janela, mas tudo o que via eram os olhos assustados e cheios de dor de Gwen focados nele.

Ele fechou os olhos e as lembranças correram em sua mente.

O corpo de Gwen colado no dele, a mão dela segurando a seda de seu vestido, seus lábios sorridentes nos dele, sua boca com gosto de geadas, a risada dela deslizando pela garganta depois que eles cortaram o bolo de casamento e trocaram mordidas. Ela havia se afastado um centímetro e olhado em seus olhos antes de assegurar-lhe: “Não se preocupe, querido, que um pedacinho de bolo não vai lhe dar dor de barriga.” Depois que a puxou de volta para ele e beijou-a tão forte e por tanto tempo, os convidados

começaram a apupar e ele ouviu Elvira ameaçar jogar água fria nos dois para apagar tanto fogo.

Gwen saindo do banheiro quando eles estavam de férias nas Bermudas. As janelas abertas, uma brisa soprando as cortinas finas para dentro, o barulho do mar enchendo o quarto. Ela estava com as mãos atrás das costas e usava uma camisola curtinha e sexy, um sorriso brincava em sua boca. Ele viu quando ela foi para o seu lado da cama, subiu e montou nele, depois puxou as mãos e mostrou um aparelho de teste de gravidez, dera positivo. Em seguida, jogou o aparelho no chão, aconchegou o seu peito macio no peito musculoso dele, emoldurou seu rosto com as mãos e anunciou com um sorriso: “Se for menino, Maria e eu decidimos que se chamará Asher. Se for menina, você poderá escolher o nome.” Quando ela terminou de falar, seus braços a agarraram, eles rolaram na cama e ele a manteve ocupada nas duas horas seguintes, para que ela não dissesse mais nada, só gemesse de prazer.

Chegando em casa tarde e vendo Gwen na poltrona de Simone, as pernas jogadas para o lado, a cabeça pousada no encosto, Ash seguro nos braços da mãe. O seu menino e sua mulher dormindo, e nenhum dos dois acordou quando ele os levou, um por um, para suas camas.

Gwen, com a barriga ligeiramente arredondada esperando Bruno, mas ainda usando salto alto, perambulando pela Monstruosidade enquanto Hawk, com Ash no colo, e o corretor de imóveis assistiam a tudo. Depois ela caminhou na direção dele, colocou a mão no seu abdômen e proclamou sua opinião exagerada. “Esta monstruosidade é maior do que o seu loft.” Ele a puxou pelo pescoço, encostou-a no seu corpo, beijou-a demoradamente com força enquanto Ash socava ambos com seus minúsculos punhos de bebê. Quando ergueu a cabeça, ele a manteve presa a ele, mas olhou para o corretor e disse: “Vamos ficar com ela.”

Vendo Gwen cruzar as pernas em seu Camaro, enquanto corrigia seu brilho labial, olhando para o espelho do quebrasol e dizendo: “Eu acho que eu gosto mais do aniversário de Meredith e papai do que eles mesmos.” Ao que Hawk viu uma oportunidade para provocá-la. “Porque só assim você tem uma desculpa para usar sapatos caros?” E Gwen depois virou a cabeça, ele sentindo o olhar dela atingir o seu rosto e ela respondeu: “Não, porque também é o aniversário de quando você disse pela primeira vez que me amava, e mesmo com todas as belezas que me proporcionou depois, aquele ainda foi o melhor dia da minha vida, Cabe ‘Hawk’ Delgado.” E Hawk teve que parar o carro para beijá-la, o que significou ter novamente que corrigir seu brilho labial.

Durante oito anos ele tinha vivido um pesadelo, fechara-se para o mundo e se recusava a se entregar aos sentimentos, até que acabou indo parar num maldito restaurante e pela vitrine envidraçada viu a mulher de seus sonhos usando um vestidinho preto sexy e rindo à vontade. Então ele ficou trepando com ela por um ano e meio. Um ano e meio. Todas as noites ele a deixava dizendo a si mesmo que nunca mais voltaria, e todas as noites ele brigava consigo mesmo para não voltar a vê-la, até que ele desistia da briga porque tinha de sentir o gosto dela, tinha de tocá-la, de ouvir sua voz doce e suave sussurrar “querido”, tinha de sentir suas pernas o prendendo apertado depois que ele a fazia gozar, tinha de sentir seus olhos olhando para ele enquanto se vestia e lutava contra a vontade de voltar para a cama e segurá-

la perto até que pudesse ver o brilho do sol em seu rosto tão lindo.

Ele a tinha nos braços e nem desconfiava de que havia conquistado o coração dela, e negava que ela tivesse conquistado o dele naquele um ano e meio.

Ele nunca teria isso de volta e agora sabia exatamente do que sentia falta, ele nunca teria *nada* de volta, merda.

– Sr. Delgado? – ele ouviu e abriu os olhos. Virou-se e viu um médico de jaleco entrando na sala.

Todos, menos Tracy e Elvira, se levantaram. Tracy, porque estava segurando Ash dormindo. Elvira, porque estava fazendo o mesmo com Bruno.

Hawk não se mexeu enquanto observava o dr. Hunter aproximar-se dele. E continuou imóvel mesmo quando viu o sorriso do homem.

– Sua esposa está bem – afirmou Hunter, parando a um metro de Hawk antes de concluir: – Assim como a sua menina.

– Uma menina? – Hawk ouviu sua mãe gritar e depois ouviu outros ruídos de alívio e alegria.

Ele só olhou para Hunter e perguntou: – Posso ver minha mulher?

– Claro – Hunter assentiu. – Ela está dormindo – ele avisou.

– Eu quero ver minha mulher – Hawk repetiu.

Hunter assentiu com a cabeça novamente.

– Venha comigo.

Os olhos de Hawk voltaram-se para seus filhos adormecidos naquela sala de espera, mas ele não olhou para mais ninguém enquanto seguia o médico.

* * *

Ele viu o momento em que os olhos dela se abriram.

Ela pareceu confusa por um momento, depois a mão dele apertou a dela e sua cabeça virou no travesseiro.

– Cabe, querido – ela murmurou.

Ele sentiu suas palavras como um toque físico.

Então ele sentiu a mão dela apertando a sua e seu polegar escorregou, tocando sua aliança de casamento.

Ele fechou os olhos.

Graças a Deus. Graças a Deus, porra.

Hawk abriu os olhos.

– Vamos chamá-la de Genevieve.

Ele viu os olhos dela se arregalarem.

– Genevieve? – ela sussurrou.

– Sim – ele respondeu baixinho.

Ela olhou para ele. Então, ainda sussurrando, ela declarou:

– Vivi.

– Pode ser – Hawk murmurou.

Gwen sorriu para ele e, ao ver o seu sorriso, a mão dele apertou automaticamente a dela.

Graças a Deus.

– Chega de filhos – ele decretou.

– Tá bem – ela concordou em voz baixa.

Ele levantou da cadeira, mas permaneceu curvado para o seu rosto ficar perto do dela.

Resolveu confessar, então.

– Você me deixou em pânico, minha flor.

O olhar dela enterneceu-se e a expressão em seu rosto suavizou. Ele a surpreendia de uma maneira que ela gostava.

Porra, como ele adorava aquele olhar, e não adoraria menos mesmo que o visse milhares de vezes, e o via com muita frequência considerando que dera um duro danado para conquistá-lo.

– Super-heróis não entram em pânico – ela disse e, pela primeira vez em horas, ele sentiu um sorriso nos próprios lábios. Ela sorriu também. Então, ela perguntou: – Onde estão os meus meninos?

– Dormindo na sala de espera.

– Eles podem entrar?

– Isso não importa. Se você os quer, eu vou pegá-los.

– Eu os quero – sussurrou.

– Você os terá, baby – Hawk sussurrou também, inclinou-se e deu-lhe um leve beijo.

Quando ia começar a se afastar, ela apertou a sua mão e ele parou. Olhou-a nos olhos.

– Nós temos uma menina – disse ela em voz baixa.

– Sim – ele respondeu suavemente.

– Eu posso vê-la?

– Eu vou trazê-la também.

Gwen assentiu e estudou o rosto dele por algum tempo.

Então, perguntou em voz baixa:

– O que é que eu vou fazer?

– Como assim?

– Eu não tenho mais nada para sonhar. Agora o que é que eu vou fazer?

Hawk sentiu um aperto no peito e um bolo na garganta.

– Vou encontrar uma forma de mantê-la ocupada, baby – ele sussurrou.

– Então tá – ela respondeu.

Sua mão apertou novamente a dela. Ele ergueu a outra mão para correr os nós dos dedos pelo seu rosto pálido e, quando o fez, os olhos dela se fecharam.

– Amo você, minha flor – ele murmurou e ela abriu os olhos.

Ela sorriu, depois respondeu:

– Também te amo, querido. – Ele começou a se afastar novamente, mas ela o chamou pelo nome e ele parou.

– Sim?

– Antes de ir, mostre-me as covinhas – ela exigiu.

O bolo na garganta voltou e Hawk abaixou a cabeça para beijá-la no pescoço. Em seguida ele ergueu a cabeça um pouco e sorriu para ela.

Ela ergueu a mão na direção do seu rosto e ele sentiu a ponta macia do seu dedo em uma de suas covinhas.

Depois ela desviou os olhos das covinhas, olhou para ele e sorriu.

Título original
MYSTERY MAN

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora e foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com acontecimentos reais, locais, pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.

Copyright © 2013 by Kristen Ashley

Excerto de *Own the Wind*, *copyright* © 2013 by Kristen Ashley

FÁBRICA231

O selo de entretenimento da Editora Rocco Ltda.

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Preparação de originais

JULIANA LUGÃO

Coordenação Digital

LÚCIA REIS

Revisão de arquivo ePub

PRISCYLLA PIUCCO

Edição digital: março, 2016.

A853e

Ashley, Kristen

O estranho [recurso eletrônico] : livro 1 da série o homem dos meus sonhos / Kristen Ashley ; tradução Maira Parula. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Fábrica 231, 2016.

recurso digital (Violeta)

Tradução de: Mystery man

ISBN 978-85-68432-57-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Parula, Maira. II. Título. III. Série.

16-30467

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

A AUTORA

Kristen Ashley cresceu em Indiana, mas vive em Denver, Colorado. Sua paixão por escrever a transformou em uma das maiores autoras de romances eróticos dos EUA.